

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

(Re)Começando do princípio: o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaquieiras?

Volume 1

RENATA ESTEVAM DA SILVA

SÃO PAULO
2020

Renata Estevam da Silva

(Re)Começando do princípio: o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de
Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?

Volume 1

(Versão Revisada)

Dissertação apresentada ao Programa de
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dra. Veronica Wesolowski

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo

2020

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Estevam da Silva, Renata.

(Re)começando do princípio : o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras? / Renata Estevam da Silva ; orientadora Verônica Wesolowski. – São Paulo, 2020. 2 v.

Título do volume 2: Arqueografia Funerária: Sambaqui de Cabeçuda - *locus* 6.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Sambaquis. 2. Cabeçuda. 3. Documentação Primária. 4. Arqueologia Funerária. 5. Bioarqueologia. I. Wesolowski, Verônica, orient. II. Título.

Renata Estevam da Silva

(Re)Começando do princípio: o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?

Dissertação apresentada ao Programa de
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Veronica Wesolowski, Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Prof^a Dra. Claudia Rodrigues-Carvalho, Museu Nacional/UFRJ

Prof^a Dra. Daniela Magalhães Klökler, Universidade Federal de Sergipe/UFS

Suplentes:

Prof^o Dr. Paulo Antonio Dantas DeBlasis, Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Prof^a Dra. Rita Scheel-Ybert, Museu Nacional/UFRJ

Prof^a Dra. Anne Rapp Py-Daniel, Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA

APRESENTAÇÃO

A ideia inicial da presente pesquisa era compreender os Padrões Funerários expressos no registro arqueológico das práticas funerárias de grupos sambaqueiros de Santa Catarina e ao mesmo tempo fazer um estudo de caso específico, apresentando uma análise arqueológica da Área Funerária do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda. Assim o projeto se desenvolveria, por um lado, através do levantamento, da compilação e da análise de dados publicados referentes ao registro arqueológico funerário de sambaquis de Santa Catarina e, por outro lado, através da análise dos dados primários, inéditos, produzidos para o Sambaqui de Cabeçuda no âmbito do projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”.

No decorrer do trabalho com os dados primários a Área Funerária do *locus* 6 apresentou-se cada vez mais instigante e muito mais complexa do que inicialmente previsto, o que gradativamente levou à mudança de foco do projeto que passou a estar mais direcionado à compreensão dos aspectos funerários expressos no registro arqueológico desta área funerária e em como eles se aproximam, ou não, do que tem sido referido para outros sambaquis da região. Essa mudança de foco também levou em consideração a importância do Sambaqui de Cabeçuda para a arqueologia de sambaquis e a falta de descrições arqueográficas completas e detalhadas de contextos funerários sambaqueiros, incluindo aquele do Sambaqui de Cabeçuda.

O fato de que a área não foi escavada considerando-se mais especificamente a o objetivo de compreender o comportamento funerário do grupo sambaqueiro que sepultou seus mortos no sítio, tornou a extração de informação pertinente da documentação primária disponível bastante difícil e mais demorada do que o inicialmente estimado, uma vez que esta documentação não foi produzida segundo os parâmetros necessários especificamente ao tipo de análise que propúnhamos.

Mais tempo precisou ser investido na compreensão e na ponderação sobre a documentação primária da escavação do *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda. Para o prosseguimento desta pesquisa foi necessária a revisão de todos os documentos (fichas, fotos, croquis) com ajustes e correções em algumas das informações disponíveis, foi necessária a análise dos esqueletos propriamente ditos, em uma perspectiva inicialmente não prevista, e foi necessária a revisão das informações sobre os sepultamentos e a análise propriamente dita dos sepultamentos escavados, que foi feita através da documentação, principalmente fotográfica, numa espécie de “arqueologia do documento”.

Assim, acabamos optando por fazer deste projeto um trabalho mais focado no comportamento funerário do grupo sambaquieiro que construiu o Sambaqui de Cabeçuda sepultando nele seus mortos, refletindo sobre ele a partir da comparação com outros contextos funerários das regiões sul e sudeste, mas sem levar adiante a ideia original de sistematizar toda a informação publicada disponível sobre o registro funerário sambaquieiro de Santa Catarina, o que, por sua vez, levou à revisão dos objetivos originais da pesquisa. Como resultado dessa dissertação apresenta-se também, em um volume 2, um “Catálogo de Arqueografia Funerária: Sambaqui de Cabeçuda – *Locus 6*” com todas as informações disponíveis sobre cada sepultamento apresentadas individualmente para cada um deles, incluindo a transcrição da documentação de campo e as informações consolidadas produzidas na pesquisa que resultou nesta dissertação. Esse é o resultado da revisão, correção, análise e reinterpretação das informações da totalidade da documentação. Mapas e perfis foram revisados e refeitos, croquis também.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Deisi Scunderlick Eloy de Farias que me deu a oportunidade de trabalhar com a arqueologia, no GRUPEP (UNISUL). Ela me incentivou e deu um empurrãozinho nessa história dos ossos depois de escavarmos o sambaqui de cabeçuda. Gratidão por todo apoio durante esses anos de aprendizado.

À minha orientadora Prof. Veronica Wesolowski (MAE/USP), por todos os ensinamentos desde os meus primeiros passos na análise dos esqueletos humanos, antes mesmo do mestrado. Obrigada pelas incontáveis horas de reuniões que tanto me ensinaram sobre os sepultamentos, por acreditar em mim, pelas palavras de apoio quando as coisas não estavam indo tão bem. Obrigada por ser tão generosa com seu conhecimento, pela inspiração.

Ao Prof. Paulo DeBlasis (MAE/USP) pelas conversas, oportunidades, incentivo com a pesquisa dos sambaquis e o ingresso no mestrado. As dicas e direções na qualificação foram importantíssimas, obrigada.

À CAPES pelo financiamento da bolsa.

Aos docentes, funcionários e discentes do MAE/USP que fizeram da vida na Cidade Universitária bem mais tranquila, principalmente no início quando tudo era novo e desconhecido. Um agradecimento especial ao Hélio Miranda da biblioteca, sempre tão gentil e prestativo, salvou minha vida tantas vezes com aquelas bibliografias quase impossíveis de serem encontradas.

Ao Prof. Dr. Carlos Roberto Appoloni (UEL), pela parceria na análise de Fluorescência de Raio X, que extrapolou as aulas de “Técnicas Atômico-Nucleares não Destrutivas...”.

Aos colegas e amigos que fiz durante o mestrado, obrigada por todos os momentos de conversas acadêmicas e não acadêmica, acompanhadas hora pelo cafezinho, hora pela cerveja: Letícia Correa, Glauco Constantino Perez, Henrique Valadares, Renan Pezzi, Taubaté, Aline Oliveira... Marina DiGiusto, Letícia Ribeiro com quem também dividi os momentos no dia a dia, compartilhando do mesmo teto em grande parte do meu mestrado... Alex Martire e Tomás Partiti além da amizade, a parceria feliz em um projeto incrível... Meus parceiros de turma: Marcony, Henrique Kozłowski, Carol, Fabi Merencio, Ju, Fabricio, Renato, Kelly, Dani, Jordana e Isa foi maravilhoso ter construído essa amizade com vocês, sem dúvidas fez todo percurso ser muito melhor!

À Jessie (GRUPEP e MAE/USP). A arqueologia me trouxe essa amizade especial, são anos de troca, conversas infinitas, não apenas sobre a arqueologia (nosso assunto preferido). O dia a dia trouxe o cuidado, o carinho, a admiração, o “estamos aqui pra o que der e vier”, o apoio nas escolhas da vida, sobretudo o respeito. Obrigada por todas as idas à praia que sempre acabam na visita de um sítio arqueológico, obrigada por todos os textos lidos, pelas sugestões, pelo incentivo, por apostas em mim mesmo quando nem eu sei como seguir. Obrigada pela análise do material faunístico do Cabeçuda! Enfim, obrigada por tornar o mestrado e a vida mais leve.

Aos colegas do GRUPEP/Arqueologia, grupo de pesquisa que formou e me deu apoio institucional quando precisei: Geovan Guimarães, Bruna Zamparetti, Alexandro Demathé, Micaella Schmitz, e principalmente a Carol pelo auxílio quando eu estava analisando os esqueletos humanos, ao Guilherme Machado por topar todos os meus pedidos e loucuras, até mesmo em coisas que mal sabíamos que iria dar certo, seus mapas deixaram os registros da dissertação incríveis, obrigada.

Aos amigos fora da Arqueologia, aos que vieram com a Arqueologia mas depois seguimos caminhos distintos, obrigada por partilhar de momentos maravilhosos, mas também de serem ouvido para as lamurias da vida e da academia: Ketilin Silva, Camila Borges dos Anjos, Suelen Machado, Joice, Paula, Tia Rê.

À Lilian, por suas canções, pela sua voz, pelas amizades que ganhei: Sassá, Nick, Gabi, Diogo e Mathias. Vocês que por tantas vezes se interessaram na Arqueologia e na minha pesquisa, na minha vida acadêmica um tanto estranha, mesmo quando nem faziam ideia do que eu estava falando. Tudo se tornou bem mais leve depois de vocês, obrigada por todas as conversas e reflexões sobre a vida. São meus bruxinhos preferidos!

À minha Família, a quem dedico essa dissertação, sem eles chegar aqui não teria sido possível. Obrigado por todo apoio, emocional e financeiro. Por serem exemplo de perseverança, pelo amor incondicional. Por me fazer enxergar que já estive mais longe, que é só mais um passo, que se era isso que eu queria logo estaria tudo certo. Pois bem, aqui estamos, chegamos juntos e eu só posso ser grata.

RESUMO

Os sambaquieiros dominaram um ambiente cercado de corpos de água, construindo verdadeiros montes de materiais faunísticos dos quais muitos se destacam na paisagem por sua monumentalidade. A presença de sepultamentos em sambaquis tem sido relatada desde o final do século XIX, e mesmo que os esqueletos nestes sítios tenham sido resgatados durante décadas, o estudo sistemático de sepultamentos humanos sob uma perspectiva bioarqueológica e de arqueologia funerária vem sendo realizado desde as últimas décadas do século XX. Os sepultamentos recuperados por um longo período nos sambaquis, formam atualmente ampla coleção nos acervos de instituições e museus, no entanto poucas possuem informações e interpretações detalhadas acerca do seu contexto arqueológico. O estudo de estruturas funerárias a partir dessas coleções, e sua respectiva documentação primária é de grande importância para as pesquisas. Dessa forma a presente pesquisa, com essa mesma perspectiva de trabalhar com uma coleção já formada e musealizada, teve um caráter arqueográfico e exploratório, e se dedicou a consolidar um conjunto de dados coerente, a partir da documentação primária disponível, sobre a área funerária do *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda, construindo um Catálogo de Arqueografia Funerária do Sambaqui de Cabeçuda (*locus* 6) com informações detalhadas sobre cada sepultamento individualmente. A análise desse contexto funerário do sambaqui de Cabeçuda, permitiu caracterizá-lo e confrontá-lo com outros contextos funerários sambaquieiros das regiões sul e sudeste, relatados na literatura especializada. Esse estudo conduziu ao entendimento que os sambaquis trabalhados nessa pesquisa apresentam recorrências e variabilidades em suas práticas funerárias. A comparação das práticas e gestos funerários entre os sítios sugere um fio condutor no preparo das sepulturas, onde cada área funerária possui um determinado programa funerário, mas os elementos que constituem os eventos funerários são formados por uma prática de longa duração.

Palavras Chaves: Sambaquis. Cabeçuda. Documentação Primária. Bioarqueologia. Arqueologia Funerária.

ABSTRACT

The sambaquieiros dominated an environment surrounded by bodies of water, building true mounds of faunal materials which many of them stand out in the landscape for their monumentality. The presence of burials in shellmounds has been reported since the late nineteenth century, and even though the skeletons in these sites have been rescued for decades, the systematic study of human burials from a bioarchaeological and funerary archeology perspective has been carried out since the last decades of the 20th century. Burials recovered over a long period in the shellmounds are currently a large collection in the collections of institutions and museums, but few have detailed information and interpretations of their archaeological context. The study of funerary structures from these collections, and their respective primary documentation, is of great importance for research. Thus, this research, with the same perspective of working with a collection already formed and musealised, had an archaeological and exploratory character, and was dedicated to consolidate a coherent data set, based on the available primary documentation, about the funeral area of the *locus 6* Cabeçuda shellmound, building a Catalog of Funerary Archeography of Cabeçuda shellmound (*locus 6*) with detailed information about each burial individually. The analysis of this funerary context of Cabeçuda shellmound allowed to characterize and confront it to other shellmounds funerary contexts from the south and southeast regions, reported in the specialized literature. This study led to the understanding that the shellmounds worked in this research have recurrences and variability in their funerary practices. Comparison of burial practices and gestures between sites suggests a common thread in the preparation of graves, where each burial area has a particular burial program, but the elements that make up the burial events are formed by a long-term practice.

Key words: Shellmounds. Cabeçuda. Primary Documentation. Bioarcheology. Funerary Archeology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A: Vista da Lagoa para o sambaqui Cabeçada em 1928;	44
Figura 2: Exemplo do cálculo da trajetória do sol observada no Sambaqui de Cabeçada.	60
Figura 3: Imagem utilizada no processamento fotogramétrico. Fonte: Alexandre Demathé... 67	67
Figura 4: Imagem utilizada no processamento fotogramétrico. Fonte: Alexandre Demathé... 67	67
Figura 5: Nuvem esparsa de pontos. Fonte: agisoft	67
Figura 6: Nuvem densa de pontos. Fonte: agisoft	67
Figura 7: Reconstrução da superfície do modelo (triangulação dos pontos). Fonte: agisoft.... 67	67
Figura 8: Modelo 3D com textura. Fonte: agisoft	67
Figura 9: Imagem utilizada para a criação do vídeo com o modelo 3D. Fonte: <i>Blender</i>	68
Figura 10: Imagem utilizada para a criação do vídeo com o modelo 3D. . Fonte: <i>Blender</i>	68
Figura 11: Croqui geral das intervenções realizadas no sambaqui de Cabeçada.	70
Figura 12: Linha vermelha nível zero da escavação, linha azul superfície da escavação.	72
Figura 13: Registro da ficha de/ campo (recorte) do sepultamento 15, no nível 13.....	74
Figura 14: Desenho do perfil Sul: em destaque a direita o sepultamento 15 representado no perfil no nível 21.	74
Figura 15: Desenho original do perfil sul. Amarelo: zero do croqui; Azul: anotação da referência da linha ao ponto zero; Vermelho: desenho registrado até 120cm.....	76
Figura 16: Desenho digital do perfil sul após ajustes da altimetria.	77
Figura 17: Perfil Oeste e Foto com referências dos sepultamentos e perfis.....	79
Figura 18: Perfil C Norte com a altimetria ajustada.	80
Figura 19: Relação dos sepultamentos com o nascer e com o pôr do sol.....	110
Figura 20: Comparação entre amostra do indivíduo 16 visualmente não pigmentada (vermelho) com o indivíduo 11 bastante pigmento (linha lilás) e indivíduo 9 com menos pigmento (linha verde) – Análise feita por Dr. Carlos R. Appoloni.....	113
Figura 21: Contraste entre sedimento do sepultamento 16 (linha vermelha) e o sedimento pigmentado do sepultamento 23 (linha verde) - Análise feita por Dr. Carlos R. Appoloni. .	114

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Intervalo cronológico dos sepultamentos escavados por Castro Faria	46
Tabela 2: Datações do <i>locus</i> 1	48
Tabela 3: Critérios de inclusão do levantamento bibliográfico	51
Tabela 4: Classes incluídas e classes não incluídas como acompanhamento funerário	63
Tabela 5: Documentação gerada no salvamento do sambaqui Cabeçuda-01	71
Tabela 6: Sepultamentos com níveis atualizados	81
Tabela 7: Representação das quadras dos sepultamentos em croqui x quadra correta.....	82
Tabela 8: Indicação da direção do <i>Norte</i> na documentação gráfica.	83
Tabela 9: Direção do sepultamento	84
Tabela 10: Sepultamentos datados no <i>locus</i> 6 do Sambaqui Cabeçuda-01	150

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELA.....	12
SUMÁRIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
2. “PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI”... DE TEORIA E DE SAMBAQUIS: A BIOARQUEOLOGIA EM SEU ASPECTO FUNERÁRIO E OS SAMBAQUIS.....	23
2.1 Panorama das pesquisas arqueológicas em sambaquis do sul e sudeste	28
3 SER (OU NÃO SER) SAMBAQUIEIRO, EIS UMA QUESTÃO!	36
4 O SAMBAQUI DE CABEÇUDA.....	44
5. MÉTODOS.....	51
5.1. Levantamento de dados bibliográficos publicados	51
5.2. Análise da documentação primária – Área funerária - Locus 6 – Sambaqui de Cabeçuda	52
<i>5.2.1. Registro e consolidação das informações: dados originais da documentação primária e dados da reanálise.</i>	56
5.3 Análise osteológica	58
5.4. Estabelecimento do trajeto do sol no horizonte: Nascente e poente nos solstícios de inverno e verão.	60
5.5. Acompanhamentos funerários: Artefatos e vestígios faunísticos	61
<i>5.5.1. O material lítico</i>	62
<i>5.5.2. O material arqueofaunístico</i>	65
5.6. Vendo as coisas em 3D: Fotogrametria e a distribuição espacial dos sepultamentos	66
<i>5.6.1. Representação da distribuição espacial dos sepultamentos em perspectiva 3D</i>	66
<i>5.6.2. Fotogrametria</i>	66
6 O LOCUS 6 DO SAMBAQUI DE CABEÇUDA	69

6.1 Apesar do campo: Usando a documentação primária para (re)analisar as estruturas funerárias do locus 6 do Sambaqui de Cabeçada.	69
6.1.1. <i>A área escavada: seus documentos e seus sepultamentos como registrados em campo</i>	69
6.1.2. <i>É mais pra baixo! Não, é mais para cima! Os sepultamentos, a altimetria e os perfis.</i>	71
6.1.3. <i>“Oriente-se, rapaz...”: as quadras, o norte e a direção dos sepultamentos</i>	82
6.1.4. <i>Tira um, põe dois, multiplica por quatro: (re)individualização e (re)contagem dos sepultamentos em laboratório a partir da análise osteológica e documental.</i>	85
6.1.4.a. <i>Ossos humanos avulsos</i>	86
6.1.4.b. <i>Os sepultamentos não incorporados na análise</i>	88
6.1.4.c. <i>Os novos sepultamentos identificados e numerados em laboratório</i>	92
6.1.5. <i>Olhando de novo: (re)Análise das estruturas funerárias do Sambaqui de Cabeçada</i>	94
6.1.5.a. <i>Começando pelo princípio: Arqueografia funerária e a produção de um catálogo</i>	94
6.1.5.b. <i>Em busca de regularidades: Os sepultamentos do Sambaqui de Cabeçada, locus 6, em síntese</i>	96
7 PARA ESTABELEECER UMA BASE DE DIÁLOGO: ASPECTOS FUNERÁRIOS EM SAMBAQUIS DO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, PARANÁ E SANTA CATARINA VISTOS ATRAVÉS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.	122
7.1. Rio de Janeiro	124
7.1.1 <i>Sambaqui Amourins</i>	124
7.1.2 <i>Sambaqui do Moa</i>	127
7.1.3 <i>Sambaqui Sernambetiba</i>	129
7.2. São Paulo	131
7.2.1 <i>Sambaqui de Piaçaguera</i>	132
7.2.2. <i>Sambaqui Buracão</i>	133
7.3. Paraná e Santa Catarina	135
7.3.1 <i>Modelos funerários para Sambaquis do Paraná e de Santa Catarina</i>	135
7.3.2 <i>Sambaqui de Jaboticabeira II</i>	138
7.3.3. <i>Armação do Sul</i>	144
8 DISCUSSÃO	147

8.1 Documento primário pra que te quero?	147
8.2. Um cemitério em particular: Construindo espaço funerário do <i>locus</i> 6 do Sambaqui de Cabeçuda	150
8.3. Uma análise intra-sítio: Quantos cemitérios diferentes em um único sambaqui funerário?!.....	161
8.4. Do local ao regional: Olhando para o conjunto de práticas funerárias sambaquieiras.	171
9 CONCLUSÃO.....	179
10 REFERÊNCIAS	181
ANEXO 1 - Material zooarqueológico coletado em associação as estruturas funerárias	194
ANEXO 2 - Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC)	197
ANEXO 3 - Análise do material lítico associado aos sepultamentos dos locus 6.....	207
ANEXO 4 - Croquis dos perfis revisados e descrições das camadas	210
ANEXO 5 – Modelos Digitais	224

INTRODUÇÃO

Os sítios arqueológicos conhecidos como sambaquis ocorrem em grande número ao longo da costa brasileira. Desde 8.000 anos atrás, até o primeiro milênio da nossa era, os grupos humanos responsáveis pela construção destes sítios conformaram uma população de pescadores-coletores que estabeleceu uma relação cultural com os ambientes de ecotone litorâneo e com os corpos d'água lagunares nos quais peixes, crustáceos e moluscos eram abundantes (FARIAS; KNEIP, 2010; GASPAR, 2000a; GASPAR et al., 2008). Os grupos sambaquieiros, entendidos aqui, em seu conjunto, como uma cultura arqueológica, no domínio desses ambientes e ao longo de milênios produziram os verdadeiros montes de materiais faunísticos intencionalmente acumulados, que marcam a paisagem e em muitos casos atingem proporções monumentais sendo destinados ao sepultamento dos mortos (GASPAR et al., 2008; GASPAR; DEBLASIS; BIACHINI, 2018).

Os estudos em sambaquis se desenvolveram a partir do final do século XIX, período em que se iniciaram os estudos e discussões em relação a sua formação antrópica. De lá para os dias atuais as pesquisas mudaram suas perspectivas e estes grupos deixaram de ser vistos como bandos pequenos e hipermóveis de coletores para passarem a ser considerados grupos de pescadores com razoável densidade populacional, muito mais estáveis e que manejaram vegetais em alguns momentos e lugares (BOYADJIAN, 2012; FIGUTI, 1993; GASPAR, 2000a; SCHEEL-YBERT et al., 2003; WESOLOWSKI, 2007). Desde os primeiros estudos, esse tipo de sítio, foi caracterizado pelos achados de esqueletos humanos, mas por muito tempo eles foram apenas registrados de maneira geral sem que atenção real fosse dada a aspectos funerários.

As pesquisas sistemáticas em sambaquis, em abordagens profissionais levadas a cabo por arqueólogos com formação acadêmica, começaram a partir da década 1950 (PROUS, 1992). A destruição dos sítios, principalmente pelas empresas de produção de cal, preocupava os pesquisadores nessa década, com isso movimentos para gerar leis de proteção foram realizados. As primeiras leis locais para a proteção desse patrimônio surgiram em São Paulo e Paraná em 1942 (DUARTE, 1968). Em publicação de 1959 Castro Faria escreveu sobre o problema da proteção dos sambaquis, que sofriam com a mineração que causava a destruição dos sítios. Os trabalhos de Loureiro Fernandes, Paulo Duarte, em São Paulo, Bigarella no Paraná, e as leis de proteção já aceitas nestes estados e as pesquisas de Castro Faria em 1950/

1951 em Santa Catarina, contribuíram para a aprovação de uma proposta de projeto para lei de proteção aos sítios arqueológicos no estado de Santa Catarina (CASTRO FARIA, 1959).

Já em âmbito nacional somente anos mais tarde, em 1961, entrou em vigor a primeira lei de proteção ao patrimônio arqueológico, resultante de uma redação conjunta que articulou Paulo Duarte, Castro Farias e Loureiro Fernandes (BARRETO, 1999). Com as leis de proteção aos sítios em vigor pesquisadores como Pe. Alfredo Rohr (ScJ) a partir da década de 1960, começaram a fazer uma grande campanha a preservação dos sambaquis de Santa Catarina (PROUS, 1992).

Infelizmente, apenas algumas décadas depois da promulgação das leis de proteção ao patrimônio arqueológico, ainda é recorrente a destruição dos sítios, não mais pela exploração do seu material conchífero, mas pela prática de esportes radicais, como até recentemente era o caso no Sambaqui Garopaba do Sul, em Jaguaruna - Santa Catarina, onde as pessoas utilizavam a área como pista de motocross. Tais práticas degradam o sítio e impedem que a vegetação cresça, fazendo com que o sambaqui fique exposto ao intemperismo e processos erosivos.

O desenvolvimento das pesquisas nas décadas de 1960 e 1970 sofreu influência estrangeira através de dois projetos que mudaram as perspectivas teóricas e metodológicas da arqueologia brasileira, o Programa Nacional de Pesquisa (Pronapa) coordenado por americanos e a Missão Franco-brasileira, coordenada por franceses (GASPAR, 2000a). As escavações sob a perspectiva de tais projetos foram realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, entre outros estados.

A missão franco-brasileira, ainda que não tivesse como objetivo exclusivo o estudo dos sambaquis, realizou algumas pesquisas pontuais visando compreender o registro complexo dos vestígios, a distribuição das fogueiras, das marcas de estacas, e dos sepultamentos que compunham o sambaqui (GASPAR, 2000a).

O Pronapa tinha como objetivo principal estabelecer uma visão geral da ocupação do território brasileiro, a partir da criação de uma sequência cronológica de ocupação. Para isso foi utilizada a ideia de fase para descrever os aspectos locais de uma mesma tradição ou subtradição cultural. Assim, várias fases e tradições foram criadas para a população sambaqueira do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, no entanto isso foi feito através de análises de sítios isolados no espaço, sem que fosse produzida uma interpretação compreensível da sociedade sambaqueira (GASPAR, 2000a; PROUS, 1992).

Mas ao mesmo tempo em que pesquisadores implementavam suas pesquisas sob a perspectiva teórico-metodológica do PRONAPA e da missão franco-brasileira, outros

pesquisadores seguiram uma trajetória independente, como por exemplo o Padre João Alfredo Rohr que seguiu trabalhando no litoral central de Santa Catarina (LIMA, 1999).

Desde as primeiras pesquisas sistemáticas da década de 1950 e até o final dos anos de 1980, os sambaqueros foram entendidos como grupos coletores especializados em moluscos, com uma organização social do tipo bando e grande mobilidade residencial, que acumulavam os restos das conchas dos moluscos consumidos de forma intencional, elevando plataformas onde habitavam e enterravam seus mortos (GARCIA, 1972; GASPAR, 2000a; UCHÔA, 2007; WESOLOWSKI, 2007). Apenas com os estudos de Levy Figuti (1993) na década de 1990 essas populações passaram a ser entendidas como pescadoras. Utilizando uma abordagem zooarqueológica Figuti identificou que quando o peso de carne era estimado a partir dos vestígios malacológicos e dos ossos de peixe, os peixes eram responsáveis pela maior parte da carne consumida, mesmo que quantitativamente as conchas se sobrepusessem aos demais vestígios faunísticos na matriz sedimentar dos sambaquis. Resultados que vão na mesma direção foram repetidamente encontrados por outros zooarqueólogos que pesquisaram sambaquis (KLOKLER, 2008; NISHIDA, 2007). A partir desse período o processo de formação dos sambaquis, e a organização do espaço interno dos sítios, passaram a ser um foco de pesquisa (AFONSO; DE BLASIS, 1994; BIANCHINI et al., 2011; DEBLASIS; GASPAR, 2009; FISH et al., 2000; GASPAR, 2000a).

De maneira mais ou menos intensa o registro arqueológico funerário destes grupos tem sido, quando não propriamente sistematicamente estudado ao menos citado de modo consistente desde pelo menos o fim do século XIX (WIENER, 1875). Os sepultamentos recuperados por décadas em sambaquis, formam atualmente ampla coleção nos acervos de instituições e museus, no entanto poucas possuem informações e interpretações detalhadas acerca do seu contexto arqueológico que contribuam efetivamente para o estudo funerário dessas populações (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013), apesar de muitas pesquisas recentes apontarem que muitos desses sítios podem ter sido usados estritamente como local funerário (KLOKLER, 2008), e construídos através dos cerimoniais funerários.

Pensando que o contexto funerário permite compreender sobre aspectos que articulam a vida e a morte dos grupos sambaquieiros, a análise cuidadosa das atividades que envolveram o momento dos funerais pode trazer à tona novas perspectivas sobre esses grupos, ainda mais quando potencializada na junção de pesquisas interdisciplinares envolvendo bioarqueologia e arqueologia funerária (KLOKLER; GASPAR, 2013).

A Bioarqueologia pode ser entendida como a análise contextual de populações humanas a partir do estudo de remanescentes corporais humanos recuperados arqueologicamente, ela utiliza a biologia esquelética e a arqueologia em combinação para fazer perguntas não sobre como as pessoas morreram, mas sobre como elas viveram (BUIKSTRA; BECK, 2006). Assim em estudos de práticas funerárias que se proponham a desenvolver uma abordagem bioarqueológica, a integração entre os dados biológicos e culturais é condição indispensável (BUIKSTRA, 2006).

Pode-se entender a arqueologia funerária, por sua vez, como uma disciplina que trata de locais onde são encontrados vestígios de um funeral passado, que geralmente contêm também remanescentes de esqueletos humanos, além de vestígios faunísticos, líticos, estruturas de combustão, dentre outros vestígios de gestos e processos associados ao cerimonial funerário (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013).

A ideia de gesto funerário é central para uma abordagem bioarqueológica dos contextos funerários. Este conceito é proposto e operacionalizado na pesquisa sobre contextos funerários arqueológicos por Henry Duda (2005). Gestos funerários estão relacionados ao tratamento dado ao corpo para o funeral, às práticas preparatórias do corpo, aos tratamentos diferenciados entre sexo e idade, à forma de arrumar e posicionar o corpo, às práticas preparatórias e estruturadoras da sepultura, da cova, às práticas pós-sepulcrais (banquetes, rearranjos, cuidados com a sepultura), dentre outros elementos (DUDAY, 2005). Estes gestos que foram materializados sobre os corpos e as sepulturas podem ser inferidos a partir de elementos presentes no registro arqueológico funerário e sua compreensão permite por sua vez realizar inferências sobre as práticas funerárias estabelecidas socialmente (DUDAY, 2005; PY-DANIEL, 2015), levando em conta que as interpretações são elaboradas a partir dos vestígios materiais das práticas realizadas pelos vivos para o morto (PEARSON, 1999).

Direcionando o olhar novamente para os contextos funerários sambaquieiros, as pesquisas que assumiram uma perspectiva verdadeiramente bioarqueológica e utilizaram a ideia de gesto funerário para analisar esses contextos foram poucas. Nos registros encontrados na bibliografia especializada, alguns autores já chamaram a atenção para o fato de que apesar de haver vários dados sobre sepultamentos em sambaquis dispersos pela literatura, quando tomados em detalhe estes não formam um relato coerente, e o que emerge da revisão da literatura é uma condição onde não parece haver padrão, mas sim uma enorme variabilidade intra e inter sítios (GASPAR; SOUZA, 2013; WESOLOVSKI, 1999; WESOLOWSKI; MENDONÇA DE SOUZA; FISCHER, 2011).

Da mesma maneira estes autores vêm insistindo na falta de um olhar crítico sobre estes dados que pudesse produzir um quadro sintético sobre o que já se sabe efetivamente sobre os gestos funerários dos povos sambaquieiros de modo mais geral (GASPAR; SOUZA, 2013; WESOLOWSKI, 1999; WESOLOWSKI; MENDONÇA DE SOUZA; FISCHER, 2011). Uma parte do problema seria justamente a diferença de olhar sobre os eventos funerários e a falta de padronização nos termos utilizados como descritores o que impediria uma comparação simples entre os resultados de pesquisas diferentes (GASPAR; SOUZA, 2013; WESOLOWSKI, 1999; WESOLOWSKI; MENDONÇA DE SOUZA; FISCHER, 2011).

Admitindo o modelo de que práticas funerárias e culto aos antepassados são aspectos estruturadores da sociedade sambaquiara (GASPAR, 2000a, 1998, 2004) mas que estes aspectos estruturadores podem apresentar variabilidade nos atributos específicos pelos quais se manifestam, seja espacial seja temporalmente (GASPAR; DEBLASIS; BIACHINI, 2018; WESOLOWSKI; MENDONÇA DE SOUZA; FISCHER, 2011), a presente pesquisa propôs analisar os aspectos funerários expressos num conjunto de dezessete (17) sepultamentos que foram recuperados pelo GRUPEP-Arqueologia, da UNISUL, durante a intervenção de arqueologia preventiva relativa à construção da ponte Anita Garibaldi, confrontando os resultados obtidos com as informações disponíveis na literatura sobre aspectos funerários dos diferentes *loci* estudados no Sambaqui de Cabeçuda (análise intra-sítio) e outros sítios (análise inter-sítio), quase todos sambaquis, do sul e sudeste do Brasil.

A série de sepultamentos escavada pelo GRUPEP/Unisul no *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda, foi escolhida como objeto central de estudo pela chance de explorar, do ponto de vista da Arqueologia Funerária, um conjunto de sepultamentos que pode ser entendido como constituintes de uma área funerária como proposto por Gaspar e colaboradores (2014), com documentação contextual suficiente e recuperado em um sambaqui de importância maior para a Arqueologia de Sambaquis. Além disso, seu estudo permite estabelecer um contraponto de comparação com outros contextos funerários bem conhecidos para o litoral sul de Santa Catarina como aquele e Jabuticabeira II.

Para proceder essa análise foi necessário lidar com um vasto conjunto documental que incluiu fichas de registros, mapas, croquis de quadra/sepultamento/perfil, e imagens de todo processo de salvamento. Para que este conjunto documental pudesse ser efetivamente estudado e dele extraído o máximo de informação foi necessário realizar sua curadoria, num processo de reconfiguração da documentação, que incluiu entre suas ações: realizar ajustes na altimetria dos sepultamentos e perfis, para compreender a distribuição espacial dos sepultamentos na área

escavada; entender a contagem dos indivíduos realizada em campo e a inconsistência na numeração e na quantidade de sepultamentos; identificar a distribuição e as possíveis relações dos ossos avulsos encontrados em amostras de fauna com os sepultamentos existentes; identificar e corrigir informações inconsistentes sobre orientação dos sepultamentos, entre outras ações.

Assim, na maior parte do tempo essa pesquisa seguiu o caminho de uma espécie de “arqueologia da documentação”, se debruçando de maneira intensa no estudo desse vasto conjunto documental e concentrando grande quantidade de energia para a compreensão e ponderação da documentação primária de modo a produzir ao final um conjunto consolidado de informações sobre o contexto funerário representado na área funerária do *locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda.

Para estabelecer um contraponto ao material estudado para o Sambaqui de Cabeçuda e incluir elementos da variabilidade relatada na literatura arqueológica para os contextos funerários sambaquieiros esta pesquisa também incorporou a sua reflexão dados disponíveis sobre práticas e gestos funerários publicados para sambaquis ou sítios litorâneos associados a pescadores-coletores das regiões sul e sudeste. Foram levantadas informações funerárias para os sambaquis Amourins, Moa e Sernambetiba no Rio de Janeiro, Piaçaguera e Buracão em São Paulo, Jabuticabeira II, Armação do Sul, e o próprio Sambaqui de Cabeçuda em Santa Catarina, além do conjunto de sítios utilizado por Filipi Pompeu em seu mestrado (POMPEU, 2015) todos localizados no Paraná e em Santa Catarina. Estes sítios foram selecionados por serem funerários e pela disponibilidade das referências bibliográficas relativas às pesquisas de caráter funerário já realizadas nos mesmos. Buscou-se não compará-los diretamente mas apontar e compreender os elementos que os articulam, tornando possível a discussão na presente pesquisa.

Assim, esta pesquisa teve um caráter eminentemente arqueográfico e exploratório e se dedicou ao problema de como consolidar um conjunto de dados coerente, a partir da documentação primária disponível, sobre a área funerária do *locus 6* do sambaqui de Cabeçuda, analisando esse contexto funerário para caracterizá-lo e depois confrontá-lo a outros contextos funerários sambaquieiros das regiões sul e sudeste como relatados na literatura especializada.

Dessa forma os objetivos da pesquisa foram:

Objetivo geral

Produzir, a partir da análise da documentação primária, um quadro interpretativo sobre o contexto funerário expresso na área funerária do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda, confrontando-o com outros *loci* do sítio e com contextos funerários das regiões sul e sudeste, em sua maioria sambaquieiros mas não apenas, levantados a partir da análise de informações publicadas na literatura especializada.

Objetivos específicos

1. Organizar e consolidar as informações presentes na documentação primária sobre os sepultamentos escavados no *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda;
2. (Re)Analisar, através da documentação primária, o contexto funerário representado no *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda procurando identificar gestos funerários;
3. Caracterizar a série esquelética correspondente aos sepultamentos mencionados quanto ao sexo, à idade e à composição óssea individual de cada esqueleto recuperado;
4. Propor um cenário das práticas funerárias expressas no horizonte cemiterial da área funerária tratada nesse projeto;
5. Organizar e sintetizar o que está publicado sobre contextos funerários para alguns sambaquis, e outros sítios funerários associados a pescadores-coletores, melhor documentados das regiões sul e sudeste;
6. Realizar uma análise intra-sítio no Sambaqui de Cabeçuda a partir das informações levantadas sobre os outros *loci* estudados no sítio.
7. Contrapor o contexto funerário expresso no *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda com os contextos levantados na literatura para as regiões sul e sudeste.

2. “PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI”... DE TEORIA E DE SAMBAQUIS: A BIOARQUEOLOGIA EM SEU ASPECTO FUNERÁRIO E OS SAMBAQUIS.

A Bioarqueologia ressalta o estudo, em uma perspectiva biocultural, dos remanescentes corporais humanos recuperados no registro arqueológico.

Autores como Larsen (1997) consideram que os esqueletos humanos representam a evidência mais direta da biologia das populações do passado, e que seu estudo pode fornecer informações sobre saúde, doença, estilo de vida, violência, idade, sexo, demografia e ancestralidade, assim, a bioarqueologia contribuiria para a compreensão das populações do passado, através da interação entre dados biológicos, comportamentais e do papel ambiental na saúde e no estilo de vida dos grupos (LARSEN, 1997, 2002).

Já autores como Jane Buikstra, que em 1976 cunhou o termo Bioarqueologia em contexto acadêmico americano, entende que a Bioarqueologia como a análise contextual das populações humanas a partir de remanescentes esqueléticos humanos arqueologicamente recuperados, combinando inextrincavelmente informações biológicas e culturais. Nessa perspectiva a integração dos dados biológicos e culturais é importante para entender não sobre como as pessoas morreram, mas sobre como elas viveram (BUIKSTRA; BECK, 2006; BUIKSTRA, 2006). Esse olhar enfatiza a multidisciplinaridade da pesquisa, incluindo o estudo dos sepultamentos e organização social, atividades diárias, relações de afinidade genética, demografia, dietas e processo saúde-doença (BUIKSTRA, 2006).

Pode-se dizer que a Bioarqueologia nasceu e deu os seus primeiros passos a partir dos pressupostos da Nova Arqueologia, na busca por maneiras sistêmicas de abordar o contexto arqueológico. Na linha dessa então nova abordagem Binford (1971) destacou que o estudo dos contextos funerários poderiam revelar informações importantes sobre a organização da sociedade. Os principais pressupostos das pesquisas processuais articulavam os indivíduos em uma rede de status e papéis sociais, “nos quais idade, sexo, linhagem e realizações/proezas determinariam as posições de cada indivíduo em vida e na morte, além disso, um enterro seria uma atividade coletiva onde essa “teia” ficaria materializada através dos gestos dos vivos” (PY-DANIEL, 2015, p.111).

Seguindo essa ideia, as práticas funerárias foram vistas por autores como W. Goodenough (1965) e Arthur A. Saxe (1970) como uma forma de reprodução da estrutura e das relações sociais cotidianas e Saxe (1970) elaborou uma série de hipóteses sobre como os contextos funerários representariam em vários aspectos a sociedade dos vivos. A partir dessas

propostas, a arqueologia Processual (BINFORD, 1971) propôs com frequência que a organização social estaria diretamente refletida nas práticas e rituais mortuários, o que se provou um equívoco.

Como chama a atenção Anne Py-Daniel em sua tese de doutorado, muitos estudos das décadas de 1970 e 1980, tomaram como verdade absoluta as premissas propostas por Saxe e Binford e a partir disso os contextos funerários foram interpretados como sendo espelhos das sociedades dos vivos (PY-DANIEL, 2015).

Embora as contribuições processualistas tenham levado a uma nova maneira de analisar as estruturas funerárias, seu modelo estatístico foi criticado por não ser um aspecto socialmente significativo, e pelos dados etnográficos utilizados como comparação entre diferentes culturas não poderem ser feitos de maneira direta, devido a diferença entre o ritual descrito e o idealizado (RAKITA et al., 2008).

Ian Hodder (1982), por sua vez, com ideias pós-processualistas, criticou a proposta processual de que os padrões vistos na morte refletem diretamente aqueles vistos entre os vivos e reintroduziu nas discussões o aspecto simbólico da experiência humana. A morte é pensada pelos pesquisadores pós-processualistas como um conjunto de representações simbólicas das práticas sociais responsáveis pelo equilíbrio da sociedade, pois promovem simultaneamente, a manutenção da ordem social e, demonstrando as tensões e as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais divergentes (VERNANT, 1982).

Pensando que as práticas mortuárias não precisam ser reflexões passivas da organização social, elas podem ser então o produto de escolhas e estratégias sociais e de pessoas que possuem agência, que compreendem a dinâmica das relações, da organização social e que são feitas em relação às crenças (CARR, 1995; HODDER, 1982).

Nessa perspectiva Metcalf e colaboradores (1991), colocam que o momento da morte não está relacionado somente à ideia de uma pós-vida, mas também à ideia da vida que o morto perdeu recentemente. Assim as práticas funerárias estão relacionadas principalmente com o final da vida do indivíduo, a forma como ele era visto pela sua sociedade e ao lugar que ocupava nela naquele momento, então o que está sendo considerado é o contexto social, a representatividade da pessoa para a coletividade no final da sua vida (PY-DANIEL, 2015).

Ainda refletindo nessa dualidade das discussões processualistas e pós-processualistas, é importante salientar que uma não se sobrepõe à outra e muitos estudos ainda se concentram no cemitério como a unidade de análise, e usam métodos quantitativos para definir padrões a partir de dados culturais e biológicos. As análises da morte agora ocorrem em

uma variedade de escalas, desde o corpo individual até o cemitério e a paisagem regional (CHAPMAN, 2003).

Quando articuladas a Bioarqueologia e a Arqueologia Funerária têm um potencial muito grande para gerar informações únicas sobre os grupos passados. Em ambos os casos, seja no que se refere aos aspectos biológicos do morto ou aspectos culturais do sepultamento, o que está sendo considerado é o resultado final dos processos, biológicos, sociais e culturais, bem como os processos de mudanças naturais que ocorrem através da decomposição e da decadência do material que acompanha o corpo (KNÜSEL, 2010).

A Bioarqueologia é uma disciplina afeita à coleta de informações em campo e através dessa perspectiva está ligada à Arqueologia Funerária que pode ser entendida como a *“arqueologia das estruturas onde se encontram restos de funerais, geralmente incluindo remanescentes corporais humanos, ou seja, lugares de deposição dos mortos”* (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013). Para que, através do registro arqueológico, se possa compreender as formas de deposição e perpetuação das evidências e os gestos e processos relacionados ao funeral, a identificação de processos tafonômicos, ou seja das transformações ocorridos na estrutura original, são fundamentais. Assim os estudos de tafonomia contribuem para compreender os processos que ocorreram com o sepultamento desde o momento que ele foi depositado no sítio até quando ele foi encontrado pelo pesquisador (KLOKLER; GASPAR, 2013; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; WESOLOWSKI et al, 2013).

O estudo dos sepultamentos sob essa perspectiva que articula Bioarqueologia e Arqueologia Funerária se aproximam do que Henry Duda (DUDAY, 2005, 2009) chama de Arqueotanatologia e pode revelar gestos e práticas funerárias através da compreensão do tratamento dado ao corpo, das diferenciações de tratamento entre sexo e idade, pelas práticas preparatórias do corpo e práticas sepulcrais que envolvem a estrutura da cova, pela posição do corpo, pelo material funerário, pelas práticas pós-sepulcrais que estão relacionadas a reabertura da cova, manipulação dos esqueletos, redução e re-inumação (DUDAY, 2005, 2009).

Segundo Henry Duda (2005, 2009) devem ser observados nos sepultamentos as relações mantidas entre os ossos do esqueleto e entre estes e o entorno pois isso permite diferenciar e demonstrar entre aquilo que é produto de um gesto funerário, ou seja, de uma ação que foi executada no momento do sepultamento, e aquilo que é uma alteração decorrente da transformação da sepultura (incluindo corpo) ao longo do tempo. Identificar esses gestos que estão materializados sobre os corpos e covas, observando os processos naturais e pós-

deposicionais, permite inferir sobre as práticas funerárias estabelecidas socialmente (DUDAY, 2005; PY-DANIEL, 2015)

A identificação de padrões a partir do resgate de traços materiais resultantes das práticas funerárias, que são realizadas pelos vivos para o morto (Pearson, 2000) pode promover a compreensão de vários aspectos das sociedades passadas, abrindo para a arqueologia a “...possibilidade de se determinar conjuntos materiais representativos que, eventualmente, possam ser relacionados a grupos que comunguem de um “pool” identitário comum[...]” (PY-DANIEL, 2015).

No Brasil a Arqueologia e a Bioarqueologia começaram a trabalhar de maneira realmente integrada a partir da década de 1990 no âmbito de grandes projetos interdisciplinares focados em entender o modo de vida sambaquieiro, os quais proporcionaram muitas oportunidades para a associação entre arqueólogos e bioarqueólogos na prática de campo, o que contribuiu para melhorar a qualidade dos dados produzidos sobre estruturas e contextos funerários (KLOKLER; GASPAR, 2013).

Juntamente com a aproximação entre as duas disciplinas no planejamento da pesquisa e no trabalho de campo e a consolidação de uma abordagem interdisciplinar que integrou também a zooarqueologia, a geoarqueologia e a arqueobotânica, o surgimento de novos e mais sofisticados métodos e técnicas no final do século XX contribui significativamente para a ampliação do conhecimento sobre aspectos funerários destes grupos (GASPAR; SOUZA, 2013; MENDONÇA DE SOUZA et al, 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013; SALADINO, 2016; SOUZA, 2009).

De acordo com Daniela Klokler e colaboradores (2013) apesar dos estudos funerários em sambaquis terem por muito tempo focado apenas à associação entre esqueleto e artefato, suas perspectivas vêm mudando ao longo do tempo e as pesquisas também começaram a atentar para a cadeia de atividades funerárias, pois a junção de análise de cadeia de atividades e processos pós-deposicionais pode gerar informações dos contextos arqueológicos fundamentais para compreender as organizações sociais das populações humanas.

Ao longo das últimas duas décadas, os pesquisadores passaram a utilizar a arqueologia dos lugares de deposição de mortos, integrando arqueologia funerária e bioarqueologia, como fonte para compreender a vida no passado. O estudo desse contexto possibilita compreender e acessar dados da sociedade a qual o indivíduo pertenceu, permite

obter informações biológicas e culturais referentes às práticas funerárias e ao processo construtivo do sítio, levando a compreensão de aspectos demográficos, econômicos, a relações de poder, ideologia e religião (KLOKLER; GASPAR, 2013; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013). Na medida em que os sambaquis são atualmente compreendidos como espaços funerários por excelência e construídos através dos cerimoniais funerários (KLOKLER, 2008), o trabalho em conjunto da arqueologia funerária e da bioarqueologia é imprescindível para a compreensão dos grupos que os construíram (KLOKLER; GASPAR, 2013; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013).

Seguindo a perspectiva de que os gestos e significados envolvidos no funeral são guiados por princípio simbólico, Gaspar (2016) vale-se das ideias de rito de passagem de Van Gennep (2014 [1978]), nas quais o rito enquadra sua conexão com o que está além dos acontecimentos do mundo real, que é palpável, partindo do princípio que cada cultura elege e organiza eventos que considera importantes. Entre os ritos de passagem relacionados a eventos biológicos, como nascimento, menarca e morte, o que se pode observar no registro arqueológico de grupos antigos é o evento relacionado à morte e "*embora não haja evidências sobre os demais ritos de passagem para que se possa desenhar a cosmogonia sambaquieira em toda a sua amplitude e complexidade, é evidente a atenção que os pescadores-coletores deram aos ritos fúnebres.*" (GASPAR, 2016, p.38)

A construção do sambaqui é entendida hoje como a consequência de um trabalho social, ligado intimamente com o ritual funerário, e que resultou em uma paisagem domesticada, imbuída de referências sentimentais para com os mortos (GASPAR et al., 2007). Assim a "*construção e manutenção do sambaqui são a materialização do rito funerário adotado pelos pescadores-coletores*" (GASPAR, 2016, p.39)

Ainda segundo Gaspar (2016), o rito funerário pode estar relacionado a cada pessoa ou a um grupo de pessoas ligadas por laços de afinidade, ou em uma escala maior por um conjunto de gerações de indivíduos de vários grupos de afinidade que viveram através dos tempos e que formam o próprio cemitério. Nessa perspectiva os ritos funerários, que são vistos por Van Gennep (2014 [1978]) como rito de passagem que envolve e reorganiza os membros da sociedade, fazem parte da vida social e são associados à cosmogonia dos sambaquieiros (GASPAR et al., 2007).

A evidência dada aos mortos foi elaborada de forma intencional, quer seja pelas atividades que envolviam sepultar ou pela monumentalidade da construção, e se concretizou na forma que denominamos atualmente de Sambaqui. Mesmo pensando que atualmente não

conseguimos (ao menos o leigo) em algumas paisagens distinguir o monte de rocha do monte de concha, em algumas paisagens, essa cultura de longa duração identificou e manteve em seus costumes elementos que perpetuaram ao longo de milênios e se destacavam/destacam na paisagem.

2.1 Panorama das pesquisas arqueológicas em sambaquis do sul e sudeste

No final do século XIX e início do século XX um dos interesses das pesquisas arqueológicas no Brasil eram os sambaquis do sul do país. Os primeiros estudos feitos em sambaquis aparecem já em relatos do começo século XIX quando Peter Lund, um dos pioneiros em pesquisas arqueológicas no país, incluiu os sambaquis brasileiros na discussão científica sobre a origem antrópicas dos concheiros europeus, levando-os ao cenário da discussão arqueológica internacional e ao reconhecimento da importância arqueológica desses sítios (GASPAR; SOUZA, 2013).

As discussões iniciais giravam em torno do surgimento dos sambaquis devido a fenômenos naturais ou artificiais. Para o senso comum eram resultado do dilúvio. Para os denominados naturalistas, como Hermann Von Ihering, João Baptista de Lacerda, Karl Rath, Edgar Roquette Pinto, os sambaquis teriam surgido pelo recuo do mar e a ação que o vento exercia sobre as conchas, e os restos humanos eram resultados de naufrágios e afogamentos (LIMA, 1999). Os artificialistas propunham explicações para o acúmulo dos restos faunísticos afirmando que era o resultado da ação humana, surgindo entre eles duas vertentes, uma que sustentava serem os sambaquis resultantes do acúmulo de cozinha, entendendo o local como moradia, e a outra que pensava o local como cemitério devido aos sepultamentos encontrados (GASPAR, 2000a).

Os primeiros pesquisadores a entender os sambaquis como construções artificiais foram Ricardo Krone (1914), Alberto Loefgren (1903), e Carlos Wiener (1875), o último chamou atenção dizendo que alguns sambaquis podiam ser monumentos funerários.

Uma das primeiras pesquisas com sepultamentos resgatados em sambaquis foi realizada por Lacerda(1885), que a partir das pesquisas de Wiener (1875), fez um dos primeiros estudos sobre os crânios de sambaquis de Santa Catarina, focado na morfologia craniana e

dedicado às questões caras ao cenário científico da época: a ideia de raça e a classificação tipológica e evolutiva¹.

Apesar de que em meados do século XX os sambaquis já chamassem a atenção de diferentes especialistas há pelo menos um século, até a década de 1950 as pesquisas realizadas nos sítios permaneciam pontuais e frequentemente não sistemáticas, com algumas exceções. Exemplos destas exceções são o trabalho de Guilherme Tiburtius, que contribuiu para o salvamento de partes de alguns sítios no estado do Paraná e no norte de Santa Catarina, fazendo registros, croquis e coletas, criando uma vasta coleção de objetos e remanescentes humanos encontrados nesses sítios, além de registrar informações de estruturas funerárias, muitas das quais são as únicas existentes atualmente (TIBURTIUS, 1996), ou ainda de Ettore Biocca que na década de 1930 escavou vários sambaquis na Ilha de Santo Amaro no litoral paulista, e além de publicar seus estudos sobre sambaquis, também agia em proteção fazendo denúncia sobre a destruição sofrida pelos sítios (SOUZA, 2014).

Com a artificialidade dos sambaquis aceita como incontestável, as pesquisas sistemáticas foram impulsionadas e entre as décadas de 1960 e 1970 escavações foram realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, entre outros estados, sob a influência do Programa Nacional de Pesquisa (Pronapa) e da Missão Franco-brasileira (GASPAR, 2000a). Apesar destas primeiras pesquisas sistemáticas em sambaquis não estarem dedicadas a entender as estruturas funerárias especificamente, seus resultados recorrentemente incluíram a identificação e escavação de sepultamentos.

Nas décadas de 1960 e 1970, José Wilson Rauth, pela perspectiva pronapiana, realizou escavações em sambaquis do Paraná e os registros das suas escavações informam as características gerais dos sepultamentos encontrados. As notas prévias da escavação do Sambaqui do Porto Mauricio indicam a presença de 14 sepultamentos, em posição de decúbito dorsal, fletidos, com presença de ocre, fogueiras próximas aos indivíduos, assim como artefatos líticos e colares feitos de vertebrae de peixe (RAUTH, 1967). Para as escavações do sambaqui do rio Jacaré o mesmo autor relata a presença de 3 sepultamentos, mas com alterações antrópicas posteriores que não permitiram indicar as posições e orientações dos mesmos (RAUTH, 1969a). Já nas escavações do sambaqui do rio São João, Rauth refere o encontro de 27 sepultamentos, nos quais os indivíduos estavam depositados em decúbito ventral, mas

¹ Para informações sobre as primeiras pesquisas em sambaquis brasileiros: Almeida, 1893; Loefgren, 1903; Ihering, 1904; Abreu, 1932; Barata, 1954; Bigarella, 1954. Para uma visão detalhada sobre a formação natural x artificial dos sambaquis: LIMA, 1999/2000; GASPAR, 2000a.

sobretudo fletidos, com presença de líticos próximo aos crânios, artefatos líticos e ósseos relacionados ao corpo (RAUTH, 1969b) .

Em Santa Catarina, pelos anos de 1970 Beck (BECK, 1973, 2007), realizou pesquisas no litoral norte, centro e sul de Santa Catarina. Nas suas escavações em cinco sambaquis de diferentes regiões do estado, todos com presença de sepultamento, concluiu que ocorriam variações nos sítios devido as diferentes formas de subsistência, a tecnologia e aos costumes funerários dos grupos que habitavam esses locais. Para ela um dos indicativos de mudança na forma de sobrevivência foi a incorporação da cerâmica. Beck usou das características ambientais para inferir sobre a mudança no estilo de vida desses grupos costeiros, indicando a superexploração dos recursos malacológicos como fator determinante para a escassez de moluscos, o que teria levado o uso de outros recursos e conseqüentemente influenciado na mudança da tecnologia (BECK, 2007).

Também trabalhando em Santa Catarina, Walter F. Piazza dedicou-se a extensos levantamentos arqueológicos no litoral norte do estado onde localizou sítios classificados por ele como “sítios-habitações e sítios-cemitérios”, além de “sítios pré-cerâmicos e sítios cerâmicos”. Os sítios por ele estudados foram organizados em três fases cerâmicas e três fases pré-cerâmicas, estas últimas identificadas a partir do material malacológico que compunha os sítios, que correspondiam a fase Saguauçu sem registro de sepultamentos, fase Saí com relato de 3 sambaquis com presença de enterramentos humanos, e fase Acaraí que foram identificados 50 sítios, que também possuíam presença de sepultamentos humanos (PIAZZA, 1974).

Ao mesmo tempo em que Piazza e Beck implementavam suas pesquisas sob a perspectiva teórico-metodológica do PRONAPA, outros pesquisadores seguiram uma trajetória independente, como o Padre João Alfredo Rohr que seguiu trabalhando no litoral central de Santa Catarina e Alan Bryan que escavou o sambaqui do Forte Marechal Luz (LIMA, 1999).

Os estudos em São Paulo seguiram uma orientação metodológica distinta da do PRONAPA, sobretudo pela influência de José Emperaire e Annete Laming-Emperaire que escavaram ainda na década de 1950, a convite de Paulo Duarte, o sambaqui de Maratuá. Nas décadas de 1960 e 1970 destacaram-se os trabalhos desenvolvido nos sambaquis de Cosipa, Piaçaguera, e Tenório por Caio del Rio Garcia e Dorath Pinto Uchôa, com resultados escritos em suas teses de doutoramento.

Dorath Pinto Uchoa (1973) realizou um estudo comparando Piaçaguera e Tenório e entre suas conclusões infere que o sambaqui de Piaçaguera foi construído por grupos essencialmente coletores de moluscos, enquanto Tenório seria o resultado de grupos

essencialmente pescadores-coletores; pela análise do depósito arqueológico a autora indica os sítios como um “sistema ecológico adaptativo”. Em consonância com o paradigma teórico predominante na época, Dorath Uchôa entendia as sociedades sambaquieras como bandos nômades de organização social simples, sem organização econômica, política ou religiosa (UCHÔA, 1973). Sendo que as análises também incluíam 56 sepultamentos dos 87 registrados em Piaçaguera e 28 dos 73 registrados em Tenório.

Anteriormente ao trabalho de Uchôa, Caio del Rio Garcia (1972) havia estudado os sítios Piaçaguera e Tenório concentrando-se na análise do material faunístico por uma perspectiva econômica, com o objetivo de identificar “*principais atividades de subsistência, técnicas de aquisição, área de subsistência, migração, modificação ecológica, distribuição zoológica[...]*” (GARCIA, 1972) dos grupos que construíram esses sítios, localizados respectivamente na baixada santista e em Ubatuba. Mesmo esse sendo um período em que as atenções não estavam voltadas ao contexto deposicional dos resíduos nos sítios e nos seus significados, Garcia sugeriu que os sambaqueiros eram grupos sedentários (GASPAR; KLOKLER; DEBLASIS, 2014), visão que foi entendida e aceita apenas com pesquisas posteriores (AFONSO; DE BLASIS, 1994; DE MASI, 2001; FIGUTI, 1993; GASPAR, 1991).

Os anos de 1980 foram um período em que as pesquisas do Rio de Janeiro desenvolveram-se muito a partir de estudos que vinham sendo realizados desde alguns anos e que se intensificaram nessa década. Foram várias as perspectivas de pesquisa adotadas pelos arqueólogos que trabalhavam com sambaquis do Rio de Janeiro nesse período.

O trabalho de Maria da C. de M. C. Beltrão e colaboradores (BELTRÃO et al., 1982; HEREDIA et al., 1982), teve como foco geral entender como os pescadores coletores exploravam o ambiente, e acabaram por concluir que partilhavam um sistema econômico semelhante, mas com variações regionais. Ao mesmo tempo as pesquisas de Lina Maria Kneip (KNEIP, 1977, 1987), que também seguiam uma perspectiva ambiental, procuravam relacionar as culturas com a evolução ambiental, para isso os estudos contaram com interface de diferentes áreas. Além disso, Kneip também propôs que poderiam haver ocupações distintas em um mesmo sítio (KNEIP, 1977).

Os registros de sepultamentos continuavam recorrentes nas escavações. Lina Maria Kneip (1977), em pesquisas no Sambaqui do Forte identificou 16 sepultamentos, e nos trabalhos divididos com colaboradores nos sambaquis de Camboinhas e Zé Espinho, também identificou vários sepultamentos (KNEIP, 1987; KNEIP; PALLESTRINI; CUNHA, 1981).

Considerando a pesquisa feita diretamente sobre os remanescentes esqueléticos, ainda majoritariamente sob a perspectiva da Antropologia Biológica e não da Bioarqueologia, Marília Carvalho de Mello e Alvim e colaboradores tiveram destaque e realizaram diversas análises em indivíduos oriundos de sambaquis, as quais incluíram estudos morfológicos em materiais esqueléticos dos sítios catarinenses e paulistas. Em Santa Catarina suas pesquisas foram realizados nos materiais oriundos dos sambaquis do Forte Marechal Luz e de Cabeçuda, em São Paulo do Sambaqui de Piaçaguera (ALVIM; UCHÔA, 1976; MELLO E ALVIM; SEYFERTH, 1969; MELLO; MELLO FILHO, 1967). Além de realizar análises comparativa dos crânios de remanescentes do sambaqui de Cabeçuda (SC) e Piaçaguera (SP) com o objetivo de entender se esses indivíduos faziam parte de grupos semelhantes (MELLO E ALVIM; VIEIRA; MACHADO, 1974).

Na mesma época Lilia Maria Cheuiche Machado começou seu trabalho que pode ser entendido como pioneiro em incluir abordagens bioarqueológicas, ou seja, que consideravam o contexto arqueológico. Seu trabalho de maior destaque do período foi dedicado a análise e interpretação de remanescentes humanos recuperados no sítio Corondó no litoral norte do Rio de Janeiro. Em sua tese de doutoramento (1983), a autora realizou análises dos padrões de sepultamento e de aspectos da paleopatologia e da biologia do grupo, abordando questões arqueológicas a partir do estudo dos remanescentes esqueléticos em uma perspectiva biocultural.

Desde as primeiras pesquisas sistemáticas da década de 1950 e até o final dos anos de 1980, os sambaquieiros foram entendidos em aspectos da subsistência e organização dos grupos como coletores especializados em moluscos, com uma organização social do tipo bando e grande mobilidade residencial, que acumulavam os refugos (lixo) desses recursos alimentares (ou seja as conchas dos moluscos consumidos) intencionalmente em plataformas elevadas onde habitavam e enterravam seus mortos (GARCIA, 1972; UCHÔA, 2007). Esta compreensão apoiou-se em análises que pouco consideraram os vestígios ictiológicos sobrevalorizando os malacológicos (FIGUTI, 1993; GASPAR, 2000a; WESOLOWSKI, 2007).

No começo da década de 1990, a partir de trabalhos de zooarqueologia, os grupos sambaquianos passaram a ser compreendidos como pescadores e não mais como coletores especializados em moluscos (BANDEIRA, 1992; FIGUTI, 1993). Ao mesmo tempo a associação entre espaço de moradia, espaço funerário e acúmulo intencional de conchas e ossos (que progressivamente foram perdendo a caracterização de lixo para ganhar a de material construtivo) passou a ser compreendida como algo que marcava a identidade destes grupos

(GASPAR, 1998) e nesse momento o processo de formação dos sambaquis e a organização do seu espaço interno passaram a ser um foco de pesquisa (AFONSO; DE BLASIS, 1994; BIANCHINI et al., 2011; DEBLASIS; GASPAR, 2009; FISH et al., 2000; GASPAR, 2000a).

Essa mudança de perspectiva culminou na pesquisa do Sambaqui Jabuticabeira II, localizado no município de Jaguaruna, cidade litorânea do Estado de Santa Catarina. O sítio foi estudado através do projeto Sambaquis e Paisagem a partir do começo dos anos 2000, e este estudo gerou mais de 30 datas, que vão de 988-1994 cal AP a 2779-3163 cal AP (FARIAS; KNEIP, 2010; KNEIP; FARIAS; DEBLASIS, 2018). Tendo como meta inicial compreender o processo de formação dos sambaquis através do estudo de grandes perfis, o projeto Sambaquis e Paisagem encontrou no sambaqui de Jabuticabeira II um contexto estritamente funerário e ao longo da pesquisa a perspectiva inicial de que sambaquis conjugavam o espaço doméstico ao espaço funerário, ambos construídos intencionalmente pelo acúmulo de conchas e ossos de animais, acabou sendo progressivamente substituída pela ideia de que sambaquis, ou pelo menos os grandes sambaquis, são estruturas intencionalmente construídas para servir a propósitos eminentemente funerários e simbólicos (DEBLASIS; GASPAR, 2009; KLOKLER, 2008).

As referências pontuais sobre os sepultamentos encontrados em sambaquis sempre foram comuns na literatura arqueológica brasileira mas poucos foram os estudos direcionados apenas a investigação de aspectos funerários (WESOLOWSKI, 2009). Algumas exceções anteriores a mudança de perspectiva mais recente, representada pela pesquisa do sambaqui de Jabuticabeira II, são os trabalhos de Dorath Uchoa (UCHÔA, 2007) e Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva em São Paulo (SILVA, 2005), de Lilian Cheuiche Machado (1983) e Lina Kneip (1977) no Rio de Janeiro. Alguns outros trabalhos apesar de terem uma perspectiva mais geral enfatizaram aspectos funerários, como é o caso dos trabalhos do Padre Alfredo Rhor (ROHR, 1962, 1959, 1960, 1961) Luis de Castro Faria (1959), Alan Bryan (BRYAN, 1993b) e Guilherme Tiburtius (TIBURTIUS, 1996), João José Bigarella, Guilherme Tiburtius e Arnaldo Sobanski (1954) para Santa Catarina, Wesley R. Hurt e Oldemar Blasi (HURT; BLASI, 1960) José Wilson Rauth (RAUTH, 1960, 1962, 1967, 1969a) para o Paraná.

A presença de ossos humanos em sambaquis é uma característica praticamente inseparável do sítio, mas infelizmente as estruturas funerárias nem sempre foram entendidas como importantes para a compreensão do sítio como um todo e a investigação de suas relações espaciais com os outros contextos dos sítios foi frequentemente negligenciada (MENDONÇA

DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013; SOUZA, 2003).

Desde meados da década de 1990 muitos estudos efetivamente Bioarqueológicos foram desenvolvidos sobre grupos sambaquieiros sobretudo em aspectos ligados aos marcadores de estresse tanto inespecíficos (SOUZA, 1995; (WESOLOWSKI, 2007) DI GIUSTO, 2017), como ocupacional (ABBAS, 2013; STABILE, 2017), paleopatologias dentárias com especial destaque aos trabalhos que procuraram inferir dieta e subsistência (BOYADJIAN, 2007; HUBBE, 2006; RODRIGUES-CARVALHO, 1997; WESOLOWSKI, 2009; WESOLOWSKI et al., 2007; WESOLOWSKI; NEVES, 1994), práticas funerárias (KNEIP et al., 1991; KNEIP; MACHADO, 1993; MACHADO, 2006; KLOKLER, 2008), microvestígios botânicos (BOYADJIAN, 2012; WESOLOWSKI, 2007), e afinidades biológicas e micro evolução (OKUMURA, 2007; OKUMURA; EGGERS, 2012). Mais recentemente começaram a ser desenvolvidos estudos sobre mobilidade e dieta baseados em análises de elementos traço (BASTOS, 2009, 2014).

Dentre os trabalhos mais extensos e aprofundados da década de 2000 dedicados especificamente aos padrões funerários, destacam-se as teses de doutorado de Daniela Klokler para Santa Catarina e de Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva para São Paulo. Mais recentemente várias dissertações de mestrado e teses de doutorado focadas em entender padrões funerários em sambaquis e outros tipos de sítios de ocupações litorâneas vêm sendo defendidas (ANDRADE, 2009; BERREDO, 2018; ESTANEK, 2016; OPPITZ, 2015; POMPEU, 2015).

A pesquisa de Silva (SILVA, 2005) voltada para as práticas mortuárias dos sítios Piaçaguera, Buração, Tenório e Mar Virado localizados no litoral centro-norte paulista, possuem datação entre 5040 a 1381 AP., com o objetivo de analisa-las comparativamente, a partir de variáveis culturais e biológicas, de um total de 203 inumações. Segundo o autor a análise dos dados mortuários, combinados com as formas culturais de subsistência de tecnologia e complexidade social resultou em uma síntese cultural das práticas mortuárias dos grupos dessa região. Para ele "os sepultamentos simbolizam uma referência cultural e definem níveis de complexidade social. A densidade dos recursos de subsistência pode estruturar as formas de mobilidade dessas populações, expressando-se, possivelmente, nos produtos funerários." (SILVA, 2005).

Já a pesquisa de Klokler (2008) propôs para o sítio Jabuticabeira II uma abordagem de análises dos contextos funerários a partir de estudos arqueofaunísticos dos sedimentos associados aos sepultamentos. A amostragem desenvolvida por Klokler (2008) teve como alvo

unidades sociais, pois segundo a autora a identificação de depósitos ligados a grupo de afinidades permitem o estudo do comportamento dessas unidades sociais e a associação entre seus membros. As práticas funerárias eram fundamentadas em banquetes funerários, entendida como processo construtivo do sambaqui, pois o sítio é composto por diversas áreas de sepultamento, o que levou a autora propor a ideia de que, *“vários grupos da região utilizaram simultaneamente os espaços do sítio para o enterramento de seus mortos, e a deposição de vestígios faunísticos gerou a expansão do sítio horizontalmente e verticalmente”* (KLOKLER, 2012).

Apesar da pesquisa no Sambaqui de Jabuticabeira II não ter sido desenhada com foco central na compreensão dos gestos e do padrão funerários e sim no processo construtivo do sítio, a enorme quantidade de sepulturas se impôs à pesquisa e o modelo de sambaquis funerários acabou emergindo (DEBLASIS et al., 2007; DEBLASIS; GASPAR, 2009; KLOKLER, 2008). Desde então o modelo do sambaqui funerário desenvolvido a partir do contexto estudado no Jabuticabeira II tem sido utilizado para pensar outros sambaquis e a partir dele foram elencados outros sítios como sambaquis funerários. Alguns exemplos de sambaquis funerários seriam: Sernambetiba/RJ, Amourins/RJ, Moa/RJ, Ilha da Boa Vista I/RJ, Piaçaguera/SP, Buracão/SP, Jabuticabeira II/SC, Cubatão I/SC, Morro do Ouro (SC-LN-42), Sambaqui do Cubatãozinho (SC-LN-40), Sambaqui de Congonhas I (SC-LS-30), Sambaqui da Carniça I (SC - LL - 13), Sambaqui de Cabeçuda (SC-LGN-02).

3 SER (OU NÃO SER) SAMBAQUIEIRO, EIS UMA QUESTÃO!

Os grupos que construíram os sambaquis do sul e sudeste estavam em um ambiente abundante de recursos necessários para sua sobrevivência, vivendo da pesca, caça e coleta, e possivelmente em alguns lugares executando manejo de vegetais ou uma horticultura incipiente, o que leva a inferir que fossem uma sociedade demograficamente expressiva, com pouca mobilidade, em um conjunto de unidades de ocupação, articulando relações de troca (AFONSO; DE BLASIS, 1994; GASPAR, 1991; PEZO-LANFRANCO, 2018; WESOLOWSKI et al., 2007).

Muitos desses sítios são marcos paisagísticos, grandes montes construídos ao longo de gerações por materiais do cotidiano, essencialmente conchas e ossos, lugar onde os mortos da comunidade são sepultados, aspecto que sugere uma unidade social para estes grupos (GASPAR, 1994, 2000b).

Em trabalho recentemente publicado sobre a região da laguna de Santa Marta/SC Andreas Kneip e colaboradores (2018) entendem que as comunidades sambaqueiras viviam em torno dos corpos d'água de forma articulada, e que a ocupação da laguna e seu respectivo entorno se dava por grupos convivendo concomitante, que permaneceram estáveis ao longo do tempo, reafirmando a ideia de que os agrupamentos de sambaquis correspondem, ao que os autores chamam de unidade sociológicas específicas.

A utilização do sambaqui como local de moradia foi indicada por alguns pesquisadores principalmente através de inferências feitas a partir da localização de muitas marcas de estaca nos sítios, no entanto estudos mais recentes em Santa Catarina revelaram que as estacas não estavam relacionadas a construção de cabanas, sendo elementos que compunham as estruturas funerárias. A partir dessa constatação uma revisão mais ampla foi feita sobre este tipo de ocorrência também em sítios em São Paulo e Rio de Janeiro, e vestígios claros de habitação não foram encontrados (GASPAR et al., 2013). O local de moradia ainda é um problema a ser solucionado pelas pesquisas, pois os estudos não mostram indícios concretos desses locais.

A construção dos sambaquis está ligada ao trabalho social desses grupos pescadores, caçadores e coletores e, considerando seu aspecto funerário e a manutenção do uso a longo de gerações, pode-se admitir que tenha sido mediada por regras sociais (GASPAR, 1994). Análises micromorfológicas realizada por Ximena Villagran (2014) indicam que o material construtivo repleto de carvões era transportado para os sítios a partir de outros locais,

sugerindo que eram provenientes de locais domésticos. Já Daniela Klokler (2012) sugere que parte do material viria dos locais onde ocorriam os festins e era (re)depositado na área funerária. A pesquisa de Tiago Atorre (2015) no entorno do sambaqui Figueirinha II revelou vários locais com camadas finas e escuras de material arqueológico soterradas pelas dunas, e as datações indicaram que esses locais estavam ativos no mesmo período dos sambaquis, podendo ser locais de onde vinham os materiais (re)depositados nos sambaquis.

Em um trabalho recente Klokler e colaboradores (2018) identificaram que os depósitos de origem funerária e de construção são diferentes quanto a sua composição, conteúdo e características físicas, sendo as camadas de construção predominantemente compostas por conchas enquanto nas camadas funerárias predominam os peixes. No caso dos sambaquis monumentais, os autores sugerem que os peixes e moluscos foram selecionados, capturados, processados, consumidos e depositados durante as atividades funerárias. Os elementos comuns, em rituais funerários, acabam sendo ressignificados pela crença ligada a transcendência da vida e da morte.

Os sambaquis são, portanto, atualmente compreendidos como cemitérios, ao menos os de grande porte, e o cuidado com o morto parece ter sido um elemento estruturador da sociedade sambaquieira (GASPAR et al., 2013). Os montículos construídos sobre os sepultamentos integraram o processo construtivo do sítio que se tornava “[...] *um lugar particular, resultado da concentração de material orgânico. Outros materiais poderiam ter sido usados, mas a escolha recaiu sobre aqueles intrinsecamente relacionados ao domínio alimentar*” (GASPAR, 2004) e deram forma e volume aos sambaquis que ao longo do tempo de seu uso tornaram-se marcos visuais na paisagem.

Análises do processo de formação baseadas em remanescentes faunísticos aliados a dados isotópicos de conchas, corroboram a importância dos moluscos por razões que vão além das questões de subsistência, indicando que a intenção de elevar os locais e promover sua proeminência é algo a ser considerado (KLOKLER; GASPAR; SCHEEL-YBERT, 2018).

Bianchini (2015) sugere momentos de visita às áreas de sepultamento indicando processos de reconstrução de espaços funerários onde provavelmente ocorria manipulação dos sepultamentos. Com a perda de um de seus membros a comunidade precisa se reorganizar em termos de papéis sociais e as práticas funerárias agem exatamente na mediação entre os vivos e o morto que conduz à reorganização social da sociedade, dessa forma como aponta Klokler (2012) “*festins poderiam ser entendidos como momentos de equilíbrio social e espiritual para essas comunidades costeiras*”.

Por trás das intenções cerimoniais, podem estar a preocupação desses grupos em consolidar elos de solidariedade entre os diversos grupos integrantes da comunidade (KLOKLER, 2008), pois as interações sociais, de acordo com Klokler (2012), podem ser promovidas por situações especiais como banquetes, atos de sociabilidade podem envolver além dos familiares, e as comunidades do entorno, “*esses encontros festivos facilitam a formação de alianças e rede de trocas, ganho de influência - prestígio ou status - ou a indicação da intenção de alcançá-la*” (KLOKLER, 2012).

A importância dos momentos funerários não é considerada apenas pela presença de animais peculiares para consumo, mas sim pela quantidade de alimento que é oferecida como parte da prática funerária, além da importância simbólica possivelmente atribuída aos moluscos, pois “[...] a ligação de moluscos com ambientes aquáticos pode ter garantido a atenção de grupos sambaqueiros para aspectos não-nutricionais de bivalves e gastrópodes” (KLOKLER, 2012).

Assim a utilização das conchas vai além de cobrir o morto e construir os montículos, elas são importantes por integrarem banquetes funerários, o *mound* exprime uma ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos, e o elemento que liga os dois mundo são os animais que formam as estruturas (KLOKLER, 2016, 2017).

Assim as práticas rituais serviam como reafirmação do pertencer, da ligação entre as comunidades, entre as pessoas e com a paisagem, uma paisagem onde se destacam os montes criados para os mortos, repleto de conotação simbólica (GASPAR; DEBLASIS; BIACHINI, 2018; KLOKLER, 2017). Para Klokler (2017) os enterros sob os montes de conchas são um esforço consciente para exibir e lembrar os mortos, para a autora os montes podem ser reprodutores do mundo aquático, lugar onde esses indivíduos se sentiram confortáveis.

A cultura material é considerada por Gaspar (2004) “*como suporte material, físico, concreto da produção e reprodução da vida social*” (p.159), ela constitui e conduz as relações sociais. Um objeto que chama atenção nesses grupos são as esculturas em pedra, elaboradas com muitos detalhes, que representam animais, e possuem cavidades que indicam terem sido utilizados para algum propósito específico. Esses objetos, que estariam ligados a momentos funerários, são encontrados em vários sambaquis ao longo da costa sul e sudeste, esses achados portando podem indicar uma comunicação entre esses grupos, uma ligação, que provavelmente contribuía para uma comunicação de ambientes distantes geograficamente (GASPAR, 2004).

Além dessas impressionantes esculturas, que ocorrem do Rio Grande do Sul a São Paulo (BELEM, 2012), a indústrias lítica, óssea, em dentes e concha também são importantes

e aparecem igualmente relacionadas aos sepultamentos, como por exemplo as contas feitas de conchas, muito frequentes nos sepultamentos infantis, que podem ter significados simbólicos, relacionado à passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos (SALADINO, 2016; KLOKLER, 2014).

Uma aproximação ao estudo de gênero, através de uma análise das relações entre sexo, idade, e mobiliário funerário, como adornos em ossos e conchas, ponta ósseas, corante e artefatos líticos, sugere que as variações observadas na associação entre indivíduos e acompanhamentos não se estabelecem em um padrão sexual ou etário, mas que existem cuidados específicos a determinado corpo ou agrupamento de corpos (ESCÓRCIO, 2008), conduzindo a autora à conclusão de que a sociedade sambaqueira talvez não se organizasse a partir de papéis de gêneros bem definidos, assim: “*a variabilidade na atribuição dos acompanhamentos funerários, e ausência de hierarquia estabelecida desenham uma sociedade bastante plástica em que aspectos conjunturais da vida social norteavam a relação entre os diferentes segmentos sociais*” (GASPAR; HEILBORN; ESCORCIO, 2011).

O estudo de Klokler (2008) em Santa Catarina sugere que as áreas funerárias podem corresponder em alguma medida a unidades sociais, grupos de pessoas que estariam conectadas a partir de algum critério que poderia ser parentesco (envolvendo em algum nível laços biológicos), mas também ideológicos, econômicos, políticos, cosmológicos.

Depois de uma grande estabilidade aparente no registro arqueológico sambaqueiro desde 6000 anos antes do presente, ainda que com variações regionais presentes, há aproximadamente dois mil anos, começaram a aparecer no litoral sítios que não se configuram exatamente como sambaquis *stricto sensu*. Nestes sítios as conchas que são conspícuas nos sambaquis tanto como elemento construtivo como simbólico, diminuem muito em quantidade fazendo com que os ossos de peixe se tornem mais visíveis, comparativamente (GASPAR et al., 2013; GASPAR, 2004; KLOKLER, 2008, 2012, DEBLASIS; FARIAS; KNEIP, 2014).

Na literatura estes sítios estão denominados de várias formas distintas: jazidas paleoetnográficas (ROHR, 1961; TIBURTIUS; BIGARELLA; BIGARELLA, 1951), acampamentos litorâneos, sítios de pesca e coleta não construídos (PROUS, 1992, 2006), montículos ictiológicos e sítios mistos – quando apresentam-se sobrepostos aos sambaquis propriamente ditos (VILLAGRAN, 2013), ou ainda “sambaquis tardios” (DEBLASIS; FARIAS; KNEIP, 2014) e se configuram por camadas de sedimento enegrecido, com muitos ossos de fauna, sepultamentos humanos e eventualmente fragmentos cerâmicos da tradição Taquara/Itararé, que são associados aos grupos Jê do Sul.

Pedro Inácio Schmitz (SCHMITZ, 2016) aponta que esses sítios atribuídos aos grupos Jê meridionais, em aspectos gerais, apresentariam uma cronologia recente, cerâmica presente em muitos sítios, assentamento em frente ao mar e características biológicas diferentes dos sambaquieiros, distinguindo-se também dos sítios Jê do planalto pelo local em que estão implantados na paisagem, o que permitiria aos grupos acesso à outros recursos ambientais.

João Alfredo Rohr, Scj (ROHR, 1959) definiu esses sítios, que denominou *jazidas paleoetnográficas*, como uma classe de monumentos pré-históricos, que apresentam todos os elementos de um sambaqui, como restos de ossos peixes, aves, mamíferos, carvão vegetal, mas com poucas conchas. Já André Prous (1992, 2006) os descreve como *acampamentos litorâneos e sítio de pesca e coleta não construído*, que podem estar, muitas vezes, presentes nos níveis superiores dos sambaquis. Outra característica desses sítios é a baixa elevação na paisagem (quando não estão sobre os sambaquis), característica que é frequentemente citada como elemento que os diferencia dos sambaquis, com estratigrafia de poucas conchas, camada de ocupação pouco espessa, coloração preta devido aos materiais orgânicos, com local de enterramento aos mortos em embasamento arenoso de dunas.

Pela composição essencialmente de restos de peixes esses sítios foram interpretados inicialmente como o produto de uma mudança na dieta das populações costeiras, e adoção de uma nova estratégia de subsistência baseada na pesca especializada, o que indicaria uma transformação na vida dos grupos sambaquieiros que então eram considerados especialistas em coletas de molusco (LIMA, 1999; VILLAGRAN, 2013). No entanto a realização de estudos zooarqueológicos e isotópicos revelaram que os grupos responsáveis por ambos os tipos de sítios tinham no consumo de peixe a parte principal de sua dieta (BANDEIRA, 1992; DE MASI, 2001; FIGUTI, 1993; NISHIDA, 2007).

As semelhanças no processo de formação entre estes sítios de acordo com Villagran (2014) podem estar relacionadas à manutenção de continuidades ainda que com mudanças, resultantes do contato com os grupos ceramistas, que poderiam incluir mudança dos aspectos residenciais, manutenção da característica de marco de identidade, e abandono do uso das conchas, elemento significativo para os sambaquieiros. Para DeBlasis e colaboradores (DEBLASIS; FARIAS; KNEIP, 2014), estes sítios indicam a presença progressiva dos grupos ceramistas do planalto na região costeira, fazendo contato ao longo de centenas de anos com a população sambaquieira, antes de finalmente se estabelecerem completamente na costa sul-catarinense em torno de 1000 AP. Este processo parece ter ocorrido com variações regionais ao longo de toda a costa catarinense, se não em todo o litoral sul-sudeste.

A existência da cerâmica Taquara/Itararé nesses sítios (VILLAGRAN, 2013) indica a influência dos grupos Jê no litoral, representando o contato do planalto com o litoral, havendo troca de material. Evidências dessas trocas entre as regiões são materiais da indústria lítica do planalto encontrado em sítios costeiros, e das esculturas em pedra dos sítios costeiros encontrados no planalto (PROUS, 1992; SCHMITZ et al., 1999; WESOLOWSKI, 2007). As pesquisas de Veronica Wesolowski (2007) também indicam relação entre planalto e litoral no norte catarinense, devido a grânulos de amido de pinhão encontrado em esqueletos escavados em sambaquis que apresentam em sua camada superior cerâmica Itararé-Taquara.

Para Villagran (2014), mesmo com o abandono das conchas e a inclusão da cerâmica, duas características dispare entre sambaquis e estes outros sítios, e as mudanças sociais ocasionadas pelo contato entre grupos de diferentes regiões geográficas, existe ainda uma continuidade nas atividades de construção dos montes, que pode ser entendida como uma forma de resistência, ou persistência, e dessa forma a identidade se manteria na redefinição dos resíduos utilizados para edificação dos montes e no processo de construção dos sepultamentos.

Assim como acontece com os sambaquis, estes outros tipos de sítios são estudados de maneira sistemática desde a década de 1950, e entre principais sítios pesquisados pode-se citar: Base Aérea – Rohr (1959); Pântano do Sul - Rohr (1977); Praia das Laranjeiras - Rohr (1978); Itacoara - Tiburtius, Bigarella e Bigarella (1953), Bandeira (2004); Enseada I (camada superficial) - Beck (2007), Bandeira (1992); Forte Marechal Luz (camada superficial) - Bryan (1993a); Armação do Sul - Schmitz *et al.* (1992), Oppitz (2015); Praia das Laranjeiras II - Schmitz *et al.* (1993); Tapera - Silva et al. (1990); Içara - Schmitz et al (1999); Galheta IV – Farias e DeBlasis (2006, 2007).

Os sambaquis de Enseada I e Forte Marechal Luz apresentam uma camada ictiológica superficial com presença de cerâmica Itararé-Taquara sobreposta a camadas estratigráficas típicas de sambaquis *stricto sensu* (BECK, 2007[1973]; BRYAN, 1977; BRYAN, 1993b; TIBURTIUS, 1996) e poderiam ser incluídos no conceito de sítios mistos de Villagran (2014) ou sambaquis tardios, segundo DeBlasis e colaboradores (2014).

Enseada I foi escavado por Guilherme Tiburtius (1996) e Anamaria Beck (2007 [1973]), e os pesquisadores indicam a ocorrência de duas camadas distintas compondo o sítio, o que foi interpretado por ambos os autores como duas ocupações diferentes. A camada superior, que pode ser caracterizada como sítio misto de Villagran (2014) ou sambaqui tardio segundo DeBlasis e colaboradores (2014), possui presença de bolsões de moluscos, mas é

composta por terra escura, ossos de peixes, mamíferos e aves, dentes de mamífero e tubarão, ossos de vertebra de baleia, além da presença de cerâmica. A camada inferior, sambaqui propriamente dito, é composta de conchas soltas principalmente *Anomalocardia flexuosa*, *Ostrea sp* e *Modiolus brasiliensis*, também possui ossos de baleias queimados, estruturas de conchas compactadas associadas a carvão e cinzas, e ausência de cerâmica. Os sepultamentos estavam presentes nas duas camadas (Beck, 2007[1973], Tiburtius 1996).

O sambaqui do Forte Marechal Luz, pesquisado por Bryan (1993) em 1960, assim como o Enseada I possui camadas distintas, mas opondo-se à proposta de Beck (2007 [1973]) Bryan interpretou que o sítio possui indicações de ter sido ocupado por um único grupo. O sítio foi dividido em sete zonas, com descrições estratigráficas que correspondem a diversos estratos. A Zona II correspondente ao sambaqui *stricto sensu*, possui camada de *Anomalocardia flexuosa* com presença de *Ostrea sp*, na qual foram encontrados artefatos, além de ossos de baleia com sinal de queima. A partir da Zona IV há evidência de cerâmica, com sedimento, o que passaria a caracteriza-lo como um sítio misto (VILLAGRAN, 2014) ou sambaqui tardio (DEBLASIS; FARIAS; KNEIP, 2014), as conchas diminuem e a camada orgânica escura aumenta, são encontrados ossos e dentes de animais, artefatos, lascas, dentre outros elementos. Os enterramentos estão presentes nas duas camadas (BRYAN, 1993a, 1977).

Mais recentemente a pesquisa zooarqueológica de Cardoso (2018) no sítio Galheta IV, identificou que sua formação se diferencia dos sambaquis por não ter estratigrafia formada por conchas, mas sim por remanescentes de peixes, aves e mamíferos, ainda que sua formação seja monticular. As análises indicaram uma diferença dos materiais associados às quadras com sepultamentos e às com acúmulo de concreção, indicando que animais estavam sendo levados inteiros para o sítio e sendo preparados para o consumo. O sítio além de estar sendo construído com forma monticular possui sepultamentos como elementos organizadores da sua construção.

Muito recentemente pesquisa paleogenética realizada (POSTH, C. et al, 2018) identificou que alguns indivíduos datados em cerca de 2000 AP do sambaqui de Jabuticabeira II (que apresenta tanto uma camada sambaqui *stricto sensu* como uma camada ictiológica – ou sambaqui tardio) possuem afinidade genética próxima com Kaingang, grupo Jê, ou seja, as análises sugerem que em algum nível Kaingangs possam ter uma ancestralidade sambaqueira ou pelo menos uma ancestralidade próxima compartilhada.

Assim, nos últimos milênios da ocupação sambaqueira parece ter havido o encontro entre sambaqueiros e grupos do interior, e que este encontro resultou em algumas

regiões em um tipo de interação que envolveu assimilação e transformação cultural, sem sinais de violência, enquanto que em outras algum nível de embate violento² ocorreu (caso do litoral central de Santa Catarina). De qualquer modo o final da ocupação sambaqueira em Santa Catarina parece ter sido um momento de grandes mudanças em seu sistema cultural, incluindo alterações em algumas práticas funerárias ao mesmo tempo que outros elementos funerários parecem ter sido incorporados nos novos sistemas culturais. Há cerca de 800AP já não havia sambaquis em qualquer ponto do litoral sul sudeste. A pesquisa relacionada à fase final dos sambaquis, à natureza e à dinâmica do contato com o interior e às mudanças sociais que ocorreram, ainda é relativamente pouca e muitas perguntas sobre o desaparecimento dos sambaquis e a presença dos grupos Jê no litoral ainda precisam ser elucidadas.

² Para uma discussão sobre esse aspecto ver LESSA; MEDEIROS, 2001

4 O SAMBAQUI DE CABEÇUDA

O sambaqui de Cabeçuda (Coordenadas UTM: 712560-6852169) está localizado em Laguna (SC), entre as lagoas de Santo Antônio ao sul e lagoa Imaruí ao norte, a sua implantação no epicentro da área lagunar, rodeado pelas duas lagoas lhe dá uma vista privilegiada (FARIAS, 2014). As datações para o sítio recentemente foram compiladas e calibradas, apresentando espectros entre 1387 – 1393 cal. AP a 4081 – 4417 cal. AP (KNEIP; FARIAS; DEBLASIS, 2018).

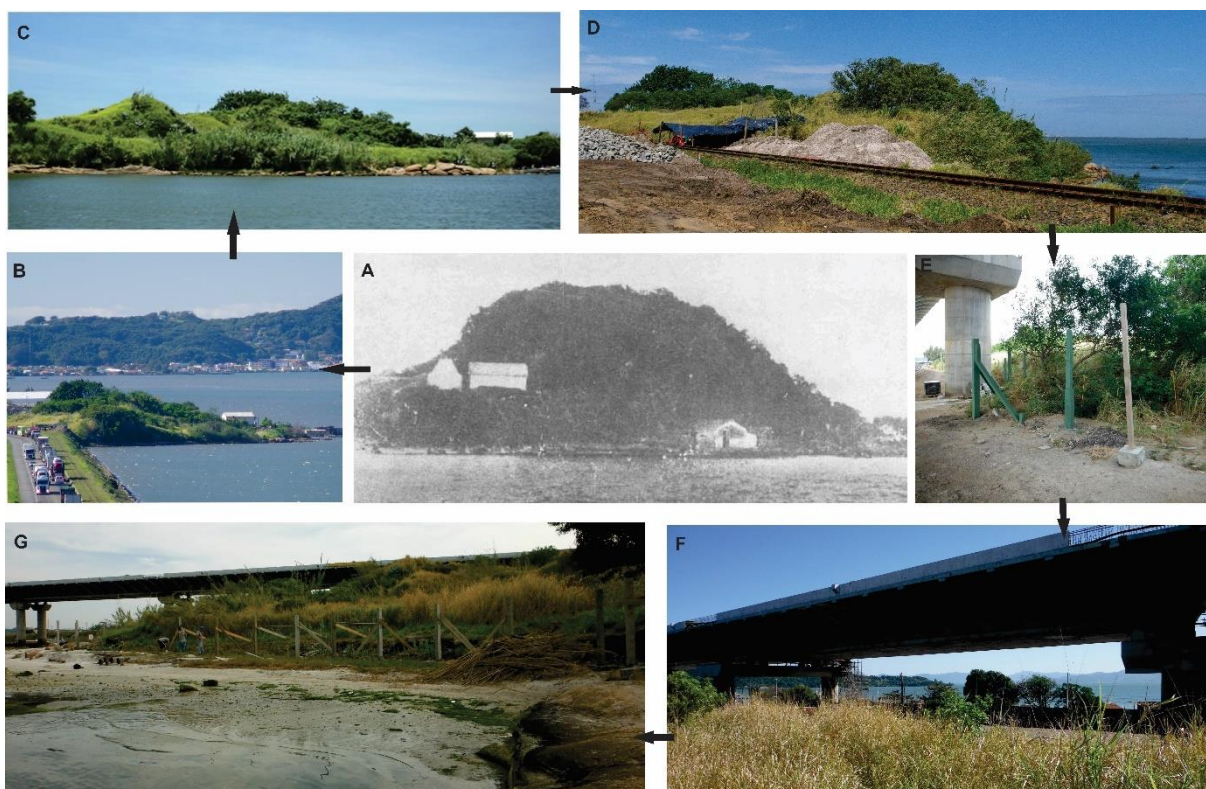


Figura 1: A: Vista da Lagoa para o sambaqui Cabeçuda em 1928; B: Sítio visto de longe, direção Sul/Norte da BR 101, em 2012 (detalhe para diferença de tamanho); C: Vista da lagoa para o sítio no ano de 2012; D: 2012 Vista para área escavada no salvamento emergencial em 2012, para construção da ponte Anita Garibaldi; E: Pilar da ponte fixado após o salvamento de 2012, foto de 2014; F: Ponte vista de cima do sambaqui, foto de 2014; G: Vista da beira da lagoa para a ponte (direção magnética aproximada: Sul/Norte), foto de 2014. Fontes: Castro Faria, 1959 (foto A); Scheel-Ybert, 2012 (foto C), e Acervo GRUPEP/Arqueologia.

João Alfredo Rohr relata na década de 1960 que “o sambaqui inicialmente deveria possuir uns quatrocentos metros de comprimento, por trinta de altura. Atualmente, além da base, existe dele ainda um ponto elevado de uns dez a quinze metros de superfície” (ROHR, 1962). Infelizmente o sítio sofreu contínua exploração do seu material conchífero utilizado para a produção de cal e material de aterro das estradas do município. Além disso, foi fortemente

impactado pela construção da ferrovia, entre as décadas de 1930 e 1940, e da BR-101 nos anos de 1970, por fim, tem sido afetado pela urbanização do bairro homônimo, cujas propriedades têm avançado sobre o sítio, destruindo-o parcialmente.

As diversas coleções formadas a partir das escavações do Sambaqui de Cabeçuda, para além das estruturas funerárias, foram intensamente estudadas e geraram artigos sobre morfologia craniana, afinidades biológicas, violência em populações sambaqueiras, adornos de conchas, adornos labiais, artefatos em geral, estudos paleopatológicos, para citar apenas alguns (CARVALHO et al., 2011; GASPAR, 2010; KLOKLER, 2014; LESSA; MEDEIROS, 2001; MELLO E ALVIM; SEYFERTH, 1969; RODRIGUES-CARVALHO, 1997; RODRIGUES-CARVALHO; MENDONÇA DE SOUZA, 1998).

O Sambaqui de Cabeçuda foi primeiramente escavado por Castro Faria na década de 1950 e sua pesquisa permaneceu a única por seis décadas. Mais recentemente, a partir dos anos 2010 outras pesquisas, tanto de projetos acadêmicos como de arqueologia preventiva, foram realizadas por pesquisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e pelo Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia da Unisul.

No que se refere às escavações e registros das estruturas funerárias nas etapas entre 1950 e 1951 foi escavada uma área de 14m x 10m, com profundidade que chegou até de 8,50m em alguns pontos (CASTRO FARIA, 1959). A estratigrafia, segundo Castro Faria (1959) era composta por camadas de conchas, com lentes de restos de peixes, principalmente bagres (Ariidae) e miraguaia (Sciaenidae), além de ossos de aves e mamíferos, e fragmentos de carvão. Havia presença de vestígios líticos compostos por pequenos blocos de granito e diabásio com marcas da ação do fogo.

De acordo com autor aproximadamente após 40 centímetros, e até 8,50 metros, apareceram dezenas de sepultamentos, que foram identificados em praticamente todos os níveis escavados, mas com duas concentrações de maior quantidade de sepultamentos, uma entre dois e três metros de profundidade e outra entre seis e oito metros de profundidade (CASTRO FARIA, 1959; MENDONÇA DE SOUZA, 1995). Após a profundidade de 5,20 metros os sepultamentos estavam marcados por blocos de pedra em posição circular, o que os diferenciava dos níveis superiores onde a frequência foi de apenas uma laje de pedra sobre o local da estrutura funerária (CASTRO FARIA, 1959; MENDONÇA DE SOUZA, 1995).

A datação direta de alguns sepultamentos escavados por Castro Faria estabeleceu o intervalo cronológico desta série pelo menos entre 1387-1393 e 1990-2161 cal AP (DI GIUSTO, 2017; KNEIP et al, 2018) (tabela 1).

Tabela 1: Intervalo cronológico dos sepultamentos escavados por Castro Faria

Sítio	Procedência	Amostra	Data convencional AP	Data calibrada AP
Cabeçuda	Beta 297831	Castro Faria MN tombo 1632	2030±30	1703-1860
Cabeçuda	Beta 297832	Castro Faria MN tombo 1750	1990±30	1620-1665
Cabeçuda	Beta 297833	Castro Faria MN tombo 1749	1800±40	1387-1393
Cabeçuda	Beta 297834	Castro tombo 1798	2290±30	1990-2161

Fonte: Adaptado de DI GIUSTO, 2017 e Kneip et al, 2018.

Alguns casos chamaram a atenção de Castro Faria como a presença de doze sepultamentos associados, ou seja entendidos como múltiplo, no nível de 7,30 metros, ou um sepultamento a oito metros de profundidade que estava depositado ao lado de uma escápula de baleia (CASTRO FARIA, 1959). Os sepultamentos dessa área de escavação são primários, simples, duplos ou múltiplos, estavam em decúbito lateral direito ou esquerdo, com os membros inferiores flexionados, e joelhos próximo a região do queixo. Já os membros superiores não possuem uma posição regular mas estão em maior frequência sobre o peito ou sob a face (CASTRO FARIA, 1959).

Quanto aos acompanhamentos líticos, foram encontrados relacionados aos sepultamentos machados de pedra, pontas polidas, bolas, quebra-coquinhos, amoladores, almofarizes. Os artefatos ósseos aparecem em menor quantidade, como as pontas de lança, por exemplo. Os adornos são compostos por colares elaborados por contas finas e circulares, feitas de conchas, que estavam presentes na maioria dos esqueletos, mas em maior volume associado as crianças (CASTRO FARIA, 1959).

As etapas realizadas em 1950 e 1951 resgataram um total de 191 sepultamentos de acordo com Castro Faria (1959), no entanto esse é um número que causa controvérsia em análises feitas por outros pesquisadores nessa coleção. Mello e Alvim, Seyferth (1969) descrevem 144 indivíduos escavados em 1950 e 83 escavados em 1951, totalizando 277 esqueletos. Mendonça de Souza (1990) estimou um número mínimo de indivíduos de 162 adultos e 83 jovens e crianças, no entanto o seu levantamento pelo número de registro de

tombamento é de 317 indivíduos. Por outro lado, recentemente, Marina Di Giusto (2017) revisitou esse material esquelético e cita um número mínimo de 252 indivíduos em sua dissertação. De qualquer modo a série esquelética escavadas nas campanhas de 1950 e 1951 parece segundo todas as estimativas contar com mais de duas centenas de indivíduos.

A presença de dezenas de sepultamentos levou Castro Faria (1959) a considerar o sítio como cemitério, além de caracteriza-lo como local de “acampamento demorado” devido a presença de “fogões”.

Após as escavações desse período o sambaqui de Cabeçuda voltou a ser estudado apenas na década de 2010 por projetos acadêmicos, inicialmente pelo projeto “Sambaquis e Paisagem” com intuito de recuperar informações sobre a área escavada por Castro Faria na década de 1950, posteriormente em 2011 e 2012 se deu continuidade às pesquisas no sítio pelos projetos “Sambaquis Médios, Grandes e Monumentais” e “Gente, plantas e bichos: uma investigação multidisciplinar sobre o ritual funerário em dois importantes sambaquis do sul de Santa Catarina”, sendo o último um projeto ativo que escavou o sambaqui recentemente (SALADINO, 2016). Além desses em 2012 o sítio também foi escavado no âmbito de um projeto de Salvamento Arqueológico.

As descrições a seguir relacionadas às escavações dos anos de 2010, 2011 e 2012 no âmbito dos projetos acadêmicos citados acima são referenciadas com base em SCHEEL-YBERT (2011, 2012) e Saladino (2016):

Nas escavações de 2010 foram pesquisados três *locus* no sítio. No *locus* 1 foram abertos quatro perfis dos quais sepultamentos foram identificados e resgatados; o *locus* 2 corresponde a uma intervenção feita no topo do sítio e na qual foi identificada uma estrutura de sepultamento, já na abertura do *locus* 3 não foi identificado sepultamento.

As intervenções de 2011 se debruçaram sobre as estruturas funerárias, fazendo uma escavação de superfície ampla com os objetivos de caracterizar o sítio como monumento funerário e compreender o contexto do material escavado por Castro Faria, sendo que os *locus* estudados foram os mesmos de 2010.

Assim em 2011, no *locus* 1 foi identificada uma área funerária com duas concentrações de sepultamento, os quais estavam estendidos e em decúbito dorsal. Havia também evidências vestigiais de fogueira. Os ossos de peixes estavam concentrados e próximos aos sepultamentos. O material lítico foi encontrado em todas as camadas estudadas, mas em maior volume nas estruturas da camada denominada de 35, com artefatos com marca de queima.

Alguns artefatos estavam diretamente associados aos indivíduos, outros estavam relacionados espacialmente, mas de forma mais esparsa. De acordo com o relatório de 2011 os líticos associados as estruturas funerárias parecem ter assumido uma função distinta da que tinha originalmente para ter uma representação particular nesse segundo momento da sua utilização (SCHEEL-YBERT, 2011). As datações realizadas nos indivíduos da etapa de 2011 mostram que eles são mais antigos que os sepultamentos resgatados por Castro Faria.

Tabela 2: Datações do *locus*1

Sítio	Procedência	Amostra	Material	Data convencional AP	Data calibrada AP
Cabeçuda	<i>Locus</i> 1 sep. 6	Beta 280009	Ossos humano	3870 ± 40 AP	3896-4147
Cabeçuda	<i>Locus</i> 1, perfil	Beta 280006	<i>Anomalocaria flexuosa</i>	4180 ± 60 AP	4081-4417

Fonte: Adaptado de Scheel-Ybert, 2011 e Kneip et al, 2018.

A escavação de 2012, com intuito de compreender a função e o processo de formação do sítio, deu continuidade ao estudo das áreas escavadas na etapa do ano anterior. Cabe salientar que mesmo com a revisita ao sítio os pesquisadores não conseguiriam identificar com clareza os *locus* das campanhas de 1950 e 1951 realizada por Castro Faria, devido à dificuldade de consulta aos documentos primários e também em decorrência das alterações que o sítio sofreu ao longo dos anos. Contudo, as análises da estratigrafia revelaram camadas arenosas, com presença de ossos de peixe, predomínio de conchas e com vestígios de carvão (SALADINO, 2016; SCHEEL-YBERT (2011, 2012), ou seja, camadas semelhantes aquelas descritas por Castro Faria.

Os sepultamentos encontrados estavam estendidos, em decúbito dorsal e com a mão apoiada sobre o ventre. Os sepultamentos infantis, e apenas eles, possuíam adorno feitos de conchas e uma quantidade expressiva de ocre. Os vestígios de fogueira também foram encontrados e em alguns pontos se estendia pelas quadras além do entorno imediato do esqueleto.

Quanto aos estudos voltados para os adornos nesse sítio, se destacam os trabalhos de Klokler (2014) com a coleção escavada por Castro Faria em 1950 e 1951, e de Saladino (2016) que estudou especificamente um sepultamento recuperado na escavação de 2012.

Klokler (2014) identificou nove tipos diferentes de adornos elaborados em concha, a saber: contas discoïdes, discoïdes com plataforma, discoïdes com lábio, discoïde com plataforma e lábio, simples sem ápice, simples com perfuração, simples sem ápice com perfuração, cilíndricas e pingentes.

Alguns exemplos de conchas utilizadas nessa produção são: *Dentalium* sp, *Ostrea* sp, *Pinctada imbricata*, *Olivella* sp, *Olivancillaria* sp., *Olivancillaria vesica* e *Megalobulimus* sp, sendo os quatro últimos os tipos mais usados.

As contas resgatadas por Castro Faria ultrapassam 16 mil peças, e vale destacar que elas são registradas em associação aos sepultamentos (CASTRO FARIA, 1959; KLOKLER, 2014). Apesar de outros sítios compartilharem dessa característica, o Sambaqui de Cabeçuda é um dos que possuem maior frequência de adornos em concha (KLOKLER, 2014).

A pesquisa de Saladino (2016) tratou das práticas mortuárias das populações sambaqueiras com base em um sepultamento infantil resgatado na campanha de 2012, estudando em detalhe seu contexto e utilizando referências especializadas para a revisão do próprio sítio e de outros sítios.

A autora identificou diferentes tipos de conchas utilizadas para elaboração dos adornos, como: *Nassarius vibex*, *Cerithrium atratum*, *Olivellas* sp e *Olivancillaria vesica*. O indivíduo também possuía um cinto de *Olivellas* sp, e um colar formado por contas de ápices de gastrópodes cortadas e perfuradas, associado a um pingente de conchas, três dentes de tubarão com perfuração e uma concha gastrópode.

O sepultamento estava em decúbito dorsal, e possui idade estimada entre sete e oito anos. Além do adorno malacológico citado acima o sepultamento também continha pigmento em algumas partes do corpo e concentração de conchas fechadas de *Anomalocardia flexuosa*. A estrutura funerária não possuía marcador de sepultura como blocos líticos, por exemplo (SALADINO, 2016).

Em síntese, Saladino (2016) destaca que nas etapas de 1950 e 1951 os sepultamentos possuem adornos de contas discoïdes e os esqueletos estão em decúbito lateral, já as campanhas de 2011 e 2012 há uma ausência de adornos de contas discoïdes, presença de adornos de ápices cortados e perfurados e os indivíduos se encontravam em decúbito dorsal.

Em setembro de 2012, no âmbito de uma pesquisa de arqueologia preventiva, foi realizada uma escavação em uma área de aproximadamente 50 metros quadrados (*locus* 6) na atual periferia do flanco oeste do sambaqui, local que seria afetado pela duplicação da BR 101, para a construção da ponte Anita Garibaldi. O salvamento foi realizado pela equipe do GRUPEP-Arqueologia da UNISUL, em parceria com MAE/USP e Museu Nacional/UFRJ. Nesta escavação foram identificados 23 sepultamentos³, além de vestígios zooarqueológicos, material lítico, antracológico, fogueiras e marcas de estacas.

As estruturas funerárias encontradas nessa etapa de escavação são o objeto de análise desta dissertação e estão descritas em detalhe no catálogo “Arqueografia Funerária: Sambaqui de Cabeçuda - *locus* 6” (volume 2). Neste catálogo estão tanto as informações primárias como constantes nos documentos de campo quanto as informações consolidadas decorrentes das análises e correções feitas no âmbito da presente pesquisa. As informações compiladas referentes aos sepultamentos escavados em 2012 na pesquisa de arqueologia preventiva são apresentadas de forma quantitativa mais adiante neste capítulo (item 6.1.5).

³ Número de sepultamentos conforme registrado em campo.

5. MÉTODOS

Esta pesquisa integrou (a) as informações publicadas, sistematicamente levantadas, sobre sepultamentos de sambaquis da região sul e sudeste, (b) a documentação primária de campo referente à escavação da área funerária do *locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda realizada em 2012 no âmbito de pesquisa de arqueologia preventiva, que está sob guarda do GRUPEP/Arqueologia – UNISUL, (c) análises de elementos presentes como acompanhamento funerário feitas por outros pesquisadores e disponíveis nos relatórios de pesquisa (d) a análise osteológica básica dos esqueletos recuperados nesta escavação. Envolveu também o uso de ferramenta de registro gráfico em 3D tanto para registro como para auxílio na interpretação das estruturas funerárias. Assim, o conjunto de métodos utilizados é bastante variado e será apresentado a seguir organizado em tópicos.

5.1. Levantamento de dados bibliográficos publicados

As informações publicadas sobre aspectos funerários de sambaquis do sudeste e do sul do Brasil foram localizadas através de levantamentos bibliográfico e sistemático. Os critérios de inclusão das obras no levantamento são: tipo de publicação, tipo de documento, data da publicação e língua da publicação, além da existência de descrição sobre os sepultamentos escavados. Os limites dos critérios de inclusão estão definidos na tabela 3.

Tabela 3: Critérios de inclusão do levantamento bibliográfico

Critério de inclusão	Limite de cada critério
Tipo de publicação	Artigos, teses, dissertações, notas, relatórios, documentação primária (texto, fotos e desenhos)
Data da publicação	Desde 1900
Língua da publicação	Português, espanhol, inglês e francês
Descrição de sepultamentos	Conter descrições pelo menos quanto ao tipo de sepultamento e posição dos esqueletos.

O levantamento bibliográfico foi realizado através de bases bibliográficas digitais que indexam obras de arqueologia, através da consulta a bancos digitais de teses e dissertações, principalmente através da Bibliografia Arqueológica Brasileira, publicada como “Arquivos do

Museu de História Natural e Jardim Botânico Oliveira - Bibliografia da Arqueologia Brasileira” (OLIVEIRA; PROUS; TOBIAS JR, 2013) e através dos bancos digitais de artigos científicos como JSTOR e Persée.

As obras de interesse identificadas no levantamento bibliográfico foram recuperadas e os atributos funerários de interesse para esta pesquisa foram compilados.

A expectativa inicial de que se pudesse levantar na análise da bibliografia publicada dados comparáveis com aqueles levantados diretamente para a área funerária do Locus 6 do Sambaqui de Cabeçuda não se verificou, e os dados levantados na bibliografia publicada são em sua maioria muito incompletos e não permitem a comparação válida com os dados primários levantados para a área funerária do Locus 6 do Sambaqui de Cabeçuda (para mais informações ver item 6.1.5.b). De todo modo, as informações obtidas no levantamento bibliográfico, apesar de não serem incluídas nesta pesquisa como dados de análise quantitativos para comparação de frequências, foram descritas (item 7) e subsidiam a discussão (item 8) dos resultados obtidos na análise direta dos sepultamentos recuperados na escavação da área funerária do Locus 6 do Sambaqui de Cabeçuda.

5.2. Análise da documentação primária - Área funerária - Locus 6 - Sambaqui de Cabeçuda

A documentação primária produzida no âmbito do projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”, realizado em 2012 foi toda analisada. Isto incluiu fotos, croquis, perfis, descrições, fichas e cadernos de campo.

Os diversos documentos que reportavam uma mesma informação foram confrontados para evidenciar inconsistências de registro de informação, o que não é incomum de ocorrer em pesquisas arqueológicas dadas às condições típicas em que o trabalho de campo se realiza. A redundância documental justamente serve à correção dessas inconsistências no momento da consolidação das informações arqueográficas, o que é, para o caso dos sepultamentos, um dos objetivos da presente pesquisa de mestrado.

Para aspectos gerais [como ossos avulsos, quantidade de sepultamentos, localização espacial dos sepultamentos (nível de escavação e quadrícula), relação estratigráfica entre sepultamentos] sempre que uma inconsistência no registro foi verificada foi feita a avaliação do conjunto de informações disponíveis, incluindo em alguns casos a própria análise

osteológica realizada especificamente para esta pesquisa de mestrado, e tomada uma decisão sobre qual informação seria utilizada e considerada consolidada. Como os casos em que esse ajuste foi necessário foram muito variados, para facilitar a compreensão do que foi feito os parâmetros de tomada de decisão serão apresentados juntamente com a descrição dos casos no capítulo 4.

Para aspectos específicos da análise das estruturas funerárias com vistas a caracterizar cada sepultura e inferir, na medida do possível, gestos funerários, devido à necessidade de aumentar a quantidade de informações disponíveis nas fichas de campo, padronizando a observação pelos parâmetros metodológicos próprios à abordagem bioarqueológica, todos os sepultamentos foram reanalisados através da documentação fotográfica e dos croquis, mesmo quando tinham fichas de campo descritivas produzidas na escavação. Neste caso, sempre que uma inconsistência de informação entre a ficha descritiva de campo e a reanálise foi encontrada considerou-se como dado válido o resultado da reanálise. As decisões tomadas e seus critérios serão apresentados mais adiante juntamente com cada descrição de caso específico com vistas a facilitar a compreensão (ver item 6.1).

Esta reanálise se apoiou na proposta de Mendonça de Souza e Rodrigues-Carvalho (2013), e Mendonça de Souza, Wesolowski, Lessa e Rodrigues-Carvalho (2013), procurando se aproximar na medida do possível também do que Henry Duda (2005, 2009) entende como Arqueotematologia. Foram priorizados aqueles elementos que poderiam ser melhor avaliados através da documentação primária e na medida das possibilidades de análise de cada caso específico foram considerados:

- Diferenciação entre depósito secundário (redepósito) e sepultamento: Para que um conjunto de ossos humanos possa ser considerado um sepultamento deve haver a evidência clara de intencionalidade em cada caso específico estudado, o qual se estabelece pelo contexto arqueológico em que o achado foi feito. No caso dos sambaquis, dada a característica funerária dos sítios, pode-se pressupor que houve intencionalidade na colocação dos corpos no local, por outro lado os processos tafonômicos podem alterar as estruturas ao ponto de não mais ser possível configurar um conjunto de ossos específico como um sepultamento propriamente dito, ou seja, ele pode ser o resultado de múltiplas redeposições não intencionais, misturando ao acaso ossos de indivíduos outrora sepultados separados no

tempo e no espaço. A identificação de relações anatômicas e articulações esperadas entre os diferentes ossos e a identificação de arranjos organizados de ossos são indicativos de sepultamentos

- Identificação de cada osso ou fragmentos ósseos: Em campo deve ser feito o registro da posição exata de cada osso ou fragmento, sua posição anatômica e relação com outros elementos ósseos. É preciso também documentar a relação entre os ossos e todas as outras partes da sepultura, bem como fazer um registro provisório de medidas osteológicas, do número de indivíduos, da idade e do sexo do morto. A análise a partir de fotografias é muito mais limitada e sendo assim o registro ficou restrita àqueles elementos ósseos claramente identificáveis na documentação.
- Classificação do sepultamento quanto ao tipo primário ou secundário: Sepultamentos primários podem ser reconhecidos pela presença de conexões anatômicas, a partir disso é possível reconstruir a posição original do morto, levando em contas as mudanças causadas pela decomposição. As articulações que se desorganizam mais rapidamente são mais úteis para determinar se um enterro é primário, além de observar a ordem geral dos remanescentes ósseos. Mas a ausência de conexões não constitui evidência suficiente para o sepultamento ser classificado como secundário, pois pode ser causada por agentes tafonômicos. De maneira geral um sepultamento se configura como secundário quando é possível perceber uma intencionalidade e organização dos elementos ósseos, que, no entanto, não se encontram em organização anatômica;
- Classificação do sepultamento quanto ao tipo simples ou múltiplo: Um sepultamento é considerado múltiplo quando possui mais de um indivíduo sepultado no mesmo espaço sepulcral, havendo elementos que permitam inferir a intencionalidade de sepultamento em um mesmo espaço. É necessário entender se os corpos foram depositados de forma simultânea ou em um espaço curto de tempo, ou se os sepultamentos foram separados por um longo período. Nem sempre a classificação é clara. Quando a colocação dos corpos ocorreu em um curto período é difícil saber se foi simultânea ou em dois depósitos sucessivos, da mesma forma as vezes não é possível distinguir entre um sepultamento realmente múltiplo, ou seja, todos os indivíduos foram colocados em um único espaço

sepulcral, e sepultamentos adjacentes muito próximos. Quando sepultamentos são feitos de forma adjacente ou no mesmo espaço sepulcral separados por tempo suficiente para que o primeiro corpo sepultado esteja decomposto pode haver deslocamento de ossos desse indivíduo, intencionalmente ou não, para o espaço sepulcral do novo corpo sepultado. É preciso caracterizar essas ocorrências não as confundindo com sepultamentos secundários, uma vez que elas são mais bem definidas como reduções, ou seja, ações de limpar uma área dos ossos de um sepultamento mais antigo para a colocação de um novo sepultamento.

- Caracterização das condições internas da sepultura: *Espaço vazio ou espaço preenchido e velocidade de preenchimento:* Entender se a decomposição do corpo ocorreu em um espaço vazio ou preenchido, e diferenciar se havia espaços vazios quando o corpo estava ainda completo ou se estes espaços se formaram em decorrência da decomposição é fundamental para inferir características da arquitetura da sepultura e se havia elementos percíveis que envolviam e protegiam o corpo. A existência de espaços internos e o tamanho deles podem ser inferidos por deslocamentos de ossos em posições instáveis. A velocidade de preenchimento dos espaços que se abrem em decorrência da decomposição pelo sedimento da sepultura também deve ser considerada pois afeta a forma como os ossos se movimentam. Quanto mais tardio é o preenchimento destes espaços maior é a possibilidade de movimentação dos ossos por gravidade e em geral preenchimentos tardios indicam que o corpo estava protegido por algum tipo de material que se decompõe mais lentamente. *Existência e tipo de cova:* As posições relativas dos ossos entre si, assim como as inclinações e padrões de quebra podem indicar tamanho e a forma do espaço em que o corpo foi colocado, assim como de havia uma cova propriamente dita e qual a forma dela. A relação entre os diversos ossos também pode ser usada para inferir se o corpo estava amarrado, em uma mortalha ou se foi colocado em uma cova muito pequena. Para a identificação de covas também é necessário considerar se houve interrupção da estratigrafia relacionada a sua escavação.
- Identificação da posição e da orientação do corpo: A posição em que o corpo foi colocado na sepultura, inclusive o detalhamento da posição dos membros superiores e inferiores deve ser analisada em conjunto com os aspectos que caracterizam as condições internas da sepultura. O posicionamento do corpo e sua orientação são considerados elementos

importantes na definição de padrões associados a práticas funerárias e a eles em geral estão associados aspectos simbólicos, no entanto é necessário diferenciar posições intencionalmente estabelecidas a partir de gestos funerários e posições decorrentes de movimentações provocadas pela decomposição do corpo ou por processos tafonômicos.

- *Acompanhamento funerário*: A colocação de objetos no interior da sepultura assim como alimentos, vestes e adornos do corpo (incluindo pintura e corantes) está relacionada com aspectos simbólicos que variam de um grupo ao outros. São elementos que permitem uma aproximação à aspectos como gênero, status e cosmogonia. A sua posição dentro do túmulo em relação ao corpo é importante pois frequentemente é o contexto do achado é que permite ao arqueólogo compreender a natureza do artefato e interpretá-lo como acompanhamento. No entanto, sua posição original só pode ser conhecida através de uma análise detalhadas de sua posição em relação aos ossos sendo necessário levar em conta as mudanças no volume do cadáver durante sua decomposição.

5.2.1. Registro e consolidação das informações: dados originais da documentação primária e dados da reanálise.

Considerando as propostas metodológicas elencadas acima no que concerne a análise de estruturas funerárias, as informações levantadas para os sepultamentos analisados nesta dissertação foram copiladas e consolidadas em fichas catalográficas individualizadas para cada sepultamento. Essas fichas organizam a informação consolidada, ou seja, toda a informação validada sobre o sepultamento e também a transcrição da documentação original de campo.

No processo de reanálise houve a produção de novos mapas de distribuição de sepultamentos, bem como a alteração de informações dos croquis originais o que gerou o desenho de novos croquis consolidados. O conjunto da ficha catalográfica consolidada e dos croquis individuais alterados compõe em seu conjunto o catálogo de arqueografia funerária para do *Locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda que se encontra no volume 2 desta dissertação. Finalmente, todas as informações consolidadas foram analisadas também quantitativamente e apresentadas em forma de frequências.

Para a confecção do Catálogo de Arqueografia Funerária do Sambaqui de Cabeçuda (volume 2, nessa dissertação) os dados extraídos da reanálise de toda a documentação

primária, consolidados, foram organizados na ficha catalográfica em categorias de informação compostas por um ou mais campos, as quais juntamente com o tipo de descrição e os valores (quando pertinente) que cada campo pode conter são apresentados a seguir. Sempre que uma informação não pode ser recuperada o campo respectivo permaneceu vazio.

1. Informações de identificação: (a). nome do sítio, (b). coleção, (c). instituição de guarda, (d). número do sepultamento, (e). quadra e (f). nível.

2. Perfil biológico: (a). sexo [masculino, feminino ou indeterminado], e quais os indicadores foram utilizados na estimativa; (b). idade (indicada em anos ou meses conforme o caso), e quais indicadores foram utilizados na estimativa.

3. Informações sobre a deposição do corpo:

- Tipo de sepultamento: (a). primário, secundário, cremação in loco, cremação re-depositada; (b). simples, múltiplo (de quantos?), (c). em recipiente - tipo do recipiente

- Orientação do eixo cabeça/pelve: (a). magnética e (b). geográfica

- Orientação da face: (a). magnética e (b). geográfica

- Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal, decúbito ventral, decúbito lateral direito, decúbito lateral esquerdo, sentado, posição não definida (motivo), outra (especificada caso a caso)

- Posição dos membros: (a). Inferior: estendido esquerdo e/ou direito, fletido até 45° esquerdo e/ou direito, hiperfletido em ângulo menor que 45° esquerdo e/ou direito, descrição da posição dos pés; (b). Superior: estendido esquerdo e/ou direito, fletido até 45° esquerdo e/ou direito, hiperfletido em ângulo menor que 45° esquerdo e/ou direito, descrição da posição das mãos

- Associação com outros esqueletos: não ou sim, (a). Quais esqueletos? (b). Qual associação?

- Delimitação de cova: não ou sim. (a). Se SIM indicar dimensões (em cm): comprimento máximo, largura máxima, profundidade máxima, nível (z) inicial, nível (z) final.

- Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): comprimento máximo, largura máxima, nível (z) mais elevado, nível (z) mais baixo.

- Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: comprimento máximo, largura máxima.

4. Informações sobre tafonomia:

- Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos, quebras transversais ao maior eixo dos ossos, compressão/deformação, deslocamentos, corrosão, incrustação, queima, ossos friáveis/pulverulentos, ossos amolecidos/pastosos, outras (especificadas).

- Perda de conexão anatômica: não ou sim - especifique onde e descreva;

- Integridade da estrutura funerária: intacta, distúrbio natural recente, distúrbio natural antigo, distúrbio antrópico recente, distúrbio antrópico antigo. Descrição analítica da tafonomia.

5. Transcrição da documentação de campo: inclui todo registro escrito feito como documentação primária durante a escavação.

6. Síntese analítica do sepultamento: constitui a interpretação de todas as informações compiladas para o sepultamento, sendo subdividida em (a) localização e estratigrafia; (b) características do sepultamento [incluindo acompanhamentos funerários].

5.3 Análise osteológica

Foram feitas as estimativas de sexo e idade, além do inventário ósseo de cada esqueleto recuperado. Para o inventário cada elemento ósseo inteiro ou fragmentado recuperado como sendo pertencente a um sepultamento foi identificado anatomicamente e lateralizado sempre que possível.

Naqueles casos em que ocorreu em laboratório a identificação de indivíduos que não haviam sido previamente identificados em campo estes foram numerados sequencialmente ao número do último sepultamento identificado na escavação (caso dos sepultamentos 24 e 25).

Da mesma forma quando a análise osteológica não corroborou a existência efetiva de um sepultamento identificado em campo, este conjunto ósseo foi desconsiderado e excluído da análise efetuada nesta pesquisa. Nestes casos, para não comprometer o registro do contexto arqueológico de campo seu número não foi alterado e os demais esqueletos também não tiveram sua numeração alterada.

Isso ocorreu com alguns conjuntos ósseos que estavam muito na superfície, que se configuram na realidade como materiais redepositados de maneira não intencional (ou seja, em deposição secundária não intencional – no sentido que Schiffer (1987) dá ao termo) - mas que no momento da escavação foram compreendidos como sepultamentos secundários. Ocorreu

também com conjuntos ósseos identificados na escavação como sepultamentos secundários, mas que na realidade diziam respeito à redução de uma sepultura mais antiga que foi afetada pela realização de um novo sepultamento, ocasião em que alguns ossos do sepultamento mais antigo foram rearranjados junto aos corpos recém-depositados.

As decisões tomadas referentes a casos específicos de exclusão ou inclusão de sepultamentos e os critérios utilizados serão apresentados mais adiante juntamente com cada descrição de caso específico com vistas a facilitar a compreensão (ver item 6.1.4).

As estimativas de sexo e idade foram baseadas no manual “Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History” de Buikstra e Ubelaker (1994), “Juvenile Osteology: a Laboratory and Field Manual” de Schaefer, Black e Scheuer (2009) e “Developmental Juvenile osteology” de Schaefer e Black (2000). Para os indivíduos neonatos e lactentes foram utilizadas medidas ósseas e dentárias, e também características de formação e desenvolvimento ósseo. Para juvenis foram priorizadas características de formação e desenvolvimento, particularmente dentárias, sem a utilização de medidas para além daquelas referentes aos germes dentários. As idades foram estimadas em anos ou meses, conforme o caso, no menor intervalo possível e assim registradas na ficha catalográfica do indivíduo/sepultamento.

Para o tratamento quantitativo dos dados as idades foram relacionadas a categorias etárias mais amplas. As categorias, ou faixas, etárias utilizadas nesta pesquisa seguem aquelas empregadas em trabalhos anteriores (FISCHER, 2012), inclusive com esta série esquelética (DI GIUSTO, 2017), adaptadas do que foi proposto por Jane Buikstra e Don Ubelaker (1994) com o intuito de uma melhor caracterização principalmente dos indivíduos juvenis. São elas:

- Neonato - idades de semanas gestacionais até recém-nascido
- Lactente - 1 mês a 2 anos
- Criança - 3 a 12 anos
- Adolescente - 13 a 17 anos
- Adulto Jovem - 18 a 25 anos
- Adulto - 26 a 40 anos
- Adulto Maduro - 41 a 50 anos
- Adulto Velho - acima de 50 anos

5.4. Estabelecimento do trajeto do sol no horizonte: Nascente e poente nos solstícios de inverno e verão.

Para explorar possibilidades interpretativas e organizacionais para a variação observada nas orientações do eixo crânio-pelve, as quais estão relacionadas com a escolha do direcionamento do corpo feita no momento de sua deposição, foi estimado o trajeto feito pelo sol no horizonte com a marcação dos pontos de solstício (inverno e verão) e equinócio (primavera e outono) tanto para o nascente como para o poente.

Para realizar esta estimativa foi utilizada a plataforma SunCalc⁴, que mostra o movimento solar em um tempo e um local especificado. Para que fossem calculados os pontos extremos de nascimento e pôr do sol nos solstícios de verão e inverno, assim como os pontos intermediários dos equinócios, informou-se ao programa as coordenadas do Sambaqui de Cabeçuda como o ponto determinado para observação do movimento que o sol faz a partir do momento que nasce até se pôr, bem como as datas de início do inverno, verão, primavera e outono.

Na Figura 2, encontra-se o exemplo do cálculo da trajetória do sol como observada no Sambaqui de Cabeçuda no solstício inverno. A linha de cor laranja representa o ponto do nascer do sol, a linha vermelha o momento em que o sol se põe, o círculo laranja representa o sol e a linha amarela mostra o trajeto deste no arco celeste entre o nascente e o poente. No caso da Figura 19, os pontos que foram registrados como de interesse para esta pesquisa foram o do nascer e o do pôr do sol.

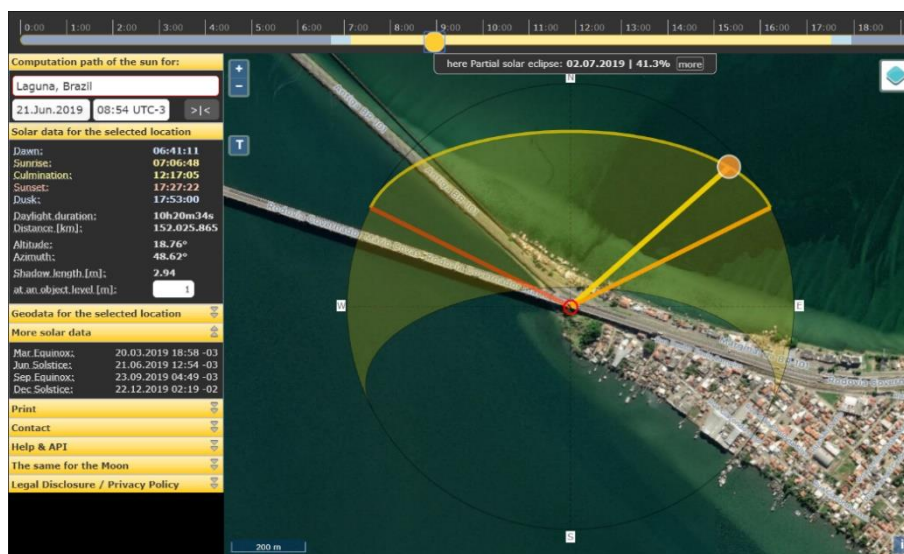


Figura 2: Exemplo do cálculo da trajetória do sol observada no Sambaqui de Cabeçuda.
Fonte: suncalc.org

⁴ Acesso a plataforma: www.suncalc.org

As figuras geradas para cada uma das datas de interesse foram copiadas da plataforma SunCalc e sobrepostas a uma planta de distribuição dos sepultamentos, considerando-se os devidos ajustes de escala e orientação do norte, em seguida foi elaborado um novo mapa de distribuição dos sepultamentos agora com a inclusão dos pontos de solstício e equinócio no nascer e no poente.

5.5. Acompanhamentos funerários: Artefatos e vestígios faunísticos

Para a caracterização de um artefato como “acompanhamento funerário” é necessário que seja possível estabelecer um vínculo entre ele e o corpo sepultado. Em geral esse vínculo é espacial e deve ser estabelecido em cada caso individual. Alguns autores propõem que, em sambaquis, a área de associação de artefatos e estruturas ao sepultamento é ampla (Klokler, et al 2013; Mendonça de Souza e Rodrigues-Carvalho, 2013).

Após a revisão de toda a documentação primária relativa à escavação da área funerária do *locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda não ficou claro qual foi a área no entorno do sepultamento que foi considerada como associada a ele e muito menos se ela foi considerada de maneira homogênea para todos os sepultamentos.

Assim alguns critérios foram assumidos para que um artefato fosse considerado como acompanhamento funerário:

1. Todos os artefatos coletados com a referência explícita de que estavam associados ao sepultamento são, nesta pesquisa, considerados acompanhamentos funerários, independentemente de terem sido plotados e de aparecerem ou não nos croquis e fotos.

2. Artefatos que possuem uma forma muito características e estão claramente perceptíveis nas fotos dos sepultamentos como diretamente associados ao corpo, possuindo coordenadas X,Y,Z compatíveis com o sepultamento, são considerados acompanhamentos mesmo que não tenham sido assim identificados no momento da coleta;

3. O conjunto de artefatos que não aparecem em croquis ou fotografias, e não foram coletados em campo como associados ao sepultamento, mas que foram recuperados no peneiramento do sedimento, entendido como sedimento relacionado ao sepultamento, foram considerados apenas como **prováveis** acompanhamentos devido dificuldade de estabelecer sua relação específica com o corpo, e o peso dado a eles na interpretação é menor, pois é preciso considerar a possibilidade que fossem objetos decorrente da deposição do sedimento de recobrimento do corpo.

4. Não foi possível estabelecer, no caso das sepulturas múltiplas, a qual indivíduo específico os acompanhamentos identificados dizem respeito, por isso as análises referentes a estes casos foram todas qualitativas considerando-se a sepultura como um todo. Assim estes acompanhamentos não integram as análises quantitativas apresentadas nesta dissertação.

No caso dos sambaquis a noção interpretativa de acompanhamento funerário extrapola aquela de objetos (artefatos) colocados junto ao corpo para incluir a própria matriz do sambaqui, composta por vestígios faunísticos, decorrente de atividades intencionais que compõe o conjunto de atividades funerárias, que poderiam incluir banquetes, preparação da área de deposição e recobrimento do corpo (BERREDO, 2018; BIANCHINI, 2015; KLOKLER, 2008, 2012; NISHIDA, 2007). Assim, análises arqueofaunísticas são importantes para a compreensão dos processos construtivos das áreas funerárias e das práticas fúnebres como um todo, e foram na medida do possível incluídas nesta dissertação com um caráter exploratório uma vez que não foram sistematicamente produzidas para todos os sepultamentos.

O mesmo problema enfrentado para os artefatos se colocou aqui - a inconsistência de registro do que foi considerado ou não associado a um sepultamento específico. No caso dos restos arqueofaunísticos esta dissertação considerou como associados aqueles recuperados em amostras de sedimento coletadas com a referência explícita de estarem associadas a um sepultamento, ou ainda os produzidos durante esta pesquisa pela escavação de sepultamento infantil (sepultamento 23) retirado em bloco e ainda não trabalhado anteriormente.

5.5.1. O material lítico

O material lítico do Sambaqui de Cabeçuda foi analisado por Paulo DeBlasis, e as informações utilizadas nesta dissertação constam no relatório da pesquisa organizado por Deisi Farias (2014) referente ao projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”.

O relatório dá conta de que esse material foi organizado em famílias de vestígios devido à grande variabilidade morfológica, litológica, funcional e tecnológica, além da grande variedade de artefatos, tendo como base os padrões de análises de coleções líticas feitos anteriormente para sambaquis da região sul de Santa Catarina (propostos por Fabiana Belém 2010).

De acordo com o relatório (Farias, 2014) o entendimento de artefato utilizado na análise feita por Paulo De Blasis integra tanto objetos que se encaixam na visão tradicional de "suportes intencionalmente modificados por processos de *façonnage* [...], quanto os materiais naturais (geralmente seixos) que apenas exibem desgastes sistemáticos e recorrentes provocados pelo uso [...]" p.284, que na análise foram associados a critérios morfológicos, tecnológicos e funcionais, resultaram em nove famílias de vestígios/artefatos: lascados, fragmentos, térmicos (FCR), seixos, manos, elaborados, gumes transversais, depressões cupuliformes e basais. Contudo, mesmo que essas famílias tenham peças com características semelhante, elas não representam peças idênticas quer seja pela forma, tecnologia ou função (Farias, 2014). Cabe destacar que toda nomenclatura utilizada corresponde a mesma referida na análise da indústria lítica e constante nas fichas de análise no relatório (Farias, 2014).

Dessa forma, nesta pesquisa foram tomadas as seguintes decisões metodológicas para o que se considerou acompanhamentos funerários líticos:

1 – Durante o campo os vestígios líticos relacionados aos sepultamentos foram coletados sem a informação de um nível Z, o que dificulta o mapeamento da relação específica entre um determinado lítico e o corpo, sendo necessário considerar que alguns líticos estão na área do sepultamento como componentes do sedimento.

2 – Os líticos considerados como acompanhamentos foram referidos nesta dissertação a partir de dois itens dos atributos de análise: família e classe (anexo 03) mas nem todas as classes foram consideradas. A tabela 4 especifica quais classes foram consideradas como acompanhamentos funerários e quais não foram.

Tabela 4: Classes incluídas e classes não incluídas como acompanhamento funerário

Família	Classes incluídas	Classes não incluídas
Elaborados	Bola, risolis, chapeleta dupla, indefinido, espatuliforme, sem descrição	
Basais	Almofariz côncavo e plano	
Depressões cupuliformes	Duplo e sem descrição	
Fragmentos	Artefato, fragmentos de artefatos, almofariz plano, basal, bipolar	Lasca, fragmento de seixo, sem descrição (s/d)
Gumes transversais	Lâmina, cunha, sem descrição	

Lascados	Artefato, fragmento de artefato	Fragmento de lasca, Lasca, sem descrição
Manos	Polidor, disco, suportes alongados, sem descrição	
Seixos	Seixículo*	
		FCR – s/d

* Considerado apenas do sepultamento 16 por se tratar de um adorno – ver item 6

3 - Dentro do atributo família o vestígio “FCR” não foi considerado como acompanhamento por se tratar de materiais termicamente alterados, as denominadas pedras fraturadas pelo fogo (fire-cracked rocks) (Farias, 2014). Estas não foram consideradas como artefatos de acompanhamento, por serem um *proxi* de outras estruturas, por exemplo fogueiras, estas sim elementos potencialmente integrantes do funeral, ou ainda por integrarem sedimento redepositado (VILLAGRAN, 2014).

4 - A classe “sem descrição (s/d)” e “indefinido” dos vestígios das famílias Elaborados e Depressões Cupuliformes e Manos permaneceu inclusa, mesmo que não refine a identificação do vestígio, pois essas famílias são consideradas artefatos.

5 - A classe “fragmento de lasca e lasca” da família Lascados e a classe “lasca, fragmento de seixo e sem descrição (s/d)” da família Fragmentados não foram consideradas acompanhamentos. Ainda que estes objetos pudessem estar dispostos em associação ao sepultamento de forma intencional (Souza, et al 2013), optou-se por não os incluir devido a sua relação espacial específica com os sepultamentos não ter sido registrada.

6. A família seixos foi excluída em todos os casos menos um pela falta de registro da relação espacial específica com os sepultamentos. O único objeto desta família incluído é um adorno que aparece claramente associado nas fotografias com a região sub-auricular do indivíduo 16, o que levou a sua interpretação nesta dissertação como um adorno auricular (*piercing*). Como ele foi classificado na análise original do material lítico como seixo essa classificação foi mantida.

5.5.2. O material arqueofaunístico

A análise do material faunístico foi realizada por Jéssica Mendes Cardoso, a partir das coletas das amostras zooarqueológicas, que foram feitas de diferentes formas: coleta seletiva no peneiramento dos sedimentos provenientes da escavação, em associação as estruturas funerárias, amostragem sedimentológicas nos perfis, coletas eventuais de superfície durante a limpeza das quadras e dos perfis (Farias, 2014). Contudo o estudo dessa coleção foi feito de forma parcial e geral.

A análise do material foi realizada com o objetivo de alcançar o táxon mais próximo à espécie (Farias, 2014). No tocante às amostras associadas aos sepultamentos as análises foram parciais pois o sedimento coletado junto aos sepultamentos não foi todo processado até o momento da publicação do relatório (Farias, 2014). Dessa forma o material estudado é relativo apenas àquele coletado durante a escavação e o peneiramento do sedimento em campo, onde as peças foram resgatadas.

As amostras analisadas, relacionadas apenas aos sepultamentos, somam 766 peças de espécies semelhantes as encontradas no restante do sítio. Os peixes ósseos aparecem em maior frequência, seguido dos mamíferos, moluscos (diferentes de *Anomalocardia flexuosa*) peixes cartilagosos, répteis e aves (Farias, 2014) (anexo 1). Contudo o material analisado para o relatório (Farias, 2014) apresenta apenas uma visão geral sobre as espécies presentes na área escavada.

Esta dissertação considerou também a análise zooarqueológica detalhada referente aos sepultamentos 5[24.25] e 23 a qual foi feita igualmente por Jéssica Mendes Cardoso que cedeu os dados para sua inclusão neste trabalho (anexo 2). A seleção desses sepultamentos se deu devido à necessidade de triar as amostras de sedimento referente ao sepultamento 5, para recuperação dos ossos de dois indivíduos (um neonato e um lactente) denominados de sepultamos 24 e 25 e pela avaliação de que esta era uma oportunidade para ampliar as informações disponíveis sobre sepultamentos infantis em geral. Nessa mesma perspectiva de potencializar informações o sepultamento 23 foi selecionado por se tratar de um indivíduo lactente, retirado em bloco e escavado em laboratório neste caso com contexto bem controlado e registrado em maior detalhe.

5.6. Vendo as coisas em 3D: Fotogrametria e a distribuição espacial dos sepultamentos

5.6.1. Representação da distribuição espacial dos sepultamentos em perspectiva 3D

Um mapa com a distribuição espacial dos sepultamentos em perspectiva 3D foi elaborado pelo pesquisador Guilherme Batista Machado, para uso nesta dissertação, a partir dos softwares *ArcScene* e *ArcMap*, ambos da *ESRI*. Com a ferramenta *ArcMap*, os sepultamentos foram digitalizados e georreferenciados a partir dos dados topográficos obtidos nas escavações realizadas no sítio, bem como dos dados da base cartográfica criada a partir do processamento dos dados de campo. No aplicativo *ArcScene*, foram inseridos os dados das diferentes altitudes em que os sepultamentos foram registrados, permitindo sua espacialização nos eixos X, Y e Z (largura, comprimento e altura). Com os sepultamentos plotados no ambiente computacional, foram geradas as imagens em perspectiva dos sepultamentos desejados⁵ (anexo 5). Esse mapa de distribuição, permitiu uma melhor interpretação da relação espacial mantida entre os sepultamentos (e a distribuição dos ossos avulsos na área escavada - ver item 6.1.4).

5.6.2. Fotogrametria

A fotogrametria foi produzida apenas com o sepultamento 23 aproveitando o fato de que foi retirado em bloco e escavado em laboratório, o que permitiu que fosse feita uma documentação fotográfica adequada à fotogrametria. As fotos foram feitas pelo pesquisador Alexandre Demathé, o processamento e construção do modelo foi realizado pelo pesquisador Guilherme Batista Machado, ambos do GRUPEP/UNISUL.

O modelo tridimensional permite a documentação acurada de elementos como o relevo interno da sepultura e permite reanálises bastante precisas após a escavação. Para criação do modelo tridimensional do bloco do sepultamento 23 foi utilizado o software *Agisoft Photoscan* (www.agisoft.com/about/) com licença de demonstração e o modelo foi reconstruído a partir de 68 imagens do bloco, adquiridas com a câmera fotográfica *Canon PowerShot G15*.

⁵ Link para acessar o modelo 3D dos sepultamentos no *sketchfab*: <https://skfb.ly/6QvnS>



Figura 3: Imagem utilizada no processamento fotogramétrico. Fonte: Alexandro Demathé



Figura 4: Imagem utilizada no processamento fotogramétrico. Fonte: Alexandro Demathé

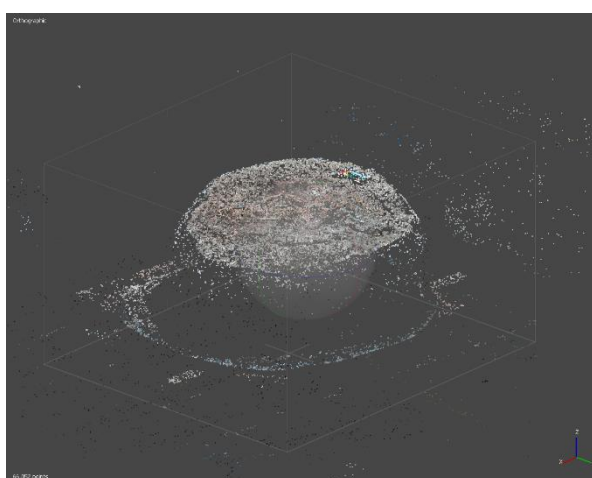


Figura 5: Nuvem esparsa de pontos. Fonte: agisoft

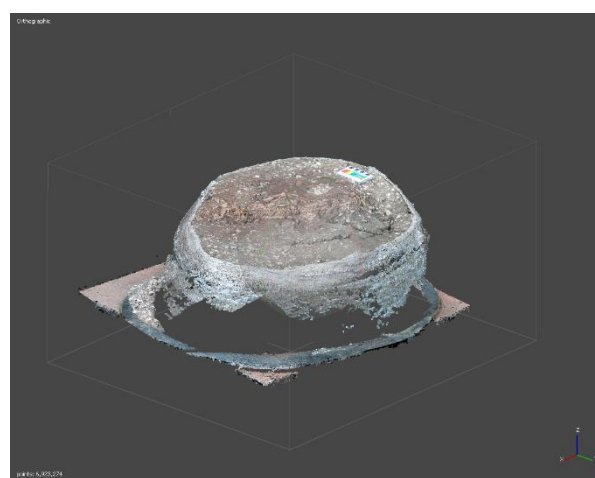


Figura 6: Nuvem densa de pontos. Fonte: agisoft

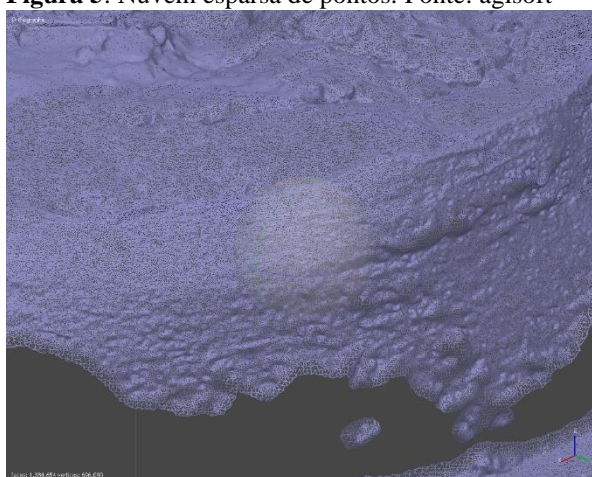


Figura 7: Reconstrução da superfície do modelo (triangulação dos pontos). Fonte: agisoft

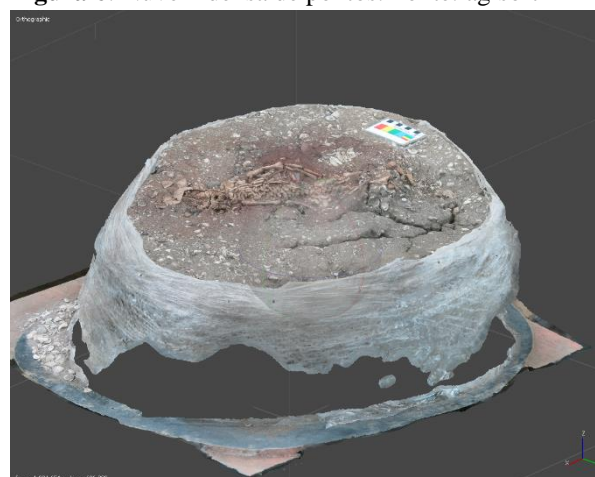


Figura 8: Modelo 3D com textura. Fonte: agisoft

O processamento das imagens no software foi realizado seguindo as etapas (www.agisoft.com/support/tutorials/beginner-level/) descritas no manual do usuário da ferramenta, que consistiu: alinhamento das imagens e construção da nuvem esparsa de pontos, totalizando 66,052 pontos; Construção da nuvem densa de pontos, totalizando 6,923,27 pontos;

Reconstrução da superfície do modelo 3D a partir da triangulação dos pontos obtidos na etapa anterior, totalizando 1,384,654 faces; E, por fim, a construção da textura do modelo.

Com o objetivo de apresentar o modelo 3D do sepultamento 23 de maneira acessível e prática optou-se pela sua disponibilização na plataforma online *Sketchfab*⁶ e a criação de um vídeo, em que o modelo 3D gira em seu próprio eixo, permitindo sua visualização em diferentes perspectivas (anexo 5).

O modelo 3D exportado do Photoscan foi disponibilizado no site do Sketchfab, porém com qualidade reduzida, devido a limitação de tamanho máximo do modelo na versão gratuita da aplicação. A disponibilidade do modelo na plataforma permite com que qualquer pessoa tenha interação total com o modelo 3D, desde que tenha conexão com à internet e um dispositivo com suporte para gráficos 3D atuais.

Para criação do vídeo, foi utilizado o software da *Blender Foundation* chamado *Blender*, conhecido por permitir a criação, edição e apresentação de modelos 3D. Com o modelo 3D exportado do Photoscan e importado para o Blender, foi possível realizar a renderização da cena gerando uma sequência de 251 imagens. As imagens foram importadas para o software de edição de vídeos da *Microsoft*, o *Windows Movie Maker*, onde foram posicionadas sequencialmente para criação de um arquivo de vídeo no formato *mp4*.

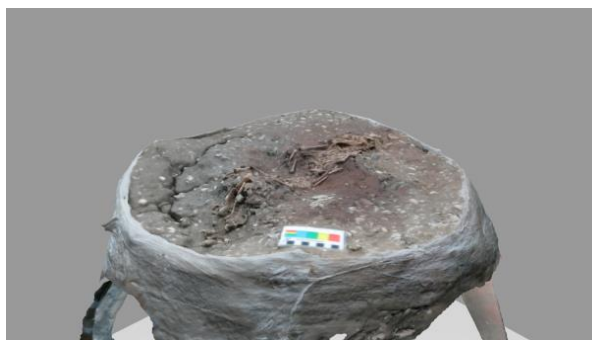


Figura 9: Imagem utilizada para a criação do vídeo com o modelo 3D. Fonte: *Blender*

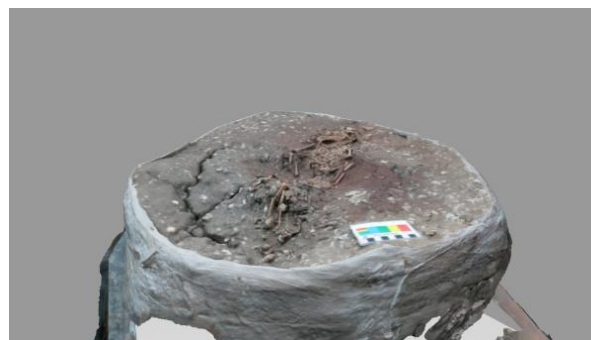


Figura 10: Imagem utilizada para a criação do vídeo com o modelo 3D. . Fonte: *Blender*

⁶ Link para acessar o modelo 3D do sepultamento 23 no *sketchfab*: <https://skfb.ly/6L6oT>

6 O *LOCUS* 6 DO SAMBAQUI DE CABEÇUDA

6.1 Apesar do campo: Usando a documentação primária para (re)analisar as estruturas funerárias do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda.

Nesta seção são apresentados os resultados das análises da documentação primária tanto geral como referente às funerárias propriamente ditas recuperadas nas escavações arqueológicas realizadas estruturas em 2012 no âmbito do projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”, sob responsabilidade do GRUPEP/Arqueologia⁷. Estes resultados incluem a reconfiguração, inclusive quantitativa, da série de sepultamentos assim como alterações de localização espacial, inclusive altimétrica destes sepultamentos.

Embora esta seção apresente efetivamente resultados originais decorrentes da (re)análise feita a partir da documentação primária ela não apresenta uma estrutura típica esperada em um capítulo de resultados pois são introduzidos no texto elementos que são mais propriamente entendidos como métodos. Como informado no capítulo 35. MÉTODOS desta dissertação isso foi feito para facilitar para o leitor a compreensão das decisões tomadas durante a análise da documentação primária, as quais efetivamente alteraram esta documentação e, por sua vez, produziram no processo novos documentos e interpretações.

6.1.1. A área escavada: seus documentos e seus sepultamentos como registrados em campo

A área escavada em superfície ampla no flanco oeste do sambaqui possuía 50 m² e em sua parte superficial apresentava uma camada de moinha (concha moída) devido às diversas interferências antrópicas que o sítio sofreu. Antes do início da escavação foram retirados, com máquina, aproximadamente 80 centímetros de camada remexida. Após a retirada dessa camada a área a ser escavada foi estabelecida e delimitada por uma estrutura de madeira (FARIAS, 2014).

A área, sinalizada em vermelho na Figura 11, foi escavada em níveis artificiais estabelecidos a partir de um ponto zero que foi fixado na parte superior da estrutura de madeira nivelada que delimitava a área de escavação (Figura 12).

⁷ Em parceria com MAE/USP e Museu Nacional/UFRJ

Além dessa área escavada em superfície ampla, outras intervenções através de trincheiras (Figura 11), foram necessárias em determinados pontos próximo ao sítio para delimitar a sua extensão⁸.

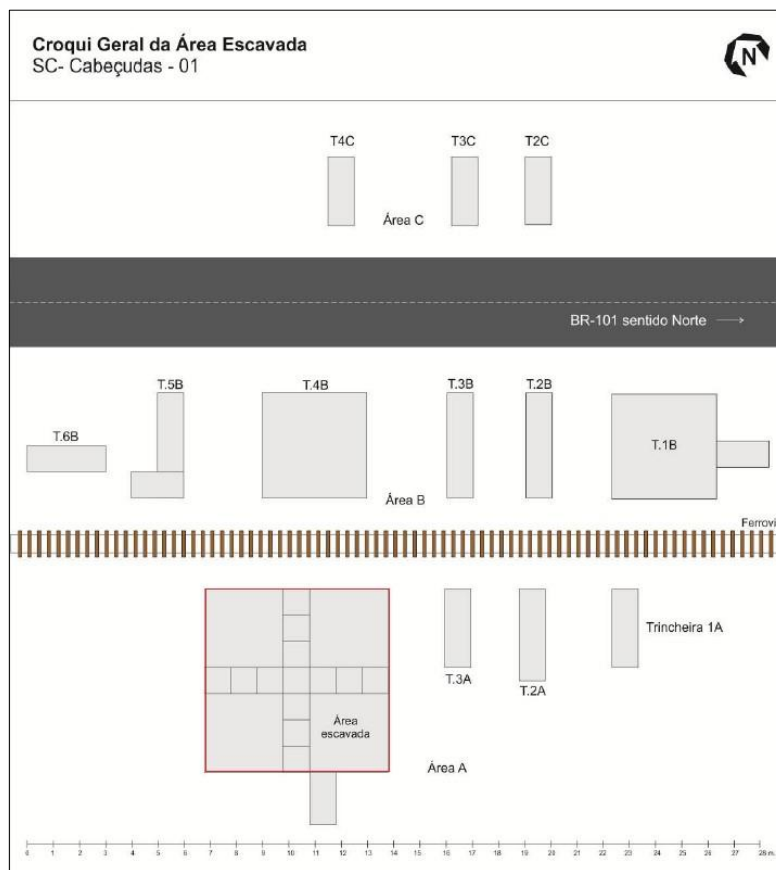


Figura 11: Croqui geral das intervenções realizadas no sambaqui de Cabeçuda.
Fonte: Farias, 2014.

Apenas na área de 50m² escavada em superfície ampla foram evidenciados sepultamentos. Foram vinte e três (23) sepultamentos formalmente registrados na documentação de campo, todos concentrados em uma parcela menor, cerca de 20 m², da área escavada, e foi esse o número do qual a presente pesquisa partiu. No entanto, este número não foi corroborado após a análise da documentação de campo e o estabelecimento do número real de sepultamentos/indivíduos é um dos resultados atingidos, nessa dissertação, após a análise e consolidação de toda a informação de campo e da análise dos conjuntos ósseos e será apresentado mais adiante (item 6.1.4).

⁸ Mais informações consultar: FARIAS, 2014

A pesquisa gerou uma quantidade grande de documentação primária, que inclui aproximadamente 2441 itens, a qual foi totalmente reanalisada para esta dissertação. A quantificação desta documentação segundo o tipo de documento encontra-se na Tabela 5.

Tabela 5: Documentação gerada no salvamento do sambaqui Cabeçuda-01

Material primário	Quantidade
Fichas de sepultamento (digitalizadas)	24
Fichas de curadoria (sepultamentos)	19
Diários de campo	85
Croquis de Perfil (digital)	8
Croquis de Perfil (original)	8
Croquis sepultamentos (digital)	14
Croquis sepultamentos (original)	14
Croquis quadra (digital)	12
Croquis quadra (original)	12
Fotos sepultamento	437
Fotos perfis	47
Fotos quadras gerais	1681
Amostras triadas em laboratório (Sepultamento 5 [24-25] e sepultamento 23)	28 (amostras)
Amostras triadas em laboratório (Ossos avulsos encontrados na fauna)	52 (amostras)
Total	2441

6.1.2. É mais pra baixo! Não, é mais para cima! Os sepultamentos, a altimetria e os perfis.

A relação estratigráfica que os diversos sepultamentos mantêm entre si e com as estruturas e camadas observadas nos diversos perfis é um dos aspectos de análise importantes para a compreensão das práticas funerárias em sambaquis. Logo no início da análise da documentação primária foi observada a grande inconsistência entre os níveis registrados nas fichas de campo dos sepultamentos e aqueles registrados nos desenhos de sepultamentos que estavam inseridos nos registros gráficos dos perfis estratigráficos. Ou seja, alguns

sepultamentos estavam registrados concomitantemente em dois níveis muito diferentes, um na ficha e outro no desenho de perfil.

Assim, para compreender a distribuição espacial dos sepultamentos no sítio, foi necessário primeiro compreender qual era natureza do equívoco de registro e em que ponto da produção da documentação primária ele ocorrera, corrigi-lo e apenas então produzir os documentos de análise espacial da distribuição dos sepultamentos.

O processo que levou aos ajustes necessários no registro altimétrico dos sepultamentos e em seguida aos dados consolidados da sua distribuição é descrito a seguir:

1- O nível zero foi estabelecido para a escavação sobre a estrutura de madeira (destaque vermelho na (Figura 12) que delimitava a área escavada e que se apoiava sobre a superfície do sítio apenas no lado sul da área de escavação. Na medida em que a escavação avançou, houve um equívoco e o registro do nível zero passou a ser referenciado a partir da superfície do terreno (destaque azul na Figura 12).



Figura 12: Linha vermelha nível zero da escavação, linha azul superfície da escavação.
Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

2. O nível original dos sepultamentos

Durante a escavação os níveis dos sepultamentos foram estabelecidos a partir da superfície da área escavada (terreno) e não a partir do nível zero estabelecido para a área de escavação. Como exemplo tome-se o sepultamento 1: o registro de nível a partir da superfície

do sítio fez com que fosse anotado em sua ficha “Nível 1” pois ele encontrava-se nos primeiros 10 cm escavados. No entanto, a superfície da quadra na qual ele se encontrava já estava entre 80 e 90 cm abaixo do nível zero (fixado sobre a estrutura de madeira) portanto este sepultamento estava na realidade no nível 9 e não no nível 1. O registro nas fichas dos outros sepultamentos segue a mesma lógica de medida a partir da superfície.

O equívoco aparece quando se compara os níveis dos sepultamentos registrados nos desenhos do perfil sul com os níveis dos mesmos sepultamentos registrados nas fichas de sepultamento de campo e verifica-se que a altimetria não é a mesma. Por exemplo: enquanto o sepultamento 15 tem o registro de ficha dado como nível 13, no desenho de perfil ele está colocado no nível 21. Isso fica evidente no perfil sul porque deste lado do sítio a armação de madeira que delimita a área de escavação e marca o nível zero encontra-se apoiada sobre a superfície do sítio.

Como a área superficial da escavação era irregular o registro de nível dos sepultamentos a partir de sua superfície, e não do ponto zero, fez com que sepultamentos que poderiam estar relacionados em um mesmo plano estratigráfico acabassem sendo registrados em planos estratigráficos distintos.

Ficha de Sepultamento			
Sítio	<u>São Cab 7</u>	Nº sep	<u>15</u>
Município	<u>Laguna</u>		
Tipo de sítio	<u>Sombria</u>	Etapa de campo	<u>Sítio</u>
Data	<u>25/09</u>		
1) Localização		2) Descrição da cova	
Locus	<u>A1</u>	Dimensões da cova:	
Quadra	<u>F1</u>	Comprimento	<u>3,05m</u> (as pernas e pés continuam dentro do perfil)
Nível	<u>13</u>	Largura	<u>70cm</u>
UTM		Espessura	<u>30cm</u>

Figura 13: Registro da ficha de/ campo (recorte) do sepultamento 15, no nível 13.

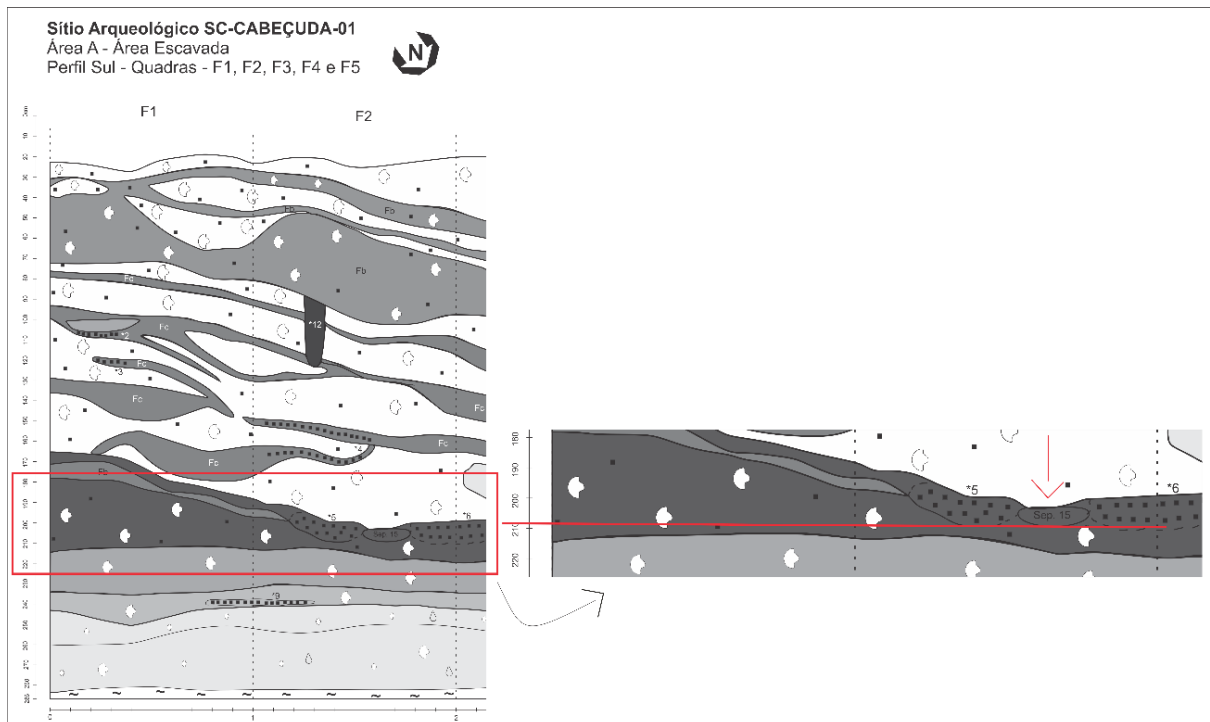


Figura 14: Desenho do perfil Sul: em destaque a direita o sepultamento 15 representado no perfil no nível 21.

3 - Níveis dos Perfis Sul, Leste e Oeste

A análise dos perfis desenhados em campo, durante a escavação, revelou que os croquis e as fichas dos sepultamentos não registraram a altimetria correta do sítio, ou seja, os croquis/fichas não estavam registrados a partir do nível zero estabelecido para a escavação, mas a partir da superfície do terreno. No geral essa parte superficial era composta por moinha, e nos desenhos de perfil foi registrada mais frequentemente já abaixo do nível zero (estrutura de madeira), no entanto em vários pontos do sítio sua altura excedia o nível zero marcado sobre a armação de madeira.

Os croquis originais apresentam uma linha guia de desenho a partir da qual as camadas foram registradas tanto acima quanto abaixo. Nesses desenhos a profundidade da linha

guia em relação ao zero da escavação (localizado sobre a armação de madeira) é sempre dada em metros. Por exemplo, nos desenhos originais do perfil sul esta linha guia foi registrada 140 cm abaixo do nível zero. O desenho deste mesmo perfil registra a superfície do sítio há 120 cm acima da linha guia, logo abaixo da armação de madeira (Figura 15). A diferença de 20 cm entre as duas referências corresponde exatamente a largura das tábuas utilizadas na armação de madeira que delimitava a área de escavação.

Usando esta linha guia de desenho presente nos croquis originais de campo a escala altimétrica dos desenhos dos perfis sul, leste e oeste foi ajustada.

Locus 6 - Área A
Perfil Sul - Quadras - F1, F2, F3, F4 e F5

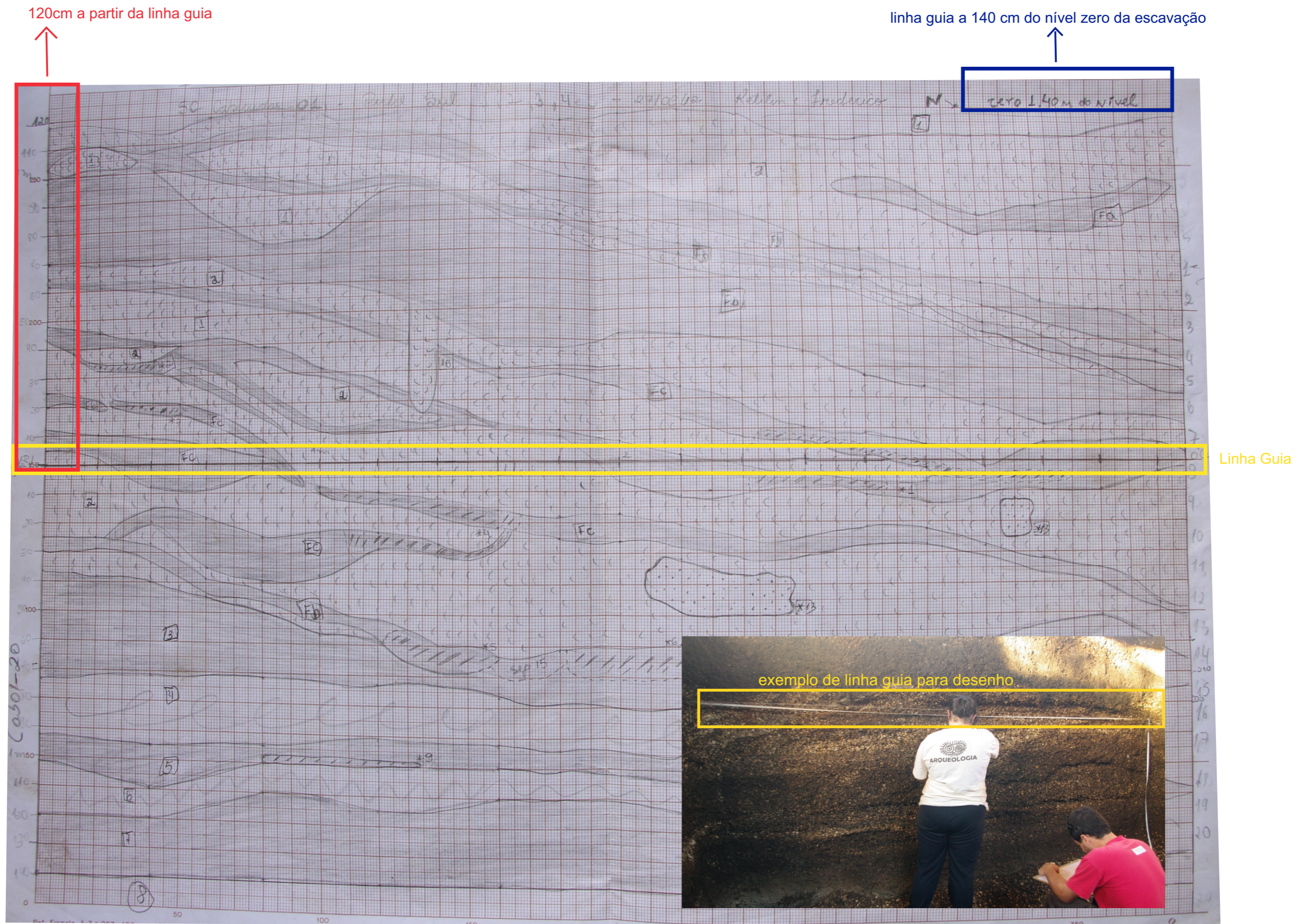


Figura 15 : Desenho original do perfil sul. Amarelo: linha guia; Azul: anotação em referência da linha guia ao nível zero; Vermelho: desenho registrado até 120cm a partir da linha guia

A seta número 3 na Figura 16 corresponde a posição da linha guia no croqui original (Figura 15), as setas 1 e 2 são respectivamente o início e o final dos 20 centímetros acrescentados, que não estavam representados no desenho original, para completar os 140cm de distância entre a linha guia do desenho original e nível zero da escavação (colocado sobre a armação de madeira).

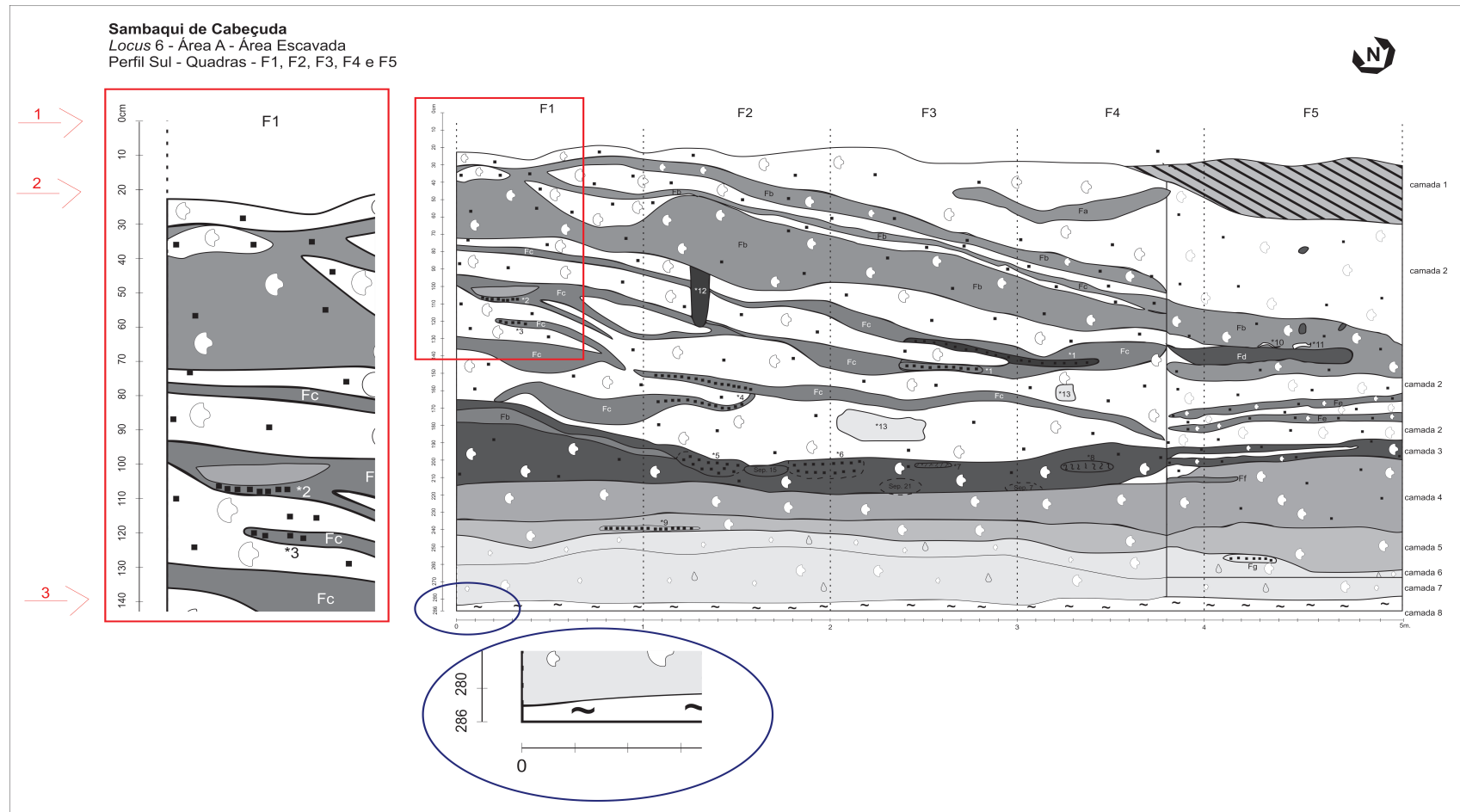


Figura 16: Desenho digital do perfil sul após ajustes da altimetria. Fonte: Adaptado de Farias (2014).

Após a altimetria ajustada os perfis ficaram com medidas entre 2m 80cm a 2m 90cm (círculo azul na Figura 16), antes do ajuste os perfis tinham alturas muito diferentes nos ângulos em que se interconectavam por não estarem desenhados até o ponto zero e sim até a superfície e/ou moinha.

4 – Níveis do Perfil C Norte e Perfil C Sul

O *perfil C Sul* possuía uma linha guia de referência nos desenhos que permitiu relacioná-lo com o nível zero da escavação (estrutura de madeira) e estabelecer a altimetria correta (como foi feito nos perfis Sul, Leste e Oeste).

Já o *perfil C Norte* não possuía linha de referência para estabelecer a relação com o nível zero e fazer o ajuste, por isso a correção altimétrica foi feita relacionando o Perfil Oeste com o Perfil C Norte. Considerando a dificuldade de encontrar referências absolutas para a correção da altimetria deste perfil, é necessário admitir que mesmo as medidas corrigidas podem embutir um nível de erro mais alto que para os demais perfis.

As referências utilizadas para a correção da altimetria desse perfil foram:

- Perfil Oeste com altimetria ajustada
- Sepultamento 2 utilizado como ponto de referência no Perfil Oeste. Este sepultamento foi usado por estar nas fotos de campo próximo aos sepultamentos 9 e 10, que por sua vez estavam próximos ao Perfil C Norte.
- A análise do conjunto de fotos da escavação, junto a altimetria do sepultamento 2 (nível 18) já determinada (Figura 17), indica que os sepultamentos 9-10 estão a 10 centímetros abaixo do sepultamento 2.
- O nível dos sepultamentos 9 e 10 foi determinado inicialmente pelo nível da ficha, que era estabelecido a partir da superfície do terreno tomando o perfil C Norte como referência, pois estes esqueletos se encontravam muito próximos a este perfil. Neste caso a ficha registra nível 11, dessa forma a localização desses dois sepultamentos foi determinada contando 110 centímetros abaixo da moinha no croqui do perfil C Norte.

- Os dados confrontados entre os sepultamentos 9-10 e 2 corroboram, indicando os sepultamentos 9 e 10 no nível 19.

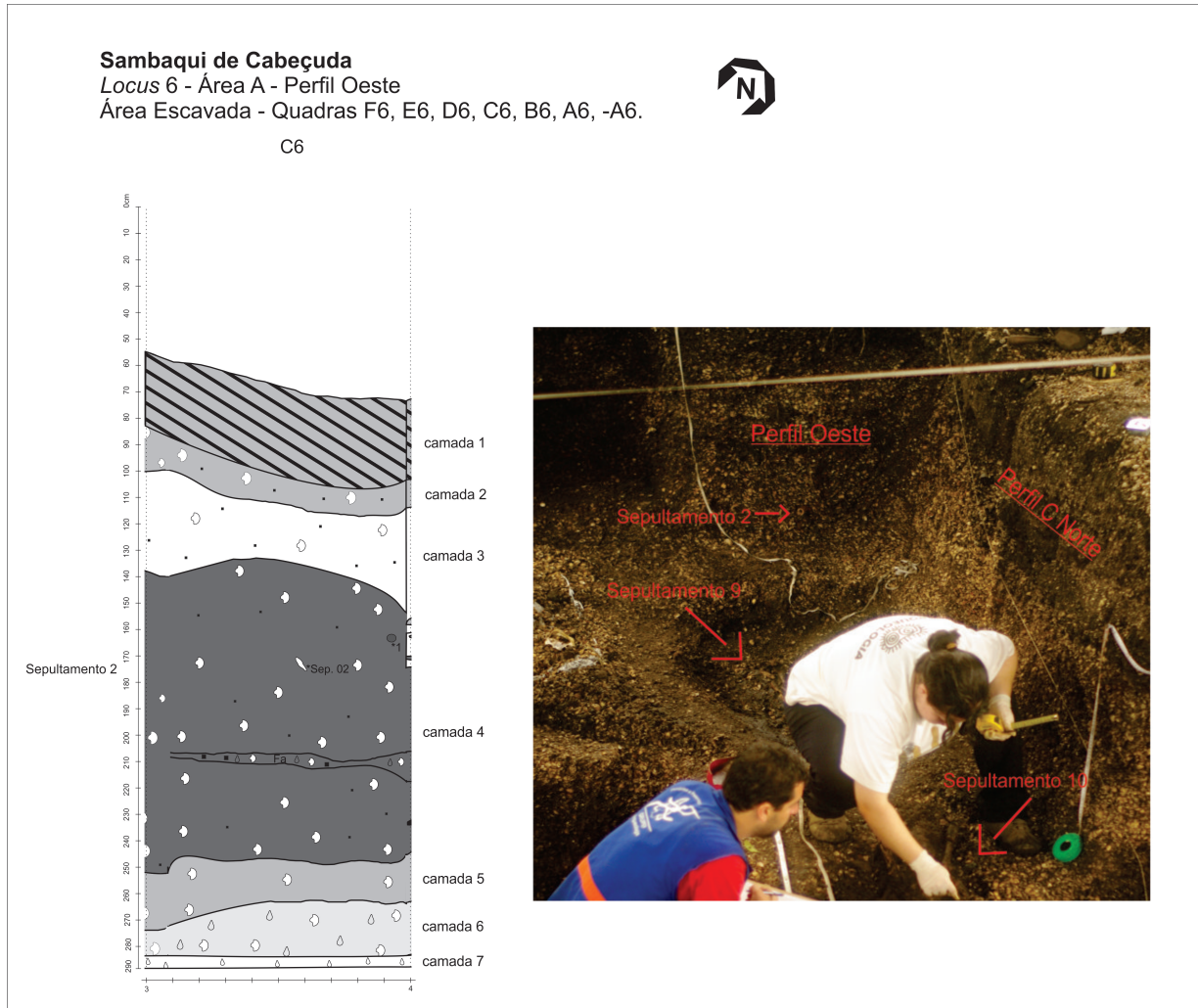


Figura 17: Perfil Oeste e Foto com referências dos sepultamentos e perfis.

Sambaqui de Cabeçada
Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Norte
Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0

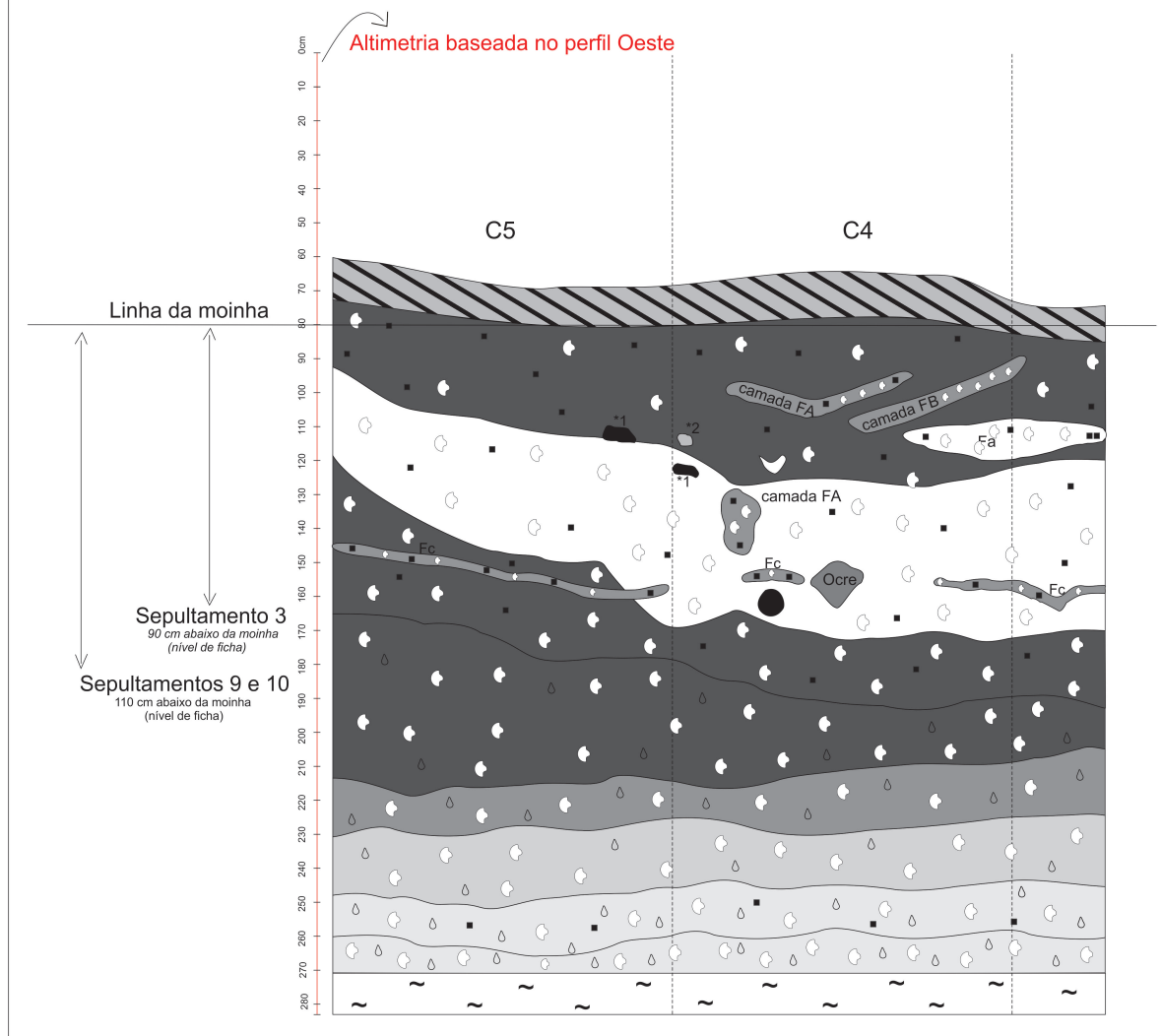


Figura 18: Perfil C Norte com a altimetria ajustada.

5 – A altimetria dos sepultamentos após os ajustes

Com todas as altimetrias dos desenhos de perfis ajustadas (anexo 4) os sepultamentos que estavam relacionados diretamente com perfil tiveram os registros de seus níveis alterados com base nos perfis, com isso os níveis das fichas foram desconsiderados (Tabela 6).

Para os sepultamentos que não estavam diretamente ligados aos perfis foram utilizadas fotos de campo como comparação, por exemplo: o sepultamento 6 estava muito próximo aos sepultamentos 12 e 13 (associados ao perfil oeste), com base neles o nível do sepultamento 6 foi estimado pelos dois indivíduos que já tinham os níveis estabelecidos. Esse mesmo ajuste foi feito com o sepultamento 23.

Já os sepultamentos 20 e 16 não estavam referenciados nos perfis, mas seus níveis foram determinados com base no perfil devido a sua proximidade com o mesmo, sendo o sepultamento 20 relacionado aos perfis Sul e Oeste, e o sepultamento 16 relacionado com o perfil Leste.

Tabela 6: Sepultamentos com níveis atualizados

Sepultamento	Nível de Ficha	Nível Atualizado
2	10	18
3	9	17
4	7	14
5	7	15
6	16	23
7	13	21
8	15	24
9	11	19
10	11	19
11	10	18
12	16	24
13	16	24
15	13	21
16	12	21
19	16	24
20	20	29
21	13	21
23	15	21
24	não foi registrado em campo	15
25	não foi registrado em campo	15

6.1.3. “Oriente-se, rapaz...”: as quadras, o norte e a direção dos sepultamentos

Na análise da documentação também foram percebidas algumas inconsistências entre a identificação da quadra representada no croqui do sepultamento e a quadra correta em que ele efetivamente se encontrava, entre a indicação do *norte* em croquis e em fotos de campo; assim como entre a direção dos sepultamentos registrada na ficha de campo e aquela registrada através da documentação fotográfica e gráfica (croqui). Os dados primários e os registros corrigidos, quando necessário, são apresentados a seguir.

Alguns croquis de sepultamentos possuíam inconsistências quanto ao número da quadra representada e aquela na qual o sepultamento realmente estava localizado (Tabela 7). Assim foi realizada uma conferência a partir da comparação entre os desenhos e as fotos dos sepultamentos.

Tabela 7: Representação das quadras dos sepultamentos em croqui x quadra correta

Sepultamento	Quadra indicada	Quadra correta
3	C4/C5	C4/C5
5	D2	D2
6	D2/D3/E2/E3	D2/D3/E2/E3
7	F3/F4	F3/F4
8	não existe indicação de quadra	D4/D5/E5
9	C3/C4	C4/C5
10	C3/C4	C3/C4
11	C5/C6	D5/D6
12	D4/D5	D4/D5
13	D4/D5	D4/D5
15	G1/G2/F1/F2	G1/G2/F1/F2
16	E1/E2	E1/E2
19	D5/D6	D5/D6
20	D3/D4/D5	E3/E4/E5
21	F3/F4	F3/F4
23	não existe indicação de quadra	D4
24	não foi registrado em campo	D2
25	não foi registrado em campo	D2

O croqui e as fotos de cada sepultamento foram comparados para verificar se a indicação de *norte* conferia nos dois tipos de documentos. Quando houve diferença entre os registros foi feita uma análise das fotografias em plano aberto para recuperar a direção do sepultamento. A Tabela 8 mostra a situação de cada sepultamento em particular.

Com a direção do norte confirmada para cada caso em particular sempre que necessário os desenhos de croqui foram refeitos para alinhar a visualização de todos documentos gráficos dos sepultamentos a partir da mesma perspectiva/ponto de vista, o que facilita a interpretação e o entendimento do leitor sobre a posição dos sepultamentos em relação ao *Norte*.

A observação descrita na Tabela 8 como “o Norte está direcionado com leve desvio” significa que na foto o *Norte* não estava direcionado para direção magnética exatamente correta, mas que o sentido fazia coerência, ou seja, não estava para o lado oposto e apresentava apenas um leve desvio.

Quando as colunas (Tabela 8) ‘croqui’ e ‘foto’ indicam “correto” significa que as informações são consistentes em ambos os tipos de documentação gráfica.

Tabela 8: Indicação da direção do *Norte* na documentação gráfica.

Indicação da direção do Norte na documentação gráfica			
Sepultamento	Croqui	Foto	Observações
3	correto	correto	---
5	correto	não existe registro	---
6	correto	correto	Desenho redirecionado para o alinhamento do Norte em todas as ilustrações ficarem com a representação para o mesmo local
7	correto	correto	---
8	correto	não existe registro	---
9	correto	não existe registro	---
10	correto	não existe registro	---
11	correto	correto	---
12	correto	não existe registro	---
13	correto	não existe	---
15	correto	correto	- Desenho redirecionado para o alinhamento do Norte em todas as ilustrações ficarem com a

			representação para o mesmo local. - Foto: o Norte está direcionado com leve desvio.
16	correto	correto	- Desenho redirecionado para o alinhamento do Norte em todas as ilustrações ficarem com a representação para o mesmo local. -Foto: O Norte está direcionado com leve desvio.
20	indicação do Norte posicionada para o Sul	correto	---
21	correto	correto	---
23	não existe registro	não existe registro	---
24	identificado em laboratório	identificado em laboratório	---
25	identificado em laboratório	identificado em laboratório	---

A orientação do eixo crânio-pelve registrada para os indivíduos mostrou-se inconsistente quando as fichas de sepultamentos foram confrontadas com as fotos e croquis. Assim, todos os sepultamentos passaram por análise para averiguar se apresentavam algum problema neste aspecto e qual era ele (Tabela 9). Houve cinco casos de indivíduos com a orientação registrada de modo equivocado, alguns estavam registrados como orientados para o lado oposto ao real, por exemplo: na ficha de campo estava registrado para a direção *Norte* mas o indivíduo na realidade estava direcionado para o Sul, como ficava evidente a análise das fotografias.

Tabela 9: Direção do sepultamento

Sepultamento	Ficha de campo	(Re)análise através de fotos e croquis (informação correta)
3	Noroeste	Sudeste
5	Norte	Norte
6	Norte	Sul
7	indeterminado	indeterminado

8	não existe registro	Sudoeste*
9	Leste	Leste
10	Norte	Noroeste
11	Noroeste	Noroeste
12	Noroeste	Noroeste
13	Sudeste	Sudeste
15	Oeste	Nordeste
16	Sudoeste	Sudeste
19	não existe registro	indeterminado
20	não existe registro	Sudeste
21	indeterminado	indeterminado
23	não existe registro	Nordeste
24	Identificado em laboratório	indeterminado
25	Identificado em laboratório	indeterminado

* Orientação estimada a partir das fotografias de plano aberto

6.1.4. Tira um, põe dois, multiplica por quatro: (re)individualização e (re)contagem dos sepultamentos em laboratório a partir da análise osteológica e documental

Em campo foram registrados vinte e três (23) sepultamentos e em geral todos os ossos humanos identificados no momento da escavação, ainda que estivessem em depósitos pouco organizados, foram considerados sepultamentos. Neste último caso classificados como sepultamentos secundários.

Durante o processo de análise do material ósseo e documental foram percebidas algumas inconsistências na identificação individualizada de sepultamentos, e conseqüentemente na sua contabilização e numeração, realizadas em campo. Assim a natureza de sepultamento, a quantidade deles e sua numeração foram revistas e alteradas em laboratório e o resultado é apresentado a seguir.

6.1.4.a. Ossos humanos avulsos

É frequente que ossos humanos muito fragmentados e deslocados de seu contexto deposicional original, assim como ossos infantis, sejam de difícil percepção em campo para quem não possui treinamento específico em bioarqueologia ou anatomia humana. Nestes casos costumam ser recolhidos como vestígios faunísticos, também é comum que inadvertidamente coletados juntamente com o sedimento amostrado na escavação das estruturas funerárias identificadas, ou em suas imediações.

Durante a análise das amostras de fauna analisadas por Jéssica Mendes Cardoso vários ossos humanos avulsos foram encontrados, principalmente naquelas estratigraficamente referenciadas entre 120/130 centímetros de profundidade. Como tais ossos são poucos e muito dispersos eles foram inicialmente caracterizados como ossos avulsos, rolados e sem contexto. Apesar disso, esses ossos (anexo 02 - volume 2) foram comparados entre si e aos sepultamentos existentes para verificar possíveis (re)associações (ver mapa, página 93)⁹. Ao final do processo analítico 1 conjunto de ossos foram (re)associados à sepultamentos e 10 conjuntos permaneceram como avulsos. A seguir são apresentados individualmente os casos:

- Na quadra A2, no nível 16 foram encontrados alguns ossos (catálogo A1 a A10) que podem corresponder a um mesmo indivíduo, e que não estão relacionados a outro sepultamento qualquer pois estão em uma área onde não foram registradas estruturas funerárias. Este conjunto não foi considerado um sepultamento e não integra o material analisado nesta dissertação.
- Na quadra C5, nível 16 (catálogo F0 a F1) foram identificados ossos que puderam ser relacionados estratigraficamente ao sepultamento 3 e possivelmente fazem parte deste sepultamento. Os ossos identificados foram fíbula e tíbia direita de um indivíduo infantil, que são opostas a fíbula e tíbia registrada no sepultamento 3, e apresentam também correspondência de tamanho. Houve também a presença de metatarsos com epífises não fusionadas compatíveis com aqueles registrados com o sepultamento 3. Assim os ossos em questão foram incorporados ao sepultamento 3.

⁹ Os ossos avulsos foram apresentados no mapa junto dos sepultamentos para a visualização dos seus respectivos níveis e relações com os sepultamentos.

- A quadra C4/C5, no nível 17 (catálogo U0 e U1) apresenta ossos que foram conferidos quanto à possível relação com o sepultamento 3. A comparação entre os ossos avulsos e os do sepultamento não identificou elementos de semelhança seguros para justificar a (re)associação principalmente por ocorrerem também dois dentes sendo que o indivíduo no sepultamento 3 apresentava a dentição completa. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Na quadra F5, no nível 17 os ossos (catálogo B0 a B4) não estão relacionados a outro sepultamento do sítio, mas podem estar relacionados a outros ossos recuperados das quadras F5/E5 (nível 17) e F5 (nível 17), que correspondem às entradas de catálogo G0 a G2 e I0 a I1. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Os ossos da quadra F5, nível 13 (catálogo E0 a E4), não estão relacionados a outro sepultamento do sítio, mas podem estar relacionados ao osso localizado na quadra F5, nível 15 (catálogo K0). Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Os ossos de um indivíduo imaturo localizados na quadra E5, nível 17 (catálogo D0 a D3) foram confrontados aos do indivíduo do sepultamento 11, também um imaturo com epífises dos ossos longos não fusionadas, devido à proximidade entre quadras e níveis. Na comparação ficou evidente que havia duplicação de elementos ósseos, ou seja, o indivíduo no sepultamento 11 já tinha os mesmos ossos do conjunto avulso, que continuou registrado como tal e não é considerado nesta dissertação.
- Os ossos da quadra C3, nível 20 (catálogo C0 e C1) não estão relacionados a outro sepultamento do sítio. Mas foi conferida a possível relação com os sepultamentos 9 e 10. O sepultamento 9 corresponde a um indivíduo infantil, dessa forma os ossos avulsos não poderiam ser associados pois são de adulto. Já o sepultamento 10 possui os ossos muitos fragmentados o que impossibilitou a comparação válida entre os materiais. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Nas quadras C3, C4, D3, D4, nível 18 foram recuperados ossos (catálogo H0 e H1) que não estão relacionados a outro sepultamento do sítio. Foi conferida a possível relação

com os sepultamentos 9 e 10, devido à proximidade de quadra e nível. As características etárias dos ossos avulsos são compatíveis com o indivíduo do sepultamento 9, no entanto o sepultamento já possuía o osso correspondente. Já o sepultamento 10 foi conferido, mas é um indivíduo adulto, assim não teria epífises não fusionadas. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.

- O osso da quadra D4, nível 18 (Catálogo J0) não está relacionado a outro sepultamento do sítio. Mas foi conferida a possível relação com o sepultamento 10. Como o sepultamento possuía o registro das duas fíbulas, apesar da esquerda estar extremamente fragmentada, foi descartada a possibilidade do osso avulso (uma fíbula) fazer parte do sepultamento. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Na quadra F2, nível 11 o dente (catálogo V0) recuperado não está relacionado a outro sepultamento do sítio. Assim como os ossos das quadras B2, nível 13 (catálogo M0); A3, nível 10 (catálogo L0); C6, nível 11 (catálogo N0); D3, nível 13 (catálogo Q0); C4, nível 11 (catálogo R0); F5 nível 10 (catálogo S0); E5 nível 13 (Catálogo T0) não estão relacionados a outro sepultamento do sítio. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.
- Na quadra D2, nível 12 (catálogo P0), o osso encontrado foi comparado com o sepultamento 5 devido à proximidade. O osso avulso é uma vértebra cervical (atlas) de adulto já com sinais de alteração articular, sem evidência de ocre, ao passo que o indivíduo no sepultamento 5 é uma jovem que possui todos os ossos muito impregnados por ocre. Esse conjunto então permaneceu como avulso e não é considerado nesta dissertação.

6.1.4.b. Os sepultamentos não incorporados na análise

Os sepultamentos denominados em campo como 1, 2, 4, 14, 17, 18 e 22 não foram incorporados na análise das estruturas funerárias, por diferentes motivos. As decisões tomadas e os procedimentos de tomada de decisão em cada caso particular são descritos a seguir:

Sepultamento 1

O conjunto ósseo foi recolhido em campo como sendo um indivíduo em sepultamento secundário, no entanto após a análise da documentação primária e dos próprios ossos, esse conjunto não pode ser caracterizado como um sepultamento propriamente dito. São ossos dispare, fragmentados, aglomerados sem qualquer elemento que permita supor a intencionalidade necessária para que uma estrutura com ossos humanos seja interpretada como um sepultamento. Falta-lhe o nexu anatômico, ainda que parcial para que possa ser entendido como um sepultamento primário e a organização intencional esperada no arranjo dos ossos de um sepultamento secundário. Os ossos foram evidenciados espalhados em uma parte superficial da escavação em quadra adjacente às das camadas de moinha, em uma área inclinada e em cota mais baixa que a cota da camada de moinha, em um contexto que sugere que estes ossos podem ter rolado se encontrando em um depósito secundário fora do seu contexto original.

Sepultamento 2

O sepultamento 2 foi identificado no Perfil Oeste do sítio e sua localização foi registrada, mas apenas alguns ossos foram retirados: ossos do pé, fragmento de tíbia esquerda, fíbula direita e esquerda, e patela esquerda. Possivelmente tratava-se efetivamente de um sepultamento devido ao nexu anatômico e à compatibilidade entre os ossos recuperados. A identificação e retirada desses ossos no entanto não gerou registro documental com informações sobre a estrutura funerária e, portanto, não é possível analisar este sepultamento.

Sepultamentos 4 e 22

Do sepultamento denominado 4 foram exumados apenas os fêmures, o restante do indivíduo adentrava no perfil sul do sítio e não foi escavado. Já no encerramento da escavação, momento em que foram colocadas plaquetas de identificação nos sepultamentos parcialmente escavados para os quais havia ossos ainda retidos nos perfis, os ossos do sepultamento 4 que permaneceram no perfil foram equivocadamente etiquetados como sepultamento 22, o qual foi registrado também na documentação.

A análise da documentação (fotografias, croquis e descrições) permitiu inferir que os dois sepultamentos (4 e 22) na verdade correspondem a apenas 1 indivíduo/sepultamento, ambos os sepultamentos estão exatamente no mesmo nível, próximos o suficiente para que haja coerência anatômica entre os ossos retirados (sepultamento 4) e aqueles que eram visíveis no perfil (sepultamento 22). Assim para os registros desta dissertação foi considerado que apenas

o sepultamento número 4 efetivamente existe, sendo o número 22 excluído e desconsiderado da contabilização. Devido aos poucos ossos resgatados (inventário no anexo 1- volume 2) e por não possuir registro sobre sua estrutura funerária o sepultamento 4 não foi incorporado na análise.

Sepultamento 14

As fotos de campo que documentam os sepultamentos 8, 12/13 e 14 (todos estavam próximos) deixou evidente a possibilidade dos conjuntos ósseos identificados como 8 e 14 fossem apenas um indivíduo.

O sepultamento 8 encontrava-se perpendicular ao perfil oeste e foi parcialmente exposto (pelve e os fêmures em conexão anatômica) pois a parte superior do corpo (tórax, crânio e membros superiores – não coletados) adentrava o perfil. Pouco abaixo dos joelhos do sepultamento 8 havia a cova dos sepultamentos 12/13 cortando perpendicularmente a área onde deveriam estar as tíbias e pés do indivíduo do sepultamento 8. Junto à parede, na parte superior da cova do sepultamento 12/13, havia duas tíbias (direita e esquerda) e ossos de pés que foram identificados em campo como sepultamento 14 (secundário).

A análise do contexto de associação dos sepultamentos 8 e 12/13 (figura 49 do catálogo – volume 2) feita através da documentação fotográfica demonstra claramente que o sepultamento 8 foi cortado na altura dos joelhos no momento da abertura da cova do sepultamento 12/13. Por sua vez a análise do contexto de associação dos sepultamentos 12/13 e 14 feita através da documentação fotográfica demonstra claramente que os ossos identificados como 14 estavam inequivocamente dentro da cova do sepultamento 12/13, depositados contra a porção superior da parede. Além disso, nas fotos é possível ver um 5º metatarso depositado isolado sobre a região pélvica do indivíduo do sepultamento 12.

Essa interpretação foi corroborada pela análise osteológica que demonstrou que há correspondência de idade, relevo ósseo, largura compatível dos côndilos do fêmur (sepultamento 8) e do platô tibial (sepultamento 14), e complementariedade entre o 5º metatarso esquerdo que estava sobressalente recolhido juntamente com o sepultamento 12, e o 5º metatarso direito coletado com o indivíduo 14.

Assim ficou ficando estabelecido que sem dúvida o sepultamento 14 não existe, ele foi excluído da contagem deixando de ser considerado um sepultamento e os ossos a ele atribuídos foram incorporados ao indivíduo do sepultamento 8.

Sepultamentos 17 e 6

O sepultamento 17 foi retirado em bloco e escavado em laboratório, a escavação liberou da matriz de sedimento apenas um crânio de adulto. Na análise da documentação de campo não foi possível localizar informações de campo sobre o sepultamento 17, ao mesmo tempo a análise da documentação do sepultamento 6, principalmente das fotografias, tornou evidente que o crânio nomeado como sepultamento 17 apresentava as mesmas características anatômicas, de deposição e de preservação, além de correspondência estratigráfica, com o crânio visto nas fotografias do sepultamento 6. A revisão dos ossos recolhidos como sepultamento 6 revelou que não havia um crânio entre eles apesar desta estrutura estar presente e claramente visível em todas as fotos de campo deste sepultamento. Além disso as vértebras cervicais escavadas no bloco com o crânio nomeado como sepultamento 17 se mostraram complementares àquelas recolhidas com o sepultamento 6, articulando-se adequadamente. Isto demonstra para além e qualquer dúvida que no momento da retirada em bloco do crânio do sepultamento 6 este foi equivocadamente nomeado sepultamento 17.

Assim o sepultamento 17 foi desconsiderado, eliminado e o crânio e vértebras cervicais incorporados ao sepultamento 6.

Sepultamento 18 (19)

O sepultamento 18 estava muito próximo aos ossos identificados em campo como sepultamento 14 (que como já foi dito não existe) e ao conjunto de ossos identificado em campo como sepultamento 19 (crânio adentrando o perfil) e na mesma área dos sepultamentos 12/13 e 8. O calcâneo avulso recolhido como se pertencesse ao sepultamento 18 faz parte do sepultamento 8, havendo correspondência articular com a tíbia presente no monte de ossos pouco organizado que havia sido nomeado sepultamento 14 e que na verdade corresponde às pernas e pés do sepultamento 8. Isso demonstra que a área foi bastante alterada por processos tafonômicos de origem antrópica relacionados com a feitura de novos sepultamentos nessa mesma região.

A distância entre os sepultamentos 18 e 19 também é muito próxima e compatível com o espaço ocupado por um corpo humano. Já a posição de ambos sugere um nexo anatômico novamente sendo compatível com o espaço e posição de um corpo humano. Assim nesta dissertação se considera para os dois conjuntos (18 e 19) a possibilidade de que sejam um único sepultamento (19), o qual no entanto não integra esta análise devido à falta de informações funerárias.

6.1.4.c. Os novos sepultamentos identificados e numerados em laboratório

Sepultamento 23

O sepultamento 23 foi evidenciado em laboratório em um bloco retirado da escavação no qual havia apenas alguns ossos desorganizados em superfície juntamente com uma mancha de ocre, ambos já em um dos limites do bloco. Após a retirada destes ossos isolados, e com a continuidade da escavação do bloco, um esqueleto infantil completo foi evidenciado ocupando a porção central do bloco. Como o bloco não havia recebido numeração em campo, este sepultamento infantil foi numerado sequencialmente ao último sepultamento numerado em campo, no caso o sepultamento 22, uma vez que na ocasião da escavação do bloco a análise documental ainda não havia demonstrado a inexistência do próprio sepultamento 22.

Como o sepultamento foi escavado em laboratório foi possível recuperar informação completa sobre a estrutura funerária. Assim este sepultamento integra o material analisado nesta dissertação.

Sepultamentos 24 e 25

Durante a curadoria do sepultamento 5 foram identificados ossos de dois indivíduos lactentes. A triagem do sedimento recolhido como associado a este sepultamento igualmente recuperou ossos com as mesmas características. Os ossos infantis recolhidos juntamente com o indivíduo do sepultamento 5 estavam principalmente associados aos ossos dos membros inferiores deste e a análise das fotografias de campo permitiu identificar ossos infantis na região dos fêmures do sepultamento 5. Esses novos indivíduos, que não haviam sido percebidos em campo, foram denominados de **sepultamento 24 e 25** dando sequência à numeração. Eles são tratados nesta dissertação como integrantes de um sepultamento múltiplo em conjunto com o sepultamento/indivíduo 5 (descrição detalhada no catálogo, páginas 15 a 23) mas dadas as condições de coleta pouco pode ser analisado sobre suas características específicas.

6852240 712528

712532



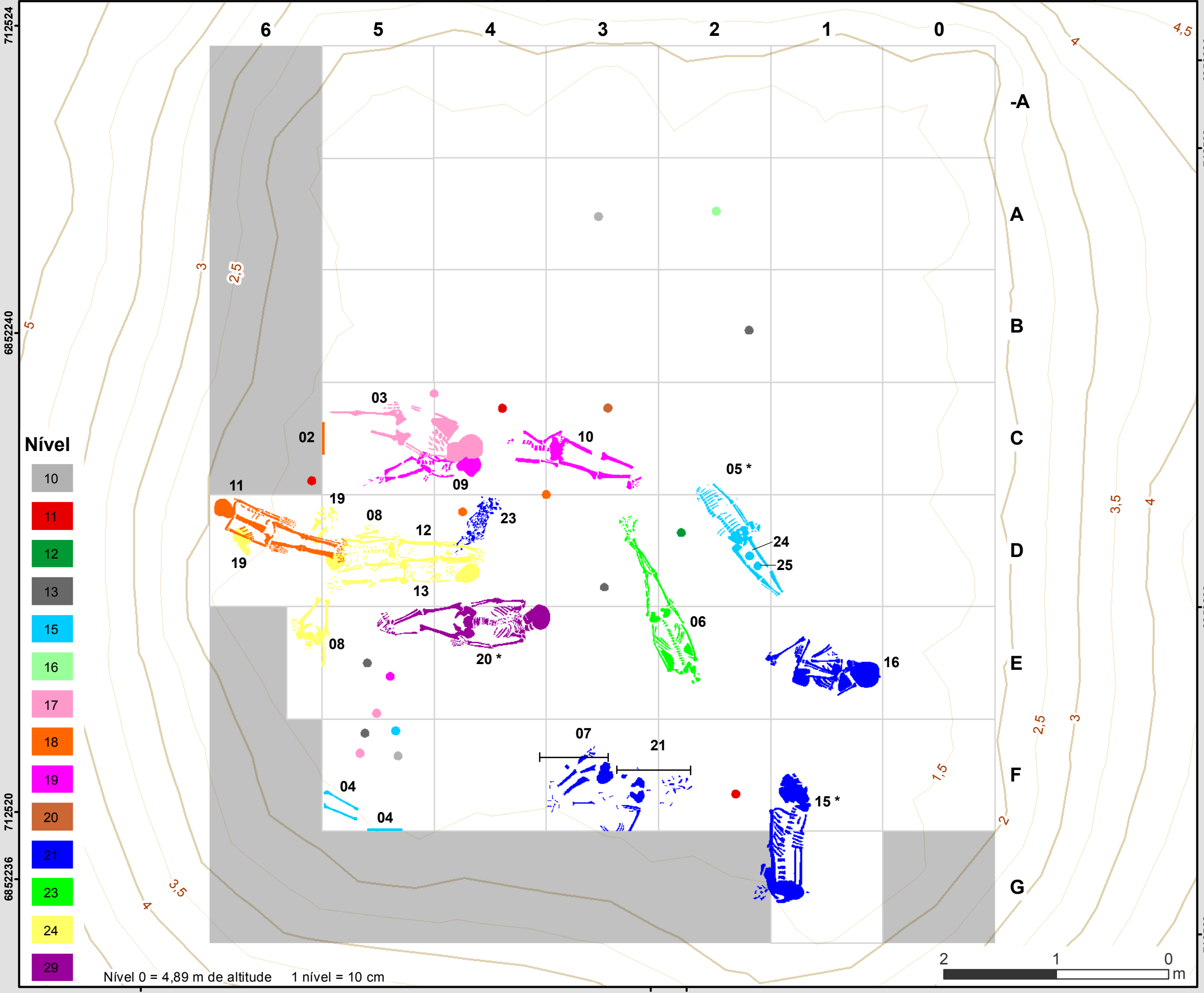
Mapa: Sepultamentos e ossos avulsos por níveis escavados do sambaqui Cabeçada I

(Re) Começando do princípio:
O que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçada pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?

Mapa com base nos dados primários do projeto:
Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Duplicação da BR-10 Trecho Ponte de Cabeçada - Laguna/SC

Arqueóloga responsável:
Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Projeto e execução:
GRUPEP Arqueologia
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



- Delimitação do Sambaqui Cabeçada I
- Área não escavada
- Curva de nível
- Quadra escavada
- Osso avulso

- * Sepultamento com datação:**
- Sepultamento 20: 2756 - 2895 cal. AP
 - Sepultamento 15: 2859 - 3065 cal. AP
 - Sepultamento 5: 2797 - 3003 cal. AP



6.1.5. Olhando de novo: (re)Análise das estruturas funerárias do Sambaqui de Cabeçuda

Como resultado direto das análises e decisões explicitadas no item 6.1.4 esta dissertação considera que **20 sepultamentos** foram efetivamente identificados no âmbito das pesquisas do projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”, havendo documentação primária suficientemente completa e informações suficientes para que dezessete (17) fossem analisados do ponto de vista funerário.

Os dezessete (17) sepultamentos que foram estudados nesta dissertação são compostos pelos quinze (15) que foram totalmente exumados e pelos dois infantis (24 e 25) identificados como integrantes de uma sepultura múltipla como o sepultamento 5. Os outros três (3), sepultamentos 2, 4 e 19, foram apenas parcialmente escavados e parcialmente recolhidos (havendo partes que permaneceram no sítio) sem registro de aspectos funerários.

6.1.5.a. Começando pelo princípio: Arqueografia funerária e a produção de um catálogo

A recuperação de um sepultamento vai além de apenas recuperar os ossos humanos, mesmo que os ossos revelem informações importantes, pois essas estruturas são testemunhos de cenas e gestos funerários (MENDONÇA DE SOUZA e RODRIGUES-CARVALHO, 2013). Dessa forma, é importante buscar estratégias de campo e laboratório que dialoguem para que as eventuais perdas relativas aos materiais e às informações sejam as menores possíveis. Para as autoras as cenas funerárias podem ser compreendidas através do registro adequado dos conjuntos de sepultamentos, observando sua espacialidade na área funerária e fazendo o registro da arquitetura dos lugares em que estão depositados, além da descrição acurada do(s) esqueleto(s) que integra(m) a sepultura, atentando tanto para os elementos que constituem as estruturas com remanescentes humanos como para seu entorno imediato (MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

Dessa forma é importante registrar a orientação do crânio, face, eixo do esqueleto; observar se o material está no local de depósito original, sendo primário ou secundário, identificar a redeposição ou perturbação de ossos e a maneira pela qual eventuais interferências ocorreram; entender se o corpo/ossos que integrou/integram a estrutura sofreu ou não modificações como descarnes, desconexão, redução, se o esqueleto está completo ou com falta de ossos, todos elementos que podem contar sua história tafonômica; perceber que uma relação

de proximidade entre objetos e ossos nem sempre significa estar associado a determinado indivíduo; notar que os elementos da estrutura podem sofrer movimentos por diferentes agentes (de forma natural ou antrópica) sendo os enterros primários mais fáceis de serem percebidos em relação aos secundários (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

A presença de espaços vazios, pode decorrer, por exemplo, de materiais que envolviam o corpo, onde nesses espaços 'criados' parte do corpo ou materiais podem ter se movimentado durante a decomposição, por isso a interpretação da posição dos ossos deve ser cuidadosa; os materiais perecíveis podem deixar traços muitas vezes identificáveis apenas através de microscópios ou análises químicas; a preservação dos sepultamentos nem sempre é a mesma em um mesmo sítio, assim uma parcela não pode ser interpretada como a totalidade da realidade (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

Os ossos de crianças muitas vezes passam despercebidos nas escavações por serem distintos dos indivíduos adultos, e por isso muitas vezes acabam sendo colocados junto ao material faunístico. Por isso, é importante ter cuidado ao escavá-las já que seus ossos são muito frágeis, além de um osso infantil ser composto por mais de uma peça. Recuperar todos os ossos de um esqueleto infantil é importante para estimar sua idade de maneira mais precisa possível. A não identificação das crianças afeta as pesquisas em questões interpretativas dos gestos funerários, bem como aspectos demográficos, paleoepidemiológicos que são importantes para compreender o processo de saúde-doença dessa sociedade (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

A relação entre a disposição de lentes de carvão ou fogueiras próximas aos esqueletos nem sempre significa uma conexão com o contexto funerário, por isso é relevante buscar indícios que demonstrem se as queimas foram processadas in situ ou apenas depositados no local. As questões relativas a existência de cova ou não em sambaquis é um elemento que dever ser tratado com cuidado, a deposição do morto diretamente no chão com apenas a cobertura do indivíduo por materiais tem sido registrada recorrentemente e nesses casos processos pós-deposicionais podem formar depressões associadas ao corpo que podem ser interpretadas como indício de cova, dessa forma os registros de covas rasas nesse tipo de sítio geralmente não configuram covas (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

A disposição de mobiliários funerários como oferenda ou objetos pessoais e ritualísticos deve ser considerada a partir de uma análise que considere a estratigrafia, pois nem tudo que está associado a uma estrutura funerária pode estar relacionado ao momento do sepultamento, assim como em locais onde não possuem ossos podem ter sinais de práticas funerárias. Além de que geralmente é dada a atenção para os materiais que mais chamam atenção, como os adornos, os artefatos grandes, as esculturas em pedra, no entanto essas os sepultamentos trazem por diversas vezes materiais discretos que podem passar despercebidos (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

Decorre de uma abordagem como essa que a apresentação da arqueografia das estruturas funerárias é muito importante e parte indissociável do processo de análise e interpretação.

Durante a escavação da área funerária do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda a análise das estruturas funerárias não foi com estes parâmetros e uma arqueografia detalhada das sepulturas não foi produzida. Assim a arqueografia funerária detalhada foi realizada nesta dissertação, a partir da (re)análise das estruturas funerárias feita através da documentação primária. Ela é, pois, parte dos resultados desta pesquisa, e está apresentada no catálogo do volume 2.

Este catálogo sintetiza toda a informação resultante da (re)análise das estruturas funerárias de maneira consolidada, além de fornecer também a transcrição exata do registro de campo respectivo a cada sepultamento. Foi organizado de forma a apresentar as informações qualitativas, bem como as interpretações contextuais para cada sepultamento e para a área funerária do *locus* 6 como um todo.

6.1.5.b. Em busca de regularidades: Os sepultamentos do Sambaqui de Cabeçuda, *locus* 6, em síntese

Nesta parte do capítulo é apresentada uma síntese dos dados descritivos presentes no catálogo. São informações apresentadas quantitativamente como frequências de eventos relativas à idade, ao sexo, ao tipo de sepultamento, à forma de deposição dos indivíduos, aos acompanhamentos funerários, incluindo o corante, mas também análises qualitativas referentes a características de cova, marcas de estaca, fogueiras e tafonomia. Devido aos números muito

pequenos de sepultamentos optou-se no momento por uma abordagem exploratória dos dados, não estatística, que permita o levantamento de hipóteses sobre gestos e padrões funerários.

Como já mencionado (ver item 6.1.5), foram analisados dezessete sepultamentos, tanto simples como múltiplos, apesar da numeração dos indivíduos ir até o número 25. Vale lembrar novamente que no caso dos sepultamentos múltiplos cada esqueleto foi numerado individualmente em campo e que essa numeração não foi alterada por esta pesquisa conforme já explicado no item 5.3.

Devido à impossibilidade de vincular os indivíduos em sepultamentos múltiplos com elementos específicos do acompanhamento funerário (ver item 5.5) os três (3) casos de sepultamentos múltiplos foram tratados para estas análises como unidades e são referidos pelo conjunto dos números atribuídos aos indivíduos que os compõe, i.e. 5-24-25; 7-21 e 12-13. Por outro lado, quando se trata de aspectos referentes diretamente a um esqueleto específico (p.ex. idade, posição, orientação, etc) eles são tratados por sua numeração individual.

Antes de dar sequência às análises específicas de elementos funerários é preciso apresentar uma descrição sintética de características tafonômicas relativas ao conjunto dos sepultamentos estudados.

A compreensão das alterações tafonômicas, como já mencionado, é muito importante para que se possa inferir quais características observadas em uma estrutura funerária decorrem de práticas e gestos e quais são o resultado da transformação não intencional ocorrida no corpo e na sepultura ao longo do tempo.

Os aspectos tafonômicos e de preservação dos sepultamentos do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda foram de difícil avaliação devido a um registro muito limitado feito em campo, da mesma forma a documentação fotográfica disponível não apresenta detalhe suficiente para que uma análise mais aprofundada pudesse ser realizada em todos os sepultamentos, mesmo assim algumas inferências puderam ser feitas através das imagens e de algumas informações provindas da documentação primária, elas são no entanto muito parciais.

As alterações ósseas mais observadas na maioria dos indivíduos tanto em campo como na documentação fotográfica foram quebras tanto longitudinais como transversais ao maior eixo dos ossos longos, e em menor frequência foi observado o deslocamento pontual de estruturas de suas posições esperadas, alterações por umidade, marcas de raiz, ossos friáveis/pulverulentos e distúrbios antrópicos antigos.

Quanto às perdas de conexão anatômica os registros de campo são muito irregulares e a análise através de fotografias foi difícil porque não existem fotos que registrem detalhes relacionados a este aspecto ou que documentem os esqueletos no momento ótimo de exposição dos ossos. Foi possível estabelecer, no entanto, que as perdas de conexão não seguiram nenhum padrão regular que pudesse sugerir manuseios intencionais do corpo antes do sepultamento ou mesmo reaberturas intencionais das sepulturas para retirada ou rearranjo de ossos. Alguns sepultamentos possuem perda de conexão anatômica nos ossos longos dos membros superiores, principalmente na articulação do ombro; outros nos ossos longos dos membros inferiores, outros perderam a conexão entre as costelas, e as vértebras. Havia os que estavam com ossos bastante frágeis, mas ainda mantinham a conexão anatômica esperada.

Os sepultamentos 7 e 21 não puderam ser analisados para todos os aspectos estudados nesta dissertação exatamente porque se apresentavam muito perturbados, principalmente o sepultamento 21. Ambos apresentavam algumas conexões mantidas em meio a desorganização e espalhamento dos demais ossos, sem que se pudesse identificar elementos que permitissem propor a existência de um arranjo intencional indicativo de um sepultamento secundário. Na realidade a associação entre partes em conexão ounexo anatômico, presença de ossos representativos de todo o esqueleto inclusive ossos pequenos, ausência de ossos maiores e partes em completa desorganização são fortemente indicativos de sepultamentos primários desorganizado por processos tafonômicos.

A integridade da estrutura funerária foi talvez o elemento com maior dificuldade de avaliação. De maneira geral, as estruturas estavam bem preservadas sem distúrbios grandes, contudo, puderam ser identificadas em poucos casos diferenças de coloração do sedimentos que em conjunto com alterações vistas nos ossos indicam a atividade de insetos, como formigas, em alguns sepultamentos. Também foi identificado um único caso de ação antrópica antiga na forma de interferência sobre uma sepultura mais antiga (sepultamento 8) quando da confecção de uma nova sepultura (sepultamento 12/13) o que levou à redeposição clara de alguns ossos do sepultamento 8 junto aos corpos que compõe o sepultamento 12/13. Pela forma como os ossos estão depositados a interferência ocorreu quando o indivíduo do sepultamento 8 já estava em avançado processo de esqueletonização.

O conjunto de dezessete sepultamentos estudado é composto por indivíduos distribuídos por todas as classes etárias, desde neonato até adulto maduro (Gráfico 1). Sendo 2 indivíduos neonatos (12%), 1 lactente (6%), 2 crianças (12%), 3 adolescentes (17%), 1 adulto

jovem (6%), 4 adultos (23%), 2 adultos maduro (12%), 1 adulto velho (6%) e 1 indivíduo para o qual a idade não pode ser estimada [indeterminado, indivíduo 10] (6%) apesar de ser possível afirmar que não se trata de neonato, criança ou adolescente, este indivíduo também não pode ter seu sexo estimado (ver página 57 do catálogo – volume 2)

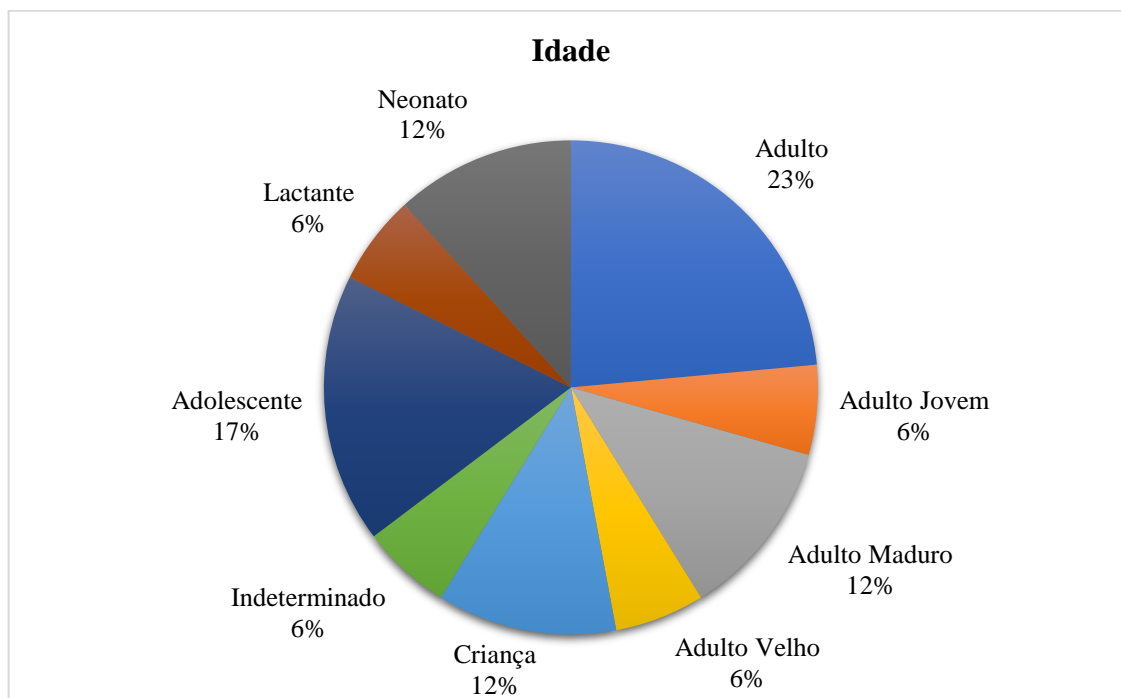


Gráfico 1: Faixa etária dos indivíduos

Seguindo os parâmetros estabelecidos na literatura para estimativa de sexo (UBELAKER e BUIKSTRA, 1991), o sexo foi estimado apenas para indivíduos cuja idade foi estimada a partir da faixa etária “adolescente” (gráfico 2), dessa forma indivíduos classificados como neonato, lactente ou criança não foram objeto de estimativa sexual. Assim foram doze (12) os esqueletos analisados para estimativa de sexo, destes foi estimado o sexo apenas para dez (10), sendo cinco (5) femininos (42%), cinco (5) masculinos (41%). Os dois restantes não puderam ter seu sexo estimado devido à incompletude dos esqueletos e à falta de estruturas diagnósticas suficientemente preservadas. Eles perfazem 17% (2 indivíduos) do total de esqueletos a priori passíveis de análise para estimativa de sexo. Um deles [indivíduo 10] também não pode ter sua idade estimada (ver página 57 do catálogo – volume 2), o outro é um adolescente [indivíduo 11] com ossos muito fragmentados o que inviabilizou a análise das estruturas diagnósticas.

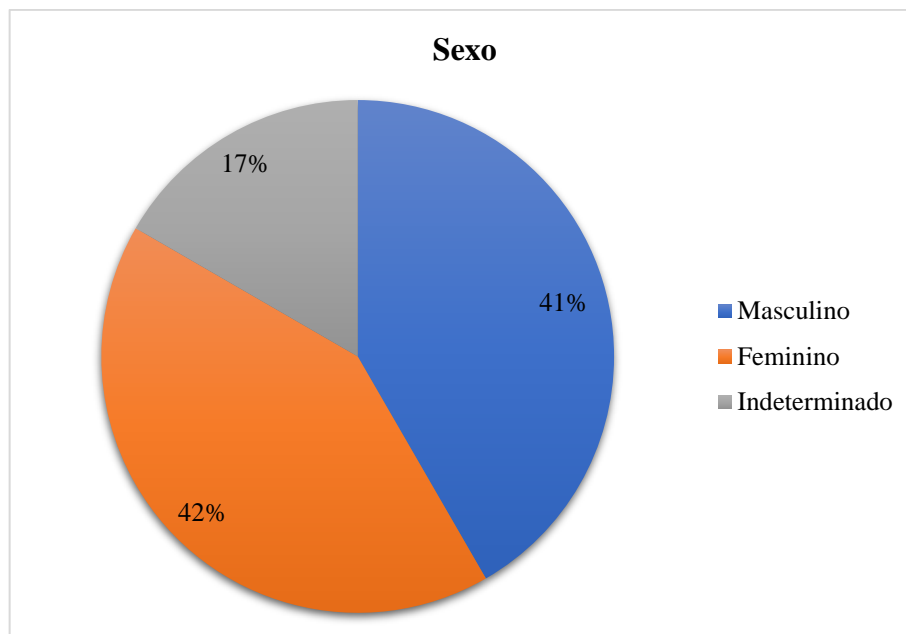


Gráfico 2: Sexo dos indivíduos - neonato, lactente e criança não foram incluídos

Considerando-se concomitantemente as estimativas de sexo (incluindo os dois indivíduos cujo sexo não pode ser estimado) e idade para indivíduos a partir da adolescência (Gráfico 3) temos para o sexo feminino 1 adolescente (20%), 1 adulto jovem (20%), 2 adultos (40%) e 1 adulto maduro (20%), os indivíduos masculino são 1 adolescente (20%), 2 adultos (40%), 1 adulto maduro (20%) e 1 adulto velho (20%). Entre os indivíduos com sexo indeterminado temos 1 adolescente (50%) e 1 com a idade também indeterminada, mas certamente não infantil (50%).

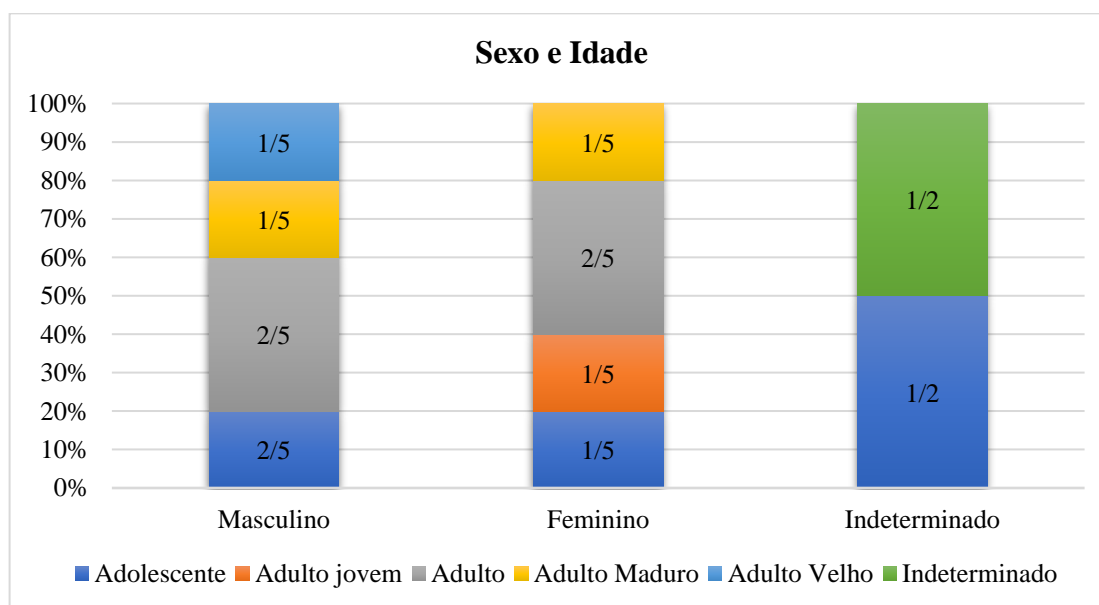


Gráfico 3: Relação entre sexo e idade - os indivíduos indeterminados não incluem neonato, lactente e criança.

Na área funerária estudada não foram identificados sepultamentos secundários, todos os sepultamentos escavados são primários simples ou primários múltiplos. Os 17 indivíduos estavam em 10 sepultamentos primários simples (77%) e 3 em sepultamentos primários múltiplos (23%), no caso destas há uma sepultura com três indivíduos (5-24-25) e duas sepulturas com dois indivíduos em cada (7-21; 12-13).

Quando a composição dos sepultamentos simples e múltiplos é considerada para todos os dezessete [17] indivíduos (Gráfico 4), incluídos também aqueles para os quais não é possível estimar sexo por serem muito jovens (neonatos, lactentes e crianças) tem-se em sepultamentos simples 2 indivíduos femininos (20%), 3 masculinos (30%) e 5 indeterminados (50%, sendo três infantis), e em sepultamentos múltiplos 3 indivíduos femininos (43%), 2 masculinos (28%) e 2 indeterminados (29%).

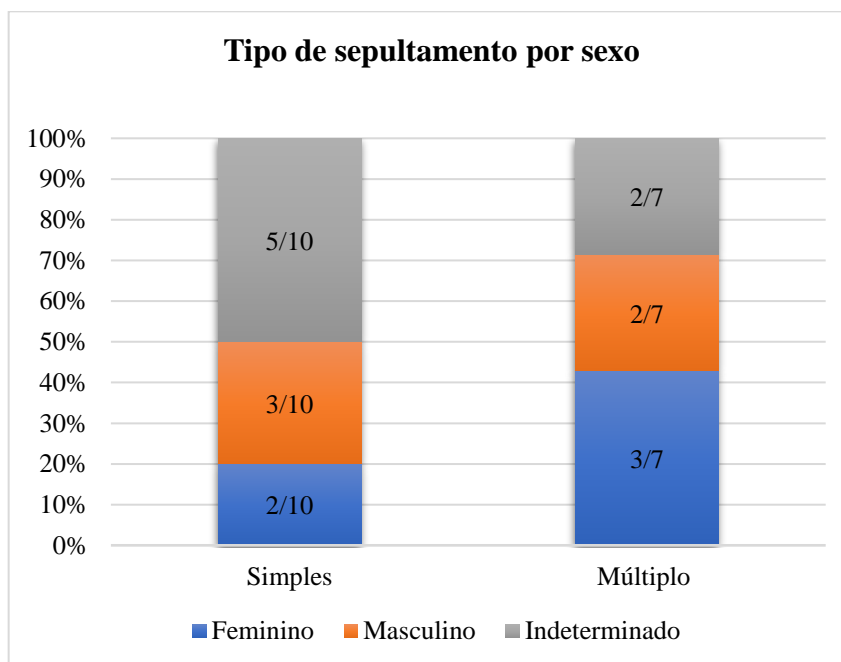


Gráfico 4: Tipo de sepultamento por sexo incluindo o total de indivíduos [17].

Quando os sepultamentos simples e múltiplos são considerados segundo a faixa etária dos indivíduos que os integram (gráfico 5), a distribuição nos sepultamentos simples é: 1 neonato (10%), 2 crianças (20%), 1 adolescente (10%) [indivíduo 11, sem estimativa de sexo], 1 adulto jovem (10%), 2 adultos (20%), 1 adulto maduro (10%), 1 adulto velho (10%) e 1 indivíduo com idade não estimada [indeterminado, indivíduo 10, sem estimativa de sexo]

(10%). Já nos sepultamentos múltiplos ocorre 1 neonato (14%), 1 lactente (14%), 2 adolescentes (29%), 2 adultos (29%) e 1 adulto maduro (14%).

Na série de sepulturas múltiplas, quando considerados em conjunto a idade e o sexo estimados para os indivíduos, há uma sepultura composta por um indivíduo adolescente feminino [indivíduo 5], um neonato [indivíduo 24] e um lactente [indivíduo 25], outra sepultura composta por um indivíduo feminino adulto [indivíduo 12] e um masculino adolescente [indivíduo 13], e ainda uma sepultura integrada por um indivíduo adulto masculino [indivíduo 21] e um indivíduo feminino adulto maduro [indivíduo 7].

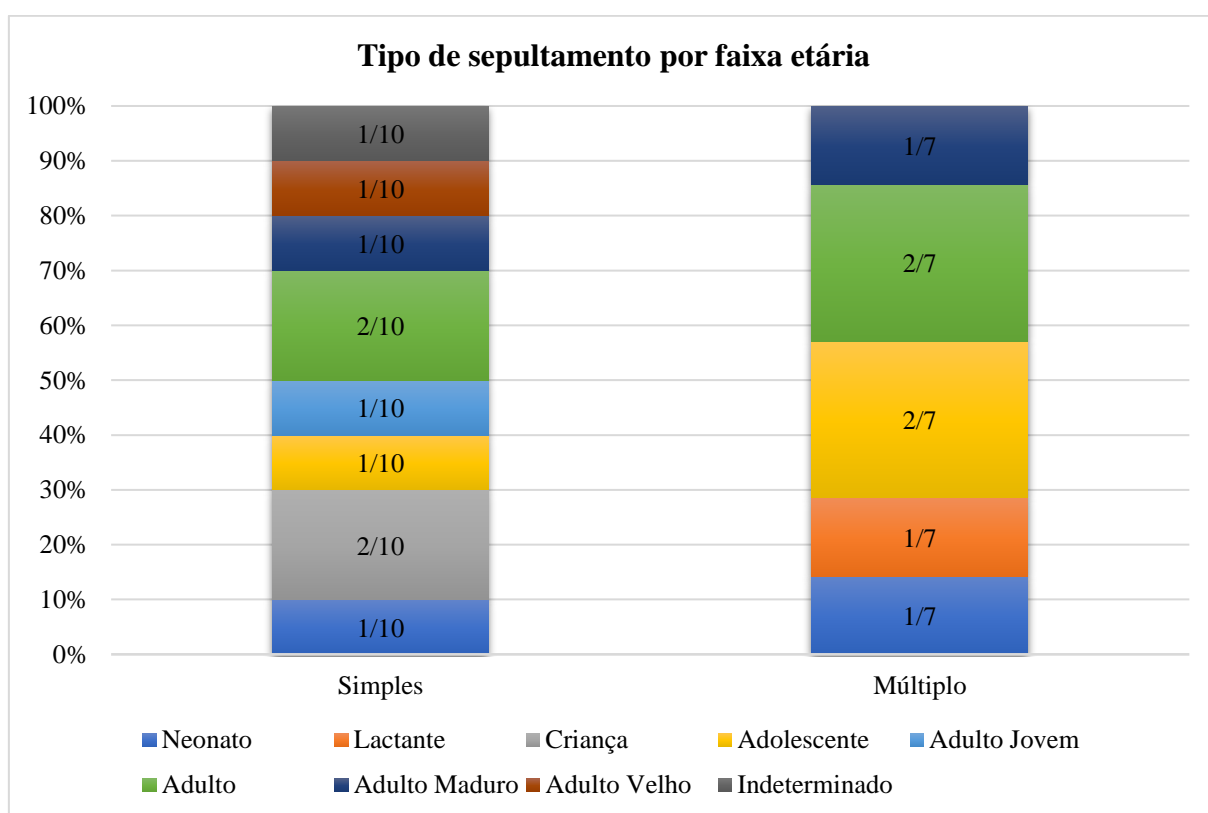


Gráfico 5: Tipo de sepultamento por faixa etária - incluindo o total da série esquelética (17 indivíduos).

A percepção da existência de cova para a colocação dos indivíduos, seja em sepulturas simples ou múltiplas, e a definição de sua arquitetura, são elementos que dependem muito da observação feita em campo e do uso de estratégias de escavação que permitam claramente evidenciar a interrupção de estratigrafia provocada pela confecção da cova. No caso do *locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda, em campo a existência de covas foi inferida majoritariamente apenas pela mudança de coração do sedimento no entorno do esqueleto e são

poucos os subsídios fornecidos pela documentação fotográfica que permitam com certeza demonstrar a existência destas estruturas e sua arquitetura. Ainda assim foi possível estabelecer algumas características que estão descritas em detalhe para cada sepultura em particular na ficha de catálogo.

Em síntese pode-se afirmar que a maioria dos indivíduos foi sepultada em locais preparados como depressões rasas, aparentemente sem a confecção de covas profundas pois não é possível observar cortes que interrompem a estratigrafia em profundidade. Esses locais poderiam ser rebaixamentos do terreno, talvez nas intersecções de *mounds* que acabavam por criar uma espécie de nicho que eram ajustados e aproveitados para o depósito. No entanto, não é possível descartar totalmente a possibilidade de que alguns indivíduos tenham sido depositados sobre áreas planas sem a confecção de pequenas depressões.

A preparação de boa parte dessas áreas de pequenas depressões/covas envolvia alguma escavação e movimentação de sedimento, o que pode ser inferido pela interferência de uma sepultura sobre a outra, como no caso do sepultamento 12/13 que “cortou” o sepultamento 8, levando ao re-depósito de ossos deste junto aos corpos dos indivíduos 12 e 13.

Além disso, é possível perceber em algumas sepulturas, como no caso dos indivíduos 11, 12 e 13, e 20 que o espaço de deposição é menor que aquele ocupado pelos corpos, fazendo com que cabeças e pés permanecessem sobrelevados em relação ao tronco.

No caso do sepultamento 20, simples, por exemplo, as pernas (tíbias/fíbulas e pés) encontram-se claramente verticalizadas pelo posicionamento contra uma das paredes de limite da área preparada/cova com os pés quase horizontais sobre a superfície do terreno já no exterior da área da cova (ver figura 103 e 104, página 101 do catálogo – volume 2). Já no sepultamento 12/13, múltiplo, além da sobre-elevação de cabeça e pés em relação ao tronco também é perceptível na análise da documentação fotográfica que os braços esquerdos, dos ombros aos cotovelos, de ambos os indivíduos, encontram-se também sobre-elevados em relação ao tronco, apoiando-se na lateral da depressão da cova. Neste mesmo sepultamento, os ossos de pernas e pés do sepultamento 8 (ver figura 82, página 78 do catálogo – volume 2) foram rearrumados já na parte superior da cova apoiados no limite entre a depressão e a superfície do terreno exterior a esta, o que é sugerido pela inclinação dos ossos.

A análise desses elementos, ainda que sutis, permite inferir um tamanho pequeno de depressão/cova preparada para a deposição dos corpos, na qual a cabeça era apoiada já na parede inclinada assim como as pernas e pés, não sendo possível corroborar a interpretação feita em campo de que a posição mais elevada das cabeças dos indivíduos eram decorrentes do

depósito intencional de conchas em maior quantidade para formar um “travesseiro” para acomodar a cabeça do sepultamento.

A maioria dos indivíduos (14) para os quais foi possível estabelecer a posição geral do corpo (12) foi colocada em suas sepulturas com o corpo estendido e apenas dois (indivíduos 7 e 16) foram depositados fletidos.

A colocação dos corpos nas sepulturas se deu majoritariamente em decúbito dorsal (8 indivíduos; 47%), no entanto ocorrem também três (3) indivíduos em decúbito ventral (17%), dois (2) indivíduos em decúbito lateral esquerdo (12%), e um (1) indivíduo em decúbito dorsolateral direito (6%). Há 3 outros, sendo dois (2) infantis e um (1) adulto, para os quais não foi possível identificar o tipo de deposição (18%) (Gráfico 6).

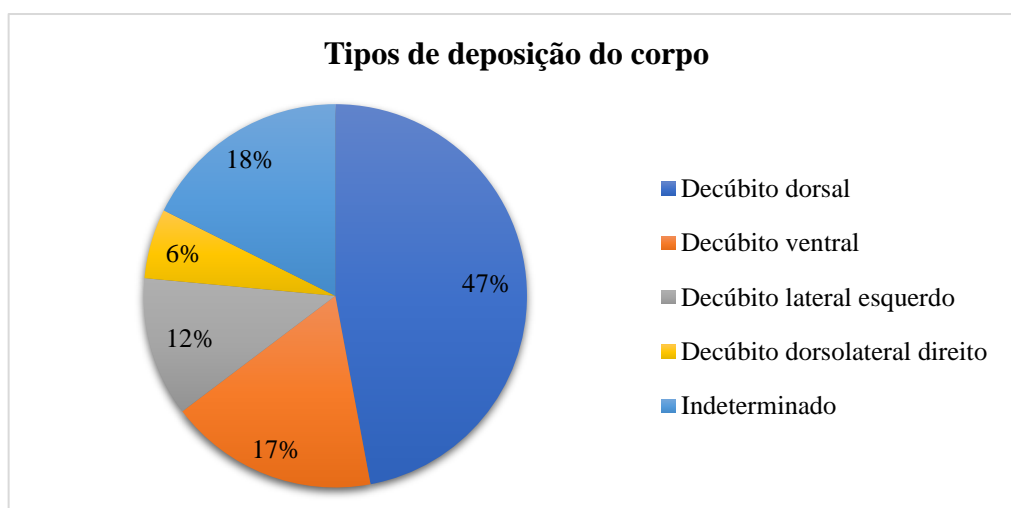


Gráfico 6: Formas de deposição do esqueleto

Agora, quando considerada a distribuição das formas de deposição do corpo por faixa etária (gráfico 7) tem-se: (a) em decúbito dorsal 1 neonato (12%), 2 crianças (25%), 3 adolescentes (37%), 1 adulto (13%) e 1 indivíduo para o qual não foi possível estimar a idade (13%) [indivíduo 10]; (b) em decúbito ventral 1 indivíduo adulto jovem (33%) e 2 adultos (67%); (c) em decúbito lateral esquerdo 1 adulto maduro (50%) e 1 adulto velho (50%); (d) e em decúbito dorsolateral direito apenas 1 adulto maduro (100%). Não foi possível identificar a posição de deposição do corpo de 1 neonato (33%) [indivíduo 24], 1 lactente (33%) [indivíduo 25] e 1 adulto (33%) [indivíduo 21].

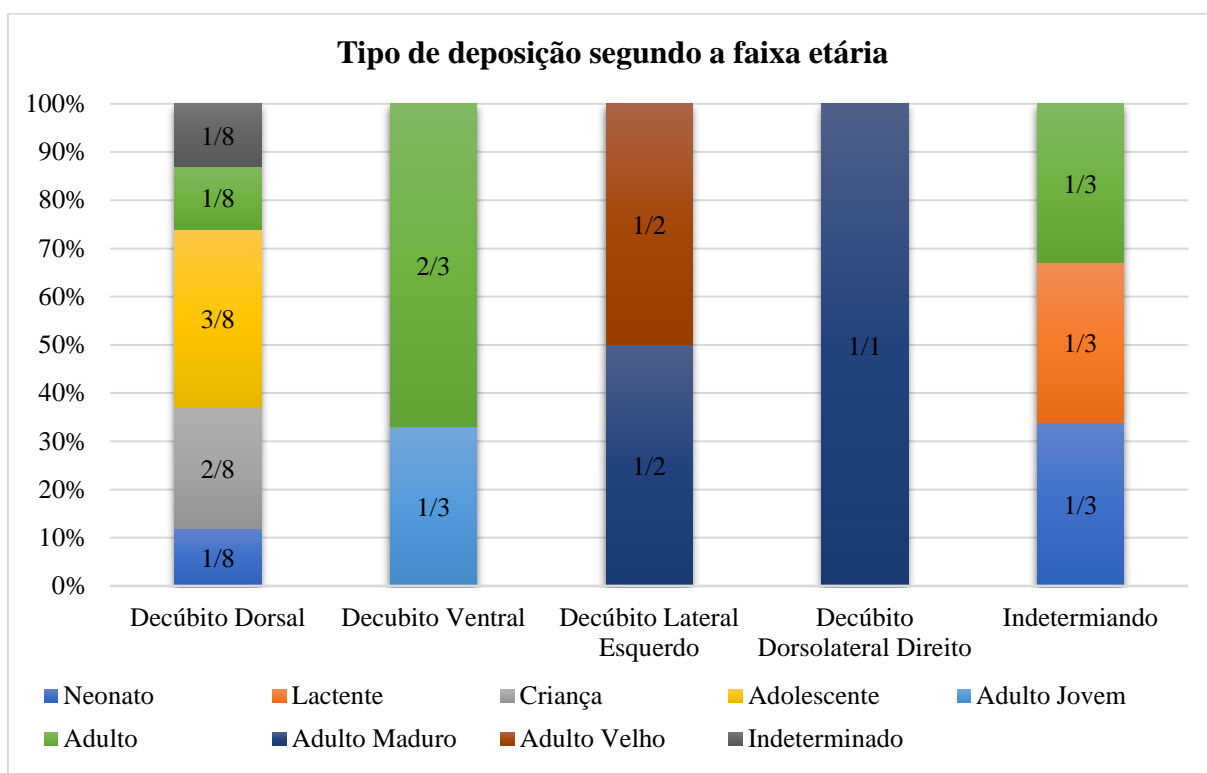


Gráfico 7: Formas de deposição por faixa etária

Se considerados apenas os dez (10) indivíduos para os quais foi possível estimar o sexo, ou seja, excluindo-se da análise os neonatos, lactentes e crianças, além de um indivíduo adulto que não pode ter seu sexo estimado, os indivíduos femininos estão em decúbito dorsal (40%, 2), decúbito ventral (40%, 2) e decúbito lateral esquerdo (20%, 1). Já os indivíduos masculinos apresentam posições de deposição mais variadas: decúbito dorsal (20%, 1), decúbito ventral (20%, 1); decúbito lateral esquerdo (40%, 2) e dorsolateral direito (20%, 1), com leve predomínio pelas posições laterais do corpo entre os homens (Gráfico 8).

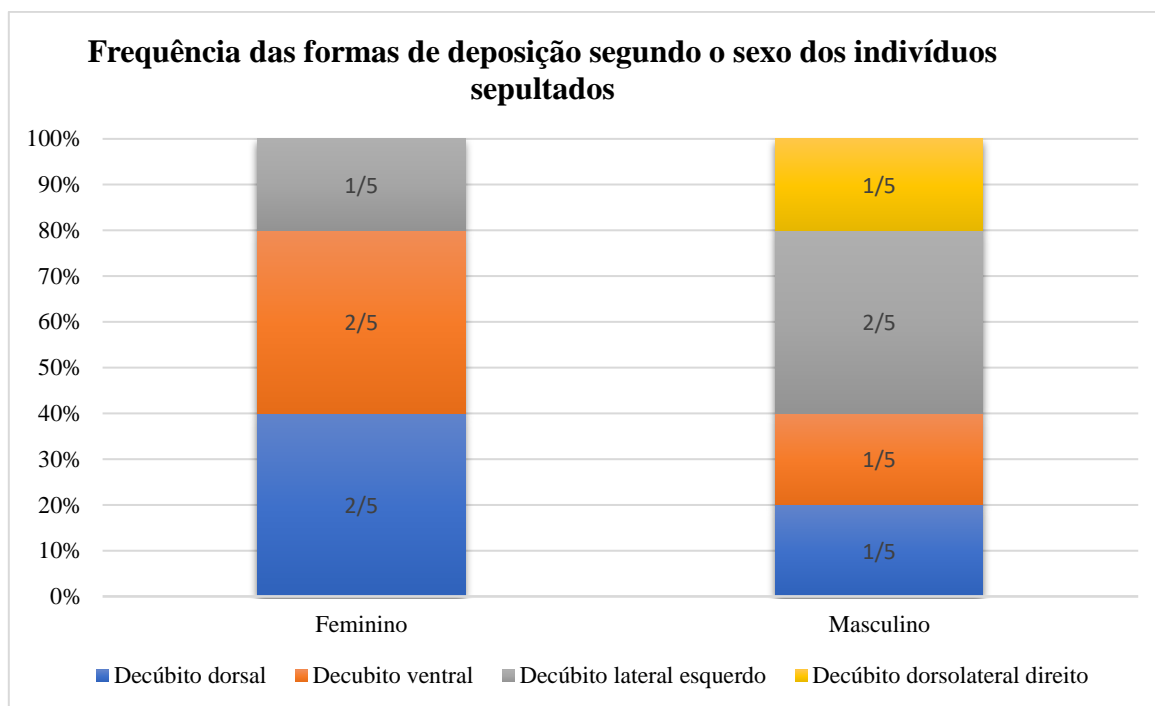


Gráfico 8: Frequência das formas de deposição segundo o sexo dos indivíduos sepultados

Foi possível estabelecer a posição dos membros para treze (ou seja, 13/17) indivíduos quanto aos membros superiores e para onze (ou seja, 11/17) indivíduos para os membros inferiores.

Com exceção dos indivíduos nos sepultamentos 7 e 16, todos os demais estavam com os membros tanto superiores como inferiores estendidos. No caso dos dois sepultamentos mencionados (7 e 16), estes apresentaram ambos os membros fletidos em uma angulação de aproximadamente 45°, o que é coerente com sua posição fletida geral. Embora se trate de uma mulher (7) e um homem (16) ambos têm idade acima de 45 anos. No caso do sepultamento 15 embora o membro superior estivesse estendido não foi possível inferir a posição dos membros inferiores porque eles adentravam o perfil.

Os onze (11) indivíduos restantes (ou seja 85%; 11/13) apresentaram os membros superiores estendidos ao longo do corpo e no geral bastante próximos a este. Foi possível estabelecer a posição das mãos em onze (11) sepultamentos apenas. Em conjunto, as mãos colocadas sobre a pelve ou lateralmente a esta à altura do fêmur responde por 82% dos casos (9/11) sendo a posição sobre a pelve majoritária (45%, 5/11) e a posição ao lado da pelve um pouco mais discreta (37%, 4/11). Cabe notar que a maioria dos indivíduos (3) que apresentaram as mãos lateralmente à pelve, na altura dos fêmures, eram adolescentes (de ambos os sexos) depositados em decúbito dorsal, o indivíduo restante era uma mulher adulta. O posicionamento

das mãos sob a pelve ocorreu em apenas dois indivíduos (18%, 2/11) que foram depositados nos sepultamentos em decúbito ventral.

Em relação aos membros inferiores, nove (9) dos onze (11) indivíduos para os quais foi possível fazer esta análise os apresenta estendidos, estando o direito e o esquerdo muito próximos, frequentemente apresentando contato entre os joelhos de ambos os lados, o mesmo ocorrendo com os tornozelos. No caso do sepultamento 6, um adulto masculino, os membros chegam a se cruzar na altura do terço distal das tíbias e fíbulas, posicionando um pé sobre o outro. Alguns possuem os pés um ao lado do outro, mas a maioria está com os ossos dos pés deslocados, sendo impossível definir a posição exata.

Os dois indivíduos que apresentam os membros inferiores fletidos em aproximadamente 45° correspondem aos sepultamentos 7 e 16, ambos em faixa etária de adultos maduros e depositados com os corpos fletidos.

A orientação do corpo nos sepultamentos, estabelecida pelo eixo crânio/pelve, tem sido um elemento de análise sempre presente nos estudos de práticas funerárias, e tem sido sempre referida a dificuldade de se estabelecer padrões e recorrências, principalmente quando são considerados os pontos cardeais, ou seja, a orientação magnética.

A análise da orientação do corpo pode ser feita para 76% dos sepultamentos (13/17), não sendo possível estabelecê-la em 24% dos casos (4/17). Os sepultamentos para os quais não foi possível estabelecer a direção do eixo crânio-pelve foram os sepultamentos 24 e 25, pois foram encontrados na triagem de laboratório, e, os sepultamentos 7 e 21 para os quais a informação não foi registrada em campo sendo também impossível recuperá-la a partir da análise da documentação fotográfica.

Se a orientação magnética for considerada para os mesmos treze sepultamentos, os resultados encontrados nesta dissertação repetem o que é referido na literatura para sambaquis, ou seja, não é possível evidenciar com clareza um direcionamento preferencial. Considerando os pontos cardeais os corpos foram depositados com as cabeças voltadas para noroeste (30,77%, 4/13), sudeste (30,77%; 4/13), nordeste (15, 38%; 2/13), sul (7,69%; 1/13), leste (7,69%; 1/13), norte (7,69%; 1/13) (Gráfico 9).

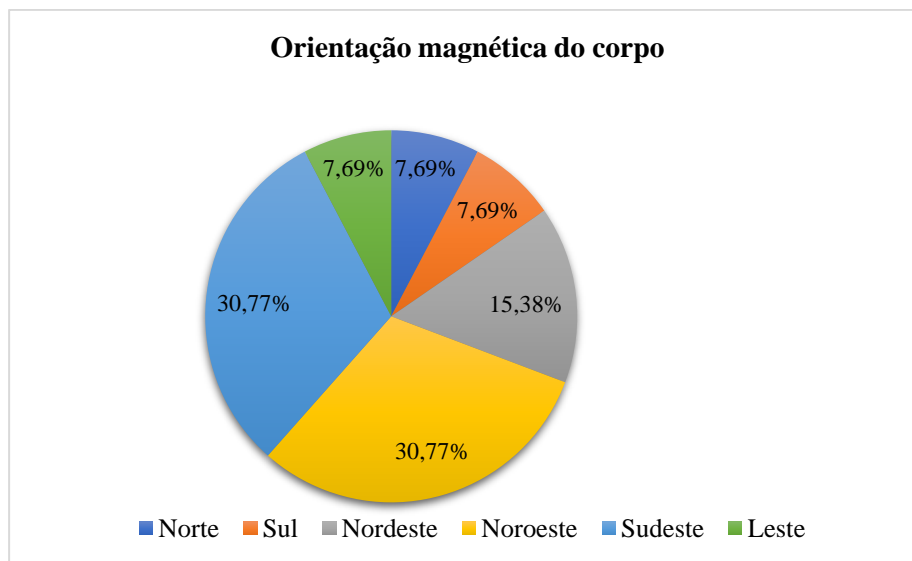


Gráfico 9: Orientação magnética do corpo

Se o mar aberto e a lagoa (Imaruí/Santo Antônio)¹⁰ forem considerados como possíveis ordenadores paisagísticos da orientação dada ao corpo no momento da sua deposição, e considerando-se apenas os treze sepultamentos para os quais foi possível estabelecer a orientação do eixo crânio-pelve, os sepultamentos direcionados com a cabeça voltada para a lagoa chegam a 62% (8/13) constituindo maioria se comparados aos que possuem a cabeça direcionada para o mar aberto, os quais atingem 38% (5/13) (Gráfico 10).



Gráfico 10: Orientação do corpo e a paisagem

¹⁰ Na ficha catalográfica (volume 2) o direcionamento foi especificado entre Lagoa do Imaruí e Lagoa de Santo Antônio mas para o cálculo de frequências optamos por considera-las em conjunto já que de fato constituem um único grande corpo lagunar.

Assumindo-se que os grupos sambaquieiros poderiam observar, marcar e dar significado a eventos astronômicos recorrentes como o nascer e pôr do sol e o percurso que o astro faz no horizonte entre os pontos máximos de nascente e poente nos solstícios de inverno e de verão, assim a orientação magnética registrada para os sepultamentos foi utilizada para estabelecer sua relação astronômica com o sol.

Na organização espacial dos sepultamentos magneticamente orientados apresentada na figura 19 é possível ver que onze (85%) entre os treze sepultamentos que tiveram sua orientação magnética estabelecida estão relacionados ou com o nascente ou com o poente do sol, e conforme estes variam ao longo do ano entre os pontos máximos correspondentes aos solstícios de verão e de inverno.

Os indivíduos 3, 9, 13, 15, 16, 20 e 23 (54%) foram depositados com as cabeças voltadas para o nascer do sol, já os indivíduos 8, 10, 11 e 12 (31%) foram depositados com as cabeças voltadas para o pôr do sol. Apenas os sepultamentos 5 e 6 (15%) não estão relacionados com o nascer ou com o pôr do sol e na realidade apresentam-se orientados como opostos entre si um voltado para norte e outro para sul.

Os indivíduos 10, 11, 12, 15, 23 estão relacionados com o ponto extremo correspondente ao solstício de inverno, os três primeiros no poente e os dois últimos no nascente. Já os indivíduos 8, 3, 13, 16, 20, estão relacionados com o ponto extremo correspondente ao solstício de verão, o primeiro para poente e os outros quatro para o nascente. O indivíduo 9 está orientado dentro do intervalo criado pelos pontos máximos no verão e no inverno.

Quanto à possibilidade de que parâmetros de sexo e idade pudessem interferir na escolha da orientação dos corpos por época do sepultamento, a quantidade de indivíduos é muito pequena para que qualquer tendência seja percebida quando se separa a série por sexo e idade. Há mulheres e homens, crianças, jovens e adultos tanto no conjunto orientado para o poente como no orientado para o nascente. O mesmo ocorre caso se considere lagoa e mar aberto como parâmetros de organização do espaço funerário.

Para os sepultamentos 5 e 6, que são os únicos a não apresentarem orientação relacionada com o nascer ou pôr-do-do sol se buscamos características particulares que possam de alguma forma diferenciá-los elas não aparecem no registro arqueológico de modo evidente. O sepultamento 5 é múltiplo, uma mulher ainda na adolescência acompanhada de um neonato e um lactente, em decúbito dorsal com muito ocre, artefatos líticos e osteomalacológicos associados. O sepultamento 6 é de um homem entre 25 e 30 anos, em decúbito ventral, com

poucos acompanhamentos funerários, e ocre presente mas em quantidade mais modesta, nenhum dos dois realmente destaca dos demais indivíduos sepultados no sítio.

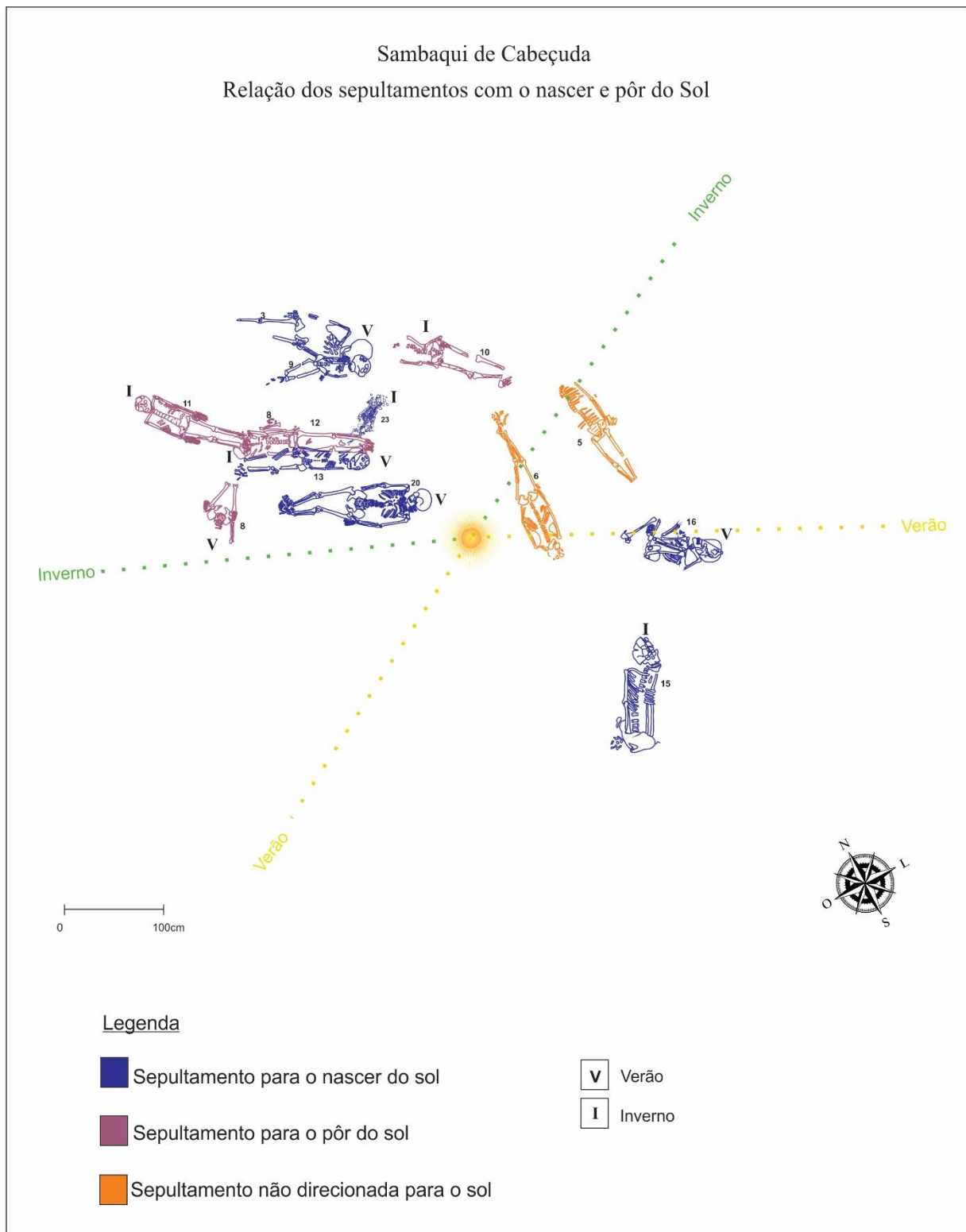


Figura 19: Relação dos sepultamentos com o nascer e com o pôr do sol

A direção da face é outro elemento que é sempre referido em análises de práticas funerárias. Ao contrário do que ocorreu com a orientação do corpo, não foi possível utilizar as fotos para (re)definir a direção da orientação da face, a partir de reanálise, porque não há padronização das tomadas fotográficas fazendo com que as fotos difiram muito entre os sepultamentos, sendo que nem todos possuem registro fotográfico detalhado no momento ótimo de exposição no qual seria possível avaliar a direção a face sem erros.

Se o registro de campo for tomado à risca, e aqui pondera-se que ele é muito incompleto pois apenas nove indivíduos (53%) entre os dezessete estudados tiveram registrada a orientação da face, parece haver entre estes nove uma predominância pela orientação da face direcionada à lagoa e sete indivíduos, ou seja 78% (7/9) foram depositados com os rostos voltados para a lagoa.

Antes de passar para a apresentação dos resultados referentes às análises dos acompanhamentos funerários é preciso ponderar o problema ocasionado pela precariedade da informação sobre a distribuição espacial exata dos artefatos nas sepulturas e de sua relação contextual com os corpos (ver item 5.5).

O problema maior reside nos sepultamentos múltiplos e na impossibilidade, nestes casos, de estabelecer com segurança a qual corpo determinado objeto está relacionado. Assumindo que os acompanhamentos funerários podem variar segundo idade e sexo, sendo estas as categorias mais básicas, mas não as únicas, a impossibilidade de estabelecer, no caso os sepultamentos múltiplos, com qual corpo determinado objeto está relacionado resulta também na impossibilidade de incluí-lo nos cálculos de frequência que consideram sexos e classes etárias.

Assim, devido à impossibilidade de individualizar os objetos colocados em sepulturas múltiplas como acompanhamentos funerários, uma vez que esta informação não foi registrada por época da escavação e não foi possível recuperá-la pela análise da documentação fotográfica, os resultados apresentados a seguir estão separados entre aqueles que podem ser considerados para a sepultura como um todo e aqueles que precisam ser individualizados.

Inicialmente serão apresentados resultados referentes ao ocre (que pode ser individualizado mesmo no caso de sepultamentos múltiplos, uma vez que é aplicado no corpo) e à presença de estruturas que aparecem associadas (acompanhando) sepulturas como um todo e não necessariamente indivíduos (caso das fogueiras e marcas de estaca). Depois serão

apresentados os resultados dos objetos e restos faunísticos associados apenas aos sepultamentos simples, com as devidas frequências, ao final as sepulturas múltiplas serão tratadas em uma análise qualitativa considerando o total de acompanhamentos nelas identificados, mas não a relação entre estes e as características individualizantes dos corpos nelas colocados.

Uma recorrência em praticamente todos os indivíduos foi a presença de pigmento de coloração vermelha, comumente chamado de ocre, que apresentou, no entanto, grande variação na intensidade, as vezes com grande intensidade e em todo o esqueleto, as vezes em de forma esparsa, menor intensidade, mas formando concentrações em alguns locais do sepultamento e em alguns ossos.

A caracterização da composição dessa pigmentação avermelhada foi realizado pelo prof. dr. Carlos Roberto Appoloni do departamento de Física da Universidade Estadual de Londrina, através da análise com equipamento portátil de Fluorescência de Raio X. Essa técnica permite analisar os elementos químicos do pigmento, com objetivo de compreender a origem do pigmento, se é composto de matérias orgânicos ou inorgânico, se existe uma mistura de outro material com a pigmentação, se há diferença de elementos entre o alto e baixo grau de concentração do pigmento nos ossos.

A presença de ocre é referida de maneira regular na literatura que trata de sepultamentos em sambaquis e este elemento está presente em muitos sítios, por outro lado nem todos os indivíduos de um mesmo sambaqui apresentam ocre. Essa diferença entre indivíduos com e sem ocre em um mesmo sítio pode ter uma razão cultural. A análise apresentada a seguir foi realizada com a intenção de identificar se havia ou não pigmento nos sepultamentos quando não era possível perceber visualmente a presença de ocre, e assim trazer à consideração possíveis razões tafonômicas e não sociais para a ausência de ocre em alguns indivíduos.

A análise, feita sobre costelas, não foi aplicada a todos os indivíduos, foram escolhidos os sepultamentos 9, 11 e 16 por apresentarem gradações de pigmentação distintas desde muito pigmentado até pigmentação imperceptível a olho nu. Também foram comparadas amostras de sedimento de um sepultamento muito pigmentado (23) e um sepultamento sem pigmentação aparente (16).

As análises revelaram que todas as amostras possuíam silício (Si), fosforo (P), enxofre (S), cloro (Cl), potássio (K), cálcio (Ca), titânio (Ti), manganês (Mn), Ferro (Fe), zinco (Zn), arsênio (As), estrôncio (Sr), zircônio (Zr) e bromo (Br), mas que alguns destes elementos possuíam diferença quanto a sua quantidade.

A costela amostrada para o sepultamento 11 apresentava forte pigmentação, a costela amostrada para o sepultamento 9 uma pigmentação relativamente menos intensa e a costela amostrada para o sepultamento 16 não apresentava pigmentação visível a olho nu. Os resultados das comparações estão na Figura 20.

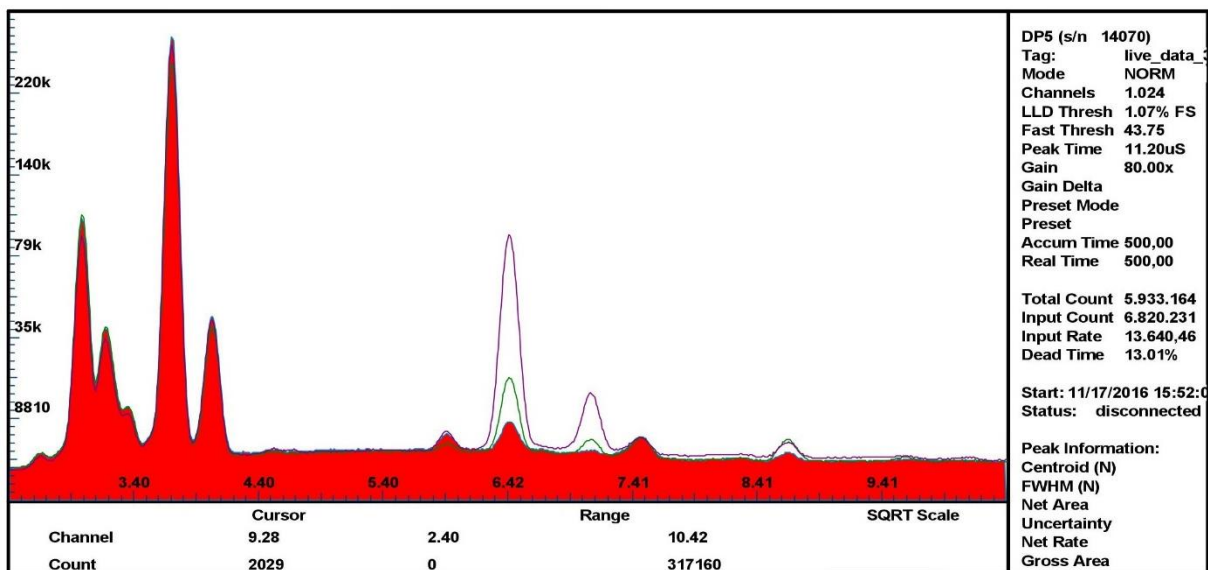


Figura 20: Comparação entre amostra do indivíduo 16 visualmente não pigmentada (vermelho) com o indivíduo 11 bastante pigmentado (linha lilás) e indivíduo 9 com menos pigmentado (linha verde) – Análise feita por Dr. Carlos R. Appoloni.

Contrastando a amostra do indivíduo 11 (pigmentação forte, mais intensa) com o 16 (visualmente não pigmentado), nota-se que todos os elementos possuem quantidades aproximadas, sendo o manganês igual, mas que o nível de ferro no sepultamento 11 é bem mais elevado. Já sepultamento 9 (pigmentação mais clara, menos intensa) tem mais ferro, menos manganês e mais zinco do que o indivíduo 16 (visualmente não pigmentado) e menos ferro que o sepultamento 11. Não obstante o sepultamento 16 apresenta ferro na composição.

Quando consideradas as amostras de sedimento dos sepultamentos 16 (que visualmente não se apresentava pigmentado) e 23 (muito pigmentado) as amostras revelaram a presença de silício (Si), fósforo (P), cloro (Cl), potássio (K), cálcio (Ca), titânio (Ti), manganês (Mn), Ferro (Fe), zinco (Zn), arsênio (As), estrôncio (Sr), zircônio (Zr) e bromo (Br). O contraste entre sedimento do sepultamento 16 (linha vermelha) e o sedimento pigmentado do sepultamento 23 (linha verde) mostra que o sedimento do 23 tem muito mais Fe e menos P, Ca, Ti, Mn e Sr em relação ao sedimento do 16 que não é pigmentado visualmente (Figura 21).

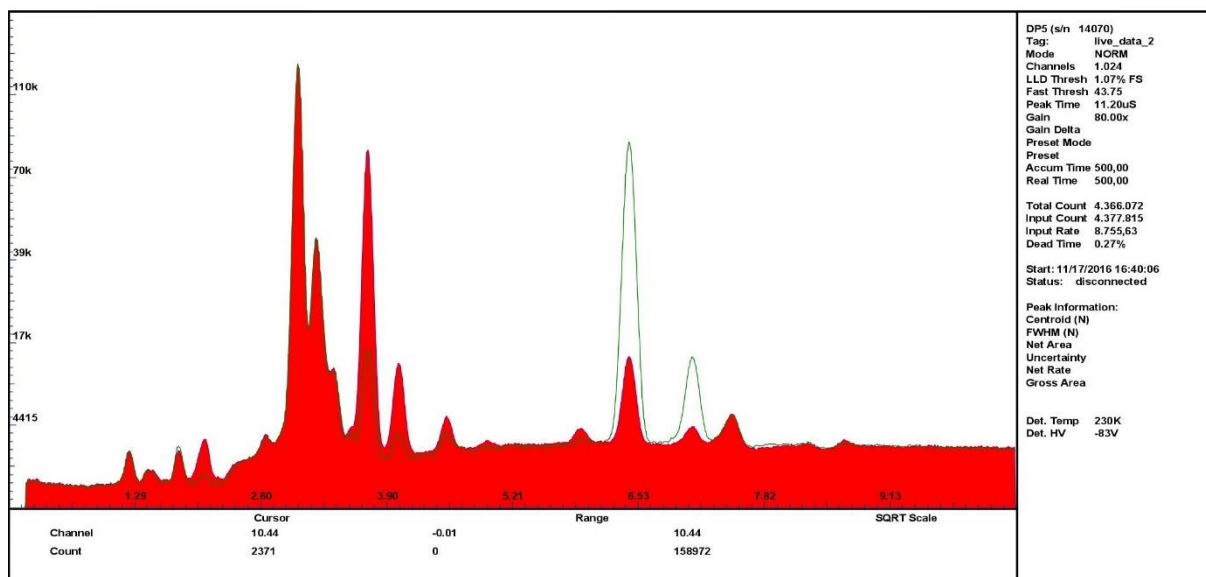


Figura 21: Contraste entre sedimento do sepultamento 16 (linha vermelha) e o sedimento pigmentado do sepultamento 23 (linha verde) - Análise feita por Dr. Carlos R. Appoloni.

As marcas de estaca são elementos que estão relacionados à arquitetura geral das sepulturas e não a indivíduos em particular. As descrições na documentação primária sobre marcas de estacas são mencionadas nos sepultamentos 9, 10, 11 e 15 e o que foi considerado como marca de estaca nesses registros corresponde a manchas de sedimento mais escuro que possuem uma relativa profundidade adentrando o sedimento padrão da camada e cujas dimensões variam entre 7 cm e 18 cm de profundidade.

Dada a pequena quantidade de marcas registrada e da falta de critérios diagnósticos claros utilizados para identificá-las é preciso considerar que algumas dessas marcas interpretadas como de estaca possam corresponder à manchas decorrentes da decomposição de artefatos feito de material vegetal, como cuias de madeira, cabaça ou trançados, e que pudessem ter sido colocados em associação ao corpo. Em alguns casos, como o do sepultamento 10, as descrições não são corroboradas por nenhuma documentação visual, e assim na falta de descrição detalhada das características desses vestígios apenas as marcas de maior profundidade ou visíveis em fotos do perfil foram consideradas marcas de estaca, ainda que isso tenha o efeito claro de subestimar a quantidade de marcas de estaca.

Algo similar ocorre com o registro de fogueiras associadas aos sepultamentos, elas não são mencionadas em todos os sepultamentos. Em alguns casos são apenas citadas na ficha de sepultamento (documentação primária) no item “acompanhamento funerário” sem

descrições de composição ou localização, em outros casos sua localização é descrita de maneira superficial, mas a composição da estrutura que está sendo interpretada como fogueira não é detalhada. Dessa forma cada registro foi avaliado e interpretado com base nas informações existentes, e inevitavelmente é necessário ponderar o significado dos achados atribuindo-lhes menos peso nas interpretações dada a precariedade da informação disponível.

Apenas para o sepultamento 3 foi considerada a hipótese de que a área mencionada na documentação primária como fogueira era produto de fato de uma fogueira, que poderia ter sido acesa in loco ou ter tido seu sedimento transportado e depositado em quantidade na área do sepultamento. Embora as descrições da documentação não indiquem uma grande quantidade de carvão, a alta frequência de fire-cracked rocks (FCR) identificados na análise lítica é um elemento que corrobora a interpretação de se tratar de uma fogueira ou de sedimento com origem em fogueira (Farias, 2014).

Já nas sepulturas 7-21, 15, 10, 6, e 5 os registros de fogueira disponíveis na documentação são pouco detalhados, sem análise de composição do sedimento que é descrito apenas como manchas com muitos carvões. Nestes casos nem a documentação fotográfica nem a análise lítica permitiram levantar subsídios que confirmassem que se fogueiras se tratava de fogueiras propriamente ditas, assim esses vestígios foram entendidos e tratados como “estrutura de carvões”, que podem corresponder a braseiros deslocados para a área do sepultamento, sedimento proveniente de fogueiras apagadas e redepositado na área do sepultamento intencionalmente ou não, entre outras possibilidades.

Quando consideradas todas as treze sepulturas (10 simples e 3 múltiplas – sendo uma com três indivíduos [5-24-25] e duas com dois indivíduos [7-21] e [12-13]) a maioria delas, 12 sepulturas (92%), apresenta algum tipo de acompanhamento funerário associado aos indivíduos sepultados e em apenas uma delas (8%) não foram identificados acompanhamentos. Aqui é preciso ressaltar que este sepultamento no qual não foram encontrados acompanhamentos não está totalmente escavado, trata-se do sepultamento 20, de uma mulher adulta jovem (19-25 anos), que foi retirado em bloco e assim permaneceu desde a escavação¹¹.

¹¹ Sua permanência em bloco deve-se a escolha feita pelo GRUPEP-UNISUL de utilizá-lo em uma futura exposição.

Para as sepulturas simples, se forem considerados apenas os indivíduos com sexo estimado (5 indivíduos), todos os três (3) indivíduos masculinos apresentaram acompanhamentos, já entre as duas mulheres apenas uma apresentou (a que não apresenta é justamente a que se encontra no sepultamento 20). Como o número de indivíduos com sexo estimado em sepulturas simples é muito pequeno estes resultados bem podem apresentar distorções.

Os artefatos encontrados aparecem nestas cinco sepulturas sempre em pequena quantidade (no máximo 4 no sepultamento 8 – mulher adulta) e foram todos confeccionados em matéria prima lítica, ou seja, não parece haver distinção entre os sexos seja em quantidade seja em matéria-prima. No entanto chama a atenção que os artefatos classificados como almofariz aparecem apenas em sepulturas femininas (sepultamento 8, e possivelmente 12/13, ver catálogo, volume 2 página 48).

Quando considerados todos os indivíduos (dez) em sepultamentos simples segundo suas faixas etárias, apenas a mulher adulta jovem do sepultamento 20 não apresenta acompanhamentos, os indivíduos em todas as demais faixas etárias apresentam sempre acompanhamentos líticos, já os artefatos confeccionados em osso e concha ficam restritos a indivíduos mais jovens (Gráfico 11). Por outro lado, ocorre a presença de uma concha de gastrópode não modificada com o sepultamento 16, o qual também apresenta um adorno lítico (o único identificado) que aparece nas fotografias claramente associado com a região sub-auricular do indivíduo, o que levou a sua interpretação nesta dissertação como um adorno auricular (piercing) (ver catálogo, volume 2, página 93, figura 93 e 94).

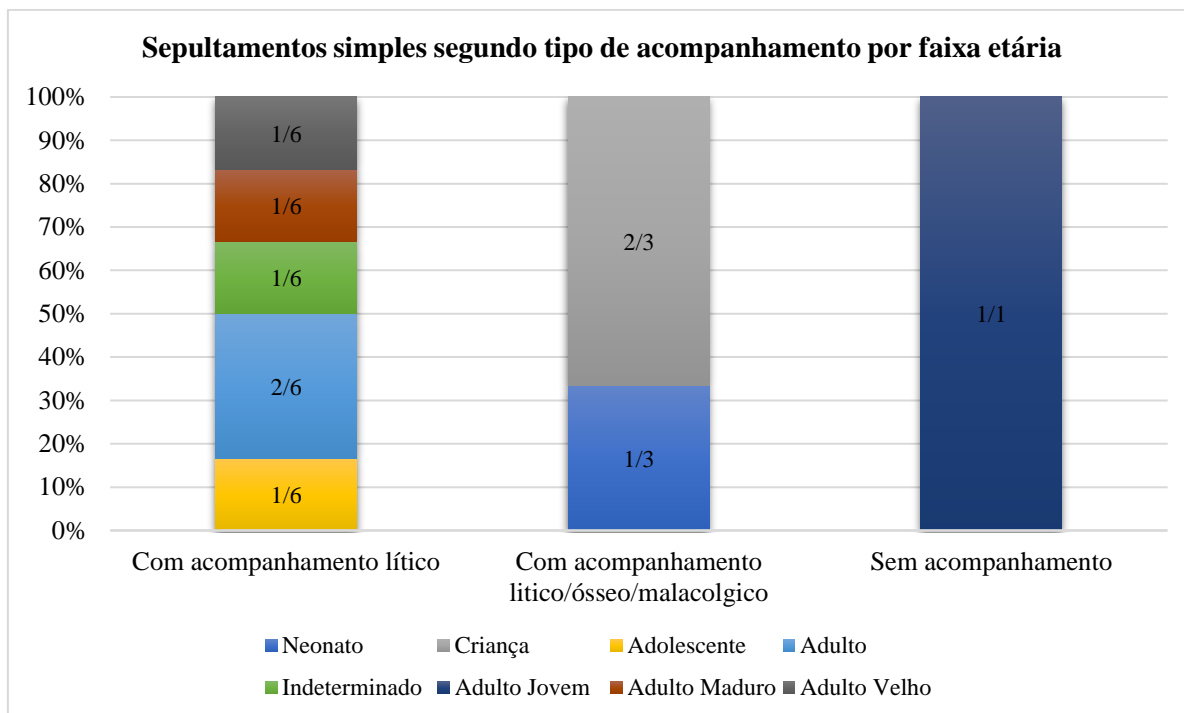


Gráfico 11: Distribuição dos acompanhamentos funerários por faixa etária nos sepultamentos simples

No que diz respeito às três sepulturas múltiplas, estas contam com 7 indivíduos, sendo 5 com sexo estimado (três femininos e dois masculinos), e outros dois indivíduos não estimados que estão na faixa etária neonato e lactente. Todas as três sepulturas possuem acompanhamento funerário, contudo não é possível estabelecer com clareza a relação direta entre indivíduo e acompanhamento. O sepultamento [5-24-25] apresenta a associação entre um indivíduo adolescente feminino, um neonato (indivíduos 24) e um lactente (indivíduo 25); a sepultura [12-13] tem em associação um indivíduo feminino adulto (indivíduo 12) e um indivíduo masculino adolescente (indivíduo 13), já o sepultamento [7-21] apresenta a associação entre um indivíduo feminino adulta madura (indivíduo 7) e um indivíduo masculino adulto (indivíduo 21). Ainda que sejam poucas as sepulturas múltiplas, chama a atenção que em todos os casos a associação se dá entre indivíduos com grande diferença etária.

O resultado da análise dos acompanhamentos funerários presentes nas sepulturas múltiplas demonstra que apesar de todas terem acompanhamentos líticos, apenas a sepultura [5-24-25], justamente a que conta uma adolescente, um neonato e um lactente, apresenta também artefatos em osso e concha.

A quantificação dos acompanhamentos líticos presentes no conjunto de todas as sepulturas demonstra que há uma grande variação na quantidade de itens em cada uma delas, mas com uma tendência para que indivíduos mais velhos apresentem menos itens líticos e que indivíduos mais jovens apresentem uma quantidade maior de peças em suas sepulturas. Por

outro lado, não parece haver qualquer diferenciação sexual na quantidade de itens que compõe as sepulturas (Gráfico 12).

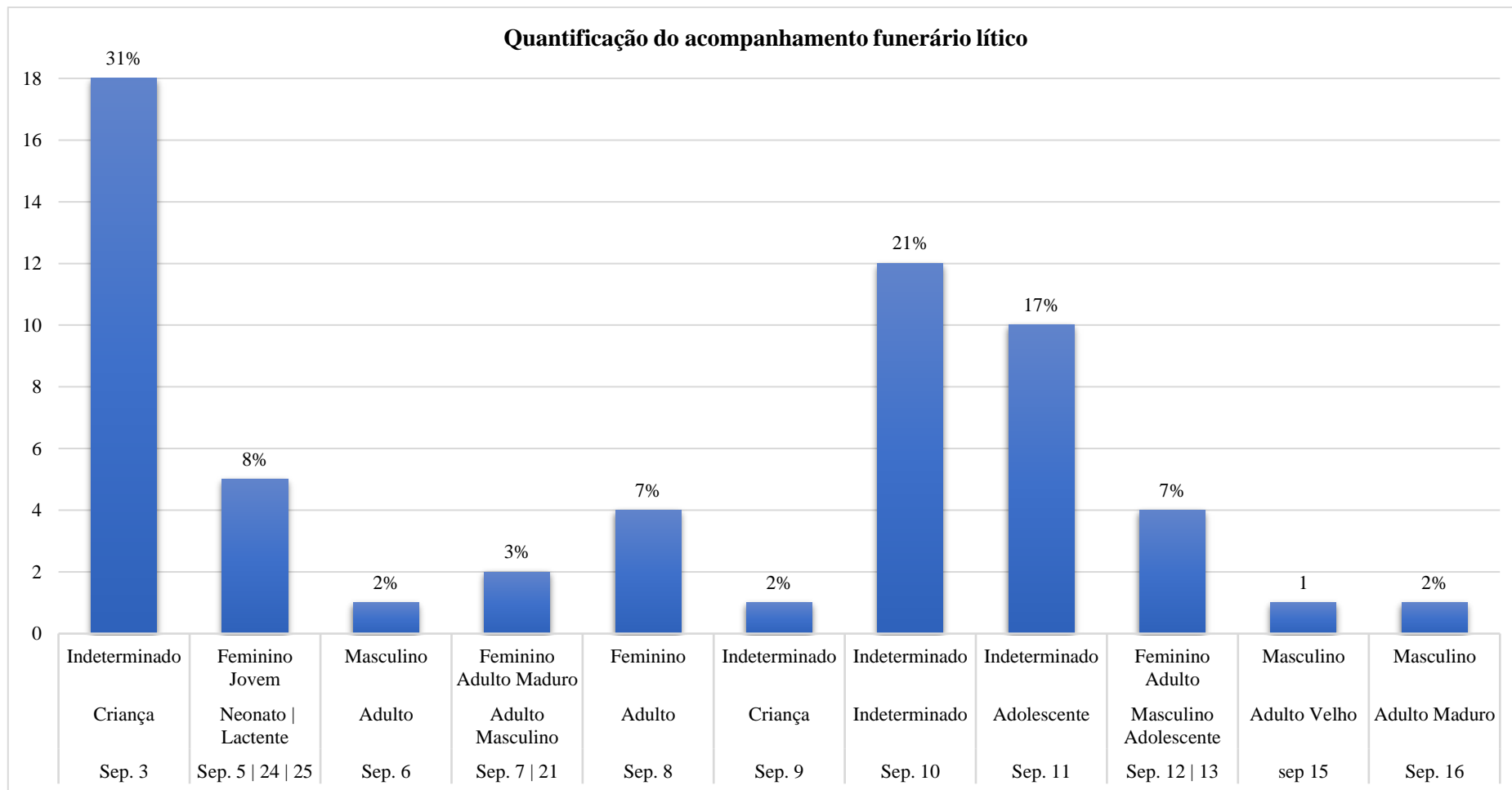


Gráfico 12: Quantificação do acompanhamento funerário lítico por sepultura.

Os acompanhamentos osteomalacológicos não foram analisados de forma sistemática como o material lítico e os dados apresentados são referentes às peças pontuais coletadas durante a escavação. O sedimento associado aos sepultamentos, coletado em campo, não foi ainda triado e analisado para uma visão global desses vestígios, com exceção de dois casos, que são a sepultura múltipla formada pelos sepultamentos/indivíduos 5, 24 e 25 e o sepultamento 23, trabalhados pela pesquisadora Jessica Mendes Cardoso (relatório no anexo 2).

A quantificação apresentada a seguir foi feita considerando-se cada peça individualmente, e não o que essas peças em conjunto poderiam compor. Dessa forma, os sepultamentos 3 (criança) e 10 (com idade e sexo indeterminado) possuem apenas 1 peça elaborada em osso de mamífero; o sepultamento 16 (masculino adulto maduro) uma concha de gastrópode não modificada segundo registro de campo (não foi possível reanalizá-la em laboratório). A sepultura múltipla [5-24-25], (feminino adolescente, neonato e lactente) possui 27 peças, sendo 26 valvas de *Anomalocardia flexuosa* perfuradas próximas ao umbo – classificadas como pingentes, embora não se possa descartar a possibilidade de que estivessem atadas a algum outro tipo de artefato, como uma esteira ou cesta, e um osso de cetáceo modificado, classificado como um artefato ósseo – possivelmente uma espátula. Além disso, sobre a região do abdômen do indivíduo 5 foi registrado um amontoado de ossos de mamífero não modificados.

Já o sepultamento 23 (neonato), retirado em bloco e escavado em laboratório apresentou uma quantidade muito maior de peças: 1017 peças. Todas foram interpretadas como peças componentes de adornos: são 800 conchas de *Olivella* sp., sendo 761 contas do tipo simples sem ápice e 39 contas do tipo simples sem ápice e com perfuração; 213 valvas perfuradas de *Anomalocardia flexuosa*, classificadas como pingentes mas que poderiam estar atadas a algum tipo de traçado como uma esteira ou cesto; e 4 contas do tipo discoide simples.

A maioria das 800 contas de *Olivella* sp. estava sobre o bebê, principalmente sobre a região da caixa torácica. A hipótese de que se tratasse de um colar de muitas voltas encontrou respaldo na evidenciação de várias feiras de conchas alinhadas na região cervical, abaixo do pescoço, quando da retirada do crânio (ver catálogo, volume 2 página 114, figura 120) levando a esta inferência. As 4 contas do tipo discoide simples foram encontradas na triagem do sedimento que estava no nível do sepultamento e na região do crânio.

As 213 valvas perfuradas de *Anomalocardias flexuosa*, foram identificadas abaixo do indivíduo. Depois da retirada do sepultamento, o sedimento do bloco foi registrado e

escavado de 5 em 5 centímetros, e essas contas foram encontradas ao longo dos 30 centímetros do bloco, a partir do terceiro nível começam a aparecer em maior quantidade, e se concentraram no quarto nível, a partir do quinto começam a diminuir mesmo que presentes ainda em quantidade expressiva, no sexto nível foram encontrado poucas conchas perfuradas, o equivalente ao segundo nível. Supõe-se que essas conchas poderiam estar amarradas em algum tipo de esteira ou cesta depositada no fundo do local preparado para depositar o bebê, sendo que nenhum adorno desse tipo foi encontrado acima do sepultamento. Como no último nível diminui consideravelmente a quantidade é possível que essa presença seja pela percolação das conchas no sedimento.

É importante destacar que os furos presentes nas valvas de *Anomalocardia flexuosa* podem ter origem natural, e sua natureza antrópica ainda precisa ser claramente determinada. Apesar disso a concentração de valvas com furos próximos ao umbo, associadas apenas a sepultamentos onde há bebês sugere que sua seleção e deposição nestes contextos tenha sido intencional.

Ainda neste sepultamento outro ponto que chama atenção são algumas contas pequenas perfuradas e queimadas, muito escuras, que estavam em volta do indivíduo, pela sua disposição um tanto dispersa e pela pouca quantidade não é possível inferir o que essas contas poderiam formar, também não foi possível identificar de qual material elas foram produzidas, uma tentativa foi feita na análise FRX mas não apresentou resultado dada a escassez de material.

7 PARA ESTABELECEER UMA BASE DE DIÁLOGO: ASPECTOS FUNERÁRIOS EM SAMBAQUIS DO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, PARANÁ E SANTA CATARINA VISTOS ATRAVÉS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.

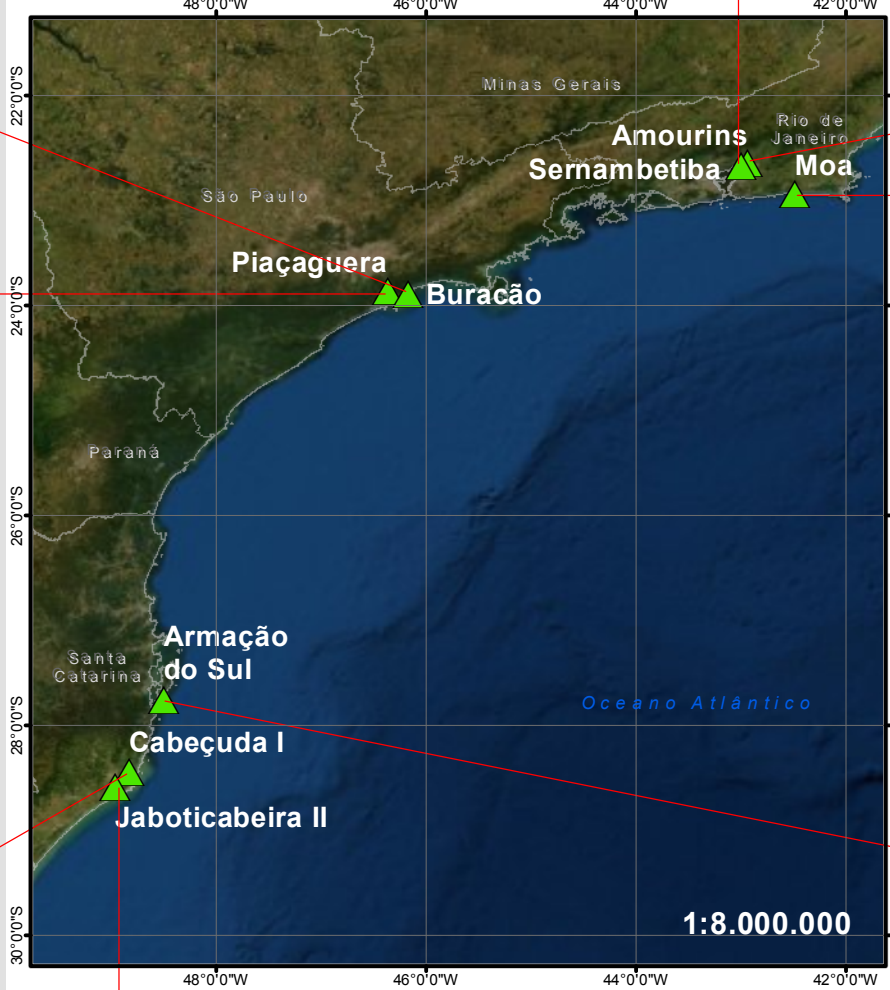
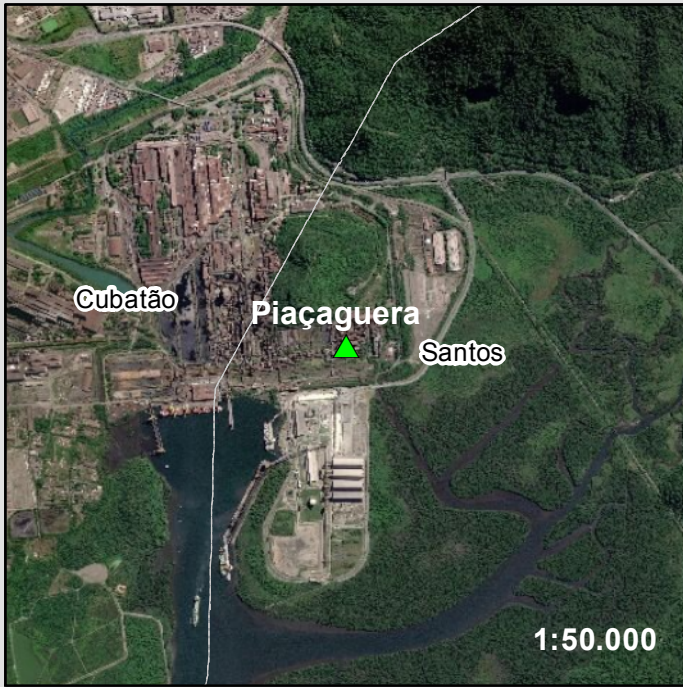
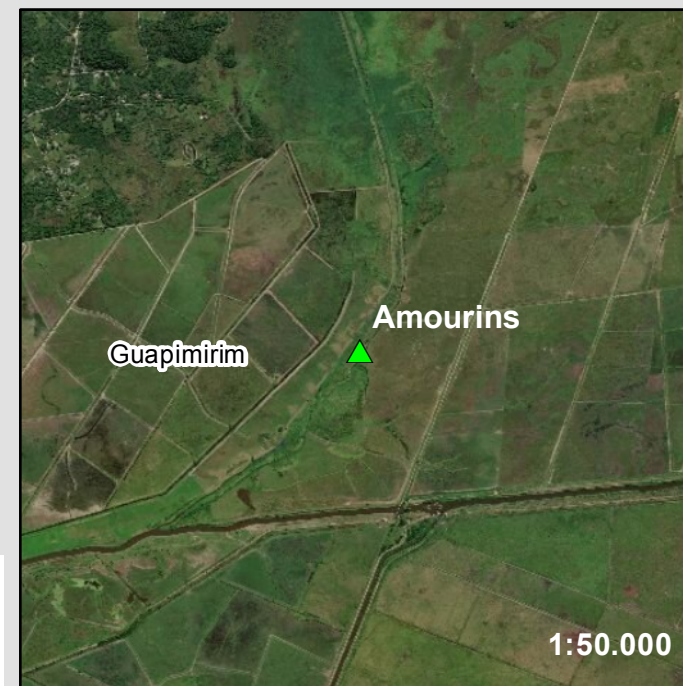
No levantamento bibliográfico sistemático sobre estudos funerários em Sambaquis integrante desta dissertação foram identificadas e recuperadas 38 obras que preencheram os critérios de inclusão. Ao serem analisadas as informações disponíveis nos textos dos artigos, teses e dissertações levantados ficou evidente que a análise efetivamente detalhada e direcionada especificamente a aspectos funerários sambaquieiros é objeto relativamente recente dos estudos arqueológicos e a maior parte das obras mais antigas apresenta apenas referências gerais ou informações muito parciais sobre os sepultamentos identificados nos sítios, fazendo com que a maior parte dos dados da literatura e os produzidos nesta pesquisa para o Sambaqui de Cabeçuda sejam incomparáveis.

A maior parte das obras consideradas trata de um sambaqui específico, no entanto há duas delas que se propõe a realizar um estudo comparativo entre vários sítios e articulam em suas conclusões propostas de modelos funerários para o conjunto de sítios de que tratam.

Assim através das informações disponíveis nessa literatura foram considerados nesta pesquisa os sambaquis de Amourins, Moa e Sernambetiba para o Rio de Janeiro, Piaçaguera e Buração para São Paulo, Jabuticabeira II e Cabeçuda para o sul de Santa Catarina, e ainda, através do conjunto de modelos-padrões funerários proposto por Filipi Pompeu (2015) os sambaquis do Godo, Gomes, Guaraguaçuba B, Macedo, Porto Maurício, Saquarema, Rio São João (todos no Paraná) e Cubatãozinho, Rio Pinheiro, Enseada, Morro do Ouro, Ponta das Almas, Congonhas I (todos em Santa Catarina).

Ainda que o sítio Armação do Sul não seja um sambaqui ele foi incluído devido ao fato de que apresenta datações compatíveis com a maioria dos sambaquis tratados aqui, representa aspectos funerários próprios do litoral central de Santa Catarina, e possui uma das descrições mais completas sobre práticas funerárias para sítios deste tipo, servindo de certo modo como um “controle” externo ao sistema sambaquieiro propriamente dito.

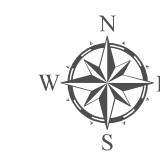
A seguir são apresentadas as informações sobre aspectos funerários levantadas na literatura para os sítios citados, apresentadas por região. Nos casos dos sítios com poucos sepultamentos escavados, a descrição foi feita individualmente, já para os sítios com muitos sepultamentos foi feita uma compilação mostrando de forma geral as características das estruturas funerárias. Os sambaquis tratados por Filipi Pompeu (2015) foram considerados a partir dos modelos-padrões propostos pelo autor.



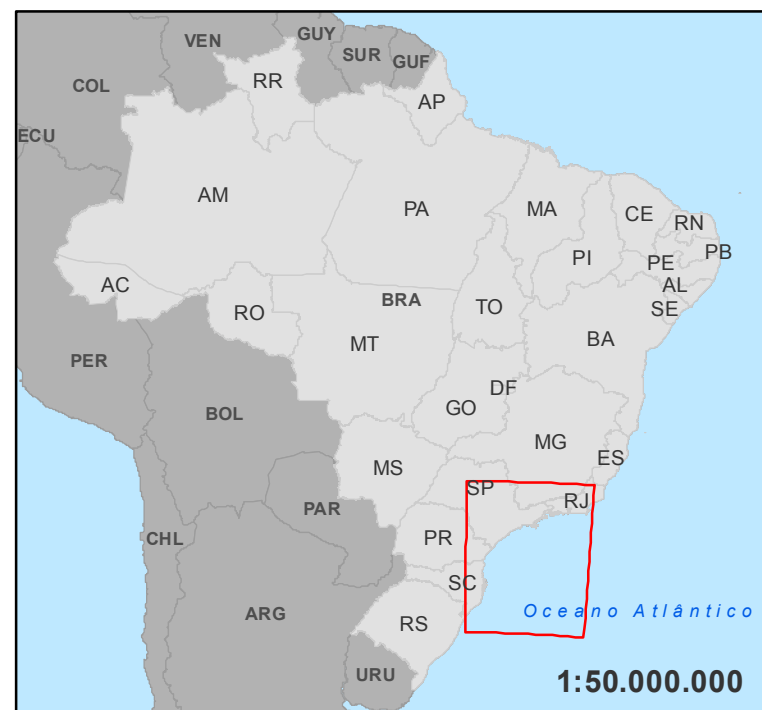
Mapa: Sambaquis pesquisados

**(Re) Começando do princípio:
O que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?**

▲ Sambaqui
 Limite estadual
 Limite municipal



RJ	Zona	X	Y
Amourins	23 S	711525	7493932
Sernambetiba	23 S	705048	7492005
Moa	23 S	757917	7461569
SP			
Piaçaguera	23 S	360797	7359817
Buracão	23 S	380053	7357468
SC			
Jaboticabeira II	22 S	699438	6835650
Armação do Sul	22 S	746166	6927883
Cabeçuda I	22 S	712560	6852169



7.1. Rio de Janeiro

7.1.1. Sambaqui Amourins

O sambaqui Amourins (coordenadas UTM WGS 8423S | 711525 - 7493932) está localizado a uma distância de aproximadamente 5km da Baía de Guanabara, ao lado do rio Guapimirim (BERREDO, 2018). As pesquisas realizadas nesse sítio compreendem dois períodos distintos, o primeiro com intervenções realizadas no final da década de 1970 e início da década de 1980 por Heredia e colaboradores (HEREDIA et al., 1982), e segundo, passadas três décadas desde as primeiras pesquisas, com intervenções feitas no âmbito do projeto “Sambaquis médios, grandes e monumentais (Sambaqui MGM)” em 2010.

De acordo com Maria Dulce Gaspar e colaboradores (2013) as datações para o sambaqui Amourins estão entre as mais antigas para a região da Baía de Guanabara, com espectro entre 4250-3970 cal AP, 3610-3260 cal AP e 3910-3570 cal AP.

A pesquisa de Heredia e colaboradores (1981) tinha por objetivo compreender a ordenação espacial no interior do sítio, com foco na distribuição dos artefatos.

Já o projeto MGM tinha por objetivo inicial compreender o processo de formação do sítio e abordou o sambaqui a partir da análise da estratigrafia dos perfis já expostos, caracterizando sua composição e sequência construtiva da seguinte forma: uma camada de construção inicial de *Ostrea* sp., sobre a qual está a camada funerária com os sepultamentos e que é composta basicamente por sedimento arenoso, de coloração marrom escura, estruturas de cinzas, restos de carvões dispersos e muitos ossos de peixes, seguida por uma camada de recobrimento da área funerária que por sua vez apresenta forma monticular e é composta por *Ostrea* sp. e *Lucina pectinata.*, finalmente sobre a camada de recobrimento da área funerária encontra-se a camada atualmente mais superficial e composta por um grande pacote de marisco fragmentado (MENDONÇA DE SOUZA et al., 2012).

No sítio foram identificados 5 sepultamentos, dois na campanha de Heredia sendo apenas um retirado, e três nas diversas campanhas do projeto Sambaquis MGM, os quais foram retirados em blocos (posteriormente escavados em laboratório) e denominados de A, B e C (BERREDO, 2018; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2012).

O sepultamento retirado no primeiro período por Heredia foi denominado de “**sepultamento 2**”. Sheila Mendonça de Souza e colaboradores (2012) baseados na documentação primária e nas publicações de Heredia (et al., 1982;1980), o descreveram como

um sepultamento praticamente completo, com conexões anatômicas preservadas, depositado em decúbito ventral e estendido, com os membros superiores estendidos ao longo do corpo com mãos sob a pelve e face para baixo, os membros inferiores estendidos e em conexão com a pelve. A pelve estava mais profunda em relação as demais parte do corpo, levou a sugestão de uma cova rasa para o enterro, além da forma não usual, até aquele momento, de se tratar de um indivíduo depositado estendido e não fletido¹². As análises de estimativa de sexo e idade realizada por Berredo (2018), indicam um indivíduo adulto e do sexo masculino.

Os sepultamentos escavados pelo projeto Sambaquis MGM, de acordo com BERREDO, 2018 e MENDONÇA DE SOUZA et al., 2012 possuem, de maneira geral, as seguintes características:

O **Sepultamento A** foi parcialmente retirado em bloco. A parte que compreendia do crânio até as epífises proximais dos fêmures direito e esquerdo foi levada em bloco para o laboratório, já os outros ossos dos membros inferiores foram evidenciados em campo. A análise osteológica identificou um indivíduo jovem, do sexo masculino, depositado em um sepultamento primário, em decúbito dorsal e estendido. Estava em uma camada arenosa escura, com material queimado. Havia presença de cinza ao lado e abaixo do corpo, e dois buracos de estaca na altura dos pés e das pernas. Os cortes das camadas abaixo do sepultamento sugerem um nivelamento intencional na área de deposição.

A análise minuciosa de Berredo (2018) durante a escavação do bloco em laboratório, identificou um possível material vegetal, semelhante a uma fibra. O registro foi feito apenas pela visualização com uma lupa de aumento, e infelizmente a fragilidade do material não permitiu outras análises.

O **Sepultamento B** estava num local do sítio que sofria com inundações, o que acarretou más condições de preservação do esqueleto. Havia poucos ossos presentes, que correspondiam apenas ao crânio, mandíbula, dentes, clavículas direita e esquerda, vértebras cervicais, costelas direitas e esquerdas, úmero, ulna e fragmentos de escápulas direita e esquerda. O estado de preservação dificultou as interpretações, porém foi sugerido se tratar de um sepultamento primário, depositado em decúbito dorsal. Estava sob uma camada de ostras, lucinas e outras conchas. Também foi encontrado *Lucina Pectinata* e *Anomalocardia Flexuosa* fechadas, dentro de uma das conchas *Lucina pectinata* com as valvas fechadas foi encontrado

¹² Para informações com maiores detalhes consultar: MENDONÇA DE SOUZA et al., 2012

um osso de peixe. Além da presença de ocre e quartzo, sem presença de artefatos elaborados em osso concha ou dente (BERREDO, 2018).

O **sepultamento C** foi retirado em dois blocos, um composto pelos ossos da tíbia, fíbula e pés e o outro com os membros superiores úmeros, rádios, ulnas, ossos das mãos, vértebras, costelas, pelve e fêmures. Foi caracterizado como um indivíduo jovem do sexo feminino, primário, estendido em decúbito dorsal, com membros superiores ao lado corpo e mão sobre a pelve, os tornozelos estavam junto com os pés extremamente estendidos, com metatarsos agrupados, e pé direito sobre o pé esquerdo. A posição dos membros inferiores sem deslocamentos, sugerem um efeito parede, e a possibilidade de o corpo ter sido envolto em uma espécie de trançado. O membro superior esquerdo estava elevado em relação aos pés, sugerindo a inclinação do corpo (BERREDO, 2018).

Havia acima do indivíduo uma estrutura de cinza que cobria da área do crânio até a pelve, além disso sobre o indivíduo havia uma área composta por material ósseo, carvão e concha, misturado em uma matriz escura, sugestiva da ação de fogo. Sob o corpo havia uma depressão, com o fundo forrado de grandes ostras, preenchida com material diferente do que está nas laterais. Apesar da presença de ocre junto ao crânio, pernas e pés, não foram identificados artefatos. No entanto foram encontradas vertebras de peixes articuladas na região do pescoço e pés (BERREDO, 2018).

A análise de toda estratigrafia do sepultamento sugeriu que o corpo tenha sido depositado sobre estruturas de queima preparadas ou pré-existentes na área mais baixa do sítio, e depois coberto com conchas, material que formou montículos. Havia também uma estrutura de queima que atingiu principalmente a área próxima à cabeça e ombro esquerdo (BERREDO, 2018).

As análises dos sepultamentos nos blocos, por Berredo (2018) sugerem que os ossos estivessem sendo colocados sobre sedimento de fogueira realizada em outro lugar, pois não foram identificadas marcas de corte, queima ou cremação. Os blocos também proporcionaram interpretações como o “intenso uso de fogueiras, cinzas, marcas de estacas e conchas para demarcar e até mesmo ornamentar o espaço destinado ao morto.”(BERREDO, 2018). A autora também identificou um programa de atividades que eram realizadas para o enterro, que consistia em preparar o terreno com conchas robustas, seguida de conchas mais frágeis onde o corpo seria diretamente depositado, e sobre o corpo iria novamente as conchas robustas, escolhidas intencionalmente, junto das cinzas que serviriam para proteger o corpo e suas partes.

7.1.2. Sambaqui do Moa

O sambaqui do Moa (coordenadas UTM 757917 - 7461569) está localizado na região da Laguna de Saquarema também está próximo ao mar e rio. Foi escavado pela primeira vez em 1988 por Lina Kneip e dez anos depois por Maura Imazio em 1998. As duas etapas resgataram um total de 61 indivíduos (ANDRADE, 2009).

As pesquisas no sítio identificaram duas camadas ocupacionais que possuíam entre trinta e quarenta centímetros, a primeira etapa identificou na camada I treze sepultamentos e na camada II vinte sepultamentos. As datações correspondem a 3.610 ± 190 anos AP para camada I, e 3.960 ± 200 anos AP para camada II (KNEIP; MACHADO, 1993). De acordo com Cilcair Lima de Andrade (2009):

“As duas camadas de ocupação escavadas em 1988 revelaram estruturas alimentares, estruturas de combustão, estruturas funerárias com a característica marcante da presença do sedimento avermelhado, além de concreções ferruginosas depositadas junto ao corpo e as marcas de estacas preenchidas pelo sedimento arenoso.” (p. 117)

As escavações de 1988 e de 1998 abordaram áreas diferentes do sítio, sendo observadas características diferentes para os sepultamentos de cada área. Enquanto Lina Kneip e Lilian Cheuiche Machado (1993) observaram que o depósito em decúbito dorsal ocorria em maior frequência, Maura Imazio (2001) relata que na área que escavou em 1998 os sepultamentos em decúbito ventral ocorreram em maior frequência.

Na escavação de 1988 o ocre foi identificado em praticamente todos os sepultamentos e as descrições da escavação de 1998 também relatam que o corante era utilizado na preparação da área de depósito do morto. Segundo as observações de Maura Imazio (2001) não havia cova, mas sim pequenas depressões na superfície para acomodar o morto, nessa superfície era depositado solo com corante e argila vermelha, com o morto eram colocados os acompanhamentos, sobre ele um depósito de conchas, e uma fogueira era acesa sobre as conchas.

As duas etapas de escavação identificaram sepultamentos múltiplos, e em um dos sepultamentos duplos encontrados por Imazio (2001) há associação entre indivíduo adulto e criança. Já o tipo de sepultamento das pesquisas de Kneip e Machado (1993) são primários e secundários, no entanto as escavações de Imazio (2001) identificou apenas sepultamentos primários, devido ao estado de preservação de alguns indivíduos que não possibilitaram a interpretação de tal aspecto.

Uma outra característica observada por Kneip e Machado (1993) foi a posição dos membros superiores estendidos e sob a pelve, destacando ainda esse detalhe visto em sepultamentos femininos.

Em alguns sepultamentos Imazio (2001) encontrou blocos de pedras ou seixos, além de artefatos líticos, raspadores de conchas e adornos feitos a partir de diferentes matérias-primas, além de ter identificado, também, que determinadas espécies de moluscos estão especialmente junto dos sepultamentos.

Em sua dissertação de mestrado Cilcair Lima de Andrade (2009) selecionou 5 sepultamentos da etapa de 1988 para analisar: sepultamentos 2a e 5 da camada I, e sepultamentos 9, 10 e 11 da camada II, que possuem as seguintes características:

O indivíduo no sepultamento 2a teve idade estimada entre 25 e 30 anos, e sexo masculino. Se trata de um indivíduo primário que tinha em todo seu entorno sedimento de coloração vermelha. No entanto não possui todos os ossos, além dos processos pós deposicionais terem alterados sua posição.

O indivíduo no sepultamento 5 possui idade estimada entre 39 e 44 anos, sexo masculino. O sepultamento foi identificado como primário, em decúbito dorsal estendido. Alguns ossos não estavam presentes, mas era possível identificar a posição anatômica dos ossos existentes, que se encontravam bastante frágeis.

Os sepultamentos 9 e 10 foram identificados como primários e simples, com os corpos depositados próximos com pés praticamente juntos e cabeças opostas. O indivíduo 9 estava em posição semi-fletida em decúbito dorsal, teve sua idade estimada entre 40 e 50 anos, sexo feminino. O sepultamento 10 estava em decúbito ventral, com idade estimada entre 30 e 35 anos, e sexo masculino.

O indivíduo do sepultamento 11, teve idade estimada entre 22 e 25 anos, e sexo masculino. Foi depositado em um sepultamento primário, em decúbito ventral estendido, braços estendidos ao lado do corpo, membros inferiores cruzados o direito sobre o esquerdo. Devido às condições de preservação alguns ossos fragmentaram durante a retirada.

A análise de Andrade (2009) concluiu que, apesar dos acompanhamentos funerários estarem presentes em sepultamentos femininos e masculinos e em todas as faixas etárias sem predomínio segundo sexo ou idade, havia distinções quanto ao tipo artefato depositado. Todos os sepultamentos estavam com sedimento de coloração vermelha, mas os acompanhamentos de artefato lítico não estavam presentes em todos os mortos. O pigmento vermelho, de acordo com

Andrade (2009) sinalizava (durante as escavações) a presença de sepultamentos, que também apresentavam os ossos vermelhos.

As análises de Kneip e Machado (1993), identificaram que a maioria dos indivíduos tinha idade superior a 18 anos, ocorrendo apenas uma criança e um adolescente. Quanto ao corante não foram identificadas diferenças na sua ocorrência segundo sexo e idade. E os acompanhamentos de artefato líticos se sobressaem aos faunísticos.

Imazio (2001) dando continuidade à escavação de Kneip, buscou identificar as escolhas/preferência alimentares dos grupos que viveram no sambaqui do Moa. Assim como as pesquisas de Figuti (1994/1995) em sambaquis de São Paulo, as análises no Moa indicaram predominância das atividades de pesca em relação à coleta de moluscos e à caça. Para a autora “*as práticas associadas à alimentação, obtenção, preparo e consumo de alimento, são aspectos intimamente ligados à sobrevivência*” (IMAZIO, 2001), e estão não só ligadas a escolha de alimentos por necessidade biológica, mas também fazem parte também do sistema simbólico desses grupos.

7.1.3. Sambaqui Sernambetiba

O sambaqui Sernambetiba está localizado nas proximidades da Baía de Guanabara com coordenadas 23K 0705093/7492051 UTM (Datum SAD69) (BIANCHINI, 2015), é um dos maiores sambaquis da região e possui uma quantidade expressiva de sepultamentos. O sítio foi alvo de diversas pesquisas com etapas de escavação desde a década de 1940, as últimas realizadas no âmbito do projeto Sambaquis MGM. Estas re-localizaram antigas áreas de escavação e as renomearam. A área escavada por Heredia foi chamada de *locus* três, a área das escavações de Hurt renomeada como *locus* dois e a área das escavações de Gatti e Rhoneds como *locus* um (BIANCHINI, 2015; VILLAGRAN; GASPAR; SOUZA, 2015). O sítio possui datações no seu período mais antigo de 2302-1930 anos cal AP e no período mais recente de 1826-1528 anos cal AP (BIANCHINI, 2015).

As descrições a seguir trazem um panorama geral dos sepultamentos resgatados no sambaqui Sernambetiba e estão todas baseadas na compilação elaborada por Bianchini (2015):

As escavações no *locus* 1 identificaram três sepultamentos, sendo que dois deles revelaram serem ossos avulsos. No entanto o sepultamento 1 não possui descrições detalhadas

de suas características, vale destacar que as escavações de Gatti não revelaram sepultamentos, eles só foram identificados na segunda escavação em 1998.

No *locus 2* foram resgatados cinco sepultamentos, três nas pesquisas de Hurt na década de 1980 e os outros dois durante as pesquisas do projeto Sambaquis MGM. Nessa área havia sepultamentos caracterizados como primários e outros como secundários, fletidos e hiperfletidos, em posição dorsal, com face voltada para baixo, com associações a lentes de sedimento escuro e cinzas com estrutura monticular. Além dos sepultamentos estruturados foram recuperados fragmentos de ossos isolados. Não foram identificados quaisquer acompanhamentos funerários líticos, e apenas alguns indivíduos apresentaram acompanhamentos na forma de artefatos elaborado em osso.

O *locus 3* é a área com mais sepultamentos resgatados, cinco sepultamentos foram recuperados nas escavações de Heredia, e outros dezoito no projeto Sambaquis MGM.

Os sepultamentos dessa área são em sua maioria simples, a recorrência de sepultamentos secundários sobressai e supera os sepultamentos primários, por consequência há uma frequência maior de sepultamentos com ossos desordenados. Os indivíduos em posição anatômica esperada estão fletidos ou hiperfletidos, em decúbito lateral, e não há referência de sepultamentos estendidos em posição dorsal ou ventral.

Há indicação de cova para um sepultamento com sugestão de manipulação dos ossos que teriam sido colocados em uma espécie de cesto ou fardo. As marcas de cortes nos ossos são características recorrentes, além dos sinais de queima e compressão. Já o ocre é visto em poucos sepultamentos.

A frequência de indivíduos adultos é maior que a de jovens, e não há registro de adolescentes ou crianças. Quanto ao sexo não há grandes diferenças entre a quantidade de indivíduos feminino ou masculino, porém muitos indivíduos estão classificados como indeterminados.

Os artefatos identificados como acompanhamento são elaborados em material lítico e ósseo, no entanto não aparecem em todos os sepultamentos. Um dos sepultamentos apresenta uma provável marca de estaca, em outros há presença de lascas de quartzo, inclusive um com uma lasca encravada na coluna, além de ocorrerem sepultamentos com concentração de ossos de peixe, incluindo esqueletos articulados de peixes. Ocorrem também seixos grandes depositados sobre os ossos.

De acordo com Bianchini (2015) os sepultamentos estavam próximo entre si, acontecendo diversas vezes de retirar um esqueleto e encontra outro, mas por outro lado parte da área escavada não possui evidência de sepultamentos.

Bianchini (2015) estudou a arquitetura dos montes de Sernambetiba através de sete elementos, a saber: estruturas monticulares, superfícies tabulares, lentes enegrecidas, cinzas, marcas de estacas, estruturas de visitação e sepultamentos. Tais elementos possibilitaram entender que o processo construtivo do sítio está associado aos sepultamentos.

Seguindo a abordagem de compreender o processo construtivo do sítio, as análises micromorfológicas realizadas por Ximena Villagran e colaboradores (2015) em Sernambetiba revelaram que o sítio possui uma semelhança estratigráfica e deposicional com outros sambaquis de Santa Catarina, que se caracteriza por "*momentos de deposição massiva de resíduos faunísticos frescos (conchas e peixes) intercalados com momentos de deposição de restos de animais e vegetais queimados*" (VILLAGRAN; GASPAR; SOUZA, 2015, p. 453).

No Rio de Janeiro, diferente do que ocorre em Santa Catarina, não existem evidências de que nas áreas externas do sítio tenha havido acumulação de materiais, junto da redeposição de resto de fogueiras possivelmente acesas sobre o sítio (VILLAGRAN; GASPAR; SOUZA, 2015).

Para Villagran e colaboradores "*os sambaquis conchíferos estão compostos, majoritariamente, de materiais retrabalhados de depósitos naturais e de depósitos de acumulação de resíduos e fogueiras.*" (2015, p.454). A pesquisa indica que Sernambetiba, assim como em sítios catarinenses, que os depósitos não são de deposição direta pós-consumo, mas de proveniências diversas.

Bianchini (2015) por sua vez, identificou que Sernambetiba possui locais determinados para atividades distintas. Para ela a construção do sítio, que é elaborada a partir dos rituais funerários, seguia regras específicas que se repetiram e propagaram por diversas gerações, e a construção do sítio seguiu a dinâmica social dos seus construtores.

7.2. São Paulo

Sergio Francisco Monteiro Silva (2005) pesquisou a partir de uma perspectiva funerária os sítios Tenório e Mar Virado, e os Sambaquis Piaçaguera e Buracão, sendo os dois últimos integrantes desta revisão.

7.2.1 Sambaqui de Piaçaguera

O Sambaqui de Piaçaguera (coordenadas 360843 - 7359863) está localizado na região da baixada Santista, no município de Cubatão. O sítio inicialmente foi escavado na década de 1960, por Pallestrini, sendo posteriormente escavado por Paulo Duarte e Caio Garcia. O sambaqui possuía uma área relativamente extensa de 850 m², mas sua altura era discreta alcançando apenas 2 metros (FISCHER, 2012). As datações do sítio indicam uma ocupação de 7316 -7160 cal AP e 6289-6020 cal AP¹³.

As escavações ocorrem em 119 m² com uma composição de camadas estratigráficas distintas, uma camada possuía pouco material faunístico e sedimento de coloração escura; outra predominada por conchas trituradas de *Mytella guyanensis* (mexilhões), mas também continha restos de peixe e caranguejo, ostras pequenas e sedimento com coloração escura, com presença de fogueiras e um número expressivo de sepultamentos. E uma camada compactada, composta por caranguejos e outros tipos de crustáceos, com predomínio de ostras (*Crassostrea sp.*) grandes (FISCHER, 2012; UCHÔA, 1970, 1973).

Os sepultamentos retirados passaram por diferentes análises feitas por diversos pesquisadores, e ao longo do tempo a série esquelética teve seu perfil sexual e etário caracterizado de diferentes formas, variando segundo os métodos empregados e o estado curatorial da série no momento da análise. A série esquelética foi inicialmente caracterizada por Uchôa em seu trabalho de 1973, como sendo composta por 56 indivíduos, dos quais 32 adultos, 21 crianças e 1 jovem. Posteriormente Uchôa e colaboradores (1989) incluíram na série mais 21 indivíduos incompletos, pouco curados, totalizando 77 indivíduos, os quais Silva (2005) trabalhou em sua tese de doutoramento, estimando que 28 sejam masculinos, 20 femininos e 29 indeterminados, 39 adultos e 38 subadultos.

Mais recentemente Fisher (2012) refez as estimativas de sexo e idade para seu trabalho de mestrado e após curadoria parcial dos remanescentes incompletos, identificou 88 indivíduos, sendo 45 adultos, 40 crianças e 3 adolescentes. Entre os adultos 14 são masculinos, 16 femininos, e outros 15 ficaram indeterminados.

As descrições a seguir referentes às características gerais do contexto dos sepultamentos são baseadas nas análises e compilações realizadas por Silva (2005):

13

Calibração realizada pela autora através do programa OxCal v4 3.2 Bronk Ramsey (2017), r.5 ; SHCal atmospheric curve (Hogg et al 2013), a partir da data convencional publicada em FILIPPINI et al, 2019.

Os sepultamentos são caracterizados como primários, sem ocorrência de sepultamentos secundários, e os depósitos simples se sobressaem aos múltiplos. Quanto ao decúbito a maior ocorrência é de indivíduos em decúbito lateral apesar de ocorrerem indivíduos em decúbito dorsal e ventral. A posição fletida é destaque, e apenas dois sepultamentos estão estendidos.

As covas estavam bastante próximas, e havia sobre os corpos e as covas ossos de mamífero marinho. Aparece também marca de fogo nos ossos, mas estas não indicam cremações ou qualquer queima direta dos corpos, e sim que fogueiras eram acesas sobre as covas ou dentro das mesmas antes ou logo após a inumação.

Os acompanhamentos funerários são predominantemente representados por dentes de seláquios e valvas de gastrópodes perfuradas utilizadas segundo a interpretação do autor como adornos funerários em crianças e adultos. Já o ocre é visto em parte dos sepultamentos, mas não na maioria.

As análises não identificaram blocos líticos sobre os esqueletos, ou indivíduos sentados.

7.2.2. Sambaqui Buracão

O Sambaqui Buracão (coordenadas 380099 | 7357514) situado na Ilha de Santo Amaro, próximo ao canal de Bertioga, no km 17 da rodovia Guarujá-Bertioga. Inicialmente escavado, na década de 1940, por Biocca, Hoge e Schreiber, posteriormente na década de 1960 voltou a ser escavado por Paulo Duarte, mas infelizmente ainda nessa década o sítio foi praticamente destruído pela construção da estrada Guarujá-Bertioga (PALLESTRINI, 1964; SILVA, 2005; STABILE, 2017).

O sambaqui foi assentado sobre uma base rochosa acidentada, e apesar das pesquisas não terem conseguido suas dimensões totais, se sabe que o sítio possuía no mínimo 1,20 metros de altura, e Pallestrini estimou que o sambaqui provavelmente chegava a borda do canal Bertioga (PALLESTRINI, 1964; STABILE, 2017). As datas indicam um período de ocupação mais recente por volta de 1240 AP e o mais antigo 2050 AP (UCHÔA, 1973; GARCIA, 1979 *apud* STABILE, 2017).

As pesquisas então identificaram no sítio distintas camadas estratigráficas, sendo uma camada de valvas de *Ostrea* sp. e com terra preta; camada de terra preta e fogueira; camada

arenosa devido a decomposição da base rochosa que se assentava o sítio. Essas camadas eram compostas também por fauna, com peixe predominantemente. Além das lentes de carvão, dos artefatos ósseos e lítios, e claro os sepultamentos que foram escavados já nas primeiras intervenções no sítio (SILVA, 2005).

Os esqueletos foram analisados por diferentes pesquisadores, e a quantidade de sepultamentos e seus respectivos sexo e idade foram interpretados de maneiras distintas: de acordo com Stabile (2017) a publicação de Mello e Alvim e Uchôa de 1980 descreve 49 indivíduos, sendo adultos (26) em maior proporção, seguido de crianças (21) e adolescente (2), a quantidade de indivíduos masculinos se sobressaem aos femininos. No entanto curadorias recentes que analisaram 35 sepultamentos, identificaram 41 indivíduos, os adultos somam 19, as crianças 21 e adolescente apenas 1 (STABILE, 2017). Cabe destacar que as análises de Silva (2005) foram feitas com um total de 44 indivíduos, sendo 24 adultos e 20 subadultos, estimando 4 masculinos, 13 feminino e 27 indeterminados. As descrições abaixo se baseiam nas análises desse autor:

Os sepultamentos são caracterizados por Silva (2005) como simples e primários, sem ocorrência de sepultamentos múltiplos ou secundários, todos em posição fletida. A maioria dos sepultamentos é descrita como em posição vertical ou sentados¹⁴, ocorrendo alguns também em decúbito ventral, dorsal e lateral.

Ainda segundo Silva (2005) havia blocos líticos sobre os sepultamentos. E os esqueletos apresentam marcas de queima, mas sem indicações de contato direto com o fogo. Os acompanhamentos funerários são representados por conchas e dentes, seguidos dos ossos de animais e líticos. O ocre é recorrente mais não está em todos os sepultamentos.

As interpretações gerais de Silva (2005) feitas para o total de sítios que estudou permanecem válidas quando são considerados apenas Piaçaguera e Buracão, que são os dois sambaquis de interesse para a presente dissertação. O autor escreve que os estudos indicaram uma multiplicidade de forma de inumação, sem tratamentos específicos em relação aos indivíduos do sexo masculino ou feminino, e apresentaram peculiaridade entre os grupos; tendo artefatos e fontes de matérias primas similares.

Entretanto, o autor interpreta que os sepultamentos servem para legitimar o controle dos recursos de subsistência do determinado grupo, já que os indivíduos estão sepultados no mesmo local que seus ancestrais. Ele indica ainda que o tipo de inumação pode indicar a

¹⁴ Posição Sentado é nomenclatura do autor – Silva, 2005

mobilidade dos grupos, sendo o sambaqui Piaçaguera, por exemplo, utilizado por grupos que teriam pouca mobilidade por apresentar inumações primárias, diferente de outros sítios cujos grupos associados teriam uma maior mobilidade por apresentarem sepultamentos secundários enterrados. Na visão do autor o ambiente determina se o grupo será nômade ou sedentário, além disso defende que os artefatos relacionados aos sepultamentos são referência cultural e definem níveis de complexidade social. Em conclusão propõe que os grupos utilizados em sua pesquisa são “parte de um sistema sócio-cultural inespecífico” (SILVA, 2005, p.360).

7.3. Paraná e Santa Catarina

Quando se consideram as pesquisas em sítios da região sul do país aplicadas às questões funerárias, são três os trabalhos de maior fôlego: Filipi Pompeu (2015) que se dedicou a estudar uma série de sambaquis do Paraná e Santa Catarina, Daniela Klokler (2008) para Jabuticabeira II e de Gabriela Opptiz (2015) para Armação do sul. Além de uma série de trabalhos mais pontuais feitos para o Sambaqui de Cabeçuda.

7.3.1. Modelos funerários para Sambaquis do Paraná e de Santa Catarina

A dissertação de Filipi Pompeu (2015) é um estudo recente que aborda diretamente as práticas funerárias em sambaquis do Paraná e Santa Catarina. A pesquisa trouxe uma perspectiva cronológica para a análise das práticas funerárias em sambaquis, estudando sete sambaquis do Paraná: **Sambaqui do Godo, Gomes, Guaraguaçuba B, Macedo, Porto Maurício, Saquarema, Rio São João**; e seis sambaquis de Santa Catarina: **Cubatãozinho, Rio Pinheiro, Enseada, Morro do Ouro, Ponta das Almas, Congonhas I** (POMPEU, 2015).

Para analisar o material Pompeu (2015) utilizou o que foi denominado por ele de “variáveis”: cova, mobília funerária, ocre, combustão, adorno, estendido, fletido, múltiplo; e as categorias: faixas etárias (indivíduos separados apenas entre adultos e crianças) e sexo¹⁵. Os dados foram organizados em dois períodos temporais, que compreendem 4970 a 3860 AP (Período I) e 3720 a 2850 AP (Período II), o hiato existe devido a ausência de cemitérios datados nessa faixa de tempo (POMPEU, 2015).

¹⁵ O autor usa o termo “gêneros biológicos” (POMPEU, 2015) para se referir ao sexo dos indivíduos.

As variáveis e categorias foram utilizadas pelo autor com o objetivo de organizá-las e contabilizá-las para uma análise estatística multivariada com a intenção de fazer aproximações entre elas, e a partir dos períodos foi criada uma linha do tempo para a visualização das práticas funerárias com o objetivo de compreender o desenrolar e as persistências destas práticas no espaço de tempo selecionado.

No total o autor analisou 206 indivíduos¹⁶, e esse estudo fez análise das variáveis por período e categoria, e a análise da categoria por período, Pompeu (2015) escreve que dessa forma era possível criar relações entre elas para fundamentar a existência de padrões e programas mortuários parciais para o espaço e tempo considerados por ele.

Assim, o autor criou cinco modelos de padrão funerário com base nas categorias, segundo suas localizações geográficas e Períodos (I e II), que de maneira geral são interpretados da seguinte forma:

O **Modelo Porto Maurício** (4840-4700) está baseado na deposição do corpo estendido e na presença de ocre, associado com numerosa mobília funerária e combustão e ocorreria principalmente no Paraná. Segundo ele este modelo desaparece - e volta modificado no litoral central de Santa Catarina – este modelo acaba substituído pelo Modelo Gomes B e é considerado pelo autor como um modelo isolado (POMPEU, 2015, 2017).

O **Modelo Gomes B** (4951-4396) começa a surgir com os primeiros ocupantes do sambaqui do Gomes¹⁷.

O Modelo Gomes B está associado a uma ascensão populacional que culmina entre 4823 e 4710, o fim do sambaqui do Rio São João. Este atinge um segundo ápice populacional em 4689 quando do surgimento do Rio Pinheiros, sugerindo uma movimentação no sentido norte-sul (Gomes B/Rio São João/Godo→Rio Pinheiros) e depois sul-norte (Rio Pinheiros → Guaraguaçu/Morro do Ouro). Por fim se mantém relativamente coeso e estável, centrado em Rio Pinheiros até o surgimento do sambaqui do Guaraguaçu em 4396, que começa a praticar desenvolvimentos menores associando as variáveis principais e categorias de modo próprio (Pompeu, 2015).

Os sepultamentos desse modelo são caracterizados pelo modo de deposição fletida, com combustão usada estritamente para indivíduos adultos, com crianças associadas a adornos e alguns casos de ocre. De acordo com o autor a presença de ocre é indicativo de um possível

¹⁶ Há momentos que aborda como 206 sepultamentos e momentos que trata como 206 indivíduos.

¹⁷ O sítio é dividido em Unidade A, B e C, dessa forma Gomes B corresponde aos registros da Unidade B

contato entre a população do sambaqui Gomes B e do Porto Maurício B e A¹⁸ (POMPEU, 2015).

O **Modelo Guaraguaçu** (4396-3860) foi estabelecido a partir do núcleo de ligações entre variáveis e categorias do Modelo Gomes B, mas com novas características: a construção de cemitérios infantis e um aprofundamento de diferenças de sexo feminino com o ocre em alguns casos.

O foco geográfico destas práticas se estabelece entre o sambaqui de Guaraguaçu e Saquarema, em Guaraqueçaba e parece se opor ao modelo imediatamente meridional – com o qual se identifica através da popularidade do modo de deposição fletido, combustão exclusiva a adultos e presença recorrente de mobília funerária junto a homens biológicos e crianças, principalmente (Pompeu, 2015).

Segundo o autor o ocre liga as mulheres e as crianças, e o mobiliário funerário liga os indivíduos masculinos e femininos (POMPEU, 2015; 2017).

O **Modelo Morro do Ouro** (4070-3990) é pensando pelo autor como um modelo que surge após/durante o Modelo Guaraguaçu, com a possibilidade de estarem conectados devido as estreitas relações entre Baía de Guaraqueçaba e a Baía da Babitonga, e também ser derivado do Modelo Gomes B, além de uma intensa presença de adorno nas crianças, na prática de deposição de zoólitos e da elaboração minuciosa de *tumbas* (palavra do autor, grifo meu). Dessa forma, esse modelo tem sepultamentos em posição fletida, ocre associado às mulheres com crianças, o mobiliário funerário que liga os indivíduos masculinos e femininos, e combustão usada apenas para indivíduos adultos (POMPEU, 2015; 2017). O autor refere que neste modelo aparece a associação em sepulturas múltiplas de crianças e adultos, no sambaqui de Enseada, o que estaria ausente no modelo anterior (POMPEU 2017).

O **Modelo Congonhas** (3720-3040) é o principal do Período II(3720 a 2850 AP), iniciado com a ocupação do sambaqui Ponta das Almas (POMPEU, 2015). Esse modelo é desenvolvido por sepultamentos estendidos, o ocre presente em todas as categorias, além das inumações em covas coletivas, com covas individuais para grande parte dos indivíduos do sexo masculino, os sepultamentos múltiplos são feitos principalmente com indivíduos femininos e

¹⁸ O sítio Porto Mauricio tem duas datações, usada pelo autor para dividir em A 4640 ± 80 AP e B 4760 ± 80 AP

crianças. Já o adorno, segundo o autor “*parece perder valor simbólico em favor do ocre. A mobília funerária tem uma redução pesada e se situa mais distante das relações primeiras*” (POMPEU, 2015, p. 231). A presença de combustão não é mais verificada nos contextos.

Pompeu (2015) interpretou que os padrões possuem relações entre si e com outros modelos que existiam antes, depois e durante a existência dos mesmos, sendo que dos cinco modelos três - Modelo Gomes B, Guaraguaçu e Morro do Ouro – apresentam correspondência importante entre si. Sua ideia principal reside na sugestão de que os grupos que viviam nos sambaquis se identificavam por traços comuns que pertencem ao universo dos ritos funerários, se organizando a partir de uma distinção inicial centrada na oposição entre sepultamentos estendidos (menos comuns) e sepultamentos fletidos (mais comuns) (POMPEU, 2017).

7.3.2. Sambaqui de Jabuticabeira II

O sambaqui de Jabuticabeira II (Coordenadas UTM: 699438-6835650), localizado no município de Jaguaruna, está próximo à lagoa do Camacho, apresentando grandes dimensões, que o configura como um sambaqui monumental, possui aproximadamente 400 metros de comprimento, 200 metros de largura e 06 metros de altura (DE BLASIS et al., 1998; FISH et al., 2000; KLÖKLER, 2001).

As pesquisas iniciaram em 1997 dentro do projeto "Padrões de Assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina", posteriormente inserido dentro do projeto “Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil” (DE BLASIS et al., 1998; DEBLASIS et al., 2007). Sendo um dos sambaquis mais estudado sistematicamente na arqueologia brasileira.

O sítio apresenta datações entre 988-1994 cal AP a 2779-3163 cal AP (KNEIP; FARIAS; DEBLASIS, 2018). O registro arqueológico de Jabuticabeira II aponta uma notável complexidade no comportamento funerário desenvolvido pelos grupos que o construíram.

O sítio sofreu com mineração de forma intensa e os extensos perfis que se abriram decorrente dessa atividade foram aproveitados pelos pesquisadores para realizar os estudos, dessa forma a escavação do sítio se deu através dos perfis organizados em *locus* (FISH et al., 2000). Abaixo as descrições dos *Locus*, baseadas em Klokler (2008) e Bendazoli (2007), auxiliam na compreensão geral da composição estratigráfica do sítio:

Locus 1

Uma série de sepultamentos foi identificado no perfil no *Locus 1*. Os pesquisadores notaram associação entre camadas escuras e enterros, dos quais as sepulturas se originaram. A estratigrafia é composta por camadas espessas, camadas laminares e camadas funerárias, concreções e estruturas de combustão e estrutura funerária. A estrutura funerária é bastante compactada com muito material orgânico e peixe, alguns artefatos e poucas conchas. Os buracos de estaca parecem estar relacionados diretamente aos sepultamentos, assim como as fogueiras estão acesas próximos as estruturas funerárias. As camadas formadas por extrato de conchas solta e areia fazem parte da base da área funerária e estão sobre as camadas funerárias. A terra preta se localiza acima do pacote conchífero.

Locus 2

Essa área possui uma camada de terra preta menos espessa devido a mineração, no entanto a estrutura do pacote conchífero estava preservado e se assemelha ao *locus 1*. O perfil aberto pela mineração deixou exposto a grande quantidade de sepultamentos, levando a equipe em 1999 abrir uma área de escavação horizontal. A escavação revelou uma área funerária com arranjos complexo de sepulturas, fogueiras e marcas de estaca.

Nessa área 21 indivíduos foram escavados, as análises indicam que os sepultamentos estão associados muito próximos uns aos outros, em muitos casos é difícil definir a limite de uma estrutura e outra, toda essa área parece ter sido preparada com uma camada de *Anomalocardia flexuosa*, mas não fica clara se existe a intenção. As marcas de estacas cercam os indivíduos, e grupos de sepultamentos, e algumas ainda parecem contornar a área funerária.

As fogueiras estão distribuídas ao longo dos enterramentos, em determinados pontos parecem estar em sepultamentos específicos, além dos casos com fogueiras uma sobre a outra indicando uma sequência de fogos.

Acima da área funerária havia uma camada espessa de conchas intercalada por lentes finas de ossos de peixes, possivelmente indicam episódios de revisitas, talvez para manutenção, para eventos comemorativos ou etapas sucessivas de construção.

Locus 3

Esta é uma área aberta pela escavação que não havia previamente um perfil exposto. É composta por sedimento terra preta com poucas conchas. Possui uma camada densa e compacta com um depósito escuro e cobre a parte inferior do *mound* que possui conchas.

A datação deste locus é de 1400 AP. Foi identificado uma grande quantidade de sepultamentos, além dos artefatos líticos serem mais comuns do que em outras áreas do sítio. A análise da matriz identificou alta densidade de sepultamentos, remanescentes de fauna, materiais carbonizados e rochas.

Locus 4

Localizado na área periférica do sítio, é separado por uma estrada de terra. Possui uma camada espessa de ostras formando uma camada, no entanto essa área não foi escavada.

Locus 5

As camadas são em maioria aplainadas e praticamente não se sobrepõem umas sobre as outras, as camadas de cobertura estão na base das áreas funerárias ou sobre as estruturas funerárias. Os buracos de estacas estão presentes nas camadas funerárias. As camadas com matriz de conchas são preferencialmente construídas próximas, acima ou abaixo das camadas funerárias. A escavação na área revelou um alto número de artefatos em osso. A parte mais superior do perfil é composta por uma camada de terra preta, com características semelhantes a mesma formação do *locus* 3 e 6. Entre a camada preta superior e a camada de concha existe uma concreção formada por conchas e ossos. Inicialmente a área de concreção havia sido interpretada como um período de abandono, mas posteriormente as análises identificaram sepultamentos nesse mesmo local.

Locus 6

Suas características são semelhantes ao *locus* 3 e ao topo do 5, as conchas aparecem em pouquíssima quantidade. As características dos sepultamentos são semelhantes com os encontrados na escavação horizontal do *locus* 2. Em duas etapas de escavação, uma em 1999 e outra em 2006 revelou 20 indivíduos. Nessa área foi identificada a interferência de um enterro em outro, onde os membros inferiores de um deslocaram o outro. Além de um sepultamento ter presença de *Anomalocardia flexuosa*, indicando assim que as conchas estavam sendo coletadas mesmo que em quantidades menores.

O programa funerário dessa área possui as mesmas características que os encontrados no *locus* 1 e 2, com uma alta frequência de fauna, fogueiras associadas ao sepultamento. Mas se difere quanto a maior quantidade de sepultamentos múltiplos

encontrados, com diferentes posições do corpo e menos frequência de marcas de estaca. Contudo a densidade de enterros por m² é maior na camada do *locus* 6 de terra preta.

Na camada preta do *locus* 6 há muita variação na posição dos corpos, alguns fortemente flexionados, outros com posições alternadas, indicando uma pequena variação no ritual mortuário durante o uso posterior do local.

As descrições gerais dos sepultamentos de Jabuticabeira II feitas a seguir foram elaboradas a partir de Klokler (2008):

Os sepultamentos, de maneira geral, estão distribuídos horizontal e verticalmente em todas as áreas do sambaqui. Os sepultamentos que foram recuperados nas escavações dos perfis geralmente levaram à coleta de esqueletos não completos, por outro lado a escavação horizontal resgatou indivíduos completos e a estimativa de indivíduos recuperados durante os anos da pesquisa é de aproximadamente 204, em sepultamentos simples, duplos e múltiplos.

As covas são caracterizadas como rasas. A semelhança entre o conteúdo de peixes das covas e da área funerária indica que as sepulturas foram preenchidas com uma camada de sedimento removida para criar a cavidade e mais os materiais faunísticos da superfície funerária que fazia parte do festim. Os sepultamentos estão em covas feitas para o tamanho do indivíduo flexionado, e o grau de flexão de alguns enterramentos é considerado como indicativo de que os corpos teriam sido de alguma forma transformados e reduzidos antes do sepultamento.

Alguns sepultamentos não estavam com ossos em posição anatômica e foi considerado que os processos pós deposicionais, como bioturbação, não poderiam ser os responsáveis pela alteração de posicionamento, o que seria mais uma vez indicativo de que os corpos foram processados antes do sepultamento.

Os enterros primários são os mais comuns, mas como muitos dos sepultamentos foram recuperados dos perfis não se pode ter certeza da quantidade de eventuais sepultamentos secundários. Sepultamentos estendidos foram identificados poucas vezes sendo mais comuns os fletidos.

As pesquisas sugerem que a manipulação do corpo poderia incluir a reabertura das sepulturas, pois alguns sepultamentos possuem ossos intrusivos. Mas não há evidências claras de reaberturas das covas, assim a presença de ossos intrusivos pode ter ocorrido antes da deposição final do indivíduo.

O ocre é um elemento presente em vários sepultamentos e os acompanhamentos são em sua maioria adornos elaborados em material faunístico e lítico. As conchas são as

matérias-primas mais comuns dos artefatos, depois vem uso do osso e de dentes, as ferramentas feitas por esses materiais são mais presentes, assim como os adornos pessoais possuem uma relevância significativa. Já a análise dos artefatos líticos sugere que a maioria estava associada a sepultamentos.

As pesquisas no sítio Jabuticabeira II resultaram em diversos trabalhos, com diferentes perspectivas, antracológicas, zooarqueológica, biarqueológica, sedimentológicas, visando entender os sítios arqueológicos de maneira detalhada e articulada.

A pesquisa de Klokler (2008) utilizou de análises zooarqueologia para compreender questões de ritual e organização social das populações sambaqueiras, indo bem além das abordagens mais frequentes da especialidade que em geral focam em questões de estratégias de subsistência e caracterização de dieta.

A autora procurou avaliar as semelhanças e diferenças percebidas dentro das camadas funerárias, bem como suas características, para compreender o papel que diferentes animais desempenhavam nos rituais funerários. Para Klokler (2008)

The presence of spatially distinct interment areas provides archaeologists with a key opportunity to study socially meaningful units. This situation permitted the development of a sampling strategy that targeted sambaquis' social units, a breakthrough approach. This unique access to affinity groups can answer questions about the behavior of these social units and the association of their members (p.140-141).

O termo “grupo de afinidade” é proposto por Gaspar (et al 2004), como uma unidade que poderia explicar os arranjos e associações dos indivíduos nas áreas funerárias. Os atributos internos pelos quais esses grupos seriam formados na sociedade sambaqueira não podem ser estabelecidos inequivocamente pela pesquisa arqueológica mas se propõe que poderiam incluir aspectos de parentesco, políticos, econômicos ou outros laços sociais (KLOKLER, 2008).

Daniela Klokler (2008) analisou amostras zooarqueológicas oriundas de áreas funerárias (camadas), lareiras e marcas de estacas, dos *locus* 2 e 6 e a partir de sua pesquisa Jabuticabeira II pode ser entendido como um local no qual eram realizados banquetes rituais ligados aos funerais e no qual os membros de comunidades que vivam nos arredores do sítio se reuniam nas ocasiões de homenagem aos mortos ancestrais. As camadas escuras onde são encontrados os sepultamentos são compactadas com uma grande quantidade de ossos de peixe,

muito maior do que a existente em outras camadas nas quais há maior quantidade de concha, a função das conchas seria recobrir a área funerária após os festins (KLOKLER, 2008).

As evidências apontam que os materiais com significado ritual raramente eram depositados em camadas de conchas utilizadas para construir a cobertura do sepultamento. Os festins mais ricos, que possuem maior biomassa de peixe por metro cúbico, parecem estar relacionados a grandes grupos com quantidade suficiente de pessoas para acumular um maior número de comida (KLOKLER, 2008).

As atividades rituais demonstram e reforçam a conexão dos grupos com a área estuarina, a importância da coesão social e o vínculo com os ancestrais. Daniela Klokler destaca que estudando as regras de construção ligadas a celebração dos mortos é possível entender melhor o universo simbólico e a organização social representada no sítio (KLOKLER, 2008).

As análises antracológicas realizadas por Bianchini (et al., 2011) a partir das amostras de camadas de cobertura e da camada funerária, indicam que havia uma seleção de alguns materiais vegetais próprios para o ritual funerário, e que só ocorrem nas camadas funerárias. Ao contrário disso, na camada de cobertura os vestígios não indicam tal seleção. A frequência de material vegetal identificado mostra a importância que exercem no funeral, assim como as conchas e os peixes tinha um papel de destaque. Essa percepção do material corrobora com as ideias de Klokler (2008), no sentido que Bianchini (et al., 2011) propõe que as atividades de seleção de coleta de determinadas lenhas seja para queima ou para o preparo das estacas, demandava atividades ordenadas e intensa mobilização dos grupos.

Se for considerado o período final de uso do sambaqui de Jabuticabeira II, as pesquisas de Villagran (2008) e Nishida (2007) indicam que houve uma mudança maior quanto ao tipo de material usado para construí-lo, as conchas deixaram de ser usadas como base de construção e foram substituídas por material ictiológico.

Os estudos acabaram por indicar que existe uma continuidade nas características gerais dos festins dos grupos que construíram o sambaqui ao longo de todo o período em que foi usado, sendo o peixe o elemento importante nos banquetes funerários. Já a mudança drástica do material de construção não interferiu nos elementos do ritual. As práticas funerárias exercida por esses grupos demonstram a preocupação com o fortalecimento de laços sociais entre os membros da comunidade (KLOKLER, 2008).

7.3.3. Armação do Sul

O sítio Armação do Sul está localizado na praia de nome homônimo, na parte sul da Ilha de Santa Catarina, possui aproximadamente 2000 m² e 2 metros de altura, e passou por duas intervenções realizadas por Rohr, a primeira em 1969, em colaboração com Andreatta, e a segunda em 1974 (OPPITZ, 2015).

O sítio é descrito com distintas camadas, a saber: as primeiras correspondem a materiais orgânico, seguido de materiais de descarte da antiga estrutura da armação baleeira, e ainda uma camada com fragmentos de outros materiais recente. A partir de 50 a 80 cm não existe mais aparecimento de estruturas recentes, e começa uma camada de terra preta com areia, compacta, com conchas e grandes lentes de conchas; seguido de uma camada composta por areias de cor marrom escura com terra; depois uma composta por areias de cor marrom clara e ao final há camada de areias de cor marrom clara que compõe a base do sítio (OPPITZ, 2015; ROHR; ANDREATTA, M., 1969; SCHMITZ, 1992).

Esse sítio não possui características de um sambaqui *stricto sensu*, Oppitz (2015) o considera um sítio ambíguo e de classificação difícil. A autora acredita que não se enquadra nas características de monte ictiológico (VILLAGRAN, 2014), pois tem datações recuadas e não possui cerâmica (OPPITZ, 2015).

As datações disponíveis para o Armação do Sul o colocam no intervalo entre 3065-2880 anos cal AP, com uma interrupção na ocupação por volta de 1315-1275 anos cal AP (OPPITZ, 2015). A autora faz as análises definindo dois períodos, o primeiro período data 3000 e 2500 anos AP. e o segundo período data 2500 e 1200 anos AP.

A pesquisa de Gabriela Oppitz (2015) sobre o sítio **Armação do Sul** buscou compreender as mudanças que ocorreram em um momento tardio de formação dos sítios conchíferos no litoral de Santa Catarina. A pesquisa utilizou diferentes análises para dimensionar a mudança que ocorreu na estratigrafia do sítio e nas práticas mortuárias. No que diz respeito especificamente às práticas mortuárias, os estudos foram realizados com base na análise espacial da distribuição horizontal e vertical dos sepultamentos, e no estudo quantitativo dos acompanhamentos funerários

A visão sobre os sepultamentos do sítio apresentada a seguir foi elaborada a partir da pesquisa de Gabriela Oppitz (2015):

Os sepultamentos de Armação do Sul de maneira geral são primários e simples, exceto por um sepultamento duplo que possui um adulto e uma criança. Os esqueletos estão estendidos a não ser por três indivíduos que estão semifletidos. Os membros superiores estavam estendidos com as mãos na altura do ilíaco. Quanto ao decúbito os indivíduos estão em decúbito dorsal ou ventral, e apenas dois sepultamentos em lateral. Há um sepultamento muito peculiar entre todos que estava com um bloco de rocha com lascamentos sobre a região torácica e acima do bloco havia uma mandíbula de baleia. De acordo com Opptiz (2015) Pedro Ignácio Schmitz sugere que os corpos poderiam estar envoltos por esteiras ou redes devido a posição em que se encontravam.

Segundo a autora a análise do acompanhamento funerário *“revelou diferenças claras entre os sepultamentos de crianças, adultos do sexo feminino e adultos do sexo masculino, bem como alterações nessas diferenças ao longo do tempo.”* (OPPTIZ, 2015). O ocre é encontrado nos esqueletos sem diferenças entre sexo e idade, um ponto importante sobre esse elemento é que ele passa a ser usado com menos frequência do período 1 (3000 e 2500 anos AP.) para o 2 (2500 e 1200 anos AP), no segundo o destaque só permanece nos sepultamentos de crianças.

Os acompanhamentos elencados pela autora, são o ocre, ponta óssea, machado, adorno (em concha, dente e osso), fauna (de mamífero terrestre, mamífero aquático peixe, ave, réptil, dente de mamífero terrestre, dente de mamífero aquático, dente de tubarão), concha, artefato fusiforme, outro material lítico, corante, outro artefato em osso.

Os adornos estão presentes em maior quantidade nas crianças, com poucas ocorrências em adultos masculinos e nenhuma em feminino, sendo que a quantidade em crianças diminui de um período para o outro.

No segundo período (2500 e 1200 anos AP) as pontas ósseas têm destaque nos indivíduos masculinos adultos, e ocorrem nas mulheres e crianças. Assim como as pontas, os artefatos fusiformes são destaque no período 2 sem apresentar diferença de sexo e idade, cabe ressaltar que esses objetos são presentes em grande quantidade em cada sepultamento.

As lâminas de machado aparecem como artefato quase que exclusivo do sexo masculino em ambos os períodos. Os percutores e seixos, as lascas e os artefato não identificados estão pouco representando dentro de suas categorias, e parecem ser depositados apenas com indivíduos adultos.

As conchas e os ossos de fauna aparecem em ambos os sexos e nas diferentes classes de idade. As conchas estão depositadas em partes específicas dos sepultamentos. E os ossos e dentes estão presentes em maior quantidade que as conchas.

A análise espacial dos sepultamentos revelou que a área central era mantida sem sepultamentos, e que o espaço ocupado por estruturas antigas também não era interferido, a autora interpreta essa característica como se houvesse respeito ao espaço que já havia sido ocupado.

Pensando na questão das práticas mortuárias, um dos resultados considerados por Oppitz (2015) é que as tradições que remetem ao início da formação do sítio em 3065-2880 anos cal AP e persistem não apenas em meio às mudanças que ocorrem do primeiro período (data 3000 e 2500 anos AP.) para o segundo período (data 2500 e 1200 anos AP), mas também através do hiato de 400 anos nas datações, apontam para uma continuidade entre os grupos que usaram o sítio como espaço ritual e lugar de memória ao longo de mais de 1500 anos. Além de demonstrar que *“enquanto alguns aspectos relacionados às práticas mortuárias são negociáveis, outros se encontram enraizados tão profundamente que dificilmente são transformados.”* (OPPITZ, 2015).

8 DISCUSSÃO

8.1 Documento primário pra que te quero?

Os estudos em sambaquis vêm sendo realizado há décadas, conseqüentemente muitos esqueletos foram recuperados e atualmente se encontram em museus e instituições de guarda. No entanto os documentos que acompanham essas coleções muitas vezes não trazem informações detalhadas sobre as escavações e principalmente sobre os contextos e as estruturas funerária, o que acarreta perda de informações que poderiam nos contar mais sobre a história dos grupos sambaquieiros.

O estudo de estruturas funerárias a partir das coleções musealizadas, bem como de sua respectiva documentação primária é de grande importância para as pesquisas. Apesar desses acervos apresentarem frequentemente limitações relacionadas a forma como foram formados, alguns há décadas, se não século, e a precariedade da documentação primária, é válido o esforço investido no resgate de informações. Exemplos de trabalhos que se debruçaram sobre esse tipo de material, trouxeram resultados à tona, e produziram conhecimento novo são a pesquisa de Andrade (2009) no sambaqui do Moa do Rio de Janeiro, e a de Pompeu (2015) que trabalhou com sítios de Santa Catarina e do Paraná.

A presente pesquisa, com essa mesma perspectiva de trabalhar com uma coleção já formada e musealizada, também se deparou com problemas na documentação primária, mesmo que tenha lidado com uma documentação produzida há relativamente pouco tempo. A área do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda não foi escavada sob a perspectiva de compreender comportamento funerário, nem a partir de uma abordagem bioarqueológica, e isso gerou dificuldades na análise da documentação primária produzida na escavação, que não apresentava informações primordiais para a interpretação das estruturas funerárias.

Problemas semelhantes foram enfrentados por vários pesquisadores ao longo dos anos, sempre que bioarqueólogos interessados em analisar coleções musealizadas pela perspectiva da arqueologia funerária recorreram à documentação primária produzida sobre as sepulturas. A tentativa de minimizar os problemas envolvidos na escavação, descrição e interpretação de estruturas complexas como sepultamentos levou à publicação de alguns textos nos últimos anos, que se preocuparam em estabelecer algumas bases padronizadas para a abordagem de contextos funerários (entre outros) em sambaqui. É o caso por exemplo do livro

“Abordagens estratégicas em Sambaquis” organizado por Madu Gaspar e Sheila Mendonça de Souza (2013).

O livro evidencia o potencial informativo que as estruturas funerárias revelam quando estudadas desde o campo, através do olhar da bioarqueologia e da arqueologia funerária. A grande potencialidade informativa das sepulturas, inclusive sobre aspectos da formação do registro arqueológico, vem sendo apontada a décadas (MENDONÇA DE SOUZA, 2003), e é imprescindível que as melhores formas de registro sejam implementadas em contextos funerários para documentar de forma minuciosa e sistemática desde a primeira percepção dos remanescentes em campo até seu tratamento no laboratório (GASPAR; SOUZA, 2013).

Apesar dos parâmetros para isso estarem estabelecidos na literatura nacional e internacional, sua aplicação completa em campo ainda não ocorre de modo sistemático em todas as escavações como ficou evidente pelas dificuldades encontradas pela presente pesquisa ao lidar com a documentação primária.

É importante esclarecer que o que se quer estabelecer aqui não é uma crítica à qualidade do trabalho realizado anteriormente, mas a reflexão sobre o processo de trabalho nas situações reais em que ele ocorre em campo e tendo-se em conta a formação das equipes. Na prática, o trabalho de escavação arqueológica por mais planejado que tenha sido, em algumas situações, acaba tendo que lidar com uma certa dose de improviso, às vezes isso decorre de restrições externas à equipe de trabalho, como tempo limitado, recursos limitados, pressões políticas e econômicas, ou o aparecimento de um sepultamento no último dia; às vezes decorre de características da própria equipe, como desbalanço entre membros experientes e inexperientes, falta de especialistas em algumas áreas específicas que não se imaginou que seriam necessárias, e assim por diante.

A característica eminentemente funerária dos sambaquis aponta claramente a necessidade *a priori* de incluir bioarqueólogos nas equipes que escavam estes sítios, o que apesar de vir acontecendo com maior frequência, como apontam Mendonça de Souza e Rodrigues-Carvalho (2013), ainda não é a regra, mesmo porque o número destes especialistas ainda não é grande (apesar de também estar aumentando). Na impossibilidade de contar com bioarqueólogos em campo em todas as escavações nas quais se tem uma razoável possibilidade de encontrar esqueletos, pode-se, como algumas autoras propõe, envolver estes especialistas nas fases de elaboração e preparação de projetos que se propõe abordar este tipo de sítio, pois isso permitiria planejar a escavação considerando desde o princípio as abordagens e a logística adequadas a lidar com estruturas funerárias (MENDONÇA DE SOUZA RODRIGUES-

CARVALHO, 2012; MENDONÇA DE SOUZA et al, 2013). Mais ainda que contar com uma atuação conjunta em campo, é vital a aproximação entre arqueólogos e bioarqueólogos no planejamento das intervenções e na construção de estratégias de apoio técnico, mesmo que à distância, que possam auxiliar na produção de uma documentação primária de contextos funerários mais padronizada e mais completa.

Tratando especificamente da pesquisa com a documentação primária do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda, é importante destacar que o estudo em detalhe de todo esse material, em conjunto com a coleção esquelética revelou importantes características desta área funerária. Mesmo com os limites impostos pela incompletude da documentação, que levou à impossibilidade de recuperação de inúmeras informações e impediu o avanço de alguns passos interpretativos, o esforço empreendido na correção de informações, sistematização e análise dos documentos primários foi validado pelo estabelecimento de uma compreensão mais aprofundada dos aspectos funerários expressos nessa área, que traz novas informações sobre as práticas funerárias realizadas no Sambaqui de Cabeçuda.

Olhando retrospectivamente, o tempo dispendido para a compreensão e a ponderação sobre a documentação primária do sítio, com a revisão e correção de vários documentos e a necessidade de analisar os esqueletos em uma perspectiva inicialmente não prevista, foi substancialmente maior que o tempo efetivamente dispendido em analisar os dados propriamente ditos referentes às estruturas funerárias. No entanto sem esse trabalho de reorganização da documentação os resultados apresentados nesta dissertação nunca teriam sido alcançados.

Assim, a revisão da documentação e a reunião das informações dispersas em muitos documentos distintos, e até aqui nunca consolidadas, sobre os sepultamentos, a análise crítica de toda a revisão da documentação de campo, mantendo-se em mente a perspectiva da complexidade do contexto arqueológico funerário desta área do Sambaqui de Cabeçuda, levou a construção do Catálogo de Arqueografia Funerária do Sambaqui de Cabeçuda – *locus* 6 que, no volume 2 dessa dissertação, fornece as informações detalhadas para cada sepultamento apresentado individualmente. As discussões expostas a seguir apenas são possíveis como consequência dessa organização documental seguida pela sua reanálise a partir da perspectiva da Bioarqueologia, o que resultou em um novo olhar para essa área funerária, na tentativa de contribuir para a compreensão dos povos sambaquieiros.

Reiteramos o quão urgente é efetivamente implementar na prática cotidiana da escavação, seja ela preventiva ou acadêmica, o registro detalhado das intervenções realizadas e

a produção de uma boa documentação. A implementação efetiva de boas práticas de registro de estruturas funerárias passa necessariamente por planejar as intervenções considerando a possibilidade do encontro de sepultamentos e pela preparação anterior para agir adequadamente quando os sepultamentos forem localizados, o apoio técnico de um Bioarqueólogo no planejamento do campo e na escavação propriamente dita, ainda que à distância, é muito importante, e vários projetos realizados em sambaquis vêm demonstrando nos últimos anos que abordagens interdisciplinares que associam bioarqueólogos, arqueólogos, zooarqueólogos e arqueobotânicos, desde o planejamento até a realização das escavações, resultam em cenários mais completos sobre as práticas cotidianas e funerárias destes grupos (BERREDO, 2018; BIANCHINI, 2015; KLOKLER; GASPAS, 2013; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013; MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013; SCHEEL-YBERT et al., 2003).

8.2. Um cemitério em particular: Construindo espaço funerário do *locus* 6 do Sambaqui de Cabeçuda

A interpretação da sequência de deposição dos sepultamentos na área funerária do *locus* 6 foi pensada a partir dos níveis estratigráficos, e da datação de três sepultamentos (Tabela 10), pois nesse momento a documentação não permitiu que os sepultamentos fossem inseridos em camadas deposicionais específicas. Os mapas a seguir (páginas 151 e 152) mostram a distribuição dos sepultamentos na área escavada¹⁹.

Tabela 10: Sepultamentos datados no *locus* 6 do Sambaqui Cabeçuda-01

Laboratório	Material/Contexto/ Data de análise	Análise	Datação convencional em anos AP	Datação Calibrada
Beta - 383565	Sepultamento 5 Osso humano (costela), entre 150 e 160 cm de profundidade, ago.2014	AMS	2990 ± 30	2797-3003
Beta - 383566	Sepultamento 15 Osso humano (costela), entre 210 e 220 cm de profundidade, ago.2014	AMS	3030 ± 30	2859-3065
Beta - 383567	Sepultamento 20 Osso humano (costela), entre 290 e 300cm de profundidade, ago.2014	AMS	2920 ± 30	2756-2895

Adaptado de Farias, 2014 e Kneip et al, 2018.

¹⁹ Link para acesso interativo dos sepultamentos no *locus* 6: <https://skfb.ly/6QvnS>

6852240 712528

712532



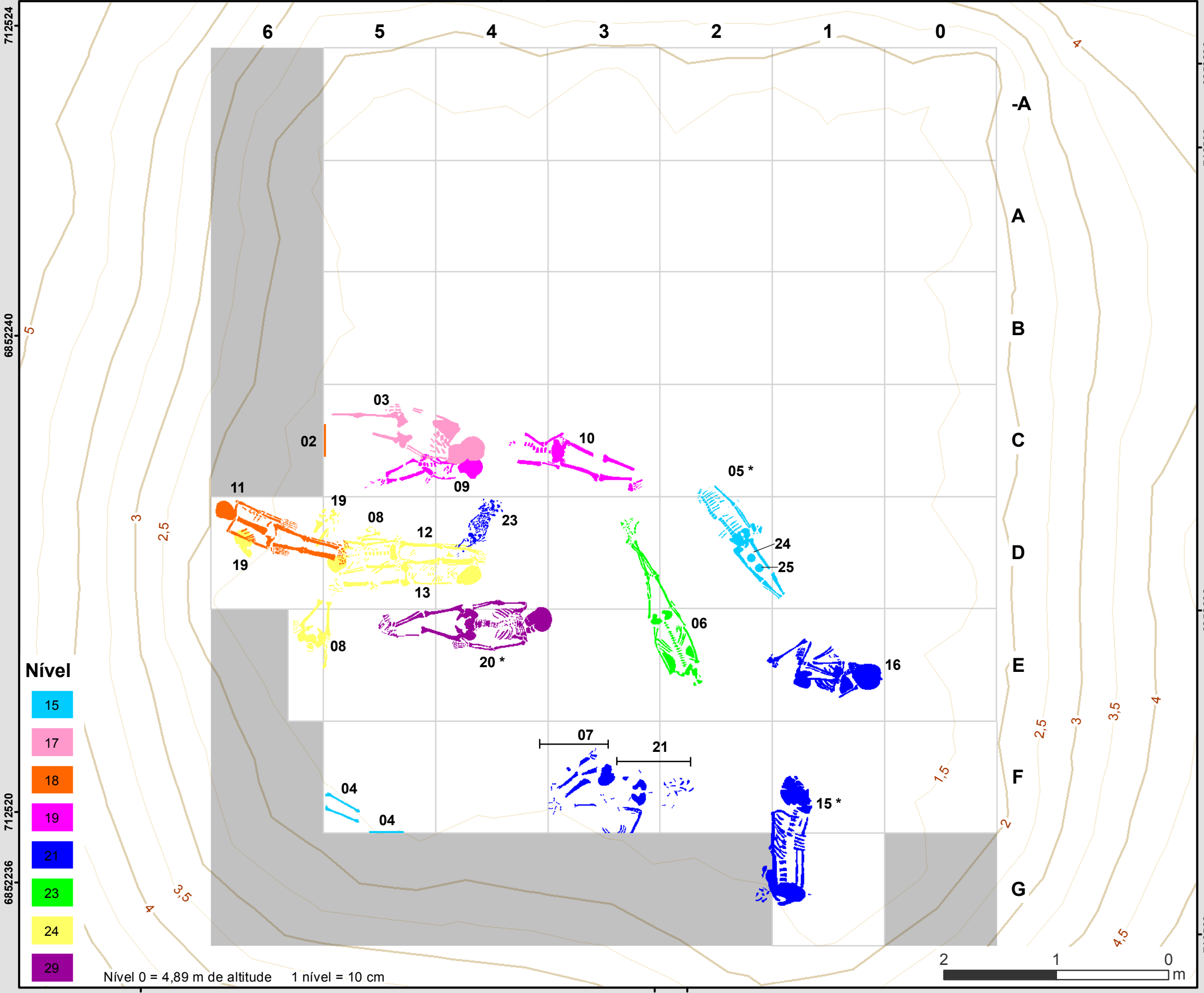
Mapa: Sepultamentos por níveis escavados do sambaqui Cabeçada I

**(Re) Começando do princípio:
O que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçada pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?**

Mapa com base nos dados primários do projeto:
Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Duplicação da BR-10 Trecho Ponte de Cabeçada - Laguna/SC

Arqueóloga responsável:
Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Projeto e execução:
GRUPEP Arqueologia
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



Nível

- 15
- 17
- 18
- 19
- 21
- 23
- 24
- 29

Nível 0 = 4,89 m de altitude 1 nível = 10 cm

- Delimitação do Sambaqui Cabeçada I
- Área não escavada
- Quadra escavada
- Curva de nível

- * Sepultamento com datação:**
- Sepultamento 20: 2756 - 2895 cal. AP
 - Sepultamento 15: 2859 - 3065 cal. AP
 - Sepultamento 5: 2797 - 3003 cal. AP



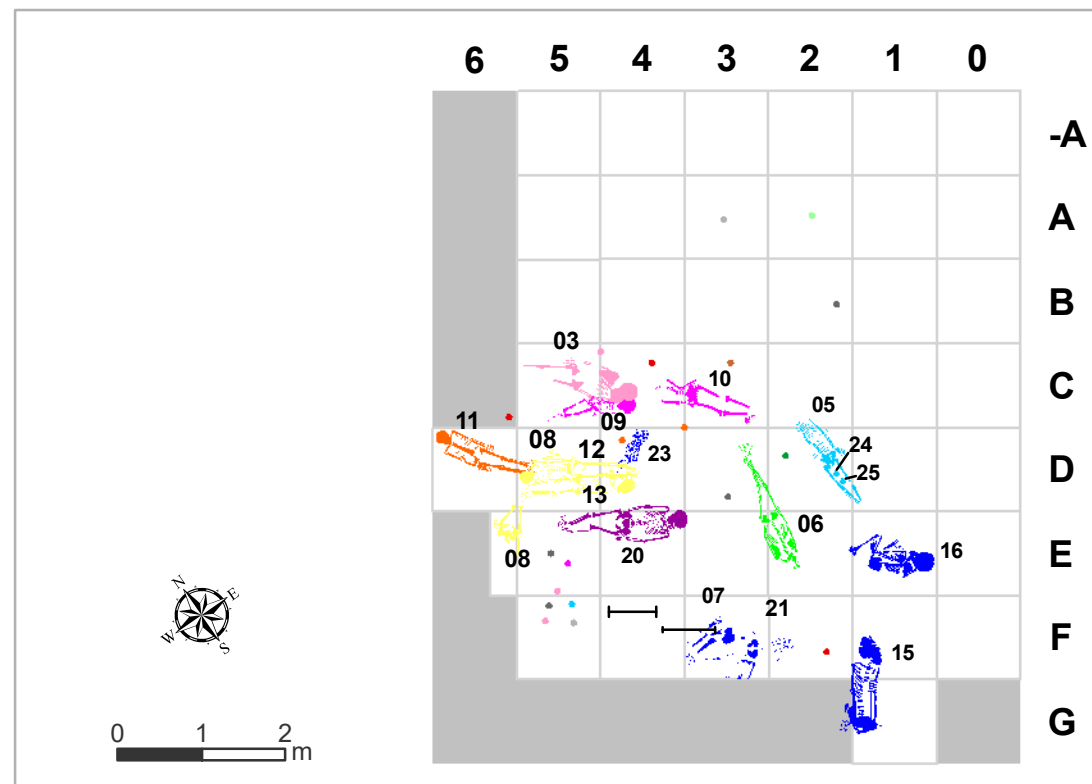
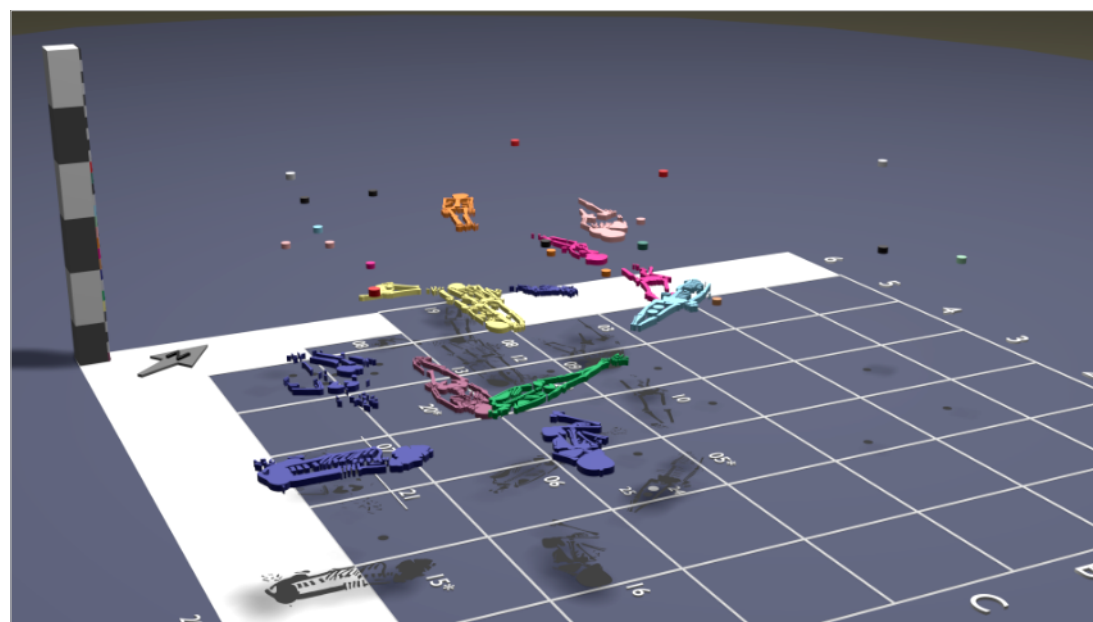
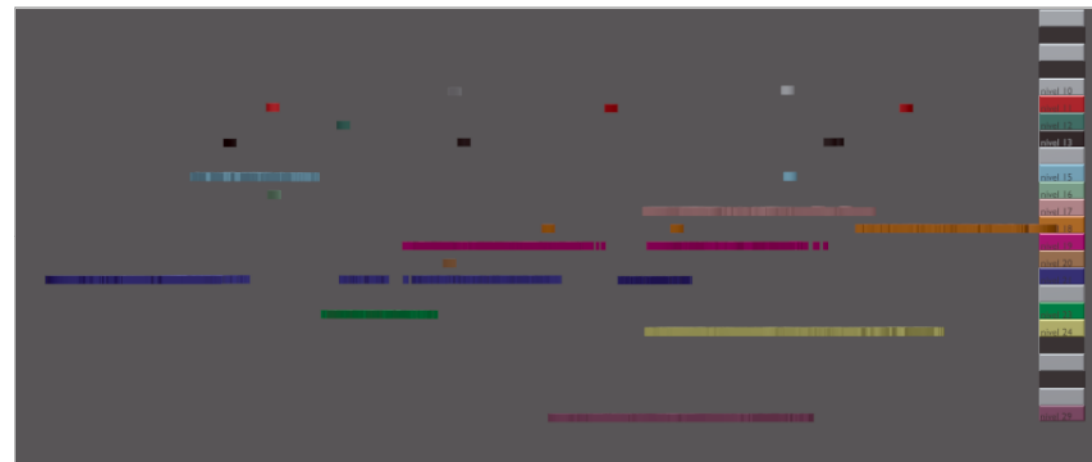
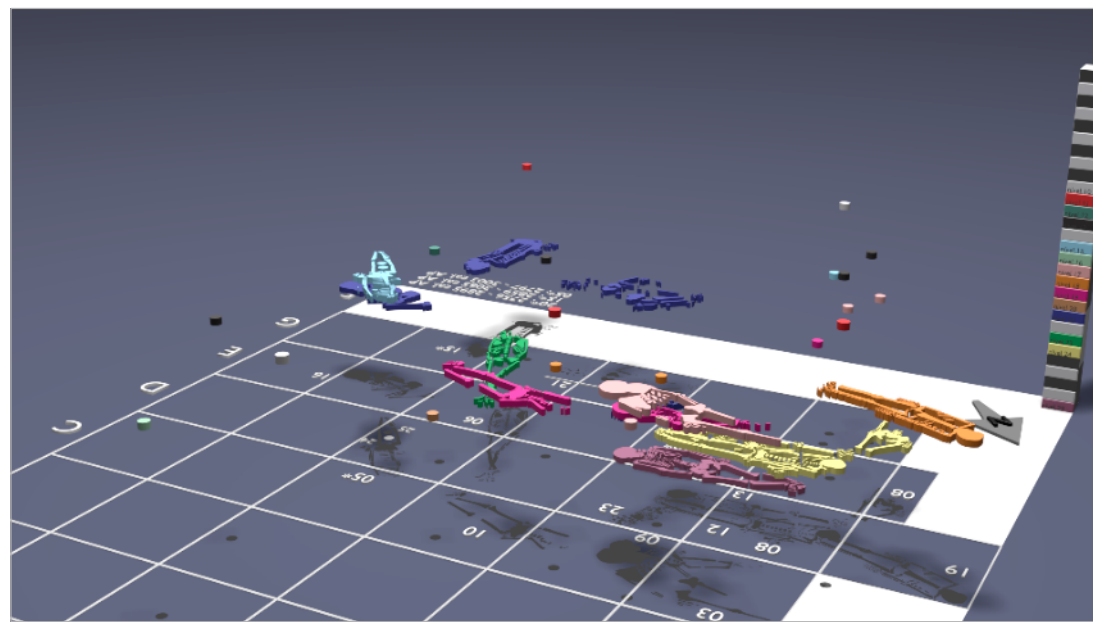
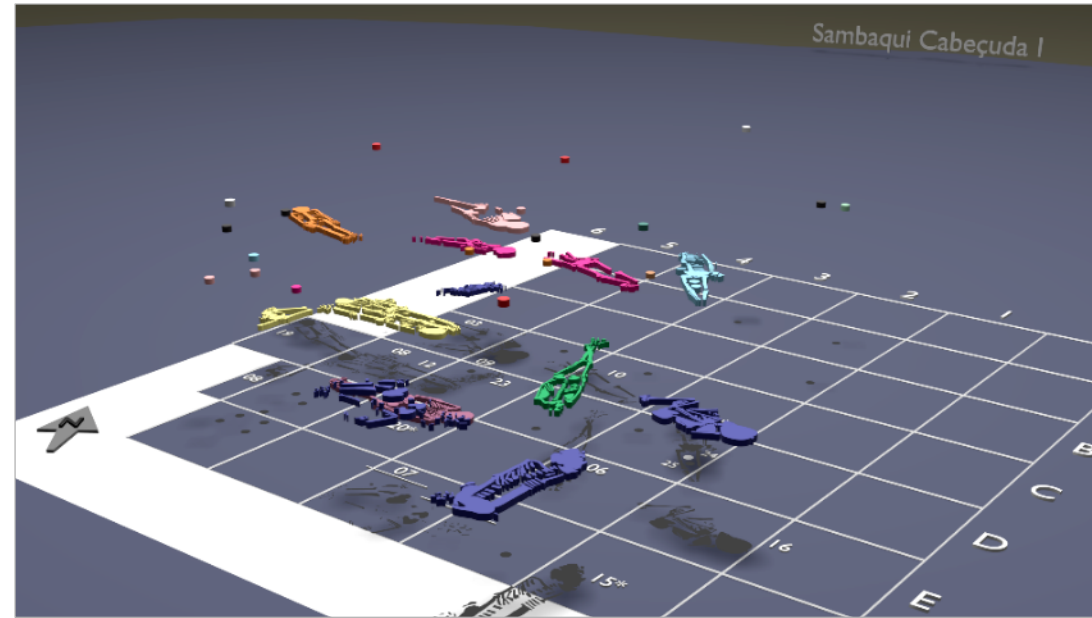
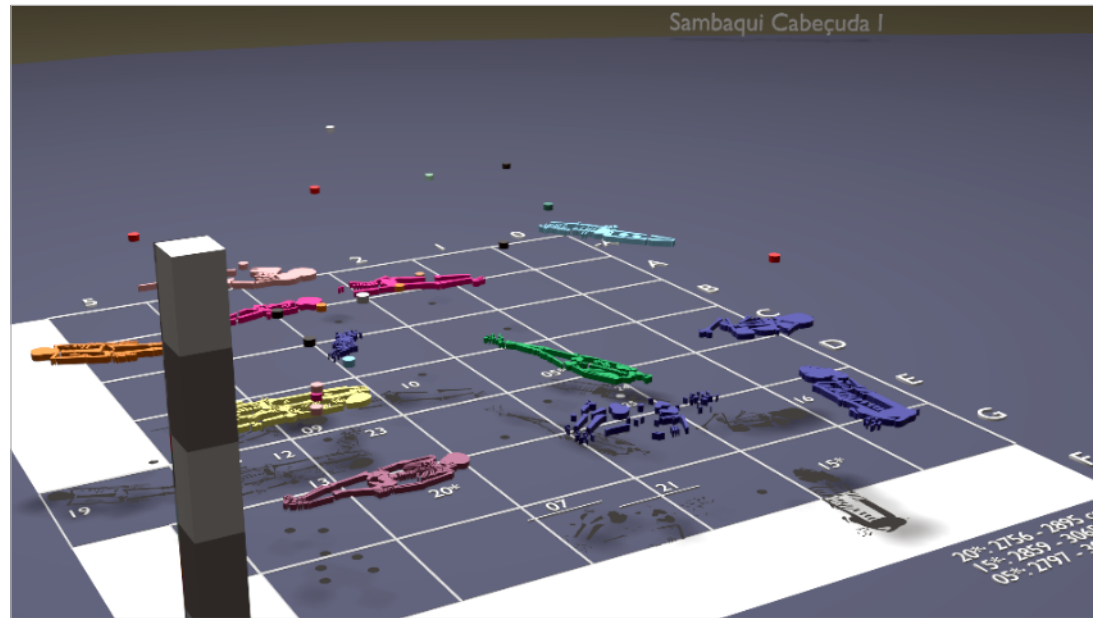
Mapa: Modelo 3D dos sepultamentos do lócus 6 do sambaqui de Cabeçada

**(Re) Começando do princípio:
O que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçada pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?**

Mapa com base nos dados primários do projeto:
Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Duplicação da BR-10 Trecho Ponte de Cabeçada - Laguna/SC

Arqueóloga responsável:
Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Projeto e execução:
GRUPEP Arqueologia
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



Delimitação do Sambaqui Cabeçada I Grade de escavação

Nível 10 11 12 13 15 16 17 18 19 20 21 23 24 29

Quando observamos as datações calibradas, os espectros se sobrepõem, a data do sepultamento 15 inclui as datações dos sepultamentos 5 e 20. O limite superior do intervalo do 20 e o limite superior do intervalo do 5 estão dentro do intervalo total do 15, e o limite inferior do intervalo do 15 está dentro do intervalo total do 5 e 20.

Á área em que está depositado o sepultamento 15 - mais antigo entre os sepultamentos datados - está mais elevada estratigraficamente em relação ao sepultamento 20 - mais recente entre os sepultamentos datados. Assim a ideia é que os sepultamentos 15, 16, 6, 7 e 21 foram depositados antes do sepultamento 20, já que também estão próximos uns dos outros em relação vertical e horizontal.

A partir da colocação do sepultamento 20, um *mound* é criado e a área vai crescendo nessa direção (norte). Depois ocorreria o depósito do sepultamento 8, seguido da sepultura com os indivíduos 12 e 13, que não estão distantes no tempo do 8, pois eles cortam parte do sepultamento 8. E em sequência o sepultamento 23 é depositado, seguido do sepultamento 11.

Outra hipótese a ser considerada é a deposição do sepultamento 20, seguida do 8, 12 e 13, depois o 23 quando toda a área começa a ficar no mesmo nível (21) e assim vai sucedendo depósitos para os dois lados ao mesmo tempo. Acontecendo a deposição dos sepultamentos 9, 10, 3, onde o 9 e 10 devem ser mais antigos que o 3, pois o 3 está estratigraficamente acima dos dois. Há também o depósito do sepultamento 11 que é mais recente que o 12 e 13 por estar estratigraficamente acima destes na mesma área. O sepultamento 5, está dentro do intervalo do espectro dos outros indivíduos datados, e não está diretamente acima estratigraficamente de outro sepultamento, mesmo que façamos uma inferência é difícil entender em que momento foi depositado.

Dessa forma, para compreender melhor a formação da área podemos dividi-la em dois conjuntos: 1- O sepultamento 15, 16, 7 e 21 podem ter sido depositados na mesma época do 20, 6 e 5, pois composição da estratigrafia sugere que o terreno já estava mais elevado nessa área, o sepultamento 23 que está neste mesmo nível (21) é mais recente em relação a esses por ser sobreposto a eles em uma sequência de deposição; 2 - A deposição dos sepultamentos acima do 20 aconteceu um após o outro, sendo o de baixo mais antigo e o de cima mais recente, a sequência formada pelos sepultamentos é: 20, 8, 12, 13, 23, 11. É difícil inferir sobre sepultamento 3, 9 e 10, por não terem datação e não estarem sobrepostos a outros sepultamentos.

Apesar da relação estratigráfica entre os indivíduos ser coerente com a formação de dois conjuntos em sequência deposicional diferente eles parecem formar em conjunto uma

única área funerária, contando que os espectros das datações se sobrepõem. A datação de outros indivíduos é necessária para validar a interpretação da sequência de construção proposta a partir da posição estratigráfica dos sepultamentos estudados.

A unidade dessa área funerária também é condizente com outro detalhe importante: se considerados os 50m² de área escavada em superfície ampla todos os sepultamentos estão concentrados (e sobrepostos) em menos de 20m² à oeste e a sudoeste dessa área, e eles ainda parecem formar um semicírculo com a parte externa do arco mais próxima a parte do sítio que não foi escavada. Considerando que sepultamentos foram identificados nas paredes sul e oeste na direção da área não escavada, é possível estimar que essa área funerária mantém continuidade para sudoeste.

O agrupamento denso de sepultamentos em uma área relativamente pequena em comparação com áreas adjacentes nas quais não há nenhum sepultamento repete claramente o que vem sendo referido para vários outros sambaquis, em especial para Jabuticabeira II que está na mesma área geográfica de Cabeçuda. A ideia de que essas áreas refletem grupos de afinidade socialmente estabelecidos parece compatível com a recorrência dos achados que se repetem em vários sambaquis e uma possibilidade plausível é que reflitam as várias comunidades articuladas em torno de um sistema lagunar e que poderiam usar um mesmo espaço funerário reforçando os laços sociais a partir dos ritos ligados aos mortos. Essa possibilidade encontra respaldo nas propostas avançadas por Andreas Kneip e colaboradores (2018) em artigo recentemente publicado. A norma, ou normas, que organizam as relações entre os mortos sepultados em uma mesma área funerária não podem ser inferidas, no momento, a partir do registro arqueológico, no entanto é legítimo supor como hipótese que possam entre outras coisas expressar em alguma medida relações de parentesco, que poderiam ser socialmente traduzidas em uma organização clânica ou comunitária. Análises de arqueogenética podem ajudar a testar essa hipótese.

Ainda refletindo sobre a construção do espaço funerário, no quis dizer respeito aos lugares em que os indivíduos foram depositados nesta área funerária, em nenhum dos casos foi possível perceber uma intervenção clara na estratigrafia que pudesse caracterizar uma cova.

É certo que nem todos os registros primários consultados traziam clareza na documentação sobre o local em que estava inserido o sepultamentos, no entanto, observando os registros disponíveis e o contexto geral dos sepultamentos, é possível estabelecer que os corpos

foram depositados em espaços côncavos, rasos, quase sempre claramente menores que a dimensão do corpo, seja no comprimento ou na largura, nos quais pés e cabeça ficaram apoiados já na porção superior externa ao interior da área deprimida.

Nos casos em que foi possível o controle de perfil este não apresentou alterações que sugerissem uma escavação de cova em profundidade, cortando a estratigrafia, assim parece que as características observadas podem ser compatíveis com duas maneiras de preparação da área de depósito do corpo: 1- a utilização do encontro entre *mounds*, uma área que poderia formar uma espécie de depressão no terreno, que seria apenas ajustado para receber o corpo, sem grandes intervenções; 2- a preparação de uma depressão rasa, sem paredes definidas suficiente apenas para acomodar o morto ligeiramente abaixo da linha do solo.

Nesta área funerária ocorreu o sepultamento de indivíduos masculinos e femininos de maneira equilibrada (aproximadamente 50% de cada), com os indivíduos distribuídos por todas as faixas etárias desde neonatos até adultos velhos.

A proporção de indivíduos neonatos e lactentes é sem dúvida muito inferior àquela esperada para grupos pré-jenerianos mas isso ocorre com frequência (MENDONÇA DE SOUZA et al 2013) e está em geral relacionada à dificuldade de reconhecimento destes remanescentes em campo, o que claramente ocorreu na escavação do *locus* 6, considerando que dois dos três indivíduos nestas faixas etárias foram identificados apenas em laboratório e parte de seus ossos foram recuperados nas amostras de sedimento.

Já a ligeira predominância de sepultamentos de adultos mais jovens (15 a 30 anos) entre as mulheres, com maior presença de sepultamentos de homens em idades mais avançadas, parece refletir o risco de morrer diferenciado de mulheres mais jovens e, portanto, uma redução maior a população feminina que a masculina antes das faixas etárias mais velhas. Uma explicação plausível para essa mortalidade diferencial seria o risco específico colocado pelo parto e puerpério, o que poderia ter correlato arqueológico na presença de uma jovem mulher (sepultamento 5), com idade entre 15 e 17 anos acompanhada de dois bebês (sepultamento 24 e 25), sendo um neonato. Estudos futuros de arqueogenética poderão esclarecer a relação e parentesco entre esta jovem e os bebês.

Esse quadro é compatível com o exercício de práticas funerárias que franqueavam a todos os indivíduos, independentemente de diferenças sexuais ou etárias, o sepultamento no cemitério da comunidade, sugerindo uma organização social coesa que incluía todos os

indivíduos sem exclusões, ou atribuição de valor diferenciado, com base em gênero ou idade. Também não existem espaços específicos na área funerária para mulheres ou para homens ou para adultos e crianças, ao contrário os sepultamentos foram feitos mantendo grande proximidade entre eles independentemente de sexo e idade, e com uma ligeira tendência à associação e indivíduos mais jovens em grande proximidade (quando não na mesma sepultura) com indivíduos mais velhos. Assim, papéis de gênero e etários que fossem atribuídos aos indivíduos em vida não se expressam, na morte, como impedimentos para o seu sepultamento no cemitério e não se configuram como elementos de organização do espaço cemiterial.

A inexistência de sepultamentos secundários, e de sinais de preparações cadavéricas que envolvessem algum tipo de redução do volume corporal pré-sepultamento (p.ex. defumações, descarnes sem desarticulação, etc), aponta para práticas nas quais a integridade do corpo, como uma unidade, tinha um papel importante. Por outro lado, a manipulação do esqueleto de indivíduos sepultados há mais tempo não parece ter constituído um tabu, como sugere o rearranjo dos ossos das pernas do indivíduo 8 quando sua sepultura foi afetada pela feitura da sepultura [12-13]. É interessante notar que, ao contrário do que ocorre em outros contextos (p. ex em Santana do Riacho, Minas Gerais²⁰), não houve aqui a tentativa de destruição dos ossos deslocados (pela queima por exemplo), nem sua retirada da área do sepultamento; ao contrário eles foram cuidadosamente rearranjados no espaço da nova sepultura. Isso pode refletir, novamente, a existência de fortes laços sociais, eventualmente familiares, entre os indivíduos sepultados nesta área funerária além de sugerir a importância de manter íntegros os remanescentes dos corpos dos mortos.

Embora a grande maioria das sepulturas contenha apenas um corpo (ou seja são sepultamentos simples), nos três casos em que há mais de um indivíduo em uma mesma sepultura, todas colocam em relação uma mulher mais velha com um (ou mais) indivíduos mais novo(s), sem que haja no entanto uma tendência etária clara nas associações: há uma adolescente associada com bebês, uma mulher madura com um homem adulto e uma mulher adulta com um homem adolescente. São poucos casos para avançar qualquer hipótese mais robusta, mas os dados parecem indicar que a associação de mais velho e mais novo se dava por alguma particularidade e provavelmente havia uma matriz de condições que determinava se um sepultamento receberia mais de um corpo que poderia incluir inclusive a proximidade, ou

²⁰ Ver PROUS, 1992

concomitância, das mortes, o que pode ter inserido nas práticas funerárias, um elemento de aleatoriedade que resultou na variabilidade observada no registro arqueológico.

De qualquer modo a realização de sepultamentos múltiplos foi uma prática pouco comum podendo tanto ser regulada por um conjunto de regras muito preciso, entre as quais poderiam estar incluídos aspectos etários, como ao contrário envolver a casualidade da ocorrência de mortes simultâneas ou muito próximas.

A deposição dos mortos em suas sepulturas usualmente é um ato marcado pela normatividade, os corpos são orientados e arranjados em posições que não raro envolvem aspectos simbólicos e não necessariamente práticos. No caso os indivíduos sepultados nesta área funerária a norma determinou que fossem sepultados com os corpos estendidos e deitados em sua maioria sobre as costas, com alguns poucos repousando sobre o ventre. Os motivos dessa variação não puderam ser inferidos através do registro arqueológico, pois não há padrão etário, sexual, ou variação nos acompanhamentos funerários que sejam perceptíveis, pode-se apenas supor que havia um ou mais elementos definidores dessa prática, mas que sua natureza não era materialmente expressa.

Em todos os casos a posição dos membros, com braços e mãos paralelos ao corpo ou sob a pelve e pernas bastante próximas, se não cruzadas, quando considerado em conjunto com as posições e movimentações ósseas observadas, e com as características do sedimento na região interna do corpo, sugere que os corpos estivessem envoltos em algum tipo de mortalha que, no entanto, apresentou variação na força utilizada para manter o corpo em posição, e os adolescentes parecem ter sido arrumados de maneira menos contida que adultos e crianças.

Por outro lado, é interessante notar que todos os indivíduos mais velhos (todos acima de 45 anos) foram sepultados em um padrão completamente diferente, sendo deitados sobre o lado do corpo, dois deles fletidos (o terceiro não pode ser avaliado quanto a isso pois as pernas adentravam o perfil), sugerindo um padrão etário relacionado à arrumação geral do corpo na sepultura, segundo o qual os indivíduos mais velhos recebiam um tratamento diferenciado.

Se a orientação dada aos corpos for considerada em termos da existência de uma norma com significado social e/ou simbólico que a organize, no caso da área funerária do *locus* 6 emergem duas possibilidades que explicam a variabilidade mais ou menos na mesma proporção: os corpos possuem um direcionamento organizado pela lagoa e pelo mar aberto ou os corpos possuem um direcionamento organizado pelo nascer e o pôr do sol. Não é possível

no momento definir qual destas possibilidades se aproxima mais da realidade, no entanto o fato de que qualquer uma delas (que se apoiam em um sistema classificatório binário) dá conta da maioria da variação observada parece sugerir que o sistema de organização, qualquer que seja ele, seja dual, o que poderia implicar por exemplo em uma organização baseada em metades clânicas, o que, claro, no momento é apenas uma conjectura interpretativa que poderia ser eventualmente abordada a partir de análises arqueogenéticas de parentesco entre os indivíduos.

Os acompanhamentos funerários são elementos presentes na quase totalidade de sepultamentos, havendo apenas uma exceção, que como mencionado antes está em bloco e não foi totalmente escavado, podendo ser esta a razão da ausência, e assim indicam uma prática regular de fazer acompanhar os indivíduos com objetos que se não são excepcionais em sua natureza geral de artefatos de uso cotidiano potencial (mós, bolas, gumes, adornos de variados tipos) ganham aspecto simbólico ao serem colocados nas sepulturas.

Deixando os adornos de lado por hora e pensando apenas sobre os demais artefatos, tanto líticos como ósseos, no que foi possível observar até este momento de forma pouco sistemática, estes apresentam desgastes relacionados ao uso, ou seja, não eram novos quando foram destinados ao acompanhamento dos mortos, sugerindo que nestes casos não fossem confeccionados especialmente para sua colocação sem uso na sepultura. Por outro lado, não é possível dizer se pertenciam ao morto em vida, se pertenciam à comunidade em geral ou a outras pessoas específicas, e neste caso qual a relação entre estas e o morto. Uma outra possibilidade que não pode por hora ser descartada, ou afirmada, é que de fossem ferramentas feitas para uso no ritual funerário e depois descartadas nas sepulturas. Por outro lado, e apenas como exercício interpretativo, a variedade de tipos de artefatos em cada sepultura e a falta de qualquer padrão associativo parecem, em conjunto, falar contra esta possibilidade, pois caso fossem artefatos utilizados na preparação e realização do funeral, admitindo-se que as práticas funerárias sejam ritualizadas, ou seja fortemente padronizadas, se esperaria hipoteticamente encontrar uma recorrência dos mesmos objetos na maioria das sepulturas, pois seriam os objetos adequados a realizar as tarefas destinadas a construir a cena funerária e a sepultar o morto.

A leve tendência observada de que os mais jovens tenham maior quantidade de itens artefactuais depositados em suas sepulturas, enquanto os mais velhos (acima de 45 anos) possuem pouquíssimos itens, não mais que um ou dois, pode sugerir uma mudança no tipo de artefato de acompanhamento destinado aos mais velhos. Fazendo novamente um salto interpretativo com o objetivo de refletir sobre possibilidades, que não podem no momento ser

apoiadas sobre dados concretos, é possível que ao longo da vida, ou seja conforme os indivíduos envelheciam, os objetos de uso para atividades do cotidiano fossem substituídos por outros, ligados à paramentação do corpo mas confeccionados em materiais perecíveis como couro, penas e fibras, ou ainda que no envelhecimento houvesse uma mudança de status e que indivíduos a partir de uma determinada idade não precisassem se preocupar com os papéis do cotidiano, nem neste mundo nem no outro, momento em que os artefatos não mais precisariam fazer parte do sepultamento.

Do ponto de vista simbólico, o que chama atenção entre os artefatos líticos é que em pelo menos cinco sepulturas²¹ ocorre o que DeBlasis (FARIAS, 2014) interpretou como “*artefatos matados*” (killed artifacts), ocorrendo em três delas um gume transversal (em cada), em outra um almofariz, e na última um artefato elaborado (bola) assim classificados, não havendo padrão de distribuição sexual ou etário, sendo sepulturas de criança, adolescente e adulto. A morte ritual de um objeto durante o funeral é uma prática que está relatada para alguns contextos no Brasil (BELEM; DEBLASIS, 2015; BRYAN, 1993a). O interessante aqui é que ela tenha ocorrido apenas em alguns casos e atingido alguns objetos específicos, haja visto que existem gumes transversais e almofarizes que foram incluídos nas sepulturas inteiros, sem terem sido ritualmente mortos. Assim é de se supor que algo marcou de modo diferente estes objetos em particular, talvez um uso específico durante o funeral, algum gesto ou prática que não era destinada a todos, mas que foi necessária nestes casos específicos.

Quando se considera os artefatos confeccionados em material osteomalacológico, se comparados aos artefatos líticos, eles ocorrem seletivamente em apenas algumas sepulturas. Isso pode indicar que estes objetos tinham uma norma particular de uso, seja em vida seja na morte, no grupo que utilizou esta área funerária, e que esta norma diferenciava os indivíduos segundo um critério sociocultural qualquer que pode envolver um aspecto etário.

Novamente deixando os adornos de lado por hora, foram identificados três artefatos em osso de mamífero (sendo um em osso de cetáceo) em três sepulturas distintas das quais duas pertencem a indivíduos juvenis e uma a indivíduo para o qual não foi possível estimar idade. Quanto a materiais conspícuos, mas não modificados, eles foram identificados apenas em duas sepulturas sendo uma delas a de um adulto maduro [16, uma concha de gastrópode não

²¹ Sepultamento 11, Sepultamento 12 e 13, Sepultamento 7/21, Sepultamento 8, Sepultamento 3

modificada] e a outra a do indivíduo 5 que também possui um dos artefatos em osso de cetáceo, além de um amontoado de ossos de mamífero sobre a região do abdome. A associação com ossos e conchas não modificados é frequentemente relatada na literatura (ANDRADE, 2009; BERREDO, 2018; MENDONÇA DE SOUZA et al., 2013), mas no caso da área funerária do *locus* 6 a falta de registro sistemático em campo não permite que se avancem interpretações nesse sentido.

Finalmente considerando os adornos, que são uma categoria particular de artefatos pois paramentam o corpo vivo marcando sua identidade, e assim estão intrinsecamente imbuídos de conotações simbólicas, sociais e de prestígio (KOKLER, 2014), chama a atenção que estes objetos estejam quase que exclusivamente em sepultamentos infantis. Novamente é preciso ponderar que a ausência de evidências de adornos na grande maioria dos sepultamentos pode ser um viés imposto pela preservação diferencial dos materiais, pois contas de origem vegetal (como as feitas de sementes), madeira, fibras e penas não se preservam.

Apenas um adorno lítico foi identificado como tal, e foi interpretado como um adorno de orelha (*piercig*) associado a um homem mais velho [sepultamento 16; 45 anos]. Por outro lado, as contas em concha contadas na casa do milho foram identificadas apenas em contextos nos quais estavam presentes neonatos e lactentes. O contexto do sepultamento 23 melhor controlado devido a sua escavação em laboratório permitiu que um conjunto expressivo de contas fossem identificadas como um colar de pelo menos quatro (03) voltas (ver catálogo, volume 2, figura 120 - página 114), e também permitiu sugerir que um outro conjunto poderia corresponder a enfeites de um tipo de artefato trançado. Extrapolando estas observações para o sepultamento [5-24-25] é plausível assumir que as contas de concha semelhantes encontradas nesta sepultura estivessem relacionadas aos indivíduos 24 e 25, ou seja um neonato e um lactente.

Ainda que sejam poucos, os casos de adornos sugerem uma tendência etária no tipo de adorno usado pelos indivíduos, chamando a atenção que sejam exatamente os indivíduos mais jovens e um dos mais velhos os únicos a apresentarem adornos confeccionados em materiais duráveis, e que apenas os mais novos estivessem adornados com colares.

A utilização de coloração vermelha nos sepultamentos integrou sem dúvida o espectro de práticas da comunidade que utilizou esta área funerária. A combinação entre a análise visual e a análise de Fluorescência de Raio X permite propor que a maioria, senão a totalidade, dos indivíduos recebeu corante em suas sepulturas, mas que a quantidade de corante,

assim como algumas características do pigmento, variou entre elas. As sepulturas que se destacam com evidência de pigmento em uma quantidade realmente grande são a [5-24 -25], e a [11], além da [23] que também apresentou pigmento marcando o solo acima dos ossos propriamente ditos, sugerindo que a superfície da sepultura estava marcada. São todas sepulturas com indivíduos jovens, sendo 5 e 11 adolescentes. A forte pigmentação dos ossos nestes dois casos pode ser um indicativo de que o corpo estava intensamente pintado.

8.3. Uma análise intra-sítio: Quantos cemitérios diferentes em um único sambaqui funerário?!

Embora os dados disponíveis nas diversas fontes documentais sobre o Sambaqui de Cabeçuda sejam bastante díspares em termos de método de coleta e as análises das estruturas funerárias tenham sido feitas segundo critérios diversos e nem sempre sejam totalmente comparáveis, a importância do registro funerário do Sambaqui de Cabeçuda justifica a tentativa de avançar em uma reflexão sobre as diversas práticas funerárias identificadas e escavadas no sítio ao longo de seis décadas. Essa tentativa de reflexão não é inédita e foi realizada outras vezes notadamente por Alejandra Saladino (2016) em sua dissertação de mestrado, e por Rita Scheel-Ybert (2011, 2012) mas o acréscimo de novos dados, bem como o olhar diferente sobre determinados aspectos consequente à abordagem bioarqueológica adotada nesta dissertação, validam o exercício.

Nessa “análise intra-sítio” ficou evidente que as diferentes áreas funerárias apesar de apresentarem muitas similaridades, também apresentam variações importantes o suficiente para que não se possa falar em um padrão funerário único praticado ao longo de todo o período em que o Sambaqui de Cabeçuda foi utilizado, e nisso vai ao encontro do que Schel-Ybert e Saladino propuseram.

A composição estratigráfica do sítio registrada em todas as etapas de escavação, 1950, 1951, 2010, 2011 e 2012 indica a existência de variações em suas camadas, mas de maneira geral as descrições dão conta de características muito semelhantes: camadas arenosas de diferentes colorações e umidade, com predomínio de conchas (principalmente *Anomalocardia flexuosa*), inteiras, moídas e até mesmo fechadas, presença de ossos de peixe, vestígios de carvão, e material lítico em algumas camadas.

O que chama atenção nas escavações de Castro Faria é a grande quantidade de esqueletos registrados, somando em 252 o número mínimo de indivíduos resgatados (DI

GIUSTO, 2017). Esse conjunto de sepultamentos foi escavado em cotas bem mais altas do sítio, em camadas mais próximas ao topo, enquanto que os sepultamentos do *locus* 6 já se encontravam próximos à base do sítio.

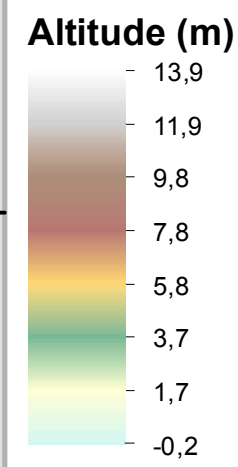
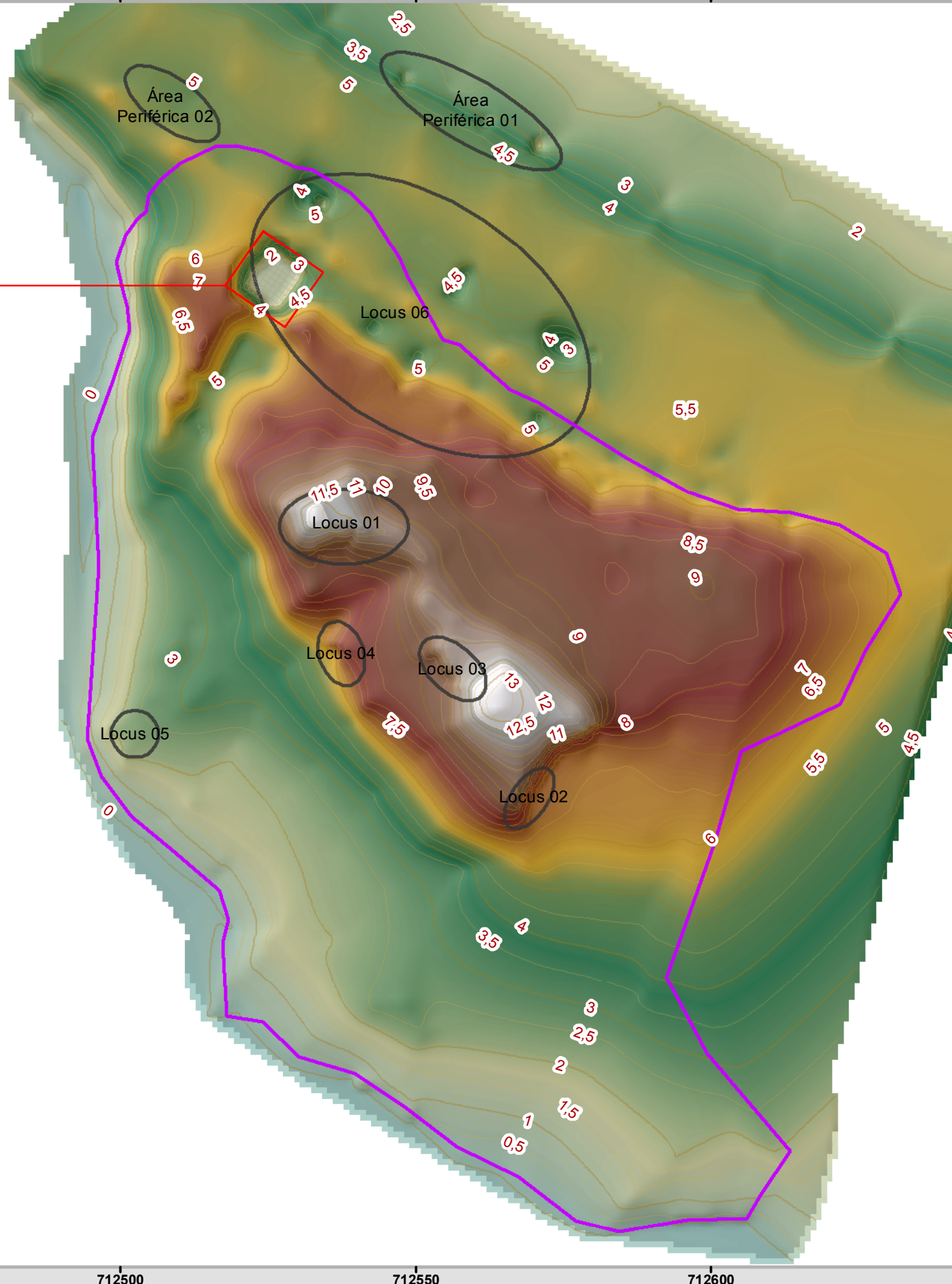
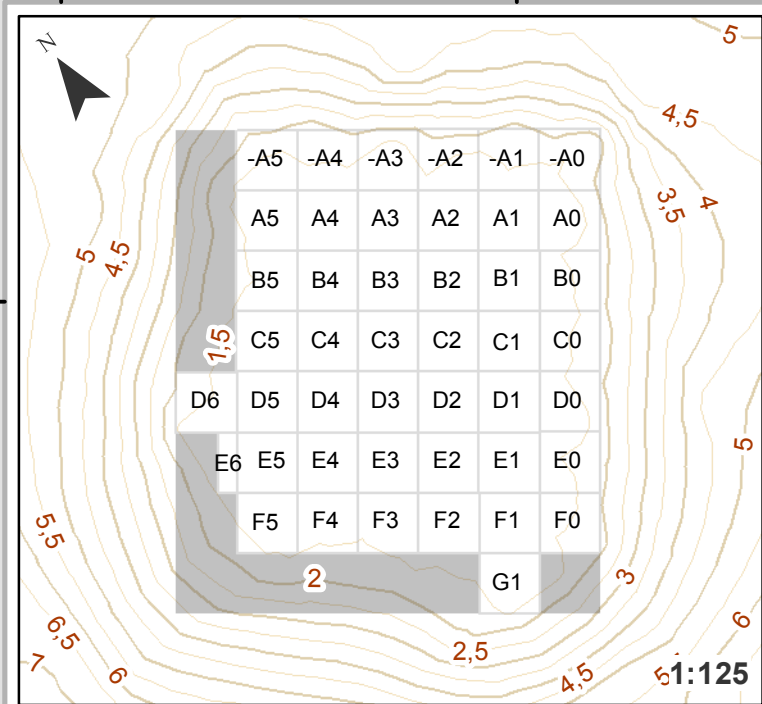
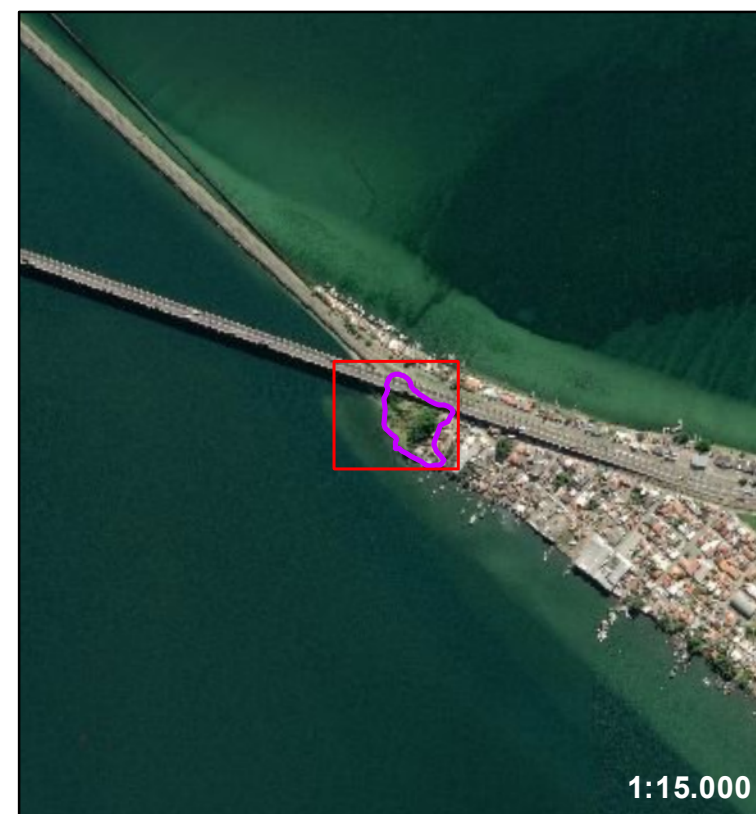
Mapa: Modelo digital de elevação do sambaqui Cabeçada I

**(Re) Começando do princípio:
O que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçada pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?**

Mapa com base nos dados primários do projeto:
Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Duplicação da BR-10 Trecho Ponte de Cabeçada - Laguna/SC

Arqueóloga responsável:
Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Projeto e execução:
GRUPEP Arqueologia
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



Em todas as áreas funerárias, os *loci* 1 e 6 e naquela escavada por Castro Faria, os sepultamentos são primários e predominantemente simples, havendo poucos múltiplos. O que chama a atenção na área escavada por ele é que nela foram encontrados sepultamentos múltiplos que chegam a associar até 12 indivíduos, diferente das sepulturas com no máximo 3 indivíduos do *locus* 6. Por outro lado, é preciso relativizar aqui a ideia de sepultamentos múltiplos de Castro Faria, pois algumas fotos publicadas dessas estruturas (CASTRO FARIA, 1959; SALADINO, 2016) claramente indicam sepulturas simples muito próximas, sugerindo que em alguns casos Faria poderia estar chamando de sepultamentos múltiplos áreas de adensamento de sepultamentos, aquilo que hoje estamos entendendo como área funerária.

A existência de alguns sepultamentos com acompanhamento que os destacam individualmente parece ser algo recorrente nesse sítio, a exemplo de dois sepultamentos associados a uma escápula de baleia, encontrado por Castro Faria (1959, p. 116). Os acompanhamentos líticos registrados por ele também são parecidos aos dos *loci* 1 e 6, como os machados de pedras, as bolas e os almofarizes, e assim como nos *loci* 1 e 6 os artefatos líticos estão presentes em maior volume do que os artefatos ósseos.

Os adornos feitos em conchas encontrados por Castro Faria são de tipos mais variados em relação aos encontrados no *locus* 6 e são usadas uma variedade maior de conchas para confeccioná-los. Além dos adornos simples elaborados em conchas *Olivella* sp sem ápice, estão presentes as conchas dos gastrópodes usadas para fazer contas discoides (KLOKLER, 2014), as contas presentes em maior volume nos sepultamentos dos *locus* 6 são as contas simples sem ápice, diferente do que ocorre nos sepultamentos resgatados na década de 1950, nos quais predominam as contas discoides. Além disso os adornos em conchas registrados por Castro Faria estão em sepultamentos independente da faixa etária ou sexo, já os encontrados no *locus* 6 são eminentemente acompanhamentos de neonatos e lactentes.

Considerando no alto número de cerca de 16 mil peças, relatado por Klokler (2014), é importante que essa quantidade seja interpretada a partir dos artefatos compostos por estas contas. A título de reflexão, se esse número for olhado a partir do caso do sepultamento 23 do *locus* 6, que contava com um colar de pelo menos 800 contas simples em *Olivella* sp. Assim apesar da contagem unitária dos achados de Castro Faria ser realmente um valor alto, caso se considere que as contas integravam colares semelhantes àquele que adornava o bebê do sepultamento 23, estas contas seriam suficientes para confeccionar 20 colares, o que não é um número excessivamente alto. Mesmo que se admita que não fossem destinadas apenas à

confeção de colares, mas pudessem também ser elementos decorativos em faixas, cintos, vestimentas, ainda assim o número de objetos confeccionados com contas não parece ter sido tão alto.

Esta ideia parece encontrar respaldo nos números apresentados por Saladino (2016) e Klokler (2014). Alejandra Saladino informa cerca de 50% das “estruturas funerárias” e cerca de 40% dos esqueletos diretamente associados a contas, já Daniela Klokler informa ter encontrado as contas em amostras associadas a 36 contextos funerários (alguns integrados por mais de um indivíduo). Ou seja, as contas são muitas mas os artefatos que elas compunham são muito menos e aparentemente seu uso não era dado a todos os indivíduos. Isso pode indicar um uso desse tipo de adorno regulado por normas sociais que poderiam envolver prestígio ou aspectos simbólicos ligados sexo e idade, entre outros.

Ao mesmo tempo, apesar do relato de que as contas da área escavada por Castro Faria estavam presentes também em sepultamentos de adultos (CASTRO FARIA, 1959), não se pode descartar a possibilidade de que acompanhassem neonatos que poderiam estar em sepultamentos múltiplos com adultos (como no caso da sepultura [5-24-25] do *locus* 6), essa possibilidade é reforçada pela afirmação de Daniela Klokler de que várias contas por ela estudadas foram recuperadas em amostras de fauna que também continham ossos de bebês (KLOKLER, 2014).

Mesmo que não seja possível fazer associações diretas entre o uso de adorno e algum tipo de atividade, prestígio, grupos de afinidade específicos, os adornos em conchas foram utilizados por outras sociedades/culturas de maneira simbólica, e assim também poderiam ter sido utilizadas pelos grupos sambaquieiros (KLOKLER, 2014).

Entre as escavações de Castro Faria e aquelas realizadas dentro dos projetos temáticos entre os anos 2010, 2011 e 2012 o Sambaqui de Cabeçuda foi intensamente impactado perdendo muito de sua altura original. Assim como a escavação do *locus* 6, estas intervenções abordaram áreas do sítio em cotas altimétricas muito mais baixas que aquelas das áreas escavadas por Castro Farias e ao mesmo tempo muito semelhantes às do *locus* 6.

O *locus* 1, escavado nas intervenções de 2010, 2011 e 2012 é o mais próximo do *locus* 6 em relação espacial do que qualquer outro, ainda que não se encontrem lado a lado (ver mapa – página 163) e o único com registro de sepulturas, as quais se assemelham às sepulturas encontradas no *locus* 6, a começar pela posição geral de deposição dos corpos que estão

estendidos em decúbito dorsal com as mãos sobre o ventre, assim como a maioria dos

encontrados no *locus* 6. Nesse ponto o *locus* 1 também se diferencia da série de sepultamentos descrita por Castro Faria e suas estruturas funerárias resgatadas em 2012 e se assemelha mais com as encontradas no *locus* 6.

Os vestígios de fogueira estão registrados tanto no *locus* 1 como no *locus* 6, no entanto neste último não foi possível compreender se de fato as concentrações de carvão registradas eram fogueiras e qual era a sua relação com os sepultamentos. Diferente do que é registrado no *locus* 1 sobre a presença de ossos de peixes concentrados próximo aos sepultamentos, no *locus* 6 esse registro detalhado não foi obtido, portanto não é possível saber se essa relação também existia de modo geral nesse *locus*, apesar da concentração de ossos de fauna encontrada acima de um dos sepultamentos²².

No *locus* 1 o material lítico foi encontrado, como no *locus* 6, em praticamente todos os níveis escavados, tanto relacionados aos sepultamentos, como em outras áreas, havendo também artefatos com marca de queima e estando presente em vários sepultamentos. No que diz respeito aos adornos, novamente nos sepultamentos do *locus* 1 se estabelece uma relação inequívoca entre adornos em concha e sepultamentos infantis, repetindo o que ocorre no *locus* 6.

O ponto escavado por Castro Faria estava estratigraficamente muito acima dos pontos escavados mais recentemente nos *loci* 1 e 6, e as datações obtidas reforçam que as áreas funerárias estudadas por ele eram bem mais recentes, com intervalo entre 1387-1393 e 1990-2161 cal AP, quando comparadas com as áreas dos *loci* 1 e 6. O *locus* 1 apresenta uma datação de 3896 - 4147 cal AP, feita sobre osso humano ou seja mais de 1000 anos mais antigo, já os esqueletos do *locus* 6 foram datados entre 2756 - 2895 e 2797-3003 cal AP mais de 500 anos mais antigos que aqueles escavados por Castro Faria.

Assim, é evidente na comparação dos dados gerais disponíveis para todo o sítio que as práticas funerárias das comunidades sambaquieiras que usavam o Sambaqui de Cabeçada como cemitério sofreram variações em alguns aspectos ao longo do tempo entre os períodos mais antigos e os períodos mais recentes, ao mesmo tempo em que mantiveram uma série de elementos sem maior variação.

É interessante que apesar das datações indicarem que os *loci* 1 e 6 também apresentam uma distância temporal grande existem muitos pontos em comum entre os

²² Sepultamento 5

sepultamentos das duas áreas, assim como uma relação estratigráfica equivalente, o que em princípio permitiria esperar que estas duas áreas estivessem relacionadas a comunidades mais estreitamente relacionadas, ou mesmo contemporâneas.

Há duas possibilidades para explicar por que há uma variação nas práticas entre os períodos mais antigos que 2756 – 2895 e os mais recentes que 1990-2161, mas não entre os *loci* 1 e 6 apesar de sua grande variação temporal: 1) A datação do *locus* 1, feita sobre um osso não reflete a datação dos sepultamentos propriamente ditos que seriam um pouco mais recentes; ou 2) Algo ocorre por volta depois de 2500 AP que condiciona mudanças nas práticas funerárias no que diz respeito a forma de colocação do morto em sua sepultura, e também na demarcação das sepulturas.

De qualquer modo as diferenças observadas entre os *loci* 1 e 6 e as áreas escavadas por Castro Faria em relação aos sepultamentos, juntamente com o distanciamento temporal, sugere que as comunidades tenham se modificado em alguns aspectos que incluíram elementos das práticas funerárias.

É interessante ponderar aqui que em estudo recente Marina Di Giusto (2018) demonstrou que os indivíduos do período mais antigo sofreram mais estresse na infância que os indivíduos do período mais recente. Assim os indivíduos do *locus* 6 apresentaram pico de defeitos de esmalte (HLE) mais tardio – entre 4 e 5 anos – ao mesmo tempo em que mostraram uma tendência a mais linhas (ou seja, mais eventos de estresse) quando comparados aos indivíduos sepultados nas áreas escavadas por Castro Faria, os quais manifestaram o pico de prevalência de HLE um anos antes – entre 3 e 4 – e uma tendência a apresentar um número menor de linhas por indivíduos, sugerindo menos eventos de estresse. A autora sugere que esse quadro possa refletir mudanças no modo de vida dos grupos e no padrão de aleitamento materno com um processo de desmame mais precoce a partir de 2500 AP com um impacto potencial na natalidade com a diminuição do intervalo entre filhos.

Dessa forma parece que tanto o perfil de estresse como as práticas funerárias estão apontando para mudanças, já *ci.* 2500 AP, nas comunidades que usavam, há mais de um milênio, o Sambaqui de Cabeçuda como cemitério.

Sem dúvida a mudança que mais chama a atenção é a predominância, no período mais recente, da colocação do corpo sobre um dos lados e em posição fletida, com as mãos à altura da cabeça ou do peito. No período mais antigo esta posição parece ter sido reservada apenas aos indivíduos mais velhos, assim mais que a invenção de algo novo o que ocorreu foi a expansão de uma prática reservada aos mais velhos para nela incluir todos os integrantes da

comunidade. Essa posição fletida com mãos na altura da cabeça ou do peito aponta também para a possibilidade dos corpos estarem nessa fase mais recente contidos de modo mais intenso, ou mesmo amarrados, embora sem análises detalhadas da posição dos ossos seja difícil afirmar com certeza.

Outro elemento muito marcante que destaca os sepultamentos mais recentes dos mais antigos é a utilização de blocos líticos como elementos de marcação de sepulturas. Enquanto essa característica está disseminada no período mais recente ela é totalmente ausente nas áreas funerárias mais antigas dos *loci* 1 e 6.

Por outro lado, vários elementos se mantiveram constantes entre os dois períodos, demonstrando a tendência das práticas funerárias para a estabilidade.

O uso de fogo como um elemento constante e do corante vermelho parece ter se mantido ao longo do tempo, embora os dados das escavações não permitam por hora um maior detalhamento.

A prática de sepultar os mortos com seus corpos inteiros, expressa pela preferência pelos sepultamentos primários, também se manteve ao longo do tempo, assim como a construção de espaços cemiteriais densos, com muitos sepultamentos concentrados em alguns metros quadrados, e sem áreas especialmente reservadas para mulheres, homens e crianças, o que sugere que o aspecto estruturador deste espaço permaneceu no tempo de longa duração, se expressado no conceito de grupo de afinidade conforme proposto por Madu Gaspar.

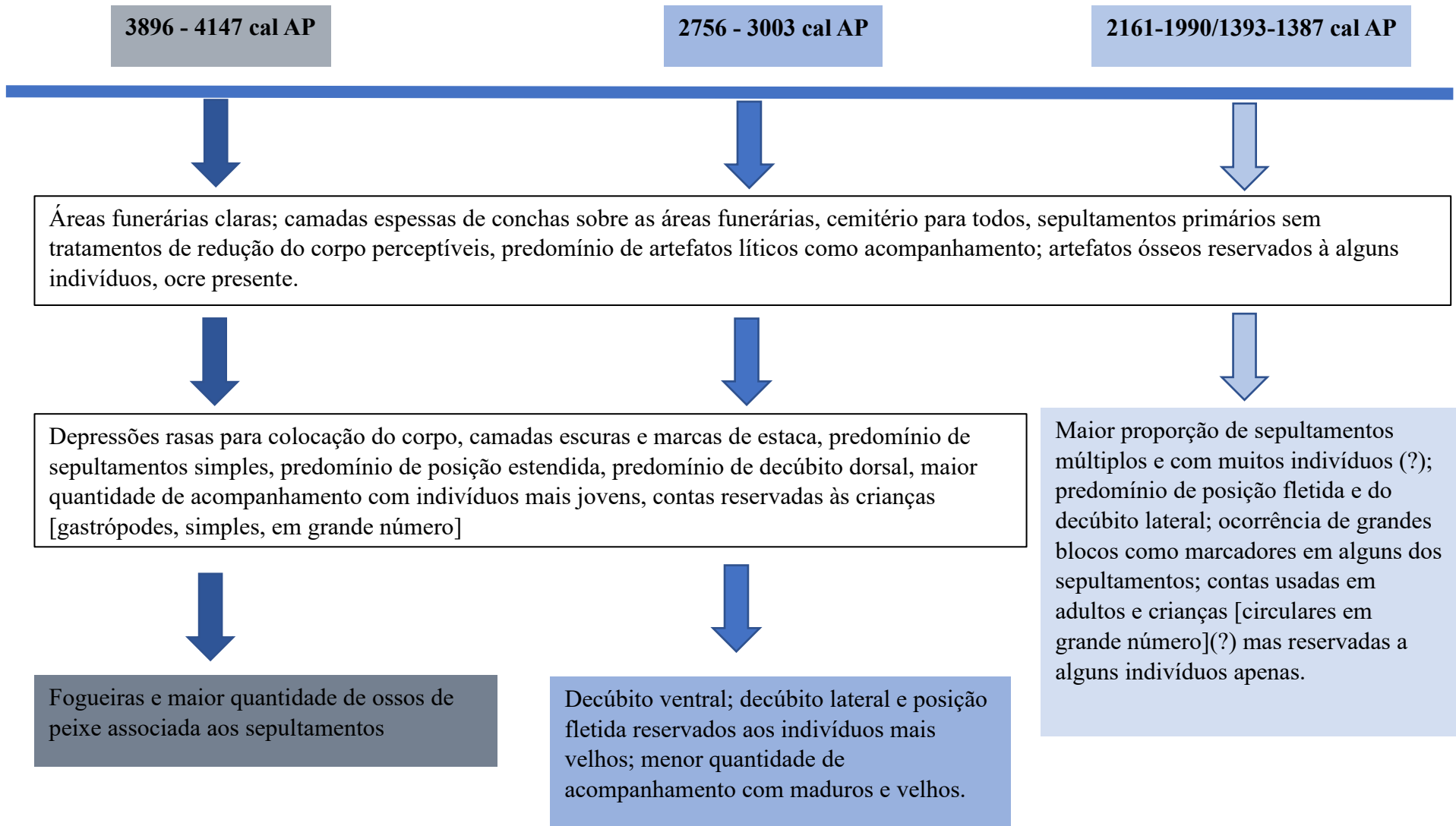
Considerando os acompanhamentos funerários como elementos que têm potencial para indicar variações de aspectos sociais, os dados disponíveis nesse momento não permitem infelizmente a comparação aprofundada entre as diversas áreas funerárias e os tempos distintos. De modo geral os tipos dos artefatos líticos encontrados nas sepulturas de ambos os períodos são as mesmas, e a predominância de artefatos líticos sobre os confeccionados em osso também. No entanto a recuperação de gestos funerários específicos, como a morte ritualizada de artefatos proposta para alguns casos identificados no *locus* 6, e que poderiam lançar luz sobre eventuais variações temporais, não pode ser realizada para todas as áreas funerárias.

Considerando os adornos em concha, que foram mais bem descritos e estudados, em princípio há uma variação entre o período mais antigo representado nos *loci* 1 e 6, e o mais recente representado nas áreas escavadas por Castro Faria. Essa variação ocorreria no sentido

dos adornos em concha ficarem mais comuns no período mais recente e serem utilizados também nos sepultamentos dos adultos, enquanto que no período mais antigo eles estão eminentemente ligados aos sepultamentos de juvenis (neonatos e/ou lactentes no *locus* 6 e lactentes e crianças no *locus* 1).

Ao mesmo tempo, apenas para os *loci* 6 e 1 é possível ter razoável certeza da associação explícita destes adornos com os indivíduos que os portavam. O acesso à documentação de campo de Castro Faria é extremamente difícil e ela nunca foi consolidada, isso aliado a dificuldade inerente ao reconhecimento e escavação de esqueletos de bebês, e ao encontro de ossos infantis juntamente com contas em amostras de fauna (KLOKLER, 2014) sugere cautela na interpretação dos dados referentes ao período mais recente e pelo menos a necessidade de considerar que as conchas tenham continuado mais ligadas aos infantis que aos adultos, principalmente as contas simples.

Resumindo: Modelo interpretativo



8.4. Do local ao regional: Olhando para o conjunto de práticas funerárias sambaqueiras.

Através da análise inter-sítio é possível perceber as recorrências e variabilidades das práticas e dos gestos funerários não apenas no tempo, mas também no espaço. Se a disparidade de método de coleta e análise das estruturas funerárias entre pesquisas diferentes observada para o Sambaqui de Cabeçuda é grande, quando se considera as pesquisas realizadas em muitos sambaquis ela se torna enorme. Por outro lado, o acúmulo de informações cada vez maior sobre aspectos funerários de muitos sambaquis instiga a procura por padrões que recorram em diversos sítios e convida a uma reflexão que pelo menos tente agrupar dados e sintetizar tendências. Nessa dissertação essa tentativa de análise inter-sítio almeja apenas lançar luz sobre potenciais tendências mais amplas sobre a relação estabelecida pela população sambaqueira com seus mortos, tendo sempre o Sambaqui de Cabeçuda como foco.

No litoral sul de Santa Catarina sem dúvida o Sambaqui Jabuticabeira II é o sítio pesquisado de maneira mais intensamente sistemática, ele também é o sambaqui que serviu de modelo para a ideia de “sambaquis funerários”.

Do ponto de vista cronológico o conjunto de sepultamentos do *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda é mais antigo que os sepultamentos do sambaqui Jabuticabeira II, cujos esqueletos apresentam datações compatíveis com o conjunto de sepultamentos da área escavada por Castro Faria. Como não há dados comparáveis para todos os elementos funerários, as reflexões a seguir se aterão aqueles elementos para os quais há informações equivalentes em ambos os sítios.

A predominância de sepultamentos primários simples muito próximos uns aos outros em áreas funerárias densas onde foram sepultados indistintamente homens e mulheres e indivíduos em todas as faixas etárias, juntamente com a presença intensa de ocre e associação frequente de fogueiras ou concentrações de carvão, são elementos que conectam os sepultamentos feitos em Jabuticabeira II e os sepultamentos feitos em Cabeçuda, tanto no período representado no *locus* 6 como no período mais recente.

Por outro lado, a preferência por sepultamentos fletidos, em decúbito lateral e a colocação de blocos de pedra que marcam as sepulturas são traços que os sepultamentos de Jabuticabeira II partilham apenas com o período mais recente de Cabeçuda. É interessante notar que os sepultamentos estendidos reaparecem em quantidade maior no registro arqueológico mais recente de Jabuticabeira II, associados à mudança do substrato do sítio, com a parada da

construção pelo depósito de conchas e a formação da camada ictiológica superior a partir de 1710-1990 cal AP (NISHIDA, 2007).

No que diz respeito a área de colocação do corpo a literatura refere para Jabuticabeira II a existência de depressões rasas que são nomeadas covas e que são entendidas como pequenas escavações rasas. A relação referida com o corpo é que as “covas” teriam tamanho suficiente para acomodá-lo horizontalmente em todo o seu comprimento. Também nisso os sepultamentos do *locus* 6 de Cabeçuda se diferenciam, pois as depressões rasas nas quais o corpo foi colocado na maioria das vezes são muito pequenas para acomodá-los, horizontalmente, em todo o seu comprimento, fazendo com que claramente a cabeça e as pernas e pés excedam os limites da depressão em seu comprimento.

As conspícuas marcas de estaca que ocorrem associadas em quantidade a sepultamentos e áreas funerárias em Jabuticabeira II não estão claramente presentes no *locus* 6 de Cabeçuda, embora haja algumas poucas claramente visíveis em alguns dos perfis que podem ser associadas a alguns sepultamentos, casos em que também existe a insinuação de uma camada escura análoga as camadas funerárias escuras do Jabuticabeira II.

É necessário ainda considerar dois elementos que podem colocar uma diferenciação significativa entre as práticas funerárias de ambos os sambaquis: a questão da redução prévia do corpo (através de práticas de descarnar ou secagem) e a manipulação intencional de ossos que seriam retirados de sepulturas mais antigas para serem realocados em outras sepulturas. Caso essas práticas realmente existissem em Jabuticabeira II elas podem ser entendidas como uma diferença maior entre ambos os sítios, pois a manipulação intencional do corpo ou de suas partes antes e depois do sepultamento, retirando sua integridade anatômica, sugere um substrato simbólico distinto.

No momento, para esta dissertação se considera que nenhum dos dois elementos, totalmente ausentes no *locus* 6 de Cabeçuda, foi definitivamente confirmado para Jabuticabeira II. Por um lado, não existem descrições publicadas suficientemente detalhadas das características individuais dos esqueletos nas sepulturas, em uma perspectiva arqueotanatológica, que permita admitir essa interpretação e por outro não são referidas evidências de re-abertura intencional das covas. Ao mesmo tempo a extrema proximidade de sepultamentos e a densidade deles nas áreas funerárias provocou a intersecção de sepulturas mais antigas por sepulturas mais novas, levando ao rearranjo dos ossos perturbados de maneira não intencional para que permanecessem no mesmo espaço. Este tipo de ocorrência está

documentado para Jabuticabeira II, assim como para Cabeçuda, e propõe-se aqui que seja um gesto destinado a manutenção da integridade do corpo.

Assim de maneira geral, e ainda que se admitam pequenas variações, parece que houve uma “identidade” regional, relacionando as áreas da Lagoa de Imaruí e da Paleobaía de Santa Marta, no que diz respeito às práticas funerárias a partir de 2500 anos AP. Se essa relação já existia no período anterior, ou seja, se as mudanças verificadas no padrão de deposição dos corpos entre os sepultamentos mais antigos (*locus* 6) e mais recentes de Cabeçuda foi uma tendência regional, apenas a escavação de uma área funerária mais antiga que 2700 anos em outro sambaqui na região poderá elucidar.

Indo em direção ao norte, o conjunto de sítios estudado por Filipi Pompeu (2015) para a proposição de seus modelos funerários cronologicamente se inserem em uma sequência temporal que pode ser dividida em dois períodos: 4970 a 3860 AP (Período I) e 3720 a 2850 AP (Período II), sendo os sítios deste último aproximadamente contemporâneos aos sepultamentos do *locus* 6 e os do período I mais antigos. Devido a muitas diferenças existentes nos elementos analisados e nos métodos e conceitos empregados só é possível aproximar as propostas feitas por Pompeu e as análises executadas nesta dissertação através dos elementos mais amplos e abrangentes.

O Modelo Congonhas, corresponde ao Período II e foi traçado com base nos achados feitos no sambaqui Ponta das Almas, em Florianópolis. Este modelo é relativamente contemporâneo ao momento de construção da área funerária do *locus* 6 de Cabeçuda. É interessante notar que predominam os sepultamentos primários estendidos com ocre presente indistintamente em todas as sepulturas. As inumações são em geral simples, mas ocorrem múltiplas situação em que há associação entre mulheres e crianças. A presença de combustão claramente associada às sepulturas é mencionada pelo autor como inexistente. Assim pode-se avançar a ideia de que os aspectos mais gerais das práticas funerárias vistas no *locus* 6 de Cabeçuda estavam presentes, mais ou menos na mesma época em Ponta das Almas, quilômetros ao norte.

Os demais modelos se articulam a partir de diversos sítios das regiões das Baías da Babitonga e de Paranagua/Guaraqueçaba, correspondendo ao intervalo mais antigo para todos os sítios mencionados nessa dissertação. O interessante é que, no que diz respeito a deposição dos corpos, apenas no Sambaqui de Porto Maurício, há algum predomínio de sepultamentos estendidos em decúbito dorsal. Nos demais os sepultamentos estão majoritariamente fletidos e

em decúbito lateral, sugerindo que o modelo no litoral norte de Santa Catarina e no Paraná é diferente daquele observado mais para o sul, no que diz respeito a este aspecto.

Apesar das aproximações apresentadas acima, os parâmetros adotados por Pompeu (2015) para analisar e compreender as relações dos sepultamentos são muito diferentes daqueles que a presente pesquisa utiliza. Ele baseia suas análises em recortes temporais pré-determinados os quais conduzem a linha interpretativa, e agrupa os sítios em um modelo tomando em conta suas relações geográficas, usando categorias e variáveis que são muito abrangentes e conduzem a uma avaliação dos elementos funerários que permanece no nível das generalidades não considerando elementos de maior detalhe quando cria modelos - padrões.

A pesquisa de Pompeu (2015) tem um caráter exploratório da documentação primária que é necessário para as pesquisas em Sambaquis, tendo em vista as numerosas coleções em instituições, que não foram estudadas. O autor traz um compilado de dados importantes para a compreensão dos sambaquis funerários em Santa Catarina e no Paraná, no entanto fazer discussões diretas entre o seu trabalho e a presente pesquisa, apesar da tentativa, se torna difícil no ponto em que as abordagens utilizadas na compreensão das estruturas funerárias são dispares.

Seguindo para a região Sudeste, o Sambaqui Piaçaguera apresenta datações de *ci* de 7000 anos AP, enquanto que o Sambaqui do Buracão está datado *ci* de 2000 anos AP. Em ambos, os sepultamentos são primários simples em decúbito lateral e fletidos em sua grande maioria. Há sinais de fogueiras acessas diretamente sobre o sepultamento ou no interior das covas antes que o corpo fosse colocado. Estas características formam um conjunto distinto em relação ao *locus* 6 de Cabeçuda mas também em relação ao observado em Jabuticabeira II e em Ponta das Almas, a exceção da predominância de sepultamentos primários. Para essa região tão pouco parece haver uma tendência temporal em termos de variação do posicionamento dos mortos. Aparentemente há uma tendência muito antiga no posicionamento dos corpos fletidos que se estabelece da região da Baía da Babitonga para o norte e que tem grande estabilidade temporal.

Chegando ao Rio de Janeiro alguns sambaquis sugerem que o padrão geral de deposição muda novamente.

O sambaqui Amourins apresenta-se ativo num espectro de datações entre 4250-3970 cal AP e 3610-3260 cal AP, sendo um dos mais antigos da Baía da Guanabara. Nele voltam a predominar os sepultamentos estendidos em decúbito ventral, com as mãos sob a pelve, sugestivo de deposição em cova rasa devido a pelve estar mais profundo que o restante do esqueleto. A presença de marcas de estaca, ocre em todos os sepultamentos e o preparo intencional no local de deposição, além da inferência sobre a possibilidade de o corpo estar envolto em uma espécie de trançado, também se assemelham ao que foi encontrado nos *loci* 1 e 6 do Sambaqui de Cabeçuda.

O Sambaqui do Moa apresenta uma datação igualmente recuada e nele se identificaram sepultamentos tanto primários como secundários, embora a posição preferencial para o morto continue sendo a estendida em decúbito ora dorsal ora ventral com os membros superiores estendidos e as mãos na região da pelve. As covas são pequenas depressões apenas para acomodar o morto, e o formato se assemelha ao encontrado no *locus* 6 de Cabeçuda, no entanto o local é preparado com corante e argila vermelha diferente do que é encontrado nos outros sambaquis dessa pesquisa, assim como a cobertura de conchas sobre o morto com uma fogueira acesa diretamente sobre as conchas não é uma característica que ocorre nos outros sítios. A literatura dá conta também de que não havia distinção entre sexo e idade quanto a ausência ou presença de acompanhamento, mas sim quanto ao tipo de artefato depositado. Sendo que os artefatos líticos, apesar de não estarem presente em todos os indivíduos, estão em maior número em relação aos osteomalacológicos.

No sambaqui Sernambetiba, que por sua vez está datado em 2302-1930 anos cal AP e 1826-1528 anos cal AP, os sepultamentos são primários e secundários, em posição fletida e hiperfletida, em decúbito dorsal e lateral, associado a lentes de sedimento escuro e cinzas com estrutura monticular. Assim se vê novamente uma tendência temporal na forma geral de deposição do corpo, que no caso aproxima os dois extremos regionais considerados – Rio de Janeiro e Laguna/Jaguaruna. Por outro lado, a literatura reporta para o Rio de Janeiro a presença de sepultamentos indubitavelmente secundários o que como já foi argumentado nessa dissertação implica em um comportamento simbólico diferente daquele envolvido nos sepultamentos primários.

De maneira geral marcas de estaca, ocre, estruturas de combustão e acompanhamentos funerários variam muito entre os diferentes sambaquis, e parecem ser os elementos que conferem os contornos realmente locais aos sepultamentos sobrepondo-se aos

elementos estruturadores, no caso a posição geral do corpo, que podem ter desenvolvimento e expressão em um nível regional.

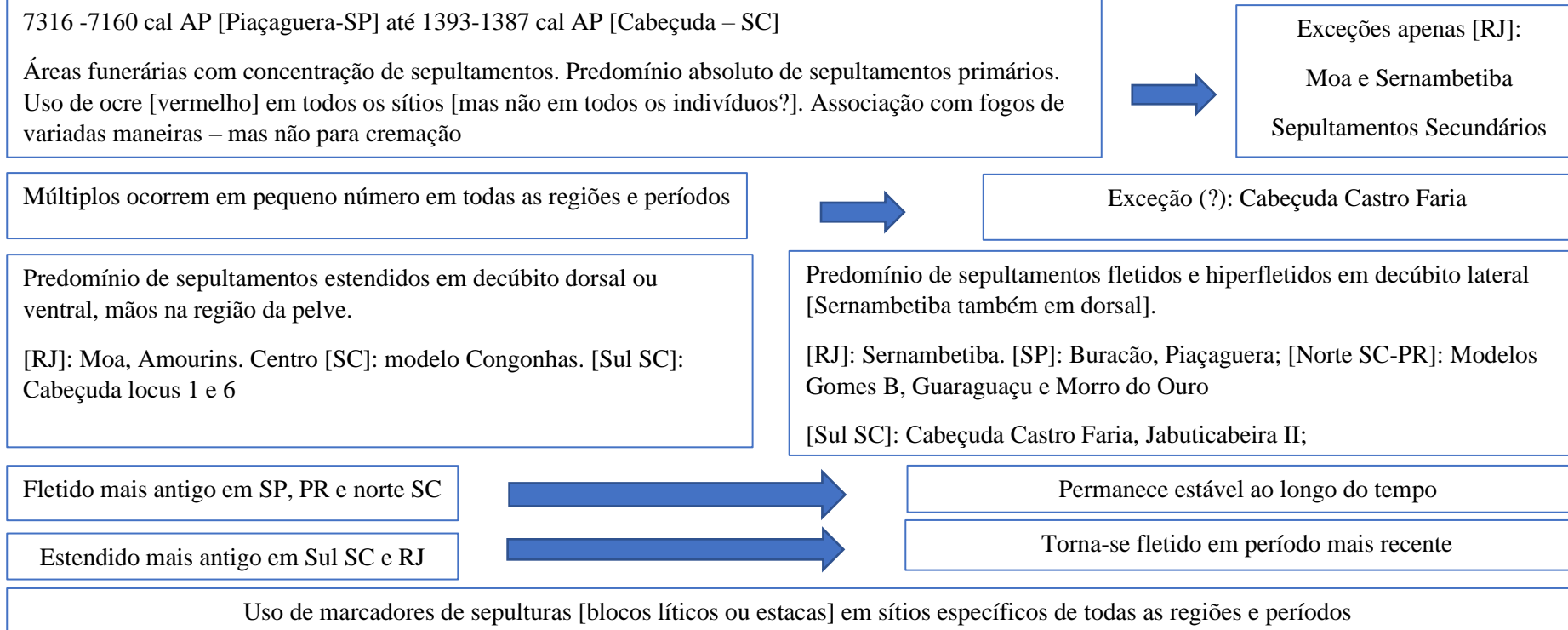
Agora olhando um pouco para fora do sistema sambaquieiro e considerando o sítio Armação do Sul, com datas entre período aproximados de 3000 e 2500 anos AP. e 2500 e 1200 anos AP (OPPITZ, 2015), como um contraponto externo, por não se enquadrar dentro do que chamamos de sambaqui *stricto sensu* devido a sua composição estratigráfica, é interessante notar que existem alguns pontos de contato.

Sepultamento primário e simples é predominante em Armação do Sul como nos sítios Cabeçuda e Jabuticabeira II. A forma de depositar por preferência em decúbito dorsal ou ventral, com os membros superiores estendidos com as mãos na altura da pelve, se assemelha com o Cabeçuda em seu período mais antigo. Alguns sepultamentos em Armação do Sul são sugestivos de estar envolto em algum tipo de material, assim como acontece no *locus* 6 de Cabeçuda. O ocre está presente em quase todos os sepultamentos como é visto para Cabeçuda (*locus* 6), e com um período em que é colocado apenas em criança. Os acompanhamentos elaborados tanto em material lítico como ósseo, possui diferença específicas entre sexo e idade e quanto ao tipo de material depositado em cada um, diferente de Cabeçuda que não possui a diferença entre sexo marcada. Mas assim como em Cabeçuda (*locus* 6) os adornos em conchas estão presentes em sepultamentos infantis.

A análise espacial dos sepultamentos em Armação do Sul mostra que os sepultamentos ocupavam um espaço determinado e que não interferiam na estrutura mais antiga, em Cabeçuda os sepultamentos também parecem estar ocupando um espaço delimitado, porém há casos de interferência em sepulturas antigas.

Resumindo: Modelo interpretativo

Piaçaguera [SP] 7316 -7160 cal AP 6289-6020 cal AP	Modelos Gomes B, Guaraguaçu, Morro do Ouro [norte SC e PR] 4951-3860 AP	Moa [RJ] 4870 – 3733 cal AP 4437 – 3455 cal AP	Amourins [RJ] 4250-3970 cal AP 3610-3260 cal AP	Cabeçuda [SC] locus 1 4147 – 3896 cal AP	Modelo Congonhas [Ponta das Almas] 3720 - 3040 AP	Cabeçuda [SC] locus 6 3003 - 2756 cal AP	Jabuticabeira [SC] 2851-1992 cal AP	Buracão [SP] 2304-1727 cal AP 1825-1630 cal AP	Sernambetiba [RJ] 2302-1930 cal AP 1826-1528 cal AP	Cabeçuda [SC] Castro Faria 2161-1990 cal AP 1393-1387 cal AP
--	--	--	---	--	---	--	--	--	---	---



A análise das estruturas funerárias através da perspectiva da bioarqueologia e da arqueologia funerária, mesmo que por meio da arqueologia do documento, fez emergir resultados que somam aos estudos dos povos sambaquieiros e auxiliam na compreensão sobre os gestos funerários e práticas funerárias, formas de ação ritualizadas que ficaram materializadas nas estruturas funerárias.

Independente das práticas realizadas em cada sítio e suas peculiaridades, no programa funerário sambaquieiro o indivíduo é parte central do evento funerário, todo o tratamento dado ao corpo, o preparo do local para depositar o morto, as atividades que envolvem a comunidade para o preparar do funeral, os diferentes tipos de práticas e as sequências que elas seguem, integram a relação dos mortos com os vivos (GASPAR, 2018).

Há elementos estruturadores nesse programa funerário que mantém um fio condutor na longa duração, ainda que talvez não sejam os mesmos em todos os lugares, eles conferem uma continuidade e uma forma de organizar os momentos funerários (GASPAR, 2018), fazendo com que os mortos ocupem um espaço importante, tanto de destaque na paisagem, como na vida dos povos sambaquieiros. Por outro lado, há elementos que são particulares a momentos e lugares específicos, estes elementos podem estar expressando variações identitárias, vínculos sociais, mudanças localizadas na maneira de se relacionar, processos distintos de interação com o outro. Sem dúvida o programa funerário sambaquieiro é complexo e pode ter sido a fonte de coesão para as comunidades, o funeral é um momento em que se reorganizaram laços de reciprocidade e cooperação, em que se construía uma paisagem ancestral apropriada e demarcada pelos corpos dos mortos.

9 CONCLUSÃO

- Diante das inúmeras coleções sob guarda de museus e instituições e as poucas pesquisas relacionadas a elas, é fundamental e urgente que se faça uma “arqueologia do documento” para resgatar informações que efetivamente contextualizam coleções esqueléticas de origem arqueológica.
- O *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda possui um programa funerário que apresenta peculiaridades em relação as áreas funerárias mais recentes do sambaqui:
 - As práticas funerárias materializadas nessa área se caracterizam por ter sepultamentos primários, simples e múltiplos, em decúbito dorsal e ventral, com membros superiores e inferiores estendidos, com a mão sobre/sob o ventre. Os adolescentes em decúbito dorsal estão com os membros superiores e inferiores estendidos, com mãos do lado e junto ao corpo;
 - Os sepultamentos fletidos são de indivíduos mais velhos;
 - As sepulturas múltiplas possuem um indivíduo mais velho do sexo feminino, acompanhado de outro(s) mais novo(s);
 - Os acompanhamentos funerários líticos estão associados a indivíduos mais novos, quanto mais novo é o indivíduo no sepultamento mais quantidade unitária está associado;
 - Os acompanhamentos funerários malacológicos estão associados aos indivíduos infantis;
 - O ocre está presente em todos os indivíduos, mas em maior quantidade nos neonatos, lactente e adolescente;
 - A cova não é caracterizada por um corte profundo na estratigrafia, mas apenas um preparo de depressões do próprio terreno para acomodar o morto;

- A disposição dos sepultamentos no *locus* 6 sugere a escolha de associar aqueles indivíduos em um local delimitado, e aponta novamente para uma unidade organizacional que está sendo chamada de grupo de afinidade, e que deve ser normatizada por regras sociais e simbólicas específicas, podendo eventualmente expressar em alguma medida regras de parentesco.
- A direção dos sepultamentos do *locus* 6 em relação ao sol sugere que existe um padrão que considera o nascer ou pôr do sol como orientadores da deposição do morto. Esse padrão possivelmente materializa uma forma de organização social ou simbólica dual, eventualmente metades clônicas;
- Os sambaquis considerados nessa pesquisa apresentam recorrências e variabilidades em suas práticas funerárias. Ao mesmo tempo em que se pode propor que está presente um programa funerário específico a cada sítio/área funerária, entevisto nos detalhes de elementos como acompanhamento funerário, há um eixo estruturador que mantém uma unidade temporal e espacial o qual sofre alguma variação apenas ao longo de um tempo contado em centenas de anos, um tempo próprio da longa duração, aparentemente numa escala regional.

10 REFERÊNCIAS

- ABBAS, A. R. **Os sepultados de Jabuticabeira II, SC-insights e inferências sobre padrões fenotípicos, análise de modo de vida e organização social através de marcadores de estresse músculo-esquelético**. Dissertação de mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- ABREU, S. F. DE. A importância dos sambaquis no estudo da pré-história do Brasil. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, v. 35, 1932.
- AFONSO, M. C.; DE BLASIS, P. A. Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 4, p. 21–30, 1994.
- ALMEIDA, J. M. Sambaquis. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 56, n. 2, p. 43–4, 1893.
- ALVIM, M. DE M.; UCHÔA, D. P. Contribuição ao estudo das populações de sambaquis: os construtores do Sambaqui de Piaçaguiera. **Pesquisas, Série Sambaqui de Piaçaguiera. Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, São Paulo**, 1976.
- ANDRADE, C. **Arqueologia Funerária no Sambaqui do Moa**. Dissertação de mestrado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- ATTORRE, T. **Por uma arqueologia marginal: as ocupações peri-sambaquieiras no entorno do sambaqui da Figueirinha II, Jaguaruna-SC, examinadas através do radar de penetração de solo**. Dissertação de mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- BANDEIRA, D. DA R. **Mudança na estratégia de subsistência: o sítio arqueológico Enseada I: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado—Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.
- BANDEIRA, D. DA R. **Ceramistas pré-coloniais da baía da Babitonga, SC: Arqueologia e etnicidade**. Tese de Doutorado—Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BARATA, F. O homem dos sambaquis. **Boletim Geográfico**, v. 118, p. 174–8, 1954.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**, n. 44, p. 32–51, 2000 1999.
- BASTOS, M. Q. R. **Mobilidade Humana no Litoral Brasileiro: análise de isótopos de estrôncio no sambaqui do Forte Marechal Luz**. Dissertação de mestrado—Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2009.
- BASTOS, M. Q. R. **Dos sambaquis do sul do Brasil à diáspora africana: estudos de geoquímica isotópica de séries esqueléticas humanas escavadas de sítios arqueológicos brasileiros**. Tese de Doutorado—Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

BECK, A. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis litoral de Santa Catarina.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

BECK, A. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina.** Erechim: Habilis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007.

BELEM, F. **Do seixo ao zoólito-A indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais.** 2012. Dissertação de mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo., 2012.

BELEM, F.; DEBLASIS, P. A indústria lítica do sambaqui do Morrete, SC. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 12, n. 23, 2015.

BELTRÃO, M. et al. Pesquisas arqueológicas no sambaqui de Sernambetiba. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 7, p. 145–156, 1982.

BENDAZOLLI, C. **O processo de formação dos sambaquis: uma leitura estratigráfica do sítio Jabuticabeira II.** 2007. Dissertação Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BERREDO, A. L. S. **RITUAL FUNERÁRIO NO SAMBAQUI DE AMOURINS: atividades de preparação do terreno para receber o corpo.** Dissertação Mestrado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2018.

BIANCHINI, G. **Por entre corpos e conchas: prática social e arquitetura de um sambaqui.** Tese de Doutorado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro., 2015.

BIANCHINI, G. F. et al. Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 51–69, 2011.

BIGARELLA, J. J. Os sambaquis na evolução da paisagem litorânea sul-brasileira. **Arq. de Biologia e Tecnologia**, v. 9, 1954.

BIGARELLA, J. J.; TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. **Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina: Situação geográfica e descrição sumária II.** Curitiba: Imprensa Paranaense SA, 1954. v. 1

BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, p. 6–29, 1971.

BOYADJIAN, C. H. C. **Microfósseis contidos no cálculo dentário como evidência do uso de recursos vegetais nos sambaquis de Jabuticabeira II (SC) e Moraes (SP).** Dissertação de Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

BOYADJIAN, C. H. C. **Análise e identificação de microvestígios vegetais de cálculo dentário para a reconstrução de dieta sambaquieira: estudo de caso de Jabuticabeira II, SC.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

- BRYAN, A. The Sambaqui at Forte Marechal Luz. **Brazilian Studies. Center for the Study of the First Americans, Oregon State University, Corvallis, pp. xvii, v. 111, 1993a.**
- BRYAN, A. L. Resumo da arqueologia do sambaqui de Forte Marechal Luz. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 2, p. p-09, 1977.
- BRYAN, A. L. **The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil.** Corvallis: Center for the Study of the First Americans Oregon State University, 1993b.
- BUIKSTRA, J.; BECK, L. **Bioarcheology: the contextual study of human remains.** Amsterdam: Academic Press Elsevier, 2006.
- BUIKSTRA, J. E. A historical introduction. **Bioarchaeology: The contextual analysis of human remains**, p. 7-25, 2006.
- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History.** Arkansas: Fayetteville, 1994.
- CARDOSO, J. M. **O sítio costeiro Galheta IV: uma perspectiva zooarqueológica.** Dissertação de Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.
- CARR, C. Mortuary practices: Their social, philosophical-religious, circumstantial, and physical determinants. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 2, n. 2, p. 105-200, 1995.
- CARVALHO, C. R. et al. Cabeçuda-II: um conjunto de amoladores-polidores evidenciado em Laguna, SC. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 401-405, 2011.
- CASTRO FARIA, L. DE. O problema da proteção aos sambaquis. **Arquivos Museu Nacional Rio de Janeiro**, v. 59, p. 95-138, 1959.
- CHAPMAN, R. Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices. **Mortality**, v. 8, n. 3, p. 305-312, 2003.
- DE BLASIS, P. et al. Padrões de assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 8, p. 319-321, 1998.
- DE MASI, M. A. N. Pescadores coletores da costa sul do Brasil. **Pesquisas. Antropologia**, n. 57, p. 3-136, 2001.
- DEBLASIS, P. et al. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Sudamericana/Arqueologia Sul-Americana**, v. 3, n. 1, p. 29-61, 2007.
- DEBLASIS, P.; FARIAS, D. S.; KNEIP, A. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 24, p. 109-136, 2014.
- DEBLASIS, P.; GASPAR, M. Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas

de dez anos de pesquisas. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 11, n. 20, 21, 2009.

DI GIUSTO, M. **Os Sambaqueiros e os Outros: Estresse e Estilos de Vida na Perspectiva da Longa Duração - O Caso do Litoral Sul de Santa Catarina**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

DUARTE, P. **O sambaqui visto através de alguns sambaquis**. São Paulo: Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, 1968.

DUDAY, H. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort. **Objets et méthodes en paléanthropologie**. CTHS, Paris, p. 153–215, 2005.

DUDAY, H. **The archaeology of the dead: lectures in archaeothanatology**. Oxford: Oxbow books, 2009. v. 3

ESCÓRCIO, E. **Pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro: um olhar sobre idade e gênero**. Dissertação de Mestrado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ESTANEK, A. **Preparativos funerários no Sernambetiba: Sambaqui vida e morte**. PhD Thesis—[s.l.] Tese de doutorado., Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro ..., 2016.

FARIAS, D. S. **Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte de Cabeçuda, Laguna/SC**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2014.

FARIAS, D. S.; DE BLASIS, P. **Pesquisa Arqueológica no sítio Galheta IV. Campanha 2006**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.

FARIAS, D. S.; DE BLASIS, P. **Pesquisa Arqueológica no sítio Galheta IV. Campanha 2007**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007.

FARIAS, D. S. E. DE; KNEIP, A. **Panorama arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaqueiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 3, p. 67–80, 1993.

FIGUTI, L. Os Sambaquis COSIPA (4200 a 1200 anos AP): estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pre-históricos da Baixada Santista. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 2, p. 267–283, 1995 1994.

FILIPINNI, J; PEZO-LANFRANCO, L; EGGERS, S. Estudio Regional Sistemático de Treponematosis en Conchales (Sambaquis) Precolombinos de Brasil. **Revista Chungará (Arica)**, vol.51, n.3, Arica, 2019.

- FISCHER, P. F. **Os moleques do morro e os moleques da praia: estresse e mortalidade em um sambaqui fluvial (Moraes, vale do Ribeira de Iguape, SP) e em um sambaqui litorâneo (Piaçaguera, Baixada Santista, SP)**. Dissertação de Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- FISH, S. K. et al. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 10, p. 69–87, 2000.
- GAPAR, M. Tudo Junto e Misturado, Separado pela Crença e Compactado pelo Tempo. **Habitus**, v. 14, n. 1, p. 35–50, 2016.
- GARCIA, C. D. R. **Estudo comparado das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista**. Tese de Doutorado—São Paulo: Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Zoologia., 1972.
- GASPAR, M. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000a.
- GASPAR, M. et al. Sambaqui de Amourins: mesmo sítio, perspectivas diferentes. Arqueologia de um sambaqui 30 anos depois. **Revista del Museo de Antropología**, v. 6, n. 1, p. 7–20, 2013.
- GASPAR, M. Tudo Junto e Misturado, Separado pela Crença e Compactado pelo Tempo. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 14, n. 1, p. 35–50, 2016.
- GASPAR, M. D. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. **São Paulo. 374p. Tese (Doutorado em Arqueologia), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo**, 1991.
- GASPAR, M. D. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 2, p. 221–237, 1995 1994.
- GASPAR, M. D. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. **Antiquity**, v. 72, n. 277, p. 592–615, 1998.
- GASPAR, M. D. **Os senhores da costa brasileira**. [s.l.] Centro de Estudos Luso-Brasileiros-Universidade de Sofia, 2000b.
- GASPAR, M. D. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 14, p. 153–168, 2004.
- GASPAR, M. D. et al. Tratamento dos mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 169–189, 2007.
- GASPAR, M. D. et al. Sambaqui (shell mound) societies of coastal Brazil. In: **The handbook of South American archaeology**. [s.l.] Springer, 2008. p. 319–335.

GASPAR, M. D. **Projeto de Pesquisa Sambaqui e Paisagem. Relatório de Campo em Cabeçuda**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2010.

GASPAR, M. D.; HEILBORN, M. L.; ESCORCIO, E. A sociedade sambaqueira vista através de sexo e gênero. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 17–30, 2011.

GASPAR, M. D.; KLOKLER, D.; DEBLASIS, P. Were sambaqui people buried in the trash. **The Cultural Dynamics of Shell-Matrix Sites**. University of New Mexico Press, Albuquerque, p. 91–100, 2014.

GASPAR, M.; DEBLASIS, P.; BIACHINI, G. Corpos e montes: arquitetura da morte e do modo de vida dos sambaqueiros. **Revista Memorare**, v. 5, n. 1, p. 264–282, 2018.

GASPAR, M.; SOUZA, M. Pesquisa de campo em sambaquis: introdução. **Abordagens Estratégicas Em Sambaquis. Habilis, Erechim, RS, Brasil**, p. 15–32, 2013.

GOODENOUGH, W. H. Personal names and modes of address in two Oceanic societies. **Context and meaning in cultural anthropology**, 1965.

HEREDIA, O. R. et al. Pesquisas arqueológicas no Sambaqui de Amourins, Magé, RJ. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 6, n. 7, p. 175–88, 1982.

HEREDIA, O. R.; CONCEICAO BELTRAO, M. DA. Mariscadores e pescadores pré-históricos de litoral Centro-Sul Brasileiro in Estudos de arqueologia e pré-história brasileira, em memória de Alfredo Teodoro Rusins. **Pesquisas. Série Antropologia Sao Leopoldo**, v. 31, p. 101–119, 1980.

HODDER, I. **Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HUBBE, M. Análise biocultural dos remanescentes ósseos humanos de Porto do Rio Vermelho 02 (SC-PRV-02) e suas implicações para a colonização da costa brasileira. **Instituto de Biologia, Universidade de São Paulo, São Paulo**, 2006.

HURT, W. R.; BLASI, O. **O Sambaqui do Macedo: A. 52. B.–Paraná–Brasil**. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná, 1960.

IHERING, H. A origem dos sambaquis. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 8, p. 445–457, 1904.

IMAZIO, M. Você é o que você come. Aspectos da subsistência no Sambaqui do Moa-Saquarema/RJ. 2001.

KLOKLER, D. Adornos em concha do sítio Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. **Revista de Arqueologia**, v. 27, n. 2, p. 150–169, 2014.

KLOKLER, D. Animal para toda Obra: fauna ritual em sambaquis. **Habitus**, v. 14, n. 1, p. 21–34, 2016.

KLOKLER, D. Shelly Coast. Constructed seascapes in southern Brazil. **Hunter Gatherer Research**, v. 3, n. 1, p. 87–105, 2017.

KLOKLER, D.; GASPAR, M. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., Esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: **Abordagens estratégicas em sambaquis**. Erechim, RS: Habilis, 2013. p. 109–126.

KLOKLER, D.; GASPAR, M. D.; SCHEEL-YBERT, R. Why clam? Why clams? Shell Mound construction in Southern Brazil. **Journal of Archaeological Science: Reports**, 2018.

KLÖKLER, D. M. **Construindo ou deixando um sambaqui?: análise de sedimentos de um sambaqui do litoral meridional brasileiro: processos formativos, região de Laguna, SC**. Dissertação de mestrado—São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2001.

KLOKLER, D. M. **Food for body and soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna-Brazil)**. Tese de Doutorado—Tucson: The University of Arizona, 2008.

KLOKLER, D. M. Consumo Ritual, Consumo no Ritual: festins funerários e sambaquis. **Habitus**, v. 10, n. 1, p. 83–104, 2012.

KNEIP, A.; FARIAS, D. S.; DEBLASIS, P. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 1, p. 25–51, 2018.

KNEIP, L. M. **Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ**. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1977. v. 5

KNEIP, L. M. Coletores e Pescadores pré-históricos de Guaratiba—Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: EDUFF/UFRJ.(Série Livros, 6, Museu Nacional)**. 257p, 1987.

KNEIP, L. M. et al. As estruturas e suas inter-relações em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. **B IAB**, v. 5, p. 1–42, 1991.

KNEIP, L. M.; MACHADO, L. M. C. **Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha**. [s.l.] Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. v. 1

KNEIP, L. M.; PALLESTRINI, L.; CUNHA, F. DE S. Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu. **Niterói, RJ. Rio de Janeiro: Editora do Autor**, 1981.

KNÜSEL, C. J. Bioarchaeology: a synthetic approach Bioarchéologie: une approche synthétique. **Bulletins et mémoires de la Société d'anthropologie de Paris**, v. 22, n. 1–2, p. 62–73, 2010.

KRONE, R. Informações ethnográficas do Valle do Ribeira do Iguape. Exploração do rio Ribeira de Iguape. **Comissão geográfica e geológica do Estado de São Paulo**, v. 2, 1914.

LACERDA, J. B. DE. O homem dos sambaquis. Contribuição para a antropologia brasileira. **Arquivos Museu Nacional Rio de Janeiro**, v. 6, p. 175–203, 1885.

LARSEN, C. S. **Bioarchaeology: interpreting behavior from the human skeleton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. v. 69

LARSEN, C. S. Bioarchaeology: the lives and lifestyles of past people. **Journal of Archaeological Research**, v. 10, n. 2, p. 119–166, 2002.

LESSA, A.; MEDEIROS, J. C. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise dos sítios Cabeçuda (SC) e Arapuan (RJ). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 11, p. 77–93, 2001.

LIMA, T. A. Em Busca dos Frutos do Mar os Pescadores-Coletores do Litoral Centro-Sul do Brasil. **Revista USP**, n. 44, p. 270–327, 2000 1999.

LOEFGREN, A. Os sambaquis. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v. 8, p. 458–65, 1903.

MACHADO, L. C. Tendências à continuidade e mudanças em ritos funerários. Populações pré-históricas do estado do Rio de Janeiro. **Arqueologia do Rio de Janeiro**, p. 111–8, 2006.

MACHADO, L. M. C. **Análise de remanescentes humanos do sítio Corondó, RJ: aspectos biológicos e culturais**. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

MELLO E ALVIM, M. C.; SEYFERTH, G. Estudo morfológico do úmero na população do Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina). **Revista do Museu Paulista**, v. 18, p. 119–126, 1969.

MELLO E ALVIM, M. C.; VIEIRA, M. I.; MACHADO, L. C. Os construtores dos Sambaquis de Cabeçuda, SC e Piaçaguêra, SP. Estudo morfométrico comparativo. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques. 1974.

MELLO, M. C.; MELLO FILHO, A. D. P. Morfologia da População do Sambaqui do Forte Marechal Luz (Santa Catarina). **Revista de Antropologia**, p. 5–12, 1967.

MENDONÇA DE SOUZA, S. **Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural**. São Paulo: Escola Nacional de Saúde Pública, 1995.

MENDONÇA DE SOUZA, S. et al. Sambaqui do Amourins: mortos para mounds? | *Revista de Arqueologia*. v. 25, n. 2, p. 84–103, 2012.

MENDONÇA DE SOUZA, S. et al. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos. p. 127–154, 2013.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. **Aplicação de funções discriminantes à estimativa de sexo em ossos humanos pré-históricos**. Dissertação de Mestrado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F.; RODRIGUES-CARVALHO, C. “Ossos no Chão”: para uma abordagem de remanescentes humanos em campo. 2013.

METCALF, P.; HUNTINGTON, R. **Celebrations of death: the anthropology of mortuary ritual**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

NISHIDA, P. B. **A coisa ficou preta: estudo do processo de formação da terra preta do sítio arqueológico Jabuticabeira II**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

OKUMURA, M. M. M. **Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira**. Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

OKUMURA, M. M. M.; EGGERS, S. O que a biologia não explica: grupos de afinidade no sambaqui Jabuticabeira II (Jaguaruna, SC). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 22, p. 97–109, 2012.

OLIVEIRA, R.; PROUS, A.; TOBIAS JR, R. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico. BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA**. 2. ed. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. v. 22

OPPITZ, G. Coisas que mudam: os processos de mudança nos sítios conchíferos catarinenses e um olhar isotópico sobre o caso do sítio Armação do Sul, Florianópolis/SC. **Revista de Arqueologia**, v. 28, n. 1, p. 166–170, 2015.

PALLESTRINI, L. A jazida do Buracão-km 17 da Estrada Guarujá-Bertioga. **Homenaje a Fernando Marquez-Miranda. Universidades de Madri e Sevilha, Madri, 322p**, 1964.

PEARSON, M. P. **The archaeology of death and burial**. Stroud: Sutton Phoenix Mill, UK, 1999.

PEZO-LANFRANCO, L. Evidence of variability in carbohydrate consumption in prehistoric fisher-hunter-gatherers of Southeastern Brazil: Spatiotemporal trends of oral health markers. **American journal of physical anthropology**, v. 167, n. 3, p. 507–523, 2018.

PIAZZA, W. Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**, v. 5, p. 1969–1970, 1974.

POMPEU, F. **Cronologia e práticas funerárias dos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina (4951-2850 AP)**. Dissertação de Mestrado—Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2015.

POMPEU, F. G. Cronologia e dinâmica entre práticas funerárias de onze Sambaquis do Paraná e Santa Catarina (4951-3860 AP). **Especiaria**, v. 17, n. 30, p. 93–113, 2017.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PY-DANIEL, A. R. **OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS NA ARQUEOLOGIA DA CALHA DO RIO AMAZONAS**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

RAKITA, G. F. et al. **Interacting with the dead: Perspectives on mortuary archaeology for the new millennium**. Gainesville: University Press of Florida, 2008.

RAUTH, J. W. Sambaqui do Macedo A.52.B. - Paraná - Brasil. **Arqueologia n. 2, Curitiba: Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná.**, 1960.

RAUTH, J. W. **O Sambaqui de Saquarema: S. 10 B-Paraná-Brasil**. Curitiba: Imprensa da Universidade, 1962.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Porto Maurício. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**, v. 1, 1967.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do rio Jacareí. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**, v. 5, 1970 1969a.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do rio São João. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**, v. 2, p. 1966–1967, 1969b.

RODRIGUES-CARVALHO, C. **Patologias e processos dento-maxilares em remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos no Brasil: o cemitério de Furna do Estrago (PE) e o Sambaqui de Cabeçuda (SC)**. Dissertação de Mestrado—Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1997.

RODRIGUES-CARVALHO, C.; MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de cabeçuda, Santa Catarina, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 11, n. 1, p. 43–55, 1998.

ROHR, A. **Pesquisas páleo-etnográficas na ilha de Santa Catarina e sambaquis do litoral sulcatarinense: IV (1961)**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1962.

ROHR, A.; ANDREATTA, M. O sítio arqueológico da Armação do Sul (nota prévia). **Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata**, Pesquisas, Antropologia, 20, Estudos Leopoldenses. v. 13, p. 135–138, 1969.

ROHR, J. A. **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1959. v. 3

ROHR, J. A. **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina II**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1960. v. 8

ROHR, J. A. **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina III., e notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul**. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1961. v. 12

ROHR, J. A. **O sítio arqueológico do Pântano do Sul, SC-F-10**. Florianópolis: Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

ROHR, J. A. O Sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras- Balneário Camboriú. **Anais do Museu de Antropologia**, v. 16, n. 17, p. 5–76, 1978.

SALADINO, A. **A MORTE ENFEITADA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS**

MORTUÁRIAS DOS CONSTRUTORES DO SAMBAQUI CABEÇUDA A PARTIR DE UM SEPULTAMENTO INFANTIL. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

SAXE, A. A. **Social Dimensions of Mortuary Practices.** Ann Arbor: University of Michigan, 1970.

SCHAEFER, L.; BLACK, S. M. **Developmental Juvenile osteology.** San Diego, California: Elsevier Academic Press, 2000.

SCHEEL-YBERT, R. et al. Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. **Revista de Arqueologia**, v. 16, n. 1, 2003.

SCHEEL-YBERT, R. Sambaqui de Cabeçuda (LAGUNA, SC) 1º Relatório de Pesquisa de Campo. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2011.

SCHEEL-YBERT, R. Sambaqui de Cabeçuda (LAGUNA, SC) 2º Relatório de Pesquisa de Campo. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

SCHIFFER, M. B. **Formation processes of the archaeological record.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SCHMITZ, P. et al. Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. **Pesquisas, Antropologia**, v. 55, 1999.

SCHMITZ, P. I. **O sítio arqueológico da Armação do Sul: escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, SJ.** São Leopoldo: Inst. Anchietano de Pesquisas, 1992.

SCHMITZ, P. I. **O sítio da Praia das Laranjeiras II: uma aldeia da tradição ceramista Itararé.** São Leopoldo: Inst. Anchietano de Pesquisas, 1993.

SCHMITZ, P. I. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** [s.l.] na, 1999.

SCHMITZ, P. I. A Arqueologia do Jê Meridional Uma longa aventura intelectual. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 29, n. 45, p. 7–32, 2016.

SILVA, S. F. S. M. DA. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, S. B. **Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: o sítio arqueológico da Praia da Tapera; um assentamento Itararé e Tupiguarani.** São Leopoldo: Instituto anchietano de pesquisas, 1990.

SOUZA, M. Arqueologia de funerais: quando os mortos esclarecem os (arqueólogos) vivos. **Congresso da Sociedade de Arqueologia, 12., São Paulo. Anais...**, 2003.

SOUZA, M. Bioarqueologia e antropologia forense. **Anais do I Encontro de Arqueologia do Mato Grosso do Sul**, p. 89–113, 2009.

SOUZA, R. DE A. Da Miss-sambaqui ao monstro de Sobral arqueologia paulistana entre os

anos de 1930 e 1950. **Varia História**, 2014.

STABILE, R. A. **Ossos do Ofício: análise de marcadores de estresse ocupacional em séries esqueléticas da Baixada Santista - SP**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

TIBURTIUS, G. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui, 1996.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Nota sobre os anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoara, Santa Catarina. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**, v. 7, p. 381–387, 1953.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. **Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina)**. Curitiba: Impr. Paranaense, 1951.

UCHÔA, D. P. O sítio arqueológico de Piaçaguera: aspectos gerais. 1970.

UCHÔA, D. P. **Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

UCHÔA, D. P. **Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista**. Erechim, RS: Habilis, 2007.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VERNANT, J. P. La belle mort et le cadavre outrage. G. Gnoli et J.-P. Vernant, **La mort, les morts dans les sociétés anciennes**, Cambridge-Paris, 1982.

VILLAGRÁN, X. S. **Análise de arqueofácies na camada preta do sambaqui Jabuticabeira II**. Dissertação de Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

VILLAGRAN, X. S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 23, p. 139–154, 2013.

VILLAGRAN, X. S. A redefinition of waste: Deconstructing shell and fish mound formation among coastal groups of southern Brazil. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 36, p. 211–227, 2014.

VILLAGRAN, X. S.; GASPAR, M. D.; SOUZA, S. M. F. M. DE. Primeiros estudos micromorfológicos em sambaquis da Baía de Guanabara (Rio de Janeiro): sítio Sernambetiba sob o microscópio. **Geoarqueologia na América do Sul**, 2015.

WESOLOVSKI, V. Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. **Pré-História da Terra Brasilis**, p. 189–95, 1999.

WESOLOWSKI, V. **Desgaste dentário e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: É possível comer amido e não ter cárie**. Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

WESOŁOWSKI, V. et al. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 191–210, 2007.

WESOŁOWSKI, V. Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: é possível comer amido e não ter cárie? **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 1, 2009.

WESOŁOWSKI, V.; MENDONÇA DE SOUZA, S.; FISCHER, P. **Regularities and Variations: Burial Rituals and Site Built in Brazilian Shelmounds**. . In: XVI CONGRES DE L'UNION DES SCIENCES PREHISTORIQUES ET PROTOHISTORIQUES. Florianópolis: 2011

WESOŁOWSKI, V.; NEVES, W. A. **Incidência de cáries e diversidade de estratégias de subsistência em grupos de coletores-pescadores-caçadores pré-cerâmicos do litoral norte de Santa Catarina, Brasil**. Trabalho apresentado ao III Congresso Latino-americano de Antropologia Biológica, Rio de Janeiro. **Anais...**1994

WIENER, C. **Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil**. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1875. v. 1

ANEXO 1

Material zooarqueológico coletado em associação as estruturas funerárias

Número do Sepultamento	1.	Peixes cartilagosos	Peixes ósseos	Répteis	Aves	Mamíferos	Observação
03	2.	39 vértebras 1 dente de raia	155 peças indeterminadas, sendo 1 carbonizada	-	1 fragmento polido	18 peças indeterminadas 1 fragmento modificado de cetáceo	
05	3.	6 vértebras	36 peças indeterminadas	14 peças	7 peças	19 peças indeterminadas 1 fragmento modificado de cetáceo	Análise total no anexo 02
06	4.	1 esporão de raia	7 peças indeterminadas	-	-	2 peças indeterminadas	
07 e 21	5.	1 vértebras	50 peças indeterminadas 2 peças de bagre (Ariidae)	-	-	7 peças de cetáceo	
08	6.	1 esporão de raia	107 peças indeterminadas	-	-	1 peça indeterminada	
09	7.	1 vértebras 1 esporão de raia	3 peças indeterminadas	-	-	-	
10	8.	2 vértebras	51 peças indeterminadas 2 otólito de <i>Micropogonias furnieri</i>	-	-	3 peças indeterminadas 1 epífise de vértebra modificada	

			4 dentes de <i>Pogonias cromis</i>				
11	9.	-	16 peças indeterminadas 3 peças de bagre (Ariidae)	-	-	-	
12,13 e 8 (sepultamentos associados)	10.						
15	11.						
16	12.	-	-	-	-	6 peças de cetáceo	
19	13.	1 vértebras	11 peças indeterminadas	-	-	-	
20	14.	-	2 peças de <i>Micropogonias furnieri</i> 8 peças indeterminadas	-	-	-	
TOTAL (NISP)	15.	11	457	14	8	59	

Análise realizada por Jéssica Mendes Cardoso – Adaptado de Farias, 2014

ANEXO 2
Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos
humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçada (Laguna, SC)

Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (*Locus* 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC)

Jéssica Mendes Cardoso

Doutoranda em Arqueologia (PPGARq)
Laboratório de Zooarqueologia e Bioarqueologia
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
jessicamcardoso@usp.br

1. Introdução

Este relatório apresenta os resultados obtidos com as análises zooarqueológicas de amostras associadas aos sepultamentos 5, 24, 25 e 23, coletadas do *Locus* 6, do sambaqui Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina) – etapa de escavação do GRUPEP/UNISUL, desenvolvida em setembro de 2012.

2. Objetivo

As amostras foram analisadas com o objetivo de investigar o conteúdo zooarqueológico de vertebrados e a indústria osteomalacológica encontrada em associação a dois sepultamentos humanos do sambaqui Cabeçuda.

3. Materiais e Métodos

Os materiais trabalhados foram selecionados pela autora em conjunto com a discente Renata Estevam da Silva, como parte da sua dissertação de mestrado no PPGARq do MAE/USP, sob supervisão da Profa. Dra. Veronica Wesolowski. Ao todo, consistiram em amostras coletadas durante a escavação dos sepultamentos, totalizando 3176 peças.

Foram analisadas amostras de materiais zooarqueológicos recuperadas em peneira seca (em campo) e em amostras de sedimento total acondicionadas durante a escavação dos sepultamentos (poucos centímetros acima, abaixo e junto aos esqueletos humanos).

As amostras de sedimento foram flotadas e posteriormente peneiradas a seco em laboratório, em malhas de 5, 2 e 1 mm, e então foram triadas – separando a fauna vertebrada, os materiais que compunham a indústria osteomalacológica e eventualmente fragmentos de ossos humanos que ficaram em meio ao sedimento (Figura 1).

Foram analisadas e contabilizadas toda a fauna triada e recuperada até a malha de 2 mm. O que ficou nas malhas de 1 mm foi observada com cautela, e então recuperadas apenas as peças que apresentavam elementos diagnósticos para identificação – tais como pequenos otólitos e adornos em *Olivella* sp.

Alguns fragmentos pequenos de ossos não foram contabilizados, pois não foi possível identificar se eles pertenciam aos remanescentes esqueléticos humanos ou algum outro mamífero (fauna).

As análises foram desenvolvidas nas dependências do Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (GRUPEP/UNISUL).

Os materiais foram analisados, contabilizados, considerando a identificação anatômica, taxonômica, a nível de integridade das peças, a presença ou ausência de modificações (polimento, perfuração, padrões de quebras, alterações térmicas e marcas de cortes). Os adornos íntegros em *A. flexuosa* foram medidas com paquímetro.



Figura 1 – Processamento das amostras de sedimento e triagem dos materiais zooarqueológicos.

A nomenclatura dos adornos em conchas utilizada foi a mesma adotada por Daniela Klökler (2014): Discoide simples; Simples sem ápice; Simples sem ápice e com perfuração; Pingente.

4. Resultados e considerações

O sambaqui Cabeçuda tem como principal material construtivo as valvas do molusco *Anomalocardia flexuosa* (berbigão) encontradas bem preservadas e algumas com as duas valvas fechadas. Este molusco é comumente encontrado em ambiente lagunares, em fundos lodosos, possui valvas espessas e resistentes que promovem montes volumosos quando acumulados.

Próximos aos sepultamentos 5, 24 e 25 e 23 foram identificadas outros moluscos, como: Ostreidae, *Cerithium* spp., *Stramonita haemastoma*, *Anadara* sp., *Olivancillaria* spp., *Olivancillaria urceus*, *Bulla striata*, *Olivella* sp., *Amarilladesma mactroides*, *Tellina* sp., *Tagelus plebeius* e alguns micromoluscos não identificados. Como não foi feita uma comparação entre estas áreas funerárias estudadas com as demais, não é possível afirmar se tais espécies estão associadas somente a eventos funerários.

No entanto, foi possível perceber uma diferença entre os materiais associados aos dois contextos analisados: o material zooarqueológico (moluscos e vertebrados) referente aos sepultamentos 5, 24 e 25 estão mais íntegros, com menor fragmentação, são maiores, aparecem em maior densidade e maior diversidade de *taxón* em relação ao sepultamento 23. Em relação aos materiais modificados (especialmente os adornos), há maior quantidade e diferentes tipos de adornos no sepultamento 23.

No total foram analisadas 3176 peças de materiais zooarqueológicos, sendo 2236 remanescentes esqueléticos de vertebrados e 940 adornos em conchas (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Quantidade de peças zooarqueológicas analisadas.

Contexto	Vertebrados	Adornos em conchas	Total
Sepultamento 5, 24 e 26	1511	27	1538
Sepultamento 23	725	913	1638
Total	2236	940	3176

Sepultamento 5, 24 e 25

Em relação aos vertebrados, foram analisados 1511 peças de material zooarqueológico associado aos sepultamentos 5, 24 e 25. Mais de 90% da amostra (n=1382) corresponde a elementos esqueléticos de peixes ósseos (Teleostei). Foram identificados apenas 30 peças de peixes cartilagosos (Elasmobranchii), 12 fragmentos ósseos de mamíferos, 6 ossos de aves e 81 fragmentos permaneceram indeterminados. Entre os peixes ósseos e cartilagosos foram identificadas 9 famílias, 13 gêneros e 9 espécies.

A família mais representativa é Sciaenidae, representada pelas corvinas (*Micropogonias furnieri*), miraguaias (*Pogonias cromis*) e a pescada (*Cynoscion leiarchus*), correspondendo a 50,2% entre o NISP dos peixes; entretanto, a corvina é o *táxon* mais abundante em todas as amostras analisadas. Em seguida, os bagres (família Ariidae) representam 32,3% entre os peixes, em que foi identificado o gênero *Genidens*, e as espécies *Genidens barbatus*, *Genidens genidens* e *Genidens planifrons*. As tainhas (*Mugil* sp.) representam 7,4% entre o NISP dos peixes identificados. Os sargos-de-dente (Sparidae, *Archosargus probatocephalus*), anchovas (Pomatomidae, *Pomatomus saltatrix*), robalos (Centropomidae, *Centropomus* sp.), *Orthopristis ruber* (Haemulidae), cações (Carcharhinidae) e raias (Myliobatidae, *Rhinoptera* sp.) representam juntos apenas 10,1% do NISP entre os peixes identificados.

Todas as espécies de peixes identificadas são marinhas, com grande ocorrência em ambientes estuarinos. Os peixes da família dos Sciaenidae (corvinas, miraguaias e pescadas) são recorrentes em ambiente de águas salobras e mais calmas, no qual utilizam o local para desova, criação e alimentação de juvenis (Figueiredo e Menezes, 1980; Haimovici e Ignácio, 2005; Carneiro et al, 2005). Juvenis de sargos (Sparidae) e anchovas (*Pomatomus saltatrix*) também podem ocorrer em estuários (Figueiredo e Menezes, 1980; Menezes e Figueiredo, 1985; Burgess, 2002). Tainhas também suportam variações de salinidade, podendo entrar inclusive em ambientes de água doce (Menezes, 1983; Fischer et al, 2011). E os bagres também são comuns em águas estuarinas, apesar de terem hábitat predominantemente marinho (Marceniuk e Menezes, 2007).

Os resultados indicam que o sambaqui seria ocupado durante o ano todo, pois há espécies que ocorrem na região com maior frequência durante o outono e inverno (como as tainhas, anchovas e sargos) e espécies que ocorrem entre a primavera e o verão (como as corvinas, pescadas, bagres e robalos) - (Levantamento feito por Cardoso, 2018).

Foram identificados ossos pertencentes a todas as porções esqueléticas dos peixes, descartando a possibilidade de que apenas determinadas partes anatômicas dos animais seriam levados para as áreas funerárias. Uma grande quantidade de remanescentes esqueléticos dos teleosteos permaneceram sem identificação taxonômica mais específica, pois não foi feita uma identificação acurada de vértebras, costelas e raios de nadadeiras. A maior parte dos elementos diagnósticos identificados nesse estudo correspondem a ossos do crânio e otólitos (Figura 2).

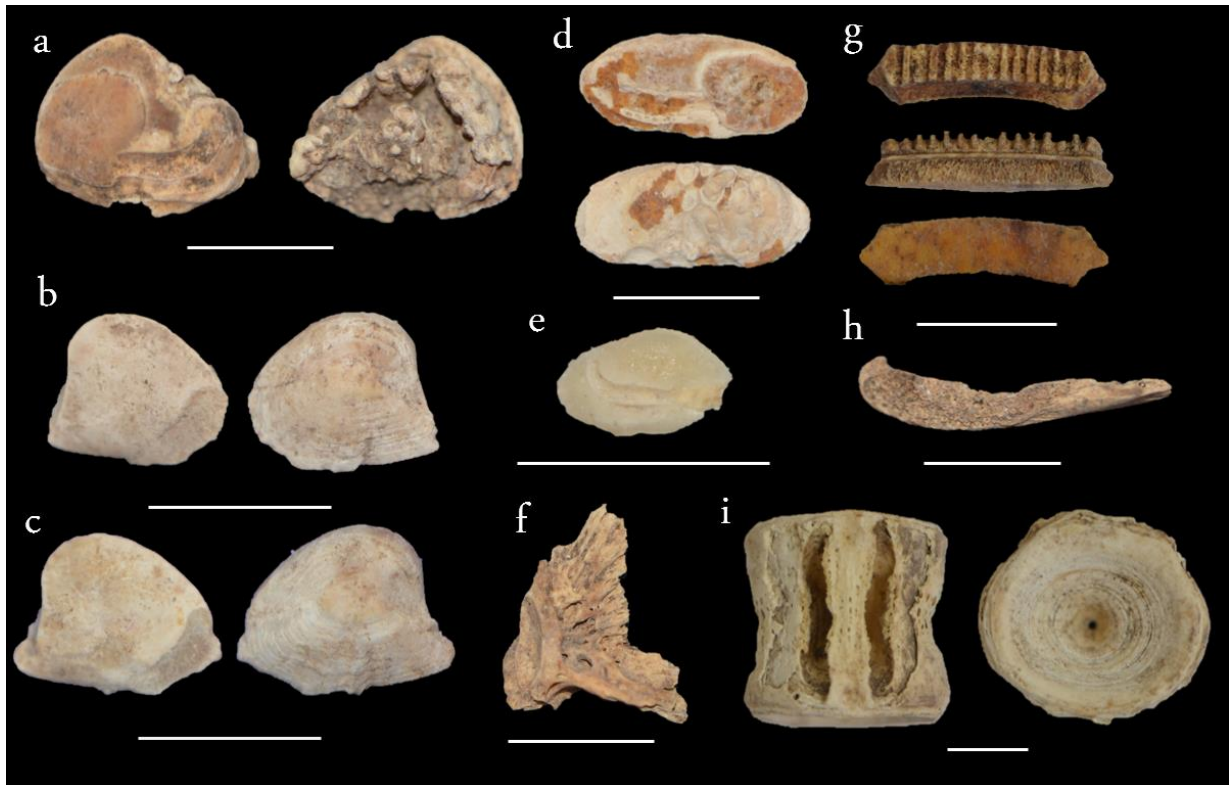


Figura 2 – Materiais zooarqueológicos do sambaqui Cabeçuda, associados aos sepultamentos 5, 24 e 25 e 23 do Locus 6. a) otólito de *Micropogonias furnieri*; b) otólito de *Genidens genidens*; c) otólito de *Genidens barbatus*; d) otólito de *Cynoscion leiarchus*; e) otólito de *Orthopristis ruber*; f) opérculo de Ariidae; g) placa dentária de *Rhinoptera* sp.; h) dentário de *Genidens planifrom*; i) vértebra de Charcarinidae. Escalas 1 cm.

Apenas 27 adornos em conchas foram contabilizadas e analisadas em associação com os sepultamentos 5, 24 e 25. Todas os adornos correspondem a valvas de *Anomalocardia flexuosa* perfuradas próximas ao umbo – classificadas como pingentes. Os resultados das medidas dos pingentes demonstra que a maioria possui entre 11 e 14 mm de altura e 14 e 17 mm de espessura, o que pode ser um indicativo da seleção de conchas para confecção dos adornos destes sepultamentos (Gráfico 1).

Junto ao sepultamento 5 foi encontrado um osso de cetáceo modificado, classificado como um artefato ósseo - possível espátula. Apresentou as seguintes medidas: 131 mm de altura, 28 mm de largura e 5,5 mm de espessura (Figura 3).

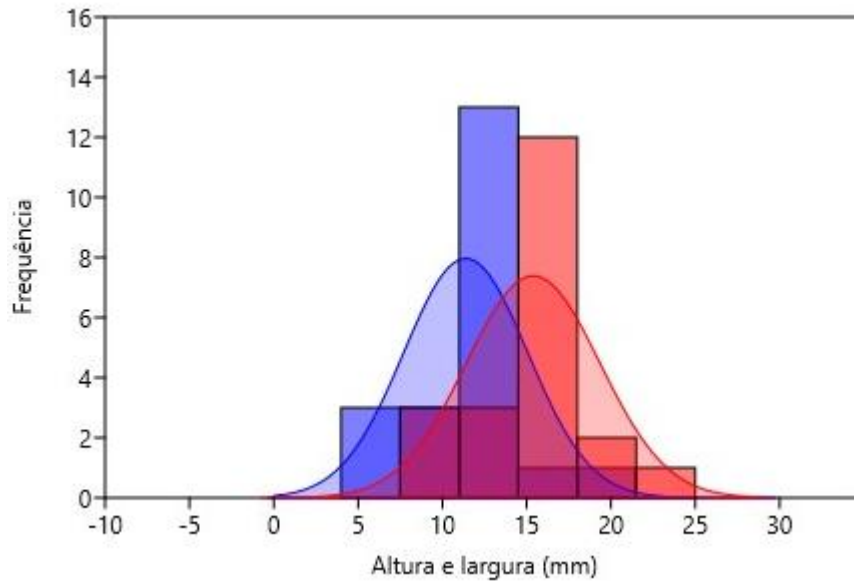


Gráfico 1 – Apresentação das medidas (em milímetros) e frequência dos pingentes em *Anomalocardia flexuosa* encontradas em associação ao Sepultamento 5, 24 e 25 (n = 21).



Figura 3 – Osso de cetáceo polido, possível espátula. Encontrado junto ao Sepultamento 5.

Sepultamento 23

Foram analisadas 1638 peças associadas ao sepultamento 23, sendo 725 correspondentes a remanescentes esqueléticos de vertebrados e 913 adornos em conchas de bivalves e gastrópodes.

Entre os vertebrados, 93,5% das peças analisadas (n=678) correspondem a peixes ósseos (Teleostei). Apenas 10 peças são de peixes cartilaginosos (Elasmobranchii), 2 fragmentos ósseos são de mamíferos e 35 fragmentos ficaram sem identificação. Entre os peixes ósseos e cartilaginosos foram identificadas 5 famílias e 4 gêneros e espécies.

A família mais representativa também é a dos Sciaenidae, que inclui as corvinas (*Micropogonias furnieri*) e miraguaias (*Pogonias cromis*), correspondendo a 80,6% entre os táxons estudados em todas as amostras; sendo a corvina a espécie mais frequente. Os bagres foram identificados nesse contexto apenas a nível de família (Ariidae), e soma 9,7% entre a ictiofauna

analisada. As anchovas (Pomatomidae, *Pomatomus saltatrix*), os sargos-de-dente (Sparidae – *Archosargus probatocephalus*) e os tubarões-martelo (Shyrnidae) somam juntos 9,7% entre os peixes analisados.

Foram identificados ossos pertencentes a todas as porções esqueléticas destes peixes, sendo que uma grande quantidade de remanescentes esqueléticos da classe dos Teleostei permaneceram sem identificação taxonômica mais específica, pois não foi feita uma identificação acurada de vértebras, costelas e raios de nadadeiras. A maior parte dos elementos diagnósticos identificados nesse estudo correspondem a ossos do crânio e otólitos.

Entre os adornos em conchas, 800 são *Olivella* sp., sendo 761 do tipo simples sem ápice e 39 do tipo simples sem ápice e com perfuração (Figuras 4 e 5); 109 são valvas perfuradas de *Anomalocardia flexuosa*, classificadas como pingentes (Figura 6); e 4 são adornos do tipo discoide simples (Figura 7).

Os adornos em *Olivella* sp. foram encontrados nas regiões do crânio, tórax e membros superiores. A média do tamanho desses adornos são de 5 mm, indicando que possivelmente esse colar poderia alcançar aproximadamente 4 metros de comprimento. A fragilidade e tamanho dessas conchas demonstra que o processo de seleção e manufatura era trabalhosa e delicada, atividade que demandou bastante dedicação de quem o elaborou. Durante as análises foi possível perceber que existe um padrão de perfuração dos ápices, em que além da retirada arredondada desta estrutura em direção das espiras, também há uma incisão na volta da concha, no sentido da abertura (ver Figura 5).



Figura 4 – Conjunto de adornos feitos em *Olivella* sp. encontrados no sepultamento 23 (n = 315).

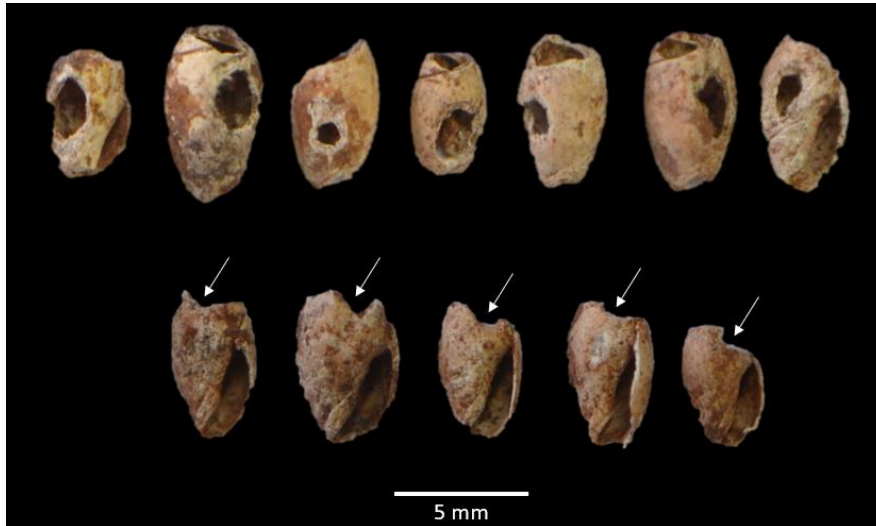


Figura 5 – Adornos em *Olivella* sp. do tipo simples sem ápice e com perfuração (acima) e do tipo simples sem ápice, com padrão de quebra em na região da volta da concha (abaixo).

Os pingentes de *A. flexuosa* foram encontradas principalmente abaixo do sepultamento 23 e estão perfuradas próximas ao umbo. Algumas conchas não foram encontradas totalmente perfuradas, mostrando um possível processo de manufatura e uma desistência de finalização daquelas peças.

Os pingentes encontrados com todas as porções anatômicas íntegras foram medidas, para verificar que existiu algum tipo de seleção no tamanho dessas conchas para elaboração dos pingentes. Os resultados demonstraram que as medidas mais frequentes foram: altura entre 11 e 14 mm e largura entre 14 e 16 mm. Entretanto, diferente do que foi observado nos sepultamentos 5, 24 e 25, os pingentes associados ao sepultamento 23 não apresentam um padrão tão acentuado na escolha dos tamanhos de conchas, pois apresentam maior variação entre as medidas (Gráfico 2).



Figura 6 – Adornos feitos em *Anomalocardia flexuosa*, encontrados abaixo do sepultamento 23.

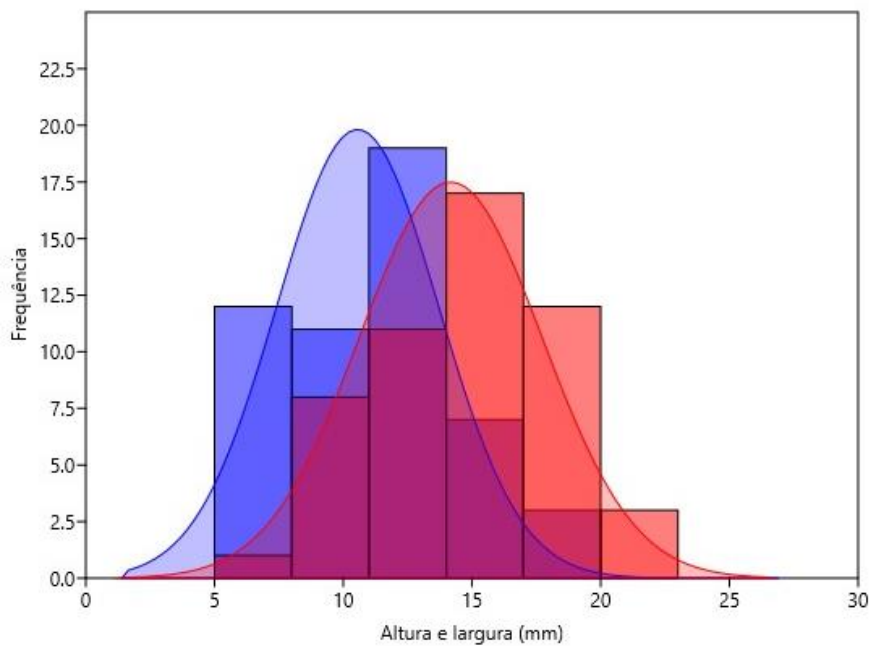


Gráfico 2 – Apresentação das medidas (em milímetros) e frequência dos pingentes em *Anomalocardia flexuosa* encontradas em associação ao Sepultamento 23 (n = 52).

Foram encontrados apenas quatro adornos discoides, sendo um inteiro e três fragmentos. São adornos bastante frágeis, podendo não ter uma boa preservação, o que dificulta sua identificação. Estavam localizados próximos a região do crânio, no mesmo nível do sepultamento. Klökler (2014) propõe que esse tipo de adorno era elaborado a partir de gastrópodes, possivelmente *Megalobulimus* sp. Toda a concha é preparada, polida e perfurada, até chegar no formato discoide (Figura 7).



Figura 7 – Adorno em concha do tipo discoide simples.

Referências bibliográficas

Burgess, W. E. 2002. Suborder Acanthuroidei. Ehippidae. In: Carpenter, K. E. The Living Marine Resources Of The Western Central Atlantic, Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. *FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists Special Publication*, 5:(1375-2127).

Cardoso, J. M. 2018. *O sítio costeiro Galheta IV: uma perspectiva zooarqueológica*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Carneiro, M. H.; Castro, P. M. G.; Tutui, S. L. S.; Bastos, G. C. C.. 2005. *Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823): estoque sudeste. *In*: Cergole, M. C.; Ávila-da-Silva, A. O.; Rossi-Wongtschowski, C. L. D. B. (Eds.). *Análise das Principais Pescarias Comerciais da Região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica Populacional das Espécies em Exploração. Série Revizee, Score Sul*. Instituto Oceanográfico da USP, São Paulo.

Figueiredo, L. J.; Menezes, N. A. 1980. *Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil*. Museu de Zoologia da USP, São Paulo.

Haimovici, M.; Ignácio, J. M. 2005. *Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823): estoque sul. *In*: Cergole, M. C.; Ávila-da-Silva, A. O.; Rossi-Wongtschowski, C. L. D. B. (Eds.). *Análise das Principais Pescarias Comerciais da Região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica Populacional das Espécies em Exploração. Série Revizee, Score Sul*. Instituto Oceanográfico da USP, São Paulo.

Klökler, D. 2014. Adornos em concha do sítio Cabeçuda. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 150-169.

Marceniuk, A. P.; Menezes, N. A. 2007. Systematics of the family Ariidae (Ostariophysi, Siluriformes), with a redefinition of the genera. *Zootaxa*, 1416: 126 pp.

Menezes, N.A.; Figueiredo, J.L. 1985. *Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil V. Teleostei* (4). Museu de Zoologia da USP, São Paulo. 105 pp.

São Paulo, 05 de agosto de 2019.

ANEXO 3

Análise do material lítico associado aos sepultamentos dos *locus 6*

LÍTICO ASSOCIADO AOS SEPULTAMENTOS DO *LOCUS* 6 DO SAMBAQUI DE CABEÇUDA

Sepultamento	Família	Classe	Quantidade	Tipo	Killed
3	FCR	Sem descrição	18		
3	Fragmentos	artefato	1		
3	Fragmentos	Sem descrição	11		
3	Fragmentos	fragmento de seixo	2		
3	Fragmentos	lasca	1		
3	Fragmentos	fragmento de artefato	7		
3	Lascados	fragmento de lasca	3		
3	Lascados	lascas	7		
3	Lascados	artefato	5	buril (673) discoide bico raspador vertical (709) raspador lateral duplo	
3	Manos		2		
3	Manos	batedor/raspador	1		
3	Elaborados	bola	2		Sim
5	Depressões cupuliformes	duplo	1		
5	Elaborados	bola	2		
5	FCR		4		
5	Fragmentos		2		
5	Gumes transversais	lamina	1		
5	Lascados	artefato	1	bico	
5	Lascados	fragmento de lasca	4		
5	Lascados		1		
5	Lascados	lasca	2		
6	Fragmentos		1		
6	Lascados	artefato	1	bico	
6	FCR		1		
7	Fragmentos	basal	1	bipolar	
7	Lascados	lasca	1	façonnage	
8	Fragmentos	almofariz plano	1	bipolar	Sim
8	Fragmentos		1		
8	Lascados	lasca	1	espatifamento	
8	Lascados	artefato	1	raspador vertical	
8	Fragmentos	fragmento de artefato	1	bipolar	
8	Fragmentos	fragmento de seixo	1		
8	Lascados	lasca	1	de abate de gume polido	
9	Elaborados	bola	1		
9	Lascados	fragmento de lasca	1		
9	Lascados	lasca	1		
9	Lascados	lasca	2		
10	Elaborados	risolis	1		
10	Elaborados	chapeleta dupla	1		
10	Elaborados	indefinido	1		
10	FCR		8		
10	Fragmentos	fragmento de artefato	2		
10	Fragmentos		3		
10	Lascados	lascas	4		
10	Lascados	fragmento de lasca	1		
10	Lascados	artefato	1	raspador lateral	
10	Manos	polidor	3		
10	Manos	disco	1		

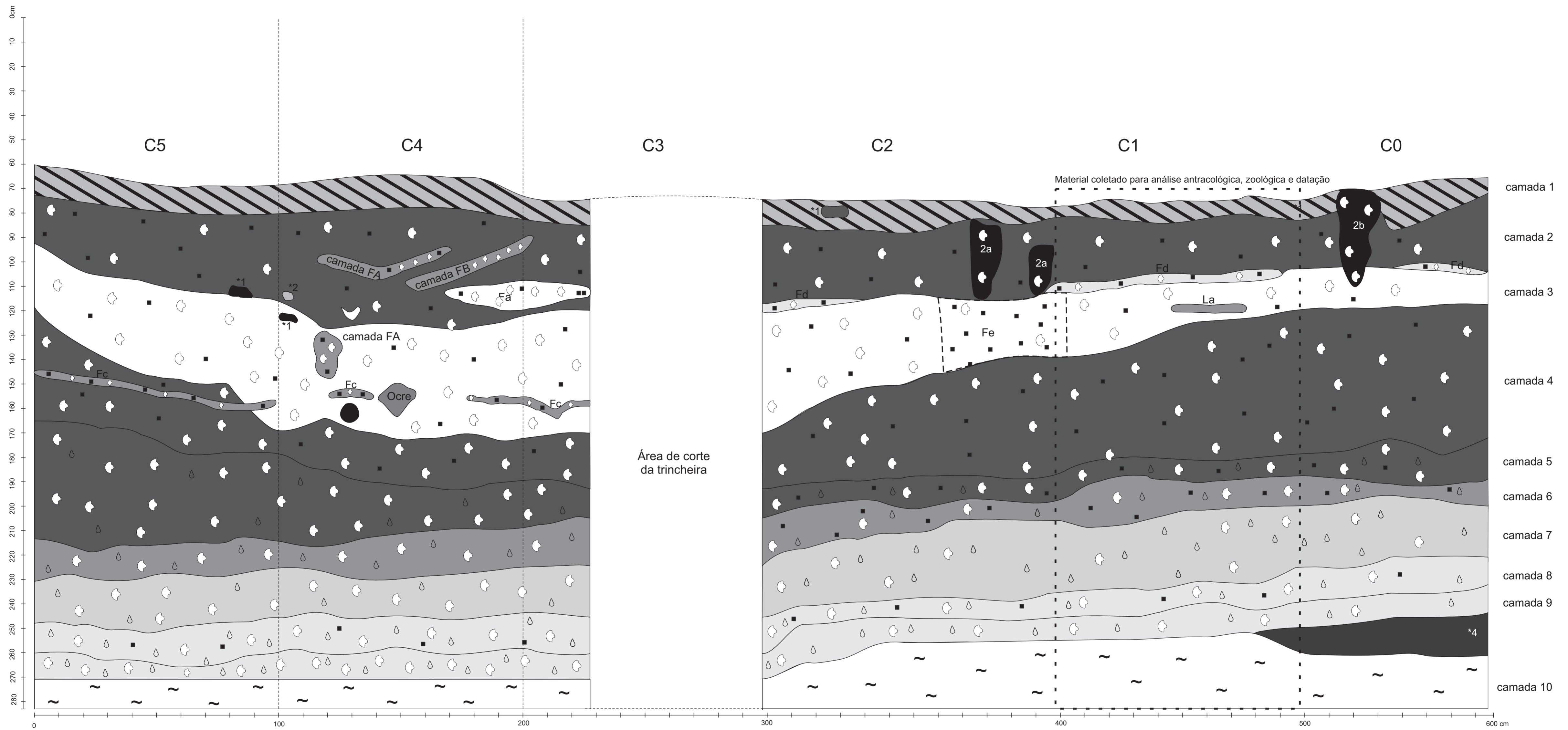
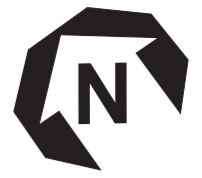
10	Manos		1		
10	Manos	suportes alongados	1		
10	Seixos	seixículo	9		
11	Gumes transversais	lamina	1		Sim
11	Basais	almofariz concavo	1		
11	Depressões cupuliformes		1		
11	Elaborados	bola	3		
11	Elaborados		1		
11	FCR		12		
11	Fragmentos		7		
11	Fragmentos	basal	1	bipolar	
11	fragmentos	bipolar	1		
11	Fragmentos	fragmento de artefato	2		
11	Lascados	lasca	10		
11	Lascados	artefato	1	bico	
11	Manos		1		
11	Seixos	seixículo	1		
11	Seixos		1		
12	Elaborados	espatuliforme	1		
12/13/8	Basais	almofariz plano	1		
12/13/8	Fragmentos	fragmento de artefato	1		
12/13/8	Lascados	lasca			
12/13/8	Gumes transversais		1		Sim
15	Elaborados	bola	1		
15	Fragmentos	bipolar	1		
15	Fragmentos		6		
15	Lascados	fragmento de lasca	1		
15	Lascados	lasca	4		
16	Lascados	lasca	1		
16	Seixos	seixículo	1		
16	FCR		1		
21	Lascados	lasca	1		
21	Lascados	fragmento de lasca	2		
21	Lascados	fragmento de artefato	1		
21	Gumes transversais	cunha	1		Sim

Adaptado de Farias, 2014.

ANEXO 4

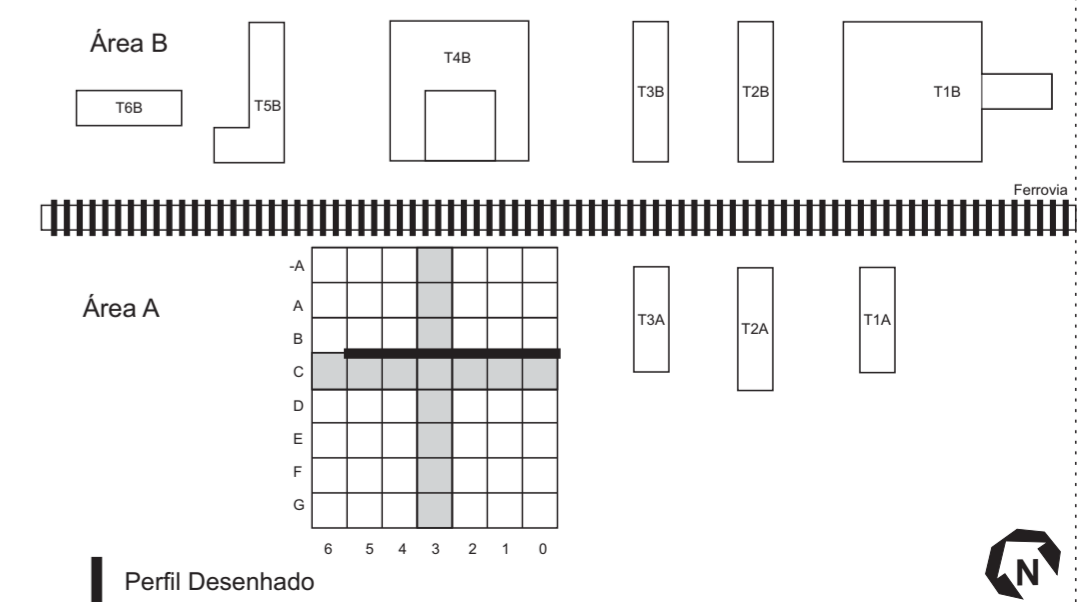
Croquis dos perfis revisados e descrições das camadas

Sambaqui de Cabeçada
 Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Norte
 Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0

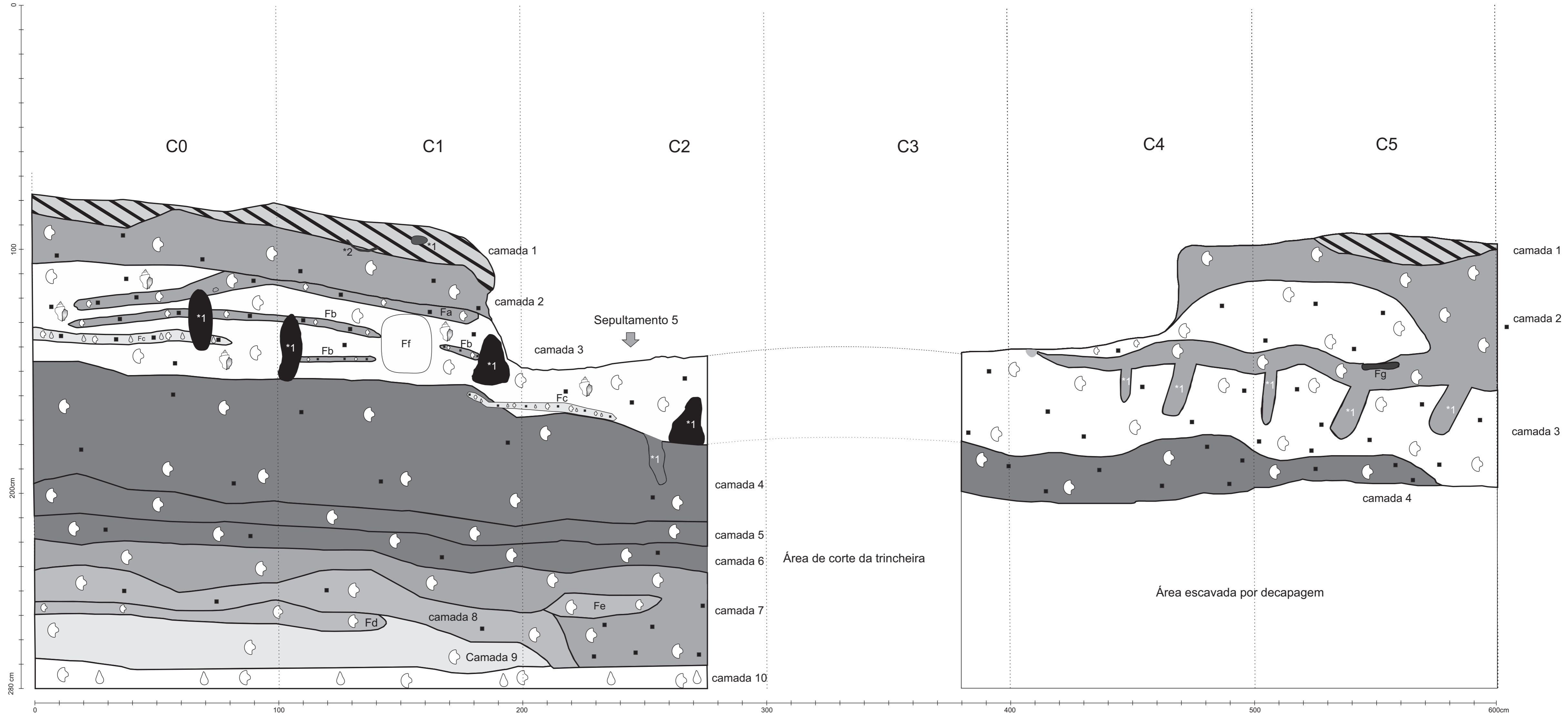
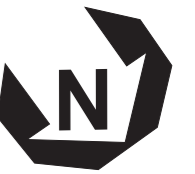


Legenda

- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade

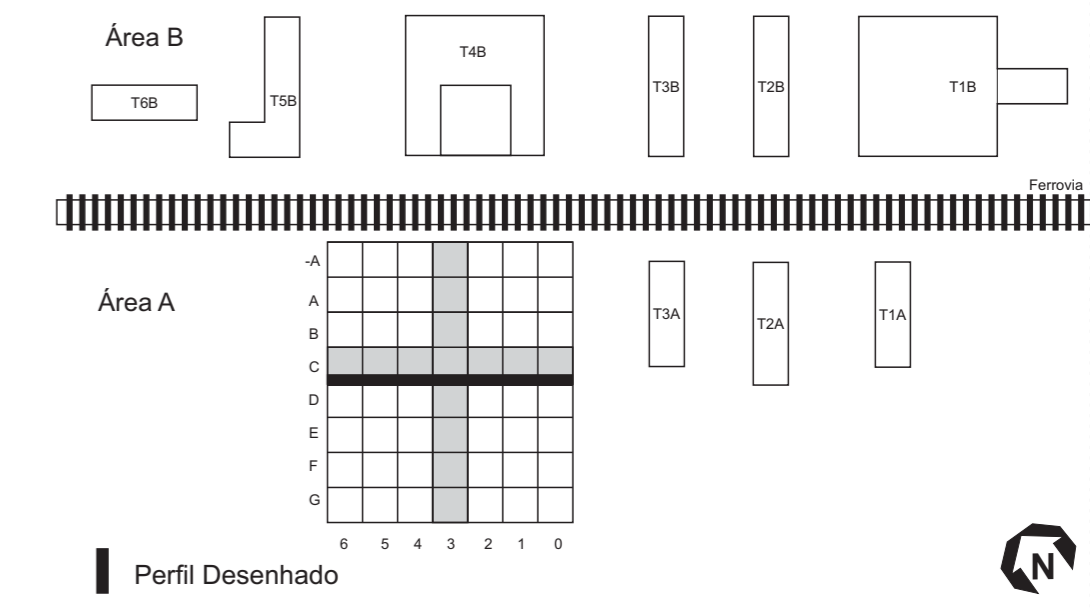


Sambaqui de Cabeçada
 Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Sul
 Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0



Legenda

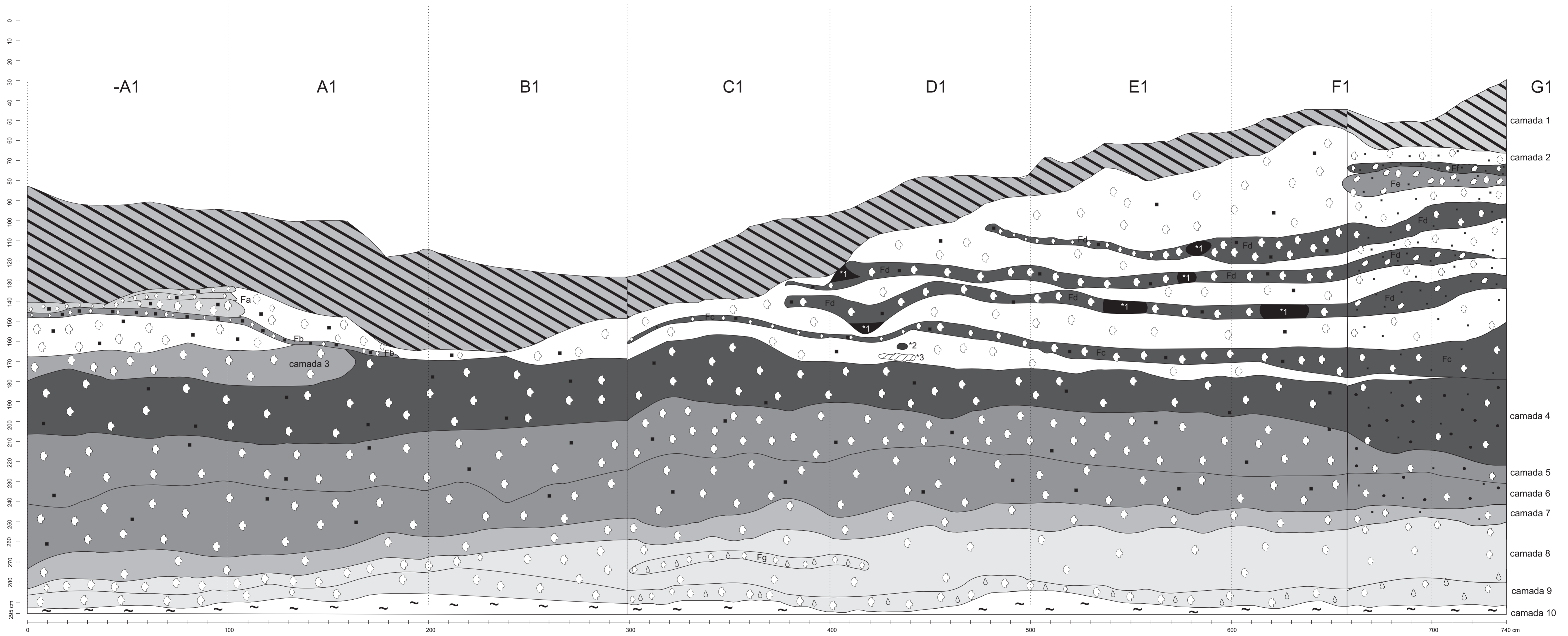
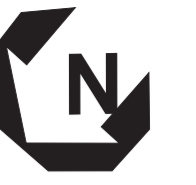
- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade
- Gastrópode



Sambaqui de Cabeçada

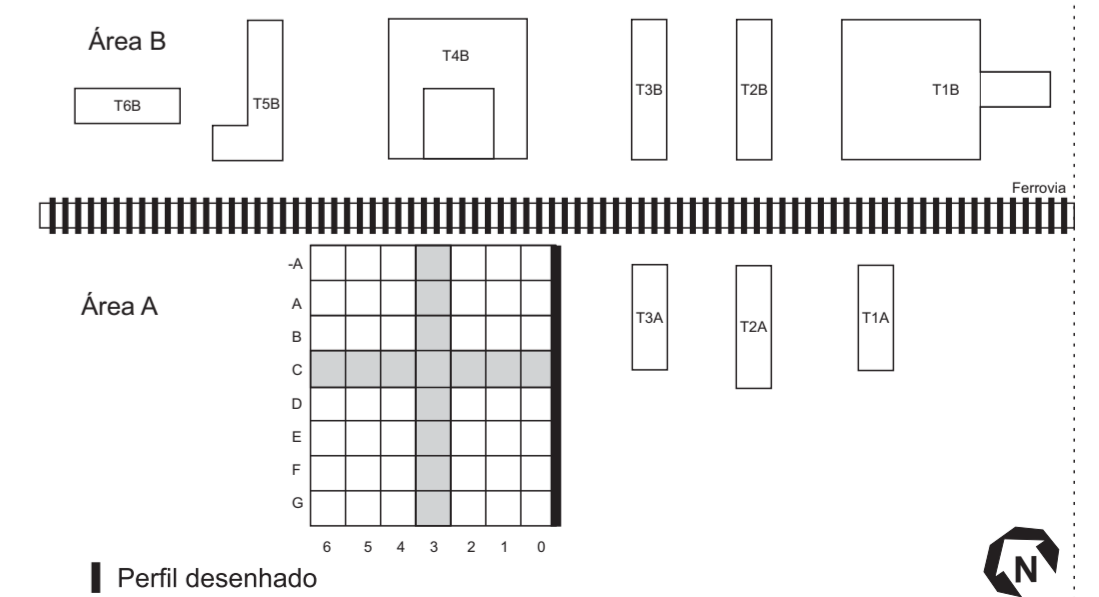
Locus 6 - Área A - Área Escavada

Quadras -A1, A1, B1, C1, D1, E1, F1, G1



Legenda

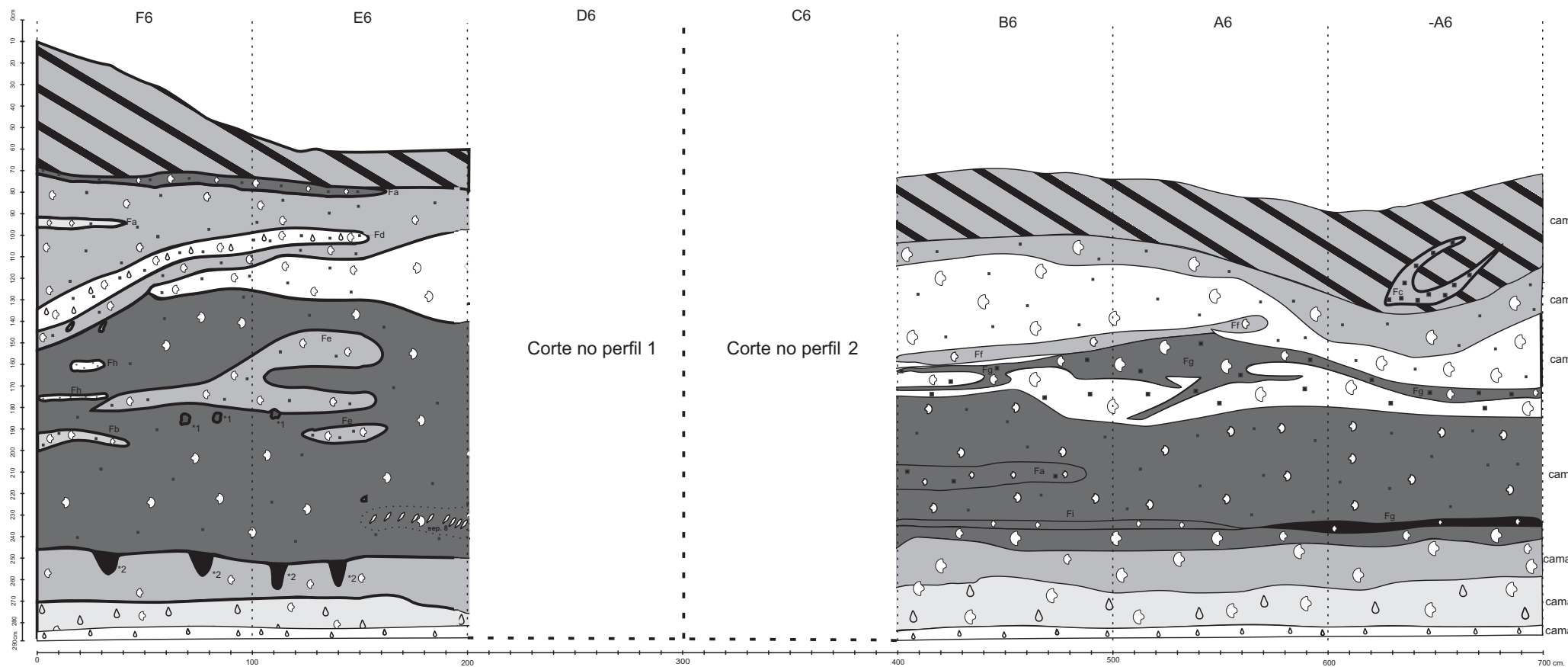
- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Lítico
- Possível osso de fauna marinha



Sambaqui de Cabeçada

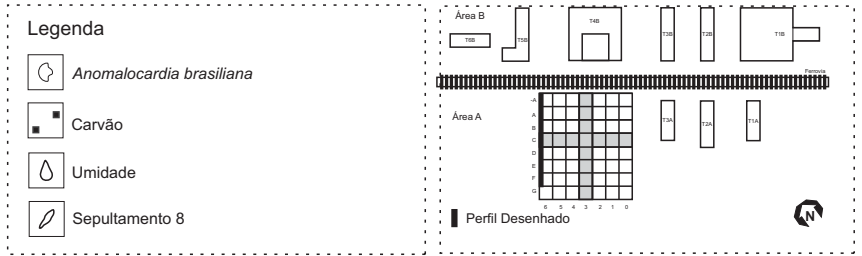
Locus 6 - Área A - Perfil Oeste

Área Escavada - Quadras F6, E6, D6, C6, B6, A6, -A6.



Corte no perfil 1

Corte no perfil 2



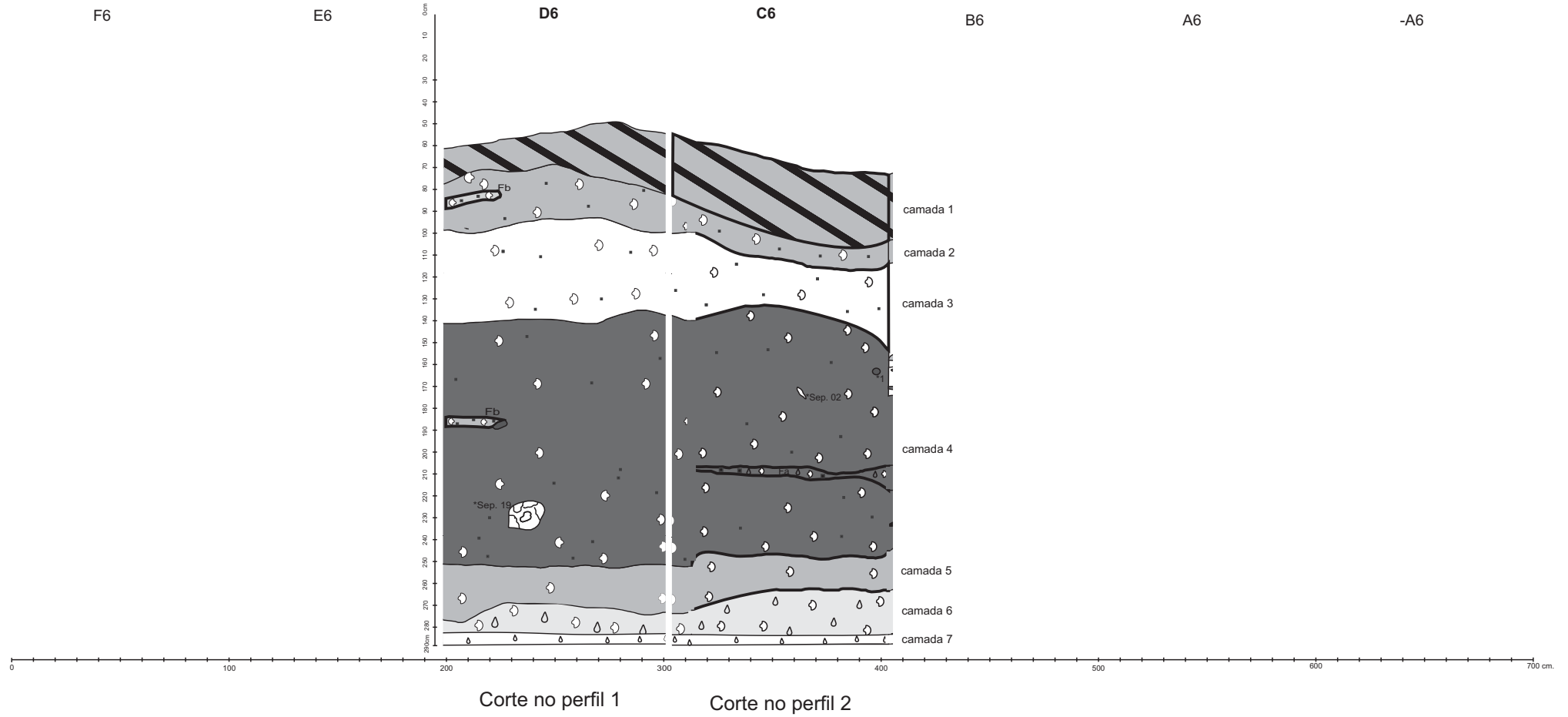
Adaptado de Farias (2014).



Sambaqui de Cabeçada

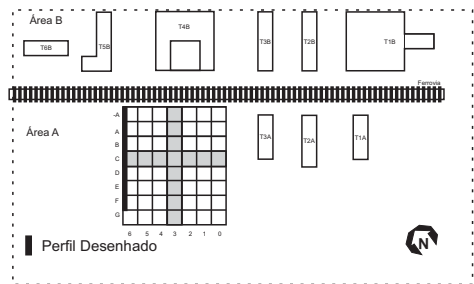
Locus 6 - Área A - Perfil Oeste

Área Escavada - Quadras F6, E6, D6, C6, B6, A6, -A6.



Legenda

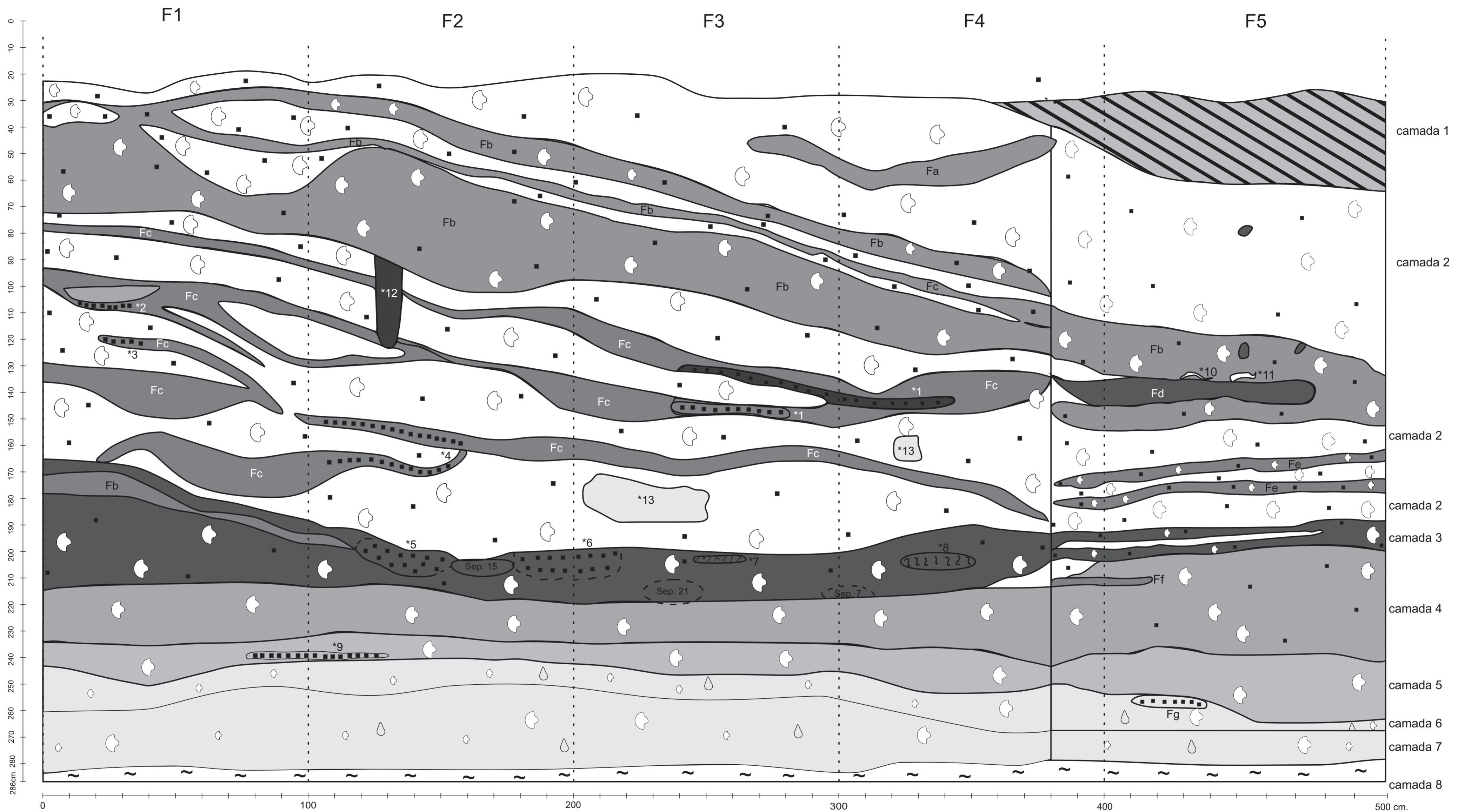
- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade
- Sepultamento 4



Obs: O espaço entre cada perfil representa o Perfil D6 mais profundo em relação ao C6.

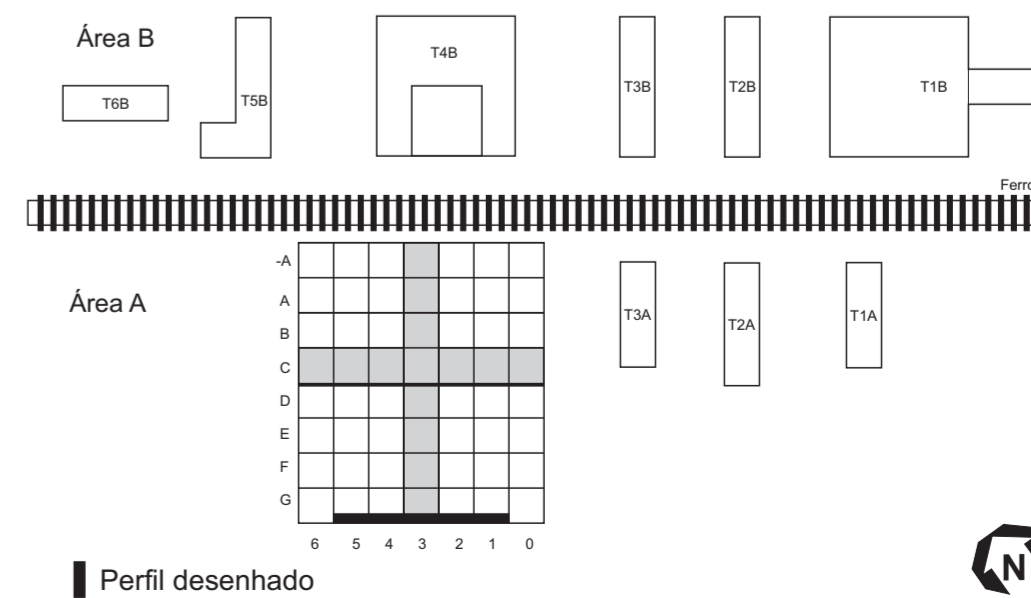
Adaptado de Farias (2014).

Sambaqui de Cabeçada
 Locus 6 - Área A - Área Escavada
 Perfil Sul - Quadras - F1, F2, F3, F4 e F5



Legenda:

- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade
- Água e areia
- Material Lítico



Sambaqui Cabeçada-01

Descrição dos perfis do Locus 6

Adaptado de Farias (2014)

Área A - Perfil C - Parede Norte - Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0.

Camada 1) Moinha

Camada 2) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas inteiras com poucos fragmentados, fauna miúda de peixe, fragmentos de carvão e sedimento arenoso de marrom escuro de média compactação e granulometria fina.

Camada 3) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas com ossos de fauna miúda, média e carvão. Apresenta pouco sedimento arenoso de granulometria média e coloração cinza escuro. As conchas apresentam-se soltas na camada.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, com poucos ossos miúdos de fauna, pouquíssimos fragmentos também miúdos de carvão. Sedimento marrom escuro, compactação alta, granulometria fina e apresenta-se abundante na camada.

Camada 5) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e poucas fragmentadas, presença de pouquíssimos ossos miúdos de fauna associada e não há presença de carvão. Sedimento arenoso de coloração marrom escuro de média compactação e granulometria fina, que recobre absurdamente a camada.

Camada 6) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em proporções iguais, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos. Sedimento arenoso de cor marrom médio de granulometria fina e média compactação.

Camada 7) Camada de poucas conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras em sua maioria e algumas fragmentadas, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos. Sedimento cinza médio, granulometria fina e média compactação, com bastante umidade.

Camada 8) Camada arenosa com pouquíssimas conchas de *Anomalocardia flexuosa* miúdas, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos. Sedimento de coloração bege, granulometria fina e alta compactação.

Camada 9) Camada composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em igual proporção entremeadas com sedimento (areia) molhada com granulometria fina e alta compactação. Sedimento de coloração bege, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos.

Camada 10) Areia e água (lençol freático)

Fa) Feição escura com conchas *Anomalocardia flexuosa* e carvão.

Fb) Feição com conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas.

Fc) Feição concrecionada com carvão e poucas conchas *Anomalocardia flexuosa*.

Fd) Feição com *Anomalocardia flexuosa* inteiras misturadas algumas fragmentadas com vestígios de pequenos e médios ossos de fauna, poucos fragmentos de carvão. Observa-se um forte acúmulo de areia cinza clara recobrindo a parte superior desta camada. Esse sedimento é de granulometria fina, alta compactação e apresenta bastante umidade.

Fe) Feição com as mesmas características da camada 2 porém, maior presença de sedimento escuro e carvão.

La) Lente formada pela presença de ossos de um peixe articulado.

2a) Negativas de estaca com conchas *Anomalocardia flexuosa* claras e soltas.

2b) Negativa de estaca com presença de mineral ocre.

*1) Lítico

*2) Cerâmica histórica vermelha (tijolo)

*3) Concentração de mineral ocre.

*4) Rocha.

Área A - Perfil C - Parede Sul - Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0.

Camada 1) Moinha

Camada 2) Camada composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras com algumas fragmentadas, presença de ossos miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, granulometria fina, baixa compactação.

Camada 3) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras e poucas fragmentadas, com suas valvas abertas e fechadas, com ossos miúdos de fauna e pouquíssimo carvão. Presença de poucos gastrópodes. Apresenta pouco sedimento arenoso, granulometria média e baixa compactação, sem umidade, cor marrom claro. As conchas apresentam-se soltas na camada.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, coloração escurecida, poucos ossos miúdos de fauna e pouquíssimo fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro, alta compactação, granulometria fina e apresenta-se abundante na camada.

Camada 5) Camada de sedimento arenoso marrom escuro com poucas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, ausência de material antracológico e demais remanescentes zoológicos. Sedimento de granulometria fina, compactação média e com umidade.

Camada 6) Camada concrecionada com conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, coloração escurecida, com pouquíssimos fragmentos de carvão e ausência de outros vestígios zoológicos. Sedimento marrom escuro, alta compactação, granulometria fina e apresenta-se abundante na camada.

Camada 7) Camada de sedimento arenoso marrom médio, com poucas conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentos em igual proporção, ausência de material antracológico e demais remanescentes zoológicos. Sedimento de granulometria fina, de média compactação e média umidade.

Camada 8) Camada de sedimento arenoso cinza escuro com *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas com pouquíssimos fragmentos de ossos miúdos de fauna e carvão. Granulometria fina de média compactação e bastante umidade.

Camada 9) Camada arenosa com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas, ausência de material antracológico e demais remanescentes zoológicos, coloração bege, granulometria fina e alta compactação.

Camada 10) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em igual proporção entremeada de areia bastante molhada com granulometria fina e alta compactação. Sedimento bege, ausência de carvão e fauna.

Fa) Feição com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e quebradas de coloração amarelada, com presença de outros vestígios de fauna e carvão miúdo. Sedimento marrom médio, granulometria fina, compactação média, presença de umidade.

Fb) Feição de fogueira com conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas abertas, algumas fragmentadas com muito carvão vegetal e ossos miúdos de fauna entremeando as conchas. Possui sedimento de coloração marrom médio, de granulometria fina, baixa compactação e pouca umidade.

Fc) Feição com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras brancas, misturadas a conchas fragmentadas e fechadas com outros vestígios de fauna miúda e carvão. Observa-se um forte acúmulo de areia cinza clara em meio a camada de conchas soltas. Possui alta compactação, granulometria fina e muita umidade.

Fd) Feição de *Anomalocardia flexuosa* inteiras em sua maioria e algumas fragmentadas. Ausência de outros vestígios faunísticos e carvão, sedimento cinza médio, granulometria fina e média compactação, com bastante umidade.

Fe) Camada arenosa com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas com ausência de outros vestígios de fauna e carvão, coloração marrom clara, granulometria fina e alta compactação.

Ff) Feição com conchas soltas, com pouquíssimo sedimento igual o da camada.

Fg) Feição composta por conchas de mariscos (Mytilidae) queimados, presença de conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas de coloração cinza, muito alterada pela queima.

*1) Negativos de estaca

*2) Lítico

*3) Fio de metal

Área A - Área Escavada - Perfil Sul - Quadras F0, F1, F2, F3, F4 e F5.

Camada 1) Moinha

Camada 2) Camada composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas, predominantemente inteiras com algumas fragmentadas. Presença de outros vestígios de fauna miúda e pequenos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Camada 3) Camada concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, coloração marrom escuro, poucos ossos miúdos de fauna e pouco fragmento de carvão. Sedimento de alta compactação e granulometria fina.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras, poucos ossos de fauna miúda e poucos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, compactação média e granulometria fina.

Camada 5) Camada arenosa com poucas conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e quebradas, com alguma ocorrência de carvão e ausência de outros remanescentes zooarqueológicos. Sedimento marrom clara, compactação média e granulometria fina.

Camada 6) Camada de sedimento arenoso cinza claro com pouquíssimas conchas, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos.

Camada 7) Sedimento arenoso cor bege médio com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmido, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos.

Camada 8) Água e areia.

Fa) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em sua maioria com alguma ocorrência de *Ostrea* sp. Sedimento marrom médio, baixa compactação, granulometria fina, com ocorrência outros vestígios de fauna miúda, carvão e algumas conchas com as valvas fechadas.

Fb) Feição composta de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em sua maioria com alguma ocorrência de *Ostrea* sp. Sedimento marrom médio, baixa compactação, granulometria fina, com maior densidade de outros vestígios faunísticos, carvão e algumas conchas com as valvas fechadas.

Fc) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em sua maioria com alguma ocorrência de *Ostrea* sp. Sedimento marrom médio, baixa compactação, granulometria fina, com ocorrência pequenos ossos miúdos de fauna, carvão e algumas conchas com as valvas fechadas. Porém com locais que há presença de concentração de carvão (ver *1)

Fd) Feição com estrutura de fogueira, sedimento marrom escuro com conchas de *Anomalocardia flexuosa* queimada, compactação média e granulometria fina, baixa umidade, com fragmentos ósseos miúdos de fauna e carvão. Acima da feição, há presença de ossos pertencentes ao sepultamento 4.

Fe) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas em sua maioria. Sedimento marrom médio, baixa compactação granulometria fina, ocorrência de outros vestígios miúdos de fauna, carvão e algumas conchas fechadas.

Ff) Feição de fogueira concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e presença de demais vestígios de fauna miúda. As conchas estão totalmente queimadas, sedimento marrom médio, compactação média e baixa umidade.

Fg) Feição com concentração de carvão, envolta por sedimento arenoso cor bege médio com *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmido.

*1 - Pequena concentração de fragmentos de carvão.

*2 - Estrutura de combustão - Camada de sedimento cinza escuro, com maior umidade e compactação, conchas *Anomalocardia flexuosa* queimadas e ausência de outros vestígios de material faunístico.

*3 - estrutura de combustão

*4 - estrutura de combustão

*5 e *6 - estrutura de combustão em volta do sepultamento 15

*7 - concentração de mineral ocre

*8 - Fauna de mamífero marinho

*9 - estrutura de combustão

*10 crânio pertencente ao sepultamento 04

*11 mandíbula pertencente ao sepultamento 04

*12 – Possível negativo de esteva.

*13 – Duas concentrações de sedimento branco, arenoso, granulometria fina e baixa compactação. Com poucas conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e na base intrusivo com ocre. Ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos..

Área A - Perfil Oeste - Área escavada - Quadras -A6, A6, B6, C6, D6, E6, F6.

Camada 1) Moinha.

Camada 2) Camada composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas, predominantemente inteiras com algumas fragmentadas. Presença de outros vestígios miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Camada 3) Camada de conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentos com algumas fechadas de coloração avermelhada, recobertas com sedimento em quantidade moderada, com presença de carvão e demais vestígios de fauna. Granulometria fina, coloração marrom escuro, média compactação e umidade.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, presença de ossos miúdos de fauna e poucos fragmentos de carvão. Sedimento coloração marrom escuro de alta compactação e granulometria fina. Nesta camada foi encontrado o sepultamento 19, localizado na quadra D6 e nível 24. Por estar adentro ao perfil Oeste apenas alguns ossos foram resgatados. O crânio estava bem fragmentado e possuía um artefato na parte superior do seu crânio encaixado.

Camada 5) Camada de sedimento arenoso cinza claro com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa* , ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos

Camada 6) Camada de sedimento arenoso cor bege médio com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmida, com ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos.

Camada 7) Areia e água (lençol freático)

Fa) Feição de conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, algumas com as valvas fechadas, de coloração avermelhada, recobertas com sedimento em quantidade moderada, com presença de outros vestígios zooarqueológicos e antracológicos. Granulometria fina, coloração marrom escuro, média compactação e umidade.

Fb) Feição de estrutura de combustão com conchas *Anomalocardia flexuosa* predominantemente fragmentada, com algumas inteiras envoltas em um sedimento arenoso marrom claro de granulometria fina, média compactação e alta umidade, colmatado com cinzas de coloração bege escuro, com presença de outros vestígios miúdos de fauna e carvão.

Fc) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* queimadas e brancas, predomina conchas fragmentadas, poucos vestígios miúdos de fauna e carvão em abundância. Observou-se algumas *Ostrea* sp. fragmentadas e raramente algumas conchas de marisco (*Brachidontes rodriguezii*). Sedimento marrom médio, granulometria fina e compactação baixa.

Fd) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras e fechadas de coloração avermelhada. Com pouco sedimento arenoso de fina granulometria, úmido com presença de carvão e demais vestígios faunísticos em grande quantidade.

Fe) Feição com conchas *Anomalocardia flexuosa* brancas, predominantemente inteiras com algumas fragmentadas. Presença de outros vestígios de fauna miúda e pequenos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Ff) Feição com poucas conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas inteiras com predomínio de *Brachidontes rodriguezii* (marisco) triturados com presença de ossos miúdos de fauna e carvão. Possui pouco sedimento marrom claro de granulometria fina e baixa compactação.

Fg) Feição com conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras e algumas fechadas e avermelhadas. Abundância de outros vestígios de fauna e carvão associado. Sedimento marrom escuro de baixa compactação, granulometria fina e umidade.

Fh) Feição composta com concentração de mineral ocre.

Fg) Feição arenosa de conchas de *Anomalocardia flexuosa* abertas e inteiras com ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos, sedimento marrom escuro, granulometria fina e alta compactação.

*1) Lítico

*2) Negativos de estaca

Área A - Perfil Norte - Área escavada - Quadras -A0,-A1,-A2,-A3,-A4,-A5

Camada 1) Camada de Moinha

Camada 2) Camada composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas predominantes inteiras com algumas fragmentadas com presença outros vestígios miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Apresenta sedimento marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Camada 3) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominante inteiras com algumas fragmentadas com poucos ossos miúdos de fauna. Apresenta sedimento cinza médio, granulometria fina e baixa compactação.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, poucos e pequenos vestígios zooarqueológicos diversos e poucos fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro, alta compactação, granulometria fina.

Camada 5) Camada concrecionada com *Anomalocardia flexuosa* predominante inteiras, poucos ossos miúdos de fauna e poucos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, compactação média, granulometria fina.

Camada 6) Camada concrecionada com *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras, demais vestígios de fauna em pouca quantidade e alguns fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro, compactação média e granulometria fina.

Camada 7) Camada de sedimento arenoso cinza claro com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa*, ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos

Camada 8) Camada de sedimento arenoso cor bege médio com *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmida, com ausência de material antracológico e demais remanescentes zooarqueológicos.

Camada 9) Areia e água (lençol freático)

Fa) Feição com *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios de fauna miúda, muito carvão. Presença de negativo de estaca (*1).

Fb) Três feições de *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios de fauna miúda em grande quantidade e fragmentos de carvão.

Fc) Feição de conchas *Anomalocardia flexuosa* soltas e mineral ocre.

Fd) Feição de *Anomalocardia flexuosa*, com presença de fauna miúda e muito carvão. Sedimento marrom escuro.

Fe) Feição com *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios de fauna miúda e poucos fragmentos de carvão.

Ff) Feição formada por mancha de estrutura de combustão com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa*, sedimento preto, compactação média e granulometria fina.

Fg) Feição composta por conchas de *Anomalocardia flexuosa* brancas predominantes inteiras com algumas fragmentadas, com presença de demais vestígios miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Apresenta sedimento marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Fh) Feição de sedimento arenoso cinza claro com conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e pouca fauna.

Área A - Perfil Leste - Área escavada - Quadras -A1,A1,B1,C1,D1,E1,F1,G1

Camada 1) Moinha.

Camada 2) Camada composta por conchas brancas de *Anomalocardia flexuosa*, predominantemente inteiras com algumas fragmentadas. Presença outros vestígios miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Sedimentos marrom médio, granulometria fina e baixa compactação. Nesta camada também há presença de *Ostrea* sp.

Camada 3) Camada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente e inteiras com alguns fragmentos. Presença outros vestígios miúdos de fauna em pequena quantidade. Sedimento cinza médio, granulometria fina e baixa compactação.

Camada 4) Camada concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, coloração escura, presença outros vestígios miúdos de fauna e poucos fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro, alta compactação e granulometria fina.

Camada 5) Camada concrecionada com *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras, presença outros vestígios miúdos de fauna e poucos fragmentos de carvão. Sedimento marrom médio, compactação média, granulometria fina.

Camada 6) Camada arenosa com poucas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e quebradas, ausência de outros vestígios miúdos de fauna e pouco carvão. Sedimento marrom médio, compactação média, granulometria fina.

Camada 7) Camada arenosa, marrom claro com poucas conchas *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios zooarqueológicos e antracológicos ausentes.

Camada 8) Sedimento arenoso, cinza claro, com pouquíssimas conchas *Anomalocardia flexuosa*. Demais vestígios zooarqueológicos e antracológicos ausentes.

Camada 9) Sedimento arenoso, cor bege, com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmido, demais vestígios zooarqueológicos e antracológicos ausentes.

Camada 10) Areia e água (lençol freático)

Fa) Feições com *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios miúdos de fauna em grande quantidade e fragmentos de carvão.

Fb) Feição com *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios miúdos de fauna em grande quantidade e fragmentos de carvão.

Fc) Feição com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e inteiras de cor avermelhada. Demais vestígios miúdos de fauna em grande quantidade e fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro, compactação média.

Fd) Feição com *Anomalocardia flexuosa*, demais vestígios miúdos de fauna em grande quantidade e fragmentos de carvão. Sedimento marrom escuro compactado. Presença de áreas com concentração de carvão (*1).

Fe) Feição com conchas brancas de *Anomalocardia flexuosa*, predominantemente inteiras com algumas fragmentadas. Com destaque para grande quantidade de *Ostrea* sp. Presença de outros vestígios miúdos de fauna e pequenos fragmentos de carvão. Sedimentos marrom médio, granulometria fina e baixa compactação.

Ff) Feição com presença de *Ostrea* sp., *Anomalocardia flexuosa* triturada, demais vestígios zooarqueológicos em grande quantidade e presença de carvão. Sedimento marrom escuro, arenoso, pouco concrecionado e úmido.

Fg) Feição de sedimento arenoso de cor bege médio, com conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas, bastante úmido. Ausência de material antracológico e demais vestígios zooarqueológicos.

*1) Concentração de carvão

*2) lítico

*3) Possível osso de fauna marinha

ANEXO 5

Arquivos Digitais:

Sepultamento 23 – Modelo 3D: Vídeo | [Link para acesso digital](#)

Locus 6 – Modelo 3D: Vídeo | [Link para acesso digital](#)

Locus 6 – Modelo 3D: Link para acesso digital e interativo

<https://skfb.ly/6QvnS>

Sepultamento 23 – Modelo 3D: Link para acesso digital e interativo

<https://skfb.ly/6L6oT>

VÍDEOS:

Modelo 3D do *locus 6* do Sambaqui de Cabeçuda e Modelo 3D do sepultamento 23

Renata Estevam da Silva

CATÁLOGO

Arqueografia Funerária: Sambaqui de Cabeçuda - locus 6

(Re)Começando do princípio: o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaquieiras?

Volume 2

(Versão Revisada)

Dissertação apresentada ao Programa de Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Arqueologia
Orientador: Prof. Dra. Veronica Wesolowski
Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo
2020

APRESENTAÇÃO

Este catálogo, intitulado “Arqueografia Funerária: Sambaqui de Cabeçuda – *Locus 6*”, se configura como volume 2 da dissertação (volume 1) “(Re)Começando do princípio: o que a arqueografia de uma área funerária do Sambaqui de Cabeçuda pode nos ensinar sobre práticas funerárias sambaqueiras?”. Nele está a compreensão e a ponderação sobre a documentação primária da escavação do *locus 6* do sambaqui de Cabeçuda. Para a análise foi necessária a revisão de todos os documentos (fichas, fotos, croquis) com ajustes e correções em algumas das informações disponíveis, foi necessária a análise dos esqueletos propriamente ditos, e foi necessária a revisão das informações sobre os sepultamentos e a análise propriamente dita dos sepultamentos escavados, feita através da documentação, principalmente fotográfica, numa espécie de “arqueologia do documento”.

Durante o processo de análise do material ósseo e documental foram percebidas algumas inconsistências na identificação individualizada de sepultamentos, e conseqüentemente na sua contabilização e numeração, realizadas em campo. Assim a natureza de sepultamento, a quantidade deles e sua numeração foram revistas e alteradas em laboratório (ver item 6.1 no volume 1).

Como resultado direto das análises e decisões explicitadas no 6.1.5.a (volume 1) esta dissertação considera que 20 sepultamentos foram efetivamente identificados no âmbito das pesquisas do projeto “Diagnóstico Arqueológico Pré-Histórico, Histórico e Subaquático na Área de Duplicação da BR 101, Trecho Ponte de Cabeçudas, Laguna/SC”, havendo documentação primária suficientemente completa e informações suficientes para que dezessete (17) fossem analisados do ponto de vista funerário que serão apresentado a seguir.

O catálogo apresenta todas as informações disponíveis sobre cada sepultamento individualmente, incluindo a transcrição da documentação de campo e as informações consolidadas produzidas na pesquisa, permitindo assim apresentar os dados qualitativos e quantitativo analisados e interpretados na dissertação (volume 1). Além de incluir, em anexo, a lista dos ossos humanos avulsos encontrados durante a análise, o inventário ósseo dos sepultamentos, e a estimativa de sexo e idade dos indivíduos.

Esse é o resultado da revisão e correção de mapas, perfis e croquis. É resultado da análise e reinterpretação das informações da totalidade da documentação.

SUMÁRIO

SEPULTAMENTO 3	8
SEPULTAMENTO 5, 24 E 25	15
SEPULTAMENTO 6	24
SEPULTAMENTO 7 E 21.....	32
SEPULTAMENTO 8.....	44
SEPULTAMENTO 9	50
SEPULTAMENTO 10	57
SEPULTAMENTO 11.....	65
SEPULTAMENTO 12 E 13	74
SEPULTAMENTO 15	82
SEPULTAMENTO 16	88
SEPULTAMENTO 20	94
SEPULTAMENTO 23.....	102
REFERÊNCIA	118
ANEXO 1 - Inventário Ósseo	119
ANEXO 2 - Ossos Humanos Avulsos	144
ANEXO 3 - Estimativas de sexo e Idade – <i>Locus</i> 6 Cabeçuda-01.....	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Croqui vertical e horizontal do Sepultamento 3. Fonte: Adaptado de Farias, 2014.....	9
Figura 2: Sepultamento 3 – o círculo amarelo indica o sedimento remexido. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	10
Figura 3: Sepultamento 3 – os círculos amarelos indicam ausência de parte da diáfise (terço distal) do fêmur esquerdo, da tíbia e fíbula esquerda. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	10
Figura 4: Sepultamento 3: Seta amarela indica o efeito na região superior direita.	12
Figura 5: Artefato elaborado em osso de mamífero	12
Figura 6: Peça 674 Família: elaborados Classe: bola	13
Figura 7: Peça: 707 Família: manos Classe: batedor/raspador	13
Figura 8: Peça: 709 Família: lascados Classe: artefato 	14
Figura 9: Peça: 673 Família: lascados Classe: artefato 	14
Figura 10: Peça: 701 Família: manos Classe: s/d	14
Figura 11: Sepultamento 5. croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: acervo: GRUPEP/Arqueologia.....	16
Figura 12: Sepultamento 5, seta amarela indica o deslocamento das vértebras. Linha pontilhada indicando o membro superior esquerdo elevado/inclinado.	17
Figura 13: Sepultamento 5, Trincheira Norte/Sul e Trincheira Leste/Oeste.	17
Figura 14: Materiais zooarqueológicos do sambaqui Cabeçuda, associados aos sepultamentos 5, 24 e 25 e 23 do Locus 6. a) otólito de <i>Micropogonias furnieri</i> ; b) otólito de <i>Genidens genidens</i> ; c) otólito de <i>Genidens barbatus</i> ; d) otólito de <i>Cynoscion leiarchus</i> ; e) otólito de <i>Orthopristis ruber</i> ; f) opérculo de <i>Ariidae</i> ; g) placa dentária de <i>Rhinoptera</i> sp.; h) dentário de <i>Genidens planifrons</i> ; i) vértebra de <i>Charcarinidae</i> . Escalas 1 cm. Fonte: Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC). Anexo 2 da Dissertação.....	19
Figura 15: Sepultamento 5, Artefato lítico e ósseo. Construção dos joelhos. Foto: GRUPEP/Arqueologia	20
Figura 16: Amontoado de ossos de fauna de mamífero acima das vértebras. Foto: GRUPEP/	20
Figura 17: Osso de cetáceo polido, possível espátula. Encontrado junto ao Sepultamento 5. Fonte: Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC). Anexo 2 da Dissertação.....	21
Figura 18: 27 adornos elaborados em a valvas de <i>Anomalocardia flexuosa</i> perfuradas próximas ao umbo. Escala 1 cm.	21
Figura 19: Peça: 732 Família: depressões cupuliforme Classe: duplo.....	21
Figura 20: Peça: 740 Família: Elaborados Classe: bola.....	22
Figura 21: Peça: 740 Família: Elaborados Classe: bola.....	22
Figura 22: Peça: 734 Família: Gumes transversais Classe: lamina.....	22
Figura 23: Setas amarelas indicam ossos de bebês entre os fêmures do sepultamento 5.	23
Figura 24: Sepultamento 24 – Fêmur direito. Escalas 1cm.	23
Figura 25: Sepultamento 24 – Úmero direito. Escalas 1cm.	23
Figura 26: Sepultamento 25 – Fêmur esquerdo (fragmentado). Escalas 1cm.	23
Figura 27: Sepultamento 25 – Ulna esquerda (fragmentada). Escalas 1cm.	23
Figura 28: Sepultamento 6 – croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: acervo: GRUPEP/Arqueologia.....	25
Figura 29: Sepultamento 6 – Crânio antes da escavação.....	26
Figura 30: Sepultamento 6 – Ossos da região esquerda do crânio dentro da cavidade craniana	26
Figura 31: Sepultamento 6 - Vertebrais cervicais em conexão.	26
Figura 32: Sepultamento 6. Crânio escavado em laboratório. Fonte: GRUPEP/Arqueologia	28
Figura 33: Sepultamento 6. Pelve escavado em laboratório. Fonte: GRUPEP/Arqueologia	28
Figura 34: Sepultamento 6. Maior parte do braço apoiada sobre o corpo e não sobre o sedimento, assinalado pela linha amarela pontilhada.....	29
Figura 35: Sepultamento 6. Escapula sai de cima da borda do gradil costal e desce entre o úmero e as costelas.	29
Figura 36: sepultamento 6, pernas e pés cruzados, causando efeito de estarem mais elevados que o restante do corpo.....	30
Figura 37: Sepultamento 6, grande quantidade de sedimento com concha acima do sepultamento.	30

Figura 38: Sepultamento 6. Setas indicando o sedimento escuro que está restrito a região lateral direita e interior do indivíduo.....	31
Figura 39: Croqui sepultamento 7 e 21. Linhas amarelas da foto indica o limite de cada sepultamento.....	33
Figura 40: Sepultamento 7, fíbula esquerda deslocada indicada pela seta amarela.....	34
Figura 41: Ossos bagunçados do indivíduo 21	37
Figura 42: Ossos bagunçados do indivíduo 21	37
Figura 43: Placa identificando sepultamento 7 no perfil do sítio.	39
Figura 44: Sepultamento 7 e 21 no perfil sul. Deposição da camada de areia indicada pelas setas vermelhas do croqui para a foto. Adaptado de Farias, 2014.....	40
Figura 45: Croqui com projeção da possível deposição do sepultamento 7.....	41
Figura 46: Peça: 872 (sepultamento 21) Família: Gumes transversais Classe: lâmina (killed).....	42
Figura 47: Sepultamento 21, gume transversal sinalizado pela seta amarela.....	42
Figura 48: Sepultamento 8 indicado no desenho do perfil; A foto mostra a redeposição ao lado do sepultamento 12 e de forma primária no perfil.....	45
Figura 49: O esquema indica os sepultamentos 12 e 13, e a deposição primária do 8 e a redeposição do sepultamento 8 ao lado do 12.	46
Figura 50: Peça: 851 (sepultamento 8, 12 e 13) Família: Gumes Transversais Classe: lâmina.....	49
Figura 51: Peça: 851 (sepultamento 8) Família: Lascados Classe: artefato Tipo: raspador vertical.....	49
Figura 52: Croqui Sepultamento 9.....	51
Figura 53: Seta amarela indica o giro da diáfise do fêmur que ficou com a parte anterior virada para a lateral do corpo.....	52
Figura 54: A posição das costelas indica um efeito parede que condicionou o membro direito ficar sobre elas – seta amarela. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	54
Figura 55: Seta amarela indicando a mão sobre a pelve. Circulo amarelo sinaliza a área que está com o ocre nos membros inferiores.....	55
Figura 56: Peça: 762 Família: Elaborados Classe: bola.....	55
Figura 57: Sepultamento 10 indicado pela seta vermelha e sepultamento 9 indicado pela seta azul.	57
Figura 58: Sepultamento 10. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014; foto acervo GRUPEP/Arqueologia.....	58
Figura 59: Sepultamento 10 representados no perfil C Norte e no perfil C Sul. Fonte: Adaptado de Farias, 2014. ..	59
Figura 60: Detalhe em azul para a mão, e em amarelo para o antebraço deslocado.	60
Figura 61: Peça: 767 Família: Elaborados Classe: risolis.....	63
Figura 62: Peça: 768 Família: Elaborados Classe: chapeleta dupla.....	63
Figura 63: Peça: 793 Família: Elaborados Classe: indefinido	63
Figura 64: Peça: 774 Família: Manos Classe: polidor	63
Figura 65: Peça: 801 Família: Manos Classe: polidor	64
Figura 66: Peça: 782 Família: Manos Classe: disco	64
Figura 67: Vértebra de cetáceo polida – face dorsal.....	64
Figura 68: Vértebra de cetáceo polida – face ventral	64
Figura 69: Sepultamento 11. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014; foto: GRUPEP/Arqueologia.....	66
Figura 70: Sepultamento 11, nível 18. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.....	67
Figura 71: Sepultamento 11, setas da imagem a direita indicam a tibia mais baixas em relação ao pé. A imagem da esquerda mostra o ocre nos ossos dos pés.	69
Figura 72: Altimetria do sepultamento 11.....	70
Figura 73: Peça: 847 Família: Basais Classe: Almofariz côncavo	71
Figura 74: Peça: 847 Família: Gumes Transversais Classe: lâmina	71
Figura 75: Peça: 804 Família: Depressões Cupuliformes Classe: s/d.....	72
Figura 76: Peça: 818 Família: Depressões elaborados Classe: bola	72
Figura 77: Peça: 847 Família: Elaborados Classe: s/d.....	72
Figura 78: Peça: 847 Família: Fragmentos Classe: bipolar	72
Figura 79: Peça: 811 Família: Lascados Classe: artefato Tipo: bico	73
Figura 80: Sepultamento 11 antes de ser totalmente escavado.....	73
Figura 81: Sepultamento 12 e Sepultamento 13. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	77
Figura 82: O esquema indica os sepultamentos 12 e 13, e a deposição primária do 8 e a redeposição do sepultamento 8 ao lado do 12.	78

Figura 83: Sepultamento 13 – seta amarela indica as costelas com efeito parede, sobre o úmero esquerdo	79
Figura 84: Seta amarela indica o efeito parede no úmero esquerdo do sepultamento 12	79
Figura 85: Altimetria dos sepultamentos 12 e 13. Croqui: Adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia	80
Figura 86: Peça: 849 (sepultamento 12) Família: Elaborados Classe: espatuliforme	81
Figura 87: Peça: 851 (sepultamento 12/13/8) Família: Gumes Transversais Classe: lâmina	81
Figura 88: Sepultamento 15, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.	83
Figura 89: Sepultamento 15, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.	84
Figura 90: Sepultamento 16, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.	89
Figura 91: Sepultamento 16, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.	90
Figura 92: Estrutura de combustão no nível 19, acima do sepultamento 16.	92
Figura 93: Destaque para adorno lítico – indicado no círculo amarelo.	93
Figura 94: Adorno lítico associado ao sepultamento 16. Escalas 1 cm. Foto: GRUPEP/Arqueologia	93
Figura 95: Destaque para conchas <i>Anadara</i> sp. - indicado no círculo amarelo. Foto: GRUPEP/Arqueologia	93
Figura 96: Sepultamento 20. Deformação na região posterior do fêmur direito. Foto: GRUPEP/Arqueologia	95
Figura 97: Sepultamento 20. Fonte: croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	96
Figura 98: Sepultamento 20 escavado em laboratório. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	97
Figura 99: Sepultamento 20 sendo preparado para retirada em bloco. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	100
Figura 100: sepultamento 20. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	100
Figura 101: sepultamento 20 com proteção de madeira para retirada do sítio. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	100
Figura 102: Sepultamento 20, seta vermelha indicando o sedimento concrecionado no osso. Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	100
Figura 103: Nuvem de pontos do sepultamento 20. Fonte: Farias, 2014 - GRUPEP/Arqueologia.....	101
Figura 104: Gráfico de temperatura, relacionando cor e altimetria mostra as diferentes elevações da deposição do indivíduo.....	101
Figura 105: ossos dos pés do sepultamento 20.....	101
Figura 106: A tíbia e a fíbula direita e os pés (direito e esquerdo) não encontrados durante a escavação.	104
Figura 107: ocre se mistura com o sedimento de coloração escura na região lateral esquerda, Foto: GRUPEP/Arqueologia.....	109
Figura 108: fragmentos de ossos longos avulsos. Foto: GRUPEP/Arqueologia	109
Figura 109: Seta vermelha indica osso avulso entre as costelas do sepultamento 23. Foto: GRUPEP/Arqueologia	110
Figura 110: Rachaduras no bloco. Foto: GRUPEP/Arqueologia	110
Figura 111: Membro superior esquerdo mais elevada em relação ao lado direito	111
Figura 112: Afundamento no eixo sagital, principalmente na região pélvica – vista lateral esquerda.....	111
Figura 113: Afundamento no eixo sagital, principalmente na região pélvica - vista lateral direita	111
Figura 114: Região do joelho mais elevado em relação ao crânio – vista lateral esquerda.....	112
Figura 115: Região do joelho mais elevado em relação ao crânio – vista lateral direita.....	112
Figura 116: Membro superior esquerdo mais elevada em relação ao lado direito	112
Figura 117: Contas de <i>Olivella</i> sp. sobre o sepultamento 23. As imagens demonstram as <i>Olivella</i> sp. Aparecendo na medida em que o sepultamento estava sendo escavado.....	113
Figura 118: Contas queimadas	113
Figura 119: Conjunto de 35 adornos feitos em <i>Olivella</i> sp. encontrados no sepultamento 23.....	114
Figura 120: <i>Olivellas</i> sp. Abaixo do crânio.	114
Figura 121: Adornos em <i>Olivella</i> sp. do tipo simples sem ápice e com perfuração (acima) e do tipo simples sem ápice, com padrão de quebra em “degrau” na região da volta da concha (abaixo). Fonte: Cardoso (2019)	115
Figura 122: Proporção de <i>Anomalocardia flexuosa</i> por nível.	116
Figura 123: Adorno em concha do tipo discoide simples. Fonte: Cardoso (2018).	116
Figura 124: Os croquis representam os vestígios encontrados a cada etapa de escavação, porém algumas etapas intermediárias não foram ilustradas.....	117

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Líticos associados com sepultamento 3.....	13
Tabela 2: Líticos associados ao sepultamento 5 [24-25].....	21
Tabela 3: Lítico associado ao sepultamento 6.....	31
Tabela 4: Lítico associado ao sepultamento 7 e 21	42
Tabela 5: Líticos associados ao sepultamento 8 *	48
Tabela 6: Lítico associado ao sepultamento 10.....	62
Tabela 7: Lítico associado ao sepultamento 11	71
Tabela 8: Lítico associado aos sepultamento 12/13/8	81
Tabela 9: Lítico associado ao sepultamento 15.....	87
Tabela 10: Lítico associado ao sepultamento 16.....	93
Tabela 11: Quantidade de valvas perfuradas de <i>Anomalocardia flexuosa</i> por nível do bloco.....	115

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 3

Quadra: C4/C5

Nível: 17

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 3

1. Sexo: Indeterminado | Indicadores: A idade não possibilita estimar o sexo

2. Idade: 9 anos ± 18 meses

Indicadores - Dentes: nascimento alveolar e clínico, fechamento de ápice (referência tabela de regressão de Liversidge - 1998”). As epífises dos ossos não estão fusionadas (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994)

Ver parâmetros detalhados no anexo 3.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 3

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - magnética: sudeste | geográfica: mar aberto

5. Orientação da face - Magnética: Sudoeste (com dúvida) | Geográfica: Lagoa de Santo Antônio

Obs: A orientação do esqueleto foi corrigida em relação ao que estava descrito na ficha de campo, pois observando croquis e fotos o sepultamento se encontravam em uma relação oposta do que foi descrito em campo. A orientação da face está em dúvida pois o esqueleto poderia estar com a face para cima, mas devida ao grande quantidade de quebras e informações existentes não é possível afirmar a posição.

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros: a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido | Posição dos pés: Não definido

b. Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo | Superior direito: estendido ao lado do corpo

Descrição da posição das mãos: Mão esquerda sobre a pelve esquerda, mão direita sobre a pelve direita

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): Sem sepultamento múltiplo.

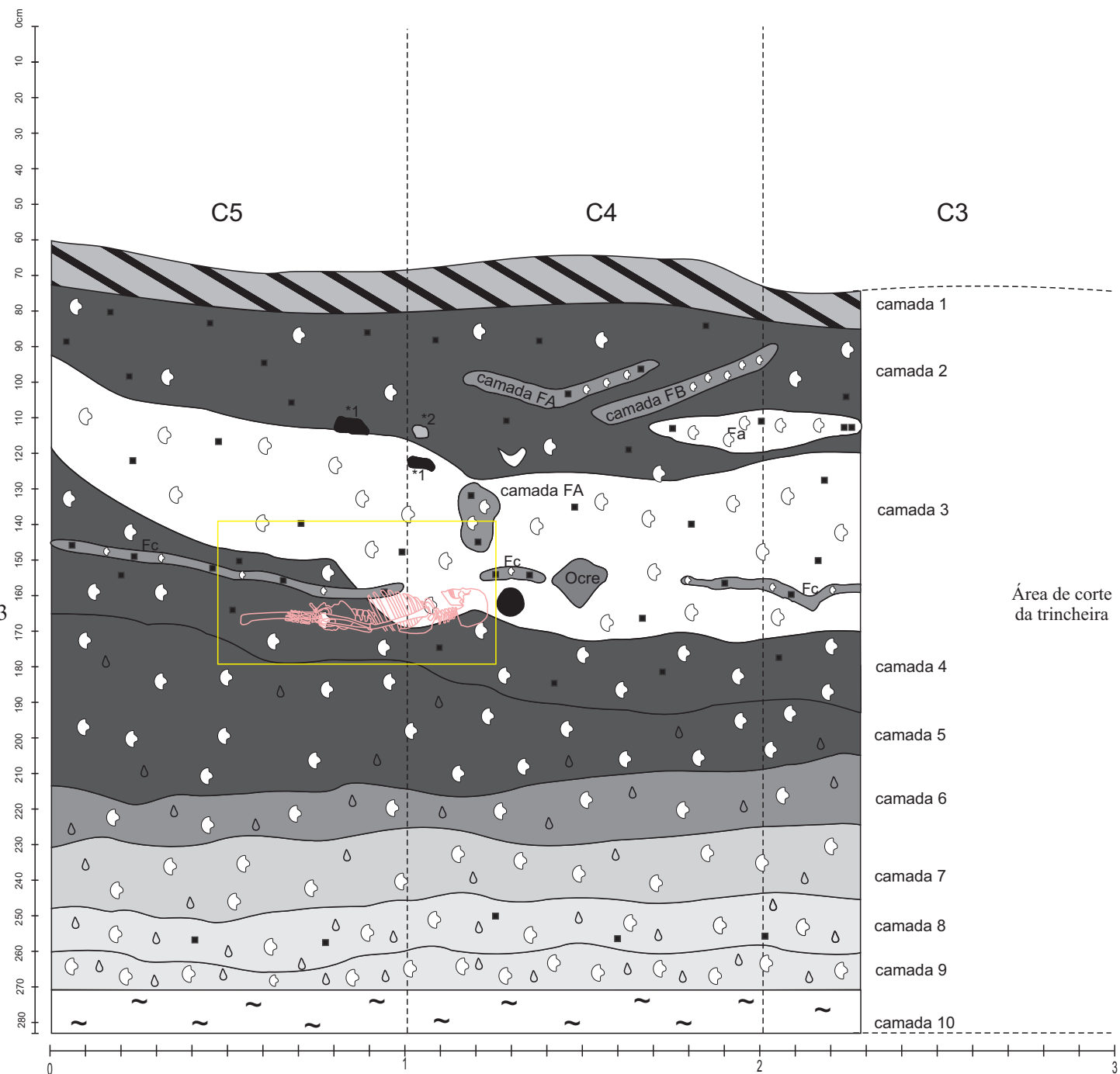
11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: Comprimento máximo 100cm; largura máxima 28cm.

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

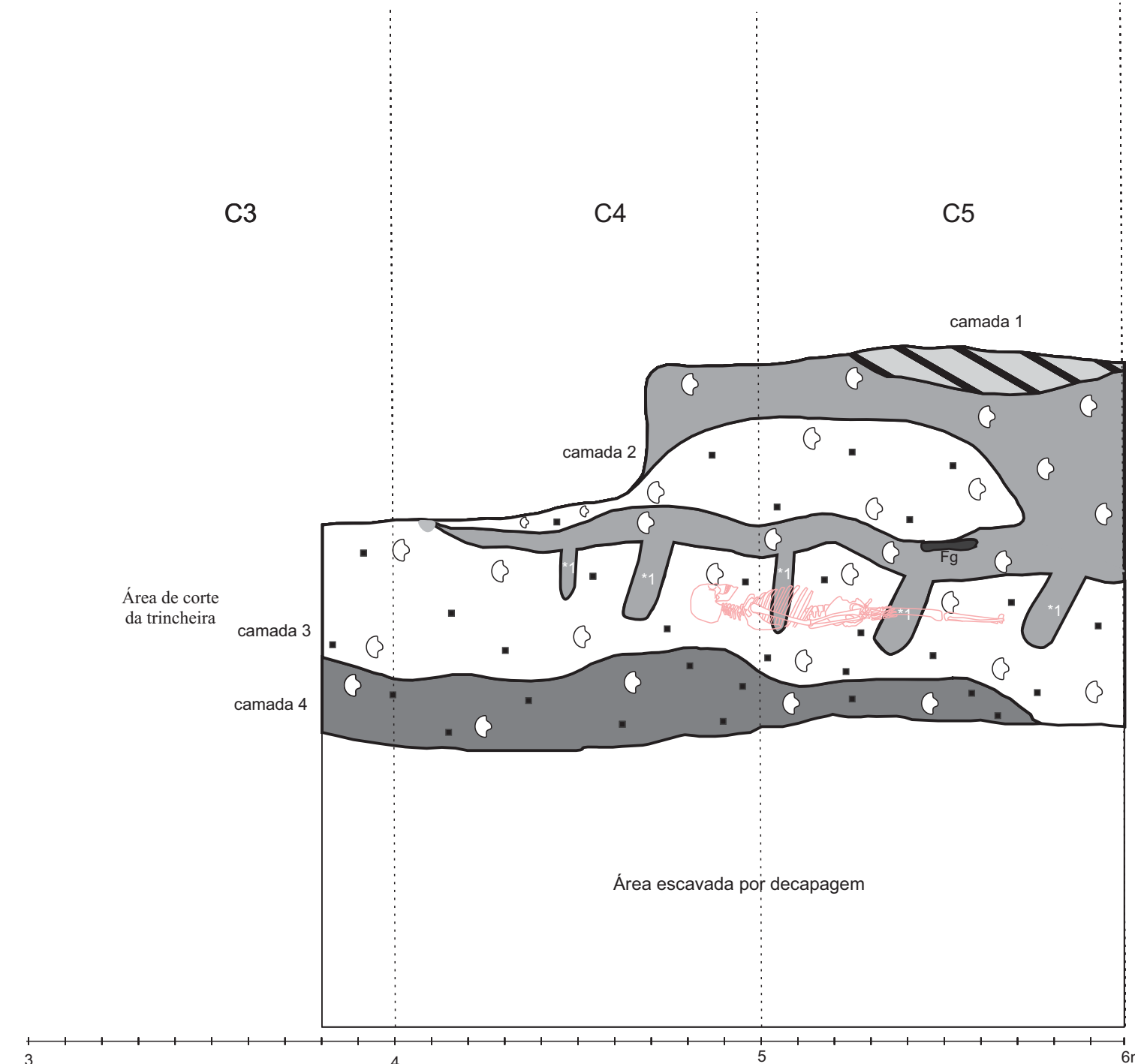
Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 3

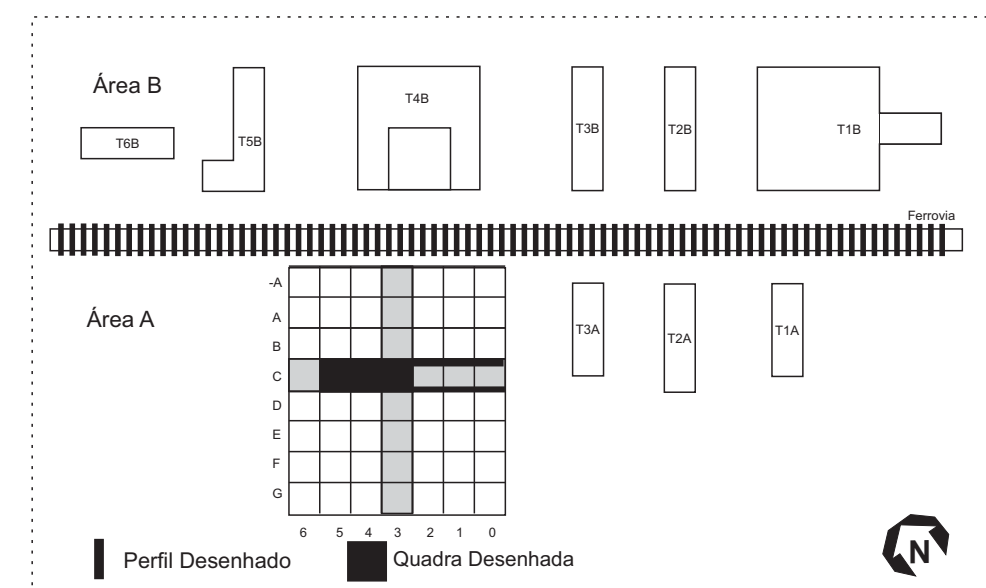
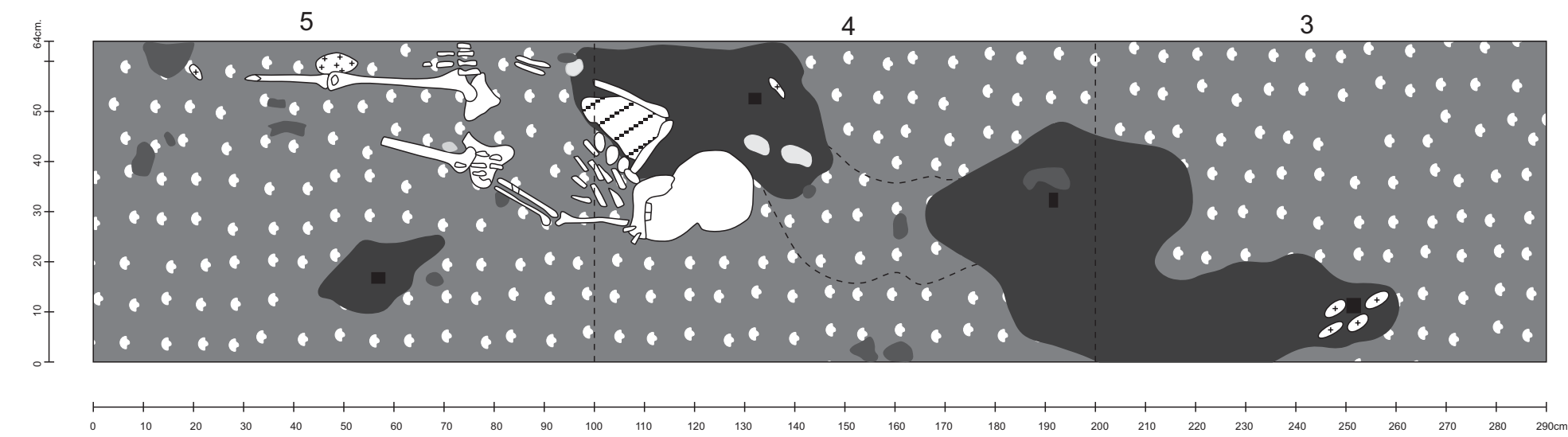
Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Norte
Quadras C5, C4, C3



Área A - Perfil C - Parede Sul
Quadras C3, C4, C5



Quadrícula C5/C4/C3 - Sepultamento 3 - Nível 17



Legenda - Perfil

- Anomalocardia flexuosa*
- Carvão
- Umidade
- Marca de estaca

Legenda - Quadra

- Fauna
- Osso fragmentado
- Material lítico arqueológico
- Mancha pouco densa
- Sedimento arenoso de coloração cinza escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Ocre
- Fauna miúda
- Concentração de carvão
- Amostra para zooarqueologia

Figura 1: Croqui vertical e horizontal do Sepultamento 3. Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 3

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos.

13. Perda de conexão anatômica: Os ossos estão frágeis e bastante quebrados, do crânio restou apenas alguns fragmentos, os ossos longos estão com partes faltantes além das quebras, as vértebras estão fragmentadas e no geral estão presentes os arcos vertebrais. A pelve, assim como as costelas, também não está inteira.

O úmero, ulna e rádio direito e esquerdo, e as mãos estão em posição anatômica esperada, mas não estão em conexão anatômica estrita devido a quebras nas extremidades proximais e distais dos ossos.

Da tíbia e fíbula esquerda, e pés não foram identificados fragmentos.



Figura 3: Sepultamento 3 – os círculos amarelos indicam ausência de parte da diáfise (terço distal) do fêmur esquerdo, da tíbia e fíbula esquerda. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 2: Sepultamento 3 – o círculo amarelo indica o sedimento remexido. Foto: GRUPEP/Arqueologia

14. Integridade da estrutura funerária: entre a região da ulna e rádio direito, em direção a pelve e os membros inferiores, o sedimento está com uma coloração escura, o que poderia ter sido causado por algum tipo de animal/inseto.

Descrição analítica

Da parte distal do úmero direito e região proximal da ulna e rádio direito em direção as vértebras lombares e região pélvica partes de ossos estão faltando, essa ausência pode ter ocorrido por um processo tafonômico, assim como a ausência de parte da diáfise (terço distal) do fêmur esquerdo, da tíbia e fíbula esquerda (Figura 3). Essa perda tafonômica não é evidente porque os ossos estão com muita quebra recente. Mas, talvez em campo tenha sido recuperado fragmentos da tíbia e fíbula esquerda que estão descritas na ficha de campo como ausentes, ou até mesmo poderiam estar em estágio de decomposição, friáveis/pulverulentos e/ou ossos amolecidos/pastosos e por isso não foram resgatados.

Contudo, nos ossos existem marcas de formigas muito sutil, a mais evidente está na fíbula direita. O sedimento visto pelas fotos sugerem que poderia ter um formigueiro entre a região da ulna e rádio direito, em direção a pelve e os membros inferiores (Figura 2), o que poderia ter remexido e também causado a perda dos ossos.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 3

Medidas da cova: 150cm de comprimento, 60 cm de largura e 20cm de espessura

Descrição da cova: O sedimento presente na cova era do tipo arenoso com conchas e ocre, de coloração cinza escura. A cova era rasa com blocos de pedras sob sepultamento, muitas conchas por todo corpo, recobertas por ocre. A sensação era que o ocre foi espargido em toda a superfície do sepultamento. No entorno do sepultamento 03 observou-se três concreções apresentando estruturas de combustão, com presença de fauna, conchas e ocre. A fauna estava em toda cova, eventualmente aparece fauna graúda. Uma concreção estava na altura da perna e outra na altura da cabeça.

Tipo: Primário/Simples

Medidas do indivíduo: 100cm de comprimento 28 cm de largura.

Ossos articulados

Posição do corpo: estendido | Mãos: esquerda sobre a pelve e direita sobre e ao lado da pelve/fêmur

Membros superiores: direito e esquerdo estendido

Posição dos membros inferiores: esquerdo e direito estendidos | Pés: Ausente

Orientação do corpo - Crânio/pelve: noroeste | Face: sudoeste

Crânio - nível (z) mais elevado: 7cm | nível (z) mais baixo: 3cm

Pelve - nível (z) mais elevado: 3cm | nível (z) mais baixo: 1cm

Sexo: indeterminado | Estimativa de idade: criança. Observado estrutura pequena e dentes decíduos

Paleopatologia: fratura in vivo. Na tibia esquerda foi verificado uma cicatrização dos ossos na altura da patela, isso ocorreu devido a alguma fratura (ver foto, pois na retirada o osso se fragmentou).

Paleopatologias bucais: desgaste leve, periodontite leve, não possui caries. Obs: aparentemente não há desgaste

Pigmento: ocre espargido por toda área do sepultamento, recobrindo os ossos e a superfície de entorno, observou-se concreção no crânio, na altura da pelve, no lado esquerdo e direito do braço.

Mobiliário funerário: carvão, concreções de conchas, fogueira, artefato, ocre, peixes (fauna miúda e conchas espalhadas por toda a área do esqueleto em alguns pontos aparece três quartzo leitoso próximo ao braço direito

Coletas especiais: datação (costelas), pigmento (mancha 4), paleoparasitologia – sacro, crânio, interior dos ossos

Base da cova: observa-se uma espécie de “travesseiro” de conchas na parte do crânio, após retiramos o esqueleto observa-se uma densa concreção de fauna miúda e graúda, pedras de fogueira e alguns artefatos polidos em pedra e osso, a base do sepultamento estava repleta de ocre e carvão.

Agentes tafonômicos: Antrópico

Obs gerais: o indivíduo, criança de pelo menos sete anos estava estendido, com as mãos sobre as pernas, sem nenhum tipo de adorno, apenas ocre espargido por toda área sepulcral, com muita densidade no crânio, a face parece estar voltada para sudoeste, mas a movimentação pós morte pode ter dado essa impressão, pois observou-se que a mandíbula estava deslocada em relação ao crânio e que a escápula ficou no lado direito e as costelas do lado esquerdo. Esse indivíduo estava com a cabeça mais alta em relação ao resto do corpo, ao ser retirado observou-se a presença de uma aglomeração de conchas fechadas com ocre e fauna abaixo do crânio, parecendo um “travesseiro” que eleva o indivíduo. Os pés não foram encontrados.

Localização e estratigrafia

O sepultamento estava localizado nas quadras C4 e C5 no nível 17 (160 – 170cm de profundidade). De acordo com a descrições dos perfis no relatório de campo a camada em que o sepultamento está inserido é formada por uma camada concrecionada com conchas *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, com poucos ossos miúdos de fauna, pouquíssimos fragmentos também miúdos de carvão. Sedimento marrom escuro bastante compactado. As fichas de registro relatam que em volta do sepultamento havia três estruturas de combustão concrecionadas compostas por fauna, concha e ocre, uma localizada a aproximadamente 15 centímetros do fêmur esquerdo, outra ao lado direito do crânio se estendendo até escápula e úmero direito, a terceira estrutura estava na extremidade sudeste da quadra C4 indo em direção ao quadrante C3 (Figura 1). Apesar das descrições não indicarem grande quantidade de carvão associado a essas estruturas, e nas imagens estas estruturas não estarem claras, podemos levantar como hipótese que essa área foi preparada com produto de fogueira, ou associada a um local de fogueira. O que corrobora com essa ideia é a alta frequência de *fire-cracked rocks* (FCR) identificados na análise lítica (Farias, 2014), que somam 18 líticos. Segundo registro de ficha de campo havia materiais líticos abaixo do sepultamento, no entanto, não há registro fotográfico ou croquis que mostram a disposição desse material.

Vale considerar que os ossos deste indivíduo não possuem marcas de queima visível.

Características do enterramento

A posição dos ossos apendiculares superiores e inferiores e a região torácica remetem um sepultamento em posição dorsal e estendido, características que indicam um sepultamento primário, inferido pela posição dos ossos que estão em relação anatômica esperada com conexões das articulações menos lábeis mantidas, e simples por haver apenas um indivíduo na sepultura.



Figura 4: Sepultamento 3: Seta amarela indica o efeito na região superior direita.

A região do lado direito está mais elevada em relação ao lado esquerdo do corpo, principalmente na parte superior, apresentado um efeito parede, sem constrição lateral (Figura 4).

Segundo a ficha de sepultamento o crânio está mais elevado do que o restante do corpo, apoiado sobre uma camada de *Anomalocardia flexuosa* fechadas com alta concentração de ocre, esse corante vermelho também está cobrindo o sepultamento, com maior concentração pelo crânio e úmero direito.

A fauna, com base na análise geral descrita no relatório (Farias, 2014), diferente de *Anomalocardia flexuosa*, havia esporões e dente de raia, vértebras de peixe cartilaginoso, fêmur de mamífero terrestre, fragmentos de concha gastrópode (*Thais haemastoma*), e apenas 1 artefato elaborado com osso de mamífero (Figura 5).



Figura 5: Artefato elaborado em osso de mamífero

Os vestígios líticos identificados, de acordo com Farais (2014), foram:

Tabela 1: Líticos associados com sepultamento 3

Artefato (Família/Classe/Tipo)			Quantidade
Elaborados	bola		2
FCR	sem descrição		18
Fragmentos	artefato		1
Fragmentos	sem descrição		11
Fragmentos	fragmento de seixo		2
Fragmentos	lasca		1
Fragmentos	fragmento de artefato		7
Lascados	fragmento de lasca		3
Lascados	lascas		7
Lascados	artefato	buril discoide bico raspador vertical raspador lateral duplo	5
Manos			2
Manos	batedor/raspador		1

Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

A tabela acima inclui todos os vestígios líticos, considerando os não acompanhamentos, que são os FCR que somam 18 líticos, 11 fragmentos sem descrição, 2 fragmentos de seixo, 8 lasca, 3 fragmentos de lasca.

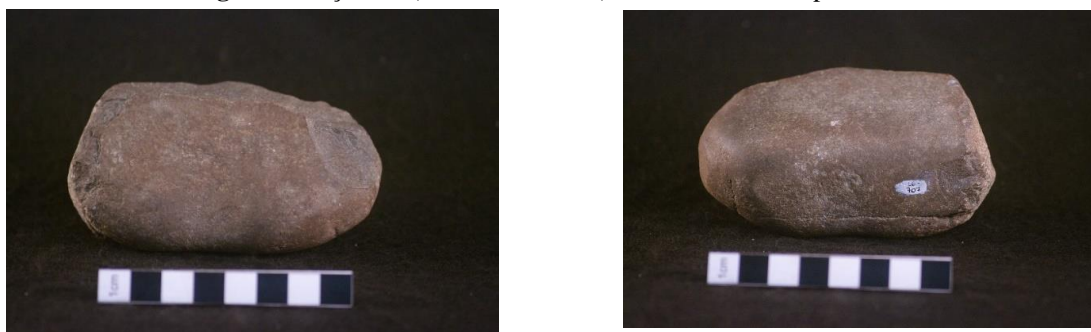
Há também uma grande quantidade de artefatos considerados como acompanhamentos funerários, que totalizam 18 objetos, abaixo segue alguns exemplares dessa coleção. Cabe ressaltar que um dos artefatos da família elaborado da classe “bola” sofreu prática de Killing (Farias, 2014).

Figura 6: Peça 674 | Família: elaborados | Classe: bola



Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 7: Peça: 707 | Família: manos | Classe: batedor/raspador



Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 9: Peça: 673 | Família: lascados | Classe: artefato |
Tipo: buril



Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 8: Peça: 709 | Família: lascados | Classe: artefato |
Tipo: raspador vertical



Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 10: Peça: 701 | Família: manos | Classe: s/d



Fonte: acervo GRUPEP/Arqueologia

A ficha de campo ainda descreve uma fratura in vivo na tíbia esquerda. De acordo com o registro foi verificado uma cicatrização do osso na altura da patela e que isso ocorreu devido a alguma fratura, e faz indicação para ver o registro fotográfico pois o osso se fragmentou durante a retirada. No entanto, essa foto não foi identificada no acervo fotográfico, o que impossibilitou analisar a indicação, já que os ossos fragmentados não possibilitam a análise.

O sepultamento 3 está junto ao perfil C Norte (figura 1), este perfil não possui indicativo de interrupção na camada, o que se vê no perfil entre as quadras C4 e C3 (destaque em amarelo) que remete a uma interrupção não confere com a área de deposição do corpo, que é mais ampla, como se pode observar na representação do local que o corpo ocuparia.

Não se percebeu diferença/interrupção na camada onde o corpo está depositado, mas há uma feição que cobre a região superior do sepultamento, perceptível no croqui, que segue as quadras C5, C4, C3 (Parede Norte) e C2, C1 e C0 (Parede sul), descritas em relatório como feição concrecionada com carvão e poucas conchas *Anomalocardia flexuosa* (Farias, 2014).

No perfil C Sul (figura 1) há presença de marcas de estacas, que podem estar associadas ao sepultamento 3, mesmo que o indivíduo esteja mais próximo ao perfil C Norte, a distância entre os perfis é de 60 cm, estando o sepultamento próximo aos dois perfis.

Em certa medida a camada 4 (a qual está inserida o sepultamento), sobe para o Leste e Oeste, pode-se levantar alguns acontecimentos para esse momento: 1 – Um evento estava ocorrendo na camada que sobe em direção as quadras C5(Oeste) e C0 (Leste) podendo ser contemporâneos, e na região central, quadras C2, C3, C4, C5, o episódio foi recoberto em outro momento; ou, 2- houve um fechamento generalizados dessas áreas.

O registro nos indica que há uma cova rasa, ou a junção de *mounds*, e com isso intervenções profundas na estratigrafia não existem, apenas um preparo do que já existia e o recobrimento do corpo ao final.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçada

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçada, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 5 | 24 | 25

Quadra: D2

Nível: 15

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 5

1. Sexo: Feminino

Indicadores: Características da pelve (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

2. Idade: 15-17 anos

Indicadores: Características da dentição e fusão dos ossos: 3º molar está com ápice fechado e com polimento no esmalte; capítulo do úmero fusionado; distais de ulna e rádio abertas; anéis vertebrais ausentes; linha de fusão da cabeça do fêmur visível, epífise e tuberosidade parcialmente fusionada; crista ílfaca ausente (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 5

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. múltiplo de três indivíduos

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - Magnética: Norte | Geográfica: Lagoa do Imaruí

5. Orientação da face: não é possível observar (sem crânio)

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido

Descrição da posição dos pés: Não é possível observar

b. Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo | Superior direito: não é possível observar

Descrição da posição das mãos - Esquerda: na direção da pelve, mas distante; Direita: não é possível observar.

8. Associação com outros esqueletos: sepultamento 24 e 25

b. Qual associação: Estão entre os fêmures do indivíduo 5

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura):

Comprimento máximo 150cm; largura máxima 60cm;

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

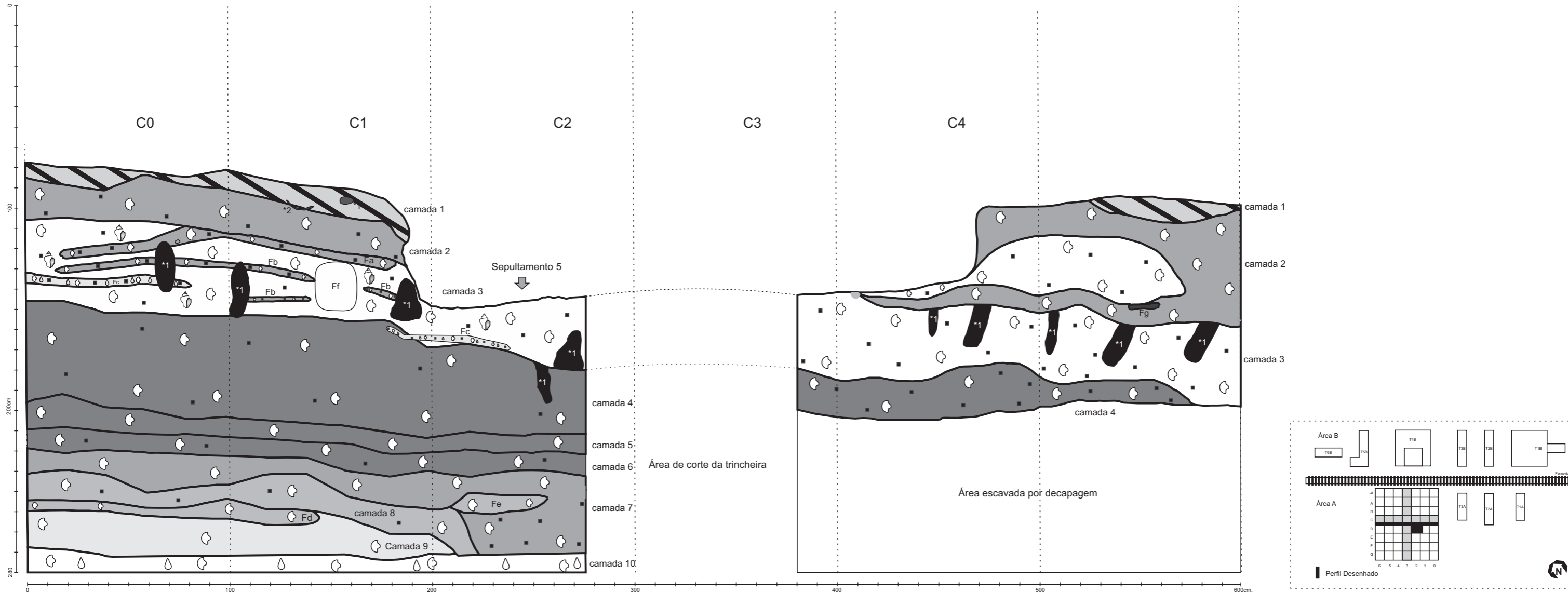
Comprimento máximo 150cm; largura máxima 60cm;

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

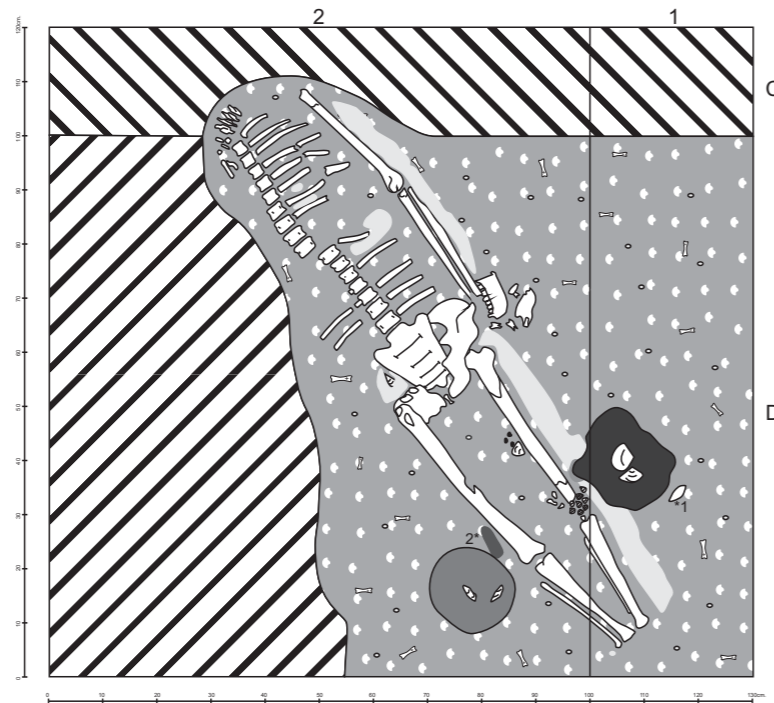
Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 5

Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Sul
 Quadras C5, C4, C3, C2, C1, C0



Quadrícula D2/D1 - Sepultamento 5 - Nível 15



Legenda - Quadra:

- Sedimento arenoso composto por *Anomalocardia flexuosa* fauna e ocre de coloração avermelhada
- Concentração de Ocre
- Região elevada com um concentração de carvão e conchas bivalvis
- Região com fauna, conchas do tipo *Anomalocardia flexuosa* abertas e fechadas
- Trincheira Leste / Oeste
- Trincheira Norte / Sul
- Carvão
- Osso
- Material lítico arqueológico
- *1 Osso de cetáceo polido - possível espátula
- *2 Artefato lítico - Peça 734

Legenda - Perfil

- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade
- Gastrópode

Figura 11: Sepultamento 5, croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 5

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos; deslocamentos; ossos friáveis/pulverulentos;

13. Perda de conexão anatômica: Vértex.

14. Integridade da estrutura funerária: O crânio e o membro superior direito não está presente, assim como os pés. Os registros de campo não mencionam perturbações que envolvam o sedimento no entorno do sepultamento, e pelas fotos não é possível constatar alterações.

Descrição analítica

Os ossos deste sepultamento estavam bem frágeis, com bastante quebras. O local que estaria o crânio foi cortado pela trincheira leste/oeste (Figura 13), não é possível determinar se o crânio estava fragmentado e acabou passando despercebido na abertura da trincheira ou se realmente não estava presente anteriormente, no entanto a mandíbula estava deslocada, acima da mão esquerda. As costelas direita e o membro superior direito também não estão presentes, da mesma forma que o crânio, passou uma trincheira(norte/sul) neste local, talvez esses ossos tenham passado despercebido na escavação. Em laboratório foi procurado por esse material nos pacotes relacionado ao sepultamento e quadras adjacentes recolhidos em campo, mas nada foi encontrado.



Figura 13: Sepultamento 5, Trincheira Norte/Sul e Trincheira Leste/Oeste.
Foto: GRUPEP/Arqueologia

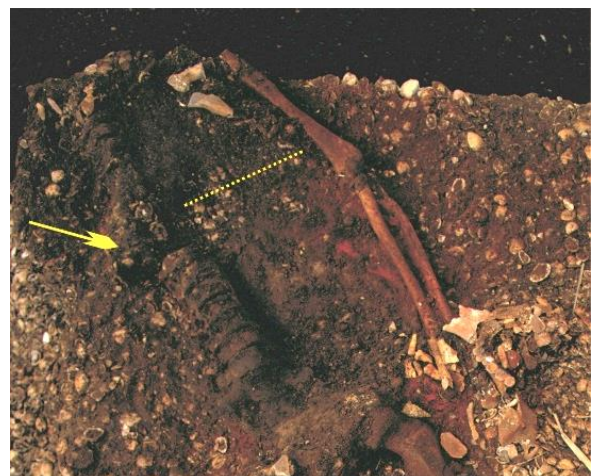


Figura 12: Sepultamento 5, seta amarela indica o deslocamento das vértebras. Linha pontilhada indicando o membro superior esquerdo elevado/inclinado.
Foto: GRUPEP/Arqueologia

A coluna vertebral entre a décima e décima primeira vértebra torácica está deslocada para a direita, assim como os membro superior esquerdo está deslocado e longe da posição anatômica esperada. Apesar de não ter altimetria do sepultamento é possível perceber que a região dos ossos superiores esquerdos está mais elevada/inclinada em relação a região direita (figura 12), talvez isso tenha contribuído para a posição afastada que os ossos foram encontrados.

Mesmo com a presença dos fêmures, tíbias e fíbulas os pés não foram encontrados durante a escavação. Em laboratório foi triado o sedimento associado ao sepultamento 5 e apenas alguns ossos do tarso dos pés foram identificados.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 5

Medidas da cova: comprimento 150cm, largura 60cm, espessura 30cm

Descrição da cova: No entorno do esqueleto verificou-se presença de artefatos líticos, em osso polido, muitas conchas *Anomalocardia flexuosa* abertas e fechadas com outra espécie de molusco associados entorno. Observou-se muito ocre espargido em todo o corpo e entorno levantando/formando uma camada arenosa misturada com conchas de coloração avermelhada. Observa-se que próximo as patelas direita e esquerda duas pequenas estruturas de combustão com ossos, conchas diferentes de *Anomalocardia flexuosa* e artefatos. O indivíduo não possui crânio nem pés.

Tipo: Primário

Medidas do indivíduo - Comprimento: 150cm, largura: 60cm

Articulação dos ossos: Articulado

Posição do corpo: estendido

Membros superiores: estendido ao longo do corpo, o braço direito não aparece na sepultura.

Mãos: mão esquerda próxima a pelve

Posição dos membros inferiores Pernas estendidas | Pés: Ausente

Orientação do corpo - Crânio/Pelve: Norte | Face: ausente

Profundidade do sepultamento - Superior: Pelve 30cm | Inferior: Pelve 30/20cm

Sexo: Masculino | Obs: Pelve

Estimativa de idade Indeterminado

Paleopatologia: Não avaliado | Paleopatologias bucais: Não identificado

Pigmento: Ocre | Obs: Ocre em grande quantidade espalhado por todo o corpo

Mobiliário funerário: Carvão, estrutura ou concentração de conchas, fogueiras, artefatos, outros: Artefatos líticos e em osso

Estaca: não

Coletas especiais - Datação → Tipo de material: sedimento e costelas → Proveniência: entorno do indivíduo

Localização do pigmento: em torno do indivíduo

Paleoparasitologia – amostra de sedimento do sacro

Base da cova: recoberta de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteira com muitas fechadas, apresentando carvão e muito ocre. Apresenta alguns gastrópodes.

Agentes tafonômicos: não avaliado

Obs gerais: abaixo da pelve há muitas conchas de *Anomalocardia flexuosa* fechadas. No lado esquerdo entre a pelve e o braço esquerdo há um sedimento concrecionado, indicando queima.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

Sepultamento localizado na quadra D2, no nível 15 (150 a 160 centímetros), entre as trincheiras norte/sul e leste/oeste (figura 13).

A camada na qual o sepultamento faz parte, de acordo com os dados de campo (Farias, 2014), é formada por conchas de *Anomalocardia flexuosa* predominantemente inteiras e poucas fragmentadas, com valvas abertas e fechadas, com ossos miúdos de fauna, pouquíssimo carvão, e poucos gastrópodes, apresentando pouco sedimento arenoso, conchas soltas na camada, sem umidade, de cor marrom claro.

Já o sedimento próximo ao sepultamento possui conchas *Anomalocardia flexuosa* e sedimento de coloração avermelhada por causa da grande concentração de ocre que envolve o sepultamento. No entorno do indivíduo predomina as conchas, mas na parte interior a concentração de sedimento é maior, isso pode indicar o uso de um material, talvez cestaria, que envolvia o sepultamento e segurou as conchas para o lado de fora, facilitando apenas a entrada de sedimento.

Abaixo da pelve, segundo os registro de campo, havia muitas conchas de *Anomalocardia flexuosa* fechadas, no lado esquerdo entre a pelve e o braço esquerdo o sedimento estava concrecionado, indicando uma possível queima segundo interpretações de campo, contudo não há descrições dessa concreção que possa dar clareza do que se tratava sua composição, bem como os registros visuais não mostram essa característica.

Neste sepultamento foi realizado análise zooarqueológica por Jéssica Mendes Cardoso (Relatório – anexo 2 da Dissertação, volume 1), do material coletado em campo, bem como do sedimento que foi triado em laboratório. Foram analisados uma amostra de 1511 peças de material zooarqueológico, sendo que 90% se tratam de peixes ósseos, os identificados em pouca quantidade são peixes cartilagosos, fragmentos de ossos de mamíferos, ossos de aves, além de alguns fragmentos não identificado. Entre os peixes ósseos e cartilagosos foram identificados corvinas (*Micropogonias furnieri*), miraguaias (*Pogonias cromis*) e a pescada (*Cynoscion leiarchus*), bagres (família Ariidae), tainhas (*Mugil* sp.), sargos-de-dente (*Sparidae*, *Archosargus probatocephalus*), anchovas (*Pomatomidae*, *Pomatomus saltratrix*), robalos (*Centropomidae*, *Centropomus* sp.), Orthopristis ruber (*Haemulidae*), cações (*Carcharhinidae*) e raias (*Myliobatidae*, *Rhinoptera* sp.) De acordo com a análise de Jéssica M. Cardoso os resultados indicam que o sambaqui seria ocupado durante o ano todo, pois há espécies que ocorrem na região com maior frequência durante o outono e inverno (como as tainhas, anchovas e sargos) e espécies que ocorrem entre a primavera e o verão (como as corvinas, pescadas, bagres e robalos).



Figura 14: Materiais zooarqueológicos do sambaqui Cabeçuda, associados aos sepultamentos 5, 24 e 25 e 23 do Locus 6. a) otólito de *Micropogonias furnieri*; b) otólito de *Genidens genidens*; c) otólito de *Genidens barbatus*; d) otólito de *Cynoscion leiarchus*; e) otólito de *Orthopristis ruber*; f) opérculo de Ariidae; g) placa dentária de *Rhinoptera* sp.; h) dentário de *Genidens planifrom*; i) vértebra de Charcarinidae. Escalas 1 cm. Fonte: Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC). Anexo 2 da Dissertação - volume 1.

Síntese analítica do sepultamento

Características do enterramento

Este é o sepultamento com nível mais superficial de toda área escavada, está diretamente relacionando ao sepultamento 24 e 25. A datação para o indivíduo 5 é de 2797-3003 cal. AP.

Caracterizado como primário, pela visível conexão anatômica do indivíduo, múltiplo de três por haver dois outros indivíduo (sepultamento 24 e 25) entre os fêmures do sepultamento 5, e estendido em decúbito dorsal, por estar com a região da escápula em contato com o chão.

Os membros inferiores estão constrictos na região dos joelhos e na parte distal das tíbias e fíbulas (setas amarelas na figura 15), algum material pode ter sido utilizado com o propósito de deixar tais ossos contidos.

Os pés não foram encontrados em escavação, apenas identificados em laboratório como mencionado anteriormente.

O ocre está em grande concentração envolvendo todo o sepultamento, deixando ossos e conchas extremamente avermelhados.

O sepultamento possui acompanhamentos em ossos e em lítico. O artefato em osso estava na direção da tíbia e fíbula esquerda (seta branca, figura 15), acima das vértebras lombares (região do abdômen) havia um amontoado de ossos de fauna de mamífero (Figura 16).



Figura 16: Amontoado de ossos de fauna de mamífero acima das vértebras. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 15: Sepultamento 5, Artefato lítico e ósseo. Constrição dos joelhos. Foto: GRUPEP/Arqueologia

A análise do material zoológico feita por Jéssica M. Cardoso identificou 27 adornos elaborados em valvas de *Anomalocardia flexuosa* perfuradas próximas ao umbo – classificadas como pingentes (Figura 18). Os resultados das medidas dos pingentes demonstram que a maioria possui entre 11 e 14 mm de altura e 14 e 17 mm de espessura, o que pode ser um indicativo da seleção de conchas para confecção dos adornos destes sepultamentos (ver Gráfico 1 no relatório – anexo 2 - volume 1).

Esses adornos foram identificados durante a triagem do sedimento recolhido da escavação, por isso não sabemos a associação exata dos pingentes com o sepultamento, se de fato estava relacionada ao sepultamento 5 ou aos infantis – sepultamentos 24 e 25.

A análise de Cardoso identificou que o artefato que estava na direção da tíbia e fíbula esquerda (Figura 15) se trata de um osso de cetáceo modificado, classificado como um artefato ósseo - possível espátula, apresentando as seguintes medidas: 131 mm de altura, 28 mm de largura e 5,5 mm de espessura (Figura 17).

Síntese analítica do sepultamento



Figura 17: Osso de cetáceo polido, possível espátula. Encontrado junto ao Sepultamento 5. Fonte: Relatório de análise zooarqueológica associada aos sepultamentos humanos 5, 24, 25 e 23 (Locus 6) do sambaqui Cabeçuda (Laguna, SC). Anexo 2 da Dissertação - volume 1.

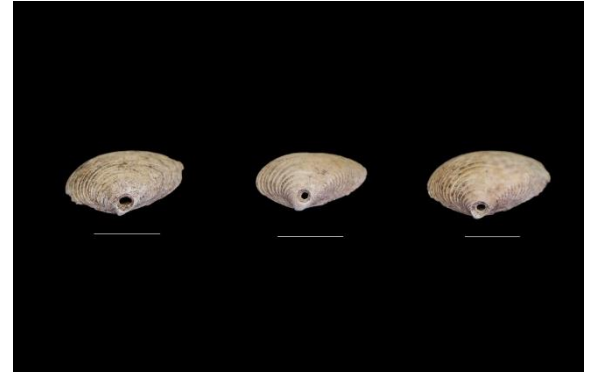


Figura 18: 27 adornos elaborados em a valvas de *Anomalocardia flexuosa* perfuradas próximas ao umbo. Escala 1 cm.

A coleção lítica encontrada nessa sepultura está demonstrada na Tabela 2, bem como nas figuras 19 a 22.

Tabela 2: Líticos associados ao sepultamento 5 [24-25]

Artefato (Família/Classe/Tipo)		Quantidade	
Depressões cupuliformes	duplo	1	
Elaborados	bola	2	
FCR	sem descrição	4	
Fragmentos	sem descrição	2	
Gumes transversais	lâmina	1	
Lascados	artefato	bico	1
Lascados	fragmento de lasca	4	
Lascados	sem descrição	1	
Lascados	lasca	2	

O artefato da família Gumes transversais, assim como da Depressões cupuliformes, as bolas da família Elaborados e o artefato do tipo bico da família dos Lascados, foram considerados acompanhamentos funerários, que somam ao todo 4 objetos, um deles estava ao lado do fêmur direito (seta vermelha figura 15). Já os líticos da família FCR não entraram na categoria de acompanhamento por estarem indiretamente associados ao sepultamentos, provavelmente diretamente relacionados a material provindo de fogueira. Os outros líticos da família Lascados e Fragmentos poderiam apenas ser componente do sedimento do entorno do sepultamento.

Figura 19: Peça: 732 | Família: depressões cupuliforme | Classe: duplo



Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Figura 20: Peça: 740 | Família: Elaborados | Classe: bola



Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 21: Peça: 740 | Família: Elaborados | Classe: bola



Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Figura 22: Peça: 734 | Família: Gumes transversais | Classe: lamina



Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Observando no desenho de perfil (C/Sul) o indivíduo encontra-se no meio da camada, não é possível perceber uma intervenção no terreno para o depósito (figura 11), como cortes na estratigrafia e nem mesmo que há uma junção de *mounds* que possa acomodar o indivíduo em uma cavidade. O que pode ter acontecido é apenas um preparo do terreno para o depósito do corpo sem cortes profundos no terreno.

Junto deste sepultamento passou despercebido durante a escavação a presença de dois indivíduos infantis que estavam na região entre os fêmures (setas amarelas, Figura 23), os ossos infantis foram inicialmente identificados em laboratórios junto aos ossos do sepultamento 5. Após essa primeira identificação todo o sedimento relacionado ao sepultamento 5 foi triado e desse processo foi retirado inúmeros ossos que correspondiam a ossos de bebês, posteriormente identificados como dois indivíduos, denominados de sepultamento 24 e 25, seguindo a sequência de numeração estabelecida em campo.

O sepultamento 24 possui ossos de um indivíduo com esqueleto praticamente completo, parte dos ossos estavam fragmentados, mas foi feita a reconstituição de alguns, com os ossos inteiros foram tomadas medidas de ossos longos, crânio, pelve e também dos dentes, para avaliar a idade. Para este indivíduo foi estimado idade de 36 semanas (intrauterino) a 1 mês (recém-nascido) – neonato.

O sepultamento 25 possui poucos ossos, estão presentes sobretudo ossos longos fragmentados. Devido a pouca quantidade de ossos a idade foi avaliada por comparação com o indivíduo 24, considerando um indivíduo por volta dos 3 meses (entre 1 mês e 3 meses) – lactente.

Síntese analítica do sepultamento

Os ossos dos dois também estão com coloração avermelhada, assim como toda estrutura funerária. Contudo, como não foram encontrados em campo não conseguimos identificar se estes eram sepultamentos primários ou secundários e em qual posição estavam. Mesmo os ossos entre os fêmures identificados na foto (Figura 23) poderiam não estar ali originalmente, sendo apenas um artifício da escavação.



Figura 23: Setas amarelas indicam ossos de bebês entre os fêmures do sepultamento 5.



Figura 24: Sepultamento 24 – Fêmur direito. Escalas 1cm.



Figura 25: Sepultamento 24 – Úmero direito. Escalas 1cm.



Figura 26: Sepultamento 25 – Fêmur esquerdo (fragmentado). Escalas 1cm.



Figura 27: Sepultamento 25 – Ulna esquerda (fragmentada). Escalas 1cm.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 6

Quadra: D2/D3/E2/E3

Nível: 23

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 6

1. Sexo: Masculino

Indicadores: Marcadores do crânio (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994): Comparativamente aos indivíduos femininos da série é bastante robusto, tálus grande, clavículas compridas pouco robustas, no entanto cabeça de fêmur grande; os aspectos gerais são masculinos.

2. Idade em anos: 25-30

Indicadores: Características ósseas da sínfise púbica - método Todd e Suchey-Brooks -, anéis vertebrais completamente fusionados e mostrando primeiros sinais de alteração degenerativa (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 6

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples;

4. Orientação do eixo cabeça/pelve: a. magnética: sul | b. geográfica: Lagoa de Santo Antônio

5. Orientação da face: a. magnética: leste | b. geográfica: Mar aberto

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito ventral

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido – no terço distal tíbias e fíbulas direita/esquerda estão cruzadas.

Descrição da posição dos pés: pé esquerdo sobre o direito, mas com ossos bagunçados.

b. Superior esquerdo: estendido ao longo do corpo | Superior direito: estendido ao longo do corpo

Descrição da posição das mãos: Mão direita abaixo da pelve; mão esquerda ao lado da pelve e fêmur

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): sem sepultamento múltiplo.

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo: 160cm | largura máxima: 37 cm

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 6
Locus 6 - Área A
Quadrícula D2/D3/E2/E3 - Nível 23

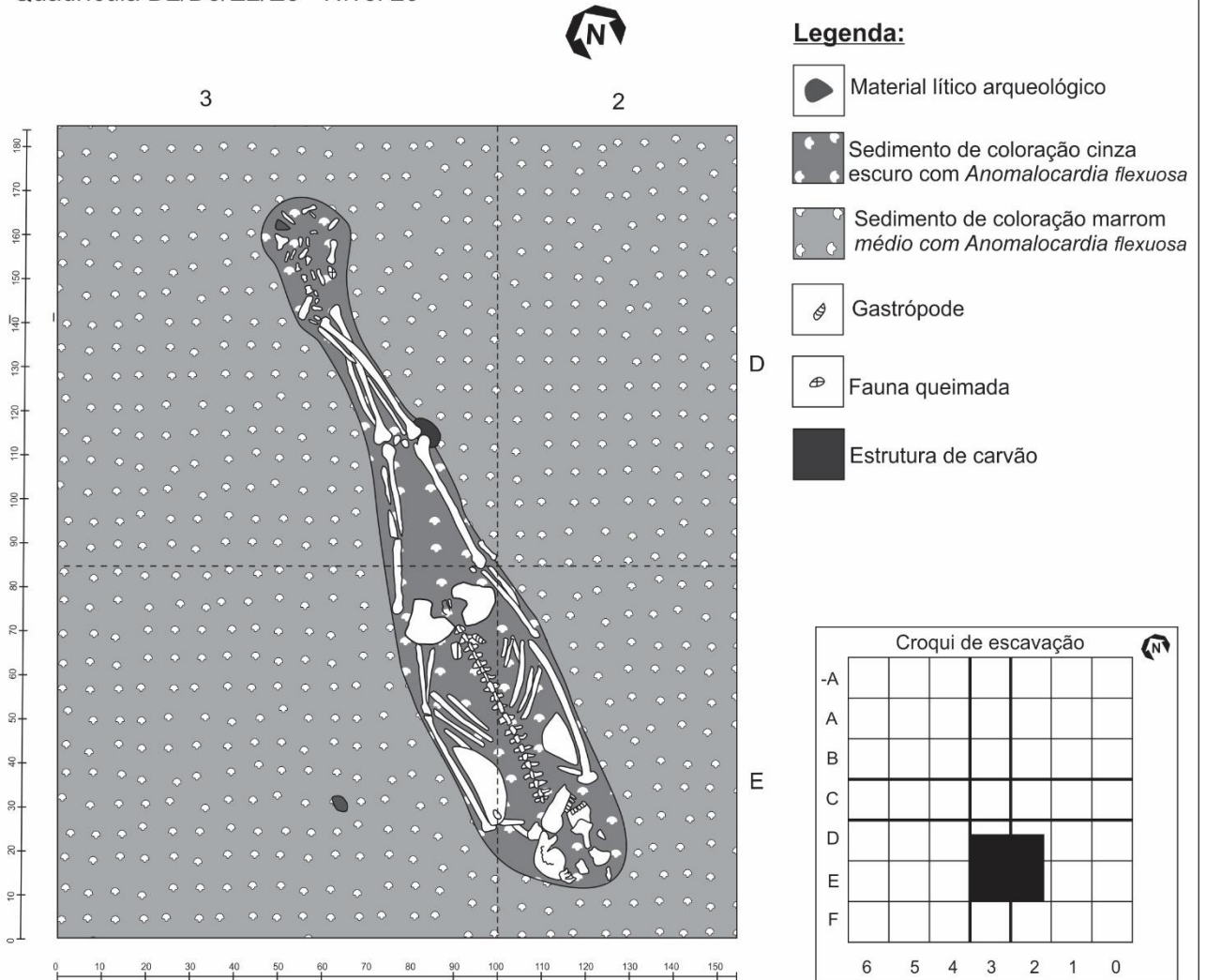


Figura 28: Sepultamento 6 – croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: acervo: GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 6

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos.

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: de maneira geral a estrutura está preservada.

Descrição analítica

O sepultamento está bem preservado apesar das quebras, que estão presentes principalmente no crânio e nos ossos inferiores.

O crânio foi escavado em laboratório, estava com a face virada para lado esquerdo, com a região esquerda exposta e fragmentado. Escavando foi possível perceber que os ossos: occipital E, parietal E, frontal E, maxila E, mandíbula E, e restante ossos da face do lado esquerdo estavam fragmentados dentro da cavidade craniana. Tal acomodação dos ossos dentro do crânio não aparenta ser ação de animal ou planta, pois os ossos não estão perturbados, é provável que tenha sido causado por uma ação antrópica por pressão pós depósito ou até mesmo pelo peso do sítio.



Figura 29: Sepultamento 6 – Crânio antes da escavação



Figura 30: Sepultamento 6 – Ossos da região esquerda do crânio dentro da cavidade craniana



Figura 31: Sepultamento 6 - Vertebrae cervicais em conexão.

O conjunto de ossos que compõe o indivíduo estão em conexão anatômica, aparentemente, através das imagens, não há perturbações no sedimento do entorno do sepultamento. Os registros de campo não descrevem alterações na estrutura funerária.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 6

Medidas da cova - Comprimento: 2,30 Largura: 1,10 Espessura: 30 cm

Descrição da cova: sedimento com predomínio de areia com conchas *Anomalocardia flexuosa*, predominantemente inteiras com algumas fechadas, ausência de fauna miúda e carvão em pouca quantidade. Apresenta alguns artefatos líticos, pouco ocre próximo ao crânio na altura dos olhos.

Tipo: primário e simples

Medidas do indivíduo: Comprimento 1,60 | Largura 37cm

Ossos articulados

Posição do corpo: estendido

Membros superiores: Mão esquerda abaixo da pelve e mão direita abaixo do fêmur

Mãos: indeterminada pois estão abaixo do fêmur e da pelve.

Posição dos membros inferiores: estendidos, levemente dobrados e flexionados

Pés: suspenso em uma pequena elevação

Orientação do corpo - Crânio/Pelve: norte | Face: Leste

Profundidade do sepultamento: superior – crânio 30 cm / Pelve: 30cm / Pés 30cm

Inferior – Crânio 10cm / pelve: 10cm / Pelve 10cm

Sexo: Masculino – osso observado: pelve

Estimativa de idade: adulto – Avaliação: tamanho dos ossos

Paleopatologia: não avaliado | Paleopatologias bucais: não avaliado

Pigmento: Ocre (restrito) – próximo a face ao lado direito

Mobiliário funerário: carvão, estrutura ou concentração de conchas, estrutura dos pés e crânio, fogueira – uma pequena próxima ao fêmur direito, artefato.

Coletas especiais: ossos de costela

Base da cova: havia um sedimento arenoso escuro com conchas

Agentes tafonômicos: Não observado

Obs gerais: junto ao sepultamento encontramos um conchas gastrópode e um osso de miraguaia. Também foi encontrado conchas fechadas. Na parte superior do sepultamento encontramos fragmentos de carvão junto a conchas, mas sem fogueira associada, exceto uma pequena fogueira em cima do joelho direito. Também foi encontrado uma concha com um osso da vertebra lombar encravado, poderá ser tafonômico, precisa ser melhor avaliado.

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 6

Localização e estratigrafia

Sepultamento localizado nas quadras D2, D3 e E3, no nível 23 (220 a 230 centímetros). De acordo com documentação de campo a estratigrafia no entorno e acima do sepultamento é composta principalmente por areia com conchas *Anomalocardia flexuosa*, predominantemente inteiras com algumas fechadas, a ausência de fauna miúda e carvão pouco representativo. Já o sedimento que está junto aos ossos possui uma coloração escura, com pouco vestígio de *Anomalocardia flexuosa*.

Características do enterramento

Antes de escrever sobre o enterramento é importante destacar que o crânio e a pelve foram retirados em bloco da escavação. O crânio em algum momento da escavação foi denominado de sepultamento 17 de maneira equivocada, e isso só foi identificado após a escavação total do crânio em laboratório, a falta dessa parte do indivíduo durante a curadoria fez olhar com cuidado a escavação do crânio, e a comparação com as fotos de campo revelaram características semelhantes. Após evidenciar o crânio e comparar com as fotos de campo do sepultamento 6 as características são bastante parecidas: virado para lado esquerdo com a região esquerda do crânio aparente (decúbito ventral), e as quebras de campo são as mesmas observadas em laboratório (Figura 32). Durante a escavação, no laboratório foi identificado que as vértebras cervicais estavam articuladas e em conexão com o crânio (Figura 31). A pelve (Figura 33) no entanto estava com as informações correspondentes ao sepultamento 6.



Figura 32: Sepultamento 6. Crânio escavado em laboratório. Fonte: GRUPEP/Arqueologia



Figura 33: Sepultamento 6. Pelve escavado em laboratório. Fonte: GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 6

Este é um sepultamento primário por ter os ossos em conexão anatômica preservada, e simples por se tratar de apenas um indivíduo. Está estendido e em decúbito ventral de acordo com a vista posterior da escápula e pelve.

Detalhe para os membros inferiores estendidos, mas cruzados no terço distal da tíbia e fíbula, o membro esquerdo se cruza sobre o direito, levando os joelhos a ficarem constritos.

Os membros superiores estão estendidos e bem próximos ao corpo, as conchas acompanham a extremidade do corpo, a escápula esquerda estava em cima do gradil costal com a maior parte do braço esquerdo apoiada sobre o corpo e não sobre o sedimento (Figura 34). Existe uma movimentação na escápula direita que faz a ponta da escápula sair de cima da borda do gradil costal e descer entre o úmero e as costelas (Figura 35). Esta é uma evidência de um corpo depositado com carne, pois tal movimentação aconteceria se ali existisse uma musculatura, que depois de decomposta abre um espaço vazio fazendo a escápula descer. Se o corpo está previamente defumado, por exemplo, isso não aconteceria porque haveria menos espaço entre a gradil costal e escápula.

Quanto a cova, não há sinal que comporte um escavação na qual o corpo fique todo abaixo do terreno dentro de um buraco, o indivíduo estava plano em relação ao terreno (e em relação a posição de outros sepultamentos), a ficha de campo não possui descrição de camada de concha abaixo da cabeça, como outros sepultamento, apenas os pés parecem estar ligeiramente inclinados, mas essa impressão pode ser causado por uma perna estar acima da outra, mas não estão realmente elevados (Figura 36).



Figura 34: Sepultamento 6. Maior parte do braço apoiada sobre o corpo e não sobre o sedimento, assinalado pela linha amarela pontilhada.



Figura 35: Sepultamento 6. Escápula sai de cima da borda do gradil costal e desce entre o úmero e as costelas.

Número do indivíduo: 6



Figura 36: sepultamento 6, pernas e pés cruzados, causando efeito de estarem mais elevados que o restante do corpo.

A partir da Figura 37 é perceptível a grande quantidade de conchas sobre o sepultamento, mas quando a escavação chega nos ossos não tem mais conchas, apenas sedimento. Este é um indicativo de que o indivíduo estava em volta em algo, como uma mortalha por exemplo, que permite passar o sedimento, mas não as conchas, o sedimento é escuro diferente do sedimento do entorno, e está restrito a região lateral direita e interior do indivíduo (Figura 38).



Figura 37: Sepultamento 6, grande quantidade de sedimento com concha acima do sepultamento.

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 6



Figura 38: Sepultamento 6. Setas indicando o sedimento escuro que está restrito a região lateral direita e interior do indivíduo.

Diferente de outros sepultamentos da área escava, que possuem alto grau de ocre distribuído por todo corpo, este sepultamento possui uma concentração apenas próximo a face, segundo os registros de campo, e na parte superior do crânio nos ossos parietais, de acordo com o registro de escavação em laboratório.

Com base no relatório (Farias, 2014) os materiais líticos identificados que estavam associados a este sepultamento são:

Tabela 3: Lítico associado ao sepultamento 6

Artefato (Família/ Classe/ Tipo)			Quantidade
Fragmentos			1
Lascados	artefato	bico	1
FCR			1

Fonte: Adaptado de Farias, 2014

Peça: 751 | Família: Lascados | Classe: artefato | Tipo: bico



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Apenas o lítico da família dos lascados, da classe artefato e do tipo bico foi considerado como acompanhamento funerário (ver sobre no item 5.5 da Dissertação-volume 1), a peça da família fragmentos e FCR (materiais térmicos) poderiam apenas fazer parte do sedimento, este sepultamento também não possui estruturas de fogueira que possam considerar a peça FCR como integrante da sepultura. Vale destacar que o material lítico está presente em pouca quantidade nessa sepultura.

Na análise laboratorial da fauna foi identificado uma placa faringeana de peixe miraguaia (*Pogonias cromis*), uma ostra (*Ostrea puelchana*), já de acordo com os registros de campo junto ao sepultamento estavam conchas gastrópode e *Anomalocardia flexuosa* fechadas.

Duas observações feitas no registro de campo foram (re)avaliadas: 1- “uma fogueira pequena em cima do joelho direito”, em análise a documentação primário essa composição pode se tratar de uma pequena concentração de carvão e não de um fogueira propriamente dita; e, 2- “um concha foi encontrada encravada em uma vértebra lombar”, ao analisar as vértebras lombares em laboratório não foi identificado nenhuma vértebra com essa característica. Talvez a vértebra tenha se fragmentando na retirada e não é mais possível identificar o aspecto descrito, registro fotográfico para uma possível identificação não foi encontrado.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 7 | 21

Quadra: F3/F4

Nível: 21

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 7

1. Sexo: Feminino

Indicadores: Pelve: grande incisura isquiática classificada como 3 e sulco pré-auricular como 1 (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994). O conjunto dessas características, em comparação com o indivíduo 21 e 15 sugerem sexo feminino.

2. Idade em anos: Acima de 45 anos

Indicadores: A idade foi estimada pelo aspecto geral das articulações que possuem grandes labiamentos, em comparação com o esqueleto 21 o esqueleto 7 apresenta aspecto mais velho, e com o esqueleto 15 o esqueleto 7 apresenta aspecto mais jovem. Considerando-se o indivíduo feminino, a robustez sugere tratar-se de um indivíduo mais velho, com grande remodelamento das formas ósseas relacionada à atividade com carga. Há também fragmento de superfície auricular com labiamento intenso no bordo na região inferior, pré-auricular e ápice.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 7

3. Tipo de sepultamento

- a. primário; b. múltiplo de dois indivíduos

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - magnética: Indeterminado | geográfica: Indeterminado

5. Orientação da face - magnético: Indeterminado | geográfica: Indeterminado

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito lateral esquerdo

7. Posição dos membros:

a. Inferior Esquerdo: fletido até 45° | Inferior Direito: fletido até 45°

Descrição da posição dos pés: Indeterminado.

b. Superior Esquerdo: fletido até 45° | Superior direito: indeterminado

Descrição da posição das mãos: Indeterminado

8. Associação com outros esqueletos: indivíduo 21, que está imediatamente ao lado.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura):

Comprimento máximo 150cm; largura máxima 70cm;

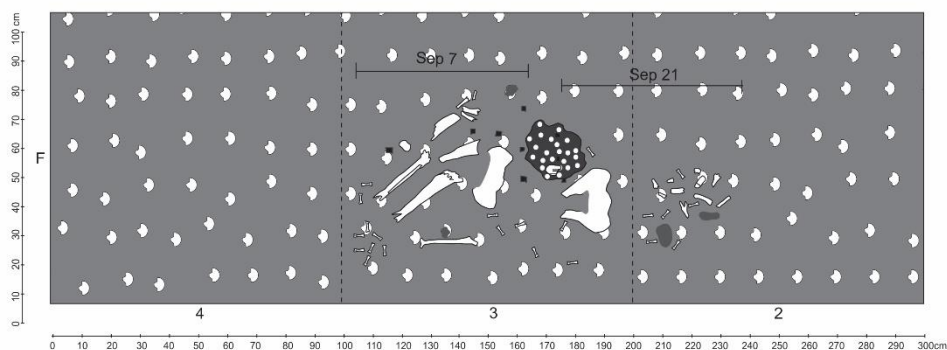
Nível (z) mais elevado: Indeterminado; nível (z) mais baixo: Indeterminado

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: Sem medidas individuais

Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 7 e 21
Locus 6 - Área A
Quadricula F2/F3/F4 - Nível 13



Legenda:

- Sedimento de coloração marrom escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Área com estrutura de carvão concrecionada
- Osso
- Material Lítico
- Úmero, ulna e rádio abaixo da pelve, vinda da parede G3.
- Carvão
- Concha Bivalve Grande
- Fauna

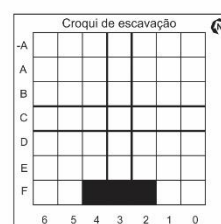
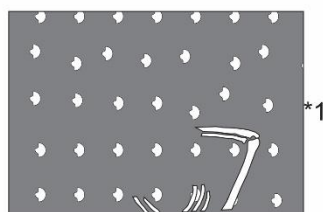


Figura 39: Croqui sepultamento 7 e 21. Linhas amarelas da foto indica o limite de cada sepultamento.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 7

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos; deslocamento; marca de rachadura, umidade e raiz

13. Perda de conexão anatômica: Membro superior direito, vértebras, costelas, pés.



Figura 40: Sepultamento 7, fíbula esquerda deslocada indicada pela seta amarela.

14. Integridade da estrutura funerária: distúrbio antrópico antigo

Descrição dos distúrbios observados: Aparentemente, o que pode indicar distúrbio antrópico antigo é deslocamento da fíbula esquerda, ossos dos pés bagunçados e incompleto.

Descrição analítica

Os ossos da região do tórax ao crânio estão adentrando ao perfil e ficaram no sítio. Do membro superior direito foi resgatado apenas ulna e rádio, não é possível saber se havia conexão com o úmero. Observando as imagens e croquis, aparentemente as vértebras não possuem conexão entre si e com o sacro, assim como as costelas não estão dispostas de forma anatômica. Há falta de vértebras, talvez pode ter sido causada por um processo tafonômico. A fíbula esquerda está deslocada, na direção do fêmur direito, ao lado do perfil, na ficha de campo este mesmo osso está registrado de forma equivocada como rádio, no entanto a análise documental aliada a laboratorial o identificou como fíbula. Dos pés apenas alguns ossos foram encontrados e fora da posição anatômica. Quanto ao sedimento, a partir das imagens existentes é difícil fazer inferências dos possíveis processos tafonômicos.

Transcrição da documentação de Campo

Número do indivíduo: 7

Medidas da cova: Comprimento 180 cm, Largura 90cm, Espessura 25 cm

Descrição da Cova: Acima, cerca de 15 cm do sepultamento tem-se duas estruturas de combustão, concrecionada. Neste mesmo patamar acima do sepultamento tem-se um sedimento argiloso marrom claro. No final da quadra F3, nível 15, tem-se uma mancha circular de ocre. Abaixo do ocre, que vai para a parede há uma mancha de fogueira pequena e circular.

Tipo: Secundário e múltiplo. Acima da pelve tem outra pelve de um segundo indivíduo denominado de sepultamento 21

Medidas do indivíduo: Comprimento 150cm (ambos os sepultamentos) 70 cm

Ossos Desarticulados. Posição do Corpo Caótico: encontra-se duas pelves, partes do fêmur de um sepultamento e parte do braço.

Membros superiores: Apenas um rádio encontrado ao lado dos fêmures semi-fletido. Mãos não encontradas. Membro inferiores Semi-fletidos

Pés: Não encontrados

Orientação do corpo - Crânio/pelve: Pelve para o norte

Profundidade do sepultamento – Pés: 12cm

Sexo e Idade indeterminado

Mobiliário funerário: Carvão, estrutura ou concentração de conchas, fogueira, com lítico acima da estrutura da fogueira.

Observações gerais: Abaixo da pelve do sepultamento 21 aparecem os braços deste sepultamento voltados para o sul em ângulo de 90° e algumas costelas, não sabe se pertence ao mesmo indivíduo. Foi considerado fazendo parte da estrutura funerária 7.

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 21

1. Sexo: Masculino

Indicadores: O fragmento do ramo isquiático é largo e plano, tipicamente masculino. O indivíduo possui inserção muscular e relevo ósseo em geral muito marcados, clavículas muito robustas, com diâmetro grande - em comparação ao indivíduo 15, masculino, que possui estimativa de sexo feita pelo crânio e pelve (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994).

2. Idade: 25-35 anos

Indicadores: Idade inferida através de sínfise púbica, superfície auricular, e presença de Incisivo central superior com desgaste dentário até o final do 1/3 oclusal. O indivíduo 21 é mais jovem quando se considera comparativamente o desgaste dentário e os sinais degenerativos em vértebras e mãos. O limite inferior de 25 anos foi estabelecido considerando-se o desenvolvimento das clavículas e o limite superior considerando-se o desgaste dentário - comparativamente ao esqueleto 15 que possui estimativa de idade de mais de 50 anos.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 21

3. Tipo de sepultamento

a. primário; b. múltiplo de dois indivíduos

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - magnética: Indeterminado | geográfica: Indeterminado

5. Orientação da face - magnética: Indeterminado | geográfica: Indeterminado

6. Forma de deposição do esqueleto: não definida – ossos perturbados, sem conexões anatômicas.

7. Posição dos membros

a. Inferior: não definida

Descrição da posição dos pés: não encontrados

b. Superior: não definida

Descrição da posição das mãos: não definida

8. Associação com outros esqueletos: Sepultamento 7, que está imediatamente ao lado.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura):

Comprimento máximo 150cm; largura máxima 70cm;

Nível (z) mais elevado: Indeterminado; nível (z) mais baixo: Indeterminado

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: Sem medidas individuais

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 21

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos, marca de rachadura, umidade e raiz

13. Perda de conexão anatômica: Os ossos estão perturbados de maneira que não é possível definir uma conexão.

14. Integridade da estrutura funerária: distúrbio antrópico antigo

Descrição dos distúrbios observados: Os ossos estão perturbados, sem conexão anatômica.

Descrição analítica

Os ossos estão dispostos de uma maneira não definida, e uma das possibilidades para essa disposição desconexa do esqueleto é ter ocorrido a redução de um corpo para o depósito de outro. No entanto a partir dos registros primários não é possível fazer inferência com maior clareza.



Figura 42: Ossos bagunçados do indivíduo 21
Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 41: Ossos bagunçados do indivíduo 21
Foto: GRUPEP/Arqueologia

Transcrição da documentação de Campo

Número do indivíduo: 21

Medidas da cova: Comprimento 180cm, largura 90cm, espessura 25cm

Descrição da cova: Acima do sepultamento havia concentração de ocre e concreção como fogueira. Pouca fauna e muitas conchas fechadas principalmente abaixo do artefato lítico e fauna junto.

Tipo: Secundário/múltiplo Obs: Dois sepultamento, 21 e 7 de forma caótica, sem definição de onde começa um ou outro.

Medidas do indivíduo: Comprimento 150cm (ambos os sepultamentos) Largura 70 cm

Ossos desarticulados

Posição do corpo: Caótico Obs: Encontra-se duas pelves, parte dos fêmures de um sepultamento e parte do braço, ossos da mão e dentes dispersos.

Membros superiores não encontrado

Mãos não evidenciadas

Posição dos membros inferiores não evidenciados

Pés não encontrados

Orientação do corpo Pelve: Oeste

Profundidade do sepultamento - Superior Pelve: 15cm

Sexo e Idade Indeterminados

Pigmento ausente

Mobiliário funerário: Carvão, estrutura ou concentração de conchas, fogueira, artefato

Não possui estaca

Base da cova: Camada de *Anomalocardia flexuosa*, sedimento marrom médio. Concha grande, somente uma e uma concha gastrópode

Agentes tafonômicos: Sem descrição

Obs gerais: Abaixo da sua pelve aparece o braço do sepultamento 7 (possivelmente).

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 7 | 21

Localização e estratigrafia

O sepultamento 21 estava localizado na quadra F2 e F3, o sepultamento 7 na quadra F3, ambos no nível 21 (200 a 210 centímetros). Os ossos estavam próximo a parede sul da quadra, e parte do indivíduo 7 ficou no perfil (Figura 45).



Figura 43: Placa identificando sepultamento 7 no perfil do sítio.

De acordo com a descrição de perfil (Farias, 2014) a camada 3, em que estão inseridos os dois sepultamentos, é composta por ossos de fauna miúda, pouquíssimo carvão, os gastrópodes em pouca quantidade, com predomínio de conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteiras soltas na camada, e possui sedimento arenoso em baixa quantidade.

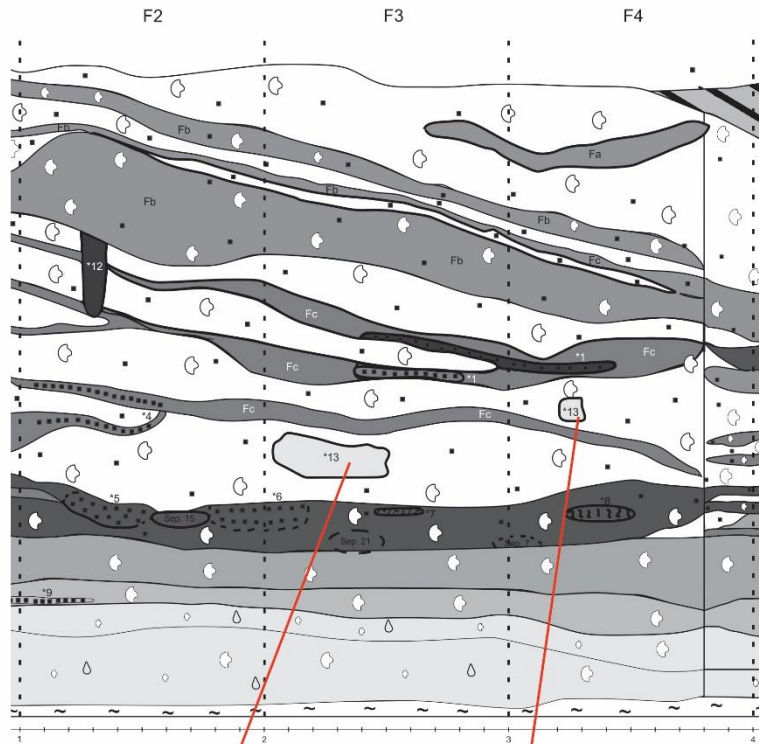
Observando o perfil sul os sepultamentos 7 e 21 estão dentro de uma camada escura, com camada de concha sobre o sepultamento e uma lente escura acima. Também há uma camada de areia, aparentemente uma deposição intencional (Figura 44).

As fichas de campo descrevem que em torno de 15cm acima dos sepultamentos havia um sedimento argiloso marrom claro e estrutura de combustão concrecionada, que se estendeu até o nível 15, formada por *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, coloração marrom escuro, poucos ossos pequenos de fauna e fragmentos de carvão, com presença de material lítico, no entanto não é possível associar os materiais analisado com o citado.

Características do enterramento

Analisando os ossos dos dois sepultamentos, é possível afirmar que sejam dois indivíduos distintos, devido a presença de ossos iguais com a mesma lateralidade. É difícil definir diante da disposição dos ossos em campo, tendo em vista a análise através de fotos, mas o sepultamento 7 possui mais ossos do que o sepultamento 21, e alguns ossos (ulna, crânio e escápula) registrados como sepultamento 7 podem fazer parte do sepultamento 21.

Sítio Arqueológico SC-CABEÇUDA-01
 Área A - Área Escavada
 Perfil Sul - Quadras - F2, F3, F4



Legenda:

- Anomalocardia brasiliana*
- Carvão
- Umidade
- Água e areia
- Material Lítico

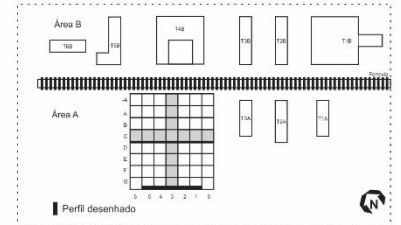


Figura 44: Sepultamento 7 e 21 no perfil sul. Deposição da camada de areia indicada pelas setas vermelhas do croqui para a foto. Adaptado de Farias, 2014.

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 7 | 21

No sepultamento 7, do membro superior estão presentes úmero, ulna e rádio e escápula esquerda, que estavam localizados abaixo de alguns ossos do indivíduo 21, do membro direito superior (sepultamento 7) foi encontrado apenas um fragmento de ulna direita. A pelve e membros inferiores estavam em conexão, dos pés há apenas fragmentos de calcâneo e tálus. Neste sepultamento a região dos joelhos e pés aparentam estar mais elevados que o tronco. Parte deste indivíduo ficou na parede sul (Figura 43e Figura 45), mas a partir dos ossos evidenciados é possível fazer inferência sobre a posição, de acordo com a disposição da pelve e membros inferiores flexionados em ângulo de 45°, o indivíduo estaria em decúbito lateral esquerdo (Figura 39 e Figura 40).

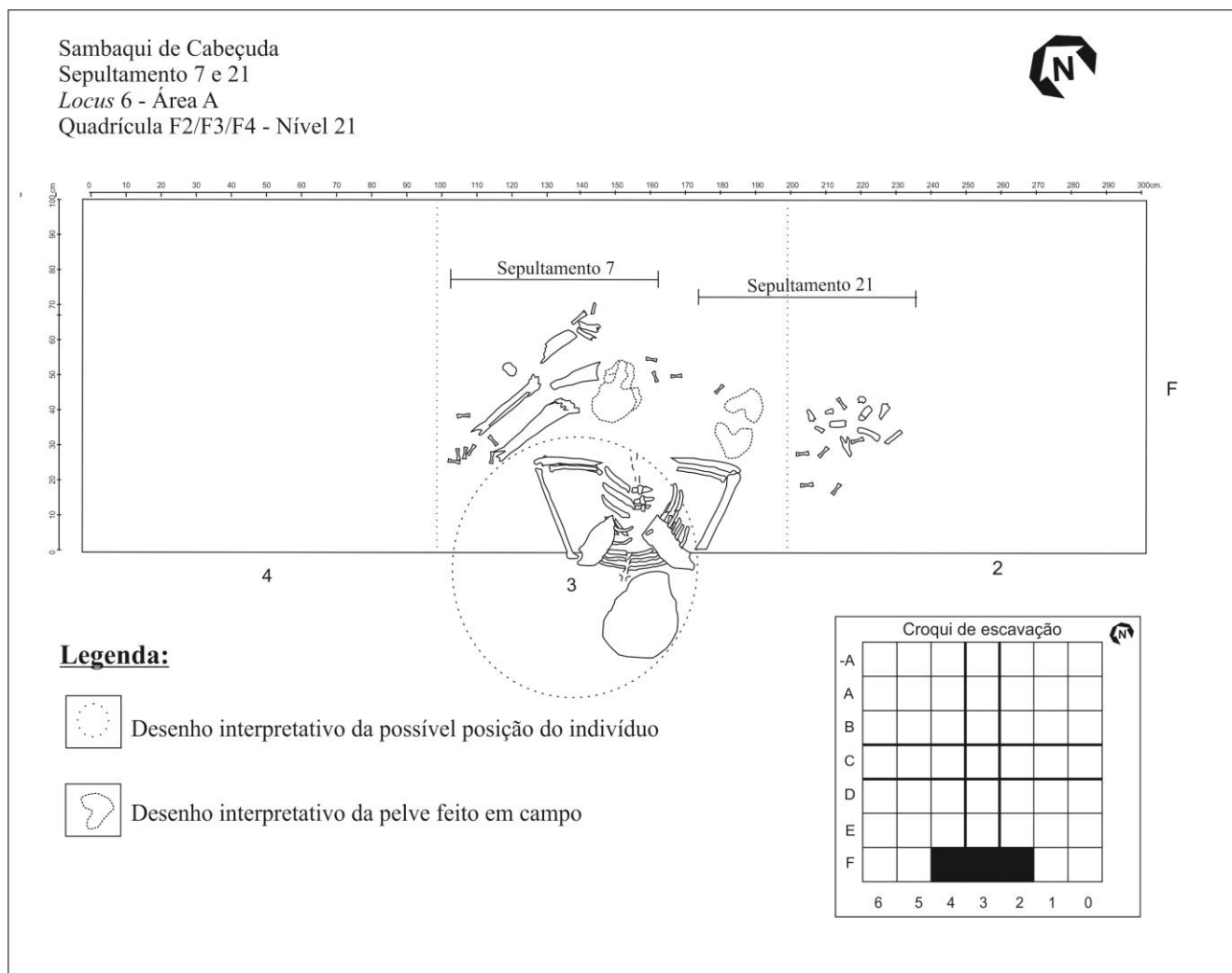


Figura 45: Croqui com projeção da possível deposição do sepultamento 7.

Síntese analítica do sepultamento

Número do indivíduo: 7 | 21

Quanto ao material lítico encontrado associado aos sepultamentos estão lascas, um fragmento de artefato e um gume transversal, conforme quadro abaixo.

Tabela 4: Lítico associado ao sepultamento 7 e 21

Sepultamento	Artefato			Quantidade
	Família/Classe/Tipo			
7	Fragmentos	basal	bipolar	1
7	Lascados	lasca	façonnage	1
21	Lascados	lasca		1
21	Lascados	fragmento de lasca		2
21	Lascados	fragmento de artefato		1
21	Gumes transversais	cunha		1

Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

Figura 46: Peça: 872 (sepultamento 21) | Família: Gumes transversais | Classe: lâmina (killed)



Fotos: Acervo GRUPEP/Arqueologia

Os acompanhamentos funerários são três peças: Fragmento basal do tipo bipolar relacionado ao sepultamento 7, o Gume transversal, e o fragmento de artefato relacionado ao sepultamento 21. Os outros líticos podem se tratar de produtos do componente do sedimento. Cabe destacar que o gume transversal (Figura 46) sofreu prática de “killing”.

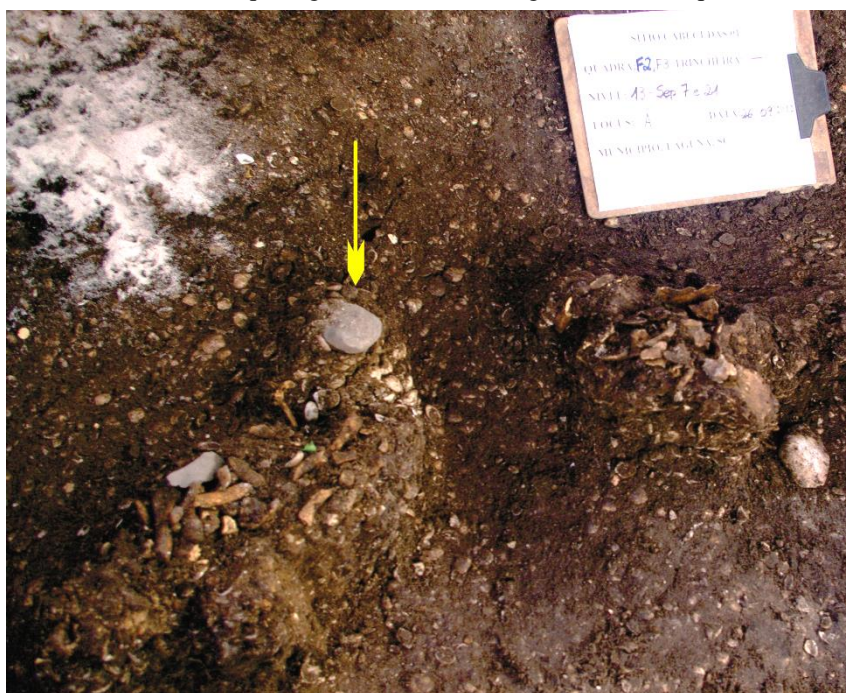


Figura 47: Sepultamento 21, gume transversal sinalizado pela seta amarela

Síntese analítica do sepultamento

O material faunístico relacionado ao Sepultamento 7 foi identificado, na análise proveniente do material diretamente coletada durante a decapagem e em material de peneira: 34 dentes e 1 placa faríngea de *Pogonias cromis*, 1 otólito *Micropogonias furnieri*, e outros poucos fragmentos de ossos de peixe. Quanto ao Sepultamento 21, materiais provenientes de decapagem e peneira não revelaram nada além de *Anomalocardia flexuosa*. Artefatos em material faunístico não foram identificados em nenhum dos sepultamentos.

O ocre está presente nos ossos, no entanto não de maneira abundante, como em outros sepultamentos dessa área.

As descrições de cova do sepultamento 7 relatam a existência de estrutura de combustão concrecionada, mancha de fogueira e também de ocre, já o sepultamento 21 descreve que acima do indivíduo havia concentração de ocre e de fogueira. No entanto essas características não são visíveis pelos registros visuais disponíveis para a análise da relação espacial desses elementos com os corpos, bem como a associação direta dessas estruturas com os corpos. Assim, a cova dos dois sepultamentos apesar de estarem descritas em ficha de campo, aparentemente elas não existem, pelas fotos e desenhos de croquis destas sepulturas que estão bem próximas ao perfil sul, não há indicações de um corte na estratigrafia que poderia caracterizar uma cova. O que pode haver é apenas um preparo do terreno para o depósito dos corpos, mas sem uma interrupção profunda (figura 44).

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 8

Quadra: D4/D5/E5

Nível: 24

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 8

1. Sexo: Feminino

Indicadores: Grande incisura isquiática = 1; sulco pré-auricular = 2; arco ventral presente e bem marcado; ramo subpúbico estreito. Comparativamente aos demais indivíduos femininos da série a robustez é compatível: ossos pequenos, diâmetro pequeno, gráteis, cabeça de fêmur pequena (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994).

2. Idade em anos: 30-40 anos

Indicadores: Superfície auricular e sínfise púbica da pelve esquerda parcialmente analisáveis: atividade no apex da superfície auricular com projeção da superfície, bordas da superfície auricular bem definida com começo de labiamento, área densa no apex com micro porosidade e pouca macro porosidade; atividade retro auricular presente, estrias residuais pouco definidas. Sínfise púbica com borda ventral bem definida, superfície com micro e macro porosidade.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 8

3. Tipo de sepultamento: primário b. múltiplo - 3 indivíduos

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – Magnética: Lagoa de Santo Antônio | Geográfica: Indeterminado

5. Orientação da face – Magnética: indeterminado | Geográfica: Indeterminado

6. Forma de deposição do esqueleto: Decúbito ventral (parte do sepultamento ficou no perfil do sítio).

7. Posição dos membros:

a. Inferior – Indeterminado

Descrição da posição dos pés: Indeterminado

b. Superior: Indeterminado

Descrição da posição das mãos: indeterminado

8. Associação com outros esqueletos: Relacionado aos sepultamentos 12 e 13

b. Qual associação? O sepultamento está ao lado dos indivíduos 12 e 13. Crânio e pós crânio até os fêmures está ao lado do sepultamento 13 na direção sudoeste nas quadra E6 e F6 de forma primária, já as de tíbias e ossos dos pés estão redepósitos ao lado esquerdo do sepultamento 12.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): indeterminado

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: indeterminado

Sambaqui de Cabeçada

Locus 6 - Área A - Perfil Oeste
 Área Escavada - Quadras F6, E6

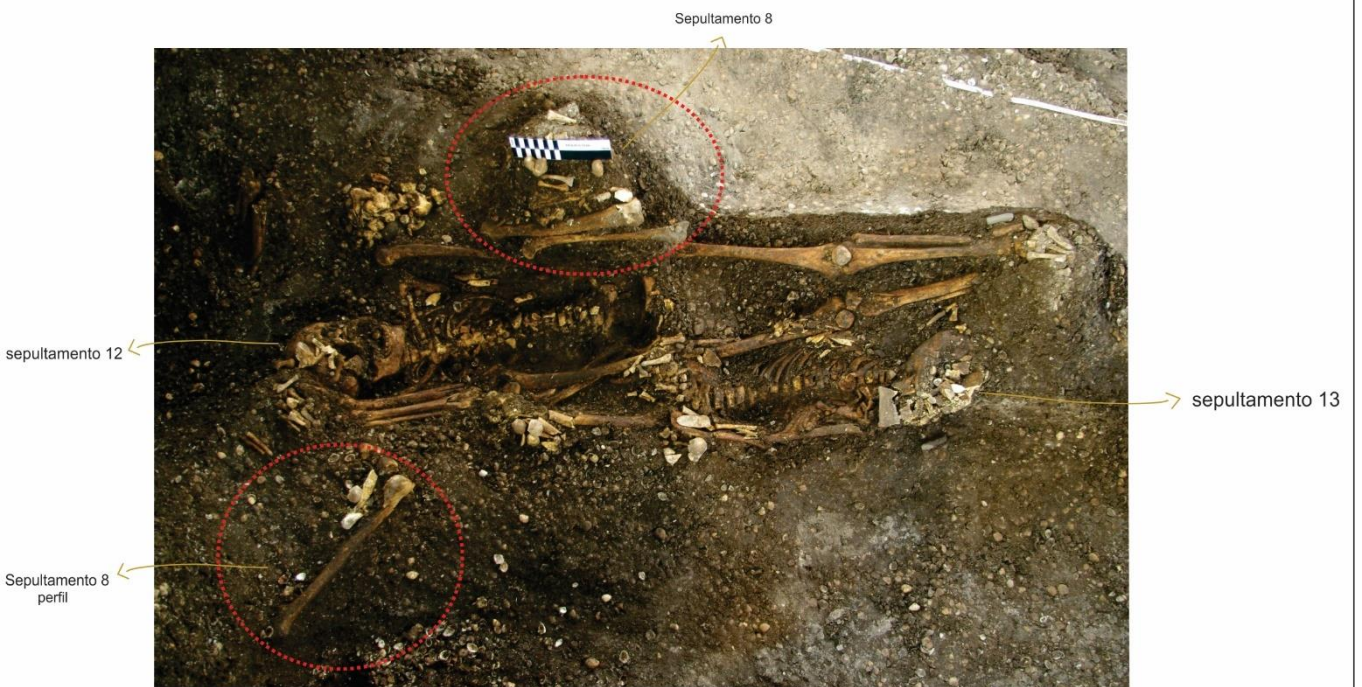
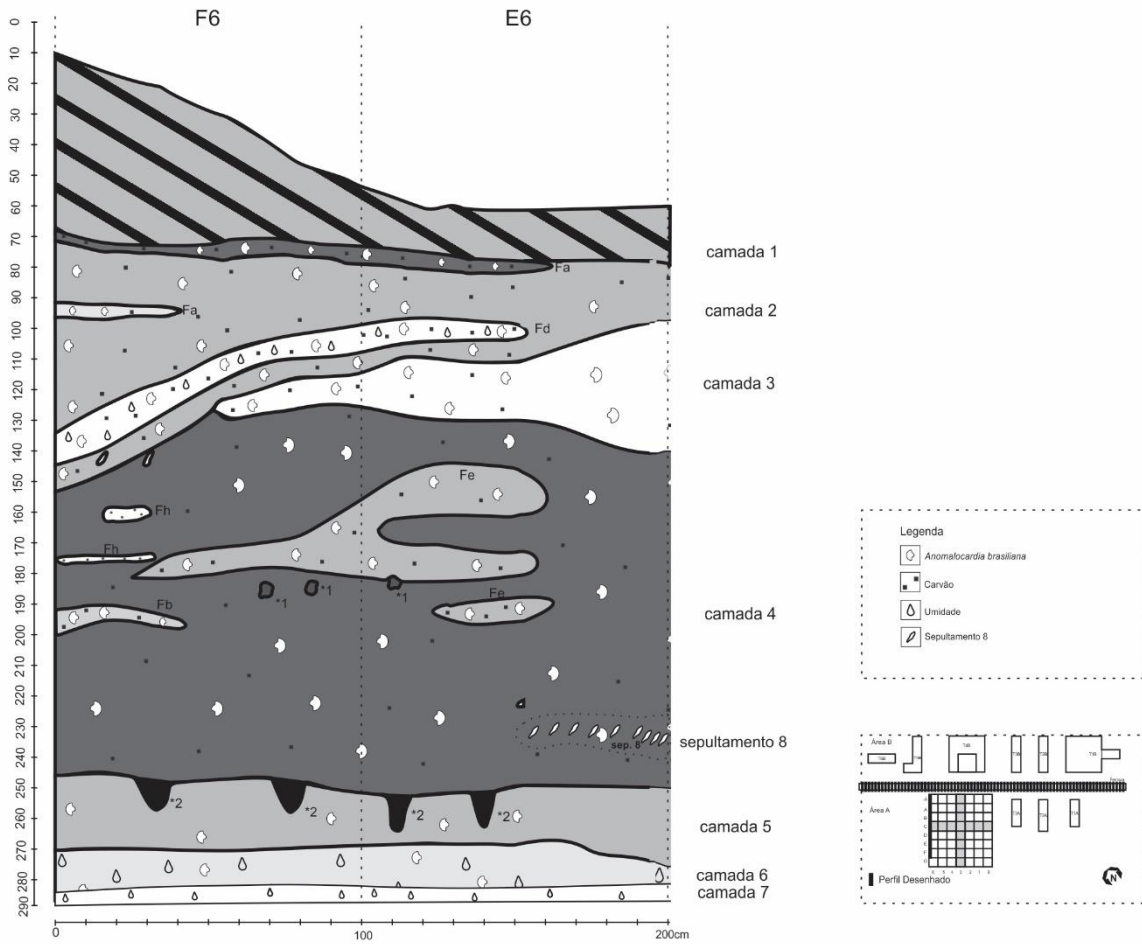


Figura 48: Sepultamento 8 indicado no desenho do perfil; A foto mostra a redeposição ao lado do sepultamento 12 e de forma primária no perfil.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 8

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos.

13. Perda de conexão anatômica: sim, membros inferiores.

14. Integridade da estrutura funerária: distúrbio antrópico antigo

Descrição dos distúrbios observados: As tíbias e os pés foram redepositados ao lado do sepultamento 12.

Descrição analítica

A deposição dos sepultamentos 12 e 13 interferiu na estrutura do sepultamento 8 (destaque vermelho na Figura 49) que teve os ossos dos membros inferiores redepositados ao lado do sepultamento 12 (destaque em azul na Figura 49). Mas após o depósito dos sepultamentos a estrutura não aparenta ter sofrido outros distúrbios, e os registros de campo também não descrevem quaisquer tipo de alteração.

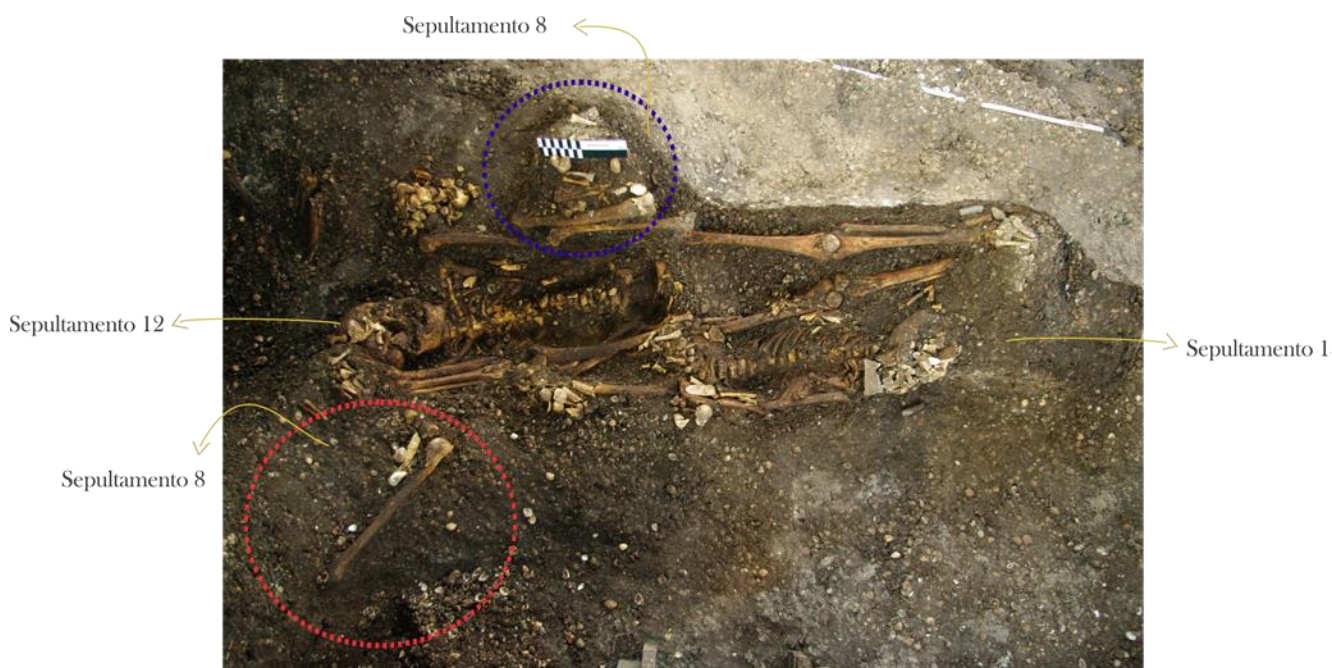


Figura 49: O esquema indica os sepultamentos 12 e 13, e a deposição primária do 8 e a redepisição do sepultamento 8 ao lado do 12.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 8

* A ficha do sepultamento 8 descreve apenas os tópicos abaixo, outras informações estão na ficha do sepultamento 14 considerado em campo como sepultamento secundário, mas em laboratório foi identificado como parte do indivíduo 8.

Descrição da cova: O sepultamento está no perfil, não foi possível verificar cova, foram retirados apenas os ossos que seriam artefatos. Foi coletado sedimento em torno dos ossos retirados.

Tipo: Ossos estavam em conexão, não é possível dar mais informações devido ao sepultamento estar adentro no perfil.

Número do indivíduo: 14

Medidas da cova Comprimento: 40cm | Largura: 30cm | Espessura: 30cm

Descrição da cova: cova típica de sepultamento secundário associada aos sepultamentos 12 e 13. Apresenta fauna média e miúda e carvão em pequena quantidade, em alguns pontos presença de ocre.

Tipo: secundário

Medidas do indivíduo - Comprimento: 33cm | Largura: 20cm | Articulação dos ossos: Desarticulado

Posição do corpo: caótico

Membros superiores: inexistente | Mãos: inexistente

Posição dos membros inferiores: caótico | Pés: caótico

Orientação do corpo: indefinido

Profundidade do sepultamento: indefinido

Sexo: indeterminado | Estimativa de idade: indefinido

Paleopatologia: não avaliado | Paleopatologias bucais: não avaliado

Pigmento: restrito - ocre

Mobiliário funerário: carvão, estrutura ou concentração de conchas, fogueira

Estaca : não

Coletas especiais: sem descrição

Base da cova: sem descrição

Agentes tafonômicos: não há

Obs gerais: é um sepultamento secundário com presença de ossos dos membros inferiores. O sepultamento é associado ao sepultamento 12 e 13.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

A camada onde está inserido o sepultamento 8 é descrita com uma composição formada por poucas conchas de *Anomalocardia flexuosas* inteira em sua maioria e algumas fragmentadas, ausência de vestígios antracológicos e demais materiais zooarqueológicos, com sedimento de coloração cinza médio e pouco compactado. O sepultamento está próximo a camada estéril do sítio, a camada de areia estava a alguns centímetros abaixo do sepultamento.

Características do enterramento

O sepultamento é primário estava estendido e em decúbito ventral. Parte dos membros inferiores foi cortada pelo conjunto do 12 e 13, sendo arrumadas na lateral esquerda do sepultamento 12, mais distante da cova perto do espaço onde o pé naturalmente estaria.

O sepultamento está com parte do corpo, que são tíbias e pés redepositados ao lado do sepultamento 12 em um amontoado de ossos, o restante do esqueleto do indivíduo 8 está, aparentemente, em conexão adentrado o perfil em direção sudoeste nas quadras E6 e F6, ao lado dos pés do sepultamento 13.

A disposição em que o sepultamento 8 se encontra se dá pois ao depositar os indivíduos 12 e 13 o sepultamento 8 foi encontrado, assim parte dos membros inferiores foram redepositados e tirados da sua deposição primária inicial, que é a forma em que se encontra o restante do indivíduo 8 que ficou no perfil do sítio. A ulna e rádio esquerdo, ossos da mão esquerda, os fêmures e a pelve, do sepultamento 8, que estavam em conexão foram resgatados em campo, deixando apenas o restante do esqueleto no sítio.

Outro detalhe é um V metatarso junto dos ossos das mãos do sepultamento 13, a verificação em laboratório constatou que esse osso faz parte do sepultamento 8, no momento em que os ossos foram reduzidos e redepositados o metatarso ficou sobre os ossos das mãos do sepultamento 13.

As características descritas acima indicam que o sepultamento 8 já estava esqueletonizado quando houve a interferência do sepultamento 12 e 13.

Especificamente junto ao sepultamento 8, (parte que estava adentrando o perfil) os acompanhamentos encontrados foram: raspador vertical da família dos Lascados, almofariz plano da família Fragmentos, a análise desse último indica que o artefato sofreu a prática de “Killing”.

Além dos acompanhamentos outros materiais líticos encontrados foram fragmentos de lascas e seixos, lascas, mas que não foram considerados acompanhamentos pois poderiam apenas fazer parte do sedimento que envolvia o sepultamento. Abaixo segue a lista dos materiais encontrados.

Tabela 5: Líticos associados ao sepultamento 8 *

Sepultamento	Família/Classe/Tipo		Quantidade
8	Fragmentos	Sem descrição	1
8	Lascados	Lasca espatifamento	1
8	Lascados	Artefato raspador vertical	1
8	Fragmentos	fragmento de artefato bipolar	1
8	Fragmentos	almofariz plano bipolar	1
8	Fragmentos	fragmento de seixo	1
8	Lascados	lasca de abate de gume polido	1
8/12/13	Elaborados	espatuliforme	1
8/12/13	Basais	almofariz plano	1
8/12/13	Fragmentos	fragmento de artefato	1
8/12/13	Gumes transversais		1
8/12/13	Lascados	lasca	

*Os líticos atribuídos ao 8 são aqueles que pela sua proximidade com o corpo e na sua porção superior e distância dos outros dois sepultamentos podem ser inequivocamente associados a ele. Por outro lado, os líticos que estão na tabela como 8/12/13 são aqueles que por estarem na área de confluência/contacto entre as duas sepulturas tem um potencial pra ser colocado com qualquer um dos três indivíduos.

Síntese analítica do sepultamento

Figura 50: Peça: 851 (sepultamento 8, 12 e 13) | Família: Gumes Transversais | Classe: lâmina



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 51: Peça: 851 (sepultamento 8) | Família: Lascados | Classe: artefato | Tipo: raspador vertical



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Ao sepultamento 8 (parte que estava adentrando o perfil) foram identificados ossos de peixes ósseos, que são: fragmentos indeterminados, vértebras, costelas, articular, placa faringiana, espinha carbonizada com marcas de corte. Contudo, cabe ressaltar que esse material provem do sedimento peneirado em campo, já os sedimentos coletados que estavam diretamente associados aos sepultamentos não foram processados e identificados.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 9

Quadra: C4/C5

Nível: 19

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 9

1. Sexo: Indeterminado

Indicadores: A idade não permite estimar o sexo

2. Idade: 9,5 a 11,5 anos

Indicadores: A Idade foi estimada através das medidas dos dentes, com base em Liversidge, H.M., Herdeg, B. and Rosing, F.W. (1998) – ref: SCHAEFER, L.; BLACK, S. M. **Developmental Juvenile osteology**. San Diego, California: Elsevier Academic Press, 2000.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 9

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - magnética: leste | geográfica: Mar aberto

5. Orientação da face: magnética: sudoeste | geográfica: Lago de Santo Antônio

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido | Descrição da posição dos pés: Indeterminado

b. Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo | Superior direito: estendido sobre as costelas direita

Descrição da posição das mãos: mão direita sobre a pelve direita e mão esquerda ao lado da pelve esquerda

8. Associação com outros esqueletos: Sepultamento 10.

b. Qual associação: O sepultamento 10 está na quadra ao lado C4/C3 (seta vermelha), com o crânio oposto ao indivíduo 9 (seta azul). Mas eles são sepultamentos múltiplos.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

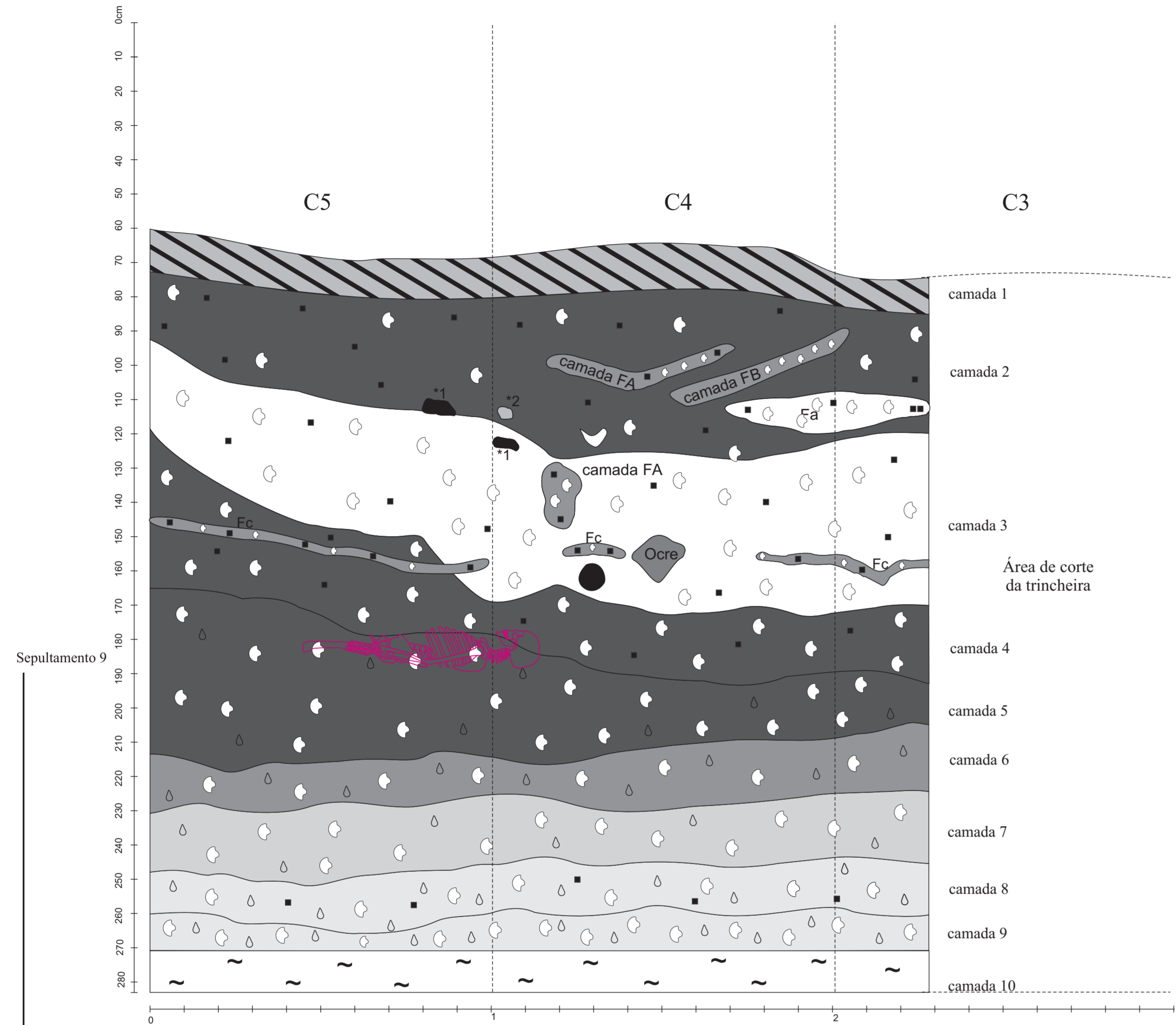
10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): Sem sepultamento múltiplo

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: Comprimento máximo 100cm; largura máxima 30cm.

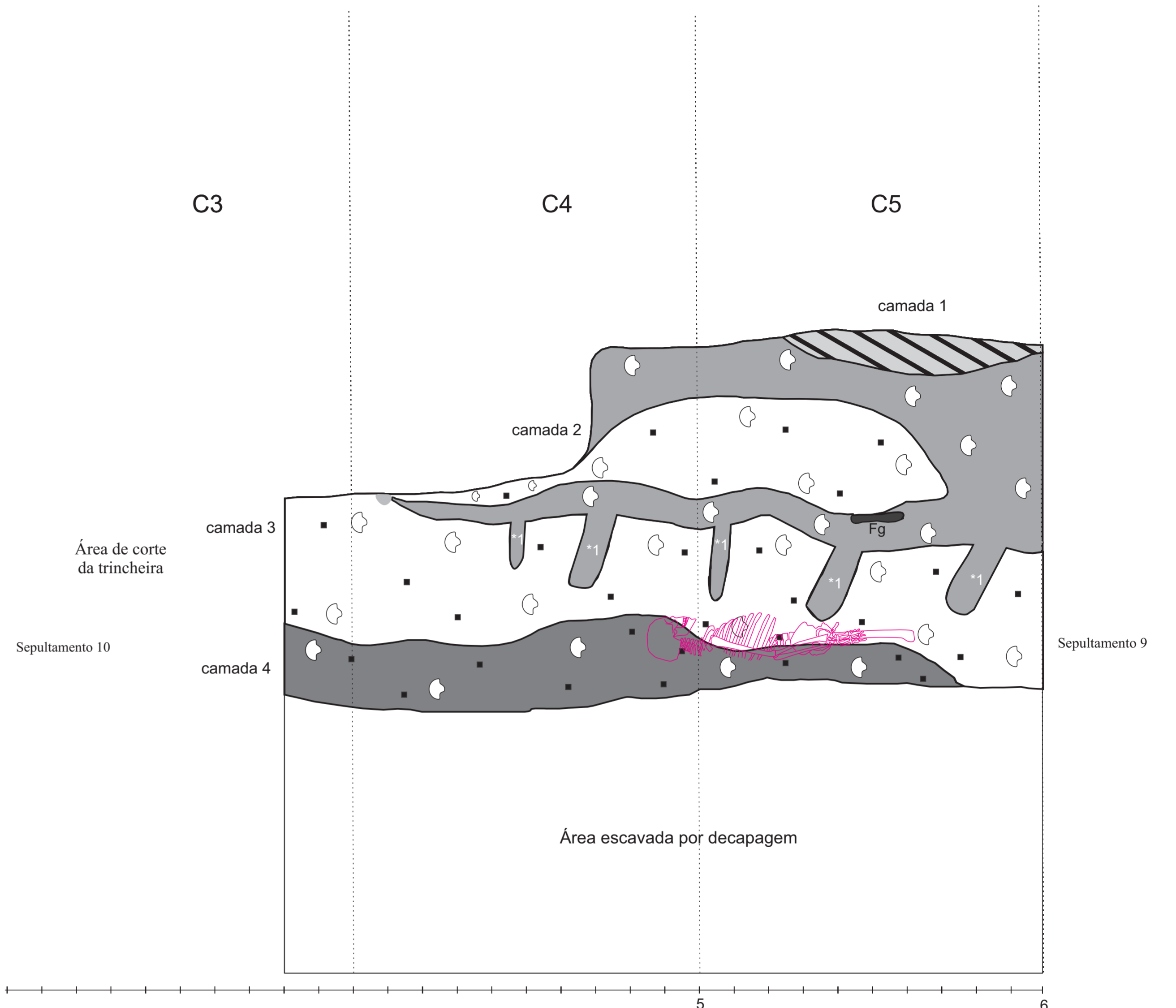
Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçada

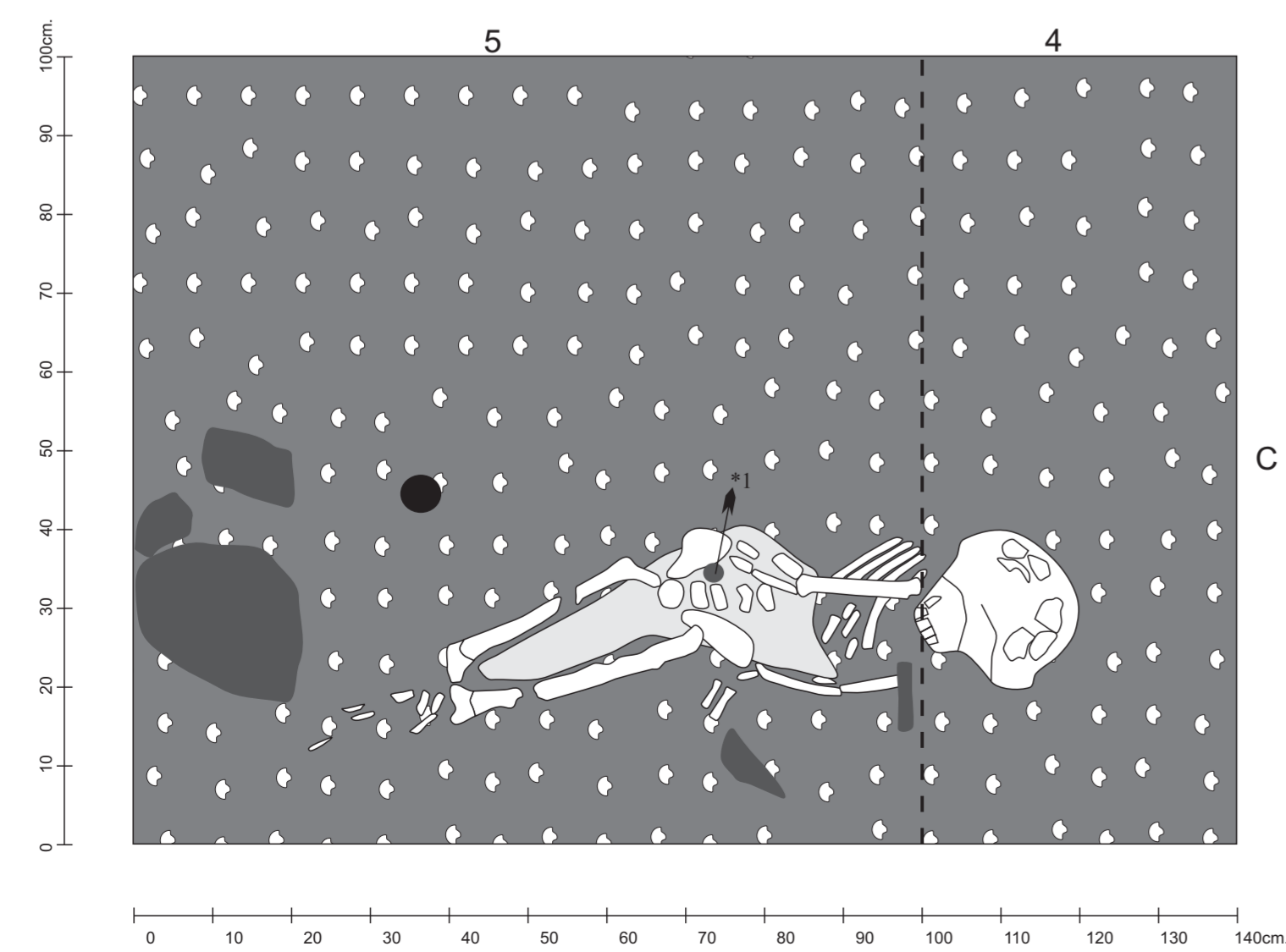
Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Norte
Quadras C5, C4, C3



Área A - Perfil C - Parede Sul
Locus 6 - Quadras C3, C4, C5



Quadrícula C4/C5 - Nível 19 - Sepultamento 9 - Nível 19



Legenda - Quadra:

- Sedimento de coloração marrom escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Concentração de ocre
- Material lítico arqueológico: *1 nº 762
- Mancha de sedimento mais escura que possui uma relativa profundidade em relação sedimento padrão da camada.
- Osso

Legenda - Perfil

- Anomalocardia brasiliiana*
- Carvão
- Umidade

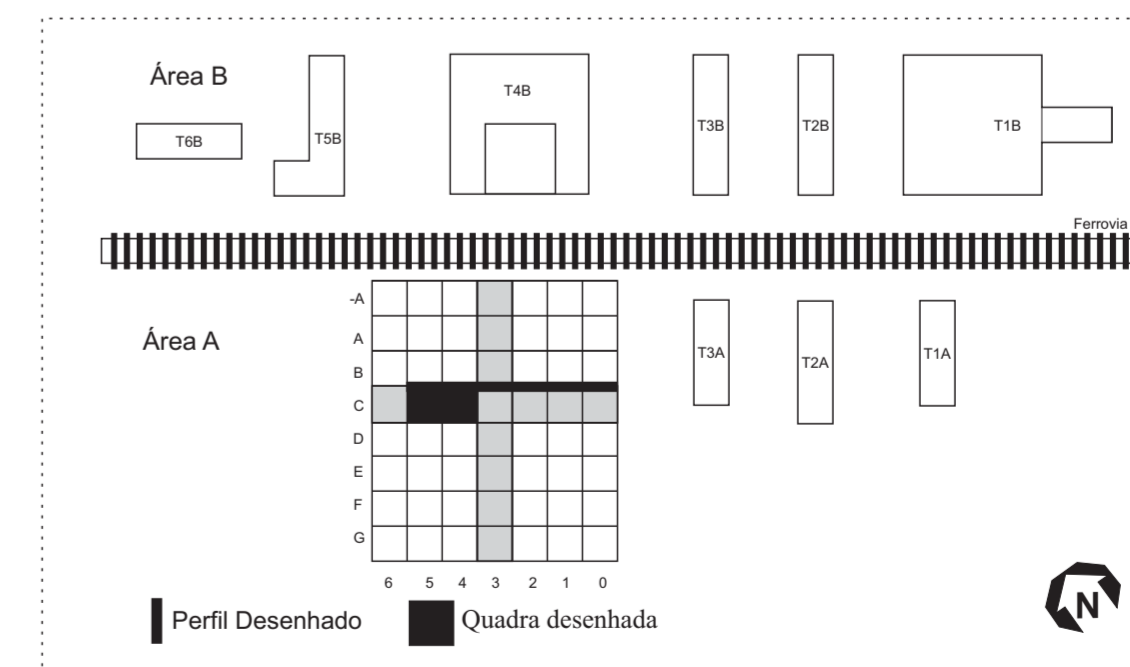


Figura 52: Sepultamento 9 representado no perfil C Norte e no perfil C Sul. Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 9

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos; deslocamentos; ossos friáveis/pulverulentos

13. Perda de conexão anatômica: apesar dos ossos estarem bastante frágeis estão em conexão anatômica esperada. Mas a tíbia e fíbula direita e os pés estão ausentes.

14. Integridade da estrutura funerária: A documentação visual de baixa qualidade não permite fazer inferências sobre a integridade.

Descrição analítica

Os ossos estão com bastante quebras, alguns ossos como o crânio e a tíbia esquerda possuem mais quebras e outros como o fêmur direito têm menor quantidade de quebras. No fêmur direito é possível observar que a diáfise do osso sofreu um giro e ficou com a parte anterior virada para a lateral do corpo (seta amarela - Figura 53), por se tratar de uma criança as epífises não estão fusionadas, assim durante o processo de decomposição a diáfise girou e a epífise ficou em sua posição original.

A tíbia e fíbula direita não foram resgatadas, dos pés apenas alguns fragmentos, com o mau estado de preservação dos outros ossos é possível que estes tenham se decompostos dificultando a identificação e resgate, podem até mesmo ter sofrido com ação de algum animal, no entanto os registros visuais não possibilitam que seja verificado o processo que aconteceu.

A ficha de campo descreve ainda que as pernas se juntam próximo aos pés, mas pela documentação fotográfica e o estado de preservação ruim não é possível observar tais características. Talvez em campo essas características poderiam ser observáveis, mesmo não sendo possível resgatar os ossos, ou um equívoco de interpretação ocorreu onde o fêmur estava sendo visualizado e não a tíbia.



Figura 53: Seta amarela indica o giro da diáfise do fêmur que ficou com a parte anterior virada para a lateral do corpo.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 9

Medidas da cova: comprimento 110cm, largura 80cm, espessura 15cm

Descrição da cova: buraco de estaca à 30cm de onde seria o pé direito do sepultamento. Um lítico circular próximo a bacia e dois líticos polidos, um próximo a mão esquerda e outro próximo ao ombro esquerdo. Pouca fauna e concha espalhada na cova, incluindo conchas fechadas ao lado da pelve do sepultamento.

Tipo: Primário e simples

Medidas do indivíduo: comprimento 100cm, largura 30cm

Ossos articulados

Posição do corpo: estendido

Membros superiores: braço direito sobre as costelas, o mostra o sepultamento semi virado para a esquerda. Braço esquerdo está um nível abaixo do braço direito e estendido.

Mãos: estão degradadas, mas os ossos foram evidenciados sob a pelve da mão direita, a mão esquerda está ao lado da pelve, um nível abaixo e virada para o lado de fora do corpo.

Posição dos membros inferiores: estão conectados no final da perna. A perna junta-se próximo aos pés.

Pés: encontrado fragmentos ósseos apenas na parte esquerda, o que pode indicar o cruzamento dos pés na cova.

Orientação do corpo - Crânio/Pelve: Leste | Face: oeste

Profundidade do sepultamento: Sem descrição

Sexo: indeterminado | Estimativa de idade: criança Obs: tamanho do sepultamento, e dentes

Paleopatologia: não avaliado | Paleopatologias bucais: não avaliado

Pigmento: restrito | Tipo: ocre | Obs: Ocre na região da pelve, entre as pernas e entre o braço esquerdo e a costela

Mobiliário funerário: artefato | Obs: Três artefatos líticos

Estaca: sim | Quantidade: 1 | Posição em relação a cova: Norte | Posição em relação ao esqueleto: 30 cm da perna direita

Diâmetros médios: 7cm

Coletas especiais: não descrito | Agentes tafonômicos: sem descrição

Base da cova: *Anomalocardia flexuosa* e *Ostrea* sp.

Obs gerais: sem descrição

Diário de campo: O sepultamento 09. Trata-se de uma criança com 1m de comprimento. Hoje, foi evidenciado em comparação à ontem, as costelas, mandíbula, dentes, bacia, o mais interessante são os três dentes que estão entre o braço e a bacia. O esqueleto esta de lado com o braço por cima das costelas e o crânio de lado. Os ossos estão frágeis e se desfazendo. Possui três líticos no entorno incluindo uma bolinha. Terminamos o dia, desenhando o sepultamento.

Devido a chuva houve deslizamento em cima do mesmo e acabou por deslocar e esconder alguns ossos.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

O sepultamento está localizado nas quadras C4 e C5, e no nível 19 (180 a 190 centímetros). De acordo com a descrições dos perfis no relatório de campo a camada em que o sepultamento está inserido é formada por conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas com ossos de fauna pequena e carvão, com pouco sedimento arenoso de coloração cinza escuro.

Características do enterramento

Trata-se de um sepultamento primário por estar com ossos em conexão anatômica esperada, e simples por não possuir mais de um indivíduo. A posição dos ossos indica que estava em posição dorsal e estendido.

O registro de campo relata que o braço esquerdo está mais baixo em relação ao direito que está sobre as costelas, mostrando o sepultamento semi virado para a esquerda, no entanto na região superior direita há um efeito parede que faz com que o úmero fique por cima das costelas (seta amarela - Figura 54), o que poderia ter dado essa impressão de que o sepultamento está levemente virado.



Figura 54: A posição das costelas indica um efeito parede que condicionou o membro direito ficar sobre elas – seta amarela. Foto: GRUPEP/Arqueologia.

O registro de campo ainda descreve os ossos da mão direita “sob” a pelve, no entanto é possível perceber pelas fotos que a mão estava sobre a pelve (seta amarela na Figura 55).

Assim como outros sepultamentos há presença de ocre nos ossos, apesar das fotos mostrarem uma alta concentração apenas entre as diáfises distais dos fêmures (Figura 55), os registro de campo destacam também a região da pelve, entre o braço esquerdo e as costelas.

Síntese analítica do sepultamento



Figura 55: Seta amarela indicando a mão sobre a pelve. Circulo amarelo sinaliza a área que está com o ocre nos membros inferiores.

Do material faunístico, além das *Anomalocardia flexuosa* que são o maior volume, foram identificados Ostras (Ostridae), gastrópode (*Thais haemastoma*), esporão de raia, e dentes de miraguaia (*Pogonias cromis*). Mas nenhum artefato elaborado a partir destes materiais foram encontrados.

Dos materiais líticos apenas o artefato da família elaborados da classe Bola foi considerada acompanhamento, estava localizada acima da pelve do indivíduo. Os líticos da família Lascados da classe lasca e fragmento de lasca não considerados acompanhamentos nessa dissertação (ver item 5.5 da Dissertação – volume 1).

Artefato (Família/Classe)		Quantidade
Elaborados	bola	1
Lascados	fragmento de lasca	1
Lascados	lasca	1
Lascados	lasca	2

Fonte: Adaptado de Farias, 2014

Figura 56: Peça: 762 | Família: Elaborados | Classe: bola



Foto: acervo GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Os documentos de campo registram uma marca de estaca à 30cm que estaria na direção onde seria o pé direito do sepultamento, mas o croqui do sepultamento mostra a marca de estaca distante 30 centímetros da lateral do fêmur direito (figura 52). No entanto não há corroboração dessa descrição na documentação visual, por não haver descrição detalhada optamos por não considerar marcas de estaca.

O que está sendo considera como marca de estaca corresponde a mancha de sedimento mais escura que possui uma relativa profundidade ao sedimento padrão da camada e que tem dimensões aproximadas de 7 centímetros, é preciso considerar que essa marca interpretada como marca de estaca possa corresponder a mancha decorrente da decomposição de objetos feito de material vegetal, como cuia de madeira, cabaça ou trançados, que pudessem ter sido colocados em associação ao corpo.

O sepultamento está em uma quadra entre o Perfil C Sul e o Perfil C Norte 9 (Figura 52). Fazendo uma projeção do sepultamento 9, no Perfil C Sul ele fica acima da camada 4, a qual ele de fato fazia parte. Mas o indivíduo apesar de estar próximo a parede ele não está rente. Quando rebatido o sepultamento no Perfil C Norte existe uma coerência, e está em uma camada compatível.

A cova está descrita em ficha de campo, mas analisando o desenho do “Perfil C/Norte e Perfil C Sul”, intervenções profundas na estratigrafia que poderiam caracterizar uma cova não existe. No entanto o sepultamento está entre o final de uma camada e início de outra o que pode indicar um local que foi aproveitado pela sua própria formação para depositar o corpo. Cabe ressaltar que o sepultamento está ao lado e não dentro do perfil (figura 52).

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 10

Quadra: C3/C4

Nível: 19

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 10

1. Sexo: Indeterminado

Indicadores: Marcadores não preservados

2. Idade: indeterminado

Indicadores: Ossos não preservados

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 10

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples;

4. Orientação do eixo cabeça/pelve - magnética: Noroeste | geográfica: Lagoa de Santo Antônio

5. Orientação da face: não é possível determinar

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido | Descrição da posição dos pés: indeterminado

b. Superior direito: estendido ao lado do corpo | Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo

Descrição da posição das mãos: entre a pelve e a parte proximal do fêmur

8. Associação com outros esqueletos: O sepultamento 10 está na quadra C4/C3 (seta vermelha), com o crânio oposto ao indivíduo 9 (seta azul). Mas não são sepultamentos múltiplos.



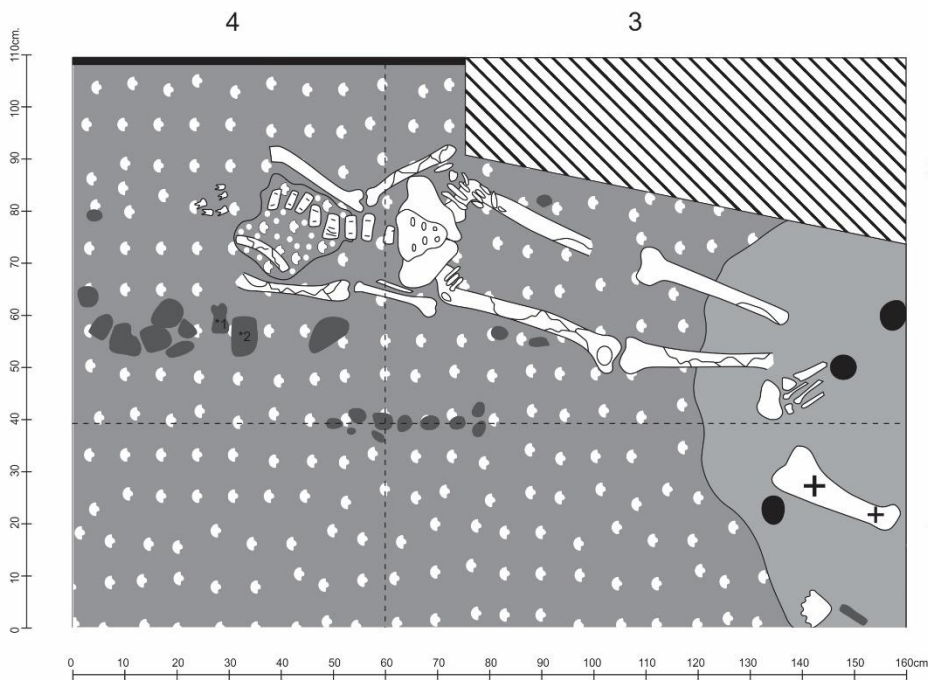
Figura 57: Sepultamento 10 indicado pela seta vermelha e sepultamento 9 indicado pela seta azul.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): sem sepultamento múltiplo

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente: Comprimento máximo 140cm; largura máxima 30cm
Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçuda
 Sepultamento 10
 Locus 6 - Área A
 Quadricula D3/D4/C3/C4 - Nível 19



Legenda:

- Sedimento da cova, arenoso marrom escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Sedimento com concreção de conchas
- Material lítico arqueológico - Artefato *1 (nº768) estava posicionado sob o lítico *2
- Mancha de sedimento mais escura que possui uma relativa profundidade em relação sedimento padrão da camada.
- Mancha de sedimento escuro
- Osso fragmentado
- Fauna
- Concha
- Parede/Perfil C Norte
- Trincheira Norte / Sul

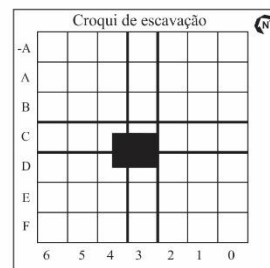


Figura 58: Sepultamento 10. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014; foto acervo GRUPEP/Arqueologia

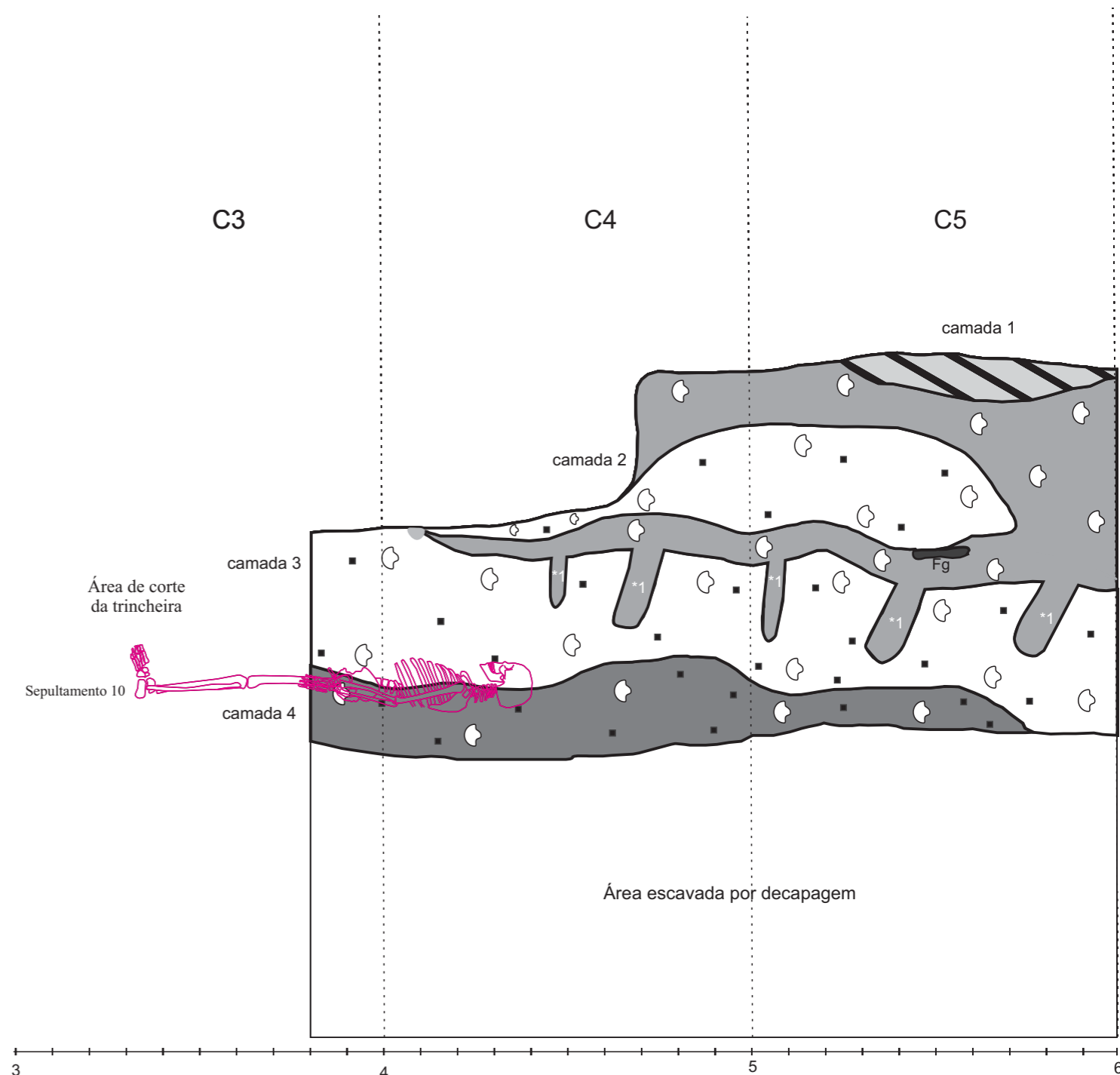
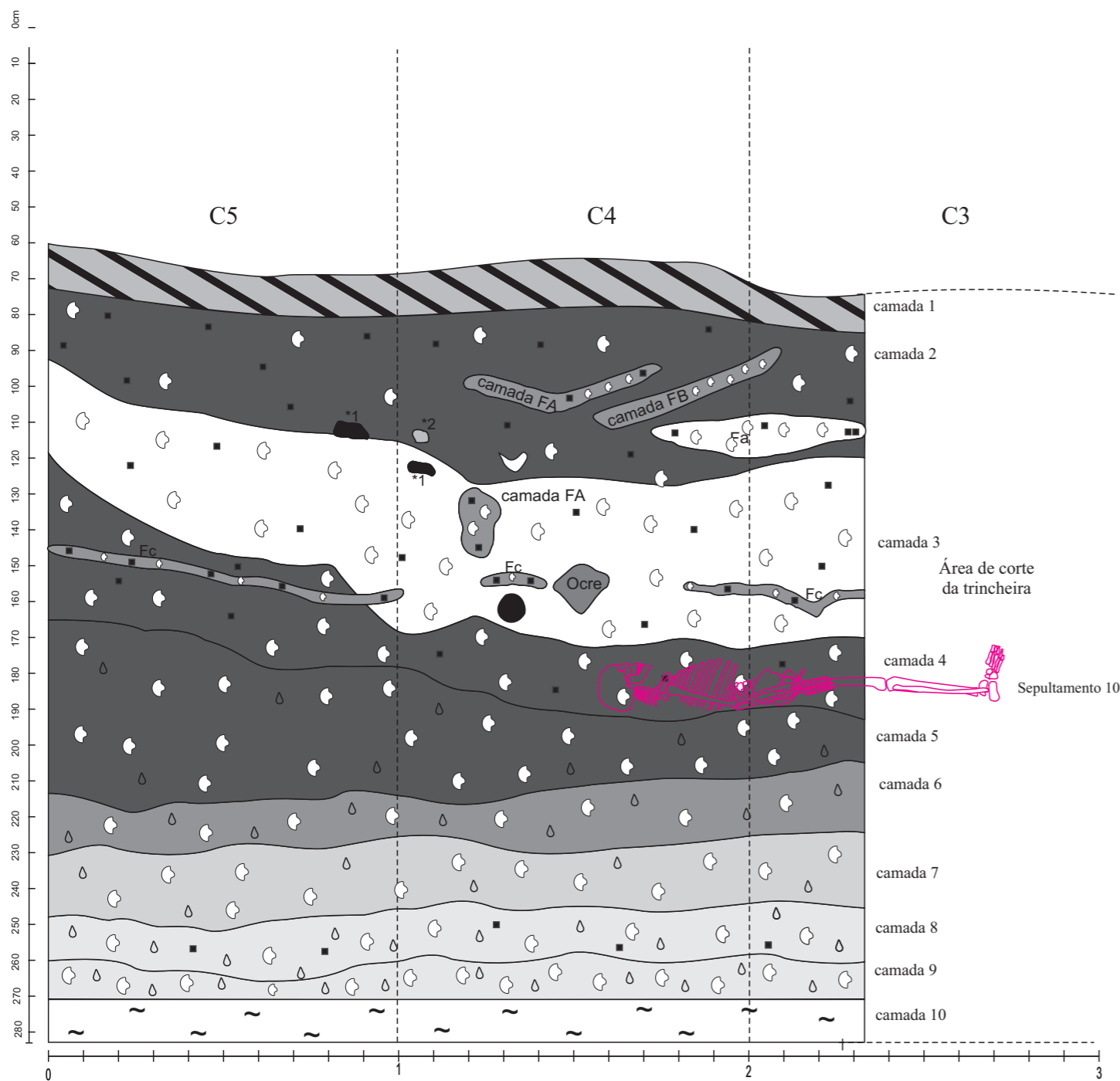
Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 10 - Nível 19

Locus - 6 Área A - Perfil C - Parede Norte
Quadras C5, C4, C3



Locus 6 - Área A - Perfil C - Parede Sul
Quadras C3, C4, C5



Legenda

- Anomalocardia flexuosa*
- Carvão
- Umidade
- Gastrópode

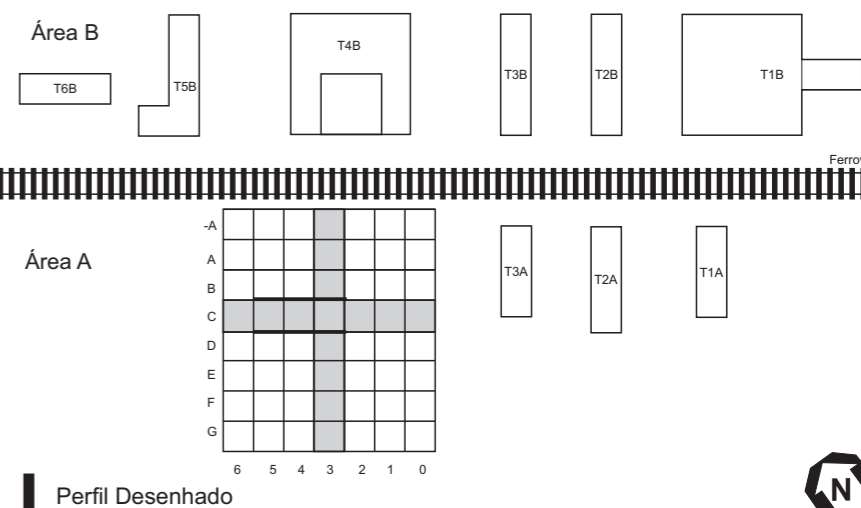


Figura 59: Sepultamento 10 representado no perfil C Norte e no perfil C Sul. Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 10

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos, ossos friáveis/pulverulentos.

13. Perda de conexão anatômica: Rádio e ulna esquerdo com úmero, entre os carpos da mão esquerda com o rádio e a ulna e entre os metatarsos e a tibia direita.

14. Integridade da estrutura funerária: A documentação visual de baixa qualidade não permite fazer inferências sobre a integridade.

Descrição analítica

No geral os ossos estão em conexão anatômica, mas existe um deslocamento na parte distal da diáfise do rádio e ulna esquerda levando a desconexão com a mão (Figura 60) e com o úmero, no entanto os ossos da mão estão em conexão, aparentemente o deslocamento aconteceu após o processo de decomposição, mas parte da articulação ainda estava mantida. Da mesma maneira que o pé direito está deslocado da tibia, mas em conexão anatômica, contudo essa constatação foi feita a partir do croqui do sepultamento, o registro fotográfico não contribuiu para uma análise detalhada.

A preservação deste indivíduo está bastante comprometida, a região direita do sepultamento está mais fragmentada em relação a esquerda, do crânio há apenas alguns ossos e dentes, as vértebras estão pulverulentas, das costelas estão presentes apenas alguns fragmentos.

A documentação escrita não descreve agentes tafonômicos e a documentação fotográfica não contribuiu para compreender se há perturbações tafonômicas que envolvam a estrutura funerária.



Figura 60: Detalhe em azul para a mão, e em amarelo para o antebraço deslocado.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 10

Medidas da cova: 180 cm; 70cm; 20cm

Descrição da cova: Foram encontradas três negativo de estaca junto a uma estrutura de combustão, localizada aos pés do sepultamento com escápula de fauna, concha, lítico. Junto ao corpo encontramos líticos (polidos), principalmente ao lado direito do sepultamento. Na estrutura de combustão localizada junto aos pés tem uma quantidade maior de sedimento arenoso, encontramos conchas da espécie *Anomalocardia flexuosa*, inclusive fechada.

Tipo: Primário | Medidas do indivíduo: Comprimento 140 cm; Largura 30 cm

Articulação dos ossos: Articulado

Posição do corpo: Estendido | Obs: Os ossos estavam bastante fragmentados

Membros superiores: Estendidos, junto ao corpo

Mãos: sobre a pelve e o fêmur

Posição dos membros inferiores: Estendidos

Pés: Encontramos apenas o pé direito do sepultamento, que parece estar estendido, possivelmente estava com os pés cruzados

Orientação do corpo - Crânio/Pelve: Norte | Face: Não encontrada

Profundidade do sepultamento: Estão em um único nível - 11

Sexo: Indeterminado | Estimativa de idade: Indeterminado

Paleopatologia: Não avaliado | Paleopatologias bucais: Não avaliado

Pigmento: Ausente | Mobiliário funerário: Carvão; Concreção com concha; Fogueira; Alguns seixos polidos estavam ao redor do sepultamento

Estaca: 3 estacas | Obs: Circundado uma estrutura de combustão, junto aos membro inferiores

Diâmetros médios: 7cm | Distancia média entre as estacas: uma a 10 cm e outra 18cm

Coletas especiais: Sem descrição

Base da cova: Sedimento arenoso com presença de conchas fechadas e abertas, havia uma concreção com concha embaixo da coluna, até próximo ao crânio (não foi evidenciado) mais extensa para o lado direito do sepultamento.

Agentes tafonômicos: sem descrição

Obs gerais: O crânio estava muito fragmentado, não conseguimos evidencia-lo apenas alguns dentes junto ao crânio encontramos um peso de rede. Aos pés do esqueleto havia uma estrutura de combustão

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

O sepultamento está localizado nas quadras C3 e C4, e no nível 19 (180 a 190 centímetros). De acordo com a descrições dos perfis no relatório de campo a camada em que o sepultamento está inserido é formada por conchas *Anomalocardia flexuosa* inteiras e fragmentadas com ossos de fauna e carvão, com pouco sedimento arenoso de coloração cinza escuro.

Características do enterramento

Sepultamento primário, por estar em posição anatômica esperada, simples por ser composto de apenas um indivíduo, já a posição dos membros indica um indivíduo estendido, e em posição dorsal.

Os membros superiores estão bem próximo ao corpo, apesar do rádio e ulna esquerda estarem deslocados, talvez algum material estava envolvendo o corpo no momento da deposição, não é possível pelas fotos e registros identificar se havia algum efeito parede ou até mesmo se o local de deposição era estreito para o tamanho do indivíduo.

A ficha de campo relata a presença de três negativos de estaca próximo aos pés do sepultamento e junto a uma estrutura de combustão que tinha maior concentração de sedimento arenoso, com conchas abertas e fechadas, fauna e lítico. No entanto não há corroboração dessa descrição em nenhuma documentação visual, por não haver descrição detalhada optamos por não considerar marcas de estaca.

O que está sendo considera como marca de estaca corresponde a mancha de sedimento mais escura que possui uma relativa profundidade ao sedimento padrão da camada e que tem dimensões muito variada de uma para outra, indo de 10 cm a 18cm, é preciso considerar que algumas dessas marcas interpretadas como marca de estaca possam corresponder a manchas decorrentes da decomposição de objetos feitos de material vegetal, como cuia de madeira, cabaça ou trançados, que pudessem ter sido colocados em associação ao corpo.

Os acompanhamentos funerário são compostos por material lítico e faunístico. De acordo com a documentação, junto ao corpo foram encontrados líticos polidos, principalmente ao lado direito do sepultamento. A análise, descrita em relatório (Farias, 2014), revela uma grande quantidade desse tipo de material associada ao sepultamento, que somam 37 materiais:

Tabela 6: Lítico associado ao sepultamento 10

Artefato (Família/Classe/Tipo)			Quantidade
Elaborados	risolis		1
Elaborados	chapeleta dupla		1
Elaborados	indefinido		1
FCR			8
Fragmentos	fragmento de artefato		2
Fragmentos			3
Lascados	lascas		4
Lascados	fragmento de lasca		1
Lascados	artefato	raspador lateral	1
Manos	polidor		3
Manos	disco		1
Manos			1
Manos	suportes alongados		1
Seixos	seixículo		9

Fonte: Adaptado de Farias, 2014

Os líticos não considerados acompanhamentos funerários foram os FCR, os três materiais da família Fragmentos sem descrição, as lascas e fragmentos de lascas da família Lascados e os seixiculos da família Seixos (ver consideração sobre os acompanhamentos funerários no item 5.5 da Dissertação – volume 1).

Síntese analítica do sepultamento

Contudo, mesmo não considerando alguns materiais, ainda existe uma gama de acompanhamento funerário junto ao corpo, cabe aqui ressaltar que este é uma das sepulturas com maior quantidade desse tipo material associado. Mas, não é possível saber a relação de cada artefato com o corpo. As fotos a seguir mostram um pouco da coleção desse sepultamento.

Figura 61: Peça: 767 | Família: Elaborados | Classe: risolis



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 62: Peça: 768 | Família: Elaborados | Classe: chapeleta dupla



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 63: Peça: 793 | Família: Elaborados | Classe: indefinido



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 64: Peça: 774 | Família: Manos | Classe: polidor

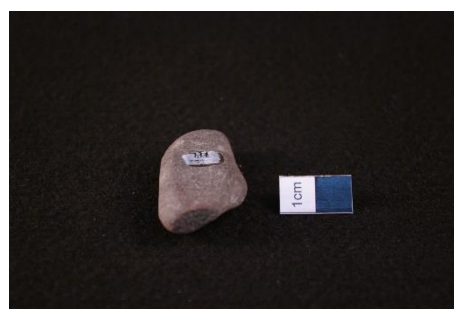
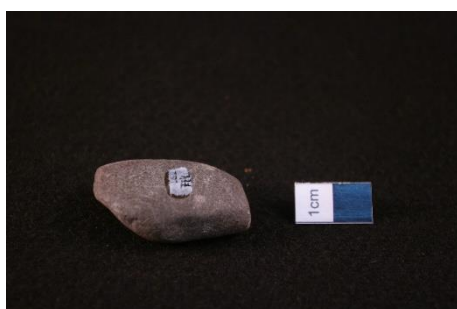


Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 65: Peça: 801 | Família: Manos | Classe: polidor



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 66: Peça: 782 | Família: Manos | Classe: disco



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Do material faunístico, diferente de *Anomalocardia flexuosa*, há vértebras de peixes, dente de miragui (*Pogonias cromis*), otólito, esporão de raia, e vértebra de peixe cartilaginoso (*Chondrichthyes*). Dos artefatos elaborados a partir da fauna têm-se uma vértebra de cetáceo polida (Farias, 2014).



Figura 68: Vértebra de cetáceo polida – face ventral



Figura 67: Vértebra de cetáceo polida – face dorsal

Em relação ao ocre o registro de campo descreve que não existe, no entanto a análise dos ossos em laboratório revela a presença de ocre, mas em quantidade discreta.

Projetando o sepultamento nos perfis “C Norte” e “C Sul” que estão próximos a ele (Figura 59), no perfil C Sul o indivíduo fica projetado em cima do relevo, mas se rebater no perfil C Norte está em uma camada compatível - camada 4.

Aparentemente não há cova, analisando os perfis “C Norte e C Sul” que está próximo ao indivíduo, ele está depositado ao final de uma camada, que pode ter sido aproveitada e preparada para colocar o corpo, o que poderia caracterizar uma cova rasa. Como é possível observar no perfil das quadras C4 e C3 onde está a projeção da localização do sepultamento na camada, não há indícios de uma interrupção profunda na estratigrafia, o que poderia caracterizar uma cova. Vale destacar que o sepultamento está ao lado e não dentro do perfil (figura 15 e figura 59).

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 11

Quadra: D5/D6

Nível: 18

Perfil Biológico do(s) Indivíduo(s)

Número do indivíduo: 11

1. Sexo: indeterminado

Indicadores: Muito jovem com a pelve extremamente fragmentada. O crânio tem apenas o processo mastoide direito parcialmente observável, que poderia ser classificada como 3.

2. Idade em anos: 16 a 18 anos.

Dentes: 2º molares inferiores com desgaste de esmalte e abatimento inicial das cúspides, 3º molares superiores erupcionados em altura adequada para oclusão, mas sem sinais de desgastes, sugerindo que os terceiros molares inferiores não estavam em altura de oclusão, e ápices dos 3º molares aberto. Fusionamento dos osso – conferir parâmetros no anexo 3 (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D., 1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 11

3. Tipo de sepultamento : a. Primário b. simples;

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: noroeste | geográfica: lagoa do Imaruí

5. Orientação da face - magnética: Sudeste | geográfica: Lagoa do Imaruí (com dúvida)

Obs: A orientação da face está em dúvida devida ao grande quantidade de quebras e informações existentes não é possível afirmar a posição.

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido

Descrição da posição dos pés: ossos sem conexão anatômica esperada, perturbados

b. Superior esquerdo: estendido junto a lateral do corpo | Superior direito: estendido junto a lateral do corpo

Descrição da posição das mãos: direita e esquerda estendidas junto ao fêmur (parte proximal da diáfise)

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

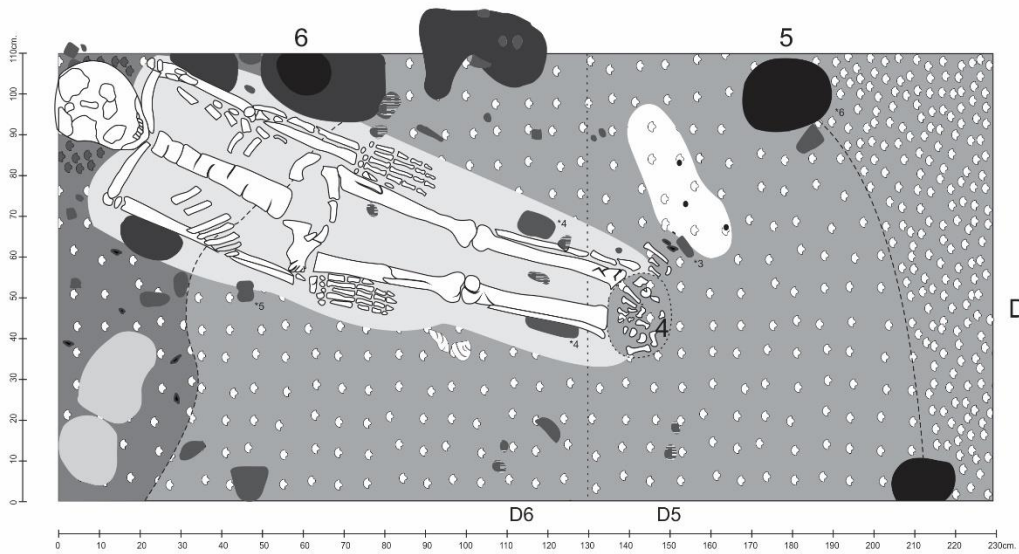
10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): sem sepultamento múltiplo

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:













Comprimento máximo 165cm; largura máxima 35cm.

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçada
 Sepultamento 11
 Locus 6 - Área A
 Quadrícula D6/D5 - Nível 18



Legenda:

-  Estrutura de carvão
-  Mancha de sedimento escura
-  Elevação na região dos pés
-  Área com sedimento escuro com presença de carvão, *Anomalocardia flexuosa*, material lítico, formando uma estrutura com carvão que estava abaixo do sepultamento.
-  Área elevada com concentração de conchas soltas em torno e embaixo do crânio
-  Carvão
-  Concentração de sedimento arenoso beje claro
-  Concentração de ocre
-  Material concrecionado
-  Líticos revestidos de ocre
-  Artefato nº 818 da família 'Elaborados' com sulco
-  Líticos encontrados debaixo do sepultamento

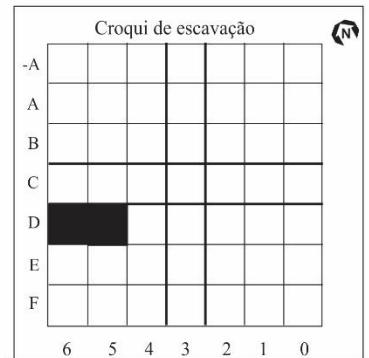


Figura 69: Sepultamento 11. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014; foto: GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 11

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos;

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: de maneira geral a estrutura funerária está bem preservada.

Descrição analítica

Aparentemente, com base nas imagens, a estrutura não apresenta perturbações, e os ossos estão em conexão anatômica apesar da grande quantidade de quebras.



Figura 70: Sepultamento 11, nível 18. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 11

Medidas da cova: comprimento 240 cm | largura 120 cm | espessura 30 cm

Descrição da cova: camada que cobre o esqueleto de *Anomalocardia flexuosa* inteiras com muitas fechadas além de outros tipos de conchas bivalves e gastrópodes com muita fauna e carvão associados. Com sedimento arenoso, marrom escuro de média compactação e muita umidade em torno do sepultamento. Observa-se artefatos líticos, estrutura de combustão e marca de estaca. Espargido por todo corpo, há uma forte camada de ocre. O detalhe é que aparentemente há um monte de concha sob os pés e o crânio.

Tipo: primário e simples | Obs: totalmente recoberto por ocre, com um montículo de conchas embaixo da cabeça.

Medidas do indivíduo: comprimento: 165cm | largura: 35cm

Articulação dos ossos: articulado

Posição do corpo: estendido - Obs: ossos ficaram bastante fragmentados

Membros superiores: estendido | Mãos: abertas ao lado do fêmur

Posição dos membros inferiores: estendido | Pés: em pé sobre uma estrutura de conchas

Orientação do corpo: crânio/pelve: Noroeste | Face: para cima

Profundidade do sepultamento – superior: crânio 30cm - pelve: 30cm - pés: 30 cm

Inferior: crânio: 10 cm - pelve: 10cm - pés: 15cm

Sexo: indeterminado | Estimativa de idade: adulto - característica de avaliação: tamanho dos ossos

Paleopatologia: não avaliado | Paleopatologias bucais: não avaliado

Pigmento: ocre | Obs: Em grande quantidade espalhado por todo o corpo

Mobiliário funerário: carvão, estrutura ou concreção de conchas, fogueira, artefato, ocre

Obs: (Ver croqui) foram encontrados muitos líticos junto ao corpo, havia uma fogueira ao lado direito do crânio que evidenciamos depois quando retiramos os ossos, no centro tinha uma mancha com areia branca. Logo após decapamos um pouco mais e observamos que a estrutura se estendia do braço esquerdo até o lado direito do crânio.

Estaca: sim - Quantidade: 3 - Posição em relação a cova: três estacas contornando a cova

Posição em relação ao esqueleto: Próximo ao esqueleto a duas nos pés e uma ao lado do braço esquerdo

Diâmetro médios: 18cm - Distância média entre as estacas: 80cm

Coletas especiais Datação: Ossos – costelas | Coleta de pigmento – todo o sepultamento

Paleoparasitologia: Sacro, crânio, pés

Base da cova: Logo aos pés o ocre havia uma camada de sedimento escuro com conchas

Agentes tafonômicos : Sem descrição

Obs gerais: o sepultamento estava com muito ocre junto ao corpo, com sedimento escuro na base do sepultamento. Com evidência de uma estrutura de combustão que se estende do braço esquerdo até o lado direito na altura do crânio até a extremidade da quadricula.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

O sepultamento 11 está localizado na quadra D5 e D6, no nível 18 (180 a 190 centímetros). De acordo com os croquis dos perfis este sepultamento fazia parte da camada 4, composta por uma camada de coloração escura bastante compactada, em alguns pontos concrecionada com conchas de *Anomalocardia flexuosa* fragmentadas e poucas inteiras, com presença de ossos miúdos de fauna e poucos fragmentos de carvão.

A ficha de campo descreve ainda que o indivíduo estava coberto por uma camada de *Anomalocardia flexuosa* inteiras com muitas fechadas, além de outros tipos de conchas bivalves e gastrópodes, com fauna e carvão associados. O sedimento arenoso possuía muita umidade.

Características do enterramento

O sepultamento está em posição dorsal, indicada pela vista anterior dos fêmures, possui as patelas em conexão anatômica, e está estendido. O conjunto esquelético em conexão e posição anatômica indicam um sepultamento primário, e simples por ter apenas um indivíduo na sepultura.

A região do crânio e pés estão elevados em relação ao tronco de acordo com a ficha de campo e altimetria feita (Figura 72) do sepultamento, a elevação se dá, segundo registro de campo, por uma camada de conchas que estava sob essa região. Observando a documentação, o pé está apoiado em cima da parte mais alta, que aparentemente não foi ‘construída’ para colocar o pé, na realidade essa é uma característica do próprio terreno, fazendo que o pé fique mais elevado sobre essa região, e no momento da decomposição a tíbia assenta e fica mais baixa que o pé (Figura 71). É possível que algo, que não era concha, estivesse envolvendo os pés, pois se fosse concha manteria o pé articulado em certa medida, então para os pés desmontarem dessa forma (Figura 71) havia um espaço vazio para acontecer o desmonte, isso também explica porque tem corante em toda área dos ossos dos pés, inclusive nas articulações, e em menor quantidade que o resto do indivíduo.



Figura 71: Sepultamento 11, setas da imagem a direita indicam a tíbia mais baixas em relação ao pé. A imagem da esquerda mostra o cre nos ossos dos pés.

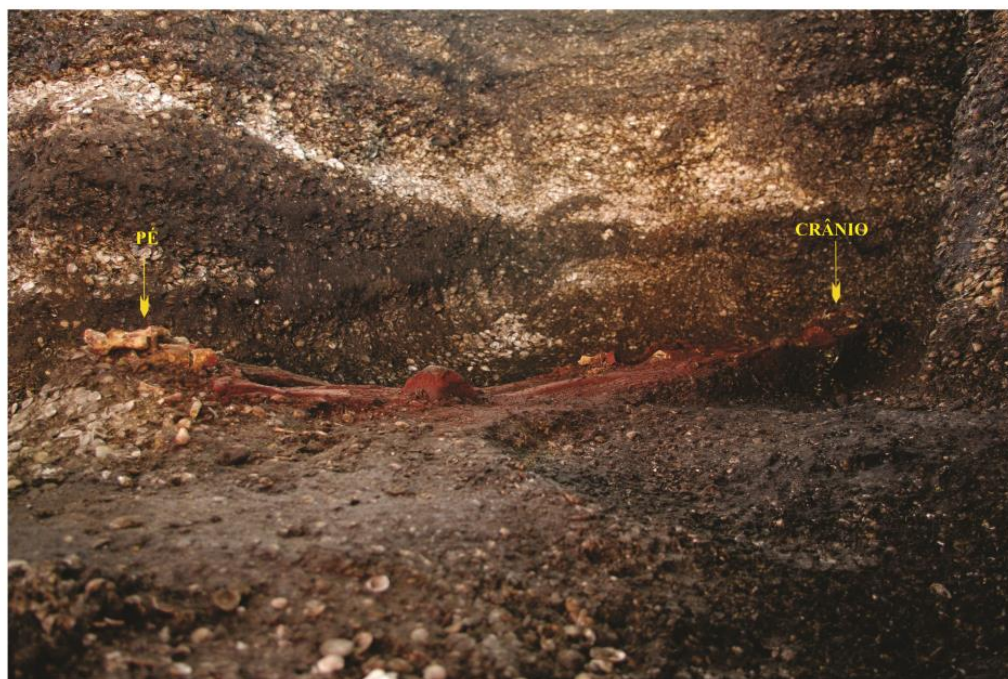
Quanto a informação da presença de marca de estaca, não há corroboração dessa descrição em nenhuma documentação visual, também não há descrição detalhada, portanto optamos por não considerar marcas de estaca. As informações de campo relatam que tais marcas contornam a cova, no entanto ao analisar o croqui elas não parecem circundar a cova.

O que está sendo considerado como marca de estaca (nos registros de campo) corresponde a mancha de sedimento mais escura que possui uma relativa profundidade em relação ao sedimento padrão da camada e que tem dimensões muito variada de uma para outra, com diâmetro médio de 18 centímetros, é preciso considerar que algumas dessas marcas interpretadas como marca de estaca possam corresponder a manchas decorrentes da decomposição de objetos feitos de material vegetal, como cuia de madeira, cabaça ou trançados, que pudessem ter sido colocados em associação ao corpo.

Estamos considerando que os registros de fogueira não são possíveis de afirmar que sejam fogueiras, assim vamos trata-las como estrutura de carvão.

Síntese analítica do sepultamento

Sambaqui de Cabeçuda
Sepultamento 11
Locus 6 - Área A
Quadricula C6/C5 - Nível 18



Altimetria do Sepultamento 11 - nível 1,62 metros em relação ao zero

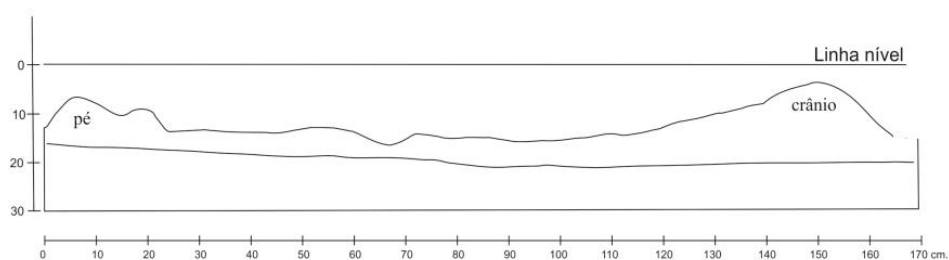


Figura 72: Altimetria do sepultamento 11.

Os acompanhamentos funerário elaborados a partir de material lítico são um almofariz côncavo da família dos Basais, manos, artefato de bico da família dos Lacados, bolas com sulcos da família Elaborados, gume transversal que estava coberto de ocre, fragmentos de artefatos da família Fragmentos. Além desses líticos há outros objetos que não foram considerados acompanhamentos como fragmentos de materiais térmicos (FCR) que podem estar associados as estruturas de carvão, além de lascas e seixos que não foram consideradas por provavelmente serem apenas componente do sedimento. Abaixo a lista com a quantidade de cada material e também imagens dessa coleção.

Síntese analítica do sepultamento

Tabela 7: Lítico associado ao sepultamento 11

Artefato (Família/Classe/Tipo)			Quantidade
Elaborados	risolis		1
Elaborados	chapeleta dupla		1
Elaborados	indefinido		1
FCR			8
Fragmentos	fragmento de artefato		2
Fragmentos			3
Lascados	lascas		4
Lascados	fragmento de lasca		1
Lascados	artefato	raspador lateral	1
Manos	polidor		3
Manos	disco		1
Manos			1
Manos	suportes alongados		1
Seixos	seixículo		9

Fonte: Adaptado de Farias, 2014

Figura 73: Peça: 847 | Família: Basais | Classe: Almojariz côncavo



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 74: Peça: 847 | Família: Gumes Transversais | Classe: lâmina



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Figura 75: Peça: 804 | Família: Depressões Cupuliformes | Classe: s/d



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 76: Peça: 818 | Família: Depressões elaborados | Classe: bola



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 77: Peça: 847 | Família: Elaborados | Classe: s/d

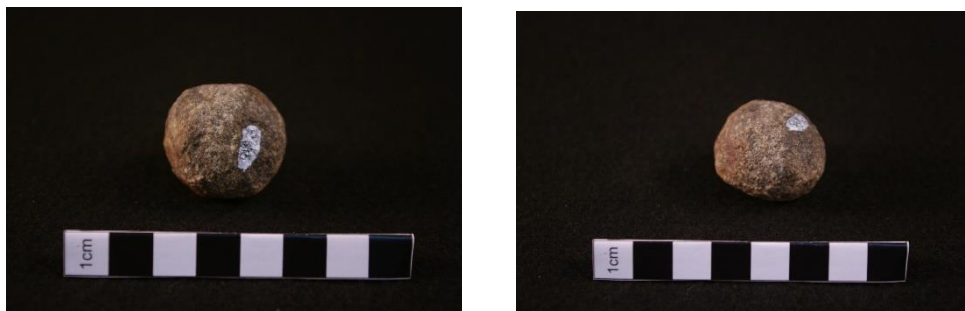


Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 78: Peça: 847 | Família: Fragmentos | Classe: bipolar



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Figura 79: Peça: 811 | Família: Lascados | Classe: artefato | Tipo: bico



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Já artefatos elaborados a partir de material faunístico não foram encontrados.

Em relação ao ocre, neste sepultamento o pigmento está rente ao limite do corpo. Se o corpo tivesse sido pintado dentro da cova haveria uma mancha vermelha que corresponderia ao negativo do corpo e mais uma mancha do espaço da cova, mas não é compatível com o que aparece Figura 80. Temos algo que pouco interrompe/ultrapassa o limite do corpo, no máximo o lítico que está encostado nos membros inferiores, observando a Figura 80 que mostra o indivíduo antes de ser totalmente escavado o pigmento corresponde ao corpo pintado e não a jogar ocre dentro de uma cova.



Figura 80: Sepultamento 11 antes de ser totalmente escavado.

Contudo se existe uma cova ela é pequena e estreita, pois o corpo está com o eixo central mais baixo do que os pés e crânio (Figura 72). Observando a posição do esqueleto, com os ossos apendiculares superiores extremamente junto ao corpo e a região entre parte distal do fêmur e proximal da tíbia (região de joelhos) constricta, parece que algo manteve os ossos nessa posição, o tamanho pequeno dessa possível cova pode ter contribuído para essa posição. Também em análise ao perfil que está ao lado do sepultamento não existe uma ruptura na estratigrafia (Figura 72) que poderia caracterizar uma cova. É possível que a base que o indivíduo foi depositado tenha sido preparada, mas não significa necessariamente que foi realizada a abertura de uma cova.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 12/13 Quadra: D4/D5 Nível: 24

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 12

1. Sexo: Feminino

Indicadores: Pelve - região sub-púbica, arco ventral, concavidade sub-púbica, crista do ramo isquiopúbico;
Crânio - processo mastóide, margem supra-orbital (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

2. Idade em anos 25-30 anos

Indicadores: Pelve utilizada como parâmetro de idade - método Todd e método Suchey-Broks (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 12

3. Tipo de sepultamento - a. Primário b. múltiplo de dois indivíduos

4. Orientação do eixo crânio/pelve - magnética: Noroeste | geográfica: Lagoa de Santo Antônio

5. Orientação da face - magnética: nordeste (levemente) | geográfica: Lagoa de Imaruí

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido

Descrição da posição dos pés: em conexão anatômica parcial

b. Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo |

Superior direito: estendido ao lado do corpo, parte do úmero, rádio e ulna abaixo do fêmur direito do sepultamento 13.

Descrição da posição das mãos: Mão esquerda: ao lado da pelve e fêmur | Mão direita: Ao lado da pelve e fêmur sob/sobre a mão esquerda do sepultamento 13

8. Associação com outros esqueletos: Sepultamento 13 e 8

b. Qual associação? Sepultamento 13 - indivíduo primário depositado estendido ao lado direito do sepultamento 13; Sepultamento 8 repositado ao lado esquerdo do sepultamento 12

9. Delimitação de cova: indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): indeterminado

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo 146cm; largura máxima 30cm;

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 13

1. Sexo: Masculino

Indicadores: Grande incisura isquiática, pelve alta e estreita (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

2. Idade em anos: 14 anos ± 12 meses

Indicadores: Ossos longos não fusionados; Esterno: 1ª esternébra não fusionada; Vértex torácicas: fusão não completa de arco e em corpo nas vértebras intermediárias; Vértebras cervicais: fusão completa de arco em corpo; Pelve: sem crista ilíaca (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 13

3. Tipo de sepultamento

a. primário; b. múltiplo de dois indivíduos

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: sudeste | geográfica: Mar aberto

5. Orientação da face: magnética sudoeste geográfica: lago de Imaruí

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido

Descrição da posição dos pés: sem conexão anatômica

b. Superior esquerdo: estendido ao lado do corpo |

Superior direito: estendido ao lado do corpo, com parte do úmero, rádio e ulna abaixo do fêmur direito do sepultamento 12.

Descrição da posição das mãos: Mão esquerda sobre a pelve; Mão direita sobre a pelve, e sob/sobre a mão esquerda do sepultamento 12.

8. Associação com outros esqueletos: Sepultamento 12 e 8

b. Qual associação?: Sepultamento 12 - estendido ao lado direito do sepultamento 13, e redeposição do sepultamento 8 ao lado esquerdo do sepultamento 12.

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): Indeterminado

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo 132cm; largura máxima 20cm;

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 13

Medidas da cova - Comprimento: 200cm | Largura 67cm | Espessura – Max. 27cm – min. 6cm

Descrição da cova: A cova do sepultamento apresentava uma fogueira, não continha ocre, nem marca de estaca. As conchas presentes na cova são *Anomalocardia* abertas e fechadas (inteiras). Presença de fauna miúda, presença de algumas pedras e artefatos. A cova está praticamente na base do sambaqui, próximo a camada estéril do sambaqui. É possível identificar a transição da areia escura para a areia clara (cinza médio)

Tipo: Primário | Obs: O sepultamento está ao lado do sep.12 em posição invertidas. É uma criança com aproximadamente 8 anos, medindo 132cm

Medidas do indivíduo: Comprimento: 132cm | Largura: ombros 20cm – Quadril 20cm – pelve 20cm

Articulação dos ossos: Articulado

Posição do corpo: Estendido | Obs: Estendido em posição invertida ao sepultamento 12

Membros superiores: estendidos, braço direito está embaixo da perna direita do sepultamento 12

Mãos: Mão direita entrelaçada com a mão direita do sepultamento 12

Posição dos membros inferiores: Perna esquerda não está totalmente articulada, fêmur esquerdo está deteriorado. Perna direita está sobre o braço direito do sepultamento 12

Pés: Pés cruzados, juntos ao crânio do sepultamento 12

Orientação do corpo: Crânio/pelve: Sudeste | Face: Sul

Profundidade do sepultamento: Superior – Crânio 20cm – Pelve 5cm | Inferior – Crânio 5cm – Pelve 5cm

Sexo: Indeterminado | Estimativa de idade: Criança | Obs: 8 anos, mandíbula e dentes(pequenos) tamanho do crânio, membros e espaçamento entre as vértebras.

Paleopatologia: Não avaliado | Paleopatologias bucais: Desgaste: Leve

Pigmento: Restrito – ocre | Obs: Ocre na base da cova em pontos específicos próximo a pelve e crânio.

Mobiliário funerário: Carvão, Estrutura ou concreção de conchas, Fogueira, Artefato

Obs: Observou-se poucos materiais associados ao sepultamento, entretanto há conchas *Anomalocardia* queimadas no pés e cabeça

Estaca: Não

Coletas especiais Datação: Costelas

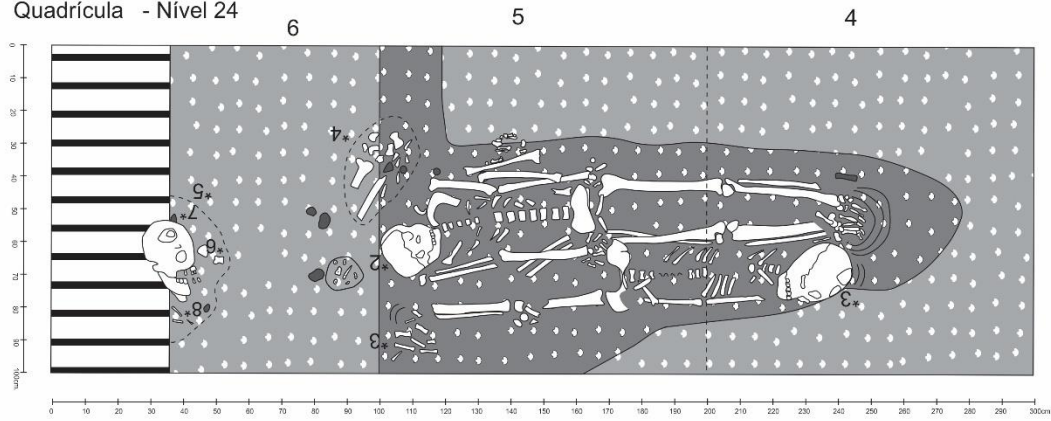
Paleoparasitologia: Crânio

Base da cova: Base de sedimento arenoso de coloração bege claro, com *Anomalocardia* inteiras e branca em uma cova rasa

Agentes tafonômicos: fauna | Obs: Foi encontrado lacrais junto ao sepultamento

Obs gerais: Sepultamento de uma criança diretamente associado a um adulto. Seu braço direito está abaixo da perna direita do sepultamento 12. Suas mãos estão entrelaçadas com o sep.12. A perna direita está sob o braço direito do sepultamento 12.

Sambaqui de Cabeçuda
 Sepultamento 12, 13 e 8
 Locus 6 - Área A
 Quadrícula - Nível 24



Legenda:

- Sedimento da cova, arenoso marrom escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Sedimento arenoso cinza médio húmido com presença de *Anomalocardia flexuosa*
- Material lítico arqueológico
- Concentração de fauna
- Região elevada
- *1 Sepultamento 8 redepositado ao lado esquerdo do sepultamento 12
- *2 Sepultamento 12
- Área não escavada
- *3 Sepultamento 13
- *4 Sepultamento 19 adentrando perfil
- *5 Sepultamento 19 adentrando no perfil sentido sul
- *6 Concha bivalve e vértebra de peixe
- *7 Artefato lítico polido adentrando em crânio do sep. 19
- *8 Fauna
- *9 Concentração de Fauna



Figura 81: Sepultamento 12 e Sepultamento 13. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

12. Alterações tafonômicas do esqueleto - Os ossos dos dois indivíduos possuem quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos;

13. Perda de conexão anatômica: O sepultamento 12 e 13 estavam com os ossos dos pés e mãos estão na posição anatômica esperada, mas não em conexão.

14. Integridade da estrutura funerária: de maneira geral a estrutura funerária está bem preservada.

Descrição analítica

A deposição dos sepultamentos 12 e 13 interferiu na estrutura do sepultamento 8, destaque vermelho na imagem, que teve os membros inferiores repositados ao lado do sepultamento 12, destaque em azul na imagem. Mas após o depósito dos sepultamentos a estrutura não aparenta ter sofrido outros distúrbios, e os registros de campo também não descrevem quaisquer tipo de alteração.

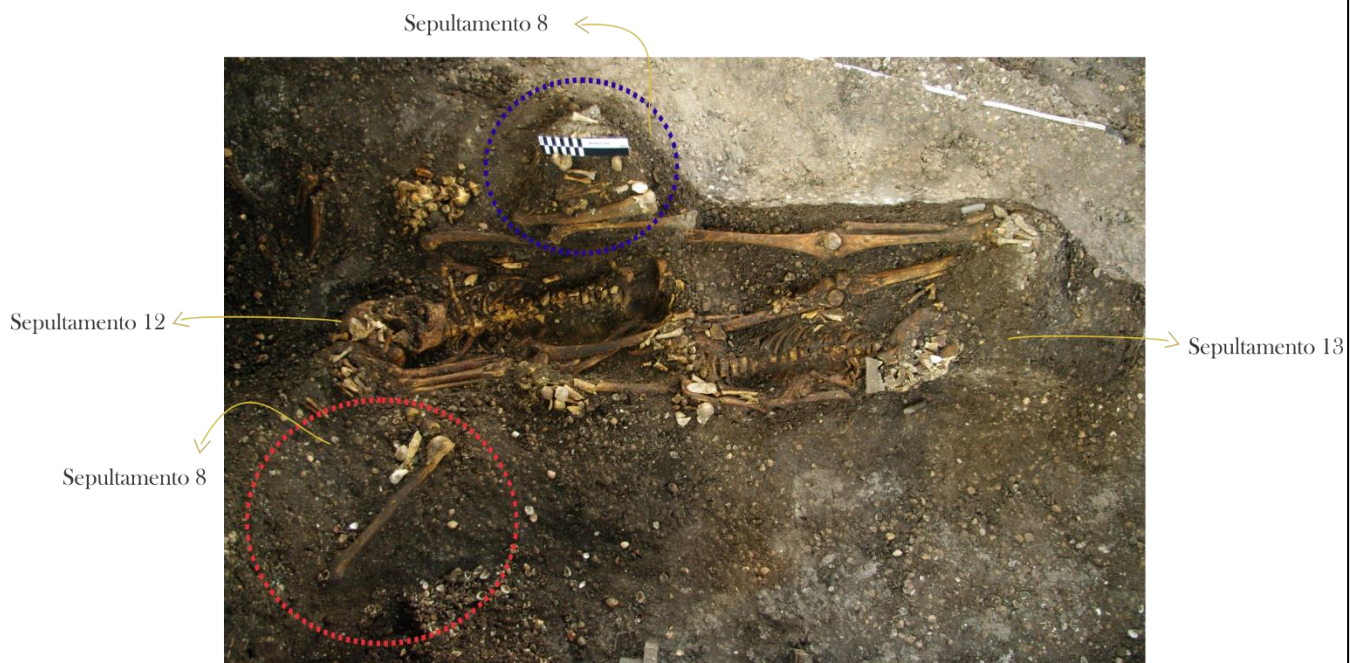


Figura 82: O esquema indica os sepultamentos 12 e 13, e a deposição primária do 8 e a redeposição do sepultamento 8 ao lado do 12.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

Os sepultamentos 12 e 13 estavam localizados nas quadras D4 e D5, no nível 24 (230 a 240 centímetros). De acordo com a ficha de campo o sedimento era composto por *Anomalocardia flexuosa* tanto abertas como fechadas e fauna miúda. Já segundo a descrição das camadas e níveis (Farias, 2014) a composição deste nível é formada por uma camada de poucas conchas de *Anomalocardia flexuosa* inteira em sua maioria e algumas fragmentadas, ausência de vestígios antracológicos e demais materiais zooarqueológicos, com sedimento de coloração cinza médio e pouco compactado. Os sepultamentos estão próximo a camada estéril do sítio, a camada de areia estava a alguns centímetros abaixo dos sepultamentos.

Características do enterramento

O sepultamento 12 e 13 são primários dada a conexão anatômica do esqueleto, e estão depositados lado a lado, estendidos, mas de maneira invertida, o sepultamento 12 com o crânio nos pés do sepultamento 13 e o 13 com o crânio em direção aos pés do sepultamento 12. Ao depositar os sepultamento foi interferido no sepultamento 8 que está com parte do corpo, que são tíbias e pés redepositados ao lado do sepultamento 12 em um amontoado de ossos.

Os sepultamentos 12 e 13 estão em posição dorsal, perceptível pela visão anterior dos ossos. O sepultamento 12 está com o membro superior direito abaixo do membro inferior direito do sepultamento 13, levemente flexionado, em ângulo menor que 45°, com o terço distal da ulna e rádio sobre a pelve, a mão direita estava abaixo da coxa do 13. O membro superior esquerdo está em efeito parede (Figura 84), com a mão ao lado fêmur e articulada; os joelhos estão constrito com os pés juntos um ao lado do outro.

O sepultamento 13 está com o membro superior direito abaixo do membro inferior direito do sepultamento 12, a mão direita estava acima da região da barriga, com a decomposição e afundamento as mãos direita do dois indivíduos se encontraram. Mas diferente do que está descrito em ficha de campo as mão não estão entrelaçadas, as fotos mostram que ossos não estão dispostos de tal maneira. Outro detalhe é um 5° metatarso juntos dos ossos das mãos, em laboratório esse osso foi analisado e faz parte do sepultamento 8, no momento em que os ossos foram reduzidos e redepositados o metatarso ficou sobre os ossos das mãos.

As costelas do sepultamento 13 estão abertas e escoradas na parede da cova e em cima do úmero (Figura 83); os membros inferiores estão constritos na região do joelho, as tíbias e fíbulas estão lado a lado, a direita está mais abaixo da esquerda, “inclinadas” na parede da cova, os pés segundo o registro de campo estão cruzados, mas não é possível perceber pelas imagens.



Figura 84: Seta amarela indica o efeito parede no úmero esquerdo do sepultamento 12



Figura 83: Sepultamento 13 – seta amarela indica as costelas com efeito parede, sobre o úmero esquerdo

Síntese analítica do sepultamento

Observando toda a disposição dos esqueletos 12 e 13, provavelmente eles foram depositados ao mesmo tempo, ou o período entre a deposição de um sepultamento e de outro foi curto, pois eles estão com alguns ossos sobrepostos e a conexão anatômica ainda permanece. Pela disposição apresentada a perna de um indivíduo teve que ser levantada e ajustada para acomodar o outro.

Os dois sepultamento (12 e 13) possuem características parecidas (como descrito acima), e estão com o crânio e cabeça sobrelevados em relação ao restante do corpo - possível perceber a partir da altimetria (Figura 85)-, os membros estão bem próximos ao corpo de forma “justa”, com efeito parede perceptível na região esquerda dos respectivos indivíduos, tais aspectos remetem para um local de depósito pequeno para os dois indivíduos. Não é possível inferir sobre a existência de uma cova profunda, com interferência na estratigrafia, assim como em outros sepultamentos a cova parece ser rasa, talvez em um local que já possuía uma depressão no terreno e foi apenas preparado para a deposição dos corpos.

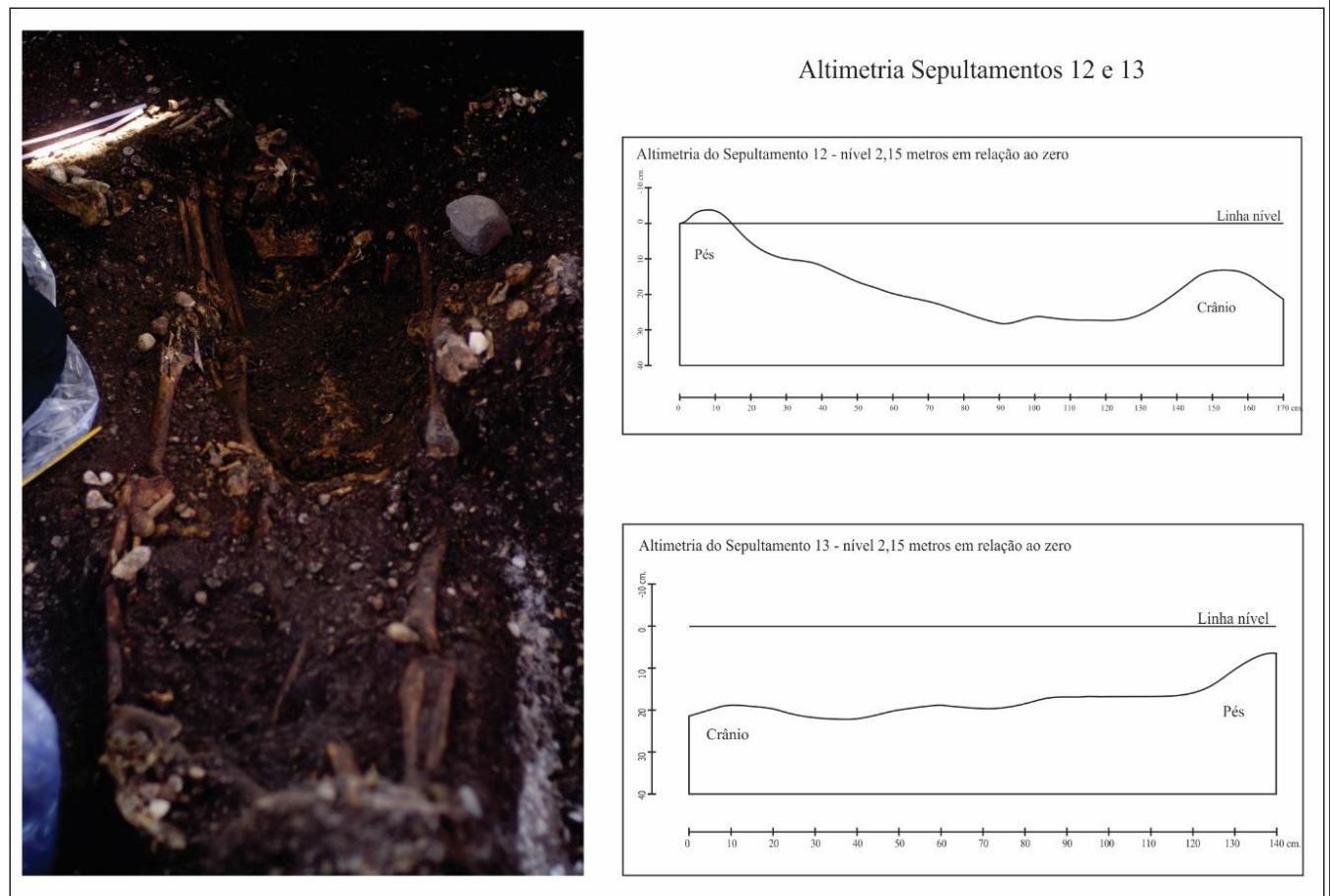


Figura 85: Altimetria dos sepultamentos 12 e 13. Croqui: Adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Os sepultamentos apresentam ocre, mas em pouca quantidade diferente do que aparece em outros sepultamentos.

Os acompanhamentos funerários identificados juntos aos sepultamentos são: espatuliformes da família dos Elaborados, gume transversal, almofariz plano da família dos Basais e fragmentos de artefatos da família Fragmentos. Vale destacar que a análise do lítico menciona que o gume transversal sofreu prática de *Killing*.

Além dos acompanhamentos outros materiais líticos encontrados foram fragmentos de lascas e seixos, lascas, mas que não foram considerados acompanhamentos pois poderiam apenas fazer parte do sedimento que envolvia o sepultamento. Abaixo segue a lista dos materiais encontrados:

Síntese analítica do sepultamento

Tabela 8: Lítico associado aos sepultamento 12/13/8

Sepultamento	Família/Classe/Tipo		Quantidade
12/13/8	Elaborados	espatuliforme	1
12/13/8	Basais	almofariz plano	1
12/13/8	Fragmentos	fragmento de artefato	1
12/13/8	Gumes transversais		1
12/13/8	Lascados	lasca	

Fonte: Adaptado de Farias, 2014

Figura 86: Peça: 849 (sepultamento 12) | Família: Elaborados | Classe: espatuliforme



Foto: GRUPEP/Arqueologia

Figura 87: Peça: 851 (sepultamento 12/13/8) | Família: Gumes Transversais | Classe: lâmina



Foto: GRUPEP/Arqueologia

No que diz respeito a material faunístico, amostras dos sepultamento 12 e 13 não foram recuperadas para análise.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 15

Quadra: F1

Nível: 21

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 15

1. Sexo: Masculino

Indicadores: Pelve: Incisura isquiática maior, sulco pré-auricular; Crânio: processo mastóide, margem supra orbital, glabella e processo mental (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

2. Idade em anos: Mais de 50 anos

Indicadores: Sínfise púbica e superfície auricular – métodos: Todd e Suchey-Broks

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 15

3. Tipo de sepultamento – a. primário b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: Nordeste | geográfica: Lagoa do Imaruí

5. Orientação da face - magnética: Sudeste | geográfica: Mar Aberto

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito lateral esquerdo

7. Posição dos membros:

a. Inferior: Ficaram na parede (sul) do sítio

b. Superior esquerdo: estendido junto ao corpo | Superior direito: estendido junto ao corpo

Descrição da posição das mãos: sobre a pelve

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): Sem sepultamento múltiplo

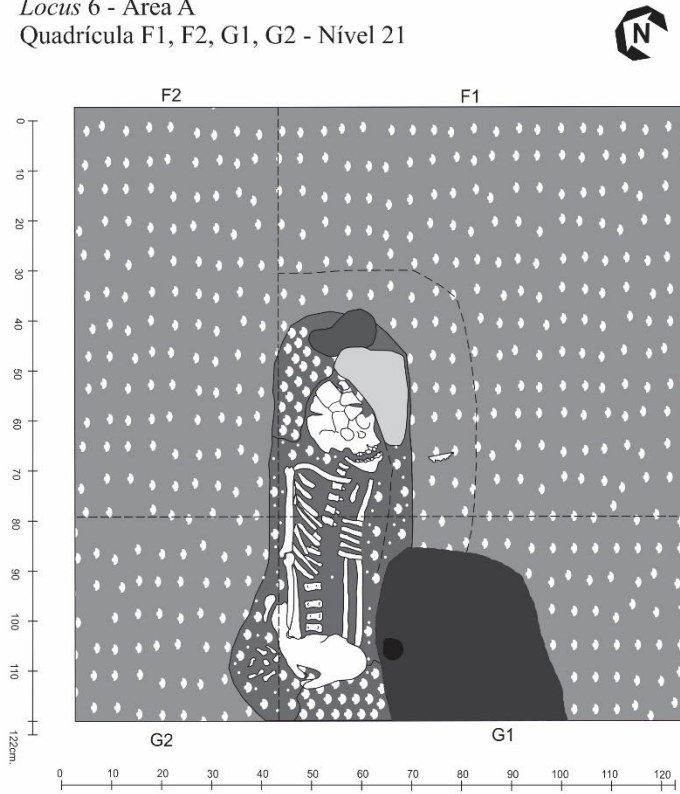
11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo: 81cm (os membros inferiores ficaram no perfil) | largura máxima: 34cm;

Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 15
Locus 6 - Área A
Quadrícula F1, F2, G1, G2 - Nível 21



Legenda:

- Área da cova (sedimento de *Anomalocardia flexuosa* concencionada).
- Sedimento do entorno da cova cinza médio
- Concentração de *Anomalocardia flexuosa*
- Abertura da cova na direção nordeste, área de apoio para a cabeça.
- Mancha escura no sedimento.
- Estrutura de carvão.
- Osso

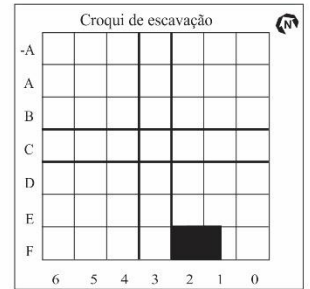


Figura 88: Sepultamento 15, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.
Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 15

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos;

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: Sem distúrbios aparentes.

Descrição analítica



Figura 89: Sepultamento 15, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.

O indivíduo foi escavado somente até a região da pelve, os membros inferiores ficaram no perfil do sítio, observando as imagens aparentemente a estrutura funerária não possui alterações tafonômicas, além das quebras nos ossos do esqueleto. A documentação de campo descreve a fauna como um agente tafonômico, mas sem descrições detalhadas, pelas imagens não é possível observar alterações.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 15

Medidas da cova Comprimento: 105cm (as pernas e pés ficaram no perfil) | Largura: 70 cm | Espessura: 30cm

Descrição da cova: Sobre o sepultamento percebe-se a presença de carvão em abundância em sedimento fino e compacto, com muita fauna associada. Algumas pedras de fogueira também foram encontradas. Presença de fauna sob a mão direita e uma grande concentração de fauna ao lado esquerdo do crânio. Sob o crânio em sua parte superior observamos uma pedra possivelmente um granito com evidentes marcas de queima posicionada como fosse um apoio ou marco para cova. Foi evidenciado marca de estaca ao lado da pelve esquerda. Na mão esquerda foi observado presença de fauna.

Tipo: Primário

Obs: Se observou a presença do lado direito do sepultamento onde a mesma começava a aparecer do crânio e se prolongava em direção dos membros inferiores

Medidas do indivíduo: Comprimento: 81cm (as pernas não foram retiradas, continuam no perfil) | Largura: 34cm

Articulação dos ossos : Articulado

Posição do corpo: Estendido | Obs: O corpo se encontra em uma estendida lateralização (“croqui” na ficha)

Membros superiores - Direito estendido paralelo ao corpo | Esquerdo estendido embaixo das costelas

Mãos: Direita estendida paralela a pelve direita | Esquerda estendida paralela a pelve esquerda

Posição dos membros inferiores: Continuam no perfil – nível 13 |

Pés: Continuam no perfil – nível 13

Orientação do corpo - Crânio: oeste | Face: Sul

Profundidade do sepultamento - Crânio – Superior: 10cm – Pelve: 18cm | Inferior – Crânio:13cm – Pelve: 5cm

Sexo: Indeterminado | Estimativa de idade: Adulto | Características de avaliação: Dentição desgastada

Paleopatologia: Não avaliado | Paleopatologias bucais: Sem descrição | Pigmento: Ausente

Mobiliário funerário: Carvão, Estrutura ou concentração de conchas, Fogueira, Artefato

Obs: Observa-se uma grande fogueira na parte esquerda do corpo começando na cabeça e progredindo paralela em direção aos membros inferior, com grande concentração de fauna em frente a face e na pelve esquerda, observou-se que o sedimento próximo aos braços estavam muito concrecionados e escuros.

Estaca: Sim | Quantidade: 1 | Posição em relação a cova: No lado esquerdo (ver croqui) próximo a fogueira

Posição em relação ao esqueleto: Lateral a pelve esquerda | Diâmetros médios: 5cm

Coletas especiais: sem descrição

Base da cova: A base da cova se caracterizava por sedimento solido com presença maciça de *Anomalocardia* a lateral onde se encontravam os braços o sedimento apresentava-se compactado.

Agentes tafonômicos: Fauna

Obs gerais: Sepultamento primário, com presença de uma grande fogueira na parte lateral esquerda, presença maciça de fauna com uma concentração maior na frente da face. Sedimento embaixo dos braços compactados e escuro.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

Sepultamento localizado na quadra F1 e no nível 21 (210 a 220 centímetros). De acordo com a descrição da ficha de campo o sedimento em torno do sepultamento é fino e compacto, com bastante fauna e carvão sobre o sepultamento. Na região da mão esquerda e na frente da face havia uma grande concentração de fauna, além de concentração de *Anomalocardia flexuosa* na região posterior do crânio.

As informações de campo descrevem uma fogueira na parte esquerda do corpo, que inicia na cabeça e continua paralela em direção aos membros inferior, mas o croqui ilustra a fogueira apenas da região do abdômen em direção ao membros inferiores, contudo por falta de descrições detalhadas da composição estamos considerando como estrutura com carvões.

Já abaixo do sepultamento o sedimento era composto por *Anomalocardia flexuosa* em abundância, segundo os documentos de campo.

Características do enterramento

Se trata de um sepultamento primário por estar com os ossos em conexão anatômica esperada, e simples por ter apenas de um indivíduo. Está em decúbito lateral esquerdo, pela vista anterior dos ossos.

O crânio está bastante fragmentado e sobrelevado em relação ao corpo, a elevação do crânio pode se dar por um preparo intencional na hora do depósito do indivíduo, mas também o local do depósito poderia ser menor que o esqueleto deixando o crânio elevado. A ficha de campo registra a direção do crânio para oeste e face para o sul, no entanto, analisando toda documentação foi possível identificar que na realidade o crânio está na direção nordeste e a face para sudeste (Figura 88).

O esterno está visível, o manúbrio no lugar esperado, as costelas que não estão aparecendo é porque quebraram, a clavícula direita está caindo por cima da 3^a/4^a vertebra lombar, e a coluna está desalinhada.

O membro superior direito está estendido, mas sobre as costelas e em direção ao abdômen, a visão do úmero direito é a área de inserção do latíssimo dorso acima da área deltoide, indicando que o braço direito girou em pronação extrema com rotação do úmero, o rádio que tem articulação lábil esta desconexa do úmero, enquanto o ombro gira com a articulação de úmero e ulna em conexão – tudo gira e o rádio fica em “posição inicial”.

As mãos antes da decomposição estavam acima da pelve, mas o processo cadavérico fez com que os ossos caíssem no meio da pelve, deixando parte dos ossos da mão em cima e parte no meio da pelve. Já o membro superior esquerdo está em posição anatômica e abaixo das costelas esquerda, que por sua vez estão abertas sobre o úmero esquerdo, tal movimento das costelas esquerda aconteceu devido a posição em que o sepultamento foi depositado.

A região do tórax tem um espaço vazio que deita os ossos, havia uma compressão sendo feita em algum momento e fez a estrutura colapsar, se tivesse esvaziado os pulmões e enchido de sedimento imediatamente não teria a inclinação mas sim quebras, ou seja, não tem sedimento direto em cima do corpo entrando junto com a saída do tecido mole. O que indica algum material, possivelmente uma mortalha de fibra vegetal que envolvia o corpo.

A região inferior ficou no perfil do sítio, portanto não é possível identificar a disposição dos ossos em detalhe, mas com base na posição da pelve os membros inferiores estão estendidos, a julgar pela posição e inexistência de ossos de perna, se tivesse fletida estaria aparecendo parte dos ossos nas imagens, por isso ele provavelmente estaria esticado.

Havia também efeito parede, o corpo está depositado sobre o braço, o indivíduo está efetivamente de lado na parede sudeste, as costas também apoiada na parede noroeste e a cabeça apoiada na abertura da cova na direção nordeste.

A forma da escavação cria uma ilusão de ótica e dificulta a compreensão da forma do local que o corpo estava depositado, não é possível identificar se está plano, a cova neste caso é uma das características difícil de identificar, por não ter sido escavado o indivíduo por completo, aparentemente tratava-se de um local menor que o corpo. Não há cortes no perfil que indiquem um cova profunda, é possível que o terreno tenha sido apenas preparado para depositar o corpo, formando um buraco raso.

Síntese analítica do sepultamento

Abaixo do crânio havia uma pedra, o registro de campo indica que estão sob (diretamente) abaixo do crânio, no entanto as imagens revelam que a pedra está na direção do crânio, mas não imediatamente abaixo, aparentemente não se configura como marco de cova, ela também não está no mesmo nível da sepultura.

A análise do material lítico, de acordo com relatório (Farias, 2014) revelou lascas e outros materiais fragmentados, destes apenas a bola da família Elaborados foi considerado acompanhamento funerário. Abaixo a lista de materiais e suas respectivas quantidade.

Tabela 9: Lítico associado ao sepultamento 15

Artefato		Quantidade
Família/ Classe		
Elaborados	bola	1
Fragmentos	bipolar	1
Fragmentos		6
Lascados	fragmento de lasca	1
Lascados	lasca	4

Fonte: Adaptado de Farias, 2014.

A análise do material faunístico não identificou objetos modificados associado ao sepultamento que possam ser caracterizado como acompanhamento funerário, as descrições de campo apenas apontam para concentrações de fauna na região da mão esquerda e a frente da face.

Diferente de outros sepultamentos escavados o ocre neste indivíduo não tinha uma quantidade expressiva, no entanto o pigmento foi identificado ao analisar os ossos em laboratório.

As marcas/manchas escura no sedimento que foram interpretadas como buraco de estaca, aqui estão sendo consideradas como mancha de sedimento mais escura que possuía uma relativa profundidade em relação ao sedimento padrão, é preciso considerar que essa marca interpretada como marca de estaca possa corresponder a mancha decorrente da decomposição de objetos feitos de material vegetal.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçada

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçada, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 16

Quadra: E1

Nível: 21

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 16

1. Sexo: Masculino

Indicadores: Processo mastóide; evidência mentoniana (referência Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994)

Aspectos gerais: tálus grande, ossos grandes, robustos, diâmetro grandes; diâmetro da cabeça do úmero e do rádio grandes; clavícula grande e robusta, diâmetro grande; inserções marcadas, crista óssea do antebraço marcadas. Características compatível com demais indivíduos masculinos da série, muito diferente dos indivíduos femininos.

2. Idade em anos: + de 45 anos

Indicadores: Labiamento nas superfícies articulares constitutivas da articulação de joelho e cotovelo; desgaste acentuado com perda total das coroas dos incisivos central e lateral inferiores direito, mas com 1/3 cervical do incisivo lateral inferior esquerdo (ILIE) mantido, 1/3 cervicais dos molares inferiores ainda presentes e manutenção de superfície oclusais residuais de esmalte. Comparativamente aos demais indivíduos da série estima-se a idade como adulto (+ 45 anos) (referência Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 16

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: Sudeste | geográfica: Mar aberto

5. Orientação da face – magnética: Nordeste | geográfica: Lagoa do Imaruí

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorso lateral direito

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: Fletido em 45° | Inferior direito: fletido menos de 45°

Descrição da posição dos pés: Direito em posição não definida; Esquerdo em conexão anatômica

b. Superior esquerdo: Fletido menos de 45° | Superior direito: Fletido em 45°

Descrição da posição das mãos: Mão direita cortada pelo perfil, mão esquerda não definida

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): Sem sepultamento múltiplo

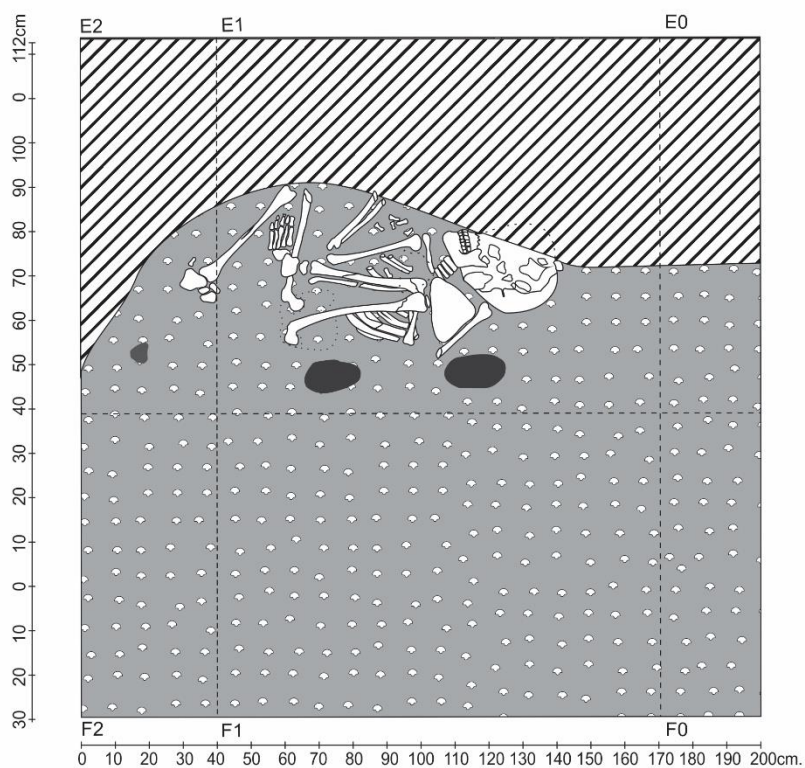
11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo 100cm; largura máxima 50cm;







Obs: Informações de medidas retiradas da documentação de campo, sem indicações dos pontos exatos em que as medidas foram feitas.

Sambaqui de Cabeçuda

Sepultamento 16
Locus 6 - Área A
Quadrícula E0, F0, E1, F1, E2 e F2 - Nível 21



Legenda:

-  Desnível na quadra
-  Líticos;
-  Estrutura de carvão
-  Ossos;
-  Projeção do material ósseo;
-  Sedimentos marrom escuro com presença de *Anomalocardia flexuosa*

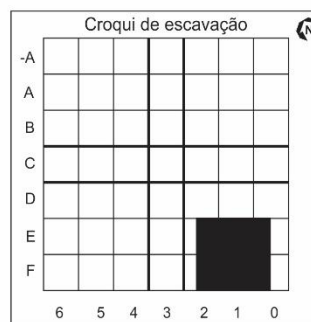


Figura 90: Sepultamento 16, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.
Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 16

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos;

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: distúrbio antrópico recente, deslocamentos

Descrição dos distúrbios observados: Mão direita foi retirada durante a escavação por uma quadra que corta o indivíduo.

Descrição analítica

Há uma alteração antrópica recente causada pelo corte da quadra/perfil, que passa próximo ao crânio/membro superior direito/joelho direito, que retirou os ossos da mão direita do indivíduo.

Os ossos longos possuem quebras majoritariamente transversais, e o crânio também está com quebras na parte frontal e parietal esquerda.

Os registros de campo não descrevem alterações tafonômicas. A análise através das fotos aparentemente não apresenta alterações no restante da estrutura funerária.



Figura 91: Sepultamento 16, nível 21. A informação da placa de identificação foi revisada e o nível alterado.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 16

Medidas da cova: Sem descrição

Descrição da cova: Presença de conchas abertas e fechadas com sedimento escuro arenoso, material lítico próximo ao pé. Uma pequena estrutura de combustão ao lado esquerdo do sepultamento

Tipo: Primário/Simples

Obs: Adorno lítico no lado esquerdo do crânio, pode ser adorno de orelha

Medidas do indivíduo: Comprimento 100cm | Largura 50cm

Articulação dos ossos: Articulado

Posição do corpo Semi fletido

Obs: A perna esquerda está mais fletida que a direita

Membros superiores: Os dois braços estão fletidos | Mãos: Mão esquerda está sobre o peito e direita sob a perna

Posição dos membros inferiores: Pernas fletidas | Pés Um pé (esquerdo) foi evidenciados, está sobre o fêmur direito

Orientação do corpo - Crânio/Pelve: Sudoeste/Nordeste | Face: Nordeste

Profundidade do sepultamento: Sem descrição

Sexo: Indeterminado Obs: Possivelmente masculino (mandíbula) pelve não preservada

Estimativa de idade: Adulto

Paleopatologia: Não avaliado | Paleopatologias bucais: Desgaste: Moderado

Pigmento: Ausente

Mobiliário funerário: Carvão, Fogueira, Artefato, Adorno | Obs: foi encontrado adorno junto ao crânio

Estaca: Não

Coletas especiais Datação: Ossos de costela

Paleoparasitologia (coleta de sedimento) - crânio

Base da cova: Cama de concha *Anomalocardia*, sedimento marrom escuro

Agentes tafonômicos: Sem descrição

Obs gerais: O sepultamento está em uma camada mais arenosa de coloração escura com conchas.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

Sepultamento localizado na quadra E1, no nível 21 (200 a 210 centímetros). O registro de campo descreve que a estrutura é composta por sedimento de coloração marrom escuro, arenoso com conchas *Anomalocardia flexuosa* abertas e fechadas, a ficha ainda registra uma pequena estrutura de combustão ao lado esquerdo do sepultamento (Figura 91), no entanto um croqui representando dois níveis acima do sepultamento apresenta uma estrutura de combustão acima do esqueleto, e marcas de estacas localizadas na parte posterior do sepultamento (Figura 92).

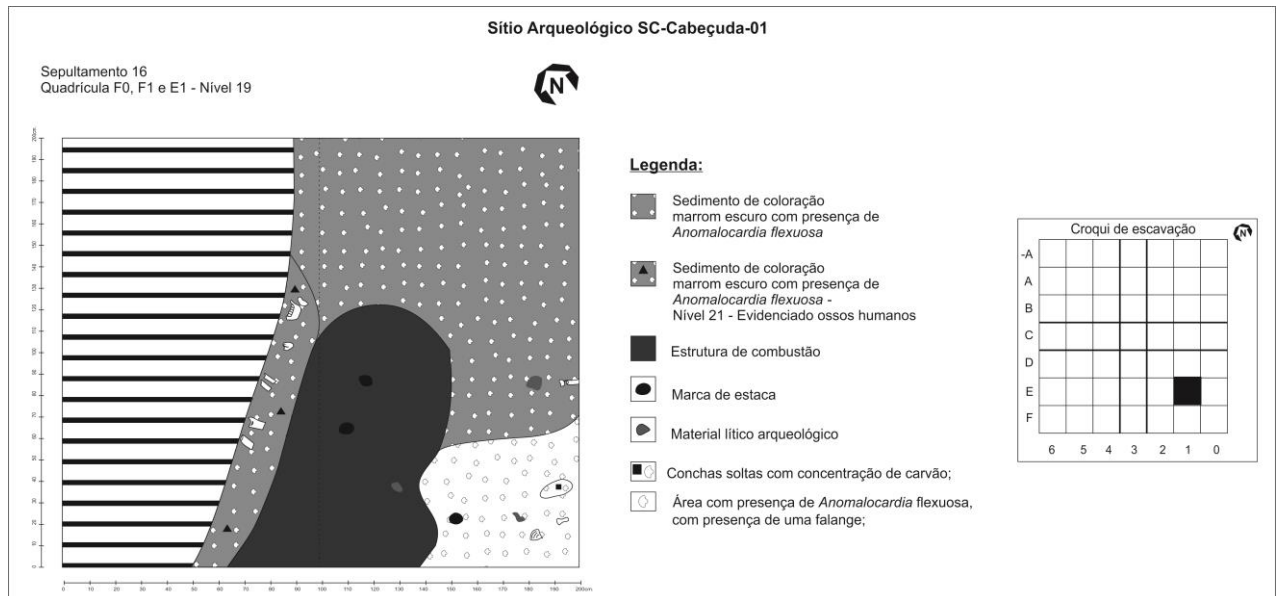


Figura 92: Estrutura de combustão no nível 19, acima do sepultamento 16.

Características do enterramento

Este é um sepultamento primário pois possui conexão anatômica, e simples pois a sepultura é constituída de apenas um esqueleto.

O ombro direito está em posição esperada, com úmero paralelo ao tórax, o antebraço estava dobrado em um ângulo menor que 45° com uma pronação extrema e com rotação no úmero, observando a posição não natural apoiada aproximadamente sobre a barriga e levando em conta o processo de decomposição, o membro pode ter acabado de girar até ficar estável.

O ombro esquerdo está fora da posição articular normal em relação a escápula. A clavícula não é visível em nenhuma foto, dificultando a identificação da posição em que estava, mas a sugestão é que o ombro estava elevado ao eixo transversal e ao eixo ombro direito/esquerdo. A angulação do cotovelo está perdida, o braço está com pronação perpendicular ao eixo do corpo/eixo da coluna, na altura da 4ª e 5ª costela por baixo do joelho da perna esquerda.

O membro inferior direito está com a coxa em ângulo de 90° com o quadril e a perna com ângulo menor que 90°. Os ossos do pé não estavam em conexão anatômica.

O lado esquerdo está com a coxa em relação ao quadril com ângulo de 90°, já a perna em relação a coxa está menor ou igual a 45°. O pé estava em conexão anatômica e encostado na região proximal do fêmur, provavelmente estava apoiado contra a coxa, e a decomposição do tecido deve ter acontecido em um tempo relativamente curto permanecendo ainda os ligamentos que mantiveram a conexão.

Síntese analítica do sepultamento

Artefatos elaborados a partir de material faunístico não foram encontrados, mas foi identificado concha *Anadara* sp. (sem modificação) próximo a região posterior da tíbia direita (Figura 95).

Ao lado do crânio, associado com a região sub-auricular do indivíduo, foi identificado um adorno lítico (Figura 93), o que levou a interpretação como um adorno auricular (piercing)

Com exceção do adorno, os outros os líticos identificados na análise não foram considerados acompanhamentos funerários, pois possivelmente eram apenas componente do sedimento que evolvia o sepultamento.

Tabela 10: Lítico associado ao sepultamento 16

Artefato Família/Classe		Quantidade
Lascados	lasca	1
Seixos	seixículo	1
FCR		1



Figura 93: Destaque para adorno lítico – indicado no círculo amarelo. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 94: Adorno lítico associado ao sepultamento 16. Escalas 1 cm. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 95: Destaque para conchas *Anadara* sp. - indicado no círculo amarelo. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 20 Quadra: E3| E4| E5 Nível: 29

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 20

1. Sexo: Feminino

Indicadores: Incisura isquiática maior, processo mastóide, margem supra-orbital, glabella, protuberância mentual (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

2. Idade em anos 19-25

Indicadores: Fusionamento dos ossos, e dentes (referência: Buikstra, J.; Ubelaker, D.,1994).

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 20

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: Sudeste | geográfica: Mar aberto

5. Orientação da face – magnética: Norte | geográfica: Lagoa do Imaruí

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito ventral

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido com tíbia e fíbula flexionado menos de 45°

Inferior direito: estendido com tíbia e fíbula flexionado menos de 45°

Descrição da posição dos pés: Metatarsos em conexão com os tarsos, falanges sem conexão.

b. Superior esquerdo: Estendido ao lado corpo | Superior direito: Estendido ao lado do corpo

Descrição da posição das mãos: Mão esquerda abaixo da pelve esquerda, mão direita abaixo e ao lado da pelve direita.

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: não

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): sem sepultamento múltiplo.

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Comprimento máximo 1,44cm; largura máxima _____cm;

Obs: Medidas de comprimento retirada de Farias, 2014.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 20

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos; compressão/deformação.

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: intacta.

Descrição analítica

A estrutura funerária não apresenta alterações por intervenções antrópicas antigas ou recentes, nem mesmo alterações causadas por animais ou vegetação.

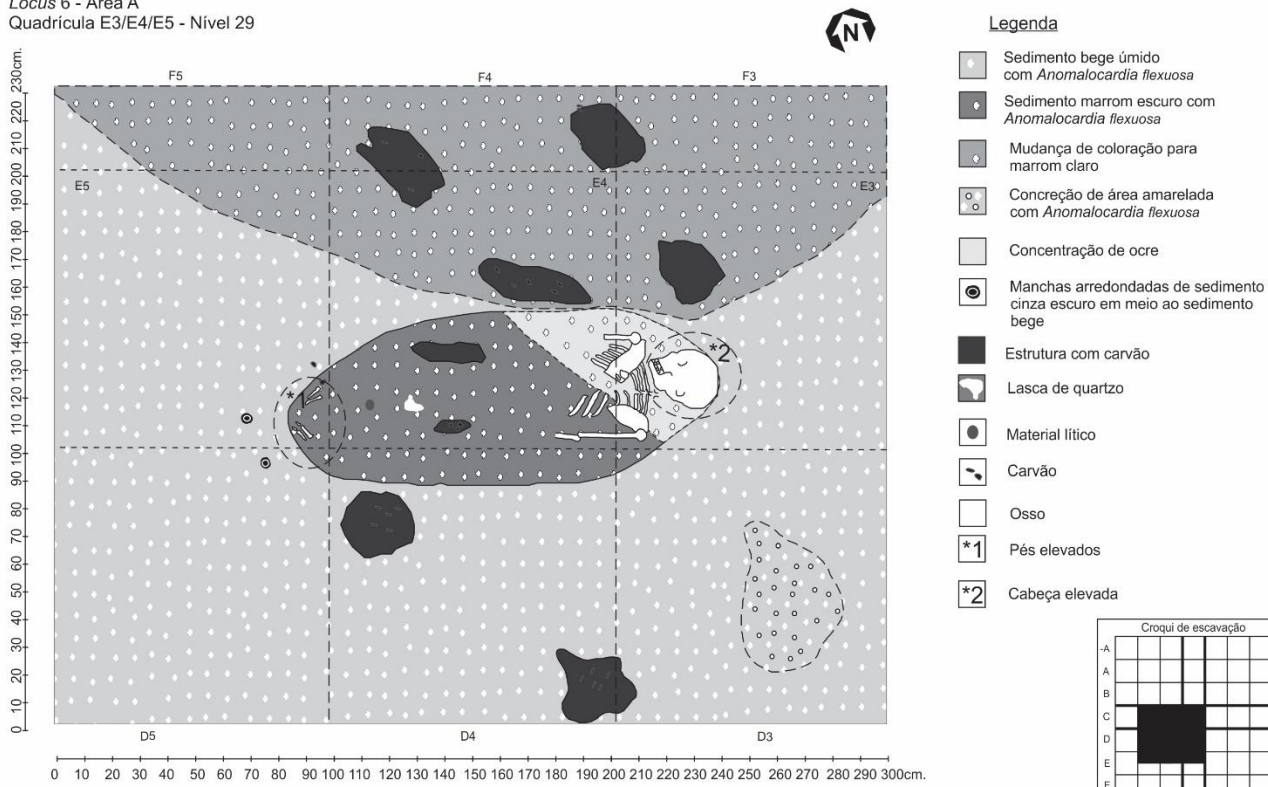
No esqueleto há marcas de quebra, sobretudo transversais e recentes. No terço distal do fêmur direito na região posterior, há uma deformação (Figura 96), provavelmente antiga, que pode ter sido causada por uma concha através de pressão, que pode ter sido causada pelo próprio terreno.



Figura 96: Sepultamento 20. Deformação na região posterior do fêmur direito. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 20
Locus 6 - Área A
Quadricula E3/E4/E5 - Nível 29



Legenda

- Sedimento bege úmido com *Anomalocardia flexuosa*
- Sedimento marrom escuro com *Anomalocardia flexuosa*
- Mudança de coloração para marrom claro
- Concreção de área amarelada com *Anomalocardia flexuosa*
- Concentração de ocre
- Manchas arredondadas de sedimento cinza escuro em meio ao sedimento bege
- Estrutura com carvão
- Lasca de quartzo
- Material lítico
- Carvão
- Osso
- Pés elevados
- Cabeça elevada

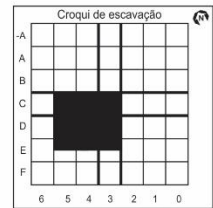


Figura 97: Sepultamento 20. Fonte: croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 20
Escavação em bloco

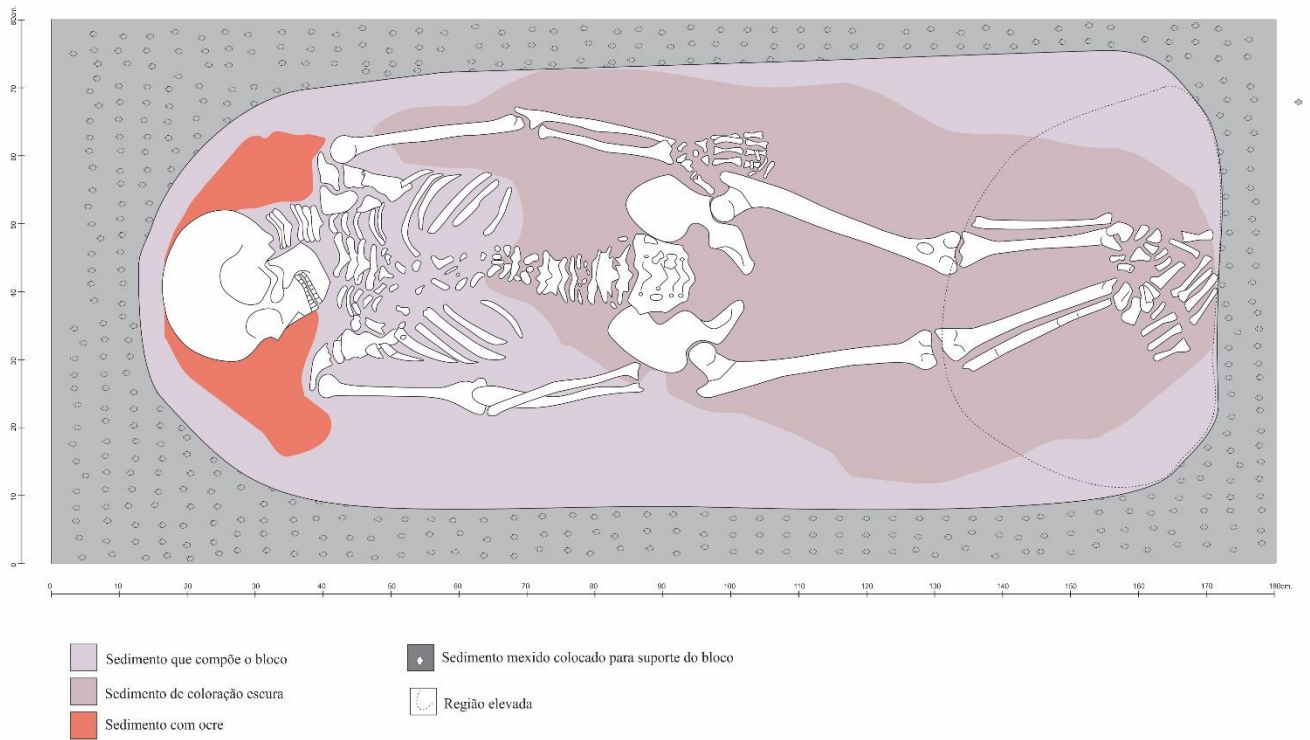


Figura 98: Sepultamento 20 escavado em laboratório. Fonte: Croqui adaptado de Farias, 2014. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 20

O sepultamento foi retirado em bloco, e por isso não possui descrições detalhadas de campo. As descrições apresentadas aqui são da escavação realizada em laboratório.

Ficha de escavação em laboratório

Sexo: Feminino | Idade 19-25 anos

Alterações Tafonômicas do esqueleto: quebras transversais ao maior eixo dos ossos

Tipo de sepultamento: Primário e simples

Orientação do eixo cabeça/pelve: Sudeste | Orientação da face: Norte

Forma de deposição do esqueleto: Decúbito ventral

Posição dos membros - Inferior: estendido (x) E (x)D

Descrição das posições dos pés: Tarsos em conexão com a tíbia, mas os metatarsos e falanges estão mexidos.

Superior: Estendido (x)E (x)D

Descrição da posição das mãos: Mão direita ao lado da pelve. | Mão esquerda abaixo da pelve

Perda de conexão anatômica: Não | Associação com outros esqueletos: Não

Integridade da estrutura funerária (sepultura): Os ossos estão todos em conexão anatômica e posição esperada.

Delimitação da cova:

Diferenças nas características do sedimento no local do enterramento in situ: O sedimento ao entorno do sepultamento possui coloração escura, enquanto o restante do nível possui coloração clara (nível praticamente no lençol freático, encerrando a camada arqueológica), além do sedimento de coloração avermelhada próximo ao crânio e tórax e membros superiores.

Estruturas relacionadas: sem descrição | Acompanhamento funerário: sem acompanhamento

Descrição detalhada do sepultamento incluindo a disposição das diferentes partes do esqueleto, sinais tafonômicos percebidos: Durante a escavação foi observado ocre na região do crânio, tórax e membros superiores. Presença de *Anomalocardia flexuosas*, eventualmente surgiram gastrópodes (*Cerithium eburneum*, *Thais haemastoma*) e pouquíssima fauna (quase ausente).

Na região dos membros inferiores o sedimento estava muito concrecionado, nessa região também a pontos de concreção de carvão e uma lasca de quartzo.

O crânio está virado para o lado esquerdo, com mandíbula articulada, dentes presente na maxila e mandíbula.

* Há uma marca no osso parietal do crânio causada por uma enxada no momento em que foi encontrado o sepultamento em campo.

As costelas estão em conexão com as vértebras, que por sua vez estão alinhadas e em conexão com o crânio.

Transcrição da Documentação de Campo

Número do indivíduo: 20

Ficha de escavação em laboratório (continuação)

Os membros superiores estão estendidos em paralelo ao corpo, com a mão direita ao lado da pelve e mão esquerda abaixo da pelve.

A pelve e o sacro estão em posição anatômica. Os fêmures se conectam com o acetábulo.

Os membros inferiores estão estendidos e em conexão.

A tíbia e fíbula estão mais elevadas do que o restante do corpo, os pés estão em conexão com a tíbia, mas os ossos estão perturbados.

Sinais patológicos: Não observados

Presença de estruturas mineralizadas internas: Ausente

Presença de pontas nas cavidades torácicas, abdominal ou craniana: Ausente

Presença de pontas fixada em ossos: Ausente

Medidas do membro superior (em milímetro): Não realizado | Diâmetros: Não realizado

Medidas do membro inferior: Não realizado | Diâmetros: Não realizado

Registro de coleta de amostras relacionadas à estrutura funerária: Durante a escavação foram realizadas a coleta de todo sedimento por região anatômica.

Uma coleta especial foi realizada para análises parasitológicas, procedimento feito por Morgana Camacho da Fiocruz.

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

Sepultamento localizado nas quadras D3, D4 e D5, no nível 29 (280 a 290 centímetros), retirado em bloco (Figura 100 e Figura 99) da escavação para ser evidenciado em laboratório.



Figura 100: sepultamento 20. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 99: Sepultamento 20 sendo preparado para retirada em bloco. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 101: sepultamento 20 com proteção de madeira para retirada do sítio. Foto: GRUPEP/Arqueologia.

A Figura 98 mostra o indivíduo após a escavação em laboratório, com um sedimento de coloração clara que faz parte do bloco delimitado para retirada, portanto esse sedimento está em contexto arqueológico, e outro sedimento de coloração escura que apenas sustenta o bloco e está sem contexto. Contudo o sedimento de coloração clara não é a delimitação da cova do sepultamento.

O nível deste sepultamento corresponde ao final da camada arqueológica do sítio, o sedimento, de acordo com Farias (2014) é composto predominantemente por *Anomalocardia flexuosa*, eventualmente surgiram gastrópodes do tipo *Cerithium eburneum* e *Stramonita haemastoma*, outros tipos de fauna, como ossos de peixe, é praticamente ausente. O sedimento localizado nos membros inferiores, principalmente nos fêmures estava bastante concrecionado, fazendo com que parte do sedimento ficasse grudado aos ossos (Figura 102). Como o indivíduo estava em um nível profundo, onde a água estava sempre encharcando (Figura 101), a dissolução das conchas pela água pode ter causado esse concrecionamento.



Figura 102: Sepultamento 20, seta vermelha indicando o sedimento concrecionado no osso. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento

Características do enterramento

Este é um sepultamento primário, por estar em conexão anatômica, e simples por conter apenas um indivíduo. Está em decúbito ventral, de acordo com a vista anterior dos membros inferiores e pela escápula.

Um escâner 3D foi realizado no sepultamento 20 após ter sido escavado, gerando uma nuvem de pontos que mostra os detalhes da deposição do indivíduo (Figura 103), a partir desses dados um gráfico relacionando a cor e a elevação (Figura 104) mostra os diferentes níveis de elevação, sendo as cores vermelho/amarelo os pontos mais baixos, e as cores azul/lilás os pontos mais elevados correspondentes aos pés e cabeça.

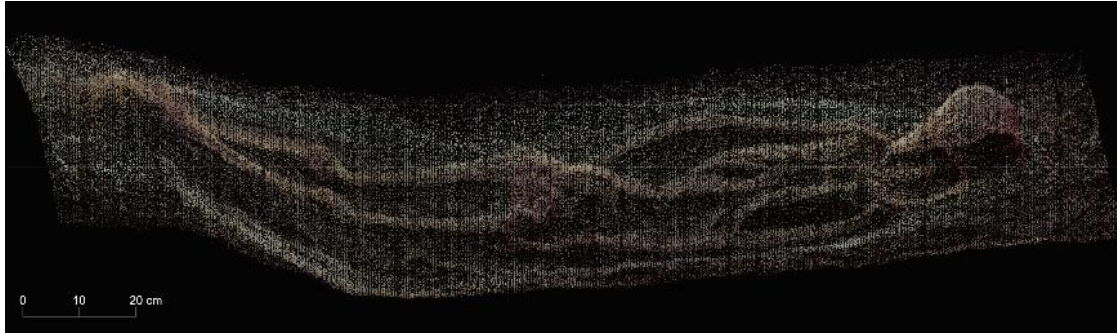


Figura 103: Nuvem de pontos do sepultamento 20. Fonte: Farias, 2014 - GRUPEP/Arqueologia.

Os membros superiores estão com efeito parede, e o crânio e pés sobrelevados em relação ao tronco como mostra a imagem do escâner 3d (Figura 103 e Figura 104), esse é um indicio de uma cova pequena para o tamanho do indivíduo.

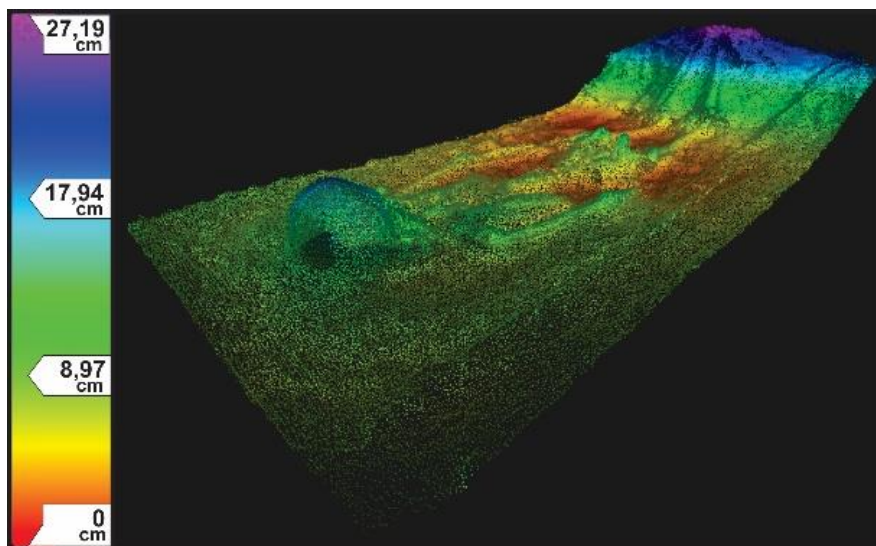


Figura 104: Gráfico de temperatura, relacionando cor e altimetria mostra as diferentes elevações da deposição do indivíduo.



Figura 105: ossos dos pés do sepultamento 20
Foto: GRUPEP/Arqueologia

As escápulas estão ligeiramente levantadas, a porção distal dos fêmures e pés estão constrictos (Figura 98), tais característica levam a inferir para um sepultamento que poderia estar envolto a algum tipo de mortalha.

Nos pés do sepultamento 20 havia algo entre o corpo e o sedimento porque os metatarsos caíram sobre o tarso indicando que os pés não estavam travados pelo sedimento, ou seja, nestes pés não houve efeito parede esperado num corpo enterrado nessa posição e recoberto diretamente por sedimento. Isso porque nos pés tem pouca carne, então o sedimento devia estar mantido por alguma fibra.

Este sepultamento não possui artefatos líticos associados, além de uma lasca de quartzo localizado na região dos membros inferiores. Bem como não possui artefatos confeccionados em materiais faunísticos.

Informações de Identificação

Sambaqui de Cabeçuda

Coleção GRUPEP, Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte da Cabeçuda, Laguna/SC.

Instituição de guarda: Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Número do sepultamento: 23 Quadra: D4 Nível: 21

Perfil Biológico do Indivíduo

Número do indivíduo: 23

1. Sexo: Indeterminado

Indicadores: Não é possível estimar.

2. Idade em anos: 38 semanas intrauterina a 1 mês pós-natal (30 dias de nascimento)

Indicadores: Medidas dos ossos e dentes. Referência: SCHAEFER, L.; BLACK, S. M., 2000.

Informações de deposição do corpo

Número do indivíduo: 23

3. Tipo de sepultamento: a. primário; b. simples

4. Orientação do eixo cabeça/pelve – magnética: Nordeste | geográfica: Lagoa do Imaruí

5. Orientação da face - magnética: Noroeste | geográfica: Lagoa do Imaruí

6. Forma de deposição do esqueleto: decúbito dorsal.

7. Posição dos membros:

a. Inferior esquerdo: estendido | Inferior direito: estendido

Descrição da posição dos pés: ossos dos pés não encontrados

b. Superior esquerdo: estendido junto ao corpo | Superior direito: estendido junto ao corpo

Descrição da posição das mãos: mão esquerda sobre a pelve esquerda, mão direita entre a pelve e o fêmur direito

8. Associação com outros esqueletos: não

9. Delimitação de cova: Indeterminado

10. Dimensões do espaço ocupado pelo conjunto esquelético (todos os esqueletos presentes na sepultura): sem sepultamento múltiplo

11. Dimensões (em cm) ocupadas pelo esqueleto individualmente:

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 23

12. Alterações tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos; quebras transversais ao maior eixo dos ossos; deslocamentos; ossos friáveis/pulverulentos.

13. Perda de conexão anatômica: não

14. Integridade da estrutura funerária: Possível interferência de raízes

Descrição analítica

Os ossos estavam em conexão anatômica e em posição esperada. Apesar dos ossos a tíbia e fíbula direita, bem como os pés direito e esquerdo não terem sido encontrados durante a escavação.

O crânio está extremamente fragmenta, virado para o lado direito, com o lado esquerdo em evidência. É possível observar o osso zigomático e supra orbital esquerdo, fragmento esquerdo da mandíbula com o processo condilar preservado, mas fragmentada superficialmente expondo os germes dentários, assim como o lado direito. Já o processo coronoide e condilar estão preservados. Na região esquerda do crânio é possível identificar fragmento do osso temporal, mais precisamente a fossa da mandíbula, próximo está o martelo e bigorna, ainda da parte temporal é possível identificar o processo mastoide esquerdo. Praticamente todas as quebras aqui descritas são antigas, sendo o crânio de um lactante extremamente frágil o peso do todo sedimento sobre o indivíduo pode ter causado as quebras.

As vértebras não estão fusionadas devido a idade, o corpo da vértebra está separado do processo transversal, da face articular e do processo espinhoso. As vértebras cervicais estão alinhadas e em conexão. As vértebras torácicas não estão totalmente alinhadas, assim como as vértebras lombares. A desconexão dos ossos que compõe cada vertebra nessa idade contribui para a desordem encontrada na escavação.

As costelas estão em posição vertical e bagunçadas. Por serem leves e pequenas se deslocam com facilidade e devido a alta fragilidade estão bastante quebradas. Deve-se considerar que o processo de escavação contribuiu para o deslocamento de alguns ossos. Além dos ossos de fauna, humanos e dentes que estavam próximo ao indivíduo, abaixo das costelas esquerdas (Figura 109) próximo ao rádio, há um fragmento que aparentemente é de crânio com marca de queima e pertence a outro indivíduo. É possível que esse osso estivesse acima do sepultamento e tenha parado nesse local durante o processo cadavérico do indivíduo, pois não há sinal de perturbações no esqueleto.

A escápula esquerda possui uma quebra transversal na face costal. A escápula direita também está com uma quebra na face costal.

Os ossos longos descritos a seguir estão bastante danificados, isso decorre por todo processo que o indivíduo passou, como a pressão do terreno, tanto antigamente como durante a escavação do sítio com as pessoas caminhando:

Os úmeros, ulnas e rádios estão alinhados ao corpo em posição vertical. O úmero, ulna e rádio esquerdo possuem uma quebra transversal na diáfise. O úmero direito está preservado, a ulna e rádio possuem uma quebra transversal na diáfise e não estão completos.

A pelve está bastante friável, com quebras no ílio, o sacro também não está fusionada. Os ossos da mão estão próximo a pelve, foi possível observar metacarpos e falanges.

Os fêmures estavam mais elevados, em relação ao restante do corpo, possuem bastante fragmentação e estão muito frágeis, o esquerdo está com a parte distal quebrada (está faltando uma parte), o direito possui uma quebra transversal e longitudinal.

Informações de tafonomia

Número do indivíduo: 23

Apenas a tíbia e fíbula esquerda estão presente, estão posicionadas na descida do montículo que eleva os fêmures, tanto a tíbia e a fíbula possuem quebras transversais, estão muito frágeis. Próximo ao fêmur direito tem-se duas epífises (não fusionadas), que podem ser da tíbia ou do fêmur.

A tíbia e a fíbula direita e os pés (direito e esquerdo) não foram encontrados durante a escavação

Os afundamentos e elevações do bloco podem ter sido causado por raízes que passaram e movimentaram. E o tempo que passou exposto em laboratório contribui com as quebras até a finalizar a escavação do esqueleto.



Figura 106: A tíbia e a fíbula direita e os pés (direito e esquerdo) não encontrados durante a escavação.

Transcrição da Documentação de Campo/Laboratório

Número do indivíduo: 23

Este sepultamento foi retirado em bloco para escavação em laboratório, dessa forma as descrições são referentes a escavação realizada em laboratório.

Sexo: Indeterminado | Idade: Lactente 40 dias - 1mês (Lactente) - Indicadores: medidas de dentes e ossos

Alterações Tafonômicas do esqueleto: quebras longitudinais ao maior eixo dos ossos, quebras transversais ao maior eixo dos ossos, deslocamentos, ossos friáveis/pulverulentos

Tipo de sepultamento: Primário / Simples

Orientação do eixo cabeça/pelve: Sem descrição | Orientação da face: Sem descrição

Forma de deposição do esqueleto: Decúbito dorsal

Posição dos membros - Inferior: estendido (x) E (x)D | Descrição das posições dos pés: não encontrados

Superior: Estendido (x)E (x)D | Descrição da posição das mãos: E sobre a pelve esquerda, D entre a pelve e o fêmur direito

Perda de conexão anatômica: sim

Descrição: A tíbia e fíbula direita, bem como os pés direito e esquerdo não foram encontrados durante a escavação

Associação com outros esqueletos: Ossos dispersos que não estão associados a outros sepultamentos registrados no sítio, estão dispersos no bloco. Como: ossos longos, dentes, epífises (ver detalhes em desenhos)

Integridade da estrutura funerária (sepultura): Os ossos estavam em conexão anatômica e em posição esperada. Apesar dos ossos dos pés não terem sido encontrados.

Delimitação da cova: Não

Diferenças nas características do sedimento no local do enterramento: O sepultamento possui ocre espargido por todos os ossos, além de uma grande concentração de ocre na região do lado esquerdo do indivíduo (observar desenho 1 e 2). Há também um sedimento de coloração escura (relacionado a queima), concentrado na região próxima ao úmero esquerdo, esse sedimento acaba se misturando ao ocre, o restante do sedimento do bloco é de coloração marrom médio com bastante conchas *Anomalocardias* e fauna miúda.

Estruturas relacionadas: osso relacionados a outros indivíduos forma identificados na parte superior do crânio, e ao lado esquerdo do indivíduo, desde os membros inferiores até o crânio, são ossos dispersos sem conexão, com marca de queima, o sedimento nesse local é de coloração escura (relaciona a queima) e possui ocre, além disso também foi encontrado dente. (observar croqui)

Acompanhamento funerário - Corante: Ocre espargido por todo sepultamento e em grande quantidade ao lado lateral esquerdo do indivíduo, especialmente entre úmero e pelve (ver croqui)

Lítico: Localizado entre úmero e parte posterior do crânio

Malacológico: Muitas conchas *Olivellas* sp. disposta principalmente na região torácica

Vegetal: (possivelmente – é preciso confirmar) próximo ao crânio e úmero direito foi evidenciado o que aparentam ser miçangas (contas) escuras, que parecem ser feitas de semente.

Transcrição da Documentação de Campo/Laboratório

Número do indivíduo: 23

Descrição detalhada do sepultamento incluindo a disposição das diferentes partes do esqueleto, sinais tafonômicos percebidos: O sepultamento foi retirado em bloco para a escavação em laboratório, a estrutura funerária foi identificada pelos pesquisadores Deisi e Geovan, estava localizada na quadra D5, no nível 21. A retirada aconteceu em setembro de 2012, mas a escavação iniciou somente em julho de 2014 se entendendo até agosto de 2014, mas não foi finalizada. Durante o primeiro período de escavação o processo iniciou com registro fotográfico e desenhos (ver croqui 01), neste desenho foi ilustrado ocre que se concentra no lado esquerdo/inferior do indivíduo.

* Medidas do bloco: Parte superficial: 68cm de comprimento, 55cm de largura, Diâmetro: 223 cm¹

No início da decapagem foi encontrado fragmentos de fauna e lasca lítica. Nos primeiros momentos a escavação estava confusa/complexa, pois encontramos fragmentos de ossos longos que aparentam ser de um indivíduo jovem e também ossos pequenos de bebê. Com o desenvolver da escavação foi possível perceber que os ossos do bebê estavam em conexão e os fragmentos de ossos de jovem/adulto estavam dispersos pelos blocos, próximo a parte superior do crânio e pela concentração de ocre (ver croqui 01/02 e foto 1 e 2)

O sedimento com ocre, na região lateral esquerda entre o úmero e o rádio, se mistura com um sedimento de coloração preta, onde tem ossos e dentes com marca de queima (ver croqui 02 e foto 1 e 2). Estes “outros” ossos dispersos³ que não pertenciam ao bebê, foram coletados, o registro foi feito através de fotografia impressa e croqui, onde cada fragmento recebeu um número para identificação (ver foto 1 e 2).

O bebê, predominantemente na região torácica, possui muitas conchas bula striata, o ocre está espargido, por todo esqueleto, próximo a parte posterior do crânio e o úmero esquerdo tem um lítico (seixo de 2,5cm).

O crânio está extremamente fragmenta, está virado para o lado direito, como o lado esquerdo em evidência. É possível observar o osso zigomático e supra orbital esquerdo, fragmento esquerdo da mandíbula com o processo condilar preservado, mas está fragmentado superficialmente expondo os dentes que ainda irão erupcionar.

Também é possível observar fragmento direito da mandíbula com dentes também em evidência, o processo coronoide e condilar estão preservados. Na região esquerda do crânio é possível identificar fragmento do osso temporal, mais precisamente a fossa da mandíbula, próximo está o martelo e bigorna, ainda da parte temporal é possível identificar o processo mastoide esquerdo.

As vértebras não estão fusionadas, o corpo da vértebra está separado do processo transversal, da face articular e do processo espinhoso. As vértebras cervicais estão alinhadas e em conexão. As vértebras torácicas não estão totalmente alinhadas, assim como as vértebras lombares.

As costelas estão em posição vertical, e bagunçadas devido ao processo de escavação, isso ocorreu porque estão frágeis e são leves e pequenas, com isso se deslocam com facilidade, apesar de todo cuidado com a escavação². E devido a alta fragilidade estão bastante quebradas.

A clavícula direita está com a extremidade acromial visível, o restante está enterrado (mais detalhes no processo de retirada).

A escápula esquerda possui uma quebra transversal na face costal. A escápula direita também está com uma quebra na face costal, o acrômio está sob a mandíbula (frag. Esquerdo, mais detalhe na retirada).

Transcrição da Documentação de Campo/Laboratório

Número do indivíduo: 23

Entre o fragmento de crânio temporal e escápula esquerda há um seixo de forma oval. Próximo a parte frontal do crânio e o úmero direito foi observado na escavação adornos que aparentam ser “contas” de semente, possuem furo no centro de cada uma.

Os úmeros, ulnas e rádios estão alinhados ao corpo em posição vertical. O úmero, ulna e rádio esquerdo possuem uma quebra transversal na diáfise. O úmero direito está preservado, a ulna e rádio possuem uma quebra transversal na diáfise e não estão completos.

A pelve está bastante friável com quebras no ílio (parte visível), o sacro também não está fusionada. Os ossos da mão estão sobre a pelve, é possível observar metacarpos e falanges. A região pélvica está mais baixa em relação aos membros superiores e inferiores.

Os fêmures estão mais elevados, em relação ao restante do corpo, possuem bastante fragmentação e estão muito frágeis, o esquerdo está com a parte distal quebrada (está faltando uma parte), o direito possui uma quebra transversal e longitudinal.

Apenas a tíbia e fíbula esquerda estão presente, estão posicionadas na descida do montículo que eleva os fêmures, tanto a tíbia e a fíbula possuem quebras transversais, estão muito frágeis. Próximo ao fêmur direito tem-se duas epífises (não fusionadas), que podem ser da tíbia ou do fêmur.

A tíbia e a fíbula direita (VERIFICAR FOTOS) e os pés (direito e esquerdo) não foram encontrados durante a escavação

¹ Além da concentração do sedimento com ocre, e também com queima, o bloco no geral possui muitas *Anomalocardias*, o sedimento é de coloração marrom médio e com bastante fauna miúda.

² abaixo das costelas esquerdas próximo ao rádio, há um fragmento que aparentemente é de crânio, está com marca de queima, e pertence a outro indivíduo.

³ Os ossos disperso que não pertenciam ao bebê estão registrados através de foto impressa, anexado aos documentos de registro, sendo foto 1 e 2.

Sinais patológicos: Não avaliado | Presença de estruturas mineralizadas internas: Não avaliado

Presença de pontas nas cavidades torácicas, abdominal ou craniana: Não

Presença de pontas fixada em ossos: Não

Medidas do membro superior (em milímetro)

Úmero D 66mm / E65mm (quebra) | Rádio D31mm (falta parte do osso) / E 54mm (quebra)

Ulna 32 mm (falta parte do osso) / E63mm (quebra) | Diâmetros Úmero D 5mm (terço médio da diáfise)

Úmero E 6mm (terço médio da diáfise) | Rádio D 3mm (terço médio da diáfise)

Rádio E 3mm (terço médio da diáfise) | Ulna D 5 mm (terço médio da diáfise)

Ulna E 6mm (terço médio da diáfise) |

Medidas do membro inferior

Fêmur D 71mm (quebra / E 50 mm (falta parte do osso) | Tíbia D --- / E 60mm (falta parte do osso)

Fíbula D --- / E 63 mm (quebra) | Diâmetros Fêmur D 7 mm (terço médio da diáfise)

Fêmur E 7 mm (terço médio da diáfise | Tíbia D - - - | Tíbia E 7 mm (terço médio da diáfise)

Fíbula D --- | Fíbula E 3 mm (terço médio da diáfise)

Transcrição da Documentação de Campo/Laboratório

Número do indivíduo: 23

Registro de coleta de amostras relacionadas à estrutura funerária: Não realizado coletas específicas. Mas todo sedimento da escavação foi coletado.

Condições de preservação, eventos tafonômicos e posicionamento dos ossos

Crânio: O crânio está extremamente quebrado, posicionado com a face esquerda virada em direção ao úmero direito. É possível identificar nos fragmentos temporal esquerdo ossos do sistema auditivo – martelo e bigorna - e o processo mastoide esquerdo (fragmentado). O lado esquerdo da mandíbula está em conexão com a fossa da mandíbula, o lado direito da mandíbula esta fragmentado, é possível observar em toda mandíbula (devido a fragmentação) a presença de dentes.

Coluna vertebral – As vértebras estão alinhadas, algumas das torácicas e lombares estão bagunçadas. Não estão fusionadas. O corpo, o arco, o processo espinhoso, nada está fusionado.

Escápulas: A escápula esquerda está com uma quebra transversal na face costal, o processo coracoide em bom estado de preservação. A escápula direita possui uma quebra transversal na face costal, o processo coracoide está sob a mandíbula esquerda.

Clavículas – Parte da clavícula esquerda está enterrada abaixo do processo coracoide da escápula, a clavícula direita está com uma quebra transversal, a parte proximal da extremidade acromial está sob a mandíbula.

Úmeros: O esquerdo está em posição vertical, alinhado ao corpo, possui uma quebra transversal no centro da diáfise. A direita está posicionada verticalmente, alinhada ao corpo, sem quebras, mas bastante frágil.

Rádios: O esquerdo está quebrado transversalmente no terço proximal da diáfise, está alinhado ao corpo verticalmente. O direito está fragmentado, possui apenas a metade da parte distal, está posicionado verticalmente alinhado ao corpo.

Ulnas: A ulna esquerda está com uma quebra transversal no centro da diáfise, posicionada verticalmente, alinhada ao corpo. A direita também está alinhada ao corpo, possui uma quebra e está presente somente o terço proximal.

Mãos: Estão sobre a pelve, a esquerda está sobre o ilíaco, a direita entre a lateral do ilíaco e a parte medial do fêmur. É possível observar falanges e metacarpos.

Costelas: Posicionadas verticalmente, bastante fragmentados e bagunçados. É possível observar as primeiras costelas inteiras. A quebra e a desordem também estão relacionadas ao processo de escavação, pois os ossos estão bastante frágeis.

Esterno: Não identificado

Ilíaco: Bastante fragmentado muito friável e não possui fusão. Está mais baixo em relação ao resto do corpo.

Sacro: Não está fusionado, bastante frágil. Está no mesmo nível do ilíaco.

Fêmures: Estão elevados em um montículo, com mais elevado em relação ao restante do corpo. O esquerdo está bastante frágil, fragmentado e está presente somente 50% do fêmur, a parte existente é a proximal. O direito está quebrado, bastante fragmentado, possui uma quebra transversal e vertical. * Duas epífises não fusionadas estão próxima ao fêmur, pode pertencer ao fêmur ou a tíbia.

Tíbias: Possui somente a esquerda, está fragmentado com uma quebra transversal no centro da diáfise. Está posicionada na descida do montículo que eleva os fêmures.

Fíbulas: Possui somente a esquerda, está fragmentada no centro da diáfise verticalmente. Está posicionada na descida do montículo que eleva o fêmur

Pés: Não encontrados na escavação do bloco

Síntese analítica do sepultamento

Localização e estratigrafia

O sepultamento estava localizado na quadra D5 e no nível 21 (200 a 210 cm), foi retirado em bloco do sítio para a escavação ser realizada em laboratório.

O sedimento era arenoso e composto principalmente por *Anomalocardia flexuosa*, com pouca fauna miúda, e evidência de escama de peixe. Ao lado esquerdo acima do sepultamento havia fragmentos de fauna e lítico, fragmentos de ossos longos avulsos dispersos próximo a parte superior do crânio (Figura 108) e também na concentração de ocre localizada ao lado esquerdo do sepultamento (Figura 107).

O ocre se mistura com o sedimento de coloração escura na região lateral esquerda próximo ao úmero e o rádio, onde tem ossos e dentes humanos com um coloração escura indicando queima (Figura 107). É possível ter acontecido algum processo tafonômico, como raiz ou bicho que empurrou ossos de outro sepultamento que estava em cima para baixo.

Já abaixo do sepultamento o sedimento ainda era arenoso composto principalmente por *Anomalocardia flexuosa*, com a presença de eventuais gastrópodes, fragmentos líticos, e não possuía mais ocre.



Figura 108: fragmentos de ossos longos avulsos. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 107: ocre se mistura com o sedimento de coloração escura na região lateral esquerda, Foto: GRUPEP/Arqueologia

Características do enterramento

Se trata de um sepultamento primário, de acordo com a posição anatômica dos ossos, e simples por conter apenas um indivíduo. Foi depositado em decúbito dorsal, com base na vista anterior dos ossos.

O crânio está bastante fragmentado e além do lugar que deveria estar ocupando, isso corrobora em parte com a confusão dos ossos do sepultamento e os ossos avulsos. Havia um afundamento em relação a posição do crânio, é possível que a cabeça estivesse ligeiramente mais alta que o tórax, e o lado esquerdo está sobrelevado ao direito.

O braço direito está completamente apoiado no chão, mas o esquerdo está apoiado contra uma parede, inclinado em relação ao plano com elevação da face lateral. Sugerindo que está apoiado contra a parede da cova. O que parece compatível com a sequência de perturbações que vê nas costelas, e vértebras abertas e bagunçadas. É esperado ter a coluna 'aberta' pois as vértebras não estão fusionadas, conseqüentemente os ossos ficam muito soltos. Além de ter muita alteração, como os afundamentos e elevações, que podem ter sido causado por raízes que passaram e movimentaram.

Síntese analítica do sepultamento

A mão esquerda está com a porção distal apontando para fora do corpo, os dedos estavam pra fora do corpo, fora da pelve com a porção distal dos dedos apontando para fora do corpo, com o punho pra dentro, isso é explicável com a movimentação de falanges nesses espaços.

Parte do solo cedeu, e está visível nos rompimentos dos ossos que quebram e mudaram de ângulo, isso ocorre mais ou menos na linha do afundamento (Figura 112). O que parece ter aumentado a distância entre os ossos, como se fizessem o movimento de descer, subir e descer novamente. Há um certo nivelamento até o joelho que está apoiado numa área aparentemente mais alta em relação a descida dos membros inferiores, que possuem quebra exatamente quando começa a descer. Se tinha raiz crescendo por baixo e depois ela apodrecesse viraria um oco e em algum momento essa região cederia e com isso a visão do sobe e desce não parece ser intencional, como uma pequena elevação do joelho que é possível, embora seja difícil de confirmar que tenha existido. A tíbia e fíbula esquerda, bem como os ossos dos pés não foram encontrados durante a escavação.

Os afastamento/quebra nos membros podem terem sido causadas por raiz, as quebras são sinais que tem um composição diferencial, que é um zona de clivagem, podia ser por ser constituída de sedimento diferente.

Entre o fragmento de crânio temporal e escápula esquerda há um seixo de forma oval. No entanto também existem alguns acompanhamentos neste sepultamento, diferente do que apareceu em outros dessa área de escavação, como uma quantidade expressiva de conchas *Olivella* sp. sobre a região torácica (Figura 117), e próximo a parte frontal do crânio e o úmero direito havia adornos que aparentam ser contas (Figura 118) que possuem um furo no centro, mas não foi possível identificar de qual material foi produzida.

Já o ocre está não só no sedimento, mas disperso por todos os ossos do sepultamento.

Quanto a cova é difícil fazer inferências, mas aparentemente o indivíduo foi depositado em um local preparado para ele, mas não em uma cova profunda, provavelmente um local raso onde parte dos membros inferiores estão além da “cova”.



Figura 110: Rachaduras no bloco. Foto: GRUPEP/Arqueologia



Figura 109: Seta vermelha indica osso avulso entre as costelas do sepultamento 23. Foto: GRUPEP/Arqueologia

Síntese analítica do sepultamento



Figura 111: Membro superior esquerdo mais elevada em relação ao lado direito



Figura 112: Afundamento no eixo sagital, principalmente na região pélvica – vista lateral esquerda

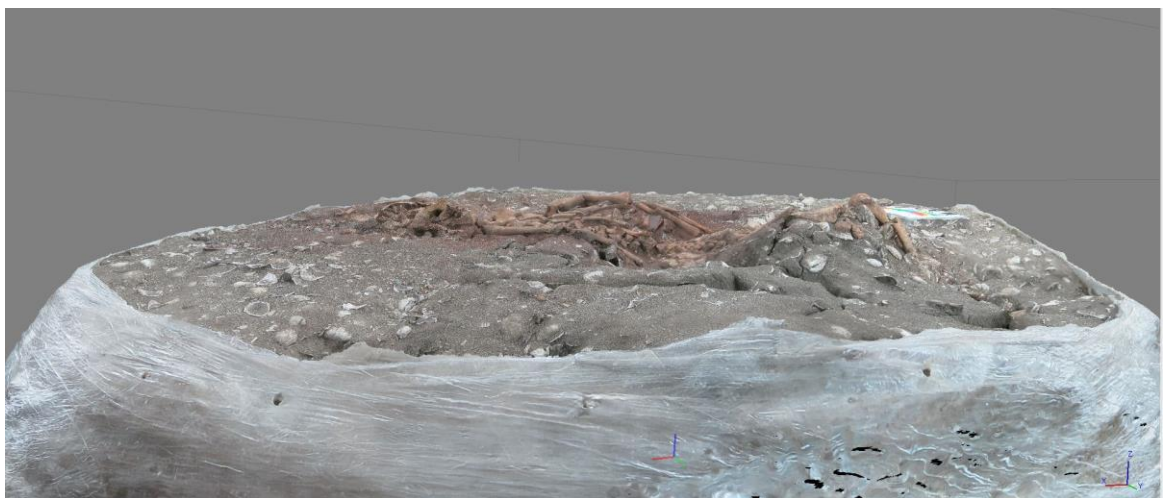


Figura 113: Afundamento no eixo sagital, principalmente na região pélvica - vista lateral direita

Síntese analítica do sepultamento

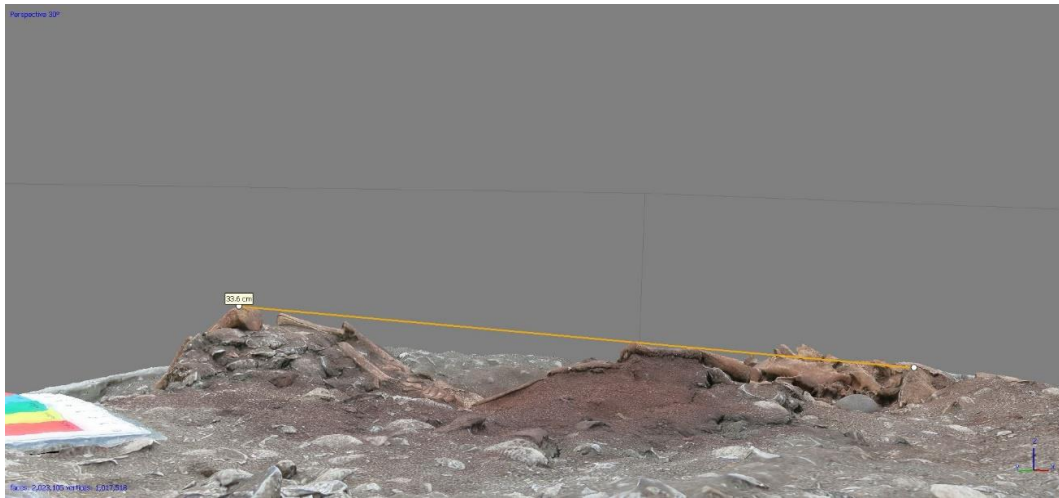


Figura 114: Região do joelho mais elevado em relação ao crânio – vista lateral esquerda

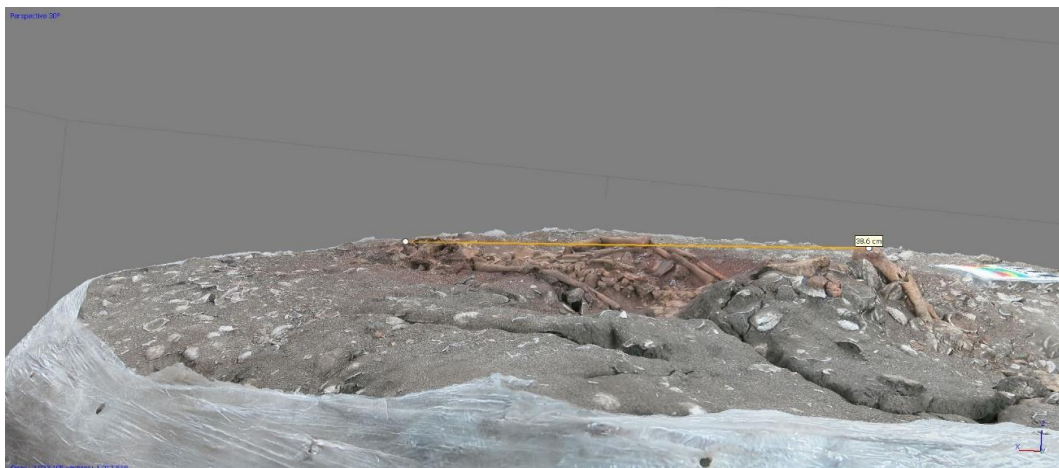


Figura 115: Região do joelho mais elevado em relação ao crânio – vista lateral direita



Figura 116: Membro superior esquerdo mais elevada em relação ao lado direito

Síntese analítica do sepultamento



Figura 118: Contas queimadas



Figura 117: Contas de *Olivella* sp. sobre o sepultamento 23. As imagens demonstram as *Olivella* sp. Aparecendo na medida em que o sepultamento estava sendo escavado.

O sedimento relacionado ao bloco do sepultamento 23, correspondente a parte superficial até o primeiro nível (5 centímetros) após a retirada do sepultamento foi triado para a análise dos remanescentes faunísticos, por Jéssica Mendes Cardoso. A análise contabilizou 1638 peças, sendo 725 correspondentes a remanescentes esqueléticos de vertebrados e 913 adornos em conchas de bivalves e gastrópodes. Em maioria estão presentes os peixes ósseos (Teleostei), e em pouca quantidade os peixes cartilaginosos (Elasmobranchii). A família mais representativa é a dos Sciaenidae, que inclui as corvinas (*Micropogonias furnieri*) e miraguaias (*Pogonias cromis*), sendo a corvina a espécie mais frequente. Os bagres foram identificados nesse contexto apenas a nível de família (Ariidae), assim como as anchovas (*Pomatomidae*, *Pomatomus saltatrix*), os sargos-de-dente (*Sparidae* – *Archosargus probatocephalus*) e os tubarões-martelo (*Shyrnidae*) são os menos representativos em termo de quantidade.

Entre os adornos em conchas, 800 são *Olivella* sp., sendo 761 do tipo simples sem ápice e 39 do tipo simples sem ápice e com perfuração (Figura 119 e Figura 121); 109 são valvas perfuradas de *Anomalocardia flexuosa*, classificadas como pingentes (Figura 122); e 4 são adornos do tipo discoide simples (Figura 123).

Síntese analítica do sepultamento

A média do tamanho dos adornos elaborados em *Olivella* sp. são de 5 mm, indicando que possivelmente esse colar poderia alcançar aproximadamente 4 metros de comprimento. Essas conchas estão sobretudo acima da região do tórax do sepultamento, com uma disposição que pode indicar um formato circular que corresponderia a um colar, mas não é possível afirmar apenas por esse elemento, pois poderia ser apenas um “ilusão” ou um olhar voltado a enxergar essa disposição porque ela indicaria um colar. No entanto quando os ossos do crânio foram retirados havia conchas, de certa maneira alinhada na região do pescoço (Figura 120), contribuindo para inferir que todas essas contas formassem um colar de fato. Depois de todo o sepultamento retirado, o sedimento coletado no primeiro nível (5 centímetros) foi triado e algumas *Olivella* sp. foram identificadas, é possível que após a decomposição do indivíduo as conchas devem ter percolado no sedimento ao longo do tempo.



Figura 120: *Olivellas* sp. Abaixo do crânio.



Figura 119: Conjunto de 35 adornos feitos em *Olivella* sp. encontrados no sepultamento 23.

De acordo com Cardoso (2019), durante as análises foi possível perceber que existe uma padrão de perfuração dos ápices, em que além da retirada arredondada desta estrutura em direção das espiras, também há um “degrau” na volta da concha, no sentido da abertura. Esse “degrau” pode indicar que a concha era manufaturada por uma perfuração inicial, talvez partindo do espaço da abertura da concha, e posteriormente era retirado o ápice no sentido das espiras (Figura 121).

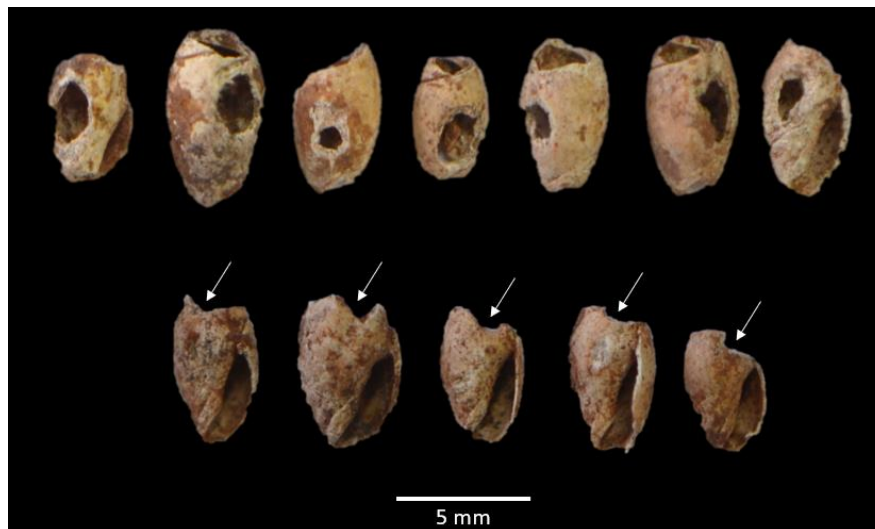


Figura 121: Adornos em *Olivella* sp. do tipo simples sem ápice e com perfuração (acima) e do tipo simples sem ápice, com padrão de quebra em “degrau” na região da volta da concha (abaixo). Fonte: Cardoso (2019)

Os pingentes de *Anomalocardia flexuosa* foram encontradas abaixo do sepultamento 23 e estão perfuradas próximas ao umbo. Algumas conchas não foram encontradas totalmente perfuradas, mostrando o processo de manufatura e uma desistência de finalização daquelas peças. Os pingentes encontrados com todas as porções anatômicas íntegras foram medidas, para verificar que existiu algum tipo de seleção no tamanho dessas conchas para elaboração dos pingentes. Os resultados demonstraram que não existe um padrão acentuado na escolha dos tamanhos de conchas, pois apresentam maior variação entre as medidas (ver Gráfico 2, no anexo 2 da Dissertação - volume 1).

Após a retirada do sepultamentos o sedimento do bloco foi registrado e escavado de 5 em 5 centímetros e 213 valvas perfuradas de *Anomalocardia flexuosa* foram identificadas abaixo do indivíduo (Tabela 11), 109 delas passaram pela análise realizada por Jéssica M. Cardoso (anexo 2 da Dissertação – volume 1). As contas foram encontradas ao longo dos 30 centímetros do bloco, a partir do terceiro nível começam a aparecer em maior quantidade, e se concentram no quarto nível, a partir do quinto começam a diminuir a quantidade mesmo que presentes em quantidade expressiva, no sexto nível foram encontrado poucas conchas perfuradas, o equivalente ao segundo nível. Supõe-se que essas conchas poderiam estar amarradas em algum tipo de esteira depositado no fundo do local preparado para depositar o bebê, sendo que nenhum adorno desse tipo foi encontrado acima do sepultamento. Como no ultimo nível diminui consideravelmente a quantidade é possível que essa presença seja pela percolação das conchas no sedimento.

Tabela 11: Quantidade de valvas perfuradas de *Anomalocardia flexuosa* por nível do bloco.

Nível	Quantidade (unidade)
<i>Anomalocardia flexuosa</i> perfurada	
1 - 0 a 5 centímetros	4
2 - 5 a 10 centímetros	24
3 - 10 a 15 centímetros	45
4 - 15 a 20 centímetros	64
5 - 20 a 25 centímetros	54
6 - 25 a 30 centímetros	26



Figura 122: Proporção de *Anomalocardia flexuosa* por nível.

Adornos do tipo discoide simples foram encontrados na triagem do sedimento que estava no nível do sepultamento, na região do crânio. Segundo Cardoso (2019) são quatro adornos, sendo um inteiro e três fragmentos. São adornos bastante frágeis, podendo não ter uma boa preservação, o que dificulta sua identificação. Klökler (2014) propõe que esse tipo de adorno era elaborado a partir de gastrópodes, possivelmente *Megalobulimus* sp., toda a concha é preparada, polida e perfurada, até chegar no formato discoide (Figura 123).

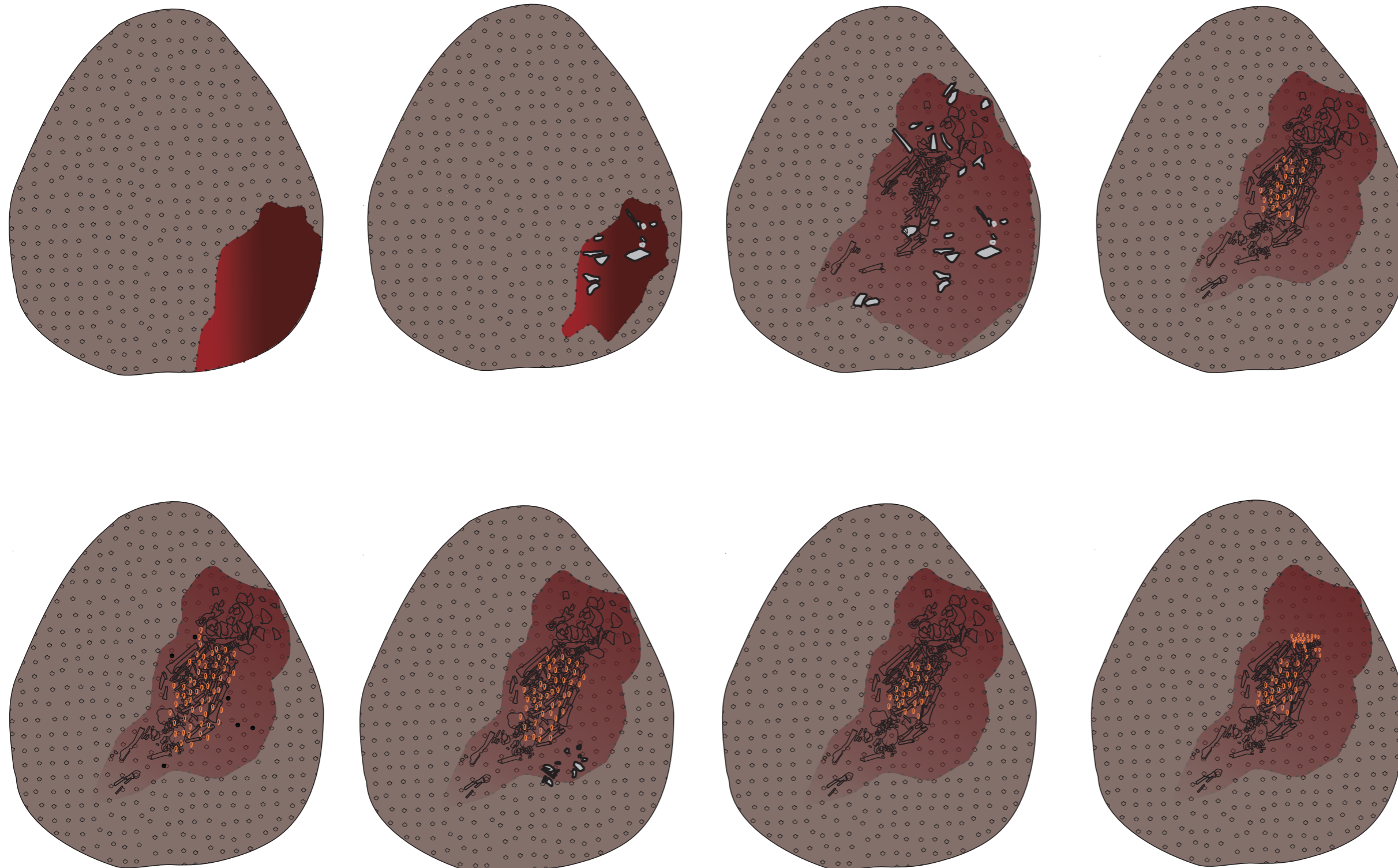


Figura 123: Adorno em concha do tipo discoide simples. Fonte: Cardoso (2018).


Sambaqui de Cabeçada

Sepultamento 23

Bloco escavado em laboratório
Locus 6 -Área A
Quadrícula D5 - Nível: 21



Legenda

 Sedimento com *Anomalocardia flexuosa* e pouca fauna óssea.

 Ocre

 *Olivella* sp.

 Contas

 Osso avulso

10 cm

Figura 124: Os croquis representam os vestígios encontrados a cada etapa de escavação, porém algumas etapas intermediárias não foram ilustradas.

REFERÊNCIAS

FARIAS, D. S. **Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de duplicação da BR-101 Trecho Ponte de Cabeçuda, Laguna/SC**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2014.

KLOKLER, D. Adornos em concha do sítio Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. **Revista de Arqueologia**, v. 27, n. 2, p. 150–169, 2014.

ANEXO 1
Inventário Ósseo

INVENTÁRIO ÓSSEO

Sepultamentos do *locus* 6 do sambaqui de Cabeçuda

CATÁLOGO	SEPULTAMENTO	PARTE ANATÔMICA	QUADRA	NÍVEL
2.0	2	Tíbia direita	C5-perfil	18
2.1	2	Fíbula direita	C5-perfil	18
2.2	2	Fíbula esquerda	C5-perfil	18
2.3	2	Ossos do Pé direito	C5-perfil	18
2.4	2	Ossos do Pé esquerdo	C5-perfil	18
2.5	2	Falange (Pé)	C5-perfil	18
2.6	2	Patela direita	C5-perfil	18
2.7	2	Fêmur esquerdo	C5-perfil	18
2.8	2	Tíbia, esquerda	C5-perfil	18
2.9	2	Fragmentos não identificados	C5-perfil	18
2.10	2	Fragmentos de tarso	C5-perfil	18
2.11	2	metatarsos ou metacarpos	C5-perfil	18
2.12	2	falanges da mão	C5-perfil	18
2.13	2	Metatarso I Pé direito	C5-perfil	18
2.14	2	Falange proximal I Pé direito	C5-perfil	18
2.15	2	Navicular esquerdo	C5-perfil	18
2.16	2	Falange Pé esquerdo	C5-perfil	18
2.17	2	Metatarso III esquerdo	C5-perfil	18
2.18	2	Metatarso IV esquerdo	C5-perfil	18
3.0	3	Ossos temporal (crânio)	C4,C5	17
3.1	3	Fragmento Supra orbital (Crânio)	C4,C5	17
3.2	3	Fragmentos de epífise	C4,C5	17
3.3	3	Dentes: incisivo lateral inferior, incisivo central inferior	C4,C5	17
3.4	3	Mandíbula(fragmentada)	C4,C5	17
3.5	3	Dente: incisivo central inferior	C4,C5	17
3.6	3	Rádio direito	C4,C5	17
3.7	3	Rádio esquerdo	C4,C5	17
3.8	3	Ulna esquerda	C4,C5	17
3.9	3	Úmero esquerdo	C4,C5	17
3.10	3	Úmero Direito	C4,C5	17
3.11	3	Cabeça do úmero	C4,C5	17
3.12	3	Ossos da mão esquerda	C4,C5	17
3.13	3	Ossos da mão direita	C4,C5	17
3.14	3	Costelas	C4,C5	17
3.15	3	Vértebras	C4,C5	17
3.16	3	Pelve	C4,C5	17
3.17	3	Fêmur direito	C4,C5	17
3.18	3	Coracoide - escápula	C4,C5	17
3.19	3	Fêmur esquerdo	C4,C5	17
3.20	3	Patela Direita	C4,C5	17
3.21	3	Tíbia Direita	C4,C5	17
3.22	3	Fíbula direita	C4,C5	17
3.23	3	Ossos dos pés	C4,C5	17
3.24	3	Ulna direita	C4,C5	17
3.25	3	Fragmentos de ossos longos	C4,C5	17
3.26	3	Ossos não identificados	C4,C5	17
3.27	3	Fragmentos de clavícula	C4,C5	17
3.28	3	Dentes superiores	C4,C5	17

3.29	3	fragmento de mandíbula	C4,C5	17
3.30	3	Costelas direitas	C4,C5	17
3.31	3	Costelas esquerdas	C4,C5	17
3.32	3	Colo do fêmur esquerdo	C4, C5	17
3.33	3	Epífise do fêmur esquerdo	C4, C5	17
3.34	3	Epífise do fêmur direito	C4, C5	17
3.35	3	Colo do fêmur direito	C4, C5	17
3.36	3	Epífise distal do fêmur direito	C4, C5	17
4.0	4	Fêmur esquerdo	F5	14
4.1	4	Fêmur direito	F5	14
5.0	5	Mandíbula	D2	15
5.1	5	Incisivo lateral inferior direito, canino inferior direito, incisivo lateral superior esquerdo, terceiro molar inferior direito, segundo pré-molar inferior direito	D2	15
5.2	5	Ossos da mão esquerda	D2	15
5.3	5	Úmero esquerdo	D2	15
5.4	5	Rádio esquerdo	D2	15
5.5	5	Ulna esquerda	D2	15
5.6	5	Costelas	D2	15
5.7	5	Fêmur esquerdo	D2	15
5.8	5	Patela esquerda	D2	15
5.9	5	Fíbula esquerda	D2	15
5.10	5	Tíbia esquerda	D2	15
5.11	5	Fíbula direita	D2	15
5.12	5	Tíbia direita	D2	15
5.13	5	Falange pé	D2	15
5.14	5	Cavidade glenóide	D2	15
5.15	5	Pelve	D2	15
5.16	5	Sacro	D2	15
5.17	5	Vértebras torácicas	D2	15
5.18	5	Vértebras torácicas	D2	15
5.19	5	Vértebras lombares	D2	15
5.20	5	Fragmentos não identificados	D2	15
5.21	5	Fêmur direito	D2	15
5.22	5	Fragmentos ossos longos- pé	D2	15
5.23	5	Epífise	D2	15
5.24	5	Navicular	D2	15
5.25	5	Calcâneo	D2	15
5.26	5	Cuneiforme	D2	15
5.27	5	Esterno	D2	15
6.0	6	Escápula Direita	E2	23
6.1	6	Ulna esquerda	E2	23
6.2	6	Rádio Esquerdo	E2	23
6.3	6	Úmero esquerdo	E2	23
6.4	6	Úmero Direito	E2	23
6.5	6	Clavícula esquerda	E2	23
6.6	6	Clavícula direita	E2	23
6.7	6	Costelas esquerda	E2	23
6.8	6	Escapula esquerda	E2	23
6.9	6	Fragmentos não identificados	E2	23
6.10	6	Vertebras cervicais	E2	23
6.11	6	Vertebras torácicas	E2	23
6.12	6	Vertebras lombares	E2	23
6.13	6	Fragmentos de Costelas	E2	23

6.14	6	Pisiforme - mão esquerda	D2	23
6.15	6	Piramidal esquerdo	D2	23
6.16	6	trapezoide direito	D2	23
6.17	6	Semilunar - mão esquerda	D2	23
6.18	6	Capitato - mão esquerda	D2	23
6.19	6	hamato direito	D2	23
6.20	6	Trapezoide - mão esquerda	D2	23
6.21	6	Escafoide - mão esquerda	D2	23
6.22	6	Metatarso I - mão esquerda	D2	23
6.23	6	Falange proximal I - mão esquerda	D2	23
6.24	6	Metatarso II - mão esquerda	D2	23
6.25	6	Metatarso III - mão esquerda	D2	23
6.26	6	Metatarso IV - mão esquerda	D2	23
6.27	6	Metatarso V - mão esquerda	D2	23
6.28	6	Falange proximal II - mão esquerda	D2	23
6.29	6	Falange proximal III - mão esquerda	D2	23
6.30	6	Falange proximal IV - mão esquerda	D2	23
6.31	6	Falange proximal V - mão esquerda	D2	23
6.32	6	Falange medial I - mão esquerda	D2	23
6.33	6	Falange medial II - mão esquerda	D2	23
6.34	6	Falange medial III - mão esquerda	D2	23
6.35	6	Falange medial IV - mão esquerda	D2	23
6.36	6	Falange distal II - mão esquerda	D2	23
6.37	6	Falange distal V - mão esquerda	D2	23
6.38	6	Costelas direita	E2	23
6.39	6	Patela Direita	E2	23
6.40	6	Fêmur Direito	D3	23
6.41	6	Fêmur esquerdo	D2	23
6.42	6	Calcâneo direito (pé)	D3	23
6.43	6	Tálus esquerdo	D3	23
6.44	6	Navicular direito (pé)	D3	23
6.45	6	cuneiforme intermediário direito	D3	23
6.46	6	Cuneiforme medial (pé) direito	D3	23
6.47	6	Cuneiforme lateral direito	D3	23
6.48	6	Cuboide (pé) direito	D3	23
6.49	6	Metatarso I(pé) direito	D3	23
6.50	6	Metatarso II (pé)direito	D3	23
6.51	6	Metatarso III (pé) direito	D3	23
6.52	6	Metatarso IV (pé) direito	D3	23
6.53	6	Metatarso V (pé) direito	D3	23
6.54	6	Falange proximal I (pé) direito	D3	23
6.55	6	Falange distal I (pé) direito	D3	23
6.56	6	Falange medial I (pé) direito	D3	23
6.57	6	Falange proximal IV (pé) direito	D3	23
6.58	6	Falange medial III (pé) direito	D3	23
6.59	6	Calcâneo (pé) esquerdo	D3	23
6.60	6	Tálus direito	D3	23
6.61	6	Navicular (pé) esquerdo	D3	23
6.62	6	Cuneiforme esquerdo	D3	23
6.63	6	Cuneiforme medial (pé) esquerdo	D3	23
6.64	6	Cuboide (pé) esquerdo	D3	23
6.65	6	Metatarso I (pé) esquerdo	D3	23
6.66	6	Metacarpo ou Metatarso	D3	23
6.67	6	Metatarso IV (pé) esquerdo	D3	23
6.68	6	Falange proximal I (pé) esquerdo	D3	23

6.69	6	Falange proximal II (pé) esquerdo	D3	23
6.70	6	Falange proximal III (pé) esquerdo	D3	23
6.71	6	Falange proximal V (pé) esquerdo	D3	23
6.72	6	Falange medial I (pé) esquerdo	D3	23
6.73	6	Falange distal V (pé) esquerdo	D3	23
6.74	6	Fragmentos não identificados (pé)	D3	23
6.75	6	Fragmentos de metatarsos	D3	23
6.76	6	Tíbia direita	D3	23
6.77	6	Fragmentos de fíbula direita	D3	23
6.78	6	Fragmentos de tibia esquerda	D3	23
6.79	6	Fíbula esquerda	D3	23
6.80	6	Patela esquerda	D3	23
6.81	6	Pelve direita	D2,D3,E3	23
6.82	6	Pelve direita	D2,D3,E3	23
6.83	6	Sacro	D2,D3,E3	23
6.84	6	Pelve Esquerda	D2,D3,E3	23
6.85	6	Escafoide - mão Direita	D2,D3,E3	23
6.86	6	Semilunar - mão direita	D2,D3,E3	23
6.87	6	piramidal - mão direita	D2,D3,E3	23
6.88	6	Pisiforme - mão direita	D2,D3,E3	23
6.89	6	hamato- mão direita	D2,D3,E3	23
6.90	6	Trapézio - mão direita	D2,D3,E3	23
6.91	6	Trapezoide - mão direita	D2,D3,E3	23
6.92	6	Capitato - mão direita	D2,D3,E3	23
6.93	6	metacarpo I - mão direita	D2,D3,E3	23
6.94	6	metacarpo II - mão direita	D2,D3,E3	23
6.95	6	metacarpo III - mão direita	D2,D3,E3	23
6.96	6	metacarpo IV - mão direita	D2,D3,E3	23
6.97	6	metacarpo V - mão direita	D2,D3,E3	23
6.98	6	falange proximal I	D2,D3,E3	23
6.99	6	falange proximal II	D2,D3,E3	23
6.100	6	falange proximal III	D2,D3,E3	23
6.101	6	falange proximal IV	D2,D3,E3	23
6.102	6	falange medial I	D2,D3,E3	23
6.103	6	falange medial II	D2,D3,E3	23
6.104	6	falange medial III	D2,D3,E3	23
6.105	6	falange distal I	D2,D3,E3	23
6.106	6	falange distal II	D2,D3,E3	23
6.107	6	falange distal III	D2,D3,E3	23
6.108	6	falange distal IV	D2,D3,E3	23
6.109	6	fragmentos não identificados (mão)	D2,D3,E3	23
6.110	6	Fíbula - Fragmento distal	D2,D3,E3	23
6.111	6	Metatarso V	D2,D3,E3	23
6.112	6	Falange distal do pé	D2,D3,E3	23
6.113	6	fragmentos de falanges	D2,D3,E3	23
6.114	6	fragmento de osso longo	D2,D3,E3	23
6.115	6	Sesamoides	D2,D3,E3	23
6.116	6	Cuneiforme medias esquerdo	D2,D3,E3	23
6.117	6	Escapula direita- Margem lateral	E2	23
6.118	6	Fragmento espinha da escapula	E2	23
6.119	6	Cavidade glenóide e processo coracoide	E2	23
6.120	6	Acrômio escapula direita	E2	23
6.121	6	Escapula Esquerda- Acrômio; - Espinha da Escapula	E2	23

6.122	6	Cavidade Glenóide direita; Margem lateral	E2	23
6.123	6	Fragmento de mandíbula: segundo pré-molar inferior esquerdo, primeiro + segundo + terceiro molar inferior esquerdo	E2	23
6.124	6	Dentes: incisivo lateral inferior esquerdo, canino inferior direito, canino inferior esquerdo, incisivo central inferior esquerdo, primeiro molar inferior esquerdo	E2	23
6.125		Fragmento de mandíbula: primeiro + segundo pré-molares inferior direito, primeiro + segundo + terceiro molar direito	E2	23
6.126		Fragmento de maxila: Primeiro pré-molar superior direito, primeiro + segundo + terceiro molar direito	E2	23
6.127	6	Dentes: segundo molar superior esquerdo, terceiro molar superior esquerdo; segundo pré-molar superior esquerdo; canino superior esquerdo; primeiro pré-molar superior esquerdo; incisivo lateral superior esquerdo, incisivo central superior esquerdo	E2	23
6.128	6	Crânio: fragmentos parietal esquerdo	E2	23
6.129	6	Crânio: fragmentos parietal direito	E2	23
6.130	6	Crânio: fragmentos mandíbula	E2	23
6.131	6	Crânio: fragmentos nasal	E2	23
6.132	6	Crânio: fragmentos frontal	E2	23
6.133	6	Crânio: fragmentos temporal	E2	23
6.134	6	Vértebra: atlas	E2	23
6.135	6	Vértebra: axis	E2	23
6.136	6	Vértebra: C3	E2	23
6.137	6	Vértebra: C4	E2	23
6.138	6	Vértebra: C5	E2	23
6.139	6	Vértebra: C6	E2	23
6.140	6	Vértebra: C7	E2	23
7.0	7	Úmero esquerdo	F3,F4	21
7.1	7	Ulna esquerda	F3,F4	21
7.2	7	Rádio esquerdo	F3,F4	21
7.3	7	Ulna direita	F3,F4	21
7.4	7	Semilunar - esquerda	F3,F4	21
7.5	7	Escafoide - mão esquerda	F3,F4	21
7.6	7	Fragmento de calcâneo	F3,F4	21
7.7	7	Falange Medial I (mão) esquerda	F3	21
7.8	7	Escápula esquerda	F3	21
7.9	7	Costelas Fragmentadas	F3	21
7.10	7	Fragmentos de vértebras	F3	21
7.11	7	Fragmentos de fíbula direita	F3	21
7.12	7	Fêmur direito	F3	21
7.13	7	Fêmur esquerdo	F3,F4	21
7.14	7	Tíbia direita	F3,F4	21
7.15	7	Fíbula esquerda	F3,F4	21
7.16	7	Tálus direito (pé)	F3,F4	21
7.17	7	Ulna direita	F3,F4	21
7.18	7	Tíbia esquerda	F3,F4	21
7.19	7	Pelve direita - região ilíaca	F3,F4	21
7.20	7	Pelve direita - espinha ilíaca	F3,F4	21
7.21	7	Pelve direita - crista ilíaca	F3,F4	21
7.22	7	fragmentos ósseos	F3,F4	21

7.23	7	Pelve esquerda - Incisura isquiática	F3,F4	21
7.24	7	Pelve fragmentada	F3,F4	21
7.25	7	Patela esquerda	F3	21
7.26	7	Patela esquerda	F3,F4	21
7.27	7	fragmento de crânio	F3/F4	21
7.28	7	Costelas esquerdas		21
7.29	7	Fragmentos de ossos longos		21
8.0	8	Ulna esquerda	E5	24
8.1	8	Rádio esquerdo	E5	24
8.2	8	fragmento da pelve	E5	24
8.3	8	Pelve esquerda	E5	24
8.4	8	Isquio direito	E5	24
8.5	8	Púbis direito	E5	24
8.6	8	Patela direita	E5	24
8.7	8	patela esquerda	E5	24
8.8	8	Fêmur direito	E5	24
8.9	8	Fêmur esquerdo	E5	24
8.10	8	Pisiforme - mão esquerda	E5	24
8.11	8	Trapézio - mão esquerda	E5	24
8.12	8	Trapezoide - mão esquerda	E5	24
8.13	8	Escafoide - mão esquerda	E5	24
8.14	8	metacarpo I direito	E5	24
8.15	8	Metatarso III - mão direita	E5	24
8.16	8	Metatarso II - mão direito	E5	24
8.17	8	Falange proximal IV - mão direita	E5	24
8.18	8	Falange proximal I - mão direita	E5	24
8.19	8	Falange proximal V - mão direita	E5	24
8.20	8	Falange proximal III - mão direita	E5	24
8.21	8	Metatarso II - mão esquerda	E5	24
8.22	8	Mão - Falange mesial V esquerda	E5	24
8.23	8	Mão - falange mesial II esquerda	E5	24
8.24	8	Falange distal I - mão esquerda	E5	24
8.25	8	Falange proximal esquerda I	E5	24
8.26	8	pé - falange mesial	E5	24
8.27	8	Mão - fragmento de falanges e metacarpos	E5	24
8.28	8	Falange proximal IV - mão esquerda	E5	24
8.29	8	Sacro	E5	24
8.30	8	Fragmento de vertebras	E5	24
8.31	8	púbis esquerda	E5	24
8.32	8	Fragmentos de ossos longos	E5	24
8.33	8	Mão - metacarpo I esquerdo	E5	24
8.34	8	Mão - falange distal	E5	24
8.35	8	Patela esquerda - Osso avulso	E5	24
8.36	14	Tíbia direita	D5	24
8.37	14	Tíbia esquerda	D5	24
8.38	14	Pé direito: Cuboide	D5	24
8.39	14	Pé direito: Cuneiforme medial	D5	24
8.40	14	Pé direito: Cuneiforme intermédio	D5	24
8.41	14	Pé direito: Cuneiforme lateral	D5	24
8.42	14	Pé direito: Metatarso I	D5	24
8.43	14	Pé direito: Metatarso II	D5	24
8.44	14	Pé direito: Metatarso III	D5	24
8.45	14	Pé direito: Metatarso V	D5	24
8.46	14	Pé direito: Falange proximal I	D5	24

8.47	14	Pés: Falanges médias	D5	24
8.48	14	Pé direito: Falange distal I	D5	24
8.49	14	Pé esquerdo: Tálus	D5	24
8.50	14	Pé esquerdo: Navicular	D5	24
8.51	14	Pé esquerdo: Cuboide	D5	24
8.52	14	Pé esquerdo: Cuneiforme medial	D5	24
8.53	14	Pé esquerdo: Cuneiforme intermédio	D5	24
8.54	14	Pé esquerdo: Cuneiforme lateral	D5	24
8.55	14	Pé esquerdo: Metatarso I	D5	24
8.56	14	Pé esquerdo: Metatarso II	D5	24
8.57	14	Pé esquerdo: Metatarso III	D5	24
8.58	14	Pé esquerdo: Metatarso IV	D5	24
8.59	14	Pé esquerdo: Metatarso V	D5	24
8.60	14	metatarso	D5	24
8.61	14	falange - pé	D5	24
8.62	14	falange proximal - mão	D5	24
9.0	9	Fêmur direito	C4/C5	19
9.1	9	Fêmur esquerdo	C4/C5	19
9.2	9	Fragmentos de Costelas	C4/C5	19
9.3	9	Crânio - Fragmento occipital	C4/C5	19
9.4	9	Crânio - Osso temporal - Meato acústico esquerdo	C4/C5	19
9.5	9	Crânio - Osso temporal - Meato acústico direito	C4/C5	19
9.6	9	Crânio - Osso frontal - Margem supra orbital esquerda	C4/C5	19
9.7	9	Crânio - Osso zigomático esquerdo	C4/C5	19
9.8	9	Crânio - Osso zigomático direito	C4/C5	19
9.9	9	Crânio - Osso Frontal - Glabela - Porção esquerda	C4/C5	19
9.10	9	Crânio - Fragmento temporal	C4/C5	19
9.11	9	Crânio - Fragmento parietal - Sutura Sagital	C4/C5	19
9.12	9	1º molar inferior esquerdo decíduo	C4/C5	19
9.13	9	Fragmento de mandíbula/maxila	C4/C5	19
9.14	9	2º molar inferior esquerdo decíduo	C4/C5	19
9.15	9	1º molar inferior direito decíduo	C4/C5	19
9.16	9	2º molar superior esquerdo decíduo	C4/C5	19
9.17	9	1º molar inferior direito decíduo + mandíbula	C4/C5	19
9.18	9	2º molar inferior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.19	9	Canino superior esquerdo decíduo	C4/C5	19
9.20	9	primeiro molar superior esquerdo decíduo	C4/C5	19
9.21	9	2º molar superior direito decíduo	C4/C5	19
9.22	9	1º molar superior direito decíduo	C4/C5	19
9.23	9	Fragmentos de crânio não identificados	C4/C5	19
9.24	9	Epífise de fêmur proximal esquerdo	C4/C5	19
9.25	9	Úmero esquerdo	C4/C5	19
9.26	9	Ulna esquerda	C4/C5	19
9.27	9	Rádio esquerdo	C4/C5	19
9.28	9	Úmero direito	C4/C5	19
9.29	9	Vertebras	C4/C5	19
9.30	9	Pelve - Osso ilíaco esquerdo	C4/C5	19
9.31	9	Pelve - Ísquio esquerdo	C4/C5	19
9.32	9	Pelve - Ísquio direito	C4/C5	19
9.33	9	Fragmentos de pelve	C4/C5	19
9.34	9	Fragmentos não identificados	C4/C5	19

9.35	9	Epífise de úmero direito	C4/C5	19
9.36	9	Epífise de fêmur esquerdo	C4/C5	19
9.37	9	Epífise de tíbia direita	C4/C5	19
9.38	9	Fragmentos de Costelas	C4/C5	19
9.39	9	falanges	C4/C5	19
9.40	9	ossos do carpo	C4/C5	19
9.41	9	fragmentos de metatarso	C4/C5	19
9.42	9	Fêmur direito - epífise proximal	C4/C5	19
9.43	9	Fragmento Fíbula	C4/C5	19
9.44	9	Clavícula direita - frag. Extremidade esternal	C4/C5	19
9.45	9	Escápula direita - fossa supra espinhal	C4/C5	19
9.46	9	Rádio direito	C4/C5	19
9.47	9	Temporal esquerdo	C4/C5	19
9.48	9	2º molar inferior direito permanente	C4/C5	19
9.49	9	2º molar superior esquerdo	C4/C5	19
9.50	9	2º molar superior direito permanente	C4/C5	19
9.51	9	1º pré-molar superior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.52	9	1º pré-molar superior direito permanente	C4/C5	19
9.53	9	Incisivo central superior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.54	9	Incisivo lateral superior direito	C4/C5	19
9.55	9	Incisivo lateral superior direito	C4/C5	19
9.56	9	1º pré-molar inferior direito permanente	C4/C5	19
9.57	9	2º pré-molar inferior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.58	9	1º molar inferior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.59	9	1º molar inferior direito permanente	C4/C5	19
9.60	9	1º molar superior direito permanente	C4/C5	19
9.61	9	1º molar superior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.62	9	2º pré-molar superior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.63	9	2º pré-molar superior direito permanente	C4/C5	19
9.64	9	Incisivo central inferior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.65	9	Incisivo central inferior direito permanente	C4/C5	19
9.66	9	Canino superior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.67	9	Canino superior direito permanente	C4/C5	19
9.68	9	Canino inferior esquerdo permanente	C4/C5	19
9.69	9	2º pré-molar inferior direito permanente	C4/C5	19
9.70	9	epífises	C4/C5	19
9.71	9	Ossos longos	C4/C5	19
9.72	9	Fragmento de ulna direita	C4/C5	19
9.73	9	Fragmento epífise distal do fêmur	C4/C5	19
9.74	9	Epífise fêmur	C4/C5	19
9.75	9	Fragmento Acrômio esquerdo	C4/C5	19
9.76	9	Fragmento Acrômio direito	C4/C5	19
9.77	9	Processo Coracoide direito	C3/C4	19
10.0	10	Tíbia esquerda	C3/C4/D3/D4	19
10.1	10	Fíbula esquerda	C3/C4	19
10.2	10	Patela direita	C3/C4	19
10.3	10	Fêmur esquerdo	C3/C4	19
10.4	10	Fêmur direito	C3/C4	19
10.5	10	Úmero esquerdo	C3/C4	19

10.6	10	Úmero direito	C3/C4	19
10.7	10	Fragmento da epífise proximal do Rádio esquerdo	C3/C4	19
10.8	10	Ulna esquerda	C3/C4	19
10.9	10	Terceiro molar superior (possível esquerdo)	C3/C4	19
10.10	10	Tíbia direita	C3/C4	19
10.11	10	Fíbula Direita	C3/C4	19
10.12	10	Fragmento de Tíbia e Fíbula direita	C3/C4	19
10.13	10	Fragmentos de tarso	C3/C4	19
10.14	10	Pé esquerdo - Navicular	C3/C4	19
10.15	10	Pé esquerdo - Tálus	C3/C4	19
10.16	10	segundo pré-molar superior esquerdo	C3/C4	19
10.17	10	Pé direito - Cuneiforme intermédio	C3/C4	19
10.18	10	Pé direito - Metatarso III	C3/C4	19
10.19	10	Pé direito - Metatarso II	C3/C4	19
10.20	10	primeiro pré-molar superior direito	C3/C4	19
10.21	10	Pé direito - Cuneiforme medial	C3/C4	19
10.22	10	segundo pré-molar superior direito	C3/C4	19
10.23	10	Pé(indeterminado) Falange media	C3/C4	19
10.24	10	Fragmentos não identificados do pé	C3/C4	19
10.25	10	Fragmentos da pelve	C3/C4	19
10.26	10	falanges distais - mão	C3/C4	19
10.27	10	Mão direita - Capitato	C3/C4	19
10.28	10	Mão direita - Semilunar	C3/C4	19
10.29	10	Mão direita - Metacarpo IV	C3/C4	19
10.30	10	Mão direita - Trapézio	C3/C4	19
10.31	10	Mão direita - Falange média II	C3/C4	19
10.32	10	Mão direita - Falange média I	C3/C4	19
10.33	10	Mão direita - Metacarpo III	C3/C4	19
10.35	10	Mão direita - Metacarpo V	C3/C4	19
10.37	10	Mão esquerda- Metacarpo II	C3/C4	19
10.38	10	Mão esquerda - Capitato	C3/C4	19
10.39	10	Mão esquerda -Metacarpo V	C3/C4	19
10.40	10	falanges proximais - mão	C3/C4	19
10.42	10	Mão direita - Metacarpo II	C3/C4	19
10.43	10	Mão esquerda - Trapezoide	C3/C4	19
10.44	10	Carpos	C3/C4	19
10.48	10	falanges médias - mão	C3/C4	19
10.51	10	Mão - Fragmentos de Falange	C3/C4	19
10.52	10	Mão - Fragmentos de metacarpo	C3/C4	19
10.55	10	Fragmentos de raiz de dentes	C3/C4	19
10.56	10	Crânio fragmentado e concrecionado	C3/C4	19
10.57	10	Incisivo lateral superior direito	C3/C4	19
10.58	10	Pré-molar superior esquerdo	C3/C4	19
10.59	10	Segundo molar superior	C3/C4	19
10.60	10	Terceiro molar inferior direito	C3/C4	19
10.61	10	Coluna vertebral / parte 1-4	C3/C4	19
10.62	10	Coluna vertebral / parte 2-4	C3/C4	19
10.63	10	Coluna vertebral / parte3-4	C3/C4	19
10.64	10	Coluna vertebral / parte 4-4	C3/C4	19
10.65	10	Úmero- Epicôndilo medial	C3/C4	19
10.66	10	Epífise Distal	C3/C4	19
10.67	10	Tíbia direita- Epífise proximal direita	C3/C4	19
10.68	10	Primeiro molar superior esquerdo	C3/C4	19
10.69	10	Segundo molar superior direito	C3/C4	19

10.70	10	Primeiro molar superior direito	C3/C4	19
10.71	10	Primeiro molar inferior esquerdo	C3/C4	19
11.1	11	Fíbula direita	D5, D6	18
11.2	11	Tíbia esquerda	D5, D6	18
11.3	11	Fragmentos de tíbia esquerda e fíbula direita	D5, D6	18
11.4	11	Ulna direita	D5, D6	18
11.5	11	Rádio direito	D5, D6	18
11.6	11	Fragmentos de rádio e ulna direita	D5, D6	18
11.7	11	Tíbia direita	D5, D6	18
11.8	11	Fíbula	D5, D6	18
11.9	11	Fragmentos de ossos	D5, D6	18
11.10	11	Úmero esquerdo	D5, D6	18
11.11	11	Úmero direito	D5, D6	18
11.12	11	fragmento de vertebra	D5, D6	18
11.13	11	Ulna esquerda	D5, D6	18
11.14	11	Rádio esquerdo	D5, D6	18
11.15	11	Fragmentos de rádio e ulna esquerda	D5, D6	18
11.15 A	11	Patela direita	D5, D6	18
11.16	11	Patela esquerda	D5, D6	18
11.17	11	Escápula esquerda	D5, D6	18
11.18	11	Fêmur direito	D5, D6	18
11.19	11	Costelas esquerdas	D5, D6	18
11.20	11	Costelas direita	D5, D6	18
11.21	11	Pelve	D5, D6	18
11.22	11	Fêmur esquerdo	D5, D6	18
11.23	11	Vértebra lombar	D5, D6	18
11.24	11	Pé esquerdo - Calcâneo	D5, D6	18
11.25	11	Pé esquerdo - Tálus	D5, D6	18
11.26	11	Pé esquerdo - Navicular	D5, D6	18
11.27	11	Pé esquerdo - Cuboide	D5, D6	18
11.28	11	Pé esquerdo - Cuneiforme lateral	D5, D6	18
11.29	11	Pé esquerdo - Cuneiforme intermédio	D5, D6	18
11.30	11	Pé esquerdo - Cuneiforme medial	D5, D6	18
11.31	11	Pé esquerdo - Metatarso I	D5, D6	18
11.32	11	Pé esquerdo - Metatarso	D5, D6	18
11.33	11	Pé esquerdo - Metatarso	D5, D6	18
11.34	11	Pé esquerdo - Metatarso	D5, D6	18
11.35	11	Pé esquerdo - Metatarso V	D5, D6	18
11.36	11	Pé esquerdo - Falange proximal I	D5, D6	18
11.37	11	Pé esquerdo - Falange proximal II	D5, D6	18
11.38	11	Pé esquerdo - Falange proximal III	D5, D6	18
11.39	11	Pé esquerdo - Falange proximal IV	D5, D6	18
11.40	11	Pé esquerdo - Falange proximal V	D5, D6	18
11.41	11	Pé esquerdo - Falange média	D5, D6	18
11.41 A	11	Pé esquerdo - Falange distal I	D5, D6	18
11.42	11	Pé esquerdo - Falange média	D5, D6	18
11.43	11	Pé direito - Calcâneo	D5, D6	18
11.44	11	Pé direito - Tálus	D5, D6	18
11.45	11	Pé direito - Navicular	D5, D6	18
11.46	11	Pé direito - Cuboide	D5, D6	18
11.47	11	Pé direito - Cuneiforme lateral	D5, D6	18
11.48	11	Pé direito - Cuneiforme intermédio	D5, D6	18
11.49	11	Pé direito - Cuneiforme medial	D5, D6	18
11.50	11	Pé direito - Metatarso I	D5, D6	18

11.51	11	Pé direito - Metatarso II	D5, D6	18
11.52	11	Pé direito - Metatarso III	D5, D6	18
11.53	11	Pé direito - Metatarso IV	D5, D6	18
11.54	11	Pé direito - Falange proximal I	D5, D6	18
11.55	11	Pé direito - Falange proximal II	D5, D6	18
11.56	11	Pé direito - Falange proximal III	D5, D6	18
11.57	11	Pé direito - Falange proximal IV	D5, D6	18
11.58	11	Pé direito - Falange proximal V	D5, D6	18
11.59		Fragmento de tarso	D5, D6	18
11.60	11	Mão esquerda - Piramidal	D5, D6	18
11.61	11	Mão esquerda - Pisiforme	D5, D6	18
11.62	11	Mão esquerda - Trapezoide	D5, D6	18
11.63	11	Mão esquerda - Trapézio	D5, D6	18
11.64	11	Mão esquerda - Capitato	D5, D6	18
11.65	11	Mão esquerda - Semilunar	D5, D6	18
11.66	11	Mão esquerda - Escafoide	D5, D6	18
11.67	11	Mão esquerda - hamato	D5, D6	18
11.68	11	Mão esquerda - Falange proximal IV	D5, D6	18
11.69	11	Mão esquerda - Falange proximal V	D5, D6	18
11.70	11	Mão esquerda - Falange proximal III	D5, D6	18
11.71	11	Mão esquerda - Falange proximal	D5, D6	18
11.72	11	Mão esquerda - Falange distal V	D5, D6	18
11.73	11	Mão esquerda - Falange distal	D5, D6	18
11.74	11	Mão esquerda - Falange média IV	D5, D6	18
11.75	11	Mão esquerda - Falange distal	D5, D6	18
11.76	11	Mão esquerda - Falange média	D5, D6	18
11.77	11	Mão esquerda - Falange média II	D5, D6	18
11.78	11	Mão esquerda - Falange média I	D5, D6	18
11.79	11	Mão esquerda - Metacarpo V	D5, D6	18
11.80	11	Mão esquerda - Metacarpo IV	D5, D6	18
11.81	11	Mão esquerda - Metacarpo III	D5, D6	18
11.82	11	Mão esquerda - Metacarpo II	D5, D6	18
11.83	11	Mão esquerda - Fragmentos	D5, D6	18
11.84	11	Mão direita - Falange média V	D5, D6	18
11.85	11	Mão direita - Falange distal III	D5, D6	18
11.86	11	Mão direita - Falange distal IV	D5, D6	18
11.86	11	Mão direita - Metacarpo I	D5, D6	18
11.88	11	Mão direita - Metacarpo V	D5, D6	18
11.89	11	Mão direita - Falange média II	D5, D6	18
11.90	11	Mão direita - Falange média IV	D5, D6	18
11.91	11	Mão direita - Falange distal II	D5, D6	18
11.92	11	Mão direita - Falange distal I	D5, D6	18
11.93	11	Mão direita - Falange distal V	D5, D6	18
11.94	11	Mão direita - Metacarpo II	D5, D6	18
11.95	11	Mão direita - Metacarpo III	D5, D6	18
11.96	11	Mão direita - Falange proximal V	D5, D6	18
11.97	11	Mão direita - Falange média III	D5, D6	18
11.98	11	Mão direita - Capitato	D5, D6	18
11.99	11	Mão direita - Metacarpo IV	D5, D6	18
11.100	11	Mão direita - Escafoide	D5, D6	18
11.101	11	Epífise de rádio	D5, D6	18
11.102	11	Mão direita - Falange proximal IV	D5, D6	18
11.103	11	Mão direita - Falange proximal III	D5, D6	18
11.104	11	Mão direita - Hamato	D5, D6	18
11.105	11	Mão direita - Piramidal	D5, D6	18

11.106	11	Mão direita - Pisiforme	D5, D6	18
11.107	11	Mão direita - Falange proximal II	D5, D6	18
11.108	11	Mão direita - Falange proximal I	D5, D6	18
11.109	11	Mão direita - Trapézio	D5, D6	18
11.110	11	Mão direita - Semilunar	D5, D6	18
11.111	11	Mão direita - Trapezoide	D5, D6	18
11.112	11	Mão direita - Fragmentos não identificados	D5, D6	18
11.113	11	terceiro molar inferior esquerdo	D5, D6	18
11.114	11	segundo molar inferior direito	D5, D6	18
11.115	11	primeiro pré-molar superior direito	D5, D6	18
11.116	11	incisivo lateral superior direito	D5, D6	18
11.117	11	2º molar inferior direito	D5, D6	18
11.118	11	Mandíbula com dentes - primeiro e segundo pré-molar inferior esquerdo, primeiro e segundo inferior direito, canino inferior direito, primeiro molar inferior direito	D5, D6	18
11.119	11	Fragmentos dos ramos da mandíbula - Processo condilar e processo coronoide	D5, D6	18
11.120	11	Processo mastóide e meato acústico externo direito	D5, D6	18
11.121	11	Processo mastóide e meato acústico externo esquerdo	D5, D6	18
11.122	11	Forames parietais	D5, D6	18
11.123	11	Forame oval do esfenoide	D5, D6	18
11.124	11	Fragmento de osso temporal com linha temporal esquerda	D5, D6	18
11.125	11	Fragmento temporal - linha temporal direita	D5, D6	18
11.126	11	fragmento frontal orbital direito	D5, D6	18
11.127	11	Fragmentos de ulna ou rádio	D5, D6	18
11.128	11	Fragmentos de crânio não identificados	D5, D6	18
11.129	11	Costela fragmentada	D5, D6	18
11.130	11	Fragmento de sacro	D5, D6	18
11.131	11	possível Escápula	D5, D6	18
11.132	11	Clavícula direita	D5, D6	18
11.133	11	epífise de tíbia	D5, D6	18
11.134	11	Zigomático	D5, D6	18
11.135	11	Processo Zigomático esquerdo	D5, D6	18
11.136	11	primeiro molar inferior esquerdo	D5, D6	18
11.137	11	terceiro molar superior esquerdo	D5, D6	18
11.138	11	segundo molar superior direito	D5, D6	18
11.139	11	segundo molar superior esquerdo	D5, D6	18
11.140	11	primeiro molar superior esquerdo	D5, D6	18
11.141	11	terceiro e segundo molar superior direito	D5, D6	18
11.142	11	incisivo lateral superior esquerdo	D5, D6	18
11.143	11	incisivo central superior esquerdo	D5, D6	18
11.144	11	canino superior esquerdo	D5, D6	18
11.145	11	Fragmentos de metatarsos	D5, D6	18
11.146	11	Crânio - fragmento occipital	D5, D6	18
11.147	11	Pelve - fragmento isquiopúbico	D5, D6	18
11.148	11	Pelve- fragmento ílio	D5, D6	18
11.149	11	Pelve - fragmento púbis	D5, D6	18
11.150	11	Canino inferior esquerdo, incisivo central inferior esquerdo, incisivo	D5, D6	18

		lateral inferior esquerdo, incisivo		
		lateral inferior direito		
12.0	12	Escápula esquerda	D4, D5	24
12.1	12	Escápula direita	D4, D5	24
12.2	12	Clavícula direita	D4, D5	24
12.3	12	Úmero esquerdo	D4, D5	24
12.4	12	Ulna esquerda	D4, D5	24
12.5	12	Rádio esquerdo	D4, D5	24
12.6	12	Rádio direito	D4, D5	24
12.7	12	Ulna direita	D4, D5	24
12.8	12	Costelas	D4, D5	24
12.9	12	Clavícula esquerda	D4, D5	24
12.10	12	3a costela esquerda (com calo ósseo)	D4, D5	24
12.11	12	Tíbia direita	D4, D5	24
12.12	12	Fíbula direita	D4, D5	24
12.13	12	Fíbula esquerda	D4, D5	24
12.14	12	Tíbia esquerda	D4, D5	24
12.15	12	Fêmur esquerdo	D4, D5	24
12.16	12	Fêmur direito	D4, D5	24
12.17	12	Patela direita	D4, D5	24
12.18	12	Patela esquerda	D4, D5	24
12.19	12	Mão esquerda - Escafoide	D4, D5	24
12.20	12	Mão esquerda -Hamato	D4, D5	24
12.21	12	Mão esquerda - Piramidal	D4, D5	24
12.22	12	Mão esquerda - Pisciforme	D4, D5	24
12.23	12	Mão esquerda - Metacarpo II	D4, D5	24
12.24	12	Mão esquerda - Metacarpo III	D4, D5	24
12.25	12	Mão esquerda - Metacarpo IV	D4, D5	24
12.26	12	Mão esquerda - Metacarpo V	D4, D5	24
12.27	12	Mão esquerda - Falange proximal II	D4, D5	24
12.28	12	Mão esquerda - Falange proximal IV	D4, D5	24
12.29	12	Mão esquerda - Falange média II	D4, D5	24
12.30	12	Mão esquerda - Falange distal I	D4, D5	24
12.31	12	Mão esquerda - Fragmentos indeterminados	D4, D5	24
12.32	12	Mão esquerda - Trapezoide	D4, D5	24
12.33	12	Mão esquerda - Trapézio	D4, D5	24
12.34	12	Mão esquerda - Falange proximal I	D4, D5	24
12.35	12	Mão direita - Falange proximal I	D4, D5	24
12.36	12	Calota (Crânio)	D4, D5	24
12.37	12	Mandíbula e Dentes	D4, D5	24
12.38	12	Crânio - fragmentos	D4, D5	24
12.39	12	Crânio - margem supra orbital direita	D4, D5	24
12.40	12	Crânio - processo mastóide e meato acústico externo esquerdo	D4, D5	24
12.41	12	canino inferior direito	D4, D5	24
12.42	12	Crânio - Maxila	D4, D5	24
12.43	12	Crânio - Margem supra orbital esquerda	D4, D5	24
12.44	12	incisivos centrais inferior, direito e esquerdo	D4, D5	24
12.45	12	Pé esquerdo - cuneiforme lateral	D4, D5	24
12.46	12	Pé esquerdo - Calcâneo	D4, D5	24
12.47	12	Pé esquerdo - Cuboide	D4, D5	24
12.48	12	Pé esquerdo - Metatarso I	D4, D5	24
12.49	12	Pé esquerdo - Metatarso IV	D4, D5	24
12.50	12	Pé esquerdo - Navicular	D4, D5	24
12.51	12	Pé esquerdo - Metatarso III	D4, D5	24

12.52	12	Pé esquerdo - Tálus	D4, D5	24
12.53	12	Pé direito - Metatarso IV	D4, D5	24
12.54	12	Pé direito - Metatarso III	D4, D5	24
12.55	12	Pé direito - Navicular	D4, D5	24
12.56	12	Pé direito - Metatarso V	D4, D5	24
12.57	12	Pé direito - Cuneiforme medial	D4, D5	24
12.58	12	Pé direito - Calcâneo	D4, D5	24
12.59	12	Pé direito - Tálus	D4, D5	24
12.60	12	Pé direito - Cuboide	D4, D5	24
12.61	12	Pé direito - Cuneiforme lateral	D4, D5	24
12.62	12	Pé direito - Cuneiforme intermédio	D4, D5	24
12.63	12	Pé direito - Metatarso I	D4, D5	24
12.64	12	Pé direito - Metatarso II	D4, D5	24
12.65	12	Pé direito - Fragmentos não identificados	D4, D5	24
12.66	12	Pé esquerdo - Falange proximal I	D4	24
12.67	12	Pé esquerdo - Falange proximal III	D4	24
12.68	12	Pé direito - Falange distal I	D4	24
12.69	12	Pé direito - Falange proximal V	D4	24
12.70	12	Pé esquerdo - Metatarso V	D4	24
12.71	12	Pé esquerdo - Falange distal I	D4	24
12.72	12	Pé direito - Falange proximal IV	D4	24
12.73	12	Pé esquerdo - Falange proximal V	D4	24
12.74	12	Pé direito - Falange proximal II	D4	24
12.75	12	Pé esquerdo - Cuneiforme intermédio	D4	24
12.76	12	Mão direita - Falange mesial IV	D4	24
12.77	12	Pé esquerdo - Falange proximal IV	D4	24
12.78	12	Pé esquerdo - Metatarso II	D4	24
12.79	12	Pé direito - Falange proximal I	D4	24
12.80	12	Vértebra Atlas	D4, D5	24
12.81	12	Vértebras lombares	D4, D5	24
12.82	12	Vértebras torácicas	D4, D5	24
12.83	12	Vértebras cervicais	D4, D5	24
12.84	12	Fragmentos de vértebras não identificados	D4, D5	24
12.85	12	Corpo vertebral de vértebras não identificados	D4, D5	24
12.86	12	Pelve esquerda	D4, D5	24
12.87	12	Pelve direita	D4, D5	24
12.88	12	Fragmento da crista ilíaca	D4, D5	24
12.89	12	Fragmentos de pelve - púbis esquerda	D4, D5	24
12.90	12	Fragmentos do sacro	D4, D5	24
12.91	12	Fragmentos não identificados	D4, D5	24
12.92	12	Mão esquerda - Trapezoide	D4, D5	24
12.93	12	Mão esquerda - Capitato	D4, D5	24
12.94	12	Mão esquerda - Metacarpo I	D4, D5	24
12.95	12	Mão direita - Trapezoide	D4, D5	24
12.96	12	Mão direita - Capitato	D4, D5	24
12.97	12	Mão direita - Escafoide	D4, D5	24
12.98	12	Mão direita - Hamato	D4, D5	24
12.99	12	Mão direita - Trapézio	D4, D5	24
12.100	12	Mão direita - Metacarpo I	D4, D5	24
12.101	12	Mão direita - Metacarpo II	D4, D5	24
12.102	12	Mão direita - Metacarpo III	D4, D5	24
12.103	12	Mão direita - Metacarpo IV	D4, D5	24
12.104	12	Mão direita - falange mesial V	D4, D5	24

12.105	12	Mão direita - Falange proximal II	D4, D5	24
12.106	12	Mão direita - Falange proximal III	D4, D5	24
12.107	12	Mão direita - Falange proximal IV	D4, D5	24
12.108	12	Mão esquerda - Falange proximal III	D4, D5	24
12.109	12	Pé - Falange proximal III direita	D4, D5	24
12.110	12	Mão direita - Falange média II	D4, D5	24
12.111	12	Mão direita - Falange média III	D4, D5	24
12.112	12	Mão direita - Falange distal I	D4, D5	24
12.113	12	Mão direita - Falange distal II	D4, D5	24
12.114	12	Mão direita - Falange distal III	D4, D5	24
12.115	12	Mão direita - Falange distal IV	D4, D5	24
12.116	12	Mão direita - Falange distal V	D4, D5	24
12.117	12	Costelas direitas	D4, D5	24
12.118	12	Costelas esquerdas	D4, D5	24
12.119	12	canino superior esquerdo	D4, D5	24
12.120	12	canino inferior esquerdo	D4, D5	24
12.121	12	primeiro pré-molar superior esquerdo	D4, D5	24
12.122	12	Incisivo lateral inferior	D4, D5	24
12.123	12	temporal direito	D4, D5	24
12.124	12	Metacarpo V esquerdo - osso avulso ao sep.12	D4, D5	24
12.125	12	Fragmentos de pé	D4, D5	24
12.126	12	Fragmentos de arco vertebral	D4, D5	24
12.127	12	Fragmentos de corpo vertebral	D4, D5	24
13.0	13	Mandíbula	D4, D5	24
13.1	13	Mandíbula	D4, D5	24
13.2	13	processo coracoide esquerdo	D4, D5	24
13.3	13	processo coracoide direito	D4, D5	24
13.4	13	Dente humano (incisivo superior)	D4, D5	24
13.5	13	Dente Humano (canino superior esquerdo	D4, D5	24
13.6	13	Dente - segundo pré-molar superior esquerdo	D4, D5	24
13.7	13	Dentes: primeiro molar superior esquerdo, primeiro molar superior direito, segundo molar superior direito, segundo molar superior esquerdo	D4, D5	24
13.8	13	Dente - Molar e Raízes	D4, D5	24
13.9	13	Dente - Processo Alveolar maxila	D4, D5	24
13.10	13	Dente - segundo pré-molar superior direito	D4, D5	24
13.11	13	Crânio - Osso temporal processo- mastoide direito	D4, D5	24
13.12	13	crânio - fragmento frontal e infra orbital esquerdo	D4, D5	24
13.13	13	Dente - primeiro pré-molar superior direito	D4, D5	24
13.14	13	Dente - incisivo lateral inferior direito	D4, D5	24
13.15	13	Dente - canino inferior direito	D4, D5	24
13.16	13	Dente - primeiro pré-molar superior esquerdo	D4, D5	24
13.17	13	Clavícula direita	D4, D5	24
13.18	13	Clavícula esquerda	D4, D5	24
13.19	13	Escápula direita- fragmentos - cavidade glenóide, processo coracoide, margem lateral	D4, D5	24
13.20	13	Escápula esquerda - Cavidade glenóide, margem lateral fragmentada	D4, D5	24
13.21	13	Acrômio (fragmento da escápula) esquerda	D4, D5	24
13.22	13	Vertebras cervicais	D4, D5	24

13.23	13	Vertebras torácicas	D4, D5	24
13.24	13	Vertebras lombares	D4, D5	24
13.25	13	Fragmento indeterminado de vertebras	D4, D5	24
13.26	13	Costelas direita	D4, D5	24
13.27	13	Costelas esquerda	D4, D5	24
13.28	13	Costela	D4, D5	24
13.29	13	Úmero esquerdo	D4, D5	24
13.30	13	úmero direito - presença da epífise proximal (não fusionada), diáfise bastante fragmentada e incompleta	D4, D5	24
13.31	13	Rádio direito	D4, D5	24
13.32	13	Rádio esquerdo	D4, D5	24
13.33	13	Ulna direita	D4, D5	24
13.34	13	Ulna esquerda	D4, D5	24
13.35	13	Mão- trapezoide direito	D4, D5	24
13.36	13	Mão - semilunar direito	D4, D5	24
13.37	13	Mão - Escafoide direito	D4, D5	24
13.38	13	Mão - Piramidal direito	D4, D5	24
13.39	13	Mão - Capitato direito	D4, D5	24
13.40	13	Mão - Hamato direito	D4, D5	24
13.41	13	Mão - Pisiforme direito	D4, D5	24
13.42	13	Mão - Metacarpo I direito	D4, D5	24
13.43	13	Mão - Metacarpo II direito	D4, D5	24
13.44	13	Mão - Metacarpo III direito	D4, D5	24
13.45	13	Mão - Metacarpo não identificado	D4, D5	24
13.46	13	Mão - Falange proximal I direita	D4, D5	24
13.47	13	Mão - Falange proximais e mesiais	D4, D5	24
13.48	13	Mão - Falange distais	D4, D5	24
13.49	13	Crânio - fragmentos dos parietais	D4, D5	24
13.50	13	Crânio - fragmentos dos temporais	D4, D5	24
13.50 A	13	crânio - meato acústico interno esquerdo	D4, D5	24
13.51	13	manúbrio	D4, D5	24
13.52	13	corpo do esterno	D4, D5	24
13.53	13	Fragmentos de arco vertebral	D4, D5	24
13.54	13	Mão - Falange distal I direita	D4, D5	24
13.55	13	Fragmento de corpo de vértebra	D4, D5	24
13.56	13	fragmento costela cervical - dente	D4, D5	24
13.57	13	rádio- epífise distal (não fusionada)	D4, D5	24
13.58	13	fragmentos de ossos longos	D4, D5	24
13.59	13	Mão - Extremidade proximal de falange direita	D4, D5	24
13.60	13	Fragmentos não identificados	D4, D5	24
13.61	13	Mão - Metacarpo I esquerdo	D4, D5	24
13.62	13	Mão - Metacarpo indeterminado esquerdo	D4, D5	24
13.63	13	Mão - Falange proximal I esquerda	D4, D5	24
13.64	13	Sacro - Base do sacro, Asado Sacro, Promontório, Processo articular superior	D4, D5	24
13.65	13	Osso do quadril - Púbis esquerdo (ramo superior)	D4, D5	24
13.66	13	Osso do quadril - Ílio esquerdo	D4, D5	24
13.67	13	Osso do quadril - Ísquio esquerdo	D4, D5	24
13.68	13	Osso do quadril fragmentos indeterminados	D4, D5	24
13.69	13	Fêmur Direito	D4, D5	24
13.70	13	Fêmur esquerdo	D4, D5	24
13.71	13	Patela esquerda	D4, D5	24

13.72	13	Tíbia esquerda	D4, D5	24
13.73	13	Tíbia direita	D4, D5	24
13.74	13	Fíbula direita	D4, D5	24
13.75	13	Fíbula esquerda	D4, D5	24
13.76	13	Pé esquerdo - calcâneo	D4, D5	24
13.77	13	Pé esquerdo - Tálus	D4, D5	24
13.78	13	Pé esquerdo - Cuboide	D4, D5	24
13.79	13	Pé esquerdo - Cuneiforme medial	D4, D5	24
13.80	13	Pé esquerdo - Cuneiforme lateral	D4, D5	24
13.81	13	Pé esquerdo - Metatarso I	D4, D5	24
13.82	13	Pé esquerdo - Metatarso II	D4, D5	24
13.83	13	Pé esquerdo - Metatarso IV	D4, D5	24
13.84	13	Pé esquerdo - Metatarso V	D4, D5	24
13.85	13	Pé esquerdo - Falange distal I	D4, D5	24
13.86	13	Pé direito - Calcâneo	D4, D5	24
13.87	13	Pé direito - Tálus	D4, D5	24
13.88	13	Pé direito - Navicular	D4, D5	24
13.89	13	Pé direito - Cuneiforme medial	D4, D5	24
13.90	13	Pé direito - Cuneiforme intermédio	D4, D5	24
13.91	13	Pé direito - Cuneiforme lateral	D4, D5	24
13.92	13	Pé direito - Metatarso I	D4, D5	24
13.93	13	Pé direito - Metatarso II	D4, D5	24
13.94	13	Pé direito - Metatarso IV	D4, D5	24
13.95	13	Pé direito - Metatarso V	D4, D5	24
13.96	13	Pés- epífises de metatarsos	D4, D5	24
13.97	13	Pés - falanges indeterminadas	D4, D5	24
13.98	13	Pés - Fragmentos indeterminados	D4, D5	24
13.99	13	Fragmentos indeterminados	D4, D5	24
13.100	13	incisivo central inferior direito	D4, D5	24
13.101	13	Canino inferior esquerdo	D4, D5	24
13.102	13	incisivo lateral superior esquerdo	D4, D5	24
13.103	13	incisivo central superior esquerdo	D4, D5	24
13.104	13	Occipital + temporal + parietal – Direito	D4, D5	24
13.105	13	Parietal direito + frontal	D4, D5	24
13.106	13	1ª Costela direita	D4, D5	24
13.107	13	1ª Costela esquerda	D4, D5	24
13.108	13	Fragmento de púbis (pelve)	D4, D5	24
13.109	13	Fragmento de ílio	D4, D5	24
15.0	15	Crânio: Osso temporal, parietal, occipital esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.1	15	Crânio: Osso temporal, processo zigomático, processo mastóide direito	F1,F2, G1,G2	21
15.2	15	Crânio: Parietal, occipital(fragmentos) direito	F1,F2, G1,G2	21
15.3	15	Crânio: Occipital(fragmentado)	F1,F2, G1,G2	21
15.4	15	Crânio: Glabella	F1,F2, G1,G2	21
15.5	15	Crânio: Osso frontal, margem supra- orbital direita	F1,F2, G1,G2	21
15.6	15	Crânio: Maxila, osso zigomático, esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.7	15	Crânio: osso zigomático direito	F1,F2, G1,G2	21
15.8	15	Crânio: Meato acústico interno	F1,F2, G1,G2	21
15.9	15	Crânio: Mandíbula	F1,F2, G1,G2	21
15.10	15	Crânio: Fragmentos não identificados	F1,F2, G1,G2	21

15.11	15	Crânio: Parietal, fragmentado direito	F1,F2, G1,G2	21
15.12	15	Clavícula direita	F1,F2, G1,G2	21
15.13	15	Clavícula esquerda	F1,F2, G1,G2	21
15.14	15	Escápula direita	F1,F2, G1,G2	21
15.15	15	Escápula esquerda	F1,F2, G1,G2	21
15.16	15	Fragmentos das costela	F1,F2, G1,G2	21
15.17	15	Vértebras cervicais	F1,F2, G1,G2	21
15.18	15	Vértebras torácicas	F1,F2, G1,G2	21
15.19	15	Vértebras lombares	F1,F2, G1,G2	21
15.20	15	Vértebras fragmentadas - não identificadas	F1,F2, G1,G2	21
15.21	15	Escápulas - fragmentos indeterminados	F1,F2, G1,G2	21
15.22	15	Esterno: manúbrio e fragmento do corpo (esterno com forame)	F1,F2, G1,G2	21
15.23	15	Úmero direito	F1,F2, G1,G2	21
15.24	15	Úmero esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.25	15	Fragmentos indeterminados encontrados com úmero direito	F1,F2, G1,G2	21
15.26	15	Rádio direito	F1,F2, G1,G2	21
15.27	15	Rádio esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.28	15	Ulna direita	F1,F2, G1,G2	21
15.29	15	Ulna esquerda	F1,F2, G1,G2	21
15.30	15	Mão direita- escafoide	F1,F2, G1,G2	21
15.31	15	Mão direita: Hamato	F1,F2, G1,G2	21
15.32	15	Mão direita: semilunar	F1,F2, G1,G2	21
15.33	15	Mão direita: pisiforme	F1,F2, G1,G2	21
15.34	15	Mão direita: Metatarso I	F1,F2, G1,G2	21
15.35	15	Mão direita: Metatarso II	F1,F2, G1,G2	21
15.36	15	Mão direita: Metatarso III	F1,F2, G1,G2	21
15.37	15	Mão direita: Metatarso IV	F1,F2, G1,G2	21
15.38	15	Mão direita: Metatarso	F1,F2, G1,G2	21
15.39	15	Mão direita: Falange proximal I	F1,F2, G1,G2	21
15.40	15	Mão direita: Falange proximal	F1,F2, G1,G2	21
15.41	15	Mão direita: Falange média I	F1,F2, G1,G2	21
15.42	15	Mão direita: Falange média II	F1,F2, G1,G2	21
15.43	15	Mão direita: Falange média III	F1,F2, G1,G2	21
15.44	15	Mão direita: Falange distal	F1,F2, G1,G2	21
15.45	15	Mão direita: Falange média IV	F1,F2, G1,G2	21
15.46	15	Mão esquerda: escafoide	F1,F2, G1,G2	21
15.47	15	Mão esquerda: Hamato	F1,F2, G1,G2	21
15.48	15	Mão esquerda: Capitato	F1,F2,	21

			G1,G2	
15.49	15	Mão esquerda: Piramidal	F1,F2, G1,G2	21
15.50	15	Mão esquerda: Trapézio	F1,F2, G1,G2	21
15.51	15	Mão esquerda: Trapezoide	F1,F2, G1,G2	21
15.52	15	Mão esquerda: Pisiforme	F1,F2, G1,G2	21
15.53	15	Mão esquerda: Metacarpo I	F1,F2, G1,G2	21
15.54	15	Mão esquerda: Metacarpo II	F1,F2, G1,G2	21
15.55	15	Mão esquerda: Metacarpo III	F1,F2, G1,G2	21
15.56	15	Mão esquerda: Metacarpo IV	F1,F2, G1,G2	21
15.57	15	Mão esquerda: Metacarpo V	F1,F2, G1,G2	21
15.58	15	Mão esquerda: Falange proximal I	F1,F2, G1,G2	21
15.59	15	Mão esquerda: Falange proximal II	F1,F2, G1,G2	21
15.60	15	Mão esquerda: Falange proximal III	F1,F2, G1,G2	21
15.61	15	Mão esquerda: Falange proximal IV	F1,F2, G1,G2	21
15.62	15	Mão esquerda: Falange média I	F1,F2, G1,G2	21
15.63	15	Mão esquerda: Falange média	F1,F2, G1,G2	21
15.64	15	Mão esquerda: Falange média	F1,F2, G1,G2	21
15.65	15	Mão esquerda: Falange média	F1,F2, G1,G2	21
15.66	15	Mão esquerda: Falange distal II	F1,F2, G1,G2	21
15.67	15	Mão esquerda: Falange distal III	F1,F2, G1,G2	21
15.68	15	fragmento de osso	F1,F2, G1,G2	21
15.69	15	Sacro - Fragmentado	F1,F2, G1,G2	21
15.70	15	Quadril direito	F1,F2, G1,G2	21
15.71	15	Quadril esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.72	15	Osso do quadril - fragmentos indeterminados	F1,F2, G1,G2	21
15.73	15	Fêmur direito: extremidade proximal	F1,F2, G1,G2	21
15.74	15	Fêmur esquerdo: extremidade proximal	F1,F2, G1,G2	21
15.75	15	Fragmentos não identificados	F1,F2, G1,G2	21
15.76	15	Dentes da mandíbula: segundo pré-molar inferior direito, terceiro molar inferior direito	F1,F2, G1,G2	21
15.77	15	Metacarpo	F1,F2, G1,G2	21
15.78	15	fragmentos de metacarpos	F1,F2, G1,G2	21
15.79	15	fragmentos de falanges	F1,F2, G1,G2	21
15.80	15	Dentes: incisivo lateral superior esquerdo, segundo molar superior esquerdo, incisivo central superior esquerdo, canino superior esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
15.81	15	Incisivo central direito, primeiro pré-molar superior direito, incisivo lateral direito, terceiro molar superior esquerdo	F1,F2, G1,G2	21
16.1	16	Fragmentos do crânio	E1	21
16.2	16	Crânio	E1	21

16.3	16	Crânio: Osso Temporal - Processo Mastóide esquerdo	E1	21
16.4	16	Crânio: Osso Parietal, Occipital, Temporal (Remontado - cat. 16.2)	E1	21
16.5	16	Crânio: Osso Parietal (Remontado - cat. 16.2)	E1	21
16.6	16	Crânio: Osso occipital (Remontado - cat. 16.2)	E1	21
16.7	16	Crânio: Maxila	E1	21
16.8	16	Mandíbula	E1	21
16.9	16	Fragmentos de crânio não identificados	E1	21
16.10	16	Clavícula direita	E1	21
16.11	16	Clavícula esquerda	E1	21
16.12	16	Escápula esquerda	E1	21
16.13	16	Escápula direita	E1	21
16.14	16	Úmero direito	E1	21
16.15	16	Úmero esquerdo	E1	21
16.16	16	Ulna direita	E1	21
16.17	16	Ulna esquerda	E1	21
16.18	16	Rádio direito	E1	21
16.19	16	Rádio esquerdo	E1	21
16.20	16	Mão direita: falange proximal I	E1	21
16.21	16	Mão direita: Falange proximal II	E1	21
16.22	16	Mão direita: falange proximal V	E1	21
16.23	16	Mão direita: Falange média I	E1	21
16.24	16	Mão direita: Falange média II	E1	21
16.25	16	Mão direita: Falange distal I	E1	21
16.26	16	Mão esquerda: escafoide	E1	21
16.27	16	Mão esquerda: trapezoide	E1	21
16.28	16	Mão esquerda: Hamato	E1	21
16.29	16	Mão esquerda: Metacarpo I e pífises	E1	21
16.30	16	Mão esquerda: Metacarpo I	E1	21
16.31	16	Mão esquerda: metacarpo II	E1	21
16.32	16	Mão esquerda: Metacarpo III	E1	21
16.33	16	Mão esquerda: Metacarpo IV	E1	21
16.34	16	Mão esquerda: Metacarpo V	E1	21
16.35	16	Mão esquerda: Falange proximal I	E1	21
16.36	16	Mão esquerda: Falange proximal	E1	21
16.37	16	Mão esquerda: Falange proximal	E1	21
16.38	16	vértebras: fragmentos indeterminados	E1	21
16.39	16	costelas esquerdas	E1	21
16.40	16	costelas fragmentadas	E1	21
16.41	16	fragmentos do osso do quadril	E1	21
16.42	16	sacro	E1	21
16.43	16	fêmur direito	E1	21
16.44	16	fêmur esquerdo	E1	21
16.45	16	Patela	E1	21
16.46	16	Tíbia direita	E1	21
16.47	16	Tíbia esquerda	E1	21
16.48	16	Fíbula direita	E1	21
16.49	16	Fíbula esquerda	E1	21
16.50	16	Pé direito: Calcâneo	E1	21
16.51	16	Pé direito: Tálus	E1	21
16.52	16	Pé esquerdo: Navicular	E1	21
16.53	16	Pé esquerdo: Cuneiforme medial	E1	21
16.54	16	Pé direito: Falange	E1	21

16.55	16	Pé esquerdo: Calcâneo	E1	21
16.56	16	Pé esquerdo: Tálus	E1	21
16.57	16	Pé esquerdo: Cuboide	E1	21
16.58	16	Pé esquerdo: cuneiforme lateral	E1	21
16.59	16	Pé esquerdo: Metatarso 1	E1	21
16.60	16	Pé esquerdo: Metatarso 2	E1	21
16.61	16	Pé esquerdo: Metatarso 3	E1	21
16.62	16	Pé esquerdo: Metatarso 4	E1	21
16.63	16	Pé esquerdo: Metatarso 5	E1	21
16.64	16	Pé esquerdo: Falange proximal 1	E1	21
16.65	16	Pé esquerdo: Falanges	E1	21
16.66	16	Fragmentos de ossos	E1	21
16.67	16	Costelas direitas	E1	21
16.68	16	Fragmentos de ossos longos	E1	21
19.0	19	Tíbia esquerda	D5, D6	24
19.1	19	Fíbula esquerda	D5, D6	24
19.2	19	Fêmur esquerdo: epífise distal	D5, D6	24
19.3	19	Pé: Calcâneo direito	D5, D6	24
19.4	19	Pé: Tálus direito	D5, D6	24
19.5	19	Pé: Cuneiforme medial direito	D5, D6	24
19.6	19	Pé: cuneiforme intermédio direito	D5, D6	24
19.7	19	Pé: Cuneiforme lateral	D5, D6	24
19.8	19	Pé: cuboide direito	D5, D6	24
19.9	19	Pé: Navicular direito	D5, D6	24
19.10	19	Pé: Metatarso I Direito	D5, D6	24
19.11	19	Pé: Metatarso II Direito	D5, D6	24
19.12	19	Pé: Metatarso III Direito	D5, D6	24
19.13	19	Pé: Metatarso V Direito	D5, D6	24
19.14	19	Pé: Metatarso IV Direito	D5, D6	24
19.15	19	Pé: Falange proximal hálux direito	D5, D6	24
19.16	19	Pé: Calcâneo esquerdo	D5, D6	24
19.17	19	Pé: Navicular esquerdo	D5, D6	24
19.18	19	Pé: Cuboide esquerdo	D5, D6	24
19.19	19	Pé: Cuneiforme lateral esquerdo	D5, D6	24
19.20	19	Pé: Cuneiforme intermédio esquerdo	D5, D6	24
19.21	19	Pé: Metatarso IV esquerdo	D5, D6	24
19.22	19	Pé: Metatarso III Esquerdo	D5, D6	24
19.23	19	Pé: Metatarso II esquerdo	D5, D6	24
19.24	19	Pé: Falange proximal esquerdo	D5, D6	24
19.25	19	Pé: Falanges proximais do pé esquerdo	D5, D6	24
19.26	19	Pé: Falange média esquerda	D5, D6	24
19.27	19	tálus esquerdo	D5, D6	24
19.28	19	falange proximal II pé esquerdo	D5, D6	24
19.29	19	falange proximal III pé esquerdo	D5, D6	24
19.30	19	falange proximal IV pé esquerdo	D5, D6	24
19.31	19	falange proximal V pé esquerdo	D5, D6	24
19.32	19	metatarso V	D5, D6	24
19.33	19	Calcâneo avulso ao sep. 18, provável sepultamento 19	D5, D6	24
19.34	19	fragmentos ósseos	D5, D6	24
19.35	19	Fragmentos de ossos longos	D5, D6	24
21.0	21	Dente: incisivo lateral superior (possível esquerdo)	F2, F3	21

21.1	21	Clavícula direita	F2, F3	21
21.2	21	Clavícula esquerda	F2, F3	21
21.3	21	Epífise proximal do úmero	F2, F3	21
21.4	21	Ulna esquerda	F2, F3	21
21.5	21	Rádio esquerdo (fragmentado)	F2, F3	21
21.6	21	Costelas	F2, F3	21
21.7	21	Mão esquerda Capitato	F2, F3	21
21.8	21	Mão esquerda Trapezoide	F2, F3	21
21.9	21	Mão direita: Metacarpo	F2, F3	21
21.10	21	Mão direita: Metacarpo IV	F2, F3	21
21.11	21	Mão direita: Falange proximal II	F2, F3	21
21.12	21	Mão direita: Falange proximal III	F2, F3	21
21.13	21	Mão direita: Falange proximal IV	F2, F3	21
21.14	21	Mão direita: Falange proximal I	F2, F3	21
21.15	21	Mão direita: Falange média I	F2, F3	21
21.16	21	Mão direita: Falange média II	F2, F3	21
21.17	21	Mão esquerda: Metacarpo I	F2, F3	21
21.18	21	Mão esquerda: Metacarpo II	F2, F3	21
21.19	21	Mão esquerda: Metacarpo IV	F2, F3	21
21.20	21	Mão esquerda: Falange proximal I	F2, F3	21
21.21	21	Mão esquerda: Falange proximal II	F2, F3	21
21.22	21	Mão esquerda: Falange proximal III	F2, F3	21
21.23	21	Mão esquerda: Falange proximal IV	F2, F3	21
21.24	21	Mão esquerda: Falange proximal V	F2, F3	21
21.25	21	Mão esquerda: Falange média I	F2, F3	21
21.26	21	Mão esquerda: Falange média II	F2, F3	21
21.27	21	Mão esquerda: Falange média IV	F2, F3	21
21.28	21	Mão esquerda: Falange Dista I	F2, F3	21
21.29	21	Falange Distal	F2, F3	21
21.30	21	Mão: Metacarpos não identificados	F2, F3	21
21.31	21	Fragmento de Ísquio	F2, F3	21
21.32	21	Fragmentos não identificados	F2, F3	21
21.33	21	ossos longos	F2, F3	21
21.34	21	metacarpo V esquerdo	F2, F3	21
21.35	21	vértebras	F2, F3	21
23.0	23	Crânio: esfeno-occipital	D5	21
23.01	23	Côndilo occipital, esfenoide parietal esquerda	D4	21
23.02	23	Sutura occipital mastóide	D4	21
23.03	23	Parietal, occipital esquerdo	D4	21
23.04	23	Fragmento occipital esquerdo	D4	21
23.05	23	Fragmento Frontal esquerdo	D4	21
23.06	23	Temporal esquerdo	D4	21
23.07	23	Esfenoide	D4	21
23.08	23	Orbita direita/esquerda	D4	21
23.09	23	Fragmento crânio	D4	21
23.10	23	Crânio / vertebra	D4	21
23.11	23	Palato	D4	21
23.12	23	Meato acústico interno esquerdo	D4	21
23.13	23	Estribo, bigorna, martelo esquerdo	D4	21
23.14	23	Mandíbula direita	D4	21
23.15	23	Mandíbula esquerda + 2º molar + 1º molar permanente	D4	21

23.16	23	Dentes: 1º Molar superior direito	D4	21
23.17	23	Dentes: Incisivo central superior direito decíduo	D4	21
23.18	23	Dentes: 1º molar inferior direito decíduo	D4	21
23.19	23	Dentes: Incisivo central inferior esquerdo decíduo	D4	21
23.20	23	Dentes: Incisivo lateral inferior esquerdo decíduo	D4	21
23.21	23	Dentes: Caninos decíduos	D4	21
23.22	23	Dentes	D4	21
23.23	23	Clavícula direita	D4	21
23.24	23	Clavícula esquerda	D4	
23.25	23	Escápula direita	D4	21
23.26	23	Escápula esquerda	D4	21
23.27	23	Úmero direito	D4	21
23.28	23	Úmero esquerdo	D4	21
23.29	23	Rádio direito	D4	21
23.30	23	Rádio esquerdo	D4	21
23.31	23	Ulna direita	D4	
23.32	23	Ulna esquerda	D4	
23.33	23	Ossos relacionados ao sedimento do úmero, rádio e ulna esquerda	D4	21
23.34	23	Ossos da mão direita	D4	21
23.35	23	Ossos da mão esquerda	D4	21
23.36	23	Arco e corpo cervical, fragmentos das primeiras vértebras	D4	21
23.37	23	Vértebra: Atlas/Axis	D4	21
23.38	23	Arco da vértebra C3	D4	21
23.39	23	Arco da vértebra C4	D4	21
23.40	23	Arco e corpo da vértebra C5	D4	21
23.41	23	Arco e corpo da vértebra C6	D4	21
23.42	23	Arco e corpo da vértebra C7	D4	21
23.43	23	Arcos das vértebras torácicas	D4	21
23.44	23	Corpo da vértebra torácica	D4	21
23.45	23	Corpo vértebra torácica	D4	21
23.46	23	Arco e corpo da vértebra torácica T2	D4	21
23.47	23	Corpo de vertebra torácica T3	D4	21
23.48	23	Corpo de vértebra torácica T4	D4	21
23.49	23	Corpo vértebra torácica 4	D4	21
23.50	23	corpo vértebra torácica	D4	21
23.51	23	Arcos das vértebras lombares	D4	21
23.52	23	corpos de vertebra lombares	D4	21
23.53	23	Costelas / vértebras	D4	21
23.54	23	Costelas	D4	21
23.55	23	Costelas direitas	D4	21
23.56	23	Costelas esquerdas	D4	21
23.57	23	Ílio direito	D4	21
23.58	23	ílio esquerdo	D4	21
23.59	23	Sacro	D4	21
23.60	23	Ísquio direito	D4	21
23.61	23	Ísquio esquerda	D4	21
23.62	23	Púbis direito	D4	21
23.63	23	Púbis esquerda	D4	21
23.64	23	Fêmur direito	D4	21
23.65	23	Fêmur esquerdo	D4	21

23.66	23	Tíbia e fíbula esquerda	D4	21
24.0	24	Base do crânio	D2	15
24.1	24	Basilar occipital	D2	15
24.2	24	Orbita crânio	D2	15
24.3	24	Fragmento crânio	D2	15
24.4	24	Maxila	D2	15
24.5	24	Mandíbula	D2	15
24.6	24	Dentes: Incisivo central superior	D2	15
24.7	24	Dentes: 1º molar	D2	15
24.8	24	Dentes: Molar	D2	15
24.9	24	Dentes: Canino	D2	15
24.10	24	Dentes: Incisivos	D2	15
24.11	24	Escápula	D2	15
24.12	24	Úmero direito	D2	15
24.13	24	Úmero esquerdo	D2	15
24.14	24	Rádio	D2	15
24.15	24	Ulna direita	D2	15
24.16	24	Mãos: Carpo	D2	15
24.17	24	Mãos: Metacarpo I	D2	15
24.18	24	Mão	D2	15
24.19	24	Falange I	D2	15
24.20	24	Falange	D2	15
24.21	24	Arco da vertebra cervical	D2	15
24.22	24	arco da vertebra torácica	D2	15
24.23	24	Arco da vertebra lombar	D2	15
24.24	24	Arco vertebral	D2	15
24.25	24	Corpo da vertebra	D2	15
24.26	24	Costela direita	D2	15
24.27	24	Costela esquerda	D2	15
24.28	24	Costelas	D2	15
24.29	24	Pelve	D2	15
24.30	24	Pelve - ílio esquerdo	D2	15
24.31	24	Pelve - ísquio direito	D2	15
24.32	24	Pelve - ísquio esquerdo	D2	15
24.33	24	Sacro	D2	15
24.34	24	Fêmur direito	D2	15
24.35	24	Fêmur esquerdo	D2	15
24.36	24	Tíbia direita	D2	15
24.37	24	Tíbia esquerda	D2	15
24.38	24	Fíbula esquerda	D2	15
24.39	24	Metatarso	D2	15
24.40	24	Ossos longos	D2	15
24.41	24	Fragmentos de ossos longos	D2	15
24.42	24	Fragmentos não identificáveis	D2	15
25.0	24 / 25	Meato acústico interno	D2	15
25.1	24 / 25	Epífise	D2	15
25.2	24 / 25	Fragmento de osso	D2	15
25.3	24 / 25	Fragmento de ossos longos	D2	15
25.4	25	Clavícula	D2	15
25.5	25	Escápula	D2	15
25.6	25	Úmero	D2	15
25.7	25	Rádio esquerdo	D2	15

25.8	25	Ulna esquerda	D2	15
25.9	25	Fêmur	D2	15
25.10	25	Tíbia	D2	15
25.11	25	Fíbula	D2	15
25.12	25	Fíbula esquerda	D2	15

ANEXO 2
Ossos humanos avulsos

CATÁLOGO	PARTE ANATÔMICA	QUADRA	NÍVEL
A1	Cavidade glenóide	A2	16
A2	Úmero esquerdo	A2	16
A3	Úmero direito	A2	16
A4	Epífise do úmero	A2	16
A5	Costelas	A2	16
A6	Vértebras	A2	16
A7	Pelve direita	A2	16
A8	Rádio esquerdo	A2	16
A9	Fragmentos não identificados	A2	16
A10	Sacro esquerdo	A2	16
B0	Pé: Cuneiforme intermediário esquerdo	F5	17
B1	Pé: Metatarso III esquerdo	F5	17
B2	Pé: Fragmentos de metatarso	F5	17
B3	Mão: Falanges médias	F5	17
B4	Fragmentos de ossos não identificados	F5	17
CO	Mão: Falange medial IV esquerdo	C3	20
C1	Pé: Calcâneo direito	C3	20
D0	Epífise distal da ulna esquerda	E5	19
D1	Epífise distal do fêmur direito	E5	19
D2	Pé: Metatarso IV esquerdo	E5	19
D3	Mão: Falange proximal II direita	E5	19
E0	Fragmento de crânio	F5	13
E1	Incisura da mandíbula	F5	13
E2	Ângulo da mandíbula	F5	13
E3	Dentes: Molares	F5	13
F0	Fíbula direita	5C	16
F1	Tíbia direita	5C	16
F2	Mão: Metatarso	5C	16
G0	Dente: Inciso	F5, E5	17
G1	Pé: Navicular	F5, E5	17
G2	Pé: Falange Proximal III	F5, E5	17
HO	Dentes	C3, C4, D3, D4	18
H1	Clavícula	C3, C4, D3, D4	18
IO	Mão: Metacarpo	F5	17
I1	Falange média	F5	17
J0	Fíbula direita	D4	18
KO	Meato acústico direito	F5	15
L0	Fêmur direito	A3	10
M0	Fêmur direito	B2	13
N0	Fragmentos não identificados	C6	11
P0	Vértebras cervicais	D2	12
Q0	Costelas	D3	13
RO	Fíbula	C4	11
S0	Mão: Falange proximal V direita	F5	10
TO	Fragmentos de costelas	E5	13
U0	Dente: Inciso	C4, C5	17
U1	Clavícula	C4, C5	17
V0	Dente	F2	11
1.0	Ossos Zigomático	E3	10
1.1	Frag. Não identificado	E3	10
1.2	Dente decíduos	E3	10
1.3	Úmero esquerdo	E3	10
1.4	Ulna Direita	E3	10

1.5	Patela esquerda	E3	10
1.6	Epífise proximal de tíbia	E3	10
1.7	Crânio	E3	10
1.8	Fêmur esquerdo	F3	10
1.9	Epífise distal do fêmur	E3	10
1.10	Patela direita	F3	10
1.11	Fêmur direito	E3	10
1.12	Fíbula esquerda	E3	10
1.13	Fíbula Direita - diáfise e epífise	E3	10
1.14	Fragmentos não identificados	E3	10
1.15	Tíbia direita	E3	10
1.16	Tíbia esquerda e epífise proximal	E3	10
1.17	Fragmento de ossos longos	E3	10
1.18	Cavidade Glenóide da Escápula Direita	E3	10
1.19	Epífise distal da tíbia esquerda	E3	10
1.20	Calcâneo	F3	10
1.21	Falanges (Pé)	F3	10
1.22	Ossos do Pé direito	F3	10
1.23	Ossos do Pé esquerdo	E4	10
1.24	Crânio	E4	10
1.25	Crânio	E4	10
1.26	Dente Humano	E4	10
1.27	Epífise de tíbia	E3	10
1.28	Processo condilar da mandíbula	E3	10
1.29	Epífise de Metatarso I	E3	10
1.31	Calcâneo direito (pé)	E3	10
1.32	Falange da mão	E3	10
1.33	epífises	E3	10
1.34	Epífises de rádio	E3	10
1.35	Metatarsos	E3	10

ANEXO 3
Estimativas de sexo e Idade – *Locus* 6 Cabeçuda-01

ESTIMATIVA DE SEXO E IDADE

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H.
**Standards for data collection from human skeletal remains:
 proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History.**
 Arkansas: Fayetteville, 1994.

SCHAEFER, L.; BLACK, S. M.
Developmental Juvenile osteology.
 San Diego, Califórnia: Elsevier Academic Press, 2000.

SCHAEFER, M.; BLACK, S. M.; SCHEUER, L.
Juvenile Osteology: A Laboratory and Field Manual Academic.
 San Diego, Califórnia: Elsevier, 2009.

Sepultamento 3

Idade: 9 anos ± 18 meses		
Referência		
Tabela Liversidge et al. (1998) de nascimento alveolar e clínico.		
ref.: BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.		
	Dente	Estimativa
Masculino	Pré-molar	+9 e -10 anos
	Canino	+9 e -10 anos
	1º molar	-10 anos
Feminino	Pré-molar estima	9 anos
	Canino	+8 e -9 anos
	1º molar	+ 9 e - 11 anos
Tabela de Moorrees et al. (1963) fechamento de ápice.		
ref.: BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.		
	Dente	Estimativa
Masculino	1º molar estima	7,9 anos
	Canino	7,7 anos
	1º pré-molar	-8,7 anos
Feminino	1º molar	8,5 anos
	Canino	8,8 anos
	1º pré-molar	9,3 anos
Com a tabela de regressão Liversidge et al. (1998) apenas o incisivo 1 fechou idade em 15 anos (15,43), os outros dentes estimaram a idade próxima aos 9 anos: incisivo 2 superior 10,04 anos, incisivo 2 inferior 10,04 anos, canino superior 9,80, canino inferior 9,80 e 1º molar 10,57.		

	Osso	Estimativa
	Subcoracoide	<14 anos
	Pelve – ramo ísquio púbico não pode ser avaliado, mas a fusão do ílio e ísquio é estimado para:	
	Masculino	<14 anos
	Feminino	<11 anos
	Metacarpos distais e proximais, o fuscionamento ocorre para:	
	Masculino	<10 anos
	Feminino	<14 anos
	Carpo – hamato e lunato presentes – fuscionamento em	± 10 anos
	Proximal da fíbula fusiona em:	
	Masculino	<15 anos
	Feminino	<12 anos
	Distal do úmero	<13 anos
	Proximal do rádio, para:	
	Masculino	<14 anos
	Feminino	<11 anos
	Distal do rádio	
	Masculino	<16 anos
	Feminino	<14 anos
	Proximal da ulna, para:	
	Masculino	<13 anos
	Feminino	<12 anos
	Fêmur	
	Fóvea pouco desenvolvida, o desenvolvimento inicial é aproximadamente	± 10 anos (para menos);
	Grande trocânter com forma imatura, tem o desenvolvimento aproximadamente	± 9 anos
Referência	A estimativa é de um indivíduo menor que 11 anos , por não ter acontecido o fuscionamento em nenhum dos ossos.	
	Sexo: A idade não permite estimar o sexo	

Sepultamento 5

Idade: 15 e 17 anos		
Referência	Dente	Descrição
	3º molar	Ápice fechado, com polimento no esmalte
	Osso	Descrição
	Capítulo do úmero	Fusionado
	Ulna e rádio esquerdo	Distais abertas
	Vértebras	Anéis vertebrais ausentes
	Fêmur	
	Cabeça do fêmur	Linha de fuscionamento visível
	Epífise e tuberosidade	Parcialmente fusionada
	Crista ilíaca	Ausente

Sexo: feminino	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	
Incisura isquiática maior	2
Crânio	
Eminência Mentoniana	2
Obs.: O Sepultamento possui apenas a mandíbula referente ao crânio. A pelve está bastante fragmentada e não foi possível observar todos os marcadores para estimar o sexo.	

Sepultamento 6

Idade: 25 a 30 anos	
Referência	
Tood (1921) Suchey-Brooks (1990)	
Consulta em: BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Sínfise púbica	Fase
Todd	5
Suchey-Brooks	2
Anéis vertebrais completamente fusionados e mostrando primeiros sinais de alteração degenerativa.	
Sexo: Masculino	
Referência	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Morfologia do crânio	Traço
Processo Mastoide	4
Margem Supra-orbital	5
Glabela	3
Eminência mentoniana	4
Pelve - Ramo subpúbico parcial: sugestivo de masculino	
Obs: Comparativamente aos indivíduos femininos da série é bastante robusto, tálus grande, clavículas compridas e pouco robustas, no entanto cabeça de fêmur grande. Aspectos gerais masculino.	

Sepultamento 7

Idade: acima de 45 anos
Referência
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.

A idade foi estimada pelo aspecto geral das articulações com grandes labiamentos, em comparação com os esqueletos 21 (o 7 apresenta aspecto mais velho) e com o esqueleto 15 (o 7 apresenta aspecto mais jovem).	
Considerando-se o indivíduo feminino, a robustez sugere tratar-se de um indivíduo mais velho, com grande remodelamento das formas ósseas relacionada à atividade com carga (verificar torção da diáfise do fêmur) para este indivíduo.	
Há fragmento de superfície auricular com labiamento intenso no bordo na região inferior, pré-auricular e ápice.	
Indivíduo possui inserções e relevo ósseo marcado, embora apresente diâmetro dos ossos longos de braço menores que do indivíduo 21. Da mesma forma, comparativamente, as suas inserções musculares e relevos ósseos (sobretudo cristas interósseas de rádio e ulna) são um pouco menos desenvolvidas que as dos indivíduos 21.	
Todas essas características em conjunto levaram a tomada de decisão de assignar sexo feminino e idade acima de 45 anos	
Sexo: feminino	
Pelve	Traço
Incisura isquiática	3
Sulco pré-auricular	1
A pelve apresenta grande incisura isquiática classificada como 3 e sulco pré-auricular como 1. O conjunto dessas características, em comparação com o indivíduo 21 e 15 sugerem sexo feminino para o indivíduo 7.	

Sepultamento 8

Idade: 30 a 40 anos	
Referência	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Superfície auricular e sínfise púbica da pelve esquerda parcialmente analisáveis:	
- Atividade no apex da superfície auricular com projeção da superfície, bordas da superfície auricular bem definida com começo de labiamento	
- Atividade retro auricular presente, estrias residuais muito pouco definidas. Área densa no apex, com micro porosidade e pouca macro porosidade	
- Sínfise púbica com borda ventral bem definida. E superfície com micro e macro porosidade.	
Sexo: feminino	
Pelve	Traço
Grande incisura isquiática	1
Sulco pré-auricular	2
Arco ventral	Presente e bem marcado
Ramo subpúbico	estreito
Comparativamente aos demais indivíduos femininos da série a robustez é compatível	
Aspectos gerais: ossos pequenos, diâmetro pequeno, gráceis, cabeça de fêmur pequena.	

Sepultamento 9

Idade: 9,5 a 11,5 anos	
Referência	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	

Pós Crânio	Traços
Fêmur	Epífise distal do fêmur presente ainda com aspecto imaturo. Cabeça do fêmur presente, mas com fóvea apenas esboçada
Tíbia	Epífise proximal da tíbia presente e ainda com aspecto imaturo
Úmero	Cabeça do úmero não fusionada
Pelve	Ílio e Ísquio não fusionados
Dentes	Medida - mm
Incisivo central Superior esquerdo	15,6
Incisivo lateral superior direito	19,8
Canino superior direito	14,1
Canino inferior esquerdo	14,8
1º molar superior esquerdo	19,7
1º e 2º molares decíduos superiores	Iniciando a reabsorção radicular
1º molar inferior esquerdo e 1º molar superior esquerdo	Ápices abertos, mas já erupcionado
2º molares superior	Coroa 100% formada. Raiz em formação inicial (anterior à furca) R1 na tabela Liversidge et al. 1998 = +7 (idade proposta)
Sexo: A idade não permite estimar o sexo	

Sepultamento 10

Sexo: Indeterminado - Marcadores não preservados
Idade: Indeterminado - Marcadores não preservados

Sepultamento 11

Idade: 16-18 anos	
Referência	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Dente	Estimativa
2º molares inferiores com desgaste de esmalte e abatimento inicial das cúspides	>15
Ápices dos 3º molares aberto	17-18
3º molares superiores erupcionados em altura adequada para oclusão, mas sem sinais de desgastes, sugerindo que os terceiros molares inferiores não estavam em altura de oclusão.	
Pós Crânio	Estimativa (anos)
Tood (1921) Suchey-Brooks (1990)	
Consulta em: BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Distal do úmero fusionada	14-19
Proximal do rádio fusionada	16-18
Distal do rádio em processo de fusão	16-18

Proximal da tibia em processo de fusão ainda mostra linha externa aberta	16-18
Distal da tibia em processo de fusão ainda mostrando linha externa parcialmente aberta (menos que na proximal)	16-18
Distal da fíbula em processo de fusão ainda mostrando linha externa aberta	16-18
Proximal da ulna fusionada	>16
Epífise de tuberosidade isquiática completamente formada, mas não fusionada	16-20
Sacro não fusionado – em algum ponto que não é possível dizer qual	puberdade
Superfície púbica	
Todd	Fase: 1
Suchey-Brooks	16-18 anos
Sexo: indeterminado	
Muito jovem, sem pelve. Crânio: apenas mastoide direita parcialmente observável que poderia ser classificada como 3.	

Sepultamento 12

Idade: 25-30 anos	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	
Sínfise púbica	Fase
Todd	5
Suchey-Brooks	3 para 4
Sexo: Feminino	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	
Arco ventral	feminino
Concavidade subpúbica	feminino
Crista do ramo isquiopúbico	feminino
Crânio	
Processo mastóide,	2
Margem supra-orbital	2
Processo mental	2

Sepultamento 13

Idade: 14 anos ± 12 meses	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pós Crânio	Estimado (anos)
Coracoide não fusionado	13-16
Fêmur: cabeça, grande trocânter e côndilo sem sinais de fusão	<16
Tíbia: Platô tibial e distal sem sinais de fusão	<16
Rádio: distal sem sinais de fusão – proximal não observável	<16

Ulna: distal e proximal sem sinais de fusão	<15
Clavícula: esternal e acromial sem sinais de fusão	14
Esterno: 1ª esternébra não fusionada	<15
Vértebras torácicas: fusão não completa de arco em corpo nas vértebras intermediárias	puberdade
Vértebras cervicais: fusão completa de arco em corpo.	puberdade
Pelve: sem crista ilíaca	
Sem fusão ísquio-fúio	<16
Ísquio-púbis não fusionado	<16
Sem fusão de epífise da tuberosidade isquiática	
Fíbula: epífises proximais não fusionadas, distais não observáveis	<16
Úmero: Cabeça não fusionada, grande tubérculo não fusionado, tróclea não fusionada, epicôndilo não fusionado.	<16
Dentes	Traço
2º molar inferior	Abaixo da superfície oclusal sem desgaste
2º molar inferior direito	2 terços da raiz – 11mm
2º pré-molar inferior direito	Ápice aberto
1º pré-molar inferior direito	Ápice aberto
2º molar superior direito	Raiz completa
Sexo: Masculino	
Referência BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	Traço
Grande incisura isquiática	4
Pelve alta e estreita	

Sepultamento 15

Idade: + de 50 anos	
Tood (1921) Suchey-Brooks (1990)	
Consulta em: BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	
Sínfise púbica	Fase
Todd	10
Suchey-Brooks	entre 6 e 7
Sexo: Masculino	
Pelve	Traço

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Incisura isquiática maior	5
A pelve está bastante fragmentada e não possibilita a observação dos outros marcadores para estimar o sexo.	
Crânio	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
processo mastóide	5
margem supra orbital	4
glabela	4
processo mental.	4
Crista nugal	4

Sepultamento 16

Idade: + de 45 anos	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Aspectos gerais	Labramento nas superfícies articulares constitutivas da articulação de joelho e cotovelo.
Dentes	Desgaste acentuado com perda total das coroas dos incisivos central e lateral inferiores direito. Mas com 1/3 cervical do incisivo lateral inferior esquerdo (ILIE) mantido, 1/3 cervicais dos molares inferiores ainda presentes Manutenção de superfície oclusais residuais de esmalte.
Comparativamente aos demais indivíduos da série estima-se a idade como adulto (+ 45 anos).	
Sexo: Masculino	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Crânio	Traço
Processo Mastóide	5
Eminência Mentoniana	4
Observações	Demais pontos não observáveis. Compatível com demais indivíduos masculinos da série, muito diferente dos indivíduos femininos.
Aspectos gerais	Tálus grande, ossos grandes, robustos, diâmetro grandes. Diâmetro da cabeça do úmero e do rádio grandes.
Inserções marcadas	Crista óssea do antebraço marcadas. Clavícula grande e robusta, diâmetro grande.

Sepultamento 20

Idade: 19-25 anos	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
O sepultamento possui todos os ossos fusionados. Os ossos não possuem a linha de fusão aberta. Dos dentes o indivíduo possui os 3º molar superior, mas não possui o 3º molar inferior.	
Devido ao sepultamento ainda estar em bloco não é possível olhar com minuciosidade todos os parâmetros para estimar a idade.	
Sexo: Feminino	
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.	
Pelve	Traço
Incisura isquiática maior	2
Crânio	Traço
Processo mastóide	2
Crista Nucal	2
Glabela	2
Devido ao sepultamento estar em bloco não é possível observar todos os marcadores da pelve e do crânio para estimar o sexo.	

Sepultamento 21

Idade: 25-30 anos
Referência BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.
Idade inferida através de sínfise púbica, superfície auricular, e presença de Incisivo central superior com desgaste dentário até o final do 1/3 oclusal. .
O indivíduo 21 é mais jovem quando se considera comparativamente o desgaste dentário e os sinais degenerativos em vértebras e mãos.
O limite inferior de 25 anos foi estabelecido considerando-se o desenvolvimento das clavículas e o limite superior considerando-se o desgaste dentário (comparativamente ao esqueleto 15)
Sexo: Masculino
BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas: Fayetteville, 1994.
Indivíduo com inserção muscular e relevo ósseo em geral muito marcados, clavículas muito robustas, com diâmetro grande
em comparação com o esqueleto 15 - masculino - que possui estimativa de sexo feita pelo crânio e pelve

Sepultamento 23

Idade: 38 semanas intrauterina a 1 mês pós-natal (30 dias de nascimento)
Fazekas and Kósa (1978)
Consulta em:
SCHAEFER, L.; BLACK, S. M. Developmental Juvenile osteology. San Diego, California: Elsevier Academic Press, 2000.

Medida	Dente	Valor da medida - mm	Idade estimada	Idade estimada
-	Primeiro molar superior decíduo	2,1		recem-nascido-1 mês
-	Incisivo lateral decíduo	3,3		recem-nascido-1 mês
-	Primeiro molar inferior decíduo	1,9		recem-nascido-1 mês
Medida	Osso	Valor da medida - mm	Idade estimada	Idade estimada
Maior comprimento basilar	Crânio	13,8	30-38 semanas IU (S&B)	
Comprimento sagital basilar	Crânio	11,9	30-38 semanas IU (S&B)	34-36 semanas IU (F&K)
Largura máxima basilar	Crânio	12,2	30-38 semanas IU (S&B)	34-36 semanas IU (F&K)
Maior comprimento	Rádio esquerdo	51,8	38-40 semanas IU	
Maior comprimento	Úmero esquerdo	65,8	38-40 semanas IU	
Maior largura	Úmero esquerdo	15,1	38-40 semanas IU	
Maior comprimento	Púbis direito	17,1	40 semanas IU	

Sepultamento 24

Idade: 36 semanas (intrauterino) a 1 mês (recém-nascido) – neonato.				
Fazekas and Kósa (1978)				
Consulta em:				
SCHAEFER, L.; BLACK, S. M. Developmental Juvenile osteology . San Diego, California: Elsevier Academic Press, 2000.				
Medida	Dente	Valor da medida - mm	Idade estimada	
-	Incisivo lateral decíduo	2,8	recem-nascido-1 mês	
-	Incisivo central superior decíduo,	3,8	recem-nascido-1 mês	
-	Canino decíduo	3,8	recem-nascido-1 mês	
-	Primeiro molar inferior decíduo	3,6	recem-nascido-1 mês	
Medida	Osso	Valor da medida - mm	Idade estimada	
Maior comprimento	Lateralis pars	20,6	36 semanas IU	
Maior comprimento	Petroso 1	35,8	38 semanas IU	
Maior comprimento	Petroso 2	30	com duvida	
Maior comprimento	Fêmur direito	68,8	38-40 semanas IU	
Maior comprimento	Tíbia esquerda	60,1	38-40 semanas IU	
Maior comprimento	Fíbula esquerda	58,7	38-40 semanas IU	
Maior comprimento	Rádio esquerdo	47,8	36-40 semanas IU	

Maior comprimento	Úmero direito	58,3	36-38 semanas IU
Maior largura	Úmero direito	14,5	36-38 semanas IU
Ílio largura	Ílio esquerdo	26,6	36-38 semanas IU
Ílio comprimento	Ílio esquerdo	30	36-38 semanas IU
Maior comprimento	Púbis esquerdo	15,2	38-40 semanas IU

Sepultamento 25

Idade: 3 meses - entre 1 mês e 3 meses - lactente			
SCHAEFER, L.; BLACK, S. M. Developmental Juvenile osteology . San Diego, California: Elsevier Academic Press, 2000.			
Medida	Osso	Valor da medida	Idade estimada
Maior comprimento	rádio esquerdo	51,8	38-40 semanas IU (S&B)
Devido a pouca quantidade de ossos a idade foi avaliada por comparação com o indivíduo 24, considerando um indivíduo por volta dos 3 meses			